APPS COLABORATIVOS E AUTORIDADE JORNALÍSTICA:
o OTT e o fluxo distributivo de flagrantes da violência urbana no Brasil

Aline Grupillo Chagas

Tese para obtenção do Grau de Doutor em
Ciências da Comunicação
(3º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Joaquim Mateus Paulo Serra

Júri

Presidente:

Prof. Doutor Francisco Tiago Antunes Paiva

Vogais:

Prof. Doutor Joaquim Mateus Paulo Serra

Profa. Doutora Suzana Oliveira Barbosa

Prof. Doutor João Manuel Messias Canavilhas

Profa. Doutora Inês de Oliveira Castilho e Albuquerque Amaral

Profa. Doutora Anabela Maria Gradim Alves

Prof. Doutor Fernando António Dias Zamith Silva

Covilhã, 13 de junho 2024

Declaração de Integridade

Eu, Aline Grupillo Chagas, que abaixo assino, estudante com número de inscrição D2436 do curso de Ciências da Comunicação da Faculdade de Artes e Letras, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonancia com o **Codigo de Integridade da Universidade da Beira Interior.**

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, e que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assim assumo na integra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilha 28/ 06/ 2024

(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Assinado por: **Aline Grupillo Chagas**
Num. de Identificação: 18049482
Data: 2024.06.28 12:07:17+01'00'

CHAVE MÓVEL

Dedicatória

Ao meu amado avô, Miésio Mathias Grupillo, com quem aprendi a assistir o Jornal Nacional, saudosamente chamado por ele sempre de “Repórter Esso”.

In Memoriam

Amiga eterna
Mile Mole

Agradecimentos

A Deus por me dar saúde, força física e emocional para concluir esta tese.

Aos meus amados pais, Rosa e Castro, por serem faróis, conselheiros, incentivadores e acreditarem em mim.

À filha adorada, Sophia, pelo companheirismo e por me fazer experimentar o amor incondicional.

Ao meu irmão, Arthur Grupillo, pela troca de ideias, e à tia Marília, pelo suporte e auxílio.

Às queridas Cláudia, Adriana, Marta, Florence e Luísa com quem dividi esta árdua e igualmente gratificante trajetória.

Ao Professor Joaquim Mateus Paulo Serra pelo acolhimento, pela orientação assertiva, pela autonomia concedida, pelo acompanhamento contínuo e pelos ensinamentos fundamentais para a conclusão deste trabalho. Agradeço também pela parceria que resultou nas publicações científicas ao longo do doutoramento.

À Professora Anabela Gradim pela confiança e oportunidade de colaborar na atividade docente.

Ao Doutor Pedro Jerónimo pelo coleguismo e pelas discussões tão necessárias à construção do saber.

À Filomena Santos, amiga improvável que o Atlântico separava e o doutoramento tratou de unir.

A todos os professores da Faculdade de Artes e Letras pelo suporte intelectual. Agradecimento estendido aos funcionários e à Dra. Mércia Cabral.

Resumo

O jornalismo como um todo tem sido desafiado pelo aperfeicoamento da tecnologia e pela atuação do público na produção de informações altamente relevantes. De um lado, o melhoramento da volocidade de conexão à internet, o aperfeiçoamento dos dispositivos móveis e a criação de aplicativos inteligentes, entre outros fatores, convocam o jornalismo à adaptação, transformando as rotinas laborais e produtivas de maneira surpreendente. De outro lado, ainda que sem uma formação técnica consistente, para o bem e para o mal, os cidadãos parecem compromissados com a tarefa de registrar e propagar informações e imagens de um cotidiano por vezes inalcançavel ao jornalismo tradicional. No telejornalismo, essa realidade é evidenciada através do uso contínuo de flagrantes captados por cidadãos não-jornalistas.

Neste contexto, o tema violência urbana ocupa lugar central, pois, em países como o Brasil, o trabalho jornalístico tornou-se complexo e difícil de ser realizado ao longo das últimas duas décadas devido a ameaças e assassinatos durante coberturas. A preocupação com a segurança dos repórteres e cinegrafistas afastou os profissionais de regiões conflagradas, abrindo espaço para o surgimento de iniciativas e sistemas comunicacionais descentralizados, organizados e geridos por cidadãos. O aplicativo Onde Tem Tiroteio (OTT) pode ser interpretado como um exemplo deste fenômeno sendo, por isso, objetivo empírico ilustrativo desta tese.

Com milhões de usuários que regulam o app e promovem uma espécie de verificação coletiva de ocorrências ligadas à criminalidade, e com um intenso fluxo de flagrantes de violência urbana, o OTT conquistou o lugar de ferramenta mediadora credível entre os jornalistas e as zonas de conflito armado. Mas seu status jornalístico está ligado à capacidade de apuração e ao fornecimento de conteúdo imagético confiável, o que torna o app mais do que uma mera fonte para os noticiários. O principal objetivo deste trabalho é discutir os conflitos de autoridade decorrentes de tal conjuntura.

Palavras-chave Apps colaborativos; Violência; Flagrantes; Telejornalismo

Abstract

Journalism as a whole has been challenged by the improvement of technology and the role of the public in producing highly relevant information. On the one hand, the improvement in internet connection speed, the improvement of mobile devices and the creation of intelligent applications, among other factors, call journalism to adaptation, transforming work and production routines in a surprising way. On the other hand, even without consistent technical training, for better or for worse, citizens seem committed to the task of recording and disseminating information and images of everyday life that are sometimes unattainable by traditional journalism. In telejournalism, this reality is evidenced through the continuous use of flagrant captured by non-journalist citizens.

In this context, the theme of urban violence occupies a central place, since, in countries like Brazil, journalistic work has become complex and difficult to carry out over the last two decades due to threats and murders during coverage. The concern with the safety of reporters and cameramen kept professionals away from troubled regions, opening space for the emergence of initiatives and decentralized communication systems, organized and managed by citizens. The Onde Tem Tiroteio (OTT) application can be interpreted as an example of this phenomenon and, therefore, is the empirical objective of this thesis.

With millions of users who regulate the app and promote a kind of collective verification of occurrences related to crime, and with an intense flow of flagrant urban violence, OTT has conquered the place of a credible mediating tool between journalists and armed conflict zones. But its journalistic status is linked to its ability to verify and provide reliable imagery content, which makes the app more than a mere source for news. The main objective of this work is to discuss the conflicts of authority resulting from such situation.

Keywords Collaborative Apps; Violence; Flagrant; Televison journalism

Índice

Introdução 1

Capítulo 1. Evolução tecnológica e cultura digital participativa 9
1.1 Participação nas mídias de massa e na comunicação interativa 10
1.2 Novas mídias: da mediação à mediatização 15
1.3 Autonomia e participação na comunicação digital 20
1.3.1 Participação, proximidade e construção de confiança 27
1.4 Novas tecnologias e renovação das práticas jornalísticas 33
1.5 Efeito de participação nos telejornais: o valor do flagrante 38

Capítulo 2. Tecnologia, notícia e autoridade jornalística 43
2.1 Definições, conceitos e crenças profissionais **..... 44**
2.2 Informação e autoridade jornalística: distinção pelo texto 49
2.3 Entre o senso comum e a ciência 53
2.4 Tecnologia, dispositivos móveis e a adaptação da notícia 58
2.5 Das velhas práticas aos novos conceitos **..... 63**

Capítulo 3. Autoridade, confiança e credibilidade de relatos testemunhais 70
3.1 Breve abordagem filosófica 71
3.2 Conhecimento compartilhado vs. *expertise* jornalística 76
3.3 Credibilidade de relatos "não-jornalísticos" na *Web* 82
3.4 Credibilidade de novos modelos de jornalismo e sistemas de mídia colaborativos 86

Capítulo 4. Onde Tem Tiroteio 91
4.1 Informação imediata da violência urbana 92
4.1.1 De *fanpage* ao *app*: a concentração de usuários 96
4.1.2 A mudança na ótica do usuário 103
4.1.3 *App* OTT: tipos de alerta e organização 108
4.2 Georreferencialidade e comunicação hiperlocal 111
4.3 Instância de *Gatekeeper* e *Gatewatching*: o papel do OTT na verificação de informação e imagens 118
4.3.1 Alertas no Rio de Janeiro: verificação direta 118
4.3.2 Alertas no Brasil: verificação indireta 120
4.3.3 Seleção e tratamento de fotos e vídeos na comunicação colaborativa 122

Capítulo 5. Metodologia e desenho da investigação 127
5.1 Tema e problema de investigação 128
5.2 Objetivo e hipóteses de pesquisa 129
5.3 Desenho da metodologia 130
5.3.1 Primeiro Passo: etnografia virtual como inspiração 130
5.3.1.1 Observação "não-participante": ética, escolhas e justificativas 134
5.3.1.2 Análise preliminar: o que diz o objeto? 138
5.3.2 Segundo Passo: novo *corpus*...novas pistas 144
5.3.3 Terceiro Passo: enxergar além dos dados 150

5.3.3.1 Entrevistas em profundidade....151
5.3.3.2 Jornalistas como fontes diferenciadas....156
5.3.3.3 Os informantes....158

Capítulo 6. OTT em números....163
6.1 Resultados quantitativos....163

Capítulo 7. Reações e Comentários no *App*....175
7.1 Comentários Colaborativos....175
7.2 Comentários Contestadores e Corretores....184
7.3 Comentários Denunciativos....**191**
7.4 Comentários Responsivos....196
7.5 Comentários Irônicos ou Sarcásticos....203
7.6 Comentários Políticos....207

Capítulo 8. Distribuição de flagrantes e autoridade jornalística. 212
8.1 Fluxo de informação e flagrantes da violência....212
8.2 Fluxo de flagrantes e produção telejornalística....222
8.3 *Status* jornalístico do OTT....226
8.4 Estrutura textual: alertas ou notícias?....231
8.5 Transferência de Autoridade: o flagrante nos telejornais....235
8.6 Situação atual do OTT....249

Conclusões....260

Referências....267

Anexos I: Entrevistas....281

Lista de Figuras

Figura 1 – Capa da Fanpage do OTTRJ no Facebook
Figura 2 – Nota de esclarecimento publicada na fanpage OTTRJ
Figura 3 – Justificativa para concentração de alertas no app
Figura 4 – Justificativa para concentração de alertas no app
Figura 5 – Seguidores apontam utilidade dos alertas OTT no cotidiano
Figura 6 – Seguidores apontam papel do OTT na prestação de serviço
Figura 7 – Seguidores ressaltam a confiança que têm nos alertas do OTT
Figura 8 – Usuários fazem referências à apropriação de material do OTT nos noticiários
Figura 9 – Seguidora destaca participação na ferramenta
Figura 10– Tela de abertura do aplicativo
Figura 11 – Tipificação icônica de alertas no aplicativo
Figura 12 – Recorte comparativo das publicações no app e na fanpage
Figura 13 – Avatares OTT
Figura 14 – Investigadora adicionada nos grupos de interesse no WhatsApp
Figura 15 – Comentários colaborativos
Figura 16 – Eventos acompanhados até o desfecho
Figura 17 – Publicação alternada de informes no app
Figura 18 – Orientação OTT para usuários
Figura 19 – Comentários de valor testemunhal
Figura 20 – Comentários de valor testemunhal
Figura 21 – Comentários contestadores quanto ao tipo de alerta
Figura 22 – Comentários contestadores da existência dos eventos
Figura 23 – Resposta OTT aos comentários contestadores
Figura 24 – Tiroteio Taquaral
Figura 25 – Tiroteio Andaraí
Figura 26 – Autorregulação de informes
Figura 27 – Usuários denunciam venda de drogas
Figura 28 – Usuários denunciam circulação de criminosos
Figura 29 – Denúncias publicadas como alertas
Figura 30 – Denúncias sobre a má prestação de serviços públicos
Figura 31 – Usuário denuncia aglomeração na pandemia
Figura 32 – Resposta OTT em alerta impreciso
Figura 33 – Precisão diferencia tipos de alerta
Figura 34 – Mudança na tipificação de alertas
Figura 35 – Mudança na tipificação de alertas
Figura 36 – Comentários responsivos
Figura 37 – Comentários auxiliam seguidores no manuseio do app
Figura 38 – Comentários ironizam nomes de localidades com registros de violência
Figura 39 – Comentários ironizam erros gramaticais e linguísticos
Figura 40 – Comentários ironizam situações diversas
Figura 41 – Comentários contrários ao STF
Figura 42 – Comentários contrários ao STF
Figura 43 – Fluxo interno de distribuição
Figura 44 – Fluxo de distribuição entre jornalistas e OTT
Figura 45 – Fotos disponibilizadas no grupo
Figura 46 – Possível origem de foto OTT
Figura 47 – Vídeos e fontes imprecisas
Figura 48 – Vídeos de perseguição nos telejornais
Figura 49 – Flagrantes gravados por policiais
Figura 50 – Fluxo de distribuição de informações app/grupo
Figura 51 – Fluxo de distribuição de flagrantes grupo/app/grupo

Figura 52 – Fluxo completo de distribuição
Figura 53 – Estrutura textual dos alertas OTT
Figura 54 – “Notícias” OTT
Figura 55 – Alertas como notícia
Figura 56 – Pedido e utilização de flagrantes no BDRJ
Figura 57 – Solicitação de dados sobre violência
Figura 58 – Flagrantes do tiroteio nos telejornais
Figura 59 – Pedido de confirmação ao OTT
Figura 60 – Vídeo creditado ao OTT
Figura 61 – Jornalistas pedem flagrantes ao OTT
Figura 62 – Usuários acompanham OTT e outros meios
Figura 63 – Interação e construção de credibilidade e autoridade
Figura 64 – Créditos despadronizados nos noticiários
Figura 65 – Notícias com crédito OTT
Figura 66 – Notícias sem crédito OTT
Figura 67 – Notícias com créditos distintos
Figura 68 – Novos tipos de alertas
Figura 69 – Ranking da violência
Figura 70 – Parceria com a Prefeitura
Figura 71 – Exibição de fotos e vídeos
Figura 72 – Tonalidade dos alertas
Figura 73 – Pacotes pagos
Figura 74 – Interação segmentada
Figura 75 – Círculos de conversa
Figura 76 – Orientações no Chat

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Alertas mais publicados
Tabela 2 – Alertas por estado
Tabela 3 – Alertas por conteúdo
Tabela 4 – Proporção de publicações no app
Tabela 5 – Reação e comentários em número
Tabela 6 – Modelo de tipologia em entrevista
Tabela 7 – Total de alertas emitidos
Tabela 8 – Variação mensal de alertas disparados
Tabela 9 – Alertas emitidos mensalmente
Tabela 10 – Alertas emitidos por estado
Tabela 11 – Alertas por países
Tabela 12 – Proporção mensal de publicações
Tabela 13 – Percentagem de publicações em 6 meses
Tabela 14 – Diferença de percentagem de publicações do OTT e usuários
Tabela 15 – Reações dos usuários
Tabela 16 – Alertas mais comentados
Tabela 17 – Formato dos alertas publicados

Lista de Quadros

Quadro 1 – Perfil informantes
Quadro 2 – Atribuições profissionais por nível hierárquico

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Variação mensal de alertas disparados no app
Gráfico 2 – Proporção mensal de publicações pelo OTT e usuários
Gráfico 3 – Reações dos usuários

Lista de Acrónimos

OTT	Onde Tem Tioreio
STF	Superior Tribunal Federal
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
ISP	Instituto de Segurança Pública

Introdução

Historicamente, desde a segunda metade do século XIX, o jornalismo moderno procura se firmar como uma atividade de valiosa importância para a sociedade. Separados das ideologias políticas que orientavam os jornais, os jornalistas puderam não somente buscar o reconhecimento de sua *expertise*, como também construir um campo de saber e produção técnica que, ao longo do tempo, lhes conferiu identidade e autoridade profissional. Pode-se dizer que, para os jornalistas, a notícia sintetiza a atividade que exercem em seu sentido mais estrito, o de levar esclarecimento e conhecimento ao homem comum sobre os acontecimentos da realidade que o rodeia, oferecendo as condições para que a interprete, opine e tome decisões, algo possível, entre outras coisas, pelo trabalho de apuração rigoroso que dizem cumprir. Assim, o jornalismo procura oferecer informação apurada e contextualizada para a sociedade como um diferencial, recebendo em troca a sua confiança no papel de mediador que desempenha entre ela e os fatos da realidade.

Durante quase dois séculos, este conjunto de valores que leva à credibilidade no jornalismo, à autoridade, e une a comunidade dos jornalistas pôde ser construído a partir da adaptação do próprio jornalismo às inúmeras e profundas transformações tecnológicas experimentadas pela sociedade moderna e os avanços que promoveram na comunicação. Das cartas às mensagens eletrônicas, das câmeras portáteis aos telefones inteligentes e, mais recentemente, à inteligência artificial, foi o uso das tecnologias de comunicação, a sua articulação com as práticas sociais cotidianas, que impactou mais profundamente o fazer jornalístico ao longo destes quase 200 anos.

Esta tese se insere neste amplo e complexo contexto de transformações. Não se trata de fazer o resgate histórico ou traçar uma espécie de linha do tempo dos efeitos das tecnologias no jornalismo. Outros pesquisadores já cumpriram essa tarefa. Mas, nesta pesquisa, procura-se compreender em que medida as chamadas novas tecnologias, mais especificamente a tecnologia móvel, permitiu a entrada de agentes externos ao campo do jornalismo, tensionando as suas fronteiras. A intenção é, mais propriamente, mostrar como cidadãos não-jornalistas apropriam-se dessas tecnologias para desenvolver soluções para problemas comuns, ao passo que conseguem criar uma rede virtual de vínculo e colaboração capaz de construir confiança e credibilidade através da apuração/verificação coletiva da informação, atuando, assim, muito próximo ao campo do jornalismo. Desse modo, enquanto, no jornalismo, a credibilidade situa-se num *a priori* e está associada ao domínio do saber técnico e à *expertise* dos profissionais, em sistemas informativos colaborativos ela é uma construção contínua, resultante da participação das pessoas.

Com a finalidade de elaborar melhor tais discussões, utilizamos como objeto empírico ilustrativo o Onde Tem Tiroteio (OTT), iniciativa de cidadãos não-jornalistas que nasce no Brasil através de uma *fanpage* no *Facebook* e, posteriormente, é transformada em aplicativo com, aproximadamente, cinco milhões de usuários. O OTT foi criado em 2016 a partir da lógica comunicativa do cidadão para o cidadão. Isso quer dizer que os criadores não sentem a necessidade de verificar as informações disponibilizadas junto às fontes oficiais, como normalmente ocorre no jornalismo. Em vez disso, a ideia central do OTT é que os participantes, estimulados pelo propósito de proteção mútua, possam colaborar, produzindo e divulgando informações e vídeos coletivamente verificados a respeito de ocorrências relacionadas à violência urbana. Considera-se o OTT uma ferramenta de resposta tecnológica e social a um problema comum, tornada possível pela apropriação das tecnologias e dispositivos móveis pelo conjunto geral dos cidadãos e seu desejo de participação.

A confiabilidade depositada pelos usuários na dinâmica colaborativa e a credibilidade alcançada pelo OTT o aproximou dos jornalistas. Estes passaram a obter informações e vídeos de eventos de violência por meio da ferramenta, principalmente das ocorrências registradas em zonas consideradas de risco e com restrições à cobertura profissional. Apesar de termos observado o interesse geral dos profissionais dos mais variados meios de comunicação pelo OTT, o foco principal da pesquisa é o jornalismo televisivo, para o qual a imagem é um elemento fundamental. Assim, importa-nos conhecer o fluxo distributivo de flagrantes gravados pelos cidadãos que passa pelo aplicativo até chegar às redações de televisão, abastecendo os noticiários com material audiovisual capaz de lhes dar peso e importância.

Por um lado, a relevância social desta tese consiste em apontar quais significações podem ser dadas pelas pessoas às tecnologias e dispositivos móveis e às ferramentas de comunicação descentralizadas e conectadas, mas também quais os seus usos possíveis e os modos como os cidadãos decidem produzir e distribuir informação em prol do bem comum. De que maneira esses entrelaçamentos constroem confiança e credibilidade em iniciativas como o OTT, por exemplo? Por outro lado, do ponto de vista científico, trata-se de um trabalho de pesquisa importante pois, no geral, revela as adaptações do jornalismo e, de forma particular, dos jornalistas a esta conjuntura, considerando os seus efeitos sobre a autoridade, historicamente construída, desses profissionais.

O que a criação do OTT tem a ver com a fragilidade da credibilidade no jornalismo? Como os jornalistas acessam um fato de interesse público sobre violência em territórios hostis e procedem à apuração? Qual a importância do *app* na produção das notícias? De que maneira os cidadãos são inseridos nas matérias? De que forma os jornalistas orientam o trabalho e as rotinas laborais diante do volume de informação e vídeo que

recebem por meio de plataformas digitais e aplicativos? E, por fim, diante da perda do conhecimento exclusivo dos fatos, de que maneira procuram preservar a autoridade profissional?

No intuito de responder a essas e outras questões, partimos da **hipótese principal** (HP) que o OTT desempenha um papel fundamental no fluxo distributivo de flagrantes da violência urbana para os jornalistas, pois lhes permite acelerar a produção das notícias, mas delegando ao *app* uma das etapas mais importantes do processo produtivo: a apuração.

A pesquisa também apresenta duas **hipóteses secundárias**: HS1 – o papel de apurador do OTT fragiliza o sistema profissional de produção de notícias, provocando conflitos de interesse e disputas em torno da autoridade, o que leva ao obscurecimento da origem das imagens exibidas nos noticiários; e HS2 – tendo em conta o papel concentrador do OTT, o *app* se tornou uma ferramenta mediadora entre os cidadãos e os jornalistas na cobertura da violência urbana.

Metodologia

Em termos metodológicos, esta investigações está desenhada em três passos. No primeiro, de inspiração etnográfica, procedeu-se à observação direta da página no *Facebook* e, principalmente, do aplicativo. Por entendermos que a violência urbana e os eventos a ela relacionados constituem um tema sensível, optou-se pelo caráter "não-participante" da observação. Desse modo, evitou-se a identificação da pesquisadora no ambiente de interação da ferramenta a fim de não inibir a participação dos usuários, que também tiveram a sua identificação preservada.

No segundo passo, ampliamos o ambiente observado. Solicitamos aos administradores do OTT a nossa inserção em um dos chamados "grupos de confiança" criados no *WhatsApp*. Esses grupos são formados por informantes localizados em determinadas zonas de conflito armado, responsáveis por auxiliar o OTT na verificação de ocorrências e imagens. Finalmente, para compreender as dinâmicas e relacionamentos estabelecidos entre a ferramenta e os jornalistas, pedimos também a nossa inclusão no grupo do *WhatsApp* OTT-RJ Imprensa, que reúne profissionais de diversos órgãos de comunicação.

No terceiro e último passo, procedeu-se a entrevista em profundidade com um dos administradores do OTT, além de 13 jornalistas das principais emissoras de televisão do Brasil, ocupantes de cargos distintos na hierarquia redacional. A análise interpretativa desse material humano nos permitiu encontrar respostas para as lacunas que ainda restavam após a observação do OTT e do grupos acima citados. A metodologia em três passos foi importante para mostrar quais caminhos seriam

necessários percorrer em busca de uma compreensão mais completa e aprofundada dos fenômenos que nos interessavam.

Assim, no **capítulo 1**[1], dedicado à evolução das tecnologias de informação e comunicação e ao desenvolvimento de uma cultura digital participativa, procuramos discutir as possibilidades de interação, interconexão e a criação e difusão pelo público de conteúdos digitais de interesse jornalístico. Aqui são abordados os aspectos relevantes da interligação entre tecnologia e práticas sociais que produz autonomia e leva ao desejo coletivo de participação no campo informativo. De modo geral, o jornalismo televisivo procurou adaptar as suas rotinas a essa possibilidade, abrindo espaço para a entrada do público na elaboração das notícias, mas disciplinando essa participação. Equipados com seus *smartphones*, os cidadãos passaram a desempenhar um papel importante como fornecedores de material audiovisual impactante para os noticiários, mas a elaboração das pautas, a seleção do conteúdo imagético, a sua inclusão na matéria e a forma como é mostrado ainda são uma prerrogativa exclusiva dos jornalistas. Ao mesmo tempo que dependem da "participação" dos cidadãos, os jornalistas procuram restringi-la, mantendo, assim, a sua autoridade.

Desse modo, no **capítulo 2**[2], com vistas na tecnologia, pretende-se discutir definições e conceitos que envolvem a autoridade jornalística. Procuramos abordar questões relacionadas ao entendimento da notícia, a sua construção a partir de padrões técnicos de produção e escrita, o modo como o jornalismo se posicionou ao longo do tempo como forma de conhecimento e orientação social. Contudo, as tecnologias móveis e a sua popularização promoveram não apenas a adaptação das notícias, mas permitiram uma circulação mais rápida de informações relevantes fora do circuito jornalístico. Isso pode estar influenciando novas compreensões por parte do público sobre o que a notícia é e com quais formatos pode se apresentar. Assim, propomos o entendimento da notícia como uma construção aberta, que pode ser interpretada como relatos altamente relevantes ou informação útil. Ao circularem, tais relatos são consumidos, discutidos, corrigidos e complementados, correspondendo às expectativas das pessoas de saberem o que acontece ao seu redor, num contexto de uso massivo de dispositivos móveis.

---

[1] Partes deste capítulo foram publicadas no seguinte artigo científico: Reis, A. G. C., Melo, P. V., & Serra, J. P. (2023). Apps colaborativos e construção de confiança: o OTT e a participação do público na produção informativa de relevância jornalística. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* (RBCC), 46. DOI: https://doi.org/10.1590/1809-58442023120pt

[2] Partes deste capítulo foram publicadas nos seguintes artigos científicos: Grupillo, A., & Serra, J. P. (2023). Novas noções de notícia? Quando apps colaborativas desafiam a autoridade jornalística. *Revista Geminis*, 14(1), 85–104, DOI: https://doi.org/10.53450/2179-1465.RG.2023v14i1p85-104; Grupillo, A . (2022). Violência urbana e dispositivos móveis: o App OTT e a produção colaborativa de notícias hiperlocais. In J. Canavilhas, C. Rodrigues, R. Morais & F. Giacomelli (Eds). *Mobilidade e inteligência artificial: os novos caminhos do jornalismo* (pp. 353-379). Covilhã: Coleção LabCom, https://labcomca.ubi.pt/wp-content/uploads/2022/09/202203_JornMovAI_JCanCRodRMorFGia.pdf

Ao longo do **capítulo 3**, discutimos a construção de confiança e credibilidade, refletindo mais uma vez sobre a autoridade, no campo do jornalismo e dos sistemas de mídia colaborativos. Enquanto no primeiro a credibilidade está associada às noções de competência, no segundo, ela é acionada através de relatos testemunhais ou da relação de proximidade entre os fatos e quem os relata. De certa forma, a confiança nos oradores é preocupação da filosofia desde a Antiguidade, mas, na contemporaneidade, a sua construção parece estar mais baseada no compartilhamento coletivo do conhecimento, bem como na assertividade das informações partilhadas.

Aqui considerado uma ferramenta colaborativa que envolve a participação de milhares de pessoas, o OTT é amplamente descrito no **capítulo 4**. Explicamos o seu surgimento, funcionamento e como isso reflete na confiança depositada pelos usuários. Desde a criação, a iniciativa passou por várias mudanças até tornar-se *app* que, a partir da georreferencialidade, consegue desenvolver uma comunicação hiperlocal, atuando como instância de *gatekeeper* e *gatewatching* de informações e imagens da violência urbana no Brasil. Veremos como se dá a verificação dos alertas e como a dinâmica desenvolvida pelas pessoas impacta a cobertura jornalística.

No **capítulo 5**[3], a metodologia e o desenho da investigação são mais detalhadamente explorados. A partir daí, são salientados os resultados e as discussões pertinentes à investigação. Optou-se pela distribuição dos resultados em três capítulos.

O **capítulo 6** vai tratar dos resultados quantitativos encontrados com a observação do OTT. Entre eles estão a emissão de alertas, a variação dos informes, a origem por estado e país, mas também a proporção encontrada entre as publicações feitas pelos administradores e usuários, além do número de reações dos participantes através de comentários e confirmações dos alertas de violência disparados. Já o **capítulo 7** é dedicado à análise qualitativa dos comentários. Estudar o modo como os participantes interagem é importante, pois permite uma visão mais clara de como o mecanismo da colaboração influencia na relação de confiança que desenvolvem entre si e com o aplicativo. Embora tenhamos identificado seis tipos diferentes de comentários, percebemos a predominância do desejo de ajuda mútua, mais do que a divulgação de desinformação ou da reprodução de discursos de ódio, por exemplo.

Por fim, no **capítulo 8**[4] procuramos traçar a representação esquemática do fluxo de informação e flagrantes que permeia o *app* OTT. A ferramenta se conecta mais

[3] Partes deste capítulo foram publicadas no seguinte artigo científico: Grupillo, A., & Serra, J. P. (2022). Onde Tem Tiroteio: informação colaborativa e fluxo distributivo de imagens da violência urbana no Brasil. *Revista Interin*, 27(1), DOI: https://doi.org/10.35168/1980-5276.UTP.interin.2022.Vol27.N1.pp58-80

[4] Partes deste capítulo foram publicadas nos seguintes artigos científicos: Grupillo, A., & Serra, J. P. (2023). WhatsApp e violência urbana nos telejornais: fluxo de flagrantes, desafios e novas rotinas profissionais. *Intexto*, 55, DOI: https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.130266; Reis, A G. (2023). New routines in making the local news: how fear and distancing change the coverage of violence in Brazil. *Journalism & Media*, 4(2), 564-575, DOI: https://doi.org/10.3390/journalmedia4020035

rapidamente aos usuários, informantes de confiança, agentes de segurança, jornalistas e demais redes sociais digitais, facilitando a circulação informativa e a própria verificação da veracidade das ocorrências que serão, posteriormente, transformadas em alertas. Dessa forma, o OTT se espraia por diferentes camadas do tecido comunicacional, uma característica valiosa para jornalistas de televisão. Isso porque, em primeiro lugar, o aplicativo consegue imagens fortes que ajudam na elaboração das notícias e, em segundo lugar, porque os vídeos chegam acompanhados de apuração, o que agiliza o trabalho de produtores, repórteres e editores. O principal problema dessa dinâmica consiste em deixar transparecer a dependência dos jornalistas diante da dificuldade de levarem adiante determinadas coberturas, especialmente das ocorrências registradas nas regiões conflituosas.

O Onde Tem Tiroteio é discutido nesta tese como exemplo do fenômeno de descentralização da produção e distribuição de informações de interesse jornalístico por sistemas não-convencionais de mídia. A apropriação das tecnologias móveis de comunicação pelos cidadãos fez surgir iniciativas consideradas credíveis, ainda que não passem pelo "crivo" dos jornalistas. Isso significa que, em sistemas colaborativos como o OTT, a confiança nas informações é acionada pela possibilidade que o conjunto geral dos participantes tem de confirmá-las, corrigi-las, complementá-las e compartilhá-las, coletivamente.

O OTT é um *app* que parece se adequar bem à realidade social do Brasil. Representa, por isso mesmo, a solução para um problema comum aos brasileiros: o sentimento de medo de balas perdidas. Talvez, em outro país, o *app* não tivesse tanta importância e não alcançasse credibilidade também entre os jornalistas. No Brasil, porém, ao funcionar como ferramenta mediadora, o aplicativo adquire *status* jornalístico e, embora reconheçam essa relevância, os jornalistas tendem a evitar a transferência de autoridade para o OTT, apagando as marcas de origem nas imagens exibidas ou fazendo uso da apuração da ferramenta, mas buscando vídeos semelhantes, sem crédito, em outras redes sociais. De certa forma, isso indica que iniciativas similares, mas adaptadas aos problemas e realidades de outras sociedade ao redor do globo, podem assumir o mesmo carácter, configurando, inclusive, como uma solução para os locais com pouca ou quase nenhuma presença de meio de comunicação ou jornalistas.

De todo modo, a relação dos jornalistas com o OTT é de aparente parceria, fazendo prevalecer as disputas em torno da autoridade profissional. Quem sabe, talvez a adoção de uma postura efetivamente colaborativa entre os jornalistas e o *app* pudesse contribuir para a produção de notícias mais aprofundadas. Talvez isso reaproximasse o jornalismo tradicional de territórios e das pessoas dos quais se distanciou. No Brasil,

por enquanto, esta conexão parece ter sido restabelecida por intermédio de ferramentas tecnológicas como o OTT.

Capítulo 1. Evolução tecnológica e cultura digital participativa

O amadurecimento e a rápida expansão da internet levaram ao aparecimento de sistemas de mídia e comunicação que tornaram mais fácil a integração do público em uma cultura participativa digital caracterizada pela interconexão e interação na criação e publicação de conteúdos digitais. A transformação cultural observada ao longo da última década do Século XX e nas duas primeiras décadas do Século XXI modificou o conhecimento e a informação, tendo grande influência em diversos setores do tecido social, entre eles o jornalismo.

Nos ambientes digitais, cidadãos ativos, participativos e produtores, presentes em múltiplos canais de trocas informativas, se apropriaram de dinâmicas comunicacionais capazes de desafiar o discurso dos meios de comunicação de massa e disputar com o jornalismo profissional a atenção do público. Os jornalistas, por sua vez, tiveram que assimilar as tecnologias em suas rotinas produtivas, reorganizar processos de trabalho, redefinir funções e ocupações, além de reestruturar a autoridade dentro e fora das redações.

Diante desse contexto, é necesssário fazer duas observações. A primeira é que, quando falamos em evolução tecnológica, nos referimos aos processos de melhoramento das condições técnicas dos meios, dispositivos e ambientes comunicacionais que nos permitiram desenvolver, ao longo dos anos, mecanismos de interação mais velozes e eficazes. Nem por isso, temos a pretensão de fazer um levantamento histórico, outros autores já cumpriram essa missão. Além do mais, discutir evolução e melhoramento distancia este trabalho de um determinismo tecnológico, pois para que algo possa ser aperfeiçoado ou modificado é preciso ser experienciado, ressignificado, alterado em sentido, a partir de novas necessidades e compreensões, o que só pode ser alcançado através das articulações e entrelaçamentos entre as tecnologias e as práticas sociais e culturais dos indivíduos e das sociedades.

Em segundo lugar, a referência à cultura digital participativa não está relacionada à uma discussão utópica, mais associada às ideias de democracia e liberdade total dos sujeitos nos processos comunicativos nos ambientes digitais. Cada vez mais, as pesquisas nos campos teóricos e empíricos têm nos alertado para a crescente privatização da internet, a ação das plataformas na concentração e comercialização de dados enquanto ampliam a precarização do trabalho dos indivíduos jornalistas ou não, sem falar na participação negativa de grupos antidemocráticos que espalham o ódio e a desinformação de maneira pensada e estratégica. Tudo isso nos mostra que a internet

não pode ser enxergada como um espaço absolutamente igualitário e que as nossas noções de participação precisam estar bastante claras para evitar estudos descolados da realidade contemporânea.

Por tudo isso, neste capítulo, abordaremos a evolução tecnológica em suas diferentes nuances, a fim de compreender as possíveis associações entre ela e os modos de participação do público nos processos comunicacionais, tanto nas mídias de massa, quanto nas chamadas novas mídias. Também discutiremos as noções de autonomia e as possibilidades contemporâneas de comunicação descentralizada dos meios tradicionais. Finalmente, com os olhos mais voltados para o jornalismo televisivo, procuramos entender porque o conteúdo captado e distribuído pelos cidadãos é tão importante para os noticiários, o valor atribuído aos flagrantes dos eventos do cotidiano, os limites dos jornalistas e a sua dependência desse tipo de material audiovisual, mas, principalmente, as tensões que o seu uso contínuo suscita na autoridade dos profissionais da imprensa.

1.1 Participação nas mídias de massa e na comunicação interativa

A tecnologia é um aspecto da cultura que chama a atenção dos estudiosos desde a Segunda Guerra Mundial. Sabe-se que a Revolução Industrial entrou em uma nova fase quando as ferramentas manuais foram substituídas pelas máquinas movidas à eletricidade e ao motor de combustão interna. A tecnologia dos transportes, as novas técnicas de produção, a criação de novas fontes de energia têm sua origem na articulação entre esses avanços e seus usos ainda no Século XIX. Também é desse período histórico o início das tecnologias da comunicação com a invenção do telefone e a difusão do telégrafo[5].

Castells (1999, p.73) argumenta que muitos dos conhecimentos científicos que promoveram os avanços tecnológicos desde a metade do Século XX já estavam disponíveis cem anos antes, aguardando condições sociais maduras para serem postos em prática. Por isso, o autor nos leva a acreditar que toda a inovação tecnológica não é um fato isolado, mas um *continuum* que reflete estágios de conhecimento, disponibilidade de talentos humanos, ambientes institucionais e industriais específicos, uma mentalidade econômica adaptada à essa realidade, e uma rede de fabricantes e usuários dispostos a compartilhar suas experiências e a aprender fazendo.

[5] O telégrafo elétrico foi utilizado de forma experimental entre 1790 e 1799, mas só alcançou o pleno uso e conseguiu se desenvolver como uma rede de comunicação de larga escala através da difusão da eletricidade, a partir de 1870 (Castells, 1999).

O autor traça uma exaustiva sequência histórica desde as principais descobertas tecnológicas eletrônicas, ainda durante a Segunda Guerra Mundial, ao desenvolvimento da microengenharia e da microeletrônica até a criação dos primeiros computadores particulares (PCs) e dos sistemas operacionais e de transferência de dados. No campo da Comunicação, a convergência dessas forças resultou no surgimento da internet pela junção de estratégias militares com a cooperação científica, e na sua posterior consolidação e veloz difusão em todo o globo, desde os anos 1970.

A internet é considerada um meio revolucionário de uma era marcada pela interatividade, denominada por Castells de a Era da Informação. Tal como em outros momentos-chave ao longo da evolução tecnológica, como o que levou ao surgimento do alfabeto, a humanidade passa por uma nova transformação de dimensões surpreendentes com a possibilidade de integração entre modos de comunicação distintos em rede. Sendo assim, não se trata mais dos sistemas separados de escrita, oralidade ou audiovisualidade da comunicação humana, mas da integração de texto, som e imagem em um sistema multimídia, articulado por múltiplos pontos em um sistema de redes. Para o autor, porém, "não foi apenas o sistema de tecnologia que mudou, mas também suas interações sociais e organizacionais" (Castells, 1999, p.80). Isto é, a evolução tecnológica encontrou um conjunto de agentes preparados para criar novas formas comunicativas integradas, mas também um espírito de época aberto a experimentá-las. Em vista disso, se os avanços tecnológicos marcaram as sociedades do Século XX, é a velocidade de sua expansão que marca as sociedades do Século XXI.

No Ocidente, a história do livro nos oferece um bom exemplo de como a velocidade das transformações tecnológicas implica mudanças culturais muito significativas. Até 1450, a única forma de reproduzir um texto era copiá-lo à mão. A partir do surgimento da técnica baseada nos tipos móveis e na prensa, a relação com a cultura escrita foi intensamente modificada, mas é preciso dizer que entre esses dois momentos passaram-se algumas centenas de anos. Basta imaginarmos que o livro antigo, muito antes de Gutemberg e da Idade Média, era um rolo, uma longa faixa de pergaminho que para ser lido precisava ser desenrolado com as duas mãos (Chartier, 1988, p.24).

Nesse processo evolutivo, os manuscritos coexistiram por alguns séculos com os livros, assim como os livros impressos coexistirão com os textos eletrônicos, a diferença foi o período de tempo necessário para que essas transformações ocorressem, sendo a segunda, do livro impresso ao texto eletrônico, ainda mais rápida e radical.

Para começar, Chartier (1988, p.12-13) desloca o sentido do objeto do livro propriamente dito para a tela na qual o texto eletrônico é projetado. Além de não ser mais manuseado pelo leitor, o livro digital demanda uma estrutura, organização e distribuição diferentes, e exige um fluxo sequencial de leitura completamente distinto

do livro antigo ou mesmo do texto impresso. A leitura é em continuidade, a separação entre as partes ou páginas já não é tão visível, o leitor precisa desenvolver outras habilidade para entrecruzar trechos e fazer anotações, por exemplo. A relação do leitor com o texto eletrônico é mais distante, menos corporal. "Todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler".

Essas alterações nas formas produtivas do livro, mas também nas práticas sociais de leitura promoveram o surgimento/desaparecimento de atores e funções. Mudanças tão rápidas que, segundo Chartier, "correm o risco de serem pulverizadas as noções de autor, editor e distribuidor, que mal se puderam fixar, numa época bastante recente, que coincide com a industrialização do livro" (Chartier, 1988, p.16).

Sendo assim, nas sociedades contemporâneas marcadas pela rápida expansão dos avanços tecnológicos, o que temos presenciado de maneira mais geral é a integração cada vez maior e mais veloz dos diversos modos de comunicação escrita, oral e audiovisual em uma rede interativa e global, que apesar de apresentar desigualdades de ordem social e econômica, e na geografia de acesso[6], muda o caráter da comunicação e molda a cultura, como evidencia Castells.

> Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo (Castells, 1999, p.415).

É nesse contexto de uma sociedade intensamente mediada pelas tecnologias da informação e da comunicação que se sedimenta uma cultura participativa, em que os *mass media* veem deslocados seu papel e lugar.

Conforme McLuhan [1964 (1974)], nas sociedades mediadas pelos meios eletrônicos de massa, o telégrafo, o rádio, o cinema, o telefone e a televisão, esta considerada o mais importante deles, exerciam grande influência sobre o homem e as sociedades. Tal influência está contida na ideia essencial de que "o meio é a mensagem". Em entrevista publicada originalmente na revista *Théorie de l'image*, em 1975, o autor postulava que a maior parte das pessoas ignoravam a influência dos meios de comunicação de massa sobre elas porque esqueciam que a mensagem é o próprio meio de difusão e não o seu conteúdo. McLuhan explicava que "o teor da mensagem não tem interesse; o que importa é compreender como o meio modifica os nossos sentidos e as faculdades de

[6] Embora, nos último anos, os institutos de pesquisa dêem um panorama mais positivos de conectividade em todo o mundo, sabe-se que a difusão da banda larga ainda ocorre de maneira desigual, alcançando mais os países do Norte global e, dentro destes, as zonas mais desenvolvidas social e economicamente. Alguns destes dados serão indicados de forma mais ampla no capítulo 2 da tese, quando falarmos sobre uso de internet e tecnologias móveis de comunicação.

percepção" (McLuhan, [1975 (2008, p.7)]. Em outras palavras, o que interessa à teoria dos meios não são as inovações por si mesmas, mas o efeito dessas inovações na sociedade como um todo. Daí o pesquisador se dizer, à época, pouco preocupado com o conteúdo de violência transmitido na televisão e mais interessado em estudar porque os indivíduos necessitam da violência (McLuhan, [1972 (2012 , p.2)].

A base do pensamento mcluhaniano é a de que o meio constitui um ambiente capaz de ampliar as ações dos seres humanos, tal como a roda amplia ou estende a ação dos pés, a roupa prolonga ou estende as funções de proteção da pele. Longe de qualquer futurologia, ainda na década de 1970, quando o desenvolvimento da internet dava passos embrionários, porém promissores, McLuhan declarou:

> O futuro já é agora, não existe amanhã. Tudo o que pode acontecer nos próximos 100 anos, já aconteceu. Não somos capazes de mencionar nada que tenha sucedido no passado que já não estivesse presente 100 anos antes. Na verdade, todo elemento de novidade sempre está presente 100 anos antes de seu advento, seja na ciência, seja em outras áreas. Creio que nos limitando a descrever o presente, já estamos sendo apocalípticos. (McLuhan, [1972 (2012, p.10)]

O teórico dos media dividiu os meios de difusão de massa em dois tipos: os meios quentes e os meios frios. Os meios quentes permitem uma baixa participação dos sujeitos. O rádio é apontado como um exemplo de meio muito quente, pois o ouvinte pode utilizá-lo como fundo sonoro, desempenhando outras tarefas enquanto ouve sua programação preferida, sem muito esforço de percepção ou de compreensão. Já a TV é, paradoxalmente, um meio frio, pois sua baixa definição exigia que os espectadores preenchessem os espaços de imagem, o que fazia aumentar seu envolvimento emocional ao assistir (McLuhan, [1964 (1974)].

Apesar da sua contribuição para os estudos das relações entre mídia, cultura e sociedade, a principal crítica à teoria dos meios é que, além de negligenciar o conteúdo, ela incute uma visão de exterioridade que separa os meios de difusão da sociedade. Para Hepp, Hjarvard e Lundby (2010, p.221), "os meios de comunicação não estão mais 'fora' da sociedade – exercendo uma influência ou efeito específico sobre a cultura e, portanto, sobre os indivíduos. Em nossa sociedade atual, os meios de comunicação saturados de mídia estão dentro da sociedade" e, por isso, fazem parte da sua estrutura, o que mostra o desajuste da teoria dos meios no contexto das sociedades contemporâneas.

De todo modo, as pessoas sempre possuíram algum nível de autonomia interpretativa, o que afasta as noções de influência da ideia de passividade ou de dominação pelos meios de comunicação de massa. No título clássico das relações entre comunicação e cultura na América Latina, *Dos Meios às Mediações*, Martín-Barbero (2015) alerta para o equívoco de se considerar o massivo algo homogêneo, ou associar o conceito de massa

à cultura popular, confundindo a última com perda de autenticidade ou degradação cultural, desprezando assim as capacidades interpretativas existentes nos sujeitos sociais que, ao contrário, possuem plenas condições de ressignificar mensagens e símbolos.

Consequentemente, em vez de considerar o massivo como algo puramente exterior ao popular, Martín-Barbero (2015, p.310) sugere pensá-lo como um conjunto de apropriações do que há de popular nas culturas. Por isso mesmo, desloca o eixo do debate do meios para as mediações, compreendidas como processos constantes de negociação e articulação entre as práticas de comunicação e os movimentos e sujeitos sociais, em diferentes temporalidades e levando em consideração a pluralidade de matrizes culturais existentes. Convencido de que os meios sofrem numerosas mudanças, o pesquisador defende que a mediação é a chave teórica para a compreensão de como o meio opera social e culturalmente (Martín-Barbero, 2015, p.294).

Os atravessamentos da tecnologia na cultura e o desenvolvimento dos sistemas de mídia, presentes na corrente teórica discutida por Martín-Barbero, podem nos auxiliar fornecendo as bases para a compreensão das dinâmicas comunicativas que aparecem na sociedade da informação, na qual as noções de participação se modificam, uma vez que a mídia torna-se um pano de fundo constante das atividades humanas. "Vivemos com a mídia e pela mídia" (Castells, 1999, p.419) e a interação (Primo, 2003) orienta um novo paradigma comunicacional.

Assim, no paradigma da interação, a comunicação depende da relação estabelecida entre sujeitos. Na comunicação mediada pelo computador, Primo (2003) prefere falar em interação e não em interatividade, pois compreende que os "intercâmbios mantidos entre dois ou mais interagentes[7] (vivos ou não) serão sempre considerados formas de interação" com distinções em termos qualitativos: "tanto *(a)* clicar em um *link* e *(b)* jogar um *videogame* quanto *(c)* uma inflamada discussão através de *e-mails* e *(d)* um bate-papo trivial em um *chat* são interações" (p. 61).

Para o autor, portanto, interação significa "ação entre" e comunicação "ação compartilhada", podendo a interação ser mútua ou reativa.

A **interação mútua** é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada **interagente** participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente; já a **interação reativa** é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta (Primo, 2003, p.62 [grifos do texto original]).

[7] Assim como critica a abordagem tecnicista da "interatividade" por acreditar que o termo enfatiza questões tecnológicas mais do que o aspecto relacional da comunicação mediada pelo computador. O autor também não fala em "emissor" e "receptor", antes procura posicionar a sua pesquisa no "centro" e não nos pólos da "produção" e da "recepção", por isso refere-se aos "interagentes" como participantes desse tipo de comunicação.

A partir disso, pode-se pensar em "**multi-interação**", no sentido de interações simultâneas, tanto mútuas quanto reativas. Alguém que conversa em um *chat*, "ao mesmo tempo em que conversa com outra pessoa também se interage com a interface do *software* e também com o *mouse*, com o teclado" (Primo, 2003, p.63 [grifos do texto original]).

O sujeito que interage abriu espaço para uma comunicação mais diversificada, porém segmentada e muito mais individualizada. Nesse sentido, a lógica de McLuhan "não expressa a cultura da era da informação", já que o processamento da informação supera o modelo de comunicação expresso na via de mão única (Castells, 1999, p.427).

Ao analisar a velocidade de penetração da internet e das redes de comunicação mediada por computador (CMC), Castells destaca que o rádio levou 30 anos para alcançar 60 milhões de pessoas nos EUA. A televisão atingiu esse patamar em 15 anos e a internet alcançou a mesma quantidade de indivíduos em apenas três anos, criando uma teia mundial na qual consumidores são também produtores, modelando a teia enquanto a utilizam e produzem o seu conteúdo. De acordo com Castells (1999, p.441), o novo meio de comunicação baseado na arquitetura de rede moldou a cultura dos seus usuários de forma definitiva, bem como os padrões de comunicação.

1.2 Novas mídias: da mediação à mediatização

Diante das novas condições tecnológicas, marcadas pela interação, instantaneidade e simultaneidade, surge uma nova forma de sociabilidade, baseada na cultura da mídia e na virtualização da comunicação. Alguns pesquisadores têm procurado observar os entrelaçamentos entre tecnologia e práticas sociais a partir do conceito de mediatização[8]. Hjarvard (2015) destaca que, tanto na pesquisa acadêmica quanto no debate público, é atribuída às novas mídias, como a internet e o telefone móvel, uma grande influência nas relações sociais e culturais, já que são consideradas mídias revolucionárias e inovadoras. Sem querer, no entanto, traçar comparações quanto aos níveis de influência exercidos pelas novas e velhas mídias, o estudioso ressalta que o importante é refletir teoricamente "sobre como nós podemos explicar as formas pelas quais as novas mídias podem influenciar a cultura e a sociedade, e de que maneiras esta influência difere daquela das velhas mídias", entendidas como mídias de massa (rádio, televisão, jornalismo, etc.) (Hjarvard, 2015, p.52).

[8] Historicamente, as pesquisas sobre a mediatização da comunicação tiveram origem no norte da Europa, na Alemanha e na Escandinávia. O sociólogo Alemão Ernest Manheim foi o primeiro a adotar a mediatização ("Mediatisierung") como um termo científico e analítico, em 1933 (Lundby, 2014, p.13).

O autor parte de um ponto de vista sociológico a fim de abordar as funções sociais da mídia em vez de dedicar atenção a um ou mais tipos de mídia específicos, e procura fazer uma distinção entre os conceitos de mediação e mediatização, a partir de uma perspectiva relacional.

> O estudo da mediação debruça-se sobre o impacto da mídia em situações comunicativas específicas, situadas no tempo e no espaço. Por sua vez, o estudo da midiatização considera as transformações estruturais de longo prazo no papel da mídia na sociedade e na cultura contemporâneas. O estudo de mediação pode fornecer extensa informação sobre a influência da mídia nas práticas comunicativas. Apesar disso, uma vez que o processo de mediação por si só não altera a relação entre mídia, cultura e sociedade, precisamos direcionar nossa atenção para os processos de midiatização a fim de compreender como a mídia, a cultura e a sociedade estão mutuamente envolvidos no processo de mudança. (Hjarvard, 2015, p.53)

Muito embora distinga os dois conceitos, Hjarvard (2014, p.26) afirma que a mediatização compartilha um terreno comum com a teoria da medição de Jesús Martin-Barbero, no sentido de que a mediatização "desloca o foco da mídia individual (como os jornais) para o papel da mídia na interação social e mudança cultural". Para Lundby (2014), Martin-Barbero foi pioneiro ao adotar uma abordagem cultural para a mediatização. Nesse sentido, a mediatização é uma corrente teórica que se afasta por completo da teoria dos meios defendida por McLuhan [1964 (1974)].

De qualquer maneira, Martino (2019, p.17) adverte sobre a elasticidade do conceito de mediatização e a falta de consenso na utilização das expressões "mediação" e "mediatização" nas pesquisas acadêmicas, ocasionando uma confusão terminológica que, segundo o autor, leva algumas investigações a usarem a midiatização como "sinônimo de presença ou representação de um tema na mídia", como por exemplo, "midiatização da comida" ou "midiatização da saúde" [9].

Além do mais, Martino também ressalta que na América Latina, de modo geral, e no Brasil, em particular, o conceito de mediatização é claramente diferente das noções de mediação atribuídas ao trabalho de Martin-Barbero (2015). Por isso, é importante que os pesquisadores definam exatamente aquilo de que estão falando. Por fim, este autor preconiza o entendimento da mediatização como processos de articulação entre o ambiente midiático e as práticas sociais, refutando o determinismo tecnológico que pode estar contido nas noções de efeito ou influência.

Hjarvard, Lundby e Martino parecem concordar que o conceito de midiatização ou mediatização se adequa mais facilmente aos processos contemporâneos por meio dos quais cultura e sociedade tornam-se dependentes das mídias. Nos termos de Hjarvard (2015), a mídia integra as práticas cotidianas, operando com uma lógica própria, no

[9] O emprego das pesquisas estrangeiras nas pesquisas brasileiras provavelmente levou à variação na escrita do conceito de mediatização (Martino, 2019), que ora aparece como extensão da palavra media, mais utilizada na Europa, ora como dilatação de mídia, mais comum no Brasil.

mundo do trabalho, das relações familiares, da religião e da política, atravessando as instituições. Em outro momento, o autor explica melhor essa perspectiva institucional da mediatização e também a "lógica da mídia".

Em primeiro lugar, Hjarvard (2014, p.24-26) sugere que a mídia está situada no *nível meso*[10], evitando uma abordagem universal sobre a sua influência na cultura e nas sociedades, bem como as análises das infinitas variações da interação social, localizadas no nível micro. Em segundo lugar, reconhece que os meios de comunicação digitais possuem características diferentes e um *modus operandi* que influencia outras instituições e a sociedade como um todo. A "lógica da mídia", portanto, é a maneira ampla de descrever esse *modus operandi.*

> As mídias digitais estão cada vez mais deslocando as práticas sociais de ambientes físicos, por exemplo, permitindo que várias formas de trabalho sejam conduzidas no lar e tornando possível realizar transações bancárias com um computador pessoal. A mídia móvel acentuou essa virtualização tornando possível acessar quase todos os espaços institucionais de qualquer lugar. Através do seu *tablet* ou *smartphone*, você pode visitar a biblioteca ou uma exposição de arte, ligar para a família ou postar um comentário em um blog político. Isso não faz com que o espaço físico ou local não sejam importantes, já que a maioria das instituições ainda mantém uma localização física central como seu principal espaço de interação. [...] Entretanto, significa que os locais físicos se entrelaçam com um espaço virtual, na medida em que se torna possível realizar mais e mais práticas fora da localização física. (Hjarvard, 2014, p.35-36)

Quem viveu principalmente os anos 2020 e 2021 e precisou se adaptar às regras de distanciamento, isolamentos e restrições impostas pela pandemia de Covid-19 consegue compreender claramente o que o autor quer dizer. Instituições e setores ainda pouco informatizados e carentes de presença digital precisaram correr contra o tempo para criar mecanismos de comunicação *online* e atender as demandas de uma sociedade que literalmente foi mandada pra casa e intensificou a interação nos e pelos ambientes virtuais. O uso dos computadores, a internet e os dispositivos móveis foi ainda mais ampliado mesmo entre as pessoas de faixas etárias mais baixas. Das compras domésticas às consultas médicas, passando pelas atividades educacionais e culturais, as mídias digitais permearam praticamente todas as práticas cotidianas.

Dentro de um panorama histórico, Couldry e Hepp (2018) propõem compreender mediatização como um processo mais amplo de mudança social que resulta da crescente expansão quantitativa no uso das mídias e da relevância qualitativa de combinações entre essas mídias em diferentes lugares. Argumentam também que estudiosos da comunicação precisam de um entedimento de mídia que supera os meios de comunicação de massa como televisão, rádio ou jornal impresso, sem excluí-los, mas que seja aberto o suficiente para capturar toda a variedade contemporânea de mídias.

[10] Grifos do autor no texto original.

Nesse sentido, os autores identificam quatro ondas de mediatização ao longo da história, correlacionando-as com momentos significativos de inovações tecnológicas. A primeira delas foi a *mecanização* da comunicação por meio do advento da prensa, levando à industrialização dos processos comunicativos. A *eletrificação* é apontada como a segunda onda, iniciada com o telégrafo elétrico e o telefone. A terceira onda, a *digitalização*, está relacionada à criação dos computadores e das mídias digitais como a internet e os telefones móveis, com a integração de uma inteligência baseada na computação. A *datificação* aparece como a quarta onda da mediatização. Muito mais abrangente do que a anterior, ela apresenta sinais de mudança no modo como produzimos conhecimento, além de uma profunda alteração da maneira com que nos relacionamos com a coletividade e as organizações. Juntas, a digitalização e a datificação correspondem às fases mais profundas de mediatização, no entendimento de Couldry e Hepp (2018).

Na esteira desse pensamento, Lundby (2014, p.4) sublinha que, dependendo da noção de mídia aplicada, o conceito acaba estendido até o período de invenção da impressão ou mesmo da escrita. Contudo, o termo se ajusta mais para "compreender o poder de um ambiente saturado de mídia". Assim, define a mediatização como um processo de longo prazo, não-linear, que produz novas formas de vínculo social, em que as interações sociais passam a ser estabelecidas por relações sócio-técnicas (Fausto Neto, 2006). Bolin (2014, p.189) explica com mais clareza o que isso quer dizer.

> Primeiro, nos comunicamos *dentro* de um ambiente cada vez mais rico de mídia, onde temos acesso a tecnologias de mídia cada vez mais diferenciadas. Segundo, estas tecnologias de mídia permitem cada vez mais a interação homem-máquina, de modo que nos comunicamos mais frequentemente *com* a tecnologia, por exemplo com a "assistente inteligente" Siri da Apple, que "entende o que você diz, sabe o que você quer dizer, e tem as respostas de você precisa". Em terceiro lugar, naturalmente nos comunicamos *através* de tecnologias, como e-mails, SMS e salas de bate-papo, telefones celulares, etc.

A combinação dessas três dimensões leva o autor a pensar numa perspectiva da "mídia como mundo" (Bolin, 2014, p.186). Deuze (2011, p.137) preferiu o termo "vida de mídia" para expressar o quanto a mídia penetrou todos os aspectos da vida contemporânea e o quanto ela sustenta e abrange nossas experiências cotidianas. Essa onipresença provoca um espécie de invisibilidade da mídia, clarificada pelo autor como o desaparecimento da nossa consciência pela sua intensa utilização. "A novidade da condição humana contemporânea talvez possa ser melhor compreendida em um sentido abstrato como uma experiência sócio-técnica da realidade. [...] Uma realidade que poderia ser cortada, colada, editada, remixada e encaminhada" (Deuze, 2011, p.138).

A partir das concepções de Sonia Livingstone sobre como devem ser os estudos de mídia no Século XXI e levando em consideração nossas práticas comunicacionais amplamente mediadas[11], Deuze (2011, p.140) reforça a ideia de invisibilidade pela onipresença da mídia ao afirmar: "no momento em que a mídia se torna invisível, nosso senso de identidade, e de fato nossa experiência da própria realidade, torna-se irreversivelmente modificada, porque mediada".

Em uma linha de raciocínio próxima da elaborada por Couldry e Hepp (2018), Schulz (2004) identifica processos de mudança que caracterizam aspectos diferentes da mediatização. No primeiro, a mídia amplia a capacidade comunicativa humana. No segundo processo, a mídia substitui determinadas atividades e instituições sociais. Já no terceiro, a mídia adquire a qualidade de aglutinação, ou seja, as condições para se unir às atividades não-mídia da vida social. No quarto e último processo, os agentes sociais se acomodam às lógicas da mídia. Mas, para compreender como esses processos se desenvolvem, Schulz (2004, p.89-93) acredita ser importante analisar as funções desempenhadas pelos meios de comunicação e identifica três delas: a função de relé, a função semiótica e a econômica.

Na função de relé, a mídia é mediadora, responsável pela transferência de mensagens através da distância espaço-temporal. A função semiótica, transversal a todos os meios de comunicação, diz respeito à preparação ou à formatação da mensagem para que ela possa ser processada e decodificada. É o caso das notícias, formatadas de acordo com as características de cada meio e segundo as rotinas de produção dos jornalistas. Finalmente, a função econômica tem a ver com a escala de produção padronizada e a diminuição dos custos. O modelo de notícia implementado no período de modernização da imprensa constitui um exemplo da função econômica dos meios, pois a partir da segunda metade do Século XIX, repórteres e redatores conseguiram padronizar a produção textual por meio do emprego de técnicas específicas, ampliando, assim, a capacidade produtiva dos jornais, reduzindo seus custos (Schudson, 2010).

Diante disso, o autor ressalva que as funções da mídia podem ser mais claramente observáveis nos meios de comunicação de massa, razão pela qual questiona se o conceito de mediatização é apropriado para o estudo das novas mídias. Depois de analisar hipóteses diversas, Schulz (2004) conclui que sim, desde que seja feita a referência aos desempenhos e funções básicas dos meios de comunicação. Esse cuidado torna o conceito "aplicável a todos os tipos de mídia, antiga e nova", pois pressupõe uma continuidade da evolução dos sistemas mediáticos e, por isso mesmo, torna o

[11] A mediação aqui assume o caráter material dos artefatos integrados à comunicação contemporânea, tal como a caneta, a televisão, o computador, a internet, os telefones móveis, etc.

conceito adequado para a análise de diferentes estágios do desenvolvimento das mídias.

Com base nas discussões levantadas até aqui pelos teóricos, ficamos com a impressão de que, mesmo quando recorrem à palavra "influência", não o fazem no sentido de dominação, mas de fusão ou entrecruzamento de mídias e práticas culturais e sociais. Talvez por isso, o uso do termo "articulação", proposto por Martino (2019, p.21), consiga captar com mais potência o conceito de mediatização. Essa formulação nos oferece as melhores condições para descrever e analisar fenômenos comunicacionais de entrelaçamentos entre homem, tecnologia e mídia, pois ao mesmo tempo que encerra movimentos relacionados e de interconexão, preserva as características de cada um desses atores, juntamente com a noção de autonomia. Significa dizer que uma parte interfere na outra, mas sem haver sobreposição. A ideia de articulação, portanto, parece conciliar a dicotomia entre o determinismo técnológico e o determinismo social, sem estabelecer que os padrões tecnológicos condicionam a mudança social, mas também sem supervalorizar as análises nas quais a tecnologia é entendida como pura consequência da escolha das pessoas (Latrônico & Mattedi, 2019, p.7).

Este é um aspecto bastante relevante da teoria da mediatização que pretendemos explorar melhor na próxima seção deste capítulo, ao abordar as relações entre tecnologia e participação dos indivíduos na produção e distribuição de informações de interesse jornalístico. No fundo, essas novas práticas assentes nos conceitos de jornalismo cidadão ou jornalismo participativo dizem respeito ao grau de autonomia de que as mídias digitais dotaram os sujeitos sociais. Isso altera as relações que as pessoas mantêm com essas mídias, propiciando o aparecimento de diferentes dinâmicas comunicacionais baseadas na interação. Semelhantemente, essa conjuntura acaba por moldar diversas rotinas produtivas, inclusive a dos jornalistas. As articulações contemporâneas entre mídia, cultura e sociedade nos permitirão compreender com mais profundidade não somente o objeto empírico ilustrativo deste trabalho, o aplicativo OTT, mas também as tensões que suscita junto à comunidade jornalística profissional.

1.3 Autonomia e participação na comunicação digital

Até agora, vimos que a evolução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) acelerou diferentes transformações em setores sociais distintos. A velocidade com que a internet penetrou as atividades cotidianas permitiu o surgimento de processos comunicativos mais autônomos, ampliando o fluxo de informações por múltiplos canais, de maneira descentralizada dos meios de comunicação de massa. Diante de

fenômenos tão diversificados, a teoria da mediatização procura abranger as imbricações entre as TIC e as práticas sociais de comunicação nas sociedades contemporâneas, buscando compreendê-las quantitativamente, a partir do aumento do uso das mídias pelas pessoas, e qualitativamente, tendo em conta as mudanças e transformações acarretadas pelo uso generalizado.

Nesse contexto tecnológico que caracteriza a sociedade em rede, Castells (2007, p.239) defende que o desenvolvimento de redes de comunicação interativas levou à descentralização dos mecanismos de comunicação e, consequentemente, fez emergir processos de autocomunicação de massa nos quais os atores e movimentos políticos e sociais conseguem intervir de modo mais decisivo nos espaços de comunicação através de redes horizontais. O autor identifica, portanto, o aparecimento de novas relações de poder capazes de resistir e desafiar relações de poder institucionalizadas.

Em linhas gerais, Castells argumenta que as mídias de massa ainda operam como meios estratégicos para a manutenção de um certo controle das informações difundidas ao grande público pelo sistema político com a finalidade de diminuir a hostilidade e resistência dos cidadãos contra esse sistema. Sendo assim, os meios de comunicação não detêm o poder, mas constituem os ambientes nos quais o poder é decidido. Tendo em mente que as mídias de massa funcionam como espaços moldados por governos e iniciativas empresariais, o autor acredita que a emergência de ações políticas insurgentes só é possível com a criação de um sistema próprio de comunicação e a apropiação das novas formas de comunicar pelas pessoas. Nesse modelo, as trocas informativas deixam de ocorrer de forma unidirecional, de um para muitos, para tornar-se multimodal, de muitos para muitos, de maneira sincrônica ou assincrônica. Concluindo, "a difusão da internet, da comunicação móvel, da mídia digital e de uma variedade de ferramentas de software social impulsionaram o desenvolvimentos de redes horizontais de comunicação interativa que conectam o local e o global no tempo escolhido" (Castells, 2007, p.246).

Um pouco por todo o mundo, essa autonomia não somente no compartilhamento de arquivos e dados, mas também na reformatação e produção de conteúdos, originou um conjunto bastante vasto de ferramentas, desde os *weblogs*, *vlogs*, até páginas e *sites* de caráter noticioso, geridas e alimentadas com a participação ativa de cidadãos, associadas aos modelos de "jornalismo cidadão ou *open source journalism*" (Targino, 2009) e "jornalismo participativo" (Bowman & Willis, 2003).

Bowman e Willis (2003, p.9) definem o jornalismo participativo como "o ato de um cidadão ou grupo de cidadãos de desempenhar papel ativo no processo de coletar, reportar, analisar e disseminar informação", com a intenção de "fornecer informação independente, confiável, exata, variada e relevante que requer a democracia". Trata-se

de um fenômeno com "pouca ou nenhuma supervisão" como a que ocorre no fluxo de trabalho jornalístico profissional. Dessa maneira, cidadãos são convertidos em "repórteres ou comentaristas", sem a mediação de um jornalista profissional. Esse novo padrão está, segundo os autores, de acordo com as ideias de Kovach e Rosenstiel para quem, "pela primeira vez na nossa história, cada vez mais a notícia é produzida fora do jornalismo" (Kovach et al., 2004, p.13).

Na prática, o jornalismo participativo inverte a lógica do "filtrar primeiro, depois publicar", comum no jornalismo tradicional, pela lógica do "publicar primeiro, depois filtrar", criando um outro sistema de comunicação em que os próprios participantes filtram as informações na medida em que vão sendo divulgadas por meio da adição de novos textos e comentários. Dessa maneira, a "notícia" vai sendo construída através da conversação *online* entre os cidadãos, com base em valores como a colaboração e o igualitarismo. De acordo com Gillmor (2003, p.vi), a explosão dos *blogs*, especificamente, mas o jornalismo participativo, como um todo, dá sinais de uma "mudança na natureza do jornalismo", pois transfere poder para o público. Por sua vez, Bruns (2005) localiza o aparecimento do jornalismo participativo nos anos 2000, em um movimento situado fora da indústria jornalística convencional, fomentado, em primeiro lugar, pela multiplicação contínua dos canais disponíveis para a divulgação de notícias e, em segundo lugar, pelo surgimento da *World Wide Web* como mídia popular que potencializou a participação dos usuários na criação colaborativa de conteúdo.

Targino (2009, p.58) agrupa expressões como "jornalismo cidadão", "*open source journalism"* ou "jornalismo de fonte aberta", relacionado-as às categorias de "jornalismo participativo", "jornalismo cívico"[12], mas também "jornalismo 3.0" e até mesmo "*web* colaborativa", ressalvando, no entanto, que estas são denominações contestáveis, pois a comunicação efetivada por qualquer pessoas na internet não a transforma em jornalista, "tampouco seus textos em matérias jornalísticas".

Mesmo assim, a autora lista uma série de iniciativas, em diferentes países, associadas à participação cidadã na produção informativa em contexto digital, desde a enciclopédia eletrônica aberta *Wikipedia* até a criação de coletivos de mídia independentes, como o *Indymedia*, também denominado *Independent Media Center* (IMC), cuja ação é regida por três princípios básicos: democratização da informação, não-mercantilização da

[12] Abreu (2003, p.31) define o "civic journalism", também denominado "jornalismo público", a partir de uma perspectiva diferente que envolve o próprio papel do jornalismo tradicional em um movimento nascido nos Estados Unidos, que pretendeu dar voz aos cidadãos, confrontando suas opiniões com a dos políticos eleitos. Na década de 1970, "esse novo jornalismo pretendia impor uma agenda de opinião e se tornar intérprete dos cidadãos quanto à hierarquia dos problemas e à escolha das soluções pela comunidade".

informação e alternativa aos meios de comunicação convencionais (Targino, 2009, p.89).[13]

No Brasil, por exemplo, ações desta natureza ganharam maior visibilidade a partir de 2013, quando uma série de protestos populares se espraiaram por diversas capitais, com pautas que passavam pela redução do valor das tarifas de transportes públicos e pela insatisfação generalizada com a classe política. Tais reivindicações costumavam tomar formas violentas, com enfrentamentos entre policiais e manifestantes, atingindo, inclusive, jornalistas durante as coberturas (Grupillo, 2018). Com a transmissão ao vivo dos protestos pelas redes sociais digitais, alguns coletivos de mídia atraíram audiência significativa, chamando a atenção da sociedade.

De lá para cá, pesquisadores da comunicação têm dedicado especial atenção aos coletivos de mídia independentes, buscando entendê-los como iniciativas de liberdade de expressão dos cidadãos, mas também como expressão de movimentos sociais e até mesmo como a abertura de um novo campo de atuação para o jornalismo. Embora estejam atreladas às noções de midiativismo, diferente do jornalismo participativo, iniciativas como *Jornalistas Livres* e a *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) são fomentadas pelo espírito de colaboração e utilizam amplamente a internet, os dispositivos móveis e as redes sociais digitais para extravasar conteúdo multimídia de manifestações, protestos e ações policiais, entre outras, dando visibilidade aos temas que muitas vezes não são do interesse da mídia tradicional (Rosas, 2014).

A disponibilização quase que ininterrupta de textos, sons e imagens evidencia a capacidade coletiva das pessoas contarem suas próprias histórias, amplificadas através das redes sociais digitais como *Facebook*, *Twitter*[14], *Instagram* e *YouTube*. As tecnologias digitais estão na gênese desses movimentos, que utilizam linguagem criativa e técnicas que remetem ao jornalismo, à publicidade e ao cinema, para travar "uma verdadeira batalha discursiva por meio das redes sociais digitais para tensionar o discurso oriundo dos meios de comunicação tradicionais" (Ramalho, Maia & Gradim, 2021, p.9). Segundo Vieira (2013), os coletivos independentes não chegam a representar uma ameaça ao poder dos conglomerados de mídia, sua principal função é reverberar pontos de vista e discursos de natureza contra-hegemônica.

A participação de jornalistas e não-jornalistas nesses movimentos não é incomum, mas a atuação de maneira conjunta na produção de informações tensiona valores deontológicos, ocasionando disputas morais. Pela ótica dos profissionais, a atitude dos jornalistas tende a ser menos apaixonada e mais guiada pela racionalidade, além das

[13] Cf. também Bruns, 2005, p.81-113.

[14] Em julho de 2023, o Twitter passou a se chamar X.< https://oglobo.globo.com/tudo-sobre/empresa/twitter/>. Acesso em novembro, 06, 2023.

normas e valores éticos da profissão. Isto está diretamente ligado, por exemplo, à checagem e verificação de informações junto às fontes oficiais. Por outro lado, pela ótica dos não-jornalistas, esse tipo de preocupação com procedimentos e normas técnicas torna os jornalistas engessados em suas práticas, havendo, assim, um esforço dos não-jornalistas para manter o distanciamento das práticas realizadas nas redações (Paul & Christofoletti, 2021).

As discussões sobre os efeitos democratizantes das TIC podem adquirir muitas nuances. Particularmente no que se refere à participação dos cidadãos na produção aberta de conteúdo de interesse jornalístico, Moretzsohn (2014, p.250) se posiciona como voz dissonante ao enfatizar que em vez de qualquer um se tornar repórter, como preconiza o jornalismo participativo, é preciso considerar que as facilidades tecnológicas tornam a "todos" fontes em potencial, pois a multiplicidade de atores e ferramentas de distribuição de informação exige um rigor ainda maior dos jornalistas profissionais no critério de seleção das informações.

No fundo, a autora confronta o entusiasmo de uma "tecnologia redentora" com as desigualdades de acesso à internet no mundo, desmobiliza a crença generalizada na credibilidade dos mecanismos de colaboração voluntária na produção informativa, "ninguém em seu perfeito juízo decidiria o melhor tratamento médico baseado num referendo de bairro", critica o modelo de filtro contínuo do jornalismo participativo, mas aceita a sua viabilidade apenas em condições específicas, "que supõem um equilíbrio na qualificação de quem participa" e um alcance limitado (Moretzsohn, 2014, p.249-253)[15]. Nesse sentido, defende:

> O jornalista é aquele profissional autorizado a estar onde o público não pode estar, e por isso tem direito ao acesso a fontes através das quais pode apurar as informações necessárias à sociedade. Este é nada menos que o status conferido pelo velho conceito de "quarto poder", que, apesar de ser problemático – pois mascara a defesa de interesses particularistas em nome do interesse geral -, é o que garante ao jornalista o reconhecimento social de seu papel de mediador. (Moretzsohn, 2014 , p.254)

No contexto da comunicação em redes horizontais, há, contudo, algo a ser reavaliado nesse pensamento. Não é que o jornalista não tenha a prerrogativa de estar onde o público não pode estar, como faz supor a autoridade profissional. O caso agora é que as TIC invertem esta perspectiva ao permitirem ao conjunto geral das pessoas estarem onde os jornalistas não conseguem mais estar, seja por causa das limitações econômicas e estruturais das redações tradicionais, seja porque já não conseguem adentrar em determinados territórios conflagrados, como é o caso do Brasil e como pretente mostrar este estudo, em particular. Por isso, esta nova realidade produz

[15] Grifo da autora.

tensões e questionamentos sobre a autoridade dos jornalistas, algo que procuraremos discutir ao londo desta tese.

De todo modo, Moretzsohn (2014, p.258) aproxima o projeto coreano *OhmyNews*, apontado como jornalismo participativo (Bowman & Willis, 2003), de uma "jogada de marketing", correlacionando a agilidade proporcionada pelas novas tecnologias a uma espécie de exploração da participação cidadã em troca do "status de repórter, ainda que não profissional". A base do raciocício da autora está no fato de que, sendo um projeto empresarial, o *OhmyNews* conta com 35 profissionais para avaliar o conteúdo produzido pelos cidadãos e, por isso mesmo, detém o controle dos processos de edição do material enviado. Com esse argumento, portanto, mantém entre os jornalistas a autoridade de decidir quais notícias serão divulgadas no *site* e como elas deverão ser publicadas.

Nas regras de participação do projeto, contudo, Bowman e Willis (2003, p.44-45) intentam mostrar as diferenças entre a participação e o papel do editor nos meios de comunicação tradicionais e no jornalismo participativo. Enquanto nos meios massivos os editores atuam como intermediários entre as notícias e os cidadãos, permitindo apenas uma participação controlada através de meios restritos, autenticando a informação para depois a emitirem para uma audiência massiva, sem manter nenhuma discussão com os cidadãos, no jornalismo participativo a estrutura é menos hierarquizada. O fluxo de informação e a participação são regulados por regras criadas em conjunto pelos membros registrados em cada grupo de discussão e vigiadas por moderadores com poder para remover participantes com comportamento inapropriado. Assim, "enquanto a comunidade cresce e evolui, os membros reagem às regras do anfitrião ao ponto em que o sistema chega a ser co-possuído e operado" [tradução nossa][16].

Como pudemos perceber, a participação dos cidadãos nos meios de comunicação tradicionais e nos modelos de comunicação digital em rede apresenta características diferentes, com dinâmicas que mudam constantemente, mas que procuram preservar o fluxo horizontal de construção e distribuição de informações. Dessa maneira, Träsel (2007, p.185) também refuta o argumento de Moretzsohn apontando que o fato dos cidadãos colaboradores não consegirem atingir a competência dos jornalistas profissionais no relato dos acontecimentos e não estarem obrigados por um código de ética, não significa que "não tenham competência alguma ou sejam totalmente desprovidos de compromissos éticos".

[16] A tradução dos trechos citados a partir de línguas que não o português são de responsabilidade da autora desta tese.

Mesmo em lugares onde o alcance da internet permanece relativamente baixo, como na Índia, por exemplo, nota-se o crescimento das práticas colaborativas na produção de notícias *online*. A pesquisa de Paul Subin (2018, p.531), realizada com 134 participantes de nove *sites* de jornalismo participativo, revela o alto nível de educação dos respondentes - parte informou ter doutorado (7,46%) e praticamente a totalidade afirmou possuir mestrado (43,28%) e licenciatura ou bacharelado (45,52%) -, além da principal motivação dos entrevistados para a participação: contribuir com informações relevantes, especialmente em temas e assuntos que atraem pouca atenção da mídia tradicional.

Por mais que haja expectativas positivas nos projetos de jornalismo participativo e engajamento dos cidadãos nos processos de rejuvenescimento tanto do jornalismo quanto das democracias, não podemos ignorar reviravoltas observadas ao longo dos últimos anos. A internet já demonstrou que pode ser um lugar hostil, plataformas[17] como *Facebook* e *YouTube*, entre outras, passaram a ser consideradas espaços tóxicos de participações negativas onde proliferam campanhas e mensagens extremistas, comentários de ódio, *fakenews* e desinformação.

Em muitos países, essas plataformas se tornaram o principal ambiente para a distribuição, o consumo e o compartilhamento de notícias[18], sedimentando um terreno para insultos e ameaças contra jornalistas, ativistas, minorias étnicas, religiosas e de gênero, preocupando sociedades e governos. Uma "participação obscura" que parece crescer de modo paralelo às ondas de populismo nas democracias ocidentais, que arregimenta indivíduos e grupos organizados através de ações estratégicas e planejadas, geralmente motivadas por objetivos ideológicos, políticos e religiosos e que encontram amplas audiências nas redes sociais para ferir e fazer sofrer outras pessoas (Quandt, 2018, p.40).

Esse tipo de participação, provavelmente não prevista nas décadas de 1990 e 2000, quando as pesquisas sobre o envolvimento dos cidadãos nas notícias ganharam maior destaque e projeção, contrasta com as promessas democráticas, de autonomia e equilíbrio de poderes encontradas em diversos teóricos. Cada vez mais, a internet tem sido privatizada e controlada pelas plataformas, enquanto estas se apresentam como mediadoras ou meras intermediárias, permitindo uma circulação mais aberta e sem interferência de serviços e informações (d'Andréa, 2020; Figaro & Silva, 2020). Por

[17] As plataformas são compreendidas como grandes empresas de tecnologia digital que operam em rede, por meio de lógicas algorítimicas que se apropriam da interatividade e da conexão a fim de potencializar estratégias comerciais pelo uso irrestrito de dados de seus usuários (d'Andréa, 2020). Ao longo dos últimos 10 anos, empresas como Google, Amazon, Apple, Facebook e Microsoft passaram a fazer parte do grupo das cinco principais plataformas cujos mecanismos de controle e lucratividade definem fluxos informacionais ao mesmo tempo em que desenvolvem sistemas exploratórios de produção por meio do trabalho precarizado de milhões de pessoas, incluindo jornalistas (Figaro & Silva, 2020).

[18] Cf. Digital News Report 2023. Recuperado de https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023.

isso, Quandt (2018) ressalta a importância de pesquisas empíricas que possam oferecer referências mais claras e concretas da participação cidadã nos fenômenos e processos comunicacionais. Os estudos contemporâneos também devem levar em consideração a estruturação e o controle dos conglomerados tecnológicos sobre o fluxo e a distribuição do conteúdo produzido voluntariamente pelos cidadãos, pois eles reúnem uma quantidade inesgotável de dados que são comercializados e monetizados em troca de serviços de gestão de conexões e mediação entre usuários e fornecedores (Figaro & Silva, 2020).

Essas configurações desafiam o entendimento de uma participação totalmente livre e horizontal das pessoas na produção e distribuição de informações. Elas precisam estar no radar dos pesquisadores para evitar análises ingênuas e utópicas dos processos participativos, mesmo aqueles que apresentam motivações nobres e preocupações voltadas para o bem comum, como o identificado por Subin (2018), na Índia. Lá também há discrepâncias na participação, mais comum entre os homens de casta superior, de classe alta e residentes de áreas urbanas. Somente investigações empíricas podem mostrar avanços e problemas específicos nesta área.

De qualquer maneira, casos como o da Índia, além de outros sobre os quais discutiremos neste capítulo, nos inclinam a concordar com Cádima (2010, p.13) sobre como as tecnologias e sistemas colaborativos ditarão as novas experiências de comunicação da sociedade em rede no século XXI. Tais experiências "facilmente virão ao nosso encontro", deslocando a importância do modelo comunicativo "do passado para um modelo inteligente e virtual" na contemporaneidade.

1.3.1 Participação, proximidade e construção de confiança

A palavra participação tornou-se usual, aparecendo em variadas situações relacionadas à produção de conteúdo, como captação de imagens, escrita e edição de textos para *sites* de jornalismo cidadão, mas também à utilização do material elaborado por cidadãos nos noticiários dos meios jornalísticos tradicionais, ou ainda como sinônimo de acesso às plataformas digitais (Ahva & Wiard, 2018). Afinal, o que significa participação? Como ela efetivamente pode ser identificada na comunicação digital? Podemos chamar a utilização de conteúdos produzidos por cidadãos pelo jornalismo tradicional de participação?

Embora não seja nosso objetivo aprofundar o conceito de participação, entendê-lo pode ser útil para respondermos as questões fundamentais deste trabalho e compreendermos o desenvolvimento do que acreditamos ser um novo sistema informativo nas sociedades contemporâneas mediatizadas, no qual cidadãos

autônomos, interconectados em redes horizontais pela internet, são capazes de criar mecanismos autorregulados de comunicação, trabalhando colaborativamente, sem necessitarem da mediação dos jornalistas para serem considerados credíveis.

Carpentier (2012) fundamenta a participação na teoria democrática e na inclusão das pessoas nos processos de tomada de decisão que podem acontecer em menor grau, quando, por exemplo, a participação está associada ao direito dos cidadãos elegerem seus representantes ou serem eleitos, mantendo a centralização na tomada de decisões, ou em maior grau quando os cidadãos desempenham um papel mais substancial do que a simples eleição de seus representantes e as relações de poder são mais equilibradas. Em diferentes modelos democráticos, então, a participação pode ser distinta, assumindo formas minimalistas ou maximalistas.

O autor argumenta, contudo, que, nas sociedades contemporâneas, o sentido de participação ultrapassa os domínios da teoria democrática, uma vez que atores diversos passaram a integrar as práticas políticas, ampliando, assim, o escopo da política para as esferas da representação, o que engloba a cultura e a mídia. Nesse sentido, para Carpentier (2012, p.170),

> Organizações como editoras e emissoras – para mencionar apenas algumas – agem como mecanismos discursivos, mas ao mesmo tempo são ambientes organizacionais com políticas, economias e culturas específicas, onde, por exemplo, a política do especialista ou do profissional cria relações de poder que impactam na própria organização, mas também no mundo externo. [tradução nossa]

Tendo isso em mente, o autor amplia os fundamentos teóricos da participação e aponta o poder como seu elemento-chave. Isso porque na participação estão envolvidas disputas de poder entre atores específicos situados em processos e localidades específicas, a transformando em algo diferente de acesso e interação. Essa distinção permite questionar se realmente o conceito de participação, mais atrelado à equidade na tomada de decisões, é o mais apropriado para interpretar a relação dos cidadãos com a mídia tradicional, já que a última ainda controla os processos comunicativos, obscurecendo as relações de poder.

Sendo assim, nos processos de produção de conteúdo, Carpentier (2012, p.173-174) considera haver três níveis da participação. O primeiro deles é o acesso, considerado como a presença das pessoas no interior das estruturas organizacionais de mídia, seja fisicamente, seja por meio de máquinas e tecnologias, com a finalidade de gerar oportunidades para que sejam ouvidas. O segundo é a interação, que consiste na articulação de relações socio-comunicativas dentro da esfera midiática possibilitando a coprodução de conteúdos em grupo ou comunidade. A principal diferença entre o acesso, a interação e a participação propriamente dita é que nesta última as relações de poder estão mais igualadas, ou seja, os cidadãos não são somente interlocutores e

coprodutores, mas sim codecisores do conteúdo, juntamente com as organizações midiáticas. Dito de outro modo, no nível do acesso, as pessoas até podem ser ouvidas, mas não possuem qualquer poder para decidir o que e como será produzido; no nível da interação, as pessoas possuem um poder restrito, pois a decisão final do que será produzido e distribuído ainda será das organizações de mídia; finalmente, na participação, a decisão sobre o conteúdo é tomada em conjunto.

Ahva e Wiard (2018, p.67) procuraram estudar o modo como as organizações jornalísticas orientam a participação dos cidadãos e se o jornalismo local está mais propenso à participação. Tomando como referência os conceitos propostos por Carpentier, entendem que o acesso revela o quão abertas estão as portas do jornalismo ou o quão receptiva está uma comunidade jornalística para permitir a entrada das pessoas nos processos de produção de conteúdo. Mas ao contrário da interação, enxergam o dilálogo como um segundo nível possível de participação, um método que inclui a ampla consulta aos cidadãos antes e depois da publicação dos conteúdos. Nesse aspecto, o diálogo apresenta benefícios mútuos e pode contribuir para aumentar a confiança entre cidadãos e jornalistas. Por último, a deliberação é apontada pelos autores como o mais alto nível de participação, capaz de encontrar soluções para problemas coletivos através da tomada conjunta de decisão.

Os estudiosos escolheram, então, um projeto *online* de jornalismo cidadão de Bruxelas e uma publicação impressa profissional da Suécia, ambos desenvolvidos em âmbito local, com o objetivo de compreender quais níveis de participação eram adotados, além das suas potencialidades e limites. Por meio da observação participante e entrevistas constataram que, no projeto belga, os processos de produção das notícias eram facilitados ao máximo, os cidadãos operavam o sistema de gerenciamento de conteúdo quase sempre sem o auxílio de intermediários e podiam se reunir para fazerem a edição dos artigos em grupo. Essa dinâmica tendia a despertar um interesse maior das pessoas pelas questões comunitárias e públicas. Todo esse processo fomentava não apenas o diálogo, originando "peças e coberturas originais", mas demonstrava a capacidade dos cidadãos de influenciarem os objetivos do projeto, "abrindo caminho para impactar o que é visto como notícia" (Ahva & Wiard, 2018, p.71-72 [tradução nossa]).

Por outro lado, no jornal impresso tradicional sueco, o acesso dos cidadãos era mais simbólico, ocorrendo algumas vezes por meio de convites para estarem em painéis de leitores, escreverem cartas ou postarem comentários, e também com utilização de personagens locais nas matérias. Os jornalistas profissionais, portanto, atuavam como "força de gatekeeper", restringindo a participação das pessoas na decisão do conteúdo e formato das notícias, embora mantivessem com elas várias estratégias de diálogo. Como era de se esperar, os pesquisadores concluíram que o jornal era menos

deliberativo e, por isso mesmo, produzia "coberturas e notícias mais tradicionais" voltadas para o mercado local (Ahva & Wiard, 2018, p.71-72 [tradução nossa]).

Durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, Wenzel e Crittenden (2021) investigaram como a participação dos cidadãos foi importante para que veículos de comunicação locais estabelecessem relações de confiança com os moradores e pudessem suprir as suas necessidades específicas de informação sobre o vírus, lugares de testagem, centros de doação de alimentos, benefícios sociais como o seguro desemprego etc., principalmente em zonas e bairros hispânicos e latinos na Filadélfia, nos Estados Unidos, negligenciadas pelas organizações noticiosas de caráter nacional.

A proximidade entre os jornalistas e os habitantes possibilitou o estreitamento de vínculos entre eles, resultando na inclusão dessas áreas no mapa informativo sobre a pandemia, inclusive com a tradução de artigos para o espanhol. Por isso, para os autores, os projetos analisados introduziram importantes desafios às normas dominantes no jornalismo tradicional, entre elas a da objetividade, "que historicamente tem mantido atores comunitários à distância", pois o envolvimento de não-jornalistas na podução e circulação de informações sobre a Covid-19 estimulou os jornalistas a olharem com menos desconfiança para a participação dos cidadãos, ampliando o envolvimento deles no processo de elaboração das notícias (Wenzel & Crittenden, 2021, p.14). O estudo apontou, assim, para a necessidade de as organizações jornalísticas criarem redações mais inclusivas.

Proposta semelhante foi posta em prática em um projeto de reportagem colaborativa envolvendo aldeias situadas ao longo do Rio St. Louis, também nos EUA. A iniciativa convidou jornalistas, cientistas, artistas locais, dramaturgos, ativistas, moradores, organizações comunitárias, blogueiros, entre outros agentes, a participarem. No total, foram produzidas mais de 50 histórias, que originaram mais de mil postagens nas mídias sociais. Enquanto os jornalistas dos meios públicos e os cidadãos abraçaram o projeto e exploraram novas maneiras de produzir as reportagens, os jornalistas dos meios tradicionais evitaram sair de suas rotinas, apresentando notícias sem inovações (Moore & Hatcher, 2019). Esse tipo de resistência reforça a ideia de Gillmor (2003, p.vi) para quem "o jornalismo participativo pode ser uma experiência saudável ainda que perturbadora para aqueles que vêem mudar o seu papel" [tradução nossa].

De modo geral, nas últimas décadas, os meios jornalísticos tradicionais locais têm enfrentado enormes desafios para permanecerem em funcionamento. A migração de leitores para os meios digitais, a redução do número de jornalistas nas redações, a precarização da mão-de-obra profissional e o aumento da dependência econômica dos poderes políticos locais e regionais podem ser apontados como alguns deles. Na Europa, projetos de jornalismo participativo têm alcançado algum êxito, diversificando

formas de financiamento e produzindo reportagens aprofundadas em menor tempo com o trabalho conjunto de acadêmicos, cientistas de dados e habitantes locais, entre outros participantes.

Jenkins e Graves (2019) se concentraram na análise de três projetos dessa natureza na Finlândia, Itália e Reino Unido. Realizaram 31 entrevistas com jornalistas e não-jornalistas envolvidos em níveis diferentes de participação na produção e distribuição de notícias, e conseguiram perceber quais os principais benefícios e obstáculos do jornalismo participativo em contexto local. Entre os benefícios, indicam a maximização dos recursos tecnológicos e humanos, que permite fazer investigações mais profundas, com análise de dados mais consistente, ampliar as coberturas e diversificar fontes, sem falar no compartilhamento de conhecimentos e experiências. Os próprios jornalistas reconheceram suas limitações e a importância da participação de outras pessoas com várias habilidades para a produção de matérias de melhor qualidade.

Em contrapartida, entre os desafios observados, a desconfiança dos jornalistas no envolvimento de agentes externos ao jornalismo e no próprio processo de compartilhamento de informações fica em evidência. Isso significa que aspectos positivos da participação, como a diversificação de vozes e ideias e a tomada conjunta de decisões, acabam por serem consideradas questões conflituosas e difíceis de lidar na óticas dos jornalistas profissionais. Fazer as reportagens de maneira experimental e encontrar modelos sustentáveis de financiamento também estão entre as preocupações dos envolvidos.

Em todos esses experimentos, os termos “participação”, “participativo”, “colaboração” e “colaborativo” se repetem, tornando difícil uma definição absoluta da atuação dos cidadãos nos processos de elaboração e difusão de informações (Silva, 2013). Quando aplicado ao jornalismo realizado nos meios digitais, o “participativo” está relacionado com a elaboração, pelos leitores, de comentários que se somam aos artigos, podendo formar um conjunto novo. Já o “colaborativo” tem a ver com a entrada de uma ou mais pessoas no processo de elaboração da notícia, e que assim contribuem para o resultado final do que será publicado. “Pode ser um texto escrito por duas ou mais pessoas ou ainda uma página que traga vídeos, sons e imagens de vários autores” (Foschini & Taddei, 2010, p.19). De forma geral, nos ambientes digitais colaborativos, as pessoas acrescentam conjuntamente dados às notícias, trocam impressões e opiniões, dando consistência ao material publicado.

Ao refletir sobre o modelo conhecido como jornalismo participativo, Belochio (2010) ressalta que a colaboração é uma característica inerente ao mesmo. Explica que o termo “participação” é limitado para designar a prática, complexificada pelas trocas entre jornalistas e amadores. A parceria entre esses agentes nas redes digitais dá vida aos

chamados “sistemas colaborativos”, marcados pela interação e possibilidade de trocas. Por isso, quando Träsel (2007, p. 186) coloca que o jornalismo participativo é complementar ao jornalismo tradicional, podendo adicionar diferentes perspectivas a determinado material jornalístico, Belochio (2010, p.57) acredita que o autor está se referindo à colaboração, entendida como “ações coletivas que envolvem intervenções”. Nesse sentido, nos sistemas colaborativos, “cada pessoa que contribui o faz para a alteridade, num sistema coletivo alimentado por organizações midiáticas e cidadãos”. E complementa: “Nesta esfera existem os participantes, que podem apenas circular pelos meios sem intervir diretamente, e os colaboradores, que contribuem no circuito informativo” (Belochio, 2010, p.57).

A origem etimológica da palavra colaborar está no latim *collaboro*, *collaborare* e significa *trabalhar com uma ou com várias pessoas numa atividade*; *cooperar*.[19] Se a cooperação implica trabalho em comum, então, no jornalismo, tal prática pode ser definida como colaborativa. Mas, a partir da proposta de Belochio (2010), acreditamos que, para além do jornalismo, a diferenciação entre os termos “participativo” e “colaborativo”, quando aplicados ao estudo de um objeto, modelo ou iniciativa comunicativa vai depender da análise detalhada das ações e interações que acontecem nos mesmos.

De todo modo, se, de um lado, projetos de jornalismo participativo ainda encontram alguma falta de confiança dos jornalistas, de outro lado, os cidadãos, com apoio das TIC, têm desenvolvido e aperfeiçoado modelos comunicativos descentralizados e confiáveis, sem a intervenção direta ou influência de jornalistas. No interior desses novos sistemas, as pessoas tendem a privilegiar informações locais e hiperlocais, como veremos no capítulo 3 desta tese, engendrando mecanismos de distribuição que deslocam a importância dos meios tradicionais para a comunicação multidurecional em rede, principal característica do que Castells (2007) chamou de autocomunicação de massa.

Tais sistemas exigem uma maior discussão sobre credibilidade nos ambientes digitais. Antes de chegarmos lá, porém, abordaremos um pouco das adaptações provocadas pela cultural digital participativa nas rotinas jornalísticas. Elas estão diretamente relacionadas ao estímulo à participação da audiência, como discutiremos a seguir.

[19] Dicionário Online de Português. Disponível em https://www.dicio.com.br/aurelio-2/.

1.4 Novas tecnologias e renovação das práticas jornalísticas

> O WhatsApp aqui a sua disposição, direto. Olha, você pode mandar imagens o dia inteiro, não é só quando o programa está no ar, não. Você pode mandar o dia inteiro, 24 horas tem gente na redação pra te atender (apresentador *RecordTV*, 18 de novembro de 2020, diário de campo).

> Essa é uma reportagem que a gente mostra porque uma pessoa mandou as imagens pra gente. A galera pode mandar #BDRJ e tem o zap também que é o (21) 994-24-25-23. [...] A gente tá com o computador aberto, recebendo todas as mensagens ao longo do Bom Dia Rio. Manda que a gente mostra (apresentadores *TV Globo*, 20 de setembro de 2020, diário de campo).

No jornalismo, de maneira específica, as tecnologias de informação e comunicação alteram o sentido de participação dos indivíduos, não obtante as práticas profissionais, fazendo emergir novos desafios, dilemas, conflitos e tensões. As duas epígrafes acima, recolhidas durante a exibição dos noticiários televisivos *Cidade Alerta Rio* (*RecordTV*) e *Bom Dia Rio* (*TV Globo*), mostram a maneira como os entrelaçamentos entre as novas tecnologias e as práticas sociais e profissionais reconfiguram as rotinas de produção no interior das redações e a própria estrutura das organizações jornalísticas.

Em primeiro lugar, o estímulo à integração da audiência indica a absoluta consciência dos jornalistas de que os dispositivos móveis de comunicação, os *softwares* e aplicativos de mensagens instantâneas e a conectividade permeiam o cotidiano das pessoas, facilitando o seu uso instantâneo para a captação e distribuição de textos, sons e imagens de eventos de interesse jornalístico. De certa forma, a resiliência dos jornalistas está no fato de saberem que não possuem a mesma disponibilidade de qualquer cidadão para estar presente nos locais e momentos de ocorrências de fatos noticiáveis. Daí fazerem questão de esclarecer que as pessoas contam com um canal de comunicação direto com as redações – "a gente tá com o computador aberto, recebendo todas as mensagens" – que funciona "o dia inteiro, 24 horas" e não apenas no período de transmissão dos telejornais.

Por outro lado, essa flexibilidade evidencia a dependência dos profissionais da imprensa dos cidadãos. As palavras dos apresentadores da *TV Globo* nos permitem inferir que muitas reportagens somente são produzidas porque as pessoas fazem o trabalho primordial de coleta e envio de material para as redações. "Essa é uma reportagem que a gente mostra porque uma pessoa mandou as imagens pra gente" significa dizer que se alguém não tivesse atuado na coprodução e enviado as tais imagens, o trabalho jornalístico não teria sido levado a cabo, ou teria, mas sem o mesmo conteúdo, peso e teor.

Em segundo lugar, as duas citações revelam a necessidade de uma reestruturação das salas de imprensa para manter a comunicação com as pessoas, receber e processar o conteúdo enviado por elas. Minimamente, isso exige o desenvolvimento de novas formas de divisão e distribuição do trabalho, o aperfeiçoamento de diferentes sistemas de checagem e a implementação de tecnologias que permitam os jornalistas filtrar as mensagens por temas, formatos, localização e conteúdo. A instantaneidade e a facilidade de uso de ferramentas como o *WhatsApp* tornaram essas mídias extremamente populares. Para termos uma noção do seu alcance no Brasil, entre os brasileiros que possuem telefones inteligentes, o aplicativo de propriedade da *Meta*[20] responde por 58% da comunicação diária[21], o que força os jornalistas a também adaptarem suas rotinas.

Angeluci, Scolari e Donato (2017) investigaram o impacto da utilização do *WhatsApp* em um jornal, uma rádio e uma emissora de TV brasileiras e identificaram que os três veículos reorganizaram suas tarefas diárias na tentativa de atender ao fluxo de mensagens dos usuários. Na rádio *CBN*, um profissional foi designado para monitorar o aplicativo, no jornal *Diário do Grande ABC*, o chefe de reportagem relatou que a ferramenta é fundamental para a elaboração de pautas, entrevistas e coberturas realizadas a distância, e na *TV Globo,* em São Paulo, o número do *WhatsApp* é divulgado através de uma arte gráfica, acompanhada do seguinte texto: "você também pode participar enviando sua notícia através do computador ou do seu smartphone" (Angeluci, Donato & Scolari, 2017, p. 209).

Embora os jornalistas possam posicionar a coprodução do público no âmbito discursivo da participação, a entrevista do chefe de reportagem da emissora, Cido Coelho, nos ajuda a perceber como os vídeos e relatos enviados pelos usuários através do *WhatsApp* são essenciais para dar agilidade ao trabalho dos repórteres e editores, possibilitando a elaboração de matérias, mesmo antes da saída das equipes da redação. O trabalho jornalístico pode ser feito porque o público chega primeiro e consegue realizar a tarefa de captação informativa e imagética, apesar de não exercer qualquer poder decisório nos processos posteriores de seleção, tratamento ou narração dos fatos.

> Na madrugada do dia 12 de junho de 2015, quando um incêndio atingiu a fábrica da Bridgestone-Firestone, em Santo André, no ABC Paulista. (...) No mesmo momento em que a equipe de reportagem confirmou a informação do incêndio no local, a redação já

[20] Em outubro de 2021, o nome *Facebook* Inc. foi substituído pela marca *Meta*, responsável pelas redes sociais e também pelo aplicativo *WhatsApp*. A mudança ocorreu em meio a uma sucessão de denúncias de vazamento e uso abusivo de dados dos usuários, em especial pela empresa Cambridge Analytica, em 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/28/facebook-novo-nome-meta.ghtml>. Acesso em 14 de mar de 2022.

[21] O aplicativo *WhatsApp* possui 2 bilhões de usuários em 180 países. Disponível em < https://www.whatsapp.com/about/>. Acesso em 14 de mar de 2022.

> tinha imagens de vários usuários do aplicativo que estavam nas redondezas da fábrica de pneus. (Angeluci, Scolari & Donato, 2017, p.210)

Fort e Branco (2021, p.3) denominaram esse tipo de produção de "jornalismo de WhatsApp" e descobriram que a ferramenta transformou o modo de os jornalistas construírem notícias e chegarem ao público. A mudança é de tal ordem que durante a interrupção do serviço por oito horas, no dia 04 de outubro de 2021[22], os profissionais de imprensa precisaram recorrer a outros arranjos e redes sociais para realizar entrevistas, obter dados e gerar notícias que explicassem o que estava acontecendo.

Diante destas novas configurações, também as assessorias de imprensa de órgãos públicos, empresas, entidades, forças de segurança, corpos de bombeiros e departamentos de trânsito criaram grupos específicos no *WhatsApp*, a fim de aproximar as fontes institucionais e oficiais dos jornalistas. No caso particular das polícias, de acordo com o interesse da imprensa, as assessorias orientam os agentes na produção de áudios, fotos e vídeos que serão instantaneamente disponibilizados aos integrantes dos grupos. A dinâmica acaba favorecendo os repórteres mais jovens, inexperientes e com menos fontes qualificadas, pois uniformiza a informação e o conteúdo que será transformado em notícias (Cavalcanti, 2016, p.66).

Mesmo em coberturas voltadas para a política e a economia, o aplicativo de mensagens se tornou imprescindível para a apuração, produção e compartilhamento de conteúdos entre os jornalistas. Ao acompanhar um dia de trabalho de repórteres de rádios *all news* em Brasília, Schuch e Jorge (2022) perceberam que os profissionais estão incluídos em dezenas de grupos e listas de transmissão. Se, de um lado, isso lhes permite acelerar a elaboração das notícias, de outro lado, aumenta as responsabilidades, a carga de trabalho e a preocupação com a homogeneização das matérias, já que todos têm acesso praticamente aos mesmos áudios, fotografias e documentos. Assim, a mediação tecnológica é apontada, ao mesmo tempo, como solução e problema pelos repórteres, que acabam perdendo o contato presencial com os entrevistados e veem diminuídas as suas chances de questionar incoerências nas respostas.

As preocupações não são apenas relacionadas aos mecanismos de produção. O cenário contemporâneo de convergência de mídias e disseminação das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) pode aumentar o acúmulo de funções pelos jornalistas, comprometendo a qualidade informativa dos noticiários e o próprio papel mediador do jornalista (Kischinhevsky, 2009). Isso é particularmente importante

[22] Uma pane mundial deixou os aplicativos *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* fora do ar durante seis horas. Estima-se que o "apagão" tenha gerado a perda de seis bilhões de dólares em ações das empresas de Mark Zuckerberg. O problema foi destaque nos principais periódicos e meios de comunicação em todo o planeta. <https://www.jn.pt/inovacao/facebook-instagram-e-whatsapp-estao-em-baixo-14188086.html>.

porque informar de modo qualificado é considerada a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas (Reginato, 2020).

Nas palavras de Reginato (2020, p. 47), informar com qualidade é mais do que desempenhar um papel mediador, de transmissão da informação. Para ser jornalística, a informação necessita de predicados, deve ser "[...] verificada, relevante, contextuaizada, plural e envolvente [...]", sendo a verificação o requisito essencial da informação jornalística. A apuração e verificação constituem os passos que distinguem o jornalismo do entretenimento, da propaganda e dos gêneros ficcionais. Os jornalistas reconhecem isso, mas nem sempre conseguem o rigor desejado nas práticas diárias (Shapiro et al., 2013). Diante da profusão de desinformação através das plataformas digitais a pergunta clássica se mantém: "Para que serve o jornalismo?" (Kovach; Rosenstiel, 2004).

A pandemia de Covid-19 e as eleições de 2018 no Brasil mostraram a relevância das informações de qualidade para a vida dos cidadãos, em momentos de incertezas e ceticismo. As notícias ganharam centralidade enquanto as plataformas digitais desempenhavam papel fulcral na disseminação de desinformação. Segundo Gehrke e Benetti (2021), o *WhatsApp* foi uma das ferramentas mais utilizadas para a circulação de conteúdos falsos e descontextualizados que, através da mimetização do jornalismo, propagavam dados distorcidos e supervalorizavam os efeitos de medicamentos considerados ineficazes. A possibilidade de personalização e o fato de ser uma rede fechada, com mensagens criptografadas de ponta a ponta, tornam o *WhatsApp* um ambiente difícil de ser fiscalizado apesar de propício para a viralização de conteúdos falsos (Pereira & Coutinho, 2022).

Em diferentes estudos sobre desinformação, vídeos e imagens complementadas com textos aparecem entre os formatos preferidos pelos criadores e disseminadores de informações falsas. Uma das razões apontadas para tal preferência está no fato de esse tipo de conteúdo poder ser interpretado como "prova de que o fato narrado é verossímil" (Dourado, 2020, p. 241). A preocupação de estudiosos e jornalistas com os vídeos aumenta com o avanço dos recursos à inteligência artifical e as possibilidades de manipulação e montagem de imagens. Na segunda parte desta tese, veremos que uma das principais dificuldades dos jornalistas é saber a origem do vídeo, por onde ele circulou, se as cenas são verdadeiras e se correspondem às datas e aos eventos relatados pelos usuários do *WhatsApp*.

Todas essas questões inerentes à utilização do *WhatsApp* na produção noticiosa parecem apenas alguns dos efeitos de transformações ainda maiores provocada pelas TIC no campo do jornalismo, as redações virtuais. Mais comuns entre projetos de jornalismo independente e arranjos de mídia alternativos, as redações virtuais

representam os novos espaços de comunicação e trabalho para jornalistas e não-jornalistas, onde dialogam, distribuem conteúdos, planejam estratégias de divulgação e estabelecem dinâmicas de organização laboral (Marques, Kinoshita & Moliani, 2018).

A internet e as plataformas digitais são essenciais para essas iniciativas, que obviamente contam com a mobilidade das tecnologias de comunicação e informação para a execução de suas tarefas. Isso nos leva a um outro ponto, que diz respeito à diluição das fronteiras entre o público e o privado e à crescente precarização do trabalho qualificado de produção de informação e do conhecimento. "O aparelho celular é sinônimo de demanda de trabalho [...] se não desligar o celular, não para de trabalhar", argumentam integrantes que já se acostumaram com a realização da atividade laboral nos lugares mais incomuns como os meios de transporte coletivo. "Eu tô no busão sem fazer nada entro nos grupos, o que tiver lá eu já consigo subir de onde eu estiver" (Marques, Kinoshita & Moliani, 2018, p.8-9).

Essas mudanças sugerem que as práticas jornalísticas não têm sido necessariamente renovadas para melhor. Considerando tais alterações como resultado do capitalismo de plataforma, Figaro e Silva (2020) explicam que, através dessas reconfigurações, os conglomerados tecnológicos se valem de informações jornalísticas com grande valor agregado, atraindo anunciantes, consumidores e investimentos, quase sem nenhuma contrapartida para os seus produtores. Em outras palavras, nas redações virtuais, o perfil do jornalista é polivalente, multitarefa, engajado e sem limites. Seus participantes excedem a jornada normal de trabalho, muito embora não sejam remunerados pelas plataformas, apesar de as notícias produzidas constituírem "um ativo a ser negociado no mercado político, governamental e publicitário" (Figaro & Silva, 2020, p.111).

Muitos jornalistas que ainda atuam em redações tradicionais, buscam nesses novos arranjos de mídia um espaço mais autônomo e horizontalizado de produção. Evidenciam uma realidade instável de transição entre maneiras ainda não consolidadas de exercer a atividade jornalística e os velhos modos de trabalho. Vivenciam um período de crise (Zelizer, 2015), de incertezas no jornalismo, particularmente no modelo tradicional (Tavares, Xavier & Pontes, 2021).

É inegável a incidência das TIC sobre o mundo do trabalho dos jornalistas, desde a incorporação de agentes externos à comunidade profissional, a otimização de tempo e espaço nas redações, a produção de matérias e reportagens hipermídia, mas também a flexibilização das relações laborais, o acúmulo de funções, a diminuição dos postos de trabalho. No mercado brasileiro, por exemplo, pesquisas recentes têm revelado que uma conjunção de fatores, entre os quais figuram as tecnologias de informação e comunicação, tem provocado o avanço da deterioração dos regimes contratuais com a legalização da contratação de jornalistas autômonos pelas empresas, a chamada

"pejotização", a fragmentação e a intensificação do alongamento da jornada (Mick & Kikuti, 2020) e a substituição de jornalistas veteranos pelos mais jovens por meio de relações de trabalho igualmente precárias (Tavares, Xavier & Pontes, 2021), acarretando o aumento do abandono da profissão (Pontes & Mick, 2018).

No bojo dessas mudanças, Deuze, Bruns e Neuberger (2007) interpretam o jornalismo participativo como fenômeno de autoexpressão coletiva, mas também como resultado da redução de custos nas redações jornalísticas. Em determinados casos, o envolvimento dos cidadãos na produção noticiosa é reflexo de estratégias comerciais que buscam reconquistar credibilidade e audiência em um cenário complexo de instabilidade laboral e enxugamento das redações.

Isso é bastante evidente no jornalismo televisivo, e particularmente nas coberturas de risco, nas quais o estímulo à "participação" das pessoas revela não apenas a permeabilidade das novas tecnologias na vida cotidiana e nas rotinas profissionais como também mostra o valor de noticiabilidade atribuído pelos jornalistas aos vídeos testemunhais dos eventos inesperados do dia a dia. As discussões que envolvem a integração do público no telejornais e a importância dos flagrantes serão mais amplamente realizadas a seguir.

1.5 Efeito de participação nos telejornais: o valor do flagrante

As tecnologias de informação e comunicação provocaram transformações complexas na estruturação, organização e rotinas do jornalismo, tendo também alterado o *status* do público de mero consumidor de notícias para captador e distribuidor de conteúdo. Com a popularização dos dispositivos móveis, cada pessoa com um *smartphone* na mão e acesso à internet, tornou-se capaz de produzir textos, sons e imagens relevantes, de interesse jornalístico. Na seção anterior, percebemos que essa disposição é fundamental para os jornalistas superarem determinadas limitações e até acelerarem a elaboração de matérias, algumas vezes publicadas antes de os repórteres saírem das redações e acessarem os locais de ocorrência dos fatos. Isso indica que o convite à participação é ambíguo, pois revela a necessidade de integração do público às rotinas jornalísticas devido à dependência do conteúdo por ele produzido (Niekamp, 2011; Brasil & Migliorin, 2010).

No telejornalismo, o estímulo à participação é ainda mais evidente. No Brasil, edição após edição, basta acompanhar qualquer noticiário para perceber que o conteúdo produzido pelos cidadãos está completamente integrado às matérias, especialmente

àquelas que retratam eventos imprevistos como acidentes e tragédias naturais (Palmer, 2012), que escapam ao controle das organizações (Tuchman, 1973; Sjøvaag, 2011). Apoiados nesse tipo de conteúdo, os telejornais também constroem o mundo por meio de uma janela particular que envolve não apenas as características do meio, mas também as políticas editoriais (Coutinho & Leal, 2009) e o domínio dos processos de seleção e exibição do produto final. Por isso, para Siqueira (2013), ao utilizar o conteúdo produzido pelos cidadãos, os jornalistas criam, na verdade, um "efeito de participação", que em vez de retratar o real em si, revela um "real representado", pois são os próprios jornalistas a decidirem como e quais conteúdos serão exibidos. Como escrevem Brasil e Migliorin (2010, p.91), o "efeito de participação" pode ser compreendido como uma estratégia de legitimação e apropriação pelas diversas práticas midiáticas das imagens produzidas por não-jornalistas.

Na esteira desse argumento, Siqueira (2013) entende que os flagrantes captados pelo cidadão passam a ser considerados um valor-notícia que, ao lado de outros critérios de noticiabilidade, influenciam a escolha dos assuntos a serem transformados em notícia. A diferença, de acordo com esta autora, "é que este é um valor-notícia específico, ligado às cenas captadas pelos cidadãos, em locais onde os cinegrafistas profissionais das emissoras de televisão, das assessorias de imprensa e das agências de notícias não estiveram presentes". Trata-se, portanto, de um "flagrante único", capaz de acrescentar pontos de vista distintos ao trabalho jornalístico (Siqueira, 2013, p.22).

Semelhantemente, o estudo de Sá (2017) apontou que, apesar de alguns jornalistas ainda parecerem relutantes em admitir a influência direta dos conteúdos dos cidadãos-produtores nas opções editoriais das estações de TV, a maioria tende a apreciar a contribuição do público não apenas pelo valor noticioso, mas sobretudo pelo reconhecimento do impacto que essa contribuição pode causar nos temas retratados nos telejornais. Não é possível ignorar uma imagem forte ou uma boa imagem capaz de chamar a atenção do telespectador e garantir uma estratégia de audiência (Bourdieu, 1997) que os jornalistas exploram principalmente "*no break da concorrência pra chamar o cara que vem fazer o zaping e que tem um efeito imediato de ibope*", como explicou o jornalista Rodrigo Mariz da *TV Bandeirantes* (Grupillo, 2018, p.114).

Mas, afinal, qual o valor dos flagrantes gravados pelas pessoas? Porque eles ganham destaque, sustentam dezenas de minutos de comentários e são repetidos à exaustão durante as transmissões dos telejornais? Olhando particularmente para o potencial dos flagrantes gravados por cidadãos, Polydoro e Costa (2014) afirmam que o interesse dos noticiários por este tipo de conteúdo está relacionado com o realismo e a transparência das cenas, o que torna tais imagens um fragmento potente, uma espécie de atestado de veracidade de um determinado fato. O aspecto natural das imagens torna-se ainda mais

claro para o público, reforçando a crença na veracidade, tanto do fato registrado quanto da própria imagem divulgada.

Os autores acreditam, no entanto, que deve haver quatro condições essenciais para que o registro do cidadão seja utilizado nas reportagens televisivas: 1) Tem de estar ligado a um acontecimento - deve ser registrado com a maior proximidade espácio-temporal possível e não deve ignorar possíveis testemunhos e ações relacionadas ao mesmo; 2) Deve se relacionar com a noção de acontecimento e seguir os critérios da noticiabilidade; 3) Tem de possuir qualidade suficiente para que possa ser interpretado e analisado pelos espectadores, mesmo que se tratem de registros espontâneos e rudimentares; e 4) O próprio telejornal não deve possuir imagens ou registros semelhantes aos que os cidadãos estão a oferecer (Polydoro & Costa, 2014, p.96).

Historicamente, os telejornais procuram manter a transparência dos eventos que noticiam com base na montagem das peças e na atuação dos repórteres como narradores ou testemunhas oculares dos fatos. Trata-se de uma narração empiricamente validada pela sequência de imagens que vai sendo concomitantemente apresentada nas narrações em *off*. Embora esta "decupagem jornalística" consiga, à sua maneira, criar uma visão da realidade entre quem assiste aos telejornais, as filmagens do público acabaram por construir uma nova forma de transparência nos conteúdos audiovisuais. Quer dizer, se, de um lado, as montagens imagéticas televisivas revelam uma espécie de transparência construída através da edição, de outro lado, os flagrantes captados pelo público trazem a percepção da transparência exatamente pelo contrário, pela ausência dos processos de edição. Por isso, ao incorporar esses registros nas matérias jornalísticas, os jornalistas de TV procuram evidenciar essa experiência da realidade subjetiva de indivíduos comuns, mas disciplinando tal participação.

> O editor de telejornal toma o vídeo amador como uma matéria-prima na montagem da tele-reportagem: corta e reproduz apenas o trecho factualmente mais relevante; insere narração, ilustrações, legenda, zoom, entre outros artifícios de edição. Um vídeo amador cuja versão "bruta" passa dos dois minutos vai contribuir com, digamos, quinze a vinte segundos de uma tele reportagem, devidamente coberto com a narração de um repórter ou do apresentador. A montagem imprime dinâmica, velocidade e uma visão panorâmica que, muitas vezes, aceleram e matam o tempo do flagrante amador, marcado por uma maior lentidão – e consequente suspense. (Polydoro & Costa, 2014, p. 94)

Desse modo, a voz do jornalista tende a sobrepor-se às imagens gravadas pelas pessoas. A narração dos repórteres e apresentadores, quase sempre em tom neutro, impessoal e pretensamente imparcial produz uma espécie de dessubjetivação do conteúdo, o que de certa maneira contribui para preservar a autoridade dos profissionais (Zelizer, 1990; Neves & Maia, 2008). A própria opção pelo termo "amador" nos créditos conferidos aos flagrantes captados por indivíduos comuns nas narrativas jornalísticas é encarada por

Brasil e Migliorin (2010) como uma forma de resguardar o discurso da autoridade, mantendo a distinção entre a tarefa especializada dos jornalistas e a produção desinteressada por amadores. Os autores problematizam essa dicotomia que posiciona a produção amadora como contrária ao domínio profissional.

> De modo geral, o amador não parece deter os saberes especializados e os meios técnicos adequados para a realização eficiente dessa atividade, pelo menos não da mesma forma que o profissional. Entre o amador e o profissional haveria uma hierarquia cujo parâmetro é a expertise. Entretanto, em muitas áreas da produção de imagens é notável a capacidade produtiva, assim como as virtualidades, do engajamento amador. [...] *Como indivíduo, o amador não é mais potente que o profissional, mas como coletividade, sim* (Brasil & Migliorin, 2010, p.90 [grifos nossos]).

A última afirmação se deve ao fato de os cidadãos formarem um multidão entretecida às cidades e que mantém com elas uma relação pessoal e corporal. Os indivíduos ditos "amadores" não somente habitam as cidades, mas vivem as nuances de seu cotidiano.

Além disso, para François Jost (2010, p. 101), os registros imagéticos amadores são importantes na televisão pois conseguem despertar a emoção do espectador, prendendo sua atenção à tela pelo choque provocado no contato visual com as cenas espetaculares exibidas, mais do que pelo teor informativo contido nas imagens. Por esta razão, sugere a existência de um conteúdo imagético que é da ordem do sensível, ou seja, que é exibido para ser vivido mais do que para ser visto. O autor se refere a este tipo de conteúdo como "imagem violenta", na medida em que "permite viver um acontecimento, porque constrói, por sua enunciação, uma humanidade por trás da câmera".

Sendo assim, uma imagem violenta consegue produzir um choque perceptivo. E é aqui que os flagrantes dos cidadãos ganham maior relevância, pois não chegam por meio de um equipamento tecnológico de última geração, com foco e ângulos orientados pelos meios de comunicação tradicionais, mas são captados por pessoas comuns, quase sempre na altura dos olhos, na mesma perspectiva com que os espectadores os veem (Polydoro & Costa, 2014). Através deste tipo de conteúdo, é possível viver a emoção, sentir-se em alerta, com medo, em desespero ou indignado.

As câmeras dos cidadãos multiplicam os olhares sobre a cidade, suas imagens exercem fascínio pela surpresa e pelo espanto. O cidadão que observa e grava através das câmeras portáteis dos telefones celulares é, ao mesmo tempo, "testemunha individual e difusor global da vida urbana" (Bruno, 2008, p.50).

É preciso reconhecer que o flagrante imagético não é algo novo e que seu valor indicial remonta ao fim do Século XIX e início do Século XX, quando a fotografia passou a ser utilizada como meio de identificação e para reunir evidências de crimes. As fotos de criminosos no ato dos delitos e depois nos departamentos de polícia e investigação serviam para "fixar a imagem da culpa". Nesse sentido, Gunning (2004, p.54) é

esclarecedor: “Além da capacidade da fotografia de oferecer a imagem de um criminoso quando ele ainda podia estar em liberdade, a câmera podia desempenhar um papel essencial como testemunha muda, embora irrefutável, de um crime”.

Mais de um século depois, a evolução tecnológica melhorou a qualidade dos equipamentos e, consequentemente, da própria imagem, o barateamento popularizou o acesso às câmeras filmadoras, e apesar das possibilidades de alteração e manipulação de imagens, sobretudo as digitais, o flagrante parece ter preservado o seu *status* de evidência por estar relacionado a um acontecimento, oferecendo novas perspectivas acerca dele.

Na televisão, de maneira geral, para Pastoriza (2003, p.30), as imagens têm um valor maior do que os textos e as palavras, por isso, às vezes, são produzidas imagens para que exista um acontecimento. Em outras ocasiões, deixa-se de noticiar um acontecimento porque as câmeras de televisão não conseguiram captá-lo. No entanto, essa condição foi significativamente alterada pelo fluxo de imagens dos cidadãos. Essas gravações possuem um indiscutível valor informativo e documental e é por esse motivo que, mesmo apresentando qualidades técnicas inferiores às produzidas pelas equipes de TV, as imagens dos cidadãos interessam aos jornalistas. Em suma, a sua importância reside na oportunidade da captura. Daí que as organizações de mídia trabalhem no intuito de transformar a multidão dispersa com câmeras na mão em produtores sob demanda. Uma atividade voluntária, valorada e escamoteada em palavras como “escreva, crie, divulgue, atue, participe” (Brasil & Migliorin, 2010, p.92).

Capítulo 2. Tecnologia, notícia e autoridade jornalística

No primeiro capítulo, vimos como as tecnologias de informação e comunicação articuladas às práticas cotidianas permitiram significativas transformações no jornalismo, desde a adoção de ferramentas de troca de mensagens instantâneas, passando pela reorganização laboral, até a integração do público na produção informativa. Diante da disponibilidade dos cidadãos e sua capacidade de captação e distribuição de conteúdo de interesse noticioso, as organizações de mídia e os próprios jornalistas foram forçados a adaptar as suas rotinas e a própria construção da notícia, mas não sem o aparecimento de novos conflitos em torno da autoridade dos profissionais. Sendo assim, enquanto na mídia tradicional o discurso da participação procura escamotear a sua dependência do conteúdo cidadão e as tensões que dela advém, no jornalismo participativo se diversificam as experiências nas quais o público tem lugar nas decisões das pautas, dos seus enfoques e nas elaborações. A pesquisa aprofundada dessas experiências pode nos ajudar a entender as novas configurações do jornalismo, seus problemas e desafios.

No capítulo 2, procuraremos abordar as maneiras como a evolução das tecnologias da comunicação contribuiu para o desenvolvimento de uma forma diferente de pensar e produzir notícia já a partir da segunda metade do século XIX. Compreendida por diferentes autores como o produto de um período de grandes e complexas transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas (Schudson, 2010; Medina, 1988), a notícia como a conhecemos foi sendo moldada ao longo da história do jornalismo a fim de tornar possível a separação entre fatos e opinião. Dentro deste paradigma, para o leitor, a notícia tornou-se uma maneira de conhecer o mundo novo e frenético que emergia ao seu redor; para os repórteres, porém, foi preciso (re)aprender a escrever ou adaptar a escrita às exigentes técnicas que objetivavam, entre outras coisas, o aumento da capacidade de processamento das informações e dos acontecimentos do cotidiano pelos jornais.

Desde a Antiguidade, a notícia esteve associada às ideias de novidade e atualidade (Traquina, 2005), aspectos comumente citados nos manuais de jornalismo para orientar a escolha dos assuntos que merecem ser publicados. Trata-se de tentativas de definir o que é notícia e de lançar luz sobre as práticas profissionais dos jornalistas (Sodré, 2012). Contudo, conceitualizar a notícia constitui uma tarefa intelectual difícil e contínua, especialmente se levarmos em consideração as mudanças que os ambientes

digitais impuseram aos formatos e aos conteúdos das notícias na contemporaneidade (Conde, 2013).

De certa maneira, a autoridade dos jornalistas profissionais esteve historicamente relacionada com o domínio das técnicas de produção da notícia dentro do ideal da objetividade (Seixas, 2009), com o uso de uma linguagem transparente, que pudesse refletir conceitos como imparcialidade e neutralidade (Roxo, 2011; Albuquerque, 2009), cujo principal objetivo consistia em diferenciar uma prática considerada amadora de uma concepção do jornalismo como atividade profissional.

Até há pouco tempo, o controle dos processos de produção também dava aos jornalistas a prerrogativa de selecionar e distribuir os assuntos que, sob a sua ótica, valiam a pena ser notícia.

As últimas décadas, no entanto, apresentaram outros cenários nos quais a participação do público é ampliada e os indivíduos possuem as condições para uma distribuição autônoma e descentralizada de conteúdos de interesse jornalístico. Nesse sentido, os dispositivos móveis e os aplicativos personalizados põem novamente o papel e o lugar do público e dos jornalistas no centro do debate, fazendo os estudiosos novamente refletirem sobre o que é notícia e quem pode produzi-la.

2.1 Definições, conceitos e crenças profissionais

O que é notícia? Se pesquisarmos nos manuais de jornalismo ou perguntarmos a um jornalista, provavelmente obteremos como resposta que notícia é o relato dos fatos mais importantes do dia ou daquilo que é considerado uma novidade. Trata-se de uma definição usual, que persiste ao longo do tempo, repetida de diferentes formas. Em 1896, o *slogan* criado pelo editor norte-americano para o *The New York Times,* considerado um dos mais influentes jornais do mundo, propôs que notícia nada mais é que um fato digno de ser publicado: "*All the news that's fit to print*" (Sodré, 2012; Schudson, 2010). Mas, se quisermos recuar ainda mais no tempo, à Roma Antiga, vamos perceber que a ideia da notícia como fato novo ou importante, que mereça ser comunicado, pode ser identificada nas cartas de Caelius para o amigo e filósofo Marco Túlio Cícero, a fim de mantê-lo informado durante os períodos de ausência prolongada. Os manuscritos descreviam cerimônias de casamento, divórcios, nascimentos e falecimentos, mas também os casos de adultério envolvendo personalidades romanas (Traquina, 2005, p. 55).

Em seu guia de sobrevivência para jornalistas, Jorge (2012) compila algumas tentativas de definição da notícia como a simples transcrição dos eventos cotidianos mais importantes. "Notícia é a comunicação de uma ocorrência que irá interessar à maioria

dos membros de uma comunidade"; "Notícia é tudo que o público necessita saber"; "Notícia é um texto que informa o que está acontecendo", ou ainda "É a informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano, capaz de despertar atenção e curiosidade" (Jorge, 2012, p. 22-23).

Para Sodré (2012), no entanto, definições dessa natureza são precárias porque procuram salientar certos aspectos da notícia tais como a factualidade, a novidade, o interesse do destinatário ou mesmo acentuar a frequência diária de sua publicação. O autor as identifica mais como uma tentativa de descrever as práticas profissionais dos jornalistas do que propriamente conceitualizar a notícia. Nesse sentido, afirmar que "se um cachorro morde o homem, não é notícia, mas, se um homem morde um cachorro, é notícia", não explica o que a notícia é, apenas demonstra o que foi inscrito na tradição das redações como "uma fórmula adequada à prática profissional, orientada pelo valor de excepcionalidade, raridade ou de ruptura do padrão rotineiro de expectativas quanto aos fatos sociais" (p. 20-21).

Inúmeras pesquisas têm procurado compreender o que são as notícias e porque elas são como são. Correia (2011) demonstra como os estudos da notícia adquiriram diversas interpretações, culminando em diferentes teorias ao longo do tempo. A crença na influência e na ação pessoal do jornalista sobre a seleção dos assuntos a serem publicados resultou na adoção da teoria do *gatekeeper (*selecionador)*,* na qual o editor atua como uma espécie de guardião do portão (*gate*) das notícias, retendo ou deixando passar determinados assuntos.[23] Posteriormente, percebeu-se que as organizações jornalísticas exercem pressões sobre a produção noticiosa e que os jornalistas podem ser constrangidos em suas rotinas ocupacionais a agir de modo a evitar conflitos de interesse com as orientações políticas e econômicas das empresas para as quais trabalham. Este "aprendizado" acontece quase que por "osmose", baseado naquilo que os jornalistas novatos apreendem no convívio com profissionais mais antigos ocupantes de cargos mais elevados na hierarquia do jornal. Assim, a teoria organizacional explica que a seleção e ênfase dada às notícias (mais importantes fatos do dia) não se configuram meramente como uma ação pessoal dos editores, mas têm como finalidade manter a harmonia no ambiente redacional. Em outras palavras, centrar-se nas notícias significa para o jornalista não se envolver nas chamadas decisões editoriais, respeitando as orientações dos superiores, evitando punições e abrindo o caminho para a mobilidade no interior da hierarquia organizacional (Breed, 1993).

É preciso ter em conta que desde que o jornalismo adquiriu o caráter industrial, os jornalistas tiveram que lidar com uma quantidade ilimitada de informações que vieram a circular a partir de diferentes fontes, desde as agências de notícias e assessorias de

[23] Faremos uma abordagem aprofundada no capítulo 4 deste trabalho.

imprensa, passando pelos próprios leitores/ouvintes/telespectadores, até as fontes pessoais responsáveis pelas informações obtidas em primeira mão, sem falar nas páginas informativas nas redes sociais digitais, se quisermos incluir um ambiente de circulação informacional mais contemporâneo (Grupillo, 2018).

Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, somada ao fluxo excessivo de informações, os jornalistas precisaram desenvolver um conjunto de critérios e regras orientadoras da rotina profissional e lançar mão de procedimentos de controle do tempo e do espaço na tentativa de unificar os processos produtivos da notícia. A teoria do *newsmaking* vai se ocupar dessas práticas compreendidas como "um conjunto de rotinas profissionais e de práticas organizacionais e discursivas que se institucionalizam" na elaboração das notícias (Correia, 2011, p. 89). Daí resultam variantes como, por exemplo, a tipificação dos assuntos, feita com a finalidade de inserir os acontecimentos em uma ordem significativa pré-existente, o que favorece a construção de narrativas jornalísticas padronizadas com mais possibilidade de despertar o interesse do público.

Dessa maneira, segundo o modelo construtivista do *newsmaking* (Tuchman, 1978; Wolf, 1999), o trabalho do jornalista e a notícia em si não refletem uma realidade, antes constroem uma realidade específica. Como resume Sodré (2012, p. 26), "da organização geral do trabalho e dos processos produtivos, portanto, de uma rotina industrial atravessada por uma polifonia discursiva, surgem os relatos de fatos significativos a que se dá o nome de *notícias*".[24]

No geral, essa teoria procura desmistificar a noção do jornalismo como um espelho da realidade, reposicionando a notícia como uma construção social proveniente do cruzamento dos procedimentos interiorizados pelos jornalistas nas salas de redação e os limites impostos pelo mundo dos fatos. Na teoria do *newsmaking,* as notícias são consideradas uma reconstrução do real influenciadas por fatores sociais, econômicos, políticos, culturais e tecnológicos.

Como esclarecem Berger e Luckmann (2004, p. 68), o papel preponderante que os meios de comunicação de massa exercem na orientação social do homem moderno comum, os tornam instituições "intermediadoras entre a experiência coletiva e individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos". Isso acontece porque a atividade fim dos meios de comunicação é recolher todo o conjunto de interpretações da realidade produzidas pelas demais instituições sociais, selecioná-las, organizá-las e transformá-las no curso desse processo, decidindo, inclusive, a forma de difusão.

[24] O destaque na palavra notícia é feito no texto original.

Em síntese, dentro da lógica produtiva do jornalismo de caráter industrial, poderíamos definir notícia como o resultado final da atividade técnico-laboral individual e coletiva dos jornalistas de (re)contrução do real. Mas, como vimos até agora, essa também seria uma definição reducionista e bastante restrita do que as notícias são e porque elas assumem o modelo que conhecemos. Ainda que a notícia seja o produto oriundo da padronização de processos produtivos articulados no interior da comunidade jornalística, Traquina (2005) não acredita ser possível entender o seu conceito e a sua evolução sem compreender o espaço social estruturado onde atuam os jornalistas. Em vista disso, a importância do conceito contemporâneo de "campo jornalístico" do sociólogo francês Pierre Bourdieu consiste em localizar o jornalismo, seus agentes e o seus produtos, entre eles a notícia, no interior de um campo de forças onde são travadas disputas permanentes: "Há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço" (Bourdieu, 1997, p. 57).

No campo, afetada por diferentes fatores, principalmente pela lógica comercial, a notícia tende a ganhar contornos cada vez mais estandardizados. E é também nesse campo de forças, conflitos e disputas que os jornalistas são inclinados a situar o seu trabalho em um eixo ideológico, reivindicando o monopólio do saber pelo domínio das técnicas de produção noticiosa: "Os jornalistas professam; professam saber o que é notícia e como escrevê-la" (Traquina, 2005, p. 117). Ao longo do tempo, ressalta Deuze (2005), esse processo ideológico produziu o consenso sobre quem é o real jornalista e qual mídia noticiosa pode ser considerada exemplo de jornalismo verdadeiro.

A partir da compreensão de "ideologia" como disputas discursivas[25], Sodré (2012, p. 10) situa essa reivindicação dos jornalistas no contexto histórico da industrialização das sociedades e modernização da imprensa em que a profissionalização passa a ser uma questão em crescente discussão. Medina (1988) corrobora o raciocínio quando afirma que a profissionalização do jornalismo, mais especificamente dos técnicos que processam a notícia, foi uma exigência da formação da indústria da informação na virada do século XVIII até a primeira metade do século XIX. Para a autora, naquele contexto, era bastante natural que aparecessem tentativas de disciplinar a aprendizagem do jornalismo e o "ofício" até aquele momento "acessório de jornalista" (p. 19).

[25] A partir das bases teóricas marxistas sobre a criação da ideologia, o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2002) afirma que a linguagem e a palavra serão sempre os mais sensíveis indicadores das transformações sociais. Estas transformações não ocorrem repentinamente, mas através de lentas articulações promovidas pela palavra que seria, dessa maneira, "capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais". Nesse sentido, a ideologia profissional jornalística pode ser compreendida como um sistema hegemônico de ideias e pensamentos articulados por um determinado grupo de indivíduos através do discurso. Ao longo da história do jornalismo moderno, esses discursos construíram as bases para a crença no jornalismo como porta-voz da sociedade e artífice da democracia e do jornalista como um agente apegado exclusivamente aos fatos revelados em formato de notícia (Schudson, 2010).

Particularmente no Brasil, as disputas e discussões em torno do que é o jornalismo e seus limites refletem o problema da autoridade jornalística, uma vez que a atividade foi regulada e estabelecida de modo autoritário pelo Estado, sendo o exercício profissional condicionado pela educação de nível superior específica e posse do diploma (Petrarca, 2010).[26] Por esse motivo, Roxo (2011) argumenta que a produção textual das notícias dentro do ideal da objetividade, com o uso de uma linguagem transparente, capaz de refletir conceitos como imparcialidade e neutralidade, tinha como principal objetivo diferenciar uma prática considerada amadora e improvisada de uma concepção mais elitizada da atividade profissional, vinculada ao modelo moderno do jornalismo de informação. Esse aspecto das notícias será aprofundado a seguir.

Antes, vale salientar que as teorias da notícia mostram um esforço intelectual histórico para definir e conceituar o que as notícias são e porque elas são como são. Contudo, se olharmos para a produção jornalística contemporânea, inserida em uma conjuntura de mudanças promovidas pela evolução da tecnologia, vamos perceber a existência de complexas alterações nas rotinas profissionais, nas práticas produtivas e até mesmo naquilo que os próprios jornalistas consideram ser notícia. De certo modo, a comunidade jornalística ainda desempenha o papel de selecionador e organizador dos fatos do cotidiano, sobre as suas decisões continuam incidindo diferentes pressões e fatores, porém novos procedimentos passaram a ser adotados na elaboração das notícias. Eles envolvem também a participação e presença de outros agentes (externos ao jornalismo profissional) e a utilização de aparatos tecnológicos que exercem funções importantes e contribuem para preservar o papel da notícia no interior de uma dinâmica social inscrita no tempo presente, do aqui e do agora.

Tudo isso demonstra que a notícia continua em transformação e que é preciso pensar novas explicações e conceitos capazes de dar conta dos seus novos formatos, agentes produtores, fluxos de distribuição, zonas de interesse e dispositivos de consumo. Nesse contexto, concordamos com Sodré (2012, p. 24), para quem a notícia se evidencia como um "relato de algo que foi ou será inscrito na trama das relações cotidianas de um real-histórico determinado", seja ela processada e distribuída por um jornalista ou não.

[26] Embora o jornalismo tenha sido regulamentado em 1979, o direito de entrada no campo passaria a ser representado pelo diploma através do Decreto-Lei 972 editado 10 anos antes pela junta militar que governava o Brasil (Roxo, 2016). Albuquerque (2009) e Ribeiro (2007) ressaltam que a regulamentação atendia as reivindicações das entidades representativas de classe e de uma elite de jornalistas que, a partir da década de 1950, passou a sustentar a elevação do *status* profissional do jornalismo por meio da credencial acadêmica dos seus integrantes. Desde 2009, o Supremo Tribunal Federal revogou a obrigatoriedade do diploma de jornalista no país.

2.2 Informação e autoridade jornalística: distinção pelo texto

O jornalismo moderno, baseado no modelo norte-americano, foi formado na tensão entre a ideia da prestação de um serviço público, associada à liberdade de expressão como garantia do direito civil e as pressões do mercado. Nessa interseção, a informação-mercadoria reflete uma mentalidade empresarial explícita na frase: "um jornal vendia um produto ao leitor em geral, e vendia o leitor ao anunciante. O produto vendido aos leitores era a "notícia". (Schudson, 2010, p. 37).

Modelada a partir desse entendimento, a notícia adquire novo sentido, formato e interesses. Michael Schudson recupera essa linha do tempo para explicar, através da história dos jornais nos Estados Unidos e da reflexão sobre o frenético momento de industrialização, da crescente urbanização e da revolução tecnológica entre os séculos XVIII e XIX, porque as notícias são como as concebemos.

A fim de alcançar uma quantidade cada vez maior de leitores curiosos com o mundo espetacular que emergia ao seu redor, os jornais mudam o curso. Os textos considerados despadronizados e de caráter político-partidário cedem lugar às histórias mais triviais e aos eventos mais variados e corriqueiros do cotidiano nas cidades em expansão. Juntamente com as alterações no modo de pensar e fazer notícia, o modelo econômico de sustentação dos jornais também é alterado. Além de ser a principal representante de "novo jornalismo", a notícia torna-se uma maneira de atrair os anunciantes, interessados, por sua vez, nas possibilidades de consumo dos leitores. Assim, "o sucesso de um jornal dependia total e absolutamente de seu êxito em obter – e de sua habilidade em exibir – a notícia" (Schudson, 2010, p. 37).

Na esteira desse pensamento, a década de 1890 veria surgir o que Schudson (2010, p. 107) denomina "jornalismo de ideal literário" (da narrativa) e "jornalismo de ideal da informação". Embora a notícia fosse o principal produto dos dois modelos, a abordagem dos assuntos diferenciava. Enquanto no modelo literário as notícias eram dedicadas aos fatos locais, às experiências de vida nas cidades, aos crimes, às curiosidades e aos escândalos com personalidades da alta sociedade, geralmente associadas ao "sensacionalismo"; o modelo informativo procurava manter um certo conservadorismo nos temas e tratamento dos assuntos mais voltados para a política e o sistema financeiro. Na virada do século, o *New York World* de Joseph Pulitzer e o *New York Times* de Adolph Ochs eram os mais proeminentes representantes do modelo de narrativa e do modelo de informação.

De um lado, o modelo literário "criava uma sensação de que tudo era novo, inusitado e imprevisível", atraindo os recém-alfabetizados, a classe trabalhadora e a classe média.

De outro lado, o modelo de informação centrava-se nas experiências mais ordenadas de um grupo menor de pessoas, ocupante das posições mais elevadas na estrutura social, cujo interesse estava nos temas econômicos. Ao fazer propaganda de si mesmo, o *Times* procurava ressaltar a sua "decência", mais do que a sua própria cobertura jornalística; e, apesar de obter uma circulação insuficiente para competir com o *World*, o jornal conquistou um lugar de prestígio no jornalismo de Nova York[27] (Schudson, 2010, p. 130-142).

Atraída pelo conservadorismo, pela respeitabilidade e precisão, a elite econômica lia o *New York Times*. Consequentemente, as disputas entre os periódicos pertencentes aos dois modelos de jornalismo (literário e de informação) viriam a ser instauradas em uma dimensão moral, na qual conceitos como decência e respeitabilidade estavam atrelados às notícias e aos assuntos que diziam respeito às experiências de vida da elite. Essa espécie de "guerra moral" travada entre os dois modelos estabeleceu o segundo como um "jornalismo superior" em detrimento dos chamados jornais sensacionalistas ou "jornais marrons" (Schudson, 2010, p. 133).

Pode-se dizer que no jornalismo informativo predomina a narração dos fatos e que, dentro desse paradigma, notícia é informação separada dos valores inseridos na opinião (jornalismo opinativo). No recorte histórico de seu estudo sobre os gêneros no campo jornalístico, Seixas (2009) faz uma ligação direta entre o surgimento do paradigma da informação, ainda no século XVIII, e a autoridade profissional dos jornalistas, pela adoção e amadurecimento de um padrão de produção textual específico entre os repórteres e editores.

> A separação entre *news and comments,* feita pelo *Daily Courant* no século XVIII, amadurece, imprimindo, cada vez mais, um lugar de autoridade à atividade jornalística, já que o jornalista, agora, decidia quais os elementos mais importantes do acontecimento (competências de seleção e hierarquização) e que mereciam figurar no *lead*. (Seixas, 2009, p. 47)

O desenvolvimento da autoridade jornalística estava, deste modo, historicamente associado não apenas à seleção dos acontecimentos e à sua organização de acordo com o que os jornalistas entendiam ser a ordem de importância, mas principalmente à consolidação de uma forma, um modo convencional de redação das notícias, assente no modelo do *lead* (primeiro parágrafo onde são respondidas questões básicas: O que? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê?) e da pirâmide invertida (informações distribuídas no texto por ordem decrescente de importância). Essa relação entre conteúdo e forma facilitou o trabalho coletivo dos jornalistas que, ao ser

[27] Segundo Schudson (2010, p. 131-132), com a redução do valor dos jornais, o *New York Times* atingiria o patamar de 75 mil exemplares vendidos, enquanto o *New York World* contava com a circulação de até 600 mil exemplares nas edições matutinas e vespertinas.

institucionalizado nos manuais, resultou em um padrão de escrita capaz de conquistar uma maior confiança por parte dos leitores. Além do mais, o domínio dessas técnicas acabou por distinguir o profissional do jornalismo, permitindo, inclusive, uma maior rapidez e segurança da escrita das notícias (Seixas, 2009).

Sendo assim, a autoridade jornalística foi construída sobre um modelo de modernidade da imprensa em que notícia era pura e simplesmente informação escrita a partir da pressão pela exatidão, dentro de um padrão específico. Mas não sem deixar marcas profundas nos repórteres que vivenciaram a experiência do "novo jornalismo". O que significava exatidão naquele novo modelo de texto? Como essa forma textual foi instaurada no interior das salas de imprensa? De que maneira os repórteres foram instruídos e se deu essa aprendizagem? As memórias de Julius Chambers, repórter nos anos 1890, oferecem algumas respostas.

> Fatos; fatos; nada além de fatos. Tanta ervilha em tantas porções; tanto melaço em tantos galões [...]. O índice de palavras proibidas era muito extenso e o mau uso delas, quando escapavam ao olho afiado do revisor e iam para a impressão, era punido com suspensão sem remuneração durante uma semana, ou demissão imediata. Era um sistema rígido, rigidamente imposto. (Schudson, 2010, p. 95)

Na prática, essa imposição visava o treinamento dos jornalistas para a separação entre informação e opinião, entre fatos e valores. Ribeiro (2007) destaca que, antes da reforma, o jornalismo era uma extensão do campo literário. Isso porque, como não havia um modelo a ser seguido, os jornalistas se espelhavam na literatura. No Brasil, por exemplo, essa forma considerada despadronizada de escrita, geralmente observável na parte introdutória dos textos, ficou conhecida como "nariz de cera". Por isso, a modernização da imprensa levou ao aparecimento da figura do *copy desk,* redatores especializados em padronizar a escrita das notícias.

Mais uma vez, é possível perceber a relação existente entre a produção textual e a autoridade dos jornalistas. Roxo (2016) aponta que a renovação técnica do jornalismo, também no caso do Brasil, está inserida em um movimento de afirmação de diferentes setores da classe média que emergia nas cidades. Esses setores nem se identificavam com a "elite jornalística com aspirações literárias, nem com sua versão "degradada", de jornalistas de origem popular e formação precária (p. 84). Muito embora tal comportamento não fosse uma exclusividade brasileira, a particularidade do país nesse aspecto estava no apelo ao Estado para restringir o acesso ao jornalismo através da obrigatoriedade do diploma de nível superior específico. Na televisão, isso interferiu

diretamente no enquadramento estatutário dos repórteres de imagem, de quem não se exigia o título acadêmico para o exercício profissional (Chagas Reis, 2019)[28].

No Brasil, a profissionalização do jornalismo, impulsionada pelas técnicas de produção textual, levou ao rápido desenvolvimento dos cursos superiores (Marques de Melo, 1979; Ribeiro, 2007; Mick & Lima, 2013). De maneira geral, porém, a estratégia foi criticada e acusada de tentar alcançar respeito e prestígio pela distinção de classes nos jornais, já em 1904. A afirmação de Joseph Pulitzer, fundador da Escola de Jornalismo de Columbia, indica que havia pertinência nessa preocupação: "Precisamos de um sentimento de classe entre os jornalistas – baseado não no dinheiro, mas na moral, na educação e no caráter" (Schudson, 2010, p. 180).

Em suma, o estabelecimento do jornalismo enquanto profissão e o amadurecimento da autoridade dos jornalistas se deu pela via do texto e a notícia teve um papel fundamental nesse processo. Daí a objetividade jornalística ser apontada como um ideal, ou seja, a ideia de que se pode separar completamente fatos de opinião, informação de valores (Schudson, 2010), ou mesmo um ritual estratégico (Tuchman, 1972), entendido como uma fórmula capaz de livrar o jornalista de acusações e reprimendas no exercício de suas funções. Nesse sentido, a objetividade, assente na crença de um modelo de escrita claro e imparcial, traçou uma fórmula que pode ser aplicada com facilidade e agilidade pelos jornalistas, permitindo o maior processamento possível das notícias em um prazo mais curto de tempo. Talvez por isso, apesar de criticados por serem restritivos e limitados, o *lead* e o modelo da pirâmide invertida permanecem usuais, pois permitem, aos jornalistas, a organização padronizada da notícia, e aos leitores, o reconhecimento de um produto da atividade dos profissionais da imprensa (Gradim, 2000).

Conforme Jorge (2013, p. 79), embora, na atualidade, possam ser apontados outros gêneros jornalísticos que vão para além do antagonismo informação X opinião (jornalismo investigativo, jornalismo de entretenimento, jornalismo cidadão, jornalismo de serviço, entre outros), o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo permanecem como classificações consideradas "válidas e coerentes". Sendo assim, Gradim (2000, p. 57) conclui que, genericamente, notícia é tudo o que um jornal

[28] No Brasil, segundo a autora, apesar da decisão do STF (2009) ter derrubado a exigência do diploma, os repórteres de imagem permanecem em uma zona cinzenta e conflituosa entre as leis que regem o exercício profissional dos jornalistas e aquelas que regulam a atividade dos radialistas. As discussões sobre o enquadramento estatutário dos produtores de imagem e o seu pertencimento sindical produz ainda hoje enormes distorções, levando muitas empresas de comunicação a registrar esses agentes como operadores de câmera, com salários mais baixos e carga horária maior, em comparação com os jornalistas diplomados. Por isso, apesar da autonomia e importância que os repórteres de imagem possuem no processo de produção noticiosa na televisão, o trabalho desses profissionais é considerado meramente técnico e costuma estar subordinado ao dos repórteres e editores que escrevem o texto e finalizam a notícia. Chagas Reis (2019) associa a condição dos cinegrafistas ao conceito de "ralé", referente a um conjunto de indivíduos precarizados aos quais o reconhecimento é negado por não possuírem as condições prévias formais estabelecidas no interior de um determinado campo de atuação, neste caso, o jornalismo.

publica, mas “em sentido técnico, enquanto género, a definição de notícia é mais restrita”.

Sendo pertencente ao gênero informativo do jornalismo, juntamente com a nota, a reportagem e a entrevista[29], a notícia por definição se refere aos textos escritos em linguagem clara, direta e concisa, elaborados dentro de um padrão de comunicação. No jornalismo moderno do ocidente, esse padrão noticioso pode ser caracterizado pela organização hierarquizada das informações através do *lead,* mas também do título, subtítulo, da construção por blocos ou da pirâmide invertida (Gradim, 2000). Jorge (2012) complementa esse raciocínio afirmando que a notícia, em seu sentido estrito, não admite a interferência de comentários ou mesmo da publicidade.

2.3 Entre o senso comum e a ciência

A Comunicação e o Jornalismo são objeto de estudo desde a primeira metade do século XVII, embora a origem da notícia possa ser bem mais antiga (Jorge, 2013). Foi Tobias Peucer que, em 1690, defendeu na Universidade de Leipzig, na Alemanha, a primeira tese sobre jornalismo. Trata-se de um conjunto de 29 parágrafos, traduzido para o português e publicado no ano de 2000, em que o autor faz uma comparação entre Jornalismo e História.

Peucer correlaciona termos como *novellae* (novos periódicos), utilizado pelos franceses, e *notícia,* usado mais tarde pelos monges, com a noção de *relationes* (relatos), e prefere este último por acreditar que proporciona mais clareza quando reflete a notificação de acontecimentos recentes e diversos ocorridos em qualquer lugar.

> Estes relatos, com efeito, têm mais em conta a sucessão exata dos fatos que estão interrelacionados e suas causas, limitando-se somente a uma simples exposição, unicamente a bem do re-conhecimento dos fatos históricos mais importantes, ou até mesmo misturam coisas de temas diferentes, como acontece na vida diária ou como são propagadas pela voz pública, para que o leitor curioso se sinta atraído pela variedade de caráter ameno e preste atenção. (Peucer, 2004, cap. IV, p. 16)

O pesquisador afirma não ser possível precisar a data de origem desses relatos, nem a maneira de escrevê-los baseada na exatidão dos fatos, mas é provável que eles tenham se popularizado na esteira do ensino da História e no anseio dos menos instruídos de imitar os escritores doutos. Na descrição de Peucer, identificamos características como novidade e atualidade, ainda que parte dos eventos noticiados fossem oriundos de simples rumores infundados ou misturassem fábulas com histórias verdadeiras para

[29] Classificação elaborada por Marques de Melo em 1985, a partir da obra de Luiz Beltrão (1969-1976), tida como referência entre os pesquisadores de gêneros jornalísticos no Brasil (Seixas, 2009, p. 56-57).

conquistar a confiança dos leitores: “Recompilavam uns relatos grotescos sobre fatos acontecidos recentemente aqui e acolá, obras precipitadas extraídas dos escritos dos palácios, dos mercadores, ou do boato público de sorte que favoreciam a curiosidade do povo, geralmente inclinada ao conhecimento das coisas novas” (Peucer, 2004, cap. VI, p. 17).

O desenvolvimento dos correios foi de fundamental importância para uma espécie de organização de tais relatos precipitados através de um “gênero funcional de escrita”, capaz de dar a conhecer com alguma facilidade o que “sucedeu em lugares distantes” (Peucer, 2004, cap. VI, p. 17). Mas tão importante quanto a adoção de um modelo textual para as notícias, era a separação de suspeitas de fatos, pois a indiscriminação entre eles, frequente entre os redatores dos periódicos, podia pôr em causa os relatos. Dessa maneira, Tobias Peucer estabelecia as bases do jornalismo, atrelando a escrita dos periódicos à credibilidade, à distinção entre fatos e suposições e à completa negação daquilo que é falso a fim de evitar que os leitores pudessem se sentir enganados ou fossem levados a formar opiniões equivocadas.

Anchieta (2011, p. 162) ressalta dois pontos fulcrais do estudo do alemão. O primeiro ponto foi afirmar que as notícias fazem parte de um gênero Histórico e o segundo ponto foi situar o relato noticioso em uma posição de inferioridade na comparação com o relato Histórico. Sendo assim, as críticas de Peucer às notícias são divididas em três vertentes: 1) Cronológica; 2) Lógica; 3) Desordenada. A crítica cronológica se referia à ausência da sucessão precisa dos fatos nos relatos noticiosos. Por sua vez, a crítica lógica deixava de lado a temporalidade para focar na falta de critérios na escolha do que relatar. Por fim, a terceira crítica aproxima as notícias de uma História confusa, desordenada. Em consequência dessas avaliações, Peucer acaba por localizar o jornalismo em oposição à História.

> Não afirmaria absolutamente que a utilidade dos periódicos seja tão grande como a da história escrita com bom senso, dado que os autores daqueles se encontram quase desprovidos daquilo que é necessário para estabelecer a história escrita, com conhecimento dos fatos, competência, juízo elevado, documentos autênticos obtidos de arquivos não suspeitos e, finalmente, a linguagem e o estilo adequados à história. (Peucer, 2004, cap. XXVII, p. 26)

Para Anchieta (2011), é preciso relativizar essa impressão, pois a obra do alemão consiste num esforço inaugural de legitimação e orientação do trabalho dos jornalistas. Desse modo, oscila entre uma “crítica à superficialidade do conhecimento produzido pelos relatos noticiosos de sua época e a descrição da emergência de um campo profissional – ainda não denominado de jornalismo e de jornalistas” (p. 162-163).

O trabalho de Peucer foi produzido em um contexto de transformações econômicas, políticas, culturais e, principalmente, tecnológicas que culminaram na industrialização

e na elaboração dos jornais dentro da lógica mercantilista. Produtos de comunicação ideais para legitimação de valores burgueses, os periódicos tinham como finalidade o incremento e a circulação da informação, "mais própria para o conhecimento de coisas novas acompanhadas de uma certa utilidade e atualidade" (Peucer, 2004, cap. XXIV, p. 26). Já que as notícias não eram a história propriamente dita, mas um produto (inferior) resultante de um modo desordenado de escrita das coisas novas e atuais, quais efeitos produziam entre os leitores? Os periódicos eram capazes de produzir conhecimento? Que tipo de conhecimento levavam ao homem comum?

É no cenário de expansão e modernização da produção noticiosa, já na década de 1930, que essa reflexão será conduzida pelo sociólogo norte-americano e jornalista Robert Ezra Park. Park havia trabalhado por onze anos como repórter e editor, período no qual se especializou em coberturas sobre emigração, delinquência, marginalidade e corrupção política, entre outros assuntos, até o desligamento da carreira em 1898 para se dedicar à pesquisa acadêmica sobre os meios de comunicação e a contribuição das notícias como forma de conhecimento nas cidades (Anchieta, 2007).

Park (1940, p. 669-671) utiliza dois conceitos fundamentais de conhecimento do filósofo pragmatista William James, "estar familiarizado com" (*acquaintance with*) e "conhecimento sobre" (*knowledge about*), para pensar a notícia[30] como modelo de narração dos acontecimentos. O primeiro tipo se refere a um conhecimento intuitivo, não sistematizado, comumente adquirido a partir das experiências de vida do homem comum no mundo à sua volta, de difícil transmissão, o que o autor chama de "senso comum". Ou seja, o "estar familiarizado com" (conhecimento de) é naturalmente processado e incorporado no curso dos nossos encontros pessoais no mundo em que vivemos. Por outro lado, o segundo tipo, o "conhecimento sobre", é analítico, adquirido de maneira formal, racional e sistemática, razões pelas quais pode ser articulado e comunicado. Park (1940) o associa ao conhecimento científico, que pode ser verificado.

> O conhecimento sobre não é apenas experiência acumulada, mas o resultado da investigação sistemática da natureza. Baseia-se nas respostas dadas às perguntas definitivas que dirigimos ao mundo que nos rodeia. É o conhecimento buscado metodicamente com todo o aparato formal e lógico que a pesquisa científica criou. (p. 674)

Portanto, o "conhecimento de" e o "conhecimento sobre" são distintos e exercem funções diferentes na vida dos indivíduos e da sociedade como um todo. Partindo deste raciocínio, Park faz a seguinte afirmação sobre as notícias:

[30] Anchieta (2007, p. 4) chama a atenção para o fato de a palavra "notícia" aparecer 67 vezes no seu trabalho contra nenhum aparecimento do termo "jornalismo". Daí a autora afirmar que, para Park, notícia e jornalismo são sinônimos. "É como falar de conto ou do poema ao invés da Literatura. O mesmo é falar da notícia ao invés do jornalismo". Essa indistinção decorria da inexistência dos gêneros jornalísticos na incipiente empresa jornalística da época.

> É óbvio que a notícia não é um conhecimento sistemático como o das ciências físicas. É antes, na medida em que se refere aos eventos, como a história. Os eventos, por serem invariavelmente fixos no tempo e localizados no espaço, são únicos e não podem, portanto, ser classificados como acontece com as coisas (Park, 1940, p.675).

Assim, Park aproxima o jornalismo da História, mas também aí salienta uma diferença básica entre os dois, pois enquanto a História se ocupa da conexão entre os eventos históricos, as notícias estão mais preocupadas com fatos isolados. Segundo Park (1940, p. 675), "a notícia não é história, e seus fatos não são fatos históricos. Não é história porque, em primeiro lugar, se refere, em conjunto, a eventos isolados e não procura relacioná-los nem com sequências causais nem com sequências tecnológicas". Comparativamente, continua o autor, "a história não só descreve os eventos, mas também procura colocá-los no lugar que lhes cabe na sucessão histórica".

Desse modo, ao tentar distinguir o conhecimento inerente às notícias do conhecimento sistemático científico e diferenciar jornalismo de história, Robert Park posiciona os relatos jornalísticos em um "entre", o que Gonçalves (2005, p. 27) enxerga como um problema, pois, dessa forma, o conhecimento jornalístico deixa de ser caracterizado na sua especificidade para ser aproximado do "conhecimento de" ou do senso comum.

A notícia como forma de conhecimento se preocupa com o presente. O passado e o futuro apenas interessam à notícia se puderem lançar luz sobre a atualidade ou sobre o evento presente. A natureza da notícia é efêmera, são notícias enquanto são novas. Se a tensão sobre um acontecimento diminui, ele deixa de ser notícia, vira fato velho e logo o relato se volta para outro evento capaz de chamar novamente a atenção do público. Essa fixação pelo presente é denominada "presente especioso". Compreendidas como relatos pequenos e independentes, as notícias não somente informam, mas orientam o público no aqui e no agora, avisando a todos e a cada um o que está acontecendo. Daí a afirmação de que as notícias funcionam para público como a percepção para o indivíduo (Park, 1940, p. 676-677).

Nielsen (2021) nos oferece um panorama interessante do contexto histórico-midiático em que se desenvolveu a investigação de Park. Em 1940, os Estados Unidos tinham um sistema de mídia predominantemente regionalizado, com pouquíssima produção informativa nacional, em que as notícias eram mediadas pelos jornais e rádios locais: "As tecnologias midiáticas mais comuns do tempo de Park são encarnações materiais do que ele afirmava sobre a transitoriedade e a efemeridade das notícias" (p. 8). Os jornais diários eram frequentemente ultrapassados pelas transmissões radiofônicas, o que influenciou na criação de edições matutinas e vespertinas de uma série de títulos que competiam entre si. Nielsen (2021) nota também que a televisão e a internet não faziam parte do ambiente de circulação de notícias em 1940, resultando em um papel

bem mais restrito da mídia na vida cotidiana das pessoas em comparação com o cenário contemporâneo.

Considerando todas essas discussões, Sodré (2012, p. 30-31) chega à seguinte construção: "Não só a ciência (na verdade uma certa concepção de ciência), mas também o senso comum orientam-se por fatos". A questão é que o jornalismo, mais especificamente o jornalismo moderno, incorpora um senso comum dos fatos moldado pelo positivismo, doutrina atrelada a evidências e valores objetivos. No positivismo contam os fatos empíricos e a partir deles buscam-se leis universais. O auge dessa doutrina coincidiu com o desenvolvimento da imprensa burguesa, em que a incorporação dos fatos se dá dentro da ideia de objetividade jornalística, levando à crença no jornalismo informativo como espelho da realidade, exatamente por ser baseado nos fatos do mundo real. Por isso, o autor argumenta que esta é também "uma doutrina, de caráter profissional-industrial", cuja base está nos fatos brutos, identificados como o "ponto de partida para o conhecimento de alguma coisa". Nesse ponto, o autor faz uma distinção entre fato, acontecimento e notícia.

Pertence ao mundo dos fatos, toda e qualquer experiência empírica, assente em uma realidade objetiva, que pode ser comprovada. A representação social do fato denomina-se acontecimento. O acontecimento se pauta pela atualidade e pode ser entendido como fato sócio-histórico. Quando relacionado à informação midiática, o acontecimento é a forma clara e visível de tratamento do fato, é, portanto, uma construção do real. Finalmente, a notícia corresponde à materialização do acontecimento em uma forma textual padrão. Sodré (2012, p. 71) resume da seguinte maneira a distinção entre fato, acontecimento e notícia: "*Notícia,* a anglo-saxônica *news of the day,* constitui-se como o relato (micronarrativo) de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação"[31].

Retomando o estudo de Robert Park, Sodré ressalta que a notícia normalmente é um modelo de apresentação de acontecimentos fragmentados e isolados, situada no meio do caminho entre o senso comum e o conhecimento científico sistemático, mas não descarta a possibilidade de o relato noticioso também constituir um "saber sobre" (*knowledge about*). Nesta perspectiva, a notícia adquire expectativas de alguma formação cultural por parte de determinados estratos do público, ao invés da pura exposição do fato.

Sodré identifica esse modelo como "informação densa" e o enxerga nas coberturas jornalísticas que evolvem uma maior contextualização e explicação sistematizada dos acontecimentos, inclusive através das opiniões expressas em colunas. Como reconhece o autor,

[31] Os destaques são feitos pelo autor no texto original.

> É verdade que aí se trata de "jornalismo opinativo", mas não há grande impedimento editorial, no bojo das transformações atuais da imprensa, para que uma notícia seja complementada por um texto gerador de um conhecimento mais sistemático e, ainda assim, específico do jornalismo. (Sodré, 2012, p. 52)

Nielsen (2021, p. 21) corrobora tal pensamento ao rediscutir a sociologia do conhecimento e a análise de Park em relação às notícias digitais, salientando que a ideia de notícia como forma de conhecimento "deveria ser substituída pela ideia de notícia como formas de conhecimento", dada a complexificação dos sistemas de mídia contemporâneos e o direcionamento das notícias para os extremos *familiaridade com* e *conhecimento sobre* (grifos do texto original). Retomaremos esse tema na última seção deste capítulo.

Levando em consideração as transformações referidas por Sodré e Nielsen e a maneira como elas incidem sobre as noções contemporâneas do que seja notícia, a seguir discutiremos suas definições no contexto do uso de dispositivos móveis de comunicação. Apontaremos para o surgimento de uma nova compreensão dos relatos informativos, propondo que o termo notícia também possa ser empregado para designar os relatos produzidos e distribuídos de forma descentralizada e dissociada da produção jornalística profissional, na comunicação *mobile*.

2.4 Tecnologia, dispositivos móveis e a adaptação da notícia

Até aqui, vimos que a notícia como a conhecemos é resultado da atividade laboral dos jornalistas, moldada dentro de uma lógica moderno-mercantil de padronização textual através do emprego de técnicas específicas. A revolução industrial e o desenvolvimento tecnológico tiveram um papel fundamental nessa mudança oriunda da expansão dos jornais com o incremento da circulação dos periódicos e de uma produção mais veloz das notícias. Ao padronizar a escrita dos relatos noticiosos, de acordo com as noções de objetividade jornalística, e da separação entre fatos e opinião, os repórteres e editores promoveram naturalmente a distinção entre aqueles que tinham uma formação precária e escreviam de maneira improvisada e o que passou a ser defendido como uma mão de obra tecnicamente treinada, profissional. Nesse sentido, notícia e ideologia profissional emergem em um mesmo contexto de complexas transformações.

Nas últimas décadas dos séculos XX e primeiras do século XXI, porém, a evolução e popularização da internet, o aparecimento dos dispositivos móveis de comunicação, as possibilidades de convergência de mídias e a consequente descentralização produtiva dos relatos do cotidiano suscitaram novas configurações e desafios à prática

profissional dos jornalistas, em particular, e às próprias empresas de jornalismo, no geral. Este cenário desperta questionamentos importantes com reflexo sobre o próprio conceito de notícia.

> Em meio à crise evidente das formas tradicionais de jornalismo diante da circulação de informação através da internet em tempo real e fluxo contínuo, o estatuto conceitual da notícia suscita considerações de ordem prática para a corporação editorial, inclusive a de saber se os tradicionais produtores do texto jornalístico ainda podem determinar em última análise o que é ou não uma notícia. (Sodré, 2012, p. 23)

No fundo, o que o autor questiona é se diante dos novos comportamentos sociais e das capacidades geracionais e distributivas de relatos noticiosos, articulados com o aparecimento e desenvolvimento do aparato tecnológico, o corpo dos jornalistas ainda detém o controle absoluto dos processos básicos e do discurso informativo. Como afirma Meditsch (1997, p. 5), os processos de produção do conhecimento não dependem apenas da cognição dos indivíduos, mas também das possibilidades que possuem de compartilhar as suas experiências. Daí muitos pesquisadores terem dedicado atenção às tecnologias intelectuais disponíveis nas sociedades ao longo da história. Elas levaram ao surgimento da escrita, a sua reprodução por meio da imprensa e podem, novamente, estar gerando novas formas de pensar e conhecer no processo ainda em curso da revolução eletrônica.

Sabe-se que o desenvolvimento das chamadas novas tecnologias, o aparecimento de dispositivos móveis de comunicação, em especial os *smartphones,* o seu barateamento e popularização modificaram o paradigma comunicacional nas sociedades contemporâneas. A informação, antes passada de um para muitos através dos meios de comunicação tradicionais, cedeu lugar à comunicação de muitos para muitos, o que significa dizer que todo o aparato tecnológico atual concedeu a qualquer pessoa, de qualquer lugar, não somente a possibilidade de produzir informação, como, principalmente, distribuí-la por circuitos muito diversos e descentralizados de comunicação.

Em 2021, 5,22 bilhões de pessoas usavam telefones inteligentes ao redor do globo e quase 5 bilhões acessavam a internet.[32] Desse total, quase 4 bilhões e meio de pessoas eram usuárias ativas das mídias sociais.[33] A pandemia de Covid-19 acelerou a digitalização da comunicação e ampliou ainda mais o uso dos *smartphones*. Em apenas um ano, mais 93 milhões de pessoas incorporaram a tecnologia móvel ao seu cotidiano,

[32] Recuperado de <https://hootsuite.widen.net/s/zcdrtxwczn/digital2021_globalreport_en>. Acesso em outubro, 22, 2021.

[33] Utilizamos o termo mídias sociais no mesmo sentido que Rublescki, Barichello e Dutra (2013) para designar as plataformas digitais de geração e compartilhamento de conteúdo e que permitem a interação entre sujeitos. Mídias sociais digitais, portanto, não são sinônimo de redes sociais digitais tendo em vista que as redes sociais são grupos de relacionamento que surgem a partir da interação nessas plataformas. O *Facebook*, por exemplo, é uma mídia social que abrange diversas redes sociais.

enquanto quase meio milhão passou a utilizar as mídias sociais. O tempo gasto na internet já é o dobro do despendido para assistir televisão, o triplo do tempo dedicado à leitura de mídias impressas como os jornais e praticamente seis vezes superior ao tempo gasto ouvindo rádio. Em 92,6% dos casos, o acesso à internet é feito a partir dos dispositivos móveis (*smartphones*, celulares, tablets, *iphones*, *iPads*). Diariamente, os usuários costumam gastar 3 horas e 40 minutos usando a internet nesses dispositivos. Atualmente, as pessoas passam mais tempo em seus telefones do que assistindo TV, posicionando os *smartphones* como a "primeira tela" (We are Social, 2021).

Somente no Brasil, havia 242 milhões de *smartphones* em uso em 2021, o que representava mais de um aparelho por habitante. Para se ter uma ideia da popularização do equipamento, para cada televisão vendida, foram negociados quatro telefones inteligentes.[34] No geral, esse cenário apresenta novas exigências ao mercado da comunicação no século XXI, entre elas o investimento na criação de aplicativos mais dinâmicos, nos sistemas operacionais iOS e Android. Em todo o mundo, em 2020, foram realizados 218 bilhões de *downloads* de *apps*, um aumento de 7% na comparação com 2019, o que representou o gasto de 143 bilhões de dólares em lojas de aplicativos[35].

À medida que esses dispositivos vão sendo incorporados no cotidiano dos indivíduos, vão surgindo também novas necessidades de consumo de informação e uma certa "*App Culture*" (Rublescki, Barichello, Dutra, 2013, p. 124), que ao se adequar às novas expressões sociais, redefine o papel estrutural do jornalismo, gerando a busca por diferentes modelos e estruturas para as notícias. A conjuntura contemporânea é igualmente desafiadora para as empresas jornalísticas porque a crescente utilização dos dispositivos móveis força o desenvolvimento, ainda que experimental, de novas linguagens e narrativas, traduzidas no esforço conjunto interdisciplinar de produção de mecanismos personificados de acesso às informações do dia a dia via *app*.

Em termos de produção e distribuição de conteúdo digital, nos meios tradicionais a revolução eletrônica em curso deu origem ao jornalismo móvel (*Mobile Journalism,* acrônimo MOJO), adaptado aos dispositivos eletrônicos conectados à internet. Rodrigues, Baldi e Gala (2021) consideram este um novo "campo jornalístico" cuja principal vantagem é a mobilidade, quer dizer, a possibilidade de executar uma reportagem ou entrada ao vivo de qualquer lugar, desde que com acesso à internet, usando uma quantidade de equipamentos muito menor e mais leve do que os utilizados

[34] Pesquisa anual de uso das tecnologias de informação da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em <https://eaesp.fgv.br/producao-intelectual/pesquisa-anual-uso-ti>. Acesso em outubro, 22, 2021.

[35] Disponível em <https://www.appannie.com/en/go/state-of-mobile-2021/>. Acesso em outubro, 22, 2021.

habitualmente. Os autores destacam ainda três benefícios da utilização dos *smartphones* no jornalismo móvel: a agilidade, a flexibilidade e a acessibilidade.

Mas, se de um lado, o MOJO permite uma produção noticiosa mais ágil e de baixo custo, com acesso mais fácil a determinados locais, podendo resultar em formatos distintos de notícia, de outro lado, porém, os jornalistas são impactados por um outro regime de trabalho, atuando sozinhos e quase sempre acumulando funções de redator, fotógrafo ou cinegrafista e operador de áudio, entre outras. Em vez de instrumentos de trabalho como papel e caneta ou lápis (no caso do jornal), de grandes aparatos técnicos e recursos humanos (no caso da televisão) e do gravador (no caso do rádio) (Travancas, 2011, p. 48), um único dispositivo, o *smartphone*, passou a concentrar diversas funcionalidades, juntamente com outros equipamentos criados para auxiliar o jornalista em sua tarefa solo.

> Na produção de uma matéria, um dispositivo multitarefa pode ser usado, por exemplo, nas seguintes atividades: como um telefone [...], como um gravador (para registrar áudio ou vídeo de gravação de entrevista), como uma câmera (com vídeo para a matéria), como um computador (para escrever e armazenar o texto com o auxílio de um teclado blueetooth externo), como uma ferramenta de internet (para apuração de informações) e como uma ferramenta de email (para enviar o material para o editor ou postar diretamente no site ou blog). (Väätäjä, Männistö, Vainio, T., & Jokela, 2009, p. 179)

Apesar da autonomia, da velocidade e da flexibilidade proporcionadas pelo MOJO, para o jornalista Stphen Quinn, a técnica é ineficiente em coberturas em zonas de perigo ou guerra, pois o trabalho solitário em regiões de conflito deixa os jornalistas ainda mais vulneráveis (Rodrigues, Baldi e Gala, 2021). De qualquer maneira, no modelo de jornalismo móvel, ao texto das notícias podem ser acrescentados vídeos, áudios, infográficos, e até mesmo outras linguagens ainda em gestação. Este trabalho não pretende aprofundar as discussões sobre os formatos das notícias no MOJO. Contudo, este modelo é interessante para pensarmos como os meios tradicionais de comunicação têm procurado adaptar o seu conteúdo aos dispositivos móveis, o que reflete também na estrutura textual das notícias.

Muito do que tem sido produzido em diferentes jornais em todo o mundo ainda está na fase das experimentações, da tentativa e erro. Em jornais com menos estrutura, os conteúdos disponibilizados para *smartphones*, *tablets*, *iPhones* e *iPads* ainda são uma transposição das matérias produzidas para os impressos (Moura & Gomes, 2015). Mesmo em grandes empresas, nota-se um cenário indefinido com a tendência em transpor o conteúdo da *Web* para o *app*. Nesses casos, as notícias costumam sofrer a supressão de imagens e a redução de textos quando inseridas nas versões *moblile* (Conde, 2013).

Em sua investigação sobre a experiência de jornais brasileiros em dispositivos móveis, Zanotti e Schmidt (2013) identificaram a existências de fatores determinantes para o sucesso ou fracasso de iniciativas de jornalismo em *apps*, sendo um deles o treinamento dos recursos humanos para uma mentalidade de informação móvel que se processa de maneira muito diferente daquela com a qual os jornalistas dos meios de referência estão acostumados. O jornal *O Liberal,* publicação impressa de mais de 60 anos em circulação na cidade de Americana – São Paulo (Brasil), é apontado como um caso bem-sucedido, muito embora não haja uma equipe específica para a versão *mobile* das notícias. Os jornalistas trabalham numa redação integrada e costumam ter em mente o modelo convergente de mídias e formatos ao executar as suas produções. No final dos processos, a equipe de internet, formada por três jornalistas, sendo um editor e dois repórteres, edita o material para uma linguagem específica do meio eletrônico e os textos são simultaneamente disponibilizados no portal da *Web* e na versão móvel.

Poucas empresas, no entanto, têm dedicado tempo e recursos financeiros para encontrar um caminho rentável e personalizado para o consumo de conteúdos em dispositivos móveis, apesar da notória alteração nos modos de escrita e leitura das notícias. Nesse sentido, e Aguiar e Barsotti (2016, p. 59) ressaltam que a interação do leitor com máquinas sensíveis ao toque "exige que os jornalistas reorientem o processo de produção da informação jornalística na direção de uma pedagogia de movimentos para se comunicar com seu público". Os autores acreditam que deste processo surge um jornalismo centrado na lógica das sensações: "Não basta à notícia ser apenas lida, vista ou ouvida; ela é, sobretudo, sentida, experienciada pelas sensações, vivenciada ao máximo pelos sentidos" (Aguiar & Barsotti, 2016, p. 59).

Os autores lançam um olhar mais atento ao *O Globo a Mais,* um vespertino digital lançado pelo jornal *O Globo* em 2012 e projetado para o consumo de notícias no tablet após às 17h. O produto, que se assemelha graficamente a uma revista, é dividido em seis seções fixas: Giro, Imagens do Dia, Reportagens, Colunas, Dicas a Mais e Imagem a Mais. A primeira seção merece a nossa atenção por ser um apanhado de notas (textos curtos, formados apenas pelo *lead*) com os principais fatos do dia. O produto apresenta um tutorial a fim de "educar" os leitores do dispositivo a percorrer o conteúdo através do toque, arrastando ou deslizando os dedos pela tela (Aguiar & Barsotti, 2016, p. 64). De certa forma, esse tipo de linguagem resgata a diversão pela exacerbação das sensações.

2.5 Das velhas práticas aos novos conceitos

Ao propor as bases para a compreensão da estrutura das notícias na *Web* e nos dispositivos móveis a partir do estudo do *elpaís.com*, o aplicativo do *EL PAÍS* para *iPad*, Conde (2013) levanta algumas discussões interessantes. Em primeiro lugar, admite ser difícil chegar a um conceito de notícia nesse contexto, exatamente por esta não constituir um objeto determinado. No geral, sabemos o que pode se tornar ou não notícia a partir de um conjunto de valores ou critérios de noticiabilidade, que funcionam como um guia para auxiliar os jornalistas a selecionar os assuntos e temas mais interessantes dentro de um universo vasto de eventos do cotidiano.

Galtung e Ruge (1965) elencam 12 destes critérios: frequência, amplitude, clareza, significância, consonância, inesperado, composição, continuidade, referência a nações de elite, referência a pessoas de elite, personificação e negatividade. Esses valores, embora trabalhados conceitualmente de forma diferente por diversos pesquisadores do jornalismo, variam pouco de sentido. Wolf (1999) indica cinco valores-notícia relativos ao conteúdo, à disponibilidade de material, ao produto (brevidade, negativo, impactante, surpreendente, atual, apresentação atraente, clareza e padrões técnicos mínimos), ao público (estrutura narrativa, capacidade de atrair e entreter a audiência e a importância da notícia) e à concorrência (personagens de elite, publicação pela concorrência). Tais valores obedecem a determinados critérios, quais sejam o nível hierárquico dos protagonistas, o interesse nacional, a quantidade de pessoas envolvidas e a relevância do acontecimento quanto à evolução futura. Historicamente, coube aos jornalistas profissionais, no contexto do jornalismo moderno, a tarefa de selecionar, organizar e processar os fatos do dia a dia em notícia através da utilização de tais critérios.

Em segundo lugar, Conde (2013) propõe compreender a notícia nos ambientes digitais levando em consideração a sua estrutura, normalmente composta por hiperligações, informações hierarquizadas e presença de conteúdo multimídia, e a personalização das informações resultante de configurações específicas de acordo com os interesses dos usuários. A ideia é que cada indivíduo faça o seu próprio percurso de leitura por meio dos hipertextos. Nesse aspecto, Canavilhas (2001) sugere que o papel proativo dos leitores vai determinar os diversos caminhos de leitura através dos *links*. Na *web*, a noção da pirâmide deitada consiste em uma trajetória de possibilidades infinitas em que a ordem de importância das informações aparece em vários níveis de aprofundamento. O primeiro nível corresponde ao texto ou unidade base de informação com respostas às perguntas: O quê? Quem? Quando? e Onde?. O Como? e o Porquê? serão respondidos no segundo nível de explicação. A eles seguem-se a

contextualização e por último a exploração. Sendo assim, a pirâmide deitada proporciona um conhecimento mais abrangente dos temas tratados nas notícias. Apesar disso, o jornalismo em dispositivos móveis ainda parece fazer pouco proveito dessas possibilidades.

Em termos de estrutura textual, as notícias publicadas nos *apps* apresentam uma arquitetura[36] semelhante aos padrões pré-estabelecidos pelo jornalismo tradicional. Nishiyama (2017) destaca que a pirâmide invertida é a técnica predominante nas seis empresas de comunicação estudadas no Brasil e em Portugal, e que a falta de um formato capaz de utilizar a hipertextualidade de modo mais adequado prejudica a interação do leitor nos *smartphones*, o obrigando a fazer a rolagem das telas (*scroll).* Sendo assim, para o autor, os jornais se encontram em um processo de experimentação de novas arquiteturas, por enquanto preservando as seguintes características: 1) gênero informativo, 2) notícias correspondem à grande maioria dos formatos das matérias, seguidas das notas, 3) política, esporte e segurança são os temas mais divulgados, 4) a própria redação é a principal fonte das notícias, 5) o texto é o elemento mais utilizado. A sexta e, ao nosso ver, a mais importante característica identificada é a falta de interesse pelas notícias locais. Durante a pesquisa, nenhuma das publicações observadas tinha uma abordagem local.

Em um cenário onde uma parcela considerável da população está conectada e consulta notícias através dos *smartphones*, o desinteresse pelos temas locais e hiperlocais parece pouco inteligente, pois abre espaço para a entrada de outros agentes, não necessariamente jornalistas e empresas jornalísticas, nesse campo. Sabe-se que, no paradigma da comunicação contemporânea, os indivíduos deixam de lado o consumo passivo da informação para assumir um lugar ativo de produção e distribuição de conteúdo. Diariamente, os jornalistas são confrontados com inúmeros exemplos da presença e participação ativa de pessoas comuns na produção de informações de interesse jornalístico. Daí Mielniczuk (2013, p. 114) afirmar que as tecnologias de informação e comunicação nas sociedades contemporâneas "inovam, modificam e questionam o fazer jornalístico".

Para chegar a essa conclusão, a autora se baseia no papel desempenhado pelos jornalistas em dois incêndios ocorridos entre 2009 e 2010, em regiões diferentes do Brasil. Em um dos casos, o repórter furou a barreira de acesso fazendo-se passar por um morador local e a partir de um dispositivo móvel realizou uma transmissão ao vivo para o noticiário do *Grupo RBS* durante 30 minutos. No segundo caso, as informações

[36] O conceito de "arquitetura da notícia" é tomado de empréstimo de Nishiyama (2017, p. 148) para quem ele corresponde ao design gráfico das plataformas, que remete à estrutura do conteúdo em diferentes mídias proporcionando aos usuários a experiência da interatividade, a imersão, além da possibilidade de eleger seus próprios interesses e se aprofundar neles.

do incêndio em um morro do Rio de Janeiro já circulavam por diferentes perfis no *Twitter* em menos de meia hora, enquanto a imprensa tradicional demorou quase duas horas para lançar as primeiras notas informativas em seus *sites*. As matérias mais completas só foram publicadas na manhã do dia seguinte e mesmo assim fazendo uso dos conteúdos (depoimentos, fotos e vídeos) produzidos e publicados pelos usuários do *Twitter*. O incêndio começou por volta das 22h de um sábado, horário em que provavelmente as redações contavam com poucos jornalistas.

> Foram os usuários da internet que proporcionaram a produção e circulação de informações que um grande incêndio demanda e com a urgência exigida do jornalismo, e que por ele não foi atendida nesse caso. Quem respondeu aos anseios dos moradores da cidade não foram as organizações jornalísticas, mas os próprios moradores das proximidades. (Mielniczuk, 2013, p. 114)

Vejamos estes dois exemplos com mais cuidado. No primeiro caso, o repórter se valeu das tecnologias e dispositivos móveis para conseguir chegar ao ponto exato da ocorrência e transmiti-la, corroborando a hipótese de Rodrigues, Baldi e Gala (2021) de que o jornalismo móvel consegue ser mais ágil e acessível, entre outros fatores, pela mobilidade oferecida pelos equipamentos portáteis. Ainda assim, Mielniczuk (2013, p. 122) não tem a certeza de que podemos caracterizar a transmissão em tempo real do incêndio como "cobertura jornalística".

No segundo caso, porém, aconteceu o contrário. Os jornalistas até podiam ter esses aparatos ao seu dispor, mas possivelmente foram limitados pela própria rotina laboral defasada (e talvez também pelas limitações de acesso ao morro onde aconteceu o incêndio). Sendo assim, enquanto os jornalistas não fizeram uso de suas prerrogativas de porta-vozes e mediadores das notícias, os moradores ocuparam esse lugar, protagonizando a emissão de informações em tempo real acerca daquilo que presenciavam e gravavam por meio de seus dispositivos móveis. Através do *Twitter* conseguiram publicar informações relevantes para a cidade como um todo de forma contínua, não apenas em textos, mas também com fotografias e vídeos.

Assim sendo, nesse caso, pode-se dizer que os papéis foram invertidos. Os cidadãos comuns tornaram-se noticiadores, fazendo uso das possibilidades tecnológicas dos *smartphones* e produzindo textos mais curtos (e provavelmente despadronizados), característicos das notícias em *apps* (Nishiyama, 2017; Luna & Fante, 2017). Claramente, aos jornalistas sobrou a apropriação do material divulgado pelos cidadãos e uma mera repetição, ainda que textualmente mais ordenada, das informações que já haviam circulado da noite anterior.

> No ambiente da comunicação ubíqua das grandes cidades e com a população equipada com celulares, independente do local e do horário em que acontecer um fato de interesse jornalístico, sempre haverá pessoas ávidas por informações, assim como

> pessoas disponíveis, capazes e com condições técnicas para registrar e relatar os acontecimentos. Assim, cada cidadão em potencial é produtor de informação, *não importando se com intenções ou ambições jornalísticas, mas atuando de alguma forma no campo do jornalismo ou muito próximo dele*. (Mielniczuk, 2013, p.123 [grifos nossos]).

Em *Os Elementos do Jornalismo*, Kovach e Rosensteil (2004) procuram abordar a sua finalidade e os seus fundamentos em um momento de grandes transformações como a chamada Era da Eletrônica. Para os autores, "[...] a finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia, pelos jornalistas ou pelas técnicas utilizadas no dia-a-dia". Os princípios e finalidades do jornalismo, ressaltam, "[...] são definidos por alguma coisa mais elementar – a função exercida pelas notícias na vida das pessoas" (Kovach & Rosensteil, 2004, p. 30).

Mas, as notícias somente podem produzir a autonomia e a autogovernação dos cidadãos se lhes oferecerem as condições necessárias para a tomada de decisões que, em última análise, levem ao bem comum. Nesse aspecto, a apuração e a verificação das informações são fundamentais para diferenciar o jornalismo de outras práticas sociais.

No bojo dessas questões, o potencial de produção e circulação das informações de interesse jornalístico por cidadãos não-jornalistas adquire centralidade, pois o relato pode ganhar *status* de notícia, no sentido de "o que está acontecendo?", a informação atual e atualizada na temporalidade do aqui e do agora, como é esperado do jornalismo. Dito de outra forma, é possível que, em determinados eventos, o fato de as informações não procederem do jornalismo tradicional não seja um problema para o conjunto geral dos indivíduos, desde que sejam verídicas e passíveis de comprovação. Dentro dessa lógica, um acontecimento torna-se notícia não porque sua enunciação está atrelada ao trabalho dos jornalistas ou mesmo porque tem a sua origem nos meios de comunicação tradicionais, mas antes porque os relatos circulam, quando circulam são consumidos, discutidos, verificados em conjunto, compreendidos e reproduzidos, independentemente da estrutura textual com que se apresentam.

Dentro dessa lógica comunicativa, a noção de notícia extrapola aquela convencionada pelo campo jornalístico, pois à medida que vai sendo produzida coletivamente pelos sujeitos sociais ativos, e que os processos de circulação, consumo e reprodução vão se desenrolando, a própria informação vai sendo complementada, corrigida e ampliada pelos indivíduos. Mesmo que não sejam materializados na forma noticiosa padrão, os relatos produzidos por cidadãos comuns podem circular por diferentes circuitos não tradicionais de mídia, chegando rapidamente a um número bastante elevado de pessoas conectadas aos ambientes digitais por meio dos *smartphones*. Nesses circuitos, a notícia pode ser compreendida como relatos ou informações altamente relevantes produzidos de forma absolutamente descentralizada e de maneira conjunta.

Para usarmos os fundamentos de Hall (2003), também aí não existe linearidade, pois a eficácia da comunicação vai depender da articulação entre os integrantes do circuito e da interligação entre eles e as tecnologias. Neste circuito, os aplicativos e os telefones inteligentes desempenham o papel de ferramentas mediadoras através das quais os indivíduos conseguem produzir e fazer circular mensagens que compreendem ser importantes para a sociedade como um todo. Mais uma vez, o consumo ou a rejeição vai depender basicamente da veracidade de tais mensagens, já que dentro dessa dinâmica, as pessoas encontram as condições para serem, ao mesmo tempo, emissores e receptores, engendrando um mecanismo comunicativo multidirecional, ainda mais veloz que os meios tradicionais.

Nossa linha de raciocínio vai ao encontro do que escreveu o jornalista britânico e consultor da Reuters, Jeremy Wagstaff:

> Em primeiro lugar, todos estão conectados. Por conectados, quero dizer que eles (cidadãos) podem procurar o que quiserem, desde que estejam perto de um computador conectado à Internet. O que para muitas pessoas significa agora um telefone 3G. [...] Não estamos longe da informação. Isso tem um impacto crítico na ideia de notícia. Em segundo lugar, não há notícias. *Ou pelo menos não existe mais uma tradicional e estabelecida definição do que é notícia. Em vez disso, temos informação* (Wagstaff, 2007 (grifos nossos [tradução nossa]).

Há dois aspectos importantes no pensamento do jornalista que merecem ser considerados. O primeiro é que o conceito tradicional de notícia perde o sentido no contexto das transformações tecnológicas digitais devido à descentralização dos polos produtores. Em vez do modelo comunicativo de um para muitos, temos uma comunicação de muitos para muitos. Nesse sentido, a notícia cede espaço para uma perspectiva mais ampla e generalista de informação. Significa dizer que as pessoas conectadas à internet, a partir de seus telefones inteligentes, de onde quer que estejam, conseguem ter acesso a mensagens capazes de suprir as suas necessidades de saber o que está acontecendo ao seu redor, mesmo que sejam mensagens curtas, produzidas por agentes externos ao jornalismo. Essas informações tornam-se notícias quando oferecem resposta às perguntas: “o que está acontecendo?”, “o que há de novo com você?”.

O segundo aspecto diz respeito à proximidade das pessoas dos acontecimentos do dia a dia e à possibilidade de comunicarem aquilo que experienciam. Por isso, para Wagstaff (2010), a produção informativa ativa dos cidadãos ganha ainda mais visibilidade e importância nos contextos locais e hiperlocais, exatamente aqueles muitas vezes desprezados pelas empresas jornalísticas (Nishiyama, 2017).

> O que estamos vendo com a Internet não é uma revolução contra os valores da velha mídia; uma revolução contra a noção de que só nós (os jornalistas) podemos ditar o que

> é notícia. O que estamos vendo é que as pessoas buscam notícias de quem pode ajudá-las a responder as perguntas que estão fazendo. Queremos as manchetes, vamos para CNN. Mas, no resto do tempo, "notícias" são para nós (cidadãos comuns) apenas parte de uma procura maior por informações, por estar informado (Wagstaff, 2007 [tradução nossa]).

De certa maneira, Luna e Fante (2017, p. 187) demonstraram que mensagens curtas, transmitidas em formato de alertas, são uma estratégia noticiosa já utilizada nos *apps* jornalísticos para atrair a atenção imediata dos usuários. As chamadas *pushed news* se encarregam de narrar um fato jornalístico em formato de notificações. Foram analisados 14 aplicativos de cinco jornais portugueses, quatro brasileiros, dois periódicos da Espanha, além de um jornal belga e duas publicações inglesas. Valores como notabilidade, proximidade e temporalidade foram usados em 73%, 42% e 41% das notificações enviadas aos usuários. Segundo os autores, uma análise mais detalhada indica que as empresas de mídia acabam definindo a agenda pública por meio de alertas ou mensagens curtas. A simples leitura das *pushed news* "forma uma ideia de manter-se sempre informado, consciente da esfera pública e pronto para interagir em sociedade com o conhecimento proveniente destas "pílulas de informação noticiosa" (Luna & Fante, 2017, p.189), uma vez que são de rápida absorção.

Este nos parece um bom momento para retomar o pensamento de Nielsen (2021) quando fala na notícia não mais como forma de conhecimento, mas como formas de conhecimento, resgatando o estudo de Robert Park para transpor a sua análise para as notícias digitais. O argumento central do autor é o de que as mudanças nas práticas sociais, nos modos de organização e nas tecnologias de mídia que constituem as notícias digitais já não permitem mais falar em uma forma de conhecimento da realidade social, pois há uma variedade de formas de conhecimento na atualidade. Por isso, Nielsen propõe substituir a visão unitária de notícia presente no pensamento de Park por três tipos ideais diferentes que caracterizam as notícias produzidas para ambientes digitais: notícias-como-impressões; notícias-como-itens; notícias-sobre-relações. Antes de explicá-las, vale salientar o que o autor entende por notícias digitais.

> As notícias digitais são atualizações no Twitter, *blogging* ao vivo e cobertura de eventos de última hora pela TV, às vezes em espaços onde parece não haver conhecimento. As notícias digitais também podem ser jornalismo *long-form*, em profundidade, detalhadas, de interações guiadas por dados, de *streaming* sob demanda ou de *download* de assuntos atuais ou, ainda, de documentários. (Nielsen, 2021, p. 12)

Embora haja uma escala ampla daquilo que possa ser considerado uma notícia digital, percebe-se que o interesse do autor está no conteúdo, na produção e no trabalho jornalístico. Ainda assim, acreditamos que o novo paradigma de formas de conhecimento proposto por Nielsen contribui para uma melhor noção dos diferentes

tipos de notícias em ambientes digitais, inclusive as informações produzidas por cidadãos comuns.

De acordo com Nielsen (2021, p. 15-21), os três tipos de notícias para ambientes digitais estão relacionados aos graus ou níveis de profundidade e ao caráter temporal dos conteúdos produzidos. As notícias-como-impressões possuem o nível mais baixo de profundidade e sua orientação temporal é geralmente o "agora". São notícias em fluxo constante que contém pouca estrutura narrativa e oferecem mais impressões do que relações e, por isso, são próximas da *familiaridade com*. São exemplos de notícias-como-impressões os *feeds* de notícias e sites constantemente atualizados.

Nas notícias-como-itens, a orientação temporal são as últimas 24 horas. As notícias deste tipo estão associadas aos jornais e telejornais e se apresentam na forma de matérias e publicações particulares mais parecidas com o que Park analisou na segunda metade do século XX.

O terceiro e último tipo são as notícias-sobre-relações, mais profundas e explicativas, com dados que ultrapassam as manchetes e que, por isso mesmo, são mais duráveis, o que as aproxima da ideia de *conhecimento sobre*. As reportagens investigativas são apontadas como exemplo deste tipo de notícias. Segundo o autor, a complexidade do sistema midiático contemporâneo empurra as notícias para os dois extremos.

De certo modo, os tipos de notícias de Nielsen permitem aproximar nas noções de impressão das noções de informação com as quais trabalhamos na última seção deste capítulo, sugerindo uma atualização do conceito de notícia como informação que, ao ser produzida por cidadãos comuns, em ambientes digitais, adquire o sentido de "o que está acontecendo?", na temporalidade do aqui e do agora, capaz de alcançar uma velocidade maior do que a almejada pelos próprios meios de comunicação tradicionais. Ainda que possam ser menos aprofundadas, essas informações também orientam os cidadãos e lhes dão uma perspectiva imediata dos acontecimentos ao seu redor. Assim, já não queremos falar em produção noticiosa padronizada e centralizada, ainda que esta também possa ser superficial e estar em constante atualização, como faz supor o tipo notícias-como-impressões. Nosso interesse assenta nas novas configurações tecnológicas que tornaram possível a produção informativa descentralizada e o entendimento da notícia como "informação útil", já que conjuntura contemporânea faz emergir outras possíveis interpretações para o que seja notícia.

Capítulo 3. Autoridade, confiança e credibilidade de relatos testemunhais

Em um contexto no qual todos podem relatar eventos de interesse jornalístico e distribuí-los por inúmeros canais de comunicação, cabe fazer algumas perguntas: todos os relatos testemunhais são confiáveis? O que torna um relato mais confiável do que outros? O testemunho de terceiros na *Web* é digno de crédito? Como se constrói a confiança em sistemas de mídia colaborativos nos ambientes digitais? Podemos dizer que ferramentas comunicacionais desenvolvidas por cidadãos, sem a participação de jornalistas, são credíveis? E, em que medida, isso impacta o jornalismo profissional?

Desde a primeira infância aprendemos e adquirimos conhecimento por meio dos relatos dos nossos pais, avós, professores, parentes mais próximos, etc. Na filosofia, essa matéria se insere nas preocupações da epistemologia e dos teóricos do conhecimento divididos em, basicamente, duas correntes. Entre os reducionistas, predomina a ideia de que a confiança é um processo que se desenvolve no âmbito da razão por meio de inferências que vão determinar a nossa crença no que as pessoas dizem ou não. Já para os antirreducionistas, confiar no relato de terceiros é uma atitude natural que antecede a razão e nos auxilia a viver em sociedade. Na Antiguidade, Aristóteles já postulava as características capazes de tornar um orador e seu discurso credíveis. Mas, pensadores mais contemporâneos compreendem o testemunho como um ato altruísta, repleto de responsabilidade social, no qual a confiança é construída através do desejo de compartilhar conhecimento e ajudar o semelhante a resolver questões ou problemas importantes, sejam eles de interesse individual ou da coletividade.

De certa forma, a confiabilidade reflete a autoridade e vice-versa. Ao longo da modernidade, as noções de autoridade como competência e confiabilidade se aproximaram do estatuto da profissionalização, com o preparo e treinamento técnico dos especialistas nas mais diferentes áreas, incluindo o jornalismo. Sabemos que a credibilidade do jornalismo profissional está baseada na confiança depositada pelo leitor, ouvinte, espectador ou internauta de que o jornalista é o agente mais bem preparado para lhe oferecer um panorama dos eventos do cotidiano com base em valores como verdade e objetividade. Contudo, o desenvolvimento tecnológico, o aparecimento dos dispositivos móveis, o surgimento de outras formas de comunicar e a inserção de agentes externos ao jornalismo nos processos de recolha e distribuição da informação tensionou o campo profissional, suscitando novas discussões sobre

testemunho, autoridade, confiança e credibilidade. Elas são imprescindíveis para a compreensão do fenômeno estudado nesta tese.

Sendo assim, neste capítulo, procuramos trazer difentes abordagens sobre essa temática a fim de discutir como a credibilidade é construída nos ambientes *online* e em que medida usuários de sistemas de mídia colaborativos conseguem desenvolver mecanismos de controle e confiança uns nos outros, tornando tais sistemas credíveis, mesmo sem a presença ou participação de profissionais da imprensa.

3.1 Breve abordagem filosófica

A confiança que depositamos naquilo que as outras pessoas nos dizem tem merecido um especial interesse por parte da filosofia desde a segunda metade do Século XX (Cruz & Müller, 2017), procurando os filósofos da Teoria do Conhecimento refletir sobre os aspectos individuais e coletivos envolvidos no processo de conhecimento do homem. Mas, se quisermos recuar à Antiguidade, há 2,5 mil anos Aristóteles já mencionava as características capazes de tornar um orador credível (Lisboa & Benetti, 2017).

Segundo Aristóteles (1998, p.53) a confiança nos oradores está subordinada a valores como critério ou prudência, integridade e boa vontade. Um dos grandes postulados da retórica aristotélica é, de acordo com Serra (2006a) que "só se pode levar alguém a 'crer em alguma coisa' quando se pode levar esse alguém a crer no alguém que o quer levar a crer". Então, o *ethos* ou caráter moral do orador aparece como o primeiro meio de convencimento em um discurso (p.3). Mas não é somente o comportamento do falante que torna um discurso confiável. O estado de ânimo e a disposição dos ouvintes, mas tambem a própria mensagem, compõem o quadro geral da confiança naquilo que é dito (Aristóteles, 1998, p.54).

Isso implica uma circularidade na qual a confiabilidade do orador torna o discurso credível e o discurso credível evidencia a credibilidade do orador. Sendo assim, "as qualidades de cada um dos elementos se vão repercutindo no outro" por meio de uma relação dinâmica em progressão (Serra, 2006a, p.4). Como ressaltam Lisboa e Benetti (2017, p.52), nós possuímos "mecanismos de percepção e de julgamento, desenvolvidos ao longo de anos e que, em condições normais, nos tornam hábeis em perceber inconsistências no discurso alheio". Essa condição é tida como essencial não apenas para a evolução da espécie humana, mas para "a vida em sociedade".

Uma abordagem filosófica da epistemologia do testemunho está preocupada em compreender como e em que medida, individual e coletivamente, somos capazes de aprender e adquirir conhecimento através do relato de terceiros. Indiscutivelmente, ao longo da vida, formamos crenças a partir do que outras pessoas nos dizem, seja através

de um simples pedido de informação a um transeunte desconhecido ou de assuntos mais complexos e especializados, por meio de descobertas científicas e tecnológicas. Essa prática racional costuma dar origem a crenças verdadeiras, tornando o testemunho "uma valiosa e indispensável fonte de conhecimento" (Etcheverry & Müller, 2017, p.9).

Mesmo na literatura mais contemporânea sobre a epistemologia do testemunho, encontramos duas perspectivas filosóficas dominantes e dicotômicas, o reducionismo de David Hume e o antirreducionismo de Thomas Reid. Em *Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral,* Hume defende que a experiência e a observação funcionam como guias que nos conduzem às crenças baseadas em evidências. A veracidade de um testemunho e a produção de conhecimento a partir dos relatos de outras pessoas dependem dos fatos ou evidências a eles relacionados. Dito de forma diferente, se reduzem às razões para crer que uma testemunha é confiável (Moreira, 2017).

Nossa confiança no depoimento de espectadores ou testemunhas oculares "não deriva de outro princípio que não nossa observação da veracidade do testemunho humano e da conformidade habitual entre os relatos de testemunhas e os fatos" (Hume, 2004, p.156), ou seja, quando experienciamos ou observamos a constante conjunção de relatos e fatos, desenvolvemos, por hábito, a crença na veracidade do que as outras pessoas dizem. Por isso, Hume afirma que a nossa crença no testemunho funciona de maneira semelhante à relação entre causa e efeito.

Para os reducionistas, a crença é invariavelmente dependente da conexão entre testemunho e fatos, mas como a nossa tendência é hesitar diante dos relatos de terceiros, buscamos na observação, na experiência e até na memória as inferências para adquirir conhecimento pelo testemunho.

> Não fosse a memória dotada de um certo grau de obstinação, não se inclinassem comumente os homens à verdade e a um princípio de probidade, não fossem eles sensíveis à vergonha de serem apanhados mentindo, se estas qualidades, eu digo, não fossem reveladas pela *experiência* como inerentes à natureza humana, então não teríamos porque depositar a menor confiança no testemunho humano. (Hume, 2004, p.156 [grifo do autor])

Portanto, no reducionismo, nossa razão não é capaz de extrair "qualquer conclusão referente à existência efetiva de coisas ou questões de fato" sem auxílio da experiência (Hume, 2004, p.56). Tal raciocínio considera os relatos carentes de evidências fortes inclinados ao descrédito, assim como os rumores, os boatos e as fofocas que, apesar de necessitarem de verificação oficial, acabam quase sempre espalhados em cadeia. Os boatos são um fenômeno antigo na humanidade e seus propagadores nem sempre estão bem-intencionados, daí os boatos não serem considerados casos de testemunhos. Como

indica a tradição, quase nunca os boatos são disseminados por fontes confiáveis. Contudo, a tentativa de averiguar a veracidade dos boatos é considerada uma ação positiva na medida em que pode ter alguma utilidade para o investigador se a meta for adquirir conhecimento sobre o assunto (Cruz & Müller, 2017).

De maneira oposta à sugerida por Hume, Thomas Reid argumenta que somos capazes de formar crenças sem qualquer tipo de raciocínio indutivo. Considerado o pai do antirreducionismo (Moreira, 2017), em *An Inquiry into de Human Mind*, Reid situa o testemunho como fonte básica da crença justificada que não depende de outras fontes como a observação, a experiência ou a memória. Para o filósofo, o testemunho e a percepção funcionam de maneira equivalente, ou seja, do mesmo modo que adquirimos crenças com base na percepção do ambiente ao nosso redor através dos sentidos, formamos crenças a partir das informações que recebemos de nossos semelhantes por meio da linguagem, sem a necessidade de inferências.

> No testemunho da natureza dado pelos sentidos, assim como no testemunho humano dado pela linguagem, as coisas nos são significadas por signos; e em cada um deles a mente passa, seja por forças originárias ou por costume, do signo à concepção e crença nas coisas significadas. (Reid, 1764, p.117)

Posto isso, testemunho e percepção são análogos em dois sentidos, já que existem dois tipos de percepção – original e adquirida – e dois tipos de linguagem – natural e artificial – através das quais a mente humana estrutura a crença pelo testemunho. Segundo Reid, há uma grande analogia entre a percepção adquirida e a linguagem artificial, mas uma analogia ainda maior entre a percepção original e a linguagem natural.

A percepção original diz respeito às variadas sensações dadas pela natureza anteriores a qualquer tipo de aprendizado, por exemplo quando, pelo toque, percebemos a solidez dos objetos, as suas formas e extensão (Moreira, 2017, p.56). Assim, "independentemente da experiência, o signo sugere a coisa significada e cria a crença nela" (Reid, 1764, p.117). De modo análogo, é através da linguagem natural expressa nos traços do rosto, nos gestos do corpo e na modulação da voz, por exemplo, que aprendemos a interpretar os signos, independentemente da experiência. Para Reid, essa é uma capacidade inata aos seres humanos.

Por outro lado, na percepção adquirida, descobrimos a correlação entre signo e coisa significada pela experiência. "O açougueiro conhece de vista o peso e a qualidade de seu gado [...], o agricultor percebe por seu olhos aproximadamente quanto feno há em um palheiro (Reid, 1764, p.104). Semelhantemente, na linguagem artificial, a experiência nos auxilia no aprendizado e formulação de crenças. Compreendemos a língua

portuguesa porque compartilhamos um sistema de signos que tem significados estabelecidos por acordo entre aqueles que os utilizam (Moreira, 2017, p.58).

Há na filosofia de Reid, portanto, a certeza de que as crenças baseadas no testemunho não dependem da experiência ou da razão. Ao contrário, elas estão amparadas pelo princípio da veracidade e pelo princípio da confiança. Conforme o princípio da veracidade, temos a propensão de falar a verdade, não precisamos de treinamento para isso. Falamos a verdade simplesmente porque ela está sempre em primeiro lugar, sai de modo espontâneo, faz parte do impulso natural da mente. Além deste princípio, temos "implantada em nós por Deus" a disposição de "confiar na veracidade dos outros e acreditar no que eles nos dizem" (Reid, 1764, p.120). O princípio da credulidade explica porque as crianças instintivamente acreditam no que os seus pais dizem.

> A natureza pretende que sejamos carregados nos braços de outros antes de podermos andar sobre nossas pernas; da mesma forma, a natureza pretende que nossa crença seja guiada pela autoridade e razão dos outros antes que possa ser guiada pela por nossa própria razão. (Reid, 1764, p.120)

Com efeito, no antirreducionismo, o testemunho é uma operação social da mente cuja intenção é transmitir informação. Em síntese, acionamos os princípios da veracidade e credulidade para formular crenças por meio do relato de terceiros.

> Quando alguém nos dá um testemunho, intencionando transmitir uma informação através da linguagem artificial, nós também interpretamos pela linguagem natural (a maneira pela qual a testemunha se expressa, seu tom de voz, seus gestos, etc.) a intenção de transmitir a informação. Pelo princípio da veracidade a testemunha instancia os signos da linguagem natural (ela tende a expressar seus "reais pensamentos") e pelo princípio da credulidade nós formamos a crença naquilo que nos é dito. (Moreira, 2017, p.68)

Em seu texto, embora não aprofunde o pensamento, Reid deixa pistas de que a disposição natural para confiar e adquirir conhecimento de outras pessoas pelo testemunho vai perdendo força conforme o homem amadurece, aprende a se apoiar menos na razão dos outros e a suspeitar dos seus relatos, estabelecendo limites para a autoridade à qual estava sujeito. A concepção antirreducionista de Reid é compartilhada por outros pensadores, que procuraram ampliar a perspectiva epistemológica não individualista, mas apontando para as vantagens de ser um ouvinte crítico e racional (Fricker, 1995; McMyler, 2011).

Ao elaborar uma densa revisão sobre a obra *Testimony*, de Tony Coady (1992), Fricker (1995) pretende indicar a possibilidade de uma corrente conciliatória entre as duas perspectivas dicotômicas. A autora entende que nem o reducionismo, nem o antirreducionismo estão totalmente corretos, dando indicações de que o ouvinte pode se basear nas duas perspectivas para formular suas crenças sobre o testemunho.

Fricker (1995, p.400) alega que sabemos demais sobre natureza humana para confiar em qualquer um e muito menos em todos acriticamente. Essa consciência está presente tanto em Hume quanto em Reid, pois reconhecem a facilidade com que as pessoas podem dizer coisas não verdadeiras. Sendo assim, há a possibilidade de encontrar outras posições possíveis que não nos extremos.

Fricker defende, portanto, que a crença no relato de terceiros depende do assunto e da fase de desenvolvimento e amadurecimento do ouvinte. Um indivíduo maduro não pode abrir mão da análise crítica do informante, de modo que questiona qual deve ser o lugar do testemunho na teia de conhecimentos do indivíduo. Ele deve ter uma atitude de confiança acrítica ou escrutinar criticamente o informante? A resposta está na possibilidade de misturar esses dois sistemas de crença nas diferentes fases da vida. Na infância, por exemplo, confiamos e adquirimos conhecimento pelo testemunho dos pais, tutores, professores etc. Uma criança não possui as condições para fazer inferências críticas sobre o que lhe é dito por outras pessoas. Nessa fase, "simplesmente confiamos nos outros" (Fricker, 1995, p.401 [tradução nossa]). Mas a posição de Fricker, em concordância com Coady, é a de que devemos aceitar que há outras fases da vida, como a adolescência e a fase adulta, nas quais a crença no testemunho deve ser governada pelo monitoramento da sua confiabilidade. Dito de outro modo, na fase adulta, somos capazes de acionar alertas ou sinais de sinceridade ou falta dela. Se o falante deve estar sensível aos indicadores de sua falta, a tarefa interpretativa cabe ao ouvinte e "um ouvinte engajado em tal tarefa não acredita acriticamente no que lhe é dito por outras pessoas, pois é capaz de buscar fundamentos empíricos para a confiança no seu informante" (Fricker, 1995, p.405 [tradução nossa]).

Isso, reforça a ideia da dinâmica circular da crença. Se sujeitos maduros possuem mecanismo de escrutínio e capacidade para buscar fundamentos naquilo que as outras pessoas dizem, quanto maior for a confiabilidade do testemunho, tanto maior será a autoridade deste informante. Se por um lado, a infância é caracterizada pela simples confiança no que as outras pessoas dizem, por outro lado, a fase madura é caracterizada pela capacidade da avaliação. Sendo assim, "buscar inferências para um testemunho não significa que ele não é confiável e sim que o ouvinte não está sendo ingênuo" (Fricker, 1995, p.408 [tradução nossa]), o que sugere a existência de uma posição intermediária entre as perspectivas filosóficas extremas do reducionismo de Hume e do antirreducionismo de Reid.

3.2 Conhecimento compartilhado vs. *expertise* jornalística

Parte do nosso conhecimento do mundo é adquirido pelo testemunho de outras pessoas. Para Broncano (2008, p.12 [tradução nossa]), um ato testemunhal envolve essencialmente a intenção de transmitir e compartilhar conhecimento. O testemunho, nesse sentido, é considerado uma atitude colaborativa intencional, uma forma de cooperação social. Pensado como ato comunicativo de colaboração para transmissão de conhecimento, o testemunho deixa de servir como instrumento para a obtenção de objetivos pessoais, para visar alcançar objetivos mútuos. Assim, o testemunho é entendido por Broncano como "um consentimento explícito do falante e do ouvinte", pois da mesma maneira que o ouvinte reconhece a sua dependência espistêmica do falante, o orador reconhece a sua responsabilidade na partilha do conhecimento.

À luz da dicotomia entre o reducionismo e o antirreducionismo, Broncano argumenta que a corrente de Hume recusa qualquer tipo de autoridade ao testemunho, apostando no individualismo e na posição inferencial para a crença. Por outro lado, em Reid, a autoridade epistêmica deriva da própria prática comunicativa e da natureza das criaturas. Dessa maneira, ou sofremos a perda das nossas crenças mais comuns ou corremos o risco de sucumbir à credulidade, o que pode levar às atitudes cegas. A despeito da possibilidade de encontrar caminhos alternativos aos extremos apontada por Fricker (1995), os laços de confiança entre falante e ouvinte podem representar uma saída para o dilema. O que Broncano quer dizer é que a confiança surge de situações comunicativas concretas envolvendo a necessidade de conhecimento do ouvinte, mas também a responsabilidade informativa do falante.

> A confiança só é dada e recebida de pessoas que demonstram certa dependência interpessoal e mútua em situações particulares. A responsabilidade emerge de uma compreensão recíproca da situação como uma situação em que as pessoas envolvidas estão respondendo às necessidades epistêmicas manifestadas por outros. (Broncano, 2008, p.15 [tradução nossa])

Para haver a transmissão de conhecimento, o falante deve estar bem-intencionado, mas o ouvinte não deverá ceder à autoridade do informante apenas por conveniência. Para que o testemunho cumpra a sua função e o conhecimento venha a ser compartilhado, o ouvinte deve reconhecer a sua insuficiência de conhecimento em relação ao falante em um determinado contexto e circunstância. Quando reconhecidas, essas diferenças de perspectiva tornam-se fontes de autoridade epistêmica. Esse raciocínio é mais claramente delineado pelo autor da seguinte maneira:

> Porque *A* não pode ter acesso a p sem a ajuda de *B* que possui uma evidência e que *A* carece, *A* se coloca literalmente nas mãos de *B* em relação a p. Se então *B* declara sua condição de especialista, *A* tem o direito de confiar em *B* para obter o conhecimento de

> que p. Assim, somos confrontados com um fato social de compartilhar o reconhecimento mútuo da assimetria e aceitar as demandas que um compromisso conjunto cria. (Broncano, 2008, p.20 [tradução nossa])

Essa linha de pensamento é ainda mais fortemente defendida por McMyler (2011, p.7 [tradução nossa]), quando afirma que o testemunho "é uma capacidade epistêmica fundamentalmente social" e o exercício dessa capacidade "é um empreendimento cooperativo entre falante e audiência". Por conseguinte, Benjamin McMyler começa por rejeitar aquilo que denomina "autonomia epistêmica", a ideia de que os agentes cognitivos racionais (ouvintes) são os únicos responsáveis pela justificação de suas próprias crenças. Para este autor, filósofos como John Locke e David Hume foram influenciados pelo iluminismo ao retratarem o testemunho como evidência indutiva, cortando a conexão pré-existente entre confiança e autoridade[37], defendendo que o homem só pode adquirir conhecimento sobre as coisas baseado nas suas próprias conclusões. Em segundo lugar, ressalta que tanto o conhecimento baseado na inferência quanto o conhecimento baseado na percepção são formas de conhecimento de primeira mão. Por fim, desenvolve a noção do testemunho como um conhecimento de segunda mão porque é mediado pela mente de um falante, ou seja, ele depende das relações de segunda pessoa que mantemos com os outros.

Trata-se de uma confiança diferente de outras formas de crença, uma vez que está apoiada em um tipo de razão particular, o que chama de "razão de segunda pessoa" (McMyler, 2011, p.9 [tradução nossa]). Significa dizer que a nossa racionalidade é dependente das relações sociais, das relações de autoridade e responsabilidade que mantemos com as demais pessoas. A partir das noções de McMyler, se acreditamos no relato de um orador baseados na sua competência[38] e formos confrontados por uma terceira pessoa sobre possíveis inconsistências em tal relato, então temos o direito de devolver a responsabilidade ou adiar o desafio epistêmico ao orador original. Se o orador conseguir enfrentar o desafio, então o conhecimento será mantido. Do contrário, a crença justificada do ouvinte estará prejudicada, bem como a autoridade do orador. No entanto, há uma ressalva: "o público não tem o direito de adiar todos os tipos de desafio de volta ao orador original. Como eu disse, o público tem o direito de

[37] McMyler sublinha que juntamente com o individualismo, o iluminismo trouxe a suspeita da autoridade, a ideia de que a autoridade e a tradição são fontes de opressão e erro e não de verdade e sabedoria. Daí entender o problema da epistemologia do testemunho como um problema da Idade Moderna, pois até o começo da modernidade a crença baseada no testemunho era excluída da categoria conhecimento e classificada como "fé" ou "opinião" (McMyler, 2011, p.19).

[38] Define a "autoridade teórica" como um privilégio espistêmico de uma ou mais pessoas em posições especiais de transmitir conhecimento. Essa condição permite ao falante participar nos processos de formação de crença e aquisição de conhecimento do ouvinte. As correntes teóricas que compreendem o jornalismo como conhecimento associam a sua função a este tipo de autoridade. Já a "autoridade prática" consiste em certos direitos conferidos a alguém de acordo as competências previstas na atividade que exerce (McMyler, 2011, p.13). Um guarda de trânsito tem autoridade prática para desviar, liberar ou bloquear a circulação de motoristas pela via pública.

adiar apenas os desafios que envolvem a produção de provas contra o que alega saber" (McMyler, 2011, p.7 [tradução nossa]).

A autoridade ou competência a que se referem Broncano e McMyler não se restringe ao campo acadêmico, mas a uma posição de conhecimento que imbui o falante de responsabilidade ao transmiti-lo, agregando mérito ao testemunho. Nesse sentido, autoridade e confiabilidade constituem o ato testemunhal, ainda que ouvinte e falante não possuam as mesmas evidências.

De forma geral, os testemunhos a que os pensadores de referem não dizem respeito aos relatos formais proferidos no tribunal durante audiências judiciais, mas aos atos que espalham conhecimento através da comunicação. Dessa forma, uma pessoa testemunha quando a sua declaração oferece evidências para o que está comunicando, quando ela pretende que os seus ouvintes acreditem em suas credenciais e competência (autoridade), e quando essa pessoa crê que as suas afirmações são relevantes para resolver alguma questão (Graham, 1997, p.227).

O argumento central de Broncano e McMyler é valioso na medida em que coloca o desejo de cooperação como elemento fundamental no compartilhamento do conhecimento em posições de desequilíbrio de autoridade na vida coletiva. Esse caráter interpessoal e relacional do testemunho é importante para compreendermos, por exemplo, como indivíduos em situação de dependência epistêmica podem confiar no relato de desconhecidos em diversas circunstâncias, incluindo aquelas mediadas pelas ferramentas tecnológicas, adquirindo informações capazes de ajudá-los a solucionar questões individuais ou coletivas, colaborativamente. Esta perspectiva será mais amplamente abordada no capítulo 4, quando tratarmos do objeto desta tese.

Rocha e Müller (2017, p.81) assinalam que a associação entre autoridade e *expertise* tornou-se mais comum no século XX, a fim de designar a posse de um conhecimento especializado. "A opinião de especialistas sobre os mais variados tópicos tornou-se indispensável para a vida moderna", de sorte que médicos, engenheiros, meteorologistas, técnicos de informática, entre outros agentes especializados, adquiriram o *status* de autoridades fiáveis cujas opiniões passaram a orientar as decisões diárias de pessoas leigas.

Mas o que são especialistas? Como se define um *expert*? Aguiar e Rodrigues (2021) sugerem que um especialista pode ser entendido como um perito que detém conhecimento específico, competência técnica ou profissional em uma determinada área.[39] Esse saber é, pois, inerente a qualquer ocupação.

[39] Aguiar e Rodrigues (2021) apoiam-se no conceito de sistemas peritos desenvolvido por Giddens (1991).

> As palavras profissional, intelectual e *expert* são intercambiáveis em um sentido amplo e referem-se às pessoas com habilidades particulares e atuação em áreas específicas. Experts aprimoram experiência e competência continuamente e aprendem com os seus erros. São pessoas com domínio sobre um assunto. (Aguiar & Rodrigues, 2021, p.249 [grifo dos autores])

Como abordamos no capítulo anterior, a *expertise* dos jornalistas, por exemplo, e, por conseguinte, a sua autoridade, foram construídas ao longo da história da profissão pela alegação desses profissionais de possuírem um saber especializado amparado em valores como a objetividade e a imparcialidade, e pelo desenvolvimento de técnicas específicas de produção e escrita da notícia. Essa noção de *expertise* no jornalismo reforça a ideia de que os jornalistas acionam mecanismos de controle da qualidade da informação repassada ao público, o que contribui (ou pelo menos contribuía) decisivamente para a manutenção da credibilidade dos órgãos de comunicação e seus profissionais.

No jornalismo, a credibilidade é acionada como uma expectativa todas as vezes que o texto for percebido, pela público, como um texto jornalístico. A autoridade é "um dispositivo integrante do contrato de comunicação, que se sustenta na crença de que o jornalismo constitui-se como uma fonte credível" oferecendo provas de seu comprometimento com os fatos (Lisboa & Benetti, 2017, p.56). Conforme colocam Aguiar e Rodrigues (2021, p.250), a credibilidade está arraigada às noções de competência, também denominada autoridade. "Quando o leitor ou espectador confia na informação veiculada pela mídia – seja ela impressa, online ou televisiva – deposita sua credibilidade porque tem fé na perícia e precisão que supõe ser aplicada na produção da notícia". Desse modo, a confiança do público está calcada na crença da veracidade das informações relatadas, face ao rigor na recolha, seleção e hierarquização das notícias.

É preciso esclarecer que a credibilidade é uma qualidade do que é confiável (Lisboa & Benetti, 2017). Trata-se de uma qualidade percebida, que não reside em um objeto, pessoa ou numa informação (Fogg *et.al*, 2001). Por isso, seria um equívoco pensar a credibilidade como uma propriedade, uma qualidade auto-atribuída, pois ela é uma construção realizada conjuntamente entre falante e ouvinte (Serra, 2006a, p.2-3)[40].

Tendo em mente que a credibilidade é algo que se transmite, Sena (2013) se interessou em pesquisar, de modo particular no jornalismo televisivo, a existência de modos ou mecanismos pré-estabelecidos pelos jornalistas para a transmissão de credibilidade. A intenção era descobrir se recursos como a imagem, o direto (ao vivo), a edição, a

[40] Sendo uma qualidade construída, a credibilidade obedece a quatro leis fundamentais, denominadas de processos de credibilização: progressão geométrica, indução, associação e transferência. Na prática, esses processos irão definir o aumento, a estabilização e o declínio da credibilidade entre um emissor e seu receptor. Cf. Serra, 2006a, p.3.

técnica da pirâmide invertida, a presença de comentaristas e os próprios apresentadores constituem dispositivos fundamentais na credibilização dos telejornais. Entre as hipóteses elencadas pela autora, uma delas considera que esses mecanismos são capazes de atrair a atenção do público, mas também determinam uma maior confiança nas notícias.

A pesquisadora encontrou respostas distintas entre os espectadores e os próprios jornalistas participantes da investigação. Para alguns, esses mecanismos cumprem uma função estética, são usados apenas para deixar as notícias mais bem apresentadas, outros os entendem como métodos aplicados para uma melhor explicação do conteúdo e há ainda os que acreditam que tais mecanismos são simplesmente uma maneira de atrair à audiência. Diante disso, a conclusão de Sena é intrigante.

> Compreendi que eles eram utilizados (os modos e mecanismos de transmissão de credibilidade) para um objetivo comum: conferirem mais credibilidade às notícias e consequentemente estabelecer um padrão de distinção, já mencionado, entre o jornalismo e o "Jornalismo de Cidadão". E, por essa via, propiciarem mais atenção, confiança, audiências, valor comercial, entre outros, pois o conceito de credibilidade está, na prática, intimamente associado a esses outros objetivos desejáveis. (Sena, 2013, p.126)

Essa premissa nos leva a crer que o que a autora entende como mecanismos capazes de transmitir credibilidade são, na verdade, instrumentos de manutenção da autoridade pela distinção entre as notícias exibidas nos telejornais e as informações derivadas de outras fontes não profissionais. De certo modo, parte da audiência reconhece a suposta diferença entre o jornalismo profissional e o jornalismo cidadão pela técnica e *expertise* do primeiro, assim como os jornalistas a defendem resguardando seu lugar de especialistas competentes na prática de recolha, seleção e elaboração das notícias. Isso fica ainda mais patente em outro trecho da dissertação.

> Para estes entrevistados, a credibilidade prende-se com o ser fiel aos factos, ser-se objetivo, evidenciar todas as faces do assunto, permitindo uma interpretação individualizada por parte do público. Alguns mencionaram-na mesmo como uma forma de estar na vida, pois ser verdadeiro é um dos atributos mais essenciais da profissão de jornalista. E é, precisamente, a credibilidade que distingue o que é "informação" daquilo que é publicado pelos participantes do chamado "Jornalismo de Cidadão". (Sena, 2013, p.129)

Portanto, a autora sugere que os jornalistas profissionais consideram que as notícias por eles elaboradas são mais credíveis do que as informações disseminadas pelos cidadãos não-jornalistas. Sabemos, contudo, que isso não é uma verdade absoluta, especialmente no contexto do jornalismo contemporâneo em que é possível encontrar agentes que desenvolvem atividades amadoras segundo padrões profissionais, os chamados *pro-am* (profissional – amador) (Ramonet, 2012, p.25).

No texto *Parem as máquinas*, publicado na edição de abril de 2022 da revista *Piauí*, Antonio Engelke discute como a visão dos jornalistas sobre a sua *expertise* e o seu lugar de agentes competentes indispensáveis à democracia parece míope e deslocada em um cenário de pluralidade de fontes informativas e de horizontalidade comunicativa com a autonomia produtiva dos cidadãos[41]. Para o professor de sociologia, os jornalistas só conseguem conservar o semblante da imparcialidade se ocultarem o frequente conflito de interesses entre os donos e acionistas dos meios de comunicação e a sociedade, e se obscurecerem o fato de as manchetes e reportagens resultarem de escolhas particulares. Mas, "o curioso é que o investimento nesse semblante faz cada vez menos sentido, dado que parte crescente dos leitores e autoridades públicas agora reconhece sua artificialidade".

Com isso, Engelke eleva outras fontes de aquisição de conhecimento, para além do jornalismo profissional, ao *status* de fontes credíveis de informação, incluindo o próprio cidadão. De um lado, ele não nega que o jornalismo seja um "anteparo relevante contra projetos autoritários, nem frequentemente cumpra a função de defender interesses públicos", mas enfatiza que "a reivindicação de imparcialidade teve suficiente aderência na sociedade enquanto a imprensa possuía o monopólio sobre o significado dos eventos". Por isso, "uma vez que as pessoas começaram a conhecer, na internet, diferentes sentidos para as notícias que os jornais reportavam, o caráter ideológico dessa reivindicação veio à tona".

O sociólogo faz uma analogia sarcástica a fim de tentar mostrar que os esforços em preservar a autoridade dos jornais puramente com base na ideologia jornalística profissional estão fadados ao fracasso.

> A insistência dos jornalões na aura da imparcialidade lembra a situação típica de desenho animado em que o Coiote, em perseguição alucinada ao Papa-Léguas (tomo a imagem de empréstimo do filósofo Slavoj Žižek), continua correndo mesmo sem ter o chão debaixo dos pés, como se isso pudesse adiar a queda no abismo. Como ainda não se espatifaram no solo, os jornais parecem dizer a si mesmos "Até aqui, tudo bem".

Aguiar e Rodrigues (2021, p.247-249) consideram que as sociedades contemporâneas atravessam um momento de declínio da *expertise*, com impacto direto na autoridade do jornalismo. As críticas sobre a aproximação dos meios tradicionais das benevolências econômicas dos governos e a variedade de fontes de informação disponível nas plataformas digitais estão entre os motivos do fenômeno.

[41] *Revista Piauí* – Abril, 2022, Edição 187. Disponível em https://piaui.folha.uol.com.br/materia/parem-as-maquinas/

3.3 Credibilidade de relatos "não-jornalísticos" na *Web*

No capítulo 2, defendemos que o potencial de circulação das informações de interesse jornalístico produzidas por não-jornalistas acabou adquirindo centralidade no contexto do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e da utilização de dispositivos móveis. Dissemos também que, neste contexto, o relato de cidadãos ganha *status* de notícia, no sentido de "o que está acontecendo?", a informação atual e atualizada na temporalidade do aqui e do agora. A partir daí, apontamos para a possibilidade de, em determinadas circunstâncias, as pessoas manterem a confiança em informações sobre fatos cotidianos procedentes de outros participantes de sistemas de comunicação alternativos ao jornalismo tradicional com a condição de que tais informações sejam verídicas e passíveis de comprovação.

Em vez de restringir a credibilidade à prática jornalística profissional, essa possibilidade admite a existência da confiança nos relatos e informações produzidos e disseminados fora de sistemas convencionais de comunicação de maneira colaborativa entre cidadãos. Em sistemas dessa natureza, a própria noção de notícia pode exceder aquela estabelecida pelo cânone jornalístico, uma vez que a credibilidade nos relatos vai sendo construída coletivamente à medida que as informações vão sendo publicadas, complementadas, corrigidas e ampliadas pelos indivíduos participantes de tais sistemas.

Por outro lado, é preciso admitir que o desenvolvimento tecnológico e o acesso das pessoas à internet abriram espaço para uma quantidade inesgotável de informações em circulação, de maneira que continua a fazer todo o sentido questionar como distinguir informações credíveis das não-credíveis, especialmente na *Web*? E com base em quais critérios o usuário desse ambiente deve tomar as suas decisões?

Serra (2006b, p.5-6) parte do princípio de que informações procedentes dos órgãos de comunicação são credíveis porque estão apoiadas em "dispositivos de credibilização" institucionalizados, tais como a objetividade, a factualidade e a veracidade. Sendo assim, o problema da credibilidade se coloca "sobretudo em relação àquelas entidades e organizações cujo nome é mais ou menos desconhecido", especialmente por terem iniciado sua existência nos ambientes *online*. O surgimento e ascensão dos *blogs* ampliou esse tipo de preocupação.

No início dos anos 2000, muito do que foi debatido em encontros e conferências sobre a comunicação na *Web* girava em torno da dinâmica de funcionamento dos *blogs*, se blogueiros podiam ser considerados jornalistas e a confiança que os usuários depositavam nesses novos formatos e ferramentas comunicacionais (MacKinnon, 2005). Parte dos jornalistas profissionais se sentiram ameaçados por um tipo de

produção descentralizada que desafiava a sua soberania e controle do território da produção noticiosa. Outros, no entanto, enxergaram o momento como uma oportunidade para o equilíbrio de poderes, pois a possibilidade de expressão finalmente se estendia às pessoas encaradas, até então, apenas como público. Acontecimentos como os terremotos e tsunamis na Ásia, em dezembro de 2004, e o atentado às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos, em setembro de 2001, contribuíram para mostrar o quanto os *blogs* podiam ser fontes de informações confiáveis (Rosen, 2005).

Os *blogs* apresentam algumas vantagens em comparação com a imprensa tradicional. Ao contrário dos jornalistas nas redações profissionais, os blogueiros costumam se aproximar de seus leitores, ampliando o vínculo interpessoal, criando confiança por meio da interação. Para Simon Waldman, do *The Guardian*, a força dos blogues e dos cidadãos "é claramente a vivacidade dos relatos em primeira pessoa". Esses relatos reservam um "valor testemunhal" indispensável para a construção da reputação dos blogueiros e da credibilidade dos *blogs* como fonte de notícias (Rosen, 2005 [tradução nossa]). Como nesse tipo de ferramenta comunicacional geralmente não há uma instituição mediadora regida por normas e princípios deontológicos, como ocorre nos *sites* jornalísticos, não há de se falar em "dispositivos de credibilização", mas de mecanismos capazes de promover a "credibilização do dispositivo" (Serra, 2006c).

A fim de compreender os processos de credibilização dos *blogs*, Serra (2006b, p.6-8) argumenta que a credibilidade é construída de quatro formas diferentes: por "transferência", quando blogueiros de reconhecida reputação *offline* transferem seu prestígio para os *blogs*; por "associação", quando a credibilidade depende exclusivamente dos relatos do blogueiro, normalmente desconhecido do público. Neste segundo caso, a "credibilidade intrínseca" é alcançada pelos *blogs* através de elementos como a presença de citações e referências, a possibilidade de contato direto com os autores e a existência de *links* para fontes externas confiáveis.

A competência de um *blog* é avaliada pela produção de informações originais e relevantes, pela capacidade de interpretação e contextualização dos fatos, pela constante atualização e pelo tipo de linguagem utilizada. A possibilidade de comentários pelos usuários e a receptividade aos mesmos são igualmente importantes. Mas, aos processos de transferência e associação, somam-se o da "progressão geométrica" caracterizado pelo aumento cada vez maior da credibilidade de um *blog*; e o da "indução", explicado pelo acúmulo de casos de credibilização até que o *blog* alcance a credibilidade máxima. Esse *status*, porém, não é totalmente estável, basta um episódio de quebra de credibilidade para que esta se reduza a zero (Serra, 2006b, p.6-8).

Outra vantagem dos *blogs* é que, diferentemente dos jornais, que oferecem uma grande quantidade de informação, os *blogs* costumam se dedicar a temas específicos e aprofundá-los. Por isso, aparecem como "um importante mecanismo de seleção da informação e de sua interpretação, que permite a indivíduos e comunidades filtrar a enorme massa de informação a que se encontram sujeitos na *Web* e fora dela, criando novos 'fluxos de informação'" (Serra, 2006b, p.10).

Saindo do âmbito dos *blogs* para as chamadas comunidades virtuais, Donath (1996) identificou que, no universo *online*, não somente a identidade do orador, mas especialmente suas alegações de experiência do mundo real e o seu histórico de contribuições precisas estão diretamente relacionados com a confiança depositada pelos participantes. Esse é um fator bastante importante para compreendermos a construção da confiança em sistemas de mídia colaborativos, gerenciados sobretudo por cidadãos, pois a correlação entre a precisão das informações, os fatos e os relatos eleva a posição do participante, tornando-o cada vez mais credível e aceito pelos demais.

No estudo sobre o grupo de notícias *Usenet*, ela compreendeu que o senso de comunidade é formado a partir da confiança que os participantes depositam nas motivações e crenças compartilhadas entre eles. As pessoas são impulsionadas pelo desejo de ajudar os demais e contribuir com o grupo. Essa expectativa leva Donath (1996) a concluir que o mundo virtual está em constante evolução, situações de engano são avaliadas e procedimentos mais confiáveis são adotados, participantes e ambientes mudam, se adaptam, são criados novos estilos de interação e "o ambiente evolui à medida que é projetado e desenvolvido" [tradução nossa].

De maneira geral, ao longo dos últimos anos, diferentes componentes linguísticos foram sendo incorporados aos *Web sites* a fim de promover a sua credibilização. Barnes (2003, p.109) busca na retórica aristotélica as aproximações capazes de explicar o desenvolvimento da confiança nesses ambientes. A partir dos três aspectos da apresentação oral, argumenta que o *Ethos* é a fonte de informação (o criador da página, o autor dos textos, o próprio *Web site*) responsável por parte importante da confiança depositada pelos usuários. Em seguida, o *Pathos* diz respeito às emoções evocadas pela combinação de imagens e palavras, como ocorre na televisão. Por fim, o *Logos* corresponde à natureza das mensagens que deverão ter o suporte dos argumentos com exemplos de fatos, estatísticas e analogias.

Para a autora, trata-se de uma "retórica elétrica" introduzida pela mídia eletrônica e caracterizada pela fragmentação e justaposição das mensagens (Barnes, 2003, p.109 [tradução nossa]). Os usuários da *Web* precisam criar significados para essas fragmentações através da utilização de diferentes recursos. Devem compreender que a

Web é aditiva mais do que subordinativa, agregadora mais do que analítica, tem tendência à redundância com um excedente número de hiperligações, é capaz de apresentar narrativas e pontos de vistas tanto conservadores quanto progressistas. Além disso, os usuários estão engajados na colaboração e questionamento mútuos, fazendo da *Web* um ambiente majoritariamente de proximidade e participação. Isso leva ao aparecimento de novas formas de expressão em distintos contextos culturais (Barnes, 2003, p.110-111).

Entre os critérios elencados por Barnes para que o conjunto geral dos usuários saibam avaliar as informações na *Web* e, por conseguinte, a sua credibilidade, estão: 1) precisão – verificar as informações para evitar o engano por mensagens não apuradas; 2) autoridade – segundo critério de maior relevância revela se as fontes utilizadas, a identidade dos autores e a reputação da organização por trás da página são confiáveis; 3) objetividade – a observação do endereço da página pode indicar se a mesma é orientada por interesses puramente comerciais, além da existência de pluralidade de vozes; 4) cobertura – a observação da profundidade da informação apresentada; 5) atualização – a disponibilização de informações de maneira contínua (Barnes, 2003, p.80-82).

Um exemplo trazido por Fogg *et al.* (2001) mostra que esses são indicadores de aferição de credibilidade de *Web sites*, sejam eles jornalísticos ou não. O estudo abrangeu mais de 1.400 pessoas nos Estados Unidos e Europa, propondo a avaliação de 51 elementos com o objetivo de averiguar quais impulsionavam e quais prejudicavam a percepção de credibilidade na *Web*. Tendo a confiabilidade e a autoridade (*expertise*) como componentes de credibilidade fundamentais, os pesquisadores concluíram que os principais itens de produção de confiança são: a) sensação do mundo real, ou seja, a capacidade de fornecer respostas rápidas às demandas dos usuários, a existência de um endereço físico, meios de contato etc.; b) facilidade de uso, explicada pela facilidade do usuário em verificar as informações, a navegabilidade do *site*, a aparência profissional, entre outras; c) *expertise*, quer dizer, a autoridade da organização responsável pelo gerenciamento do *site* e seu conteúdo. Nesse quesito, as organizações noticiosas respeitadas fora da internet e os autores credenciados levam vantagem sobre as demais; d) confiabilidade, expressa na interconexão entre *sites* e *links* para fontes confiáveis; e) adaptação, reconhecimento de visitação, registro e *login* dos usuários, por exemplo.

Em contrapartida, a combinação de itens em escalas como implicações comerciais e amadorismo diminuem a percepção de credibilidade dos *sites*. Daí, Lisboa e Benetti (2017, p.58) associarem uma maior credibilidade aos sites jornalísticos, apontando para a autoridade e competência das organizações, mas com a ressalva de que "a

confiança depositada pelos leitores nos jornalistas e veículos depende da consonância entre o dever-ser do jornalismo e aquilo que percebam que é efetivamente praticado". Talvez por isso, críticos como o professor da Universidade de Nova York e blogueiro Jay Rosen (2005) tentem afastar a discussão sobre a produção informativa cidadã da esfera da competição, do blogueiro versus jornalistas, destacando que a perda da soberania do jornalismo profissional não significa a sua aniquilação, mas a diminuição de sua influência no diálogo com o público. Nesse sentido, é preciso reconhecer, assim como o diretor do projeto *Pew Internet and American Life*, que "confiança e credibilidade agora são processos sociais" (MacKinnon, 2005, p.15).

3.4 Credibilidade de novos modelos de jornalismo e sistemas de mídia colaborativos

Ao analisar modelos emergentes de jornalismo colaborativo na *Web*, Almeida (2014) os distribuiu em três níveis distintos, porém não-hierárquicos. No nível de acesso parcial (Nível 1), as possibilidades de colaboração são limitadas, os cidadãos-repórteres estão presentes apenas nos processos iniciais de produção da notícia através da sugestão de matérias, envio de fotografias, vídeos e/ou relatos testemunhais de fatos. No nível de acesso total (Nível 2), a integração do cidadão-repórter aumenta, pois o acesso pleno ao "código-fonte" permite elaborar pautas, recolher dados, embasar opiniões, escolher fontes, escrever e publicar o conteúdo de maneira colaborativa. Por fim, no nível rizomático (Nível 3), o caráter coletivo é evidenciado, seja na produção ou no gerenciamento dos conteúdos. Entre as características desse nível estão a mineração de dados, o hackeamento, o rankeamento e a apuração distribuída. Para o autor, iniciativas como a *WikiLeaks* e os *blogs* fazem parte do nível rizomático do modelo de jornalismo colaborativo.

Nesse tipo de jornalismo considerado de natureza múltipla, cooperativa e dialógica, a notícia é "fruto tanto de um processo de filtragem das informações de interesse específico de uma comunidade e/ou indivíduo" como da "sucessão de comentários desta mesma informação, que acaba por revelar outros ângulos dos fatos". Desta maneira, a cooperação é vista como "de suma importância para a expansão das histórias" (Almeida, 2014, p.78).

Procurando compreender o impacto da liberação de interfaces e bases de dados por alguns dos mais conceituados jornais do mundo e instituições governamentais, o autor indica como a abertura de *softwares* no Brasil e em mais oito países das Américas do Sul e Central pode ser aproveitada pelos cidadãos tanto no incremento do jornalismo colaborativo quanto na criação de novos sistemas comunicacionais como aplicativos personalizados, capazes de envolver o conjunto geral dos usuários, agregando valor a

esses produtos através da chamada "cidadania digital". Segundo Almeida, há uma incrível diversidade de iniciativas e aplicativos que, alçados à instância de *gatewatching*, monitoram conjuntamente, de forma independente e contando com a competência de cada membro, informações de interesse coletivo. Nesse sentido, o principal benefício da liberação das interfaces e bases de dados é que "a informação pode ser compartilhada e acessada a qualquer hora e, além de tudo, os conteúdos podem ser remixados e apresentados em um novo formato e/ou suporte para a construção de novas narrativas" (Almeida, 2014, p.98).

No Brasil, um dos exemplos apresentados na pesquisa foi o aplicativo Retrato da Violência que mapeava, em 2012, os locais de maior incidência de violência sexual contra as mulheres no Rio Grande do Sul. O aplicativo, criado a partir de estatísticas do governo estadual, conseguia traçar um panorama desse tipo de crime, indicando a idade média das vítimas, o total de ocorrências no ano e até mesmo os horários mais propensos aos atos de violência. Com uma aba para denúncias, o Retrato da Violência foi vencedor da 1ª Maratona de Dados Abertos do Rio Grande do Sul, promovida para incentivar a criação de aplicativos pela sociedade.

Como referiu Donath (1996), em sistemas de mídia colaborativos, a confiança nas informações e a credibilidade das ferramentas são construídas através da percepção e compartilhamento de motivações que, em última análise, dizem respeito a um senso de responsabilidade social e altruísmo. Isso significa que os integrantes desses sistemas compartilham o interesse em oferecer soluções para questões e problemas do grupo. Assim, a possibilidade de as informações e relatos testemunhais passados por um membro serem considerados confiáveis é proporcional à assertividade constatada. Além disso, é interessante notar que a participação e a complementaridade dos comentários dos demais elementos do sistema são de fundamental importância para o desenvolvimento de uma espécie de confiança de grupo (Almeida, 2014).

Se, por um lado, a capacidade adquirida pelo cidadão comum de criar sistemas e mecanismos comunicacionais colaborativos e credíveis a partir do acesso à internet e às TIC pode ser interpretada como um comprometimento da sociedade em direção às atitudes de maior cidadania, por outro lado, isso sugere que o jornalismo convencional também possui caminhos para buscar outras conjunções possíveis, reforçando a sua credibilidade em um cenário informacional cada vez mais complexo, múltiplo e desafiador.

Aguiar e Rodrigues (2021) acreditam que o uso de dados, combinado com os valores da objetividade e a autoridade dos profissionais do jornalismo, pode devolver a relevância aos jornais em um contexto de descentralização informativa, desinformação e perda de credibilidade. A reportagem *Panamá Papers*, realizada pelo *Consórcio Internacional*

de Jornalismo Investigativo (ICIJ), e que denunciou o envolvimento de figuras públicas com empresas em paraísos fiscais no exterior, é citada como um exemplo da potência dessa combinação. Com respaldo em Gray *et al.*, os autores sinalizam que o acesso aos dados abertos pode servir para aproximar os jornalistas do que está acontecendo no mundo, voltando a unir *expertise* e pensamento computacional com o propósito de promover a regeneração da autoridade jornalística e do campo do jornalismo como um todo.

De maneira semelhante, Franciscato e Gerra (2006, p.85) defendem a necessidade de atualizar a prática profissional, refletindo sobre a *reportagem assistida por computador* (CAR), caracterizada pela uso da tecnologia como ferramenta auxiliar do trabalho jornalístico. A perspectiva, a partir das discussões de autores como Nora Paul, Philip Meyer e Mary Sylwester, é a de que o uso do computador em diferentes funções de reportagem, pesquisa, referência e reunião possa "acelerar, simplificar ou ampliar o alcance do trabalho", dando espaço para a transposição de métodos científicos, como a etnografia, para o jornalismo.

> A possibilidade da imersão do jornalista em um ambiente de seu trabalho jornalístico, na profundidade que é exigida por um estudo etnográfico, nos faz pensar se a proposta trata ou não da preservação (e transposição) de fronteiras entre jornalistas e suas notícias fontes de forma eficiente. Preliminarmente, essa relação parece funcionar para um modelo de jornalismo cívico, mas precisa ser testada em outros modelos de jornalismo (Franciscato & Gerra, 2006, p. 90)

Além de indicar antecipadamente dificuldades na implementação desse tipo de método no jornalismo convencional, dois problemas fundamentais precisavam ser mais explorados nesta proposta. O primeiro seria que os jornalistas aceitassem a proposta de uma revisão das noções de distanciamento e objetividade em relação à cobertura. Isso implicaria a anulação de predefinições e enquadramentos das reportagens tão comum ao trabalho dos editores e repórteres. Trata-se, portanto, de uma mudança de mentalidade que os jornalistas podem não estar preparados para fazer, ainda que a observação atenciosa possa produzir novos dados e olhares sobre um determinado evento.

O segundo problema é que nem todos os eventos são adequados a tais experimentos. Vejamos, por exemplo, o caso da reportagem policial ou mesmo da cobertura noticiosa da violência urbana. Ao longo dos últimos anos, particularmente no Brasil, o distanciamento dos jornalistas de regiões conflituosas consideradas hostis resultou na perda do seu vínculo com os moradores e no aparecimento de sistemas colaborativos de comunicação, como o aplicativo Onde Tem Tiroteio, objeto de estudo desta tese. Sendo assim, pensar a etnografia como método aplicada ao jornalismo nesta editoria seria um enorme desafio do ponto de vista econômico para muitos órgãos de comunicação e do

ponto de vista humano para jornalistas. Episódios recentes de sequestro, tortura e assassinato de jornalistas demonstram a inviabilidade dessa proposta na cobertura policial, pois não existe propriamente um método a ser empregado nesse tipo de reportagem. Normalmente, os jornalistas, em especial os de televisão, dependem de cidadãos-repórteres e do trabalho de cinegrafistas não credenciados para conseguir levar a cabo tais coberturas. Nesses casos, a autoridade dos jornalistas é tensionada por meio de uma relação de interdependência com agentes externos à profissão (Grupillo, 2018).

Com efeito, a credibilidade e a autoridade do jornalismo convencional têm sido desafiadas pelas próprias limitações da prática e pelo aparecimento de novos modelos de jornalismo e sistemas de mídia colaborativos, como os aplicativos gerenciados pelos cidadãos. Nesses novos sistemas, a apuração ou verificação de informações e relatos é orientada, de forma conjunta, por meio da colaboração motivada pelo desejo de ajuda mútua. Além disso, artigos recentes indicam que o trabalho jornalístico humano também vem sendo internamente tensionado pelo chamado jornalismo automatizado (Graefe & Bohlken, 2020), no qual a credibilidade das notícias não parece ser um problema para o público leitor (Wolker & Powell, 2021).

Num experimento *online* realizado na Alemanha, com 986 participantes, as matérias escritas por computadores receberam maior classificação de credibilidade do que os textos humanos, embora os artigos escritos por jornalistas tivessem sido considerados mais legíveis[42]. Nem mesmo estudantes de comunicação, de quem os pesquisadores esperavam uma maior literacia midiática em comparação a outros consumidores de notícia, conseguiram distinguir com clareza as notícias elaboradas por um computador daquelas escritas por jornalistas humanos (Graefe *et al.*, 2016, p.8).

Há pelo menos uma década, o jornalismo automatizado vem sendo implantado e testado em redações da *Forbes* e *Associated Press*, entre outras empresas, gerando milhares de matérias, especialmente nos setores de esporte, economia e marketing. Empresários apontam para o crescimento rápido dessa indústria, prevendo a elaboração de mais de 90% das notícias em modo automatizado até 2025 (Graefe *et al.*, 2016, p.8). Ainda que isso possa parecer um exagero, uma experiência do jornal *Los Angeles Times* adaptou novas tecnologias e diferentes abordagens ao jornalismo computacional para criar o *Homicide Report*, um mapa construído com a ajuda de

[42] Estudo similar foi ampliado com base em evidências experimentais e descritivas de 12 artigos científicos que somavam 4.473 participantes nos EUA, Europa e Ásia. Os resultados sobre a percepção dos leitores da credibilidade, qualidade e legibilidade das notícias automatizadas indicam a inexistência de diferença na credibilidade entre notícias automatizadas e escritas por humanos, uma pequena vantagem para as notícias escritas por humanos em relação à qualidade e uma enorme vantagem das notícias elaboradas por jornalistas humanos no quesito legibilidade (Graefe & Bohlken, 2020, p.56-58).

algoritmos[43] desenvolvidos para fornecer dados como data, hora, idade, gênero, raça e localização de homicídio na cidade (Young & Hermida, 2015).

No interior do campo, as visões do jornalismo automatizado se dividem entre os que o apontam como um benefício, pois enquanto acelera a produção de notícias, libera os jornalistas humanos para se concentrarem em assuntos e matérias mais criativas e aprofundadas; e os que entendem o automatismo como um mecanismo de eliminação de empregos e substituição de colegas humanos por não-humanos (Wolker & Powell, 2021, p.87). Todas essas investigações mostram que uma das principais preocupações das organizações de mídia com a utilização do automatismo na produção de notícias é a percepção de credibilidade dos leitores. Os pesquisadores reconhecem que muitos estudos ainda precisam ser feitos, mas a esse respeito concordam que a capacidade dos algoritmos de gerar uma linguagem mais humana irá melhorar, tornando o conteúdo mais atraente, podendo aumentar a qualidade e objetividade nas coberturas.

As discussões teóricas lançadas até aqui servirão de base para a compreensão do objeto ilustrativo desta pesquisa, o aplicativo OTT, seu funcionamento, papel e lugar no cotidiano dos usuários, a confiança por eles depositada com reflexo na credibilidade da ferramenta. Essa revisão bibliográfica foi igualmente importante para mantermos uma reflexão vincada num debate atualizado ao analisarmos quantitativa e qualitativamente os dados coletados ao longo do estudo. Nosso próximo capítulo será dedicado ao aplicativo Onde Tem Tiroteio.

[43] Nos baseamos na definição de Young e Herrmida (2015) de que algoritmos são agentes invisíveis que classificam e filtram informações *online* para moldar interações em *sites* de redes sociais ou destacar conteúdos que se popularizam por meio da automação. Aplicados ao jornalismo, os algoritmos seguem regras pré-definidas para converter dados em textos noticiosos com pouca ou nenhuma intervenção humana (Wolker & Powell, 2021; Graefe *et al.*, 2016).

Capítulo 4. Onde Tem Tiroteio

Neste capítulo, trataremos especificamente da ferramenta de alertas da violência urbana Onde Tem Tiroteio. Como teremos oportunidade de explicar, a iniciativa resultou da ação individual de um cidadão após um tiroteio no conjunto de favelas do Complexo do Alemão, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro (Brasil), que terminou com a morte de uma moradora. O nome foi criado a partir da intenção de seu idealizador e posteriores administradores de informar a localização da ocorrência de confrontos armados, possibilitando, assim, uma maior autoproteção por parte dos seguidores.

Quando nos referirmos ao OTT, a opção pelos termos "colaborativo" e colaboração" deve-se ao entendimento de que a ferramenta, embora oriunda da iniciativa pessoal de um cidadão, desenvolveu-se através da construção coletiva e colaboração entre os usuários. No primeiro capítulo, abordamos a diferença entre participativo e colaborativo, ficando com a ideia dos teóricos que veem a participação como uma ação mais geral e subjetiva, enquanto a colaboração remete à troca e trabalho coletivo na produção e circulação da informação. Assim, acredita-se que a interação entre os usuários e o OTT pode ser traduzida pela ação conjunta em prol do interesse geral de todos os participantes. O caráter colaborativo identificado na observação e análise da ferramenta remete ao nível mais alto do trabalho coletivo tanto na produção quanto no gerenciamento do conteúdo publicado em formato de alertas.

Fazendo um caminho semelhante ao de centenas de páginas informativas de bairros da periferia da cidade (Nunes, 2017), o OTT surgiu como uma *fanpage* no *Facebook*, mas tornou-se um aplicativo de mensagens instantâneas da violência urbana em pouco tempo, baseado em uma lógica colaborativa descentralizada, capaz de reunir cidadãos situados em diversos locais em torno de um problema comum: a violência (Latrônico & Mattedi, 2019). Ao fazer uso das novas possibilidades comunicativas trazidas com o desenvolvimento da internet e da telefonia móvel, o Onde Tem Tiroteio passou de uma iniciativa pontual para a produção nacional de informes da violência, alcançando, segundo os administradores, aproximadamente, cinco milhões de pessoas.

Este alcance despertou o nosso interesse, uma vez que, através do aplicativo, órgãos de comunicação tradicionais, em especial as emissoras de televisão, acabam tendo acesso não apenas às informações, mas também ao vasto conteúdo audiovisual testemunhal produzido e distribuído colaborativamente pelos cidadãos, fazendo uso constante dos mais variados tipos de flagrantes da violência nos noticiários. Contudo, é preciso compreender mais detalhadamente o que é o OTT e porque adquiriu um *status*

diferenciado junto ao público e aos jornalistas para, então, perceber mais profundamente os fenômenos comunicacionais contemporâneos que giram em torno da ferramenta.

Sendo assim, na primeira parte deste capítulo, falaremos sobre o surgimento do Onde Tem Tiroteio, levando em consideração o contexto de desenvolvimento da telefonia móvel e as possibilidades de coprodução noticiosa com que dotou os cidadãos, ilustrando a capacidade que estes adquiriram de pensar, de forma interligada e independente, soluções tecnológicas viáveis para problemas do cotidiano. Também abordaremos a migração da iniciativa de *fanpage* ao *app,* procurando salientar os objetivos, interesses e as limitações desta mudança. Ainda nesta primeira parte, trataremos da reorganização do OTT e de como os alertas da violência passaram a ser mais especificamente emitidos para os usuários.

Na segunda parte, abordaremos a importância da georreferencialidade na operação do aplicativo, na colaboração dos seguidores e no cruzamento de dados para a checagem das mensagens e imagens publicadas no *app*. A relação de proximidade mentida entre os administradores do OTT, usuários e informantes estratégicos permite não apenas o acesso rápido às informações no interior de áreas conflagradas como também constrói uma rede bastante eficaz de comunicação hiperlocal (Zago, 2009; Holanda, 2010; Camponez, 2017; López-Garcia, 2017).

Por fim, na terceira e última parte do capítulo, falaremos da penetração da ferramenta em outros estados do território nacional e como isto levou à adoção de mecanismos distintos de checagem dos alertas, seleção e tratamento de fotos e vídeos. Neste ponto, veremos como o OTT pode atuar como instância de *gatekeeper* (Bruns, 2005; Traquina, 2005; Schudson, 1989; White, 1950) ou como ferramenta de curadoria de informações (*gatewatching*), a depender dos desafios impostos pela própria expansão e limitações dela decorrentes.

4.1 Informação imediata da violência urbana

Os telefones celulares permitiram mais do que qualquer outro dispositivo de comunicação criado no século XX a junção entre mobilidade e instantaneidade. De onde estiverem, no momento que quiserem, os usuários podem, a partir deste dispositivo, acessar um vasto conjunto de informações disponíveis no ambiente virtual, que vão desde a simples previsão do tempo, passando pelos informes do trânsito, às notícias dos jornais e às reportagens televisivas, até ao registro imagético de um cotidiano marcado pela violência urbana nas grandes cidades feito por um cidadão comum.

Será a este último aspecto funcional da telefonia móvel, à possibilidade de acessar quase que instantaneamente aos flagrantes da violência urbana, que procuraremos dedicar nossa atenção e análise ao longo deste capítulo, pois, se antes da tecnologia *mobile* restava apenas o relato oral de um determinado acontecimento por parte de quem o presenciou, e com isso não queremos dizer que tais relatos não fossem importantes para a própria percepção e construção da realidade; agora, os telefones celulares permitem não somente a captação imagética imediata desses eventos, mas sua partilha em uma velocidade até aqui inimaginável, sem falar da possibilidade de disseminação em larga escala através de aplicativos como Onde Tem Tiroteio.

Por um lado, as imagens testemunhais da violência urbana, gravadas por pessoas comuns e distribuídas por meio do *app* OTT, adquirem *status* de prova da ocorrência de um evento. Além disso, a dinâmica distributiva desses flagrantes contribui para a construção de uma relação de cumplicidade entre administradores e usuários. À medida que os alertas vão sendo enviados aos dispositivos móveis, os seguidores vão tomando conhecimento do que acontece na região onde estão, ao mesmo tempo em que vão oferecendo ao aplicativo informações ainda mais detalhadas dos fatos, ora confirmando sua existência, ora corrigindo e complementando os informes divulgados.

Por outro lado, esse padrão comunicacional reorienta os comportamentos sociais. Antunes e Matheus (2019) recorreram às informações divulgadas em "Onde Tem Tiroteio-RJ" para compreender a interface entre ciberespaço, espaço urbano e mobilidade na construção da "cartografia da violência" na cidade do Rio de Janeiro, lugar onde o aplicativo foi criado. Os objetos de investigação foram os posts publicados na *fanpage* do OTT no *Facebook*. A mostra foi coletada durante um mês, entre maio e junho de 2018, período no qual o perfil do OTT naquela rede social digital ainda estava ativo para alertas da violência. Como explicaremos na próxima sessão, a *fanpage* foi alterada em agosto de 2019 e perdeu importância para o aplicativo, agora o principal canal de divulgação de alertas para os seguidores.

De todo modo, as pesquisadoras observaram 209 postagens, além dos comentários dos seguidores, com o intuito de perceber a localização das ocorrências relatadas, a tipificação dos crimes, os relatos que explicitavam a experiência do medo e o testemunho de pessoas que, em função dele, afirmavam evitar o trânsito por certas regiões da cidade. A centralidade do estudo está em compreender a capacidade mediadora da tecnologia nos processos de interligação entre mídia e emoção, e entre mídia e ação.

Dito de maneira diferente, o que se tenta entender é em que medida os alertas da violência urbana publicados na internet pelo OTT desencadeiam um sentimento de medo específico nos seguidores do perfil, fundamentalmente o medo de balas perdidas,

resultando na redução da mobilidade. A análise da representação do medo, portanto, é deslocada dos modelos adotados pela mídia tradicional e outros mecanismos institucionalizados de comunicação para focar nos relatos espontâneos dos seguidores da *fanpage* do OTT no *Facebook*. Nesse cenário, a ferramenta adquire relevância pelo efeito emocional que os alertas surtem nos usuários, restringindo ou alterando as suas ações.

> De todas as representações da violência, a imagem da bala perdida talvez seja a mais dramática, pois ela é ancorada e depende, em grande medida, de ameaças difusas. De certa forma, a OTT tenta aplacar essa ansiedade, oferecendo aos seus seguidores um serviço de "previsibilidade", certa sensação mínima de estabilidade. (Antunes & Matheus, 2019, p.247)

Na nova cultura da mídia, as novas tecnologias vão sendo processadas em novas tecnologias de comunicação através das quais o tecido social vai sendo reorganizado e as formas de sociabilidade vão sendo (re)modeladas na direção de uma comunicação, cada vez mais virtualizada. Nesse caso, a comunicação da ocorrência de tiroteios ou arrastões, mediada pelos alertas do OTT, dá aos usuários a sensação de alívio por poderem se antecipar, mudar o caminho ou não sair de casa motivados pelo sentimento de autoproteção. Isso sem falar no sentimento de solidariedade produzido pela possibilidade de compartilhamento dos avisos em suas próprias redes. No período em que foi realizado o estudo em questão, esse novo modelo comunicativo ainda acontecia por meio do *Facebook*. Conforme veremos no próximo tópico deste capítulo, os alertas deixaram de ser publicados na *fanpage* para priorizar o aplicativo.

Por ora, o que é preciso salientar é o imediatismo gerado na comunicação mediada pelas novas tecnologias e plataformas delas decorrentes, pois, permite uma maior interação entre distintos atores inseridos em difentes processos. Ao mesmo tempo em que falam entre si, os usuários conversam com os gerenciadores da ferramenta, criando um fluxo permanente e veloz de transmissão de informação. No Rio de Janeiro, as informações publicadas pelo OTT funcionam como bússola para que os indivíduos transitem pela cidade e, ao transcenderem o espaço virtual para se concretizarem em ações no espaço físico, como, por exemplo, a escolha de um trajeto a seguir, os alertas da violência alteram a relação dos usuários com o tecido urbano, "redimensionando as práticas sociais e a experiência do cidadão" (Antunes & Matheus, 2019, p.250).

Sendo assim, as novas tecnologias, de um modo geral, e ferramentas como o aplicativo OTT, em particular, contribuem para a gestão de problemas do cotidiano. Segundo Latrônico e Mattedi (2019), mais do que alterar rotinas individuais no contexto das grandes cidades, esses dispositivos produzem territórios virtuais customizados que

funcionam como instrumento de mediação social, indicando a vulnerabilidade dos indivíduos em situações de violência ou até mesmo de catástrofes naturais.

Os autores argumentam que, ao coletar, agrupar, preparar, visualizar e reproduzir dados, alguns *apps* conseguem identificar os possíveis riscos de uma determinada região para, então, classificá-la como segura ou insegura. Isso só é possível com a criação de uma rede relacional que conecta informações dispersas e diversificadas a um determinado lugar. Partindo desse princípio, os autores compreendem que *apps* como *AlertaBLU*, cujo objetivo primordial é avisar os moradores sobre desastres causados pelas enchentes na cidade de Blumenau, no estado de Santa Catarina, ou o OTT, no Rio de Janeiro, conseguem resolver problemas específicos de cada território, mas criando um novo espaço hiperconectado, com fluxo informacional contínuo, denominado território-rede.

Toda essa mudança nas relações e interações sociais está, em parte, associada à evolução da telefonia móvel, por meio dos aparelhos portáveis. Como os telefones inteligentes (*smartphones*) estão cada vez mais incorporados ao cotidiano das pessoas, tão mais fácil torna-se a transmissão de dados (informações, fotografias, vídeos, etc.) de modo instantâneo.

Na visão dos investigadores, porém, a finalidade do estudo não consiste em dissolver a dimensão social na técnica, apontando dessa forma para um determinismo tecnológico, nem em inverter a relação para focar a construção da tecnologia como efeito das demandas advindas do contexto social. Antes, trata-se de adotar uma abordagem sociotécnica para o fenômeno, em que "o objetivo é explicar o processo por meio do qual a técnica e o contexto social se estabilizam mutuamente" (Latrônico & Mattedi, 2019, p.8). Uma estabilidade que ocorre por meio de arranjos híbridos de interligação entre elementos técnicos e elementos sociais.

Em suma, o surgimento de aplicativos como Onde Tem Tiroteio está diretamente ligado às possibilidades de criação de sistemas colaborativos resultantes dos avanços tecnológicos. Tais circuitos de comunicação têm sua importância alargada à medida que facilitam a concentração de informações sobre um determinado evento e gerenciam sua rápida distribuição através dos telefones portáteis. Esse mecanismo de distribuição permite às pessoas entrar em contato com os problemas de forma instantânea para pensarem, o mais rápido possível, como irão se desvencilhar deles.

No caso do OTT, essa percepção por parte dos administradores talvez explique a estratégia adotada a partir de 2019, de encerrar a emissão de alertas através da *fanpage* para concentrá-los no ambiente mais controlado do aplicativo, como veremos a seguir.

4.1.1 De *fanpage* ao *app*: a concentração de usuários

Como apontado anteriormente, Onde Tem Tiroteio foi uma iniciativa que nasceu no *Facebook* por meio de uma *fanpage*, mas que em pouco tempo migrou ao *app*. Essa trajetória tem a ver com os problemas decorrentes da dependência de plataformas como o Google, mas também com a necessidade de monetizar a ferramenta, cujos alertas alcançam 4,7 milhões de pessoas, de acordo com as estimativas dos administradores[44].

O perfil *OTTRJ* foi fundado em janeiro de 2016 por Benito Quintanilha, trabalhador no setor petrolífero e um dos atuais administradores da plataforma. Antes da *fanpage*, a publicação de alertas da violência urbana era feita na página pessoal do fundador e teve início após uma reportagem sobre uma mulher baleada durante um tiroteio no Complexo do Alemão, um dos maiores conjuntos de favelas no Rio de Janeiro. A página *OTTRJ* (Figura 1) seguia o modelo de outros perfis noticiosos existentes no *Facebook*, comumente direcionados aos moradores de bairros da periferia, com o objetivo de informar sobre a rotina de violência nessas localidades.

No Rio de Janeiro, as páginas "News" (*Jacarepaguá News*, *Praça Seca News*, *Guadalupe News*, etc.) atendem à lógica da produção instantânea, do conteúdo "ao vivo" e, assim, procuram afirmar seu pertencimento ao jornalismo pelo nome como se apresentam, e principalmente pela prestação de um serviço público aos moradores, "indicando os lugares onde estão ocorrendo assaltos, tiroteios, arrastões, entre outros eventos, com imagens flagrantes" (Grupillo, 2019, p.81). Uma das principais características desses perfis é a proximidade geográfica dos seus seguidores.

44 Dados disponibilizados no texto explicativo sobre o *app* OTT na play store. Consultado em 27 de março de 2020.

Figura 1: capa da *fanpage* do *OTTRJ* no *Facebook*.



Fonte: *print* da página *OTTRJ*

Grupillo (2019) sugere que a multiplicação desses perfis está associada a, pelo menos, dois fatores: 1) à disponibilidade tecnológica advinda da popularização dos *smartphones* e a capacidade com que dota os usuários para documentar condutas violentas; e 2) à restrição da cobertura jornalística tradicional em regiões conflagradas, a partir de 2002.

Naquele ano, o assassinato do jornalista Tim Lopes (*Rede Globo*) durante a produção de uma reportagem no Complexo do Alemão levou os órgãos de comunicação, especialmente as emissoras de TV, a proibir a entrada dos repórteres em determinadas zonas da cidade. Nos anos seguintes, no entanto, esses protocolos de segurança viriam a ser intensificados com a morte dos cinegrafistas Gelson Domingos (*TV Bandeirantes*) e Santiago Andrade (*TV Bandeirantes*), em 2011 e 2014, respectivamente. Os três profissionais de imprensa vieram à óbito durante coberturas jornalísticas em diferentes regiões de conflito armado do Rio de Janeiro.

Portanto, segundo Grupillo (2019), juntas, as duas condições apontadas acima levaram os jornalistas a manter um relacionamento mais distante das comunidades consideradas perigosas ao trabalho da imprensa, mas, por outro lado, mais estreito com os administradores das páginas "News". Uma aproximação que tinha como objetivo a obtenção de informações e até imagens flagrantes das ocorrências que essas páginas costumam divulgar.

> Em primeiro lugar, as páginas de bairros mantêm uma relação de proximidade maior com os moradores, que encontram nesses espaços a oportunidade de divulgar relatos da violência, muitas vezes considerados irrelevantes pelos meios de comunicação convencionais como, por exemplo, roubo de documentos, desaparecimentos ou furtos de veículos. O compartilhamento dessas histórias gera, muitas vezes, resultados rápidos

> e ações policiais mais efetivas, alimentando a crença na eficácia das News. Em suma, o estreitamento do vínculo entre os moradores e essas páginas facilita o acesso dos administradores às informações e imagens em primeira mão, promovendo a busca dos jornalistas, sobretudo os de TV, pelo material disponibilizado online (Grupillo, 2019, p.82).

No boletim *Crime e Polícia no #Rio de Janeiro: Relatos em páginas do Facebook*, do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes (Brasil), o pesquisador Pedro Nunes mostra como o desenvolvimento da internet e a redução da cobertura jornalística em determinadas áreas urbanas foram decisivos para o aparecimento das páginas de bairro. Ao todo, foram contabilizados e analisados 156 perfis, a maior parte criada pelos próprios moradores. Isso quer dizer que parte significativa de bairros oficiais existentes na cidade (160) conta com uma página "News".

Nunes (2017, p.7) atribui a proliferação do fenômeno à cobertura da invasão do Complexo do Alemão pelas polícias e pelas Forças Armadas, em 2010, feita no *Twitter* pelo jovem René Silva, criador do *Jornal Voz da Comunidade*. Essa iniciativa angariou visibilidade nacional e internacional "ao trazer em tempo real e de dentro do Complexo, notícias sobre a invasão e os acontecimentos que se seguiram, que a imprensa apenas acompanhava, na maior parte do tempo, à distância".

O autor nota que a maioria dessas páginas nasceu com a proposta de produzir conteúdos gerais para os moradores relativos aos serviços públicos, às ações sociais, às festas e aos eventos regionais e até às denúncias do mau uso do espaço público. Entretanto, os perfis migraram para a cobertura da violência com ênfase na localidade de origem e seu entorno. O assunto toma 44% da produção de conteúdo das "News". Registra-se ainda uma elevada participação dos seguidores com o envio de fotos (53,1% das postagens) e vídeos (8,7% dos posts).

Para ampliar seu prestígio e evitar a apropriação indevida do material imagético, principalmente pelos noticiários televisivos, os administradores costumam selar as imagens com a logomarca das páginas, forçando os jornalistas a indicar a fonte de origem das mesmas ou a sua autoria ao telespectador. Isso mostra mais claramente como as redes sociais digitais mudaram as rotinas de produção da notícia, alterações estas que vão sendo verificadas nos próprios conteúdos exibidos pela mídia, em especial pela mídia televisiva.

No geral, a participação dos cidadãos comuns na coprodução da notícia tornou-se mais evidente nos anos 2000. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, por exemplo, as principais estações de TV preocuparam-se em criar e experimentar ferramentas estratégicas para aproveitar a emergência desta cultura digital participativa e estimular o engajamento da audiência através do envio de imagens captadas por não-jornalistas.

Para se ter uma ideia da capacidade geradora de conteúdo dos cidadãos comuns, o *iReport.com*, da *Cable News Network* (*CNN*), passou a receber uma média de 20 mil fotos e vídeos por mês assim que criou a ferramenta, em 2006. Já o *UGC Hub*, da *BBC*, somava 12 mensagens por dia com cerca de 200 fotos e vídeos amadores (Allan, 2009).
Já em Londres, em um único dia, a *BBC* recebeu 22 mil mensagens de texto e e-mails com relatos e informações, mais de 300 fotos e diversos vídeos feitos com câmeras fotográficas comuns e *smartphones*, sobre as quatro explosões que atingiram um ônibus e três trens do metrô do centro da cidade, em 7 de julho de 2005. "Com os eventos acontecendo em grande parte no subsolo, longe dos olhos dos profissionais da mídia, a câmera do telefone se destacou, ajudando a ilustrar os acontecimentos horríveis do dia de uma forma que não teria sido possível antes" (Douglas, 2006).
Em um estudo mais recente sobre a adoção do jornalismo participativo pela mídia *mainstream,* Li e Hellmueller (2017, p.335) investigaram em quais contextos a produção da audiência era encorajada e integrada às peças elaboradas pela *CNN*, e como essa participação mudou a relação jornalista-público ao longo do tempo. Deixando de lado a dicotomia da classificação "profissional" e "não-profissional", os autores analisaram 316 matérias televisivas, além de 353 artigos *online*, cujo conteúdo dependiam total ou parcialmente do material enviado por *iReporters* entre 2006 e 2012.
O recurso à audiência se deu principalmente nos eventos estrangeiros e mais especificamente nos casos de desastres e conflitos, incluindo tempestades tropicais e incêndios florestais nos Estados Unidos, entre outras histórias. "O que relamente a *CNN* queria e considerava válida era a proximidade da audiência dos eventos noticiosos o que tornava o testemunho mais autêntico, credível e emocional" (Li & Hellmueller, 2017, p.338). Apesar do valor deste tipo de conteúdo na personalização das notícias, os autores notaram que a emissora costumava exibir os relatos testemunhais na parte final dos programas, sugerindo, assim, uma menor importância dos mesmos em comparação às fontes de notícia tradicionais.
Na Europa, em uma das maiores estações de TV portuguesas, a *TVI*, a incorporação de conteúdos cidadãos cresceu 227% em três anos, sendo o vídeo o gênero mais usado (65%). Além disso, as fontes mais privilegiadas para acesso ao conteúdo produzido por não-jornalistas foram as redes sociais digitais (71%) (Sá, 2016). No telejornal brasileiro de maior audiência, por exemplo, pouco mais de 16% das reportagens contêm algum tipo de conteúdo produzido por agentes externos ao jornalismo profissional (Karl, 2012).
Para Sá (2016, p.69), as redes sociais digitais converteram-se em megafones individuais, amplificando vozes que, antes das novas tecnologias e do surgimento da

internet, não encontravam espaço para ecoar. É nesse cenário de ampla participação popular na produção informativa e de multiplicação de plataformas *online* pelas quais as pessoas podem comunicar, que o cidadão comum torna-se um agente desencadeador de temas com interesse jornalístico. Daí a preocupação de produtores, repórteres e editores em acompanhar as redes sociais digitais para extrair histórias, personagens, depoimentos e imagens, não obstante a contratação de alguns desses cidadãos para atuarem como cinegrafistas *freelancers*[45], com a principal função de captar flagrantes da violência em áreas de conflito armado para posterior exibição nos telejornais (Grupillo, 2019).

Sendo assim, a força das páginas "News", em particular, está no caráter de proximidade do conteúdo publicado e na capacidade de propagação dessas publicações através do compartilhamento por cidadãos comuns. O perfil *OTTRJ* pode ser citado como exemplo desse fenômeno. A página, que conta com mais de 744 mil seguidores, teve a equipe ampliada diante da demanda por informações locais em "tempo real". Ao fundador, Benito Quintanilha, juntaram-se o professor de física Marcos Baptista, o profissional de TI, Dennis Colli, e, por fim, Henrique Caamaño, atuante na área de logística. Todos passaram a ser responsáveis, entre outras coisas, pela alimentação regular do perfil e resposta aos usuários. Padronizada a *fanpage*, o foco dos quatro passou a ser a ampliação da audiência em outras redes sociais digitais como o *Instagram*, *Telegram*, *Twitter* e *WhatsApp*.

No caso do *OTTRJ*, entretanto, a estratégia de alargamento da audiência veio seguida de um acúmulo de dados cujo processamento passou a exigir ainda mais dedicação. Além disso, as campanhas lançadas para doação de recursos financeiros ao aplicativo obtiveram adesão residual dos seguidores, fazendo com que a manutenção do OTT passasse a depender do aporte dos criadores. Isso teve um peso decisivo na concentração de alertas no *app*, como explica Henrique Caamaño.[46]

> O grande problema é que a gente não tem apoio de ninguém. A gente tira do nosso bolso pra bancar o OTT. [...] O OTT gera muitos dados. Tem dados diversos ali, não é simplesmente tantos tiros numa região, tantos arrastões, é toda uma coisa complexa. Dali você faz prospecções, estimativas, várias coisas e a gente sabe disso. Informação é dinheiro. O OTT não foi criado pra ganhar dinheiro, foi uma coisa filantrópica mesmo, você ajudar o próximo sem interesse nenhum. Só que no meio do caminho o monstro ficou tão grande que você, para segurar ele, você precisa dedicar muito tempo, então, são 16horas/dia mínimas de plantão que a gente fica. Como você se sustenta? (Caamaño, 2019)

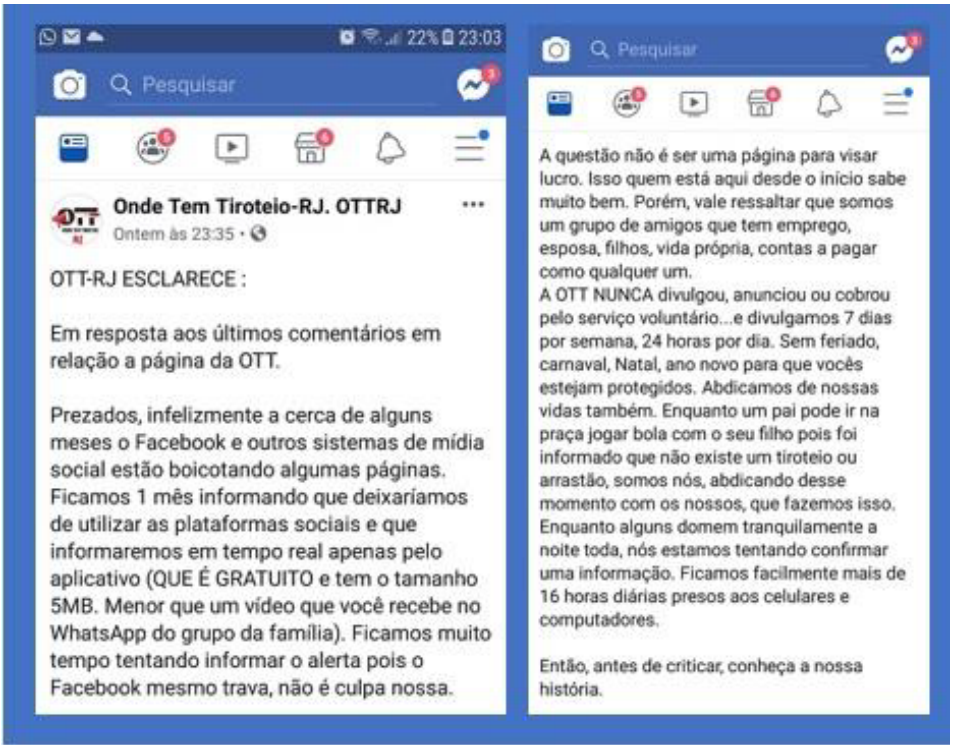
Face ao problema, pouco mais de três anos depois da criação da *fanpage*, os alertas foram interrompidos e a página foi transformada em um espaço comunitário de

[45] Em outro trabalho, explicamos que o termo freelancer é usado para designar trabalhadores sem vínculo empregatício que prestam serviço em determinadas empresas. Cf. Grupillo, 2019.
[46] Entrevista presencial concedida à autora no dia 5 de agosto de 2019, no Rio de Janeiro.

utilidade pública com informes sobre animais perdidos ou disponíveis para adoção, carros furtados, ações solidárias, e, entre outros assuntos, as chamadas para que os seguidores baixem o *app*.

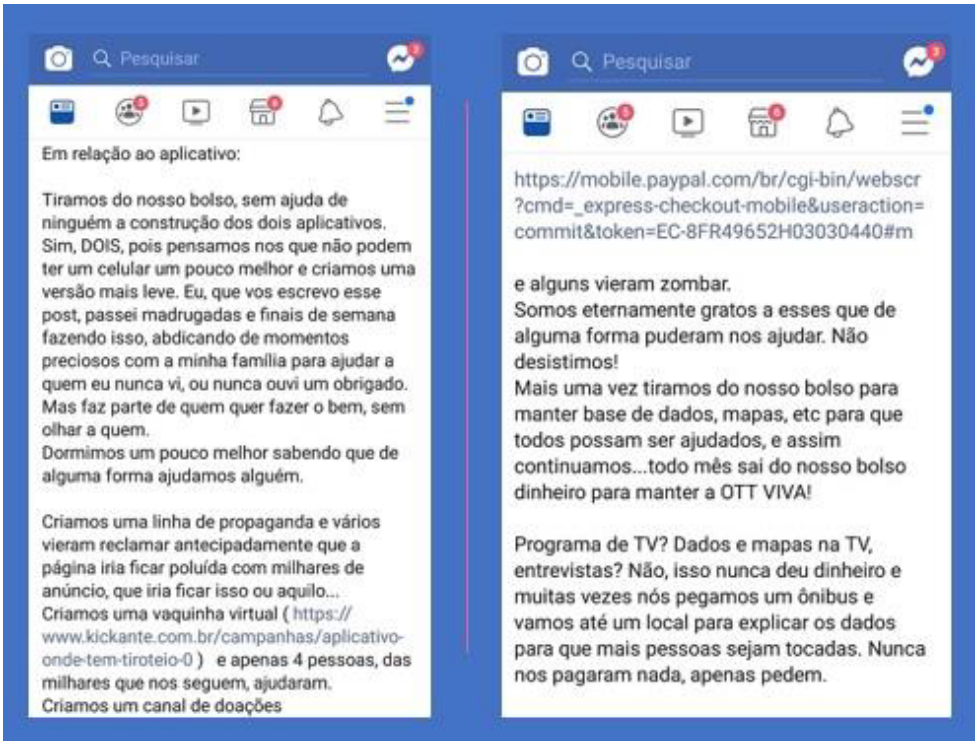
Na publicação do dia 1 de agosto de 2019 (Figura 2), um dos administradores explica as razões para a mudança ao público. Mas, embora procure demonstrar uma certa independência financeira em relação ao trabalho que desenvolvem no OTT, perceptível na frase *"somos um grupo de amigos que tem emprego"*, a mensagem acaba por revelar a frustração dos criadores da ferramenta com o baixo engajamento dos seguidores: *"criamos uma linha de propaganda e vários vieram reclamar [...] criamos uma vaquinha virtual e 4 pessoas, das milhares que nos seguem, ajudaram"*. Assim, fica patente, mais uma vez, o desejo de monetizar os alertas através da concentração dos mesmos no aplicativo (Figuras 3 e 4).

Figura 2: nota de esclarecimento publicada na *fanpage OTTRJ* em 01/08/2019



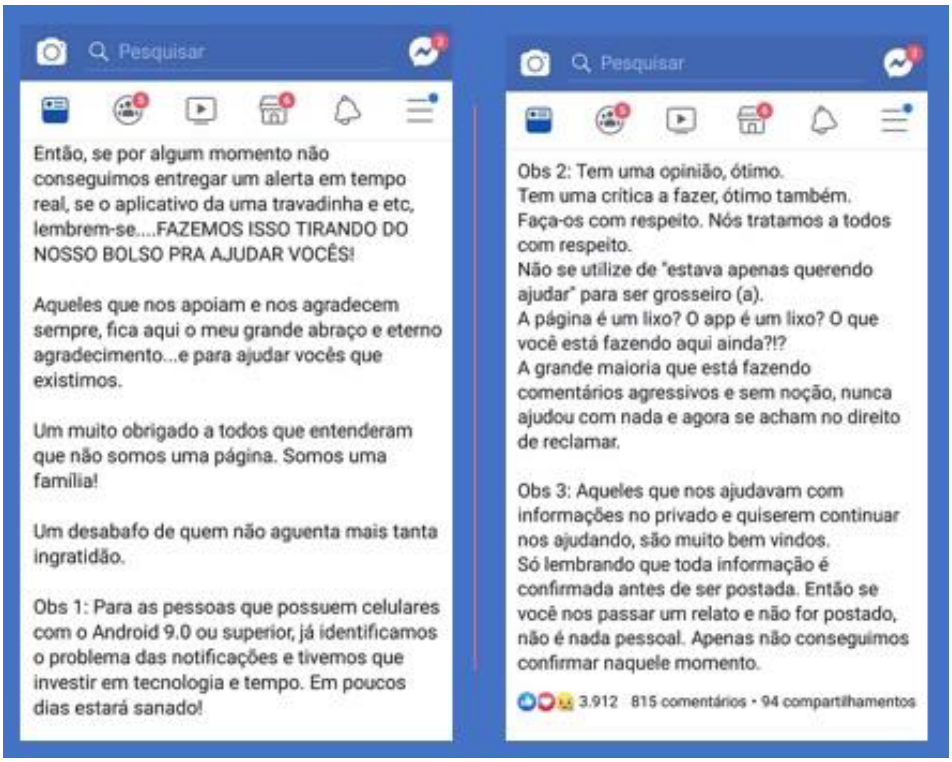
Fonte: *print* da página no *Facebook*

Figura 3: justificativa para concentração de alertas no *app*, publicada em 01/08/2019



Fonte: *print* da página no *Facebook*

Figura 4: justificativa para concentração de alertas no *app*, publicada em 01/08/2019



Fonte: *print* da página no *Facebook*

A mensagem traz ainda dois aspectos interessantes. Um deles está relacionado ao uso dos mapas e dados levantados e processados pelo OTT na elaboração de reportagens para programas jornalísticos de TV. Isso dá à ferramenta um *status* mais elevado em comparação às demais páginas de bairro, as chamadas "News", pois o embasamento das peças em dados fornecidos pelo app demonstra haver uma confiança mais acentuada dos jornalistas no trabalho de apuração, checagem e compilação das ocorrências.

E aqui está o segundo aspecto que gostaríamos de destacar: a reafirmação dos administradores de que todos os alertas emitidos são previamente confirmados. Por um lado, isso indica aos seguidores a existência de um filtro que apenas permitirá a publicação de informações confiáveis. Mas, por outro lado, a instantaneidade esperada por alguns dos usuários poderá não corresponder à velocidade da confirmação. Daí a explicação final: "*se você nos passar um relato e não for postado, não é nada pessoal. Apenas não conseguimos confirmar naquele momento*".

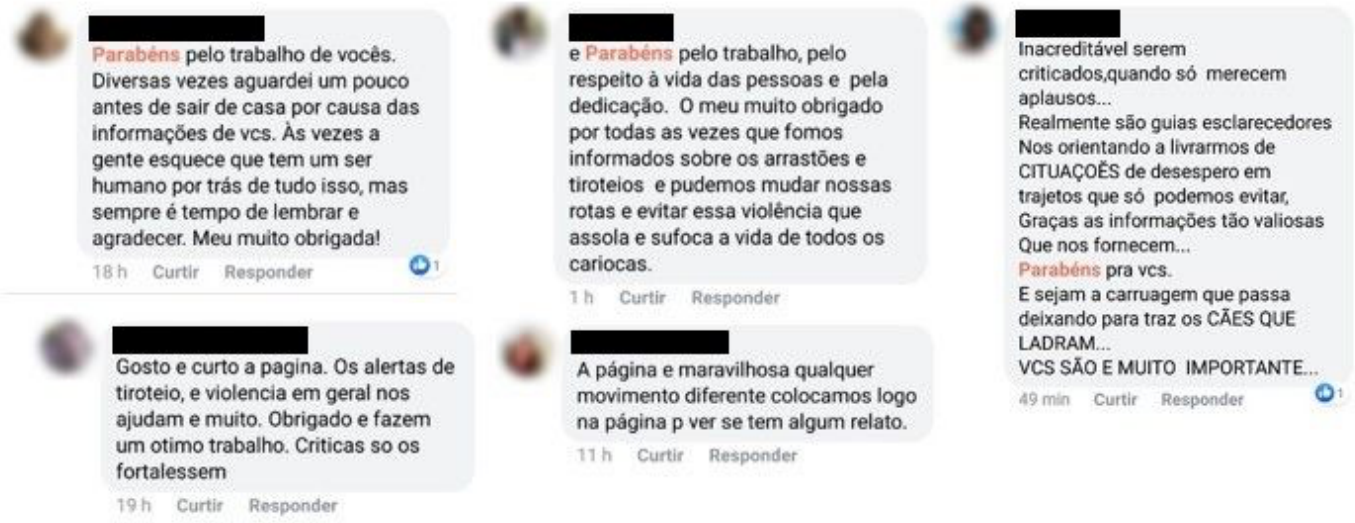
O post a que nos referimos obteve 6.600 reações, 1.500 comentários e 239 compartilhamentos. Algumas das reações observadas nos oferecem pistas para compreender a importância do OTT, a capilaridade da ferramenta e porque o uso de informações e imagens divulgadas pelo aplicativo tornaram-se importantes para os telejornais. Vale salientar, contudo, que a concentração dos alertas no *app* não alterou a possibilidade de participação e interação entre os usuários, mas trouxe algum transtorno quanto à adaptação à tecnologia utilizada, como veremos mais à frente neste capítulo.

4.1.2 A mudança na ótica do usuário

O post que informava sobre a suspensão de alertas na *fanpage* para uma maior concentração através do *app*, publicado em 1 de agosto de 2019, despertou reações distintas por parte dos seguidores. Observamos os primeiros 36 comentários a fim de perceber como o anúncio foi interpretado. As respostas indicam o papel que a ferramenta desempenha a partir de, pelo menos, cinco características diferentes: 1) utilidade pública, 2) prestação de serviço público, 3) fonte fiável, 4) abastecimento da mídia e 5) colaboração. Nossa preocupação não foi realizar uma análise sistemática dessas respostas, e como algumas reações podem, inclusive, ser encaixadas em mais de uma característica, o recorte foi feito no sentido de podermos compreender certos aspectos da relação mantida entre os usuários e o OTT. Por isso mesmo, procuramos destacar os comentários que melhor ilustraram essa relação.

Como ferramenta de "utilidade pública", os seguidores tendem a apontar como os alertas do OTT influenciam na tomada de decisões como, por exemplo, ficar em casa por mais alguns minutos ou mudar o trajeto no trânsito, o que acreditam tê-los ajudado a escapar de situações de perigo e balas perdidas. Isso pode ser observado através de comentários como *"Diversas vezes aguardei um pouco antes de sair de casa por causa das informações de vcs"*; *"Os alertas de tiroteio, e violência em geral nos ajudam e muito"*; ou ainda, *"O meu muito obrigado por todas as vezes que fomos informados sobre os arrastões e tiroteios e pudemos mudar nossas rotas"*; mas também *"qualquer movimento diferente colocamos logo na página"* e *"Realmente são guias esclarecedores Nos orientando e livrarmos de CITUAÇÕES de desespero em trajetos que só podemos evitar Graças as informações tão valiosas Que nos fornecem"* (Figura 5).

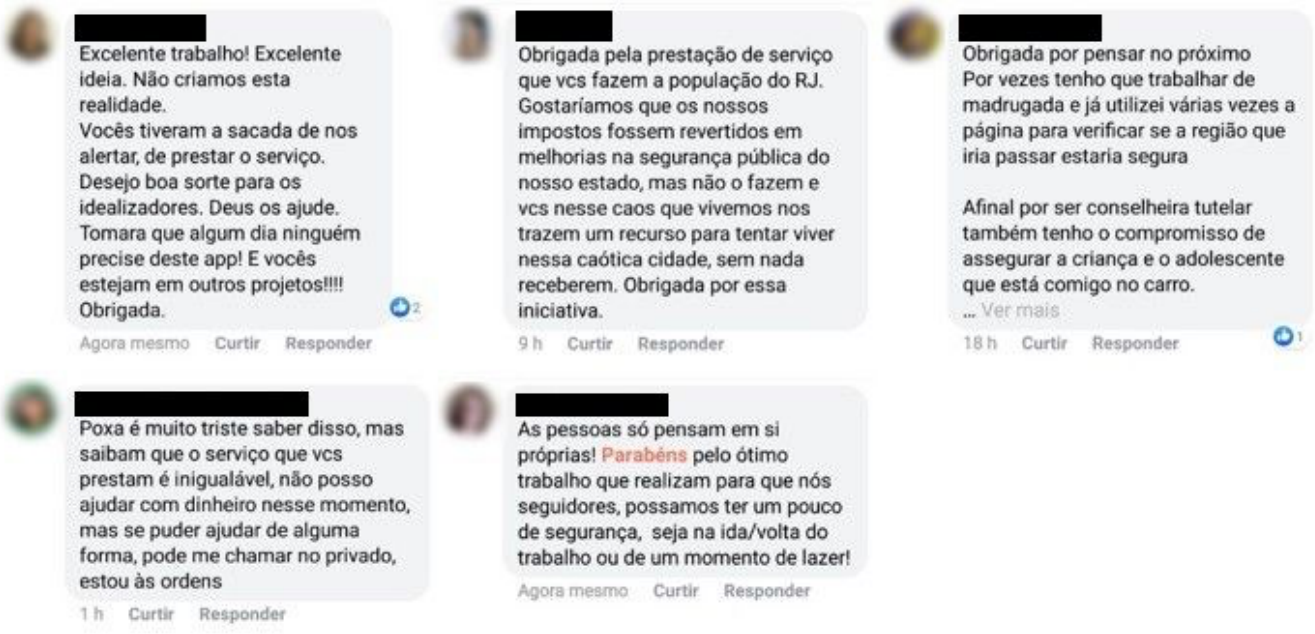
Figura 5: seguidores apontam utilidade dos alertas OTT no cotidiano



Fonte: *print* da página no *Facebook*

Já o papel da ferramenta na "prestação de serviço público" é salientado pelos seguidores quando querem se referir à emissão do próprio alerta e ao trabalho de reunião de informações atualizadas das ocorrências criminosas, aos quais eles não teriam acesso não fosse o OTT (Figura 6). Isso pode ser melhor compreendido em frases como *"vocês tiveram a sacada de nos alertar, prestar o serviço"*; *"o serviço que vocês prestam é inigualável"*; mas também *"Obrigada pela prestação de serviço que vcs fazem a população do RJ"*; *"Parabéns pelo ótimo trabalho que realizam para que nós seguidores possamos ter um pouco de segurança"* e *"Obrigada por pensar no próximo"*.

Figura 6: seguidores apontam papel do OTT na prestação de serviço



Fonte: *print* da página no *Facebook*

No geral, o alcance de páginas como o OTT indica a existência de um universo significativo de pessoas que as reconhecem como "fontes fiáveis" de informação, embora possam não ser consideradas jornalísticas pelos jornalistas profissionais. A credibilidade que a ferramenta angaria entre os usuários fica patente nos comentários apresentados (Figura 7), onde aparecem frases como *"Em meio a época das Fake News, o OTT é canal de comunicação sério que podemos confiar"*; *"Vcs são um canal de comunicação sério que podemos sempre confiar"*; *"confio muito nas informações dessa página e só tenho a agradecer a todos vocês pela disponibilidade em verificar se as informações são verídicas"*; *"Sempre vou a página para conferir onde está seguro"*; *"confio nas informações de vcs, pq sei que não são posts de meses oh anos atrás"*; ou ainda *"quero saber se no local x ou y tem ou teve algum problema recorro rapidamente ao OTT"*; "*confio 100% na página"* e *"Quantas vezes recorremos à página para conferir o que está acontecendo, onde está acontecendo, tamanha credibilidade"*.

Essas reações, portanto, estão incluídas na terceira característica, pois situam o OTT como uma fonte alternativa e fiável de informação.

Figura 7: seguidores ressaltam a confiança que têm nos alertas do OTT



Fonte: *print* da página no *Facebook*

À confiança que depositam na ferramenta, alguns acrescentam a utilização frequente de informações e vídeos publicados pelo OTT em reportagens televisivas como ponto de reforço da credibilidade da iniciativa. Desse modo, os seguidores entendem que é porque os alertas são verificados e publicados em primeira-mão na plataforma, que são capazes de despertar o interesse das emissoras de TV e outros meios de comunicação, os abastecendo de conteúdo, conforme verificado na quarta característica das mensagens coletadas: "abastecimento da mídia" (Figura 8). Entre os comentários, podemos ler *"até os meios d comunicação mais populares também utilizam os vídeos e alertas de vcs"*; *"Muitas páginas se favorecem da sua página...até TV"*; *"Só para frisar que várias vezes vi as reportagens de vcs em matérias de telejornais"*; e também, *"Vcs tem credibilidade pq até as emissoras de TV pegam as suas reportagem e mostra nos jornal local"*; *"Sugiro que vcs passe a cobrar (não sei como...) das demais mídias (TV e Rádio, tipo Tupi que já ouvi dando alertas em cima desta) que se utilizam do material contido na página"*; *"se não fosse bom não seria citado como referência de informação no jornal da TV"* e *"hoje em dia até os jornais locais usam suas informações para fazer reportagens"*.

Considerando o fenômeno de perda do monopólio da produção do conteúdo audiovisual pelo jornalismo tradicional, é possível inferir, então, que os usuários enxergam o OTT não apenas como uma ferramenta de comunicação colaborativa útil, prestadora de um serviço público fiável, mais eficiente se comparado aos meios de comunicação tradicionais como rádio e TV, mas que também o enxergam como um meio de comunicação em si mesmo, e que, por todas as características que agrega, acaba tendo o material apropriado e veiculado pela mídia *mainstream*.

Isso faz com que, em pelo menos duas respostas, os seguidores sugiram a cobrança pelo uso frequente dos dados e imagens: *"[...] essas sim deveriam colaborar na íntegra"* e *"sugiro que passe a cobrar (não sei como) das demais mídias (TV e Rádio, tipo Tupi que já ouvi dando alertas em cima desta) que se utilizam do material contido na página"*. De maneira geral, esses comentários indicam ainda a existência de uma dependência dos órgãos de comunicação convencionais do trabalho realizado pelo Onde Tem Tiroteio.

Figura 8: usuários fazem referências à apropriação de material do OTT nos noticiários



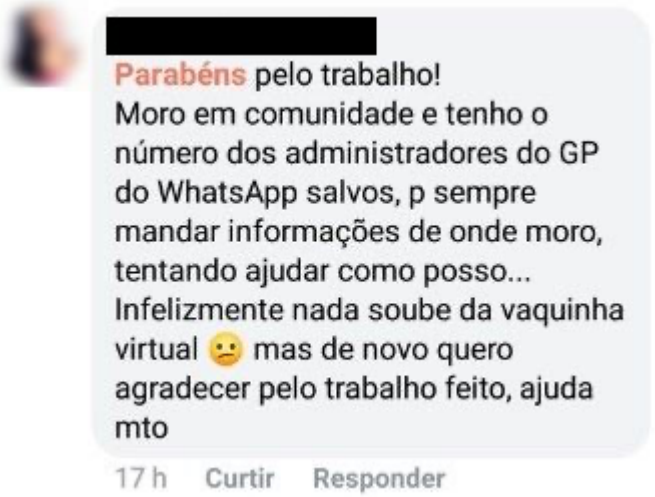
Fonte: *print* da página no *Facebook*

Do nosso ponto de vista, isso não significa dizer que os jornalistas não teriam acesso ao material por outros caminhos, ou mesmo por intermédio de outros perfis nas redes sociais digitais, mas antes, que o acesso às informações e imagens dos eventos da violência urbana através do OTT é, se não mais rápido, mais credível, o que facilita o trabalho dos produtores e editores no interior de salas de imprensa cada vez menores e

mais pressionadas pelo imediatismo. Assim, os jornalistas não precisam partir do "zero", fazendo a checagem básica da veracidade da ocorrência que pretendem noticiar e podem acelerar o processamento de informações e imagens, finalizando as peças o mais rápido possível.

Por fim, destacamos o papel de estímulo à colaboração . Ele aparece no comentário de uma seguidora que diz colaborar com o OTT através do envio de informações sobre a comunidade onde mora por meio do contato direto com os administradores: *"Moro em comunidade e tenho o número dos administradores do GP do WhatsApp salvos, p sempre mandar informações de onde moro, tentando ajudar como posso"* (Figura 9).

Figura 9: seguidora destaca colaborar com os informes



Fonte: *print* da página no *Facebook*

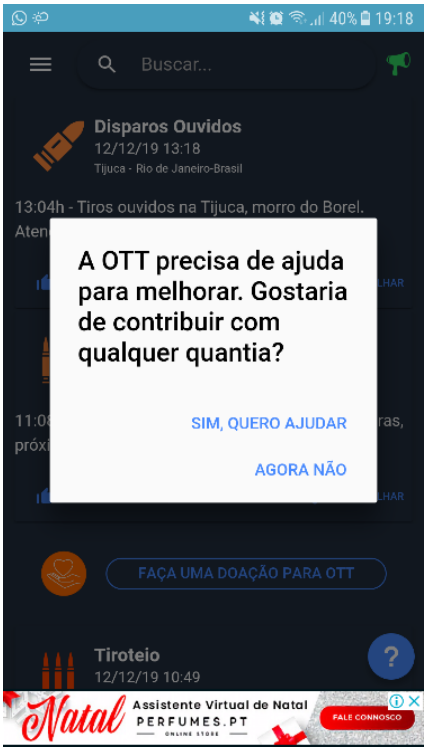
4.1.3 *App* OTT: tipos de alerta e organização

O aplicativo OTT foi criado quase um ano e meio após a *fanpage*. Até agosto de 2019, os alertas eram enviados tanto pelo *app* quanto pela página no *Facebook*. A mudança que concentrou os alertas alterou também a tipificação e a organização dos mesmos em ícones diversos. No formato atual, já na abertura, o usuário é confrontado com uma mensagem de texto que o estimula à contribuir financeiramente para o melhoramento do serviço disponível no *app* (Figura 10). No rodapé, também é possível observar a exibição da publicidade, o que vem cumprir o desejo dos administradores de monetização dos alertas, como ressalta Henrique Caamaño: *"no aplicativo, mal ou bem, você tem aquela propagandazinha do Google. É uma merrequinha, mas é uma*

coisa que está entrando e você não fica tão preso à estrutura que a gente mesmo montou".

Ao longo do tempo, o *layout* da sessão de alertas foi sendo aperfeiçoado e a ferramenta tornou-se disponível também em uma versão mais leve para *smartphones* com memória interna limitada. Na nova versão, há 10 ícones distintos, um para cada tipo de alerta, além de um ícone específico para a doação de recursos financeiros ao OTT. Para ter acesso às fotografias e imagens das ocorrências, os usuários precisam clicar nos ícones destacados em verde, criados especialmente para sinalizar a existência desse tipo de conteúdo. As imagens são mostradas na parte inferior do texto, sem prejudicar as confirmações, os comentários e os compartilhamentos (Figura 11). O envio de informações dos usuários para os administradores também pode ser feito diretamente pelo aplicativo, com a indicação da localização da ocorrência. Há ainda um espaço para *upload* de imagens.

Figura 10: tela de abertura do aplicativo. Recorte de 12/12/2019



Fonte: *app* OTT

Figura 11: tipificação icônica de alertas no aplicativo

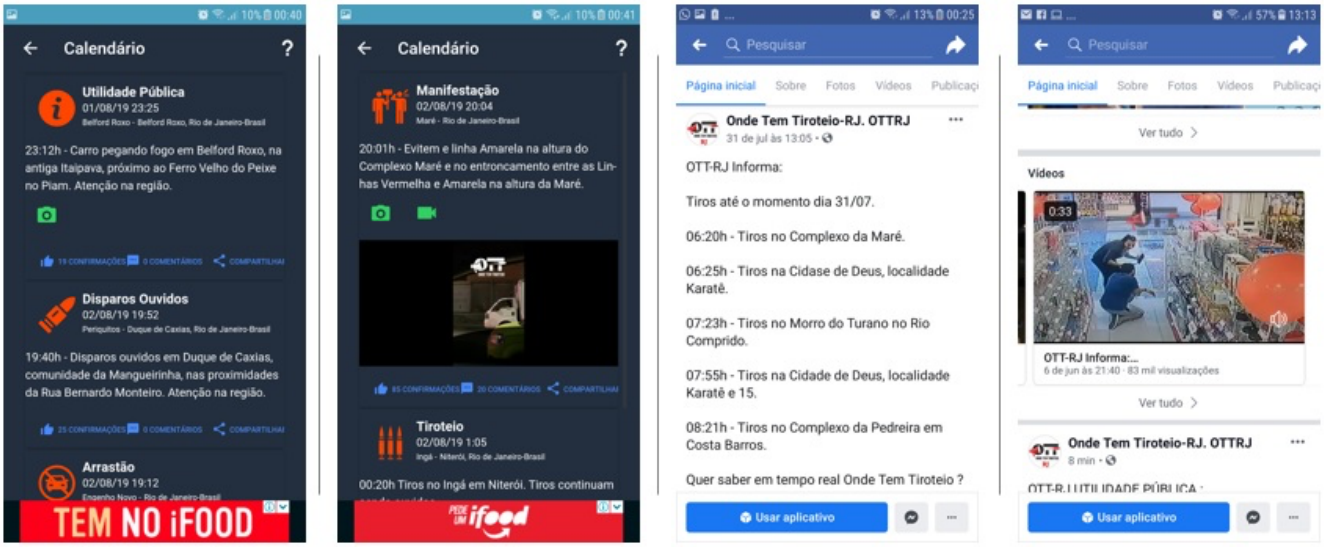


Fonte: *app* OTT

No novo formato, portanto, os alertas ficam tipificados em: *Tiroteio*; *Disparos ouvidos*; *Arrastão; Carros na contramão*; *Operação policial*; *Perseguição policial*; *Utilidade Pública*; *Alagamento*; *Manifestação*, *Incêndio, Roubo de Carga e Toque de recolher* (os dois últimos sem ícones representativos). Nota-se uma maior preocupação na especificidade dos informes, que são acompanhados de símbolos diferentes. Os tiroteios, por exemplo, são simbolizados por três cápsulas de fuzil, enquanto os disparos ouvidos à distância são representados por um único projétil de arma de fogo, e assim por diante. No final de cada publicação, o usuário pode deixar o seu *like*, fazer comentários e também redistribuir os alertas em suas redes sociais particulares.

Esse conjunto de adaptações pretende facilitar a navegação no *app* na medida em que procura traçar uma melhor organização visual dos alertas e das fotos e vídeos disponibilizados. Esse intuito é perceptível quando se observa o formato mais atual (coluna esquerda da Figura 12) em comparação com o adotado nos posts na *fanpage* (coluna direita da Figura 12).

Figura 12: recorte comparativo das publicações no *app* e na *fanpage*



Fonte: *app* OTT

Ao descarregar o novo *app* no telefone celular, o usuário é informado das "novidades" disponíveis na ferramenta, entre as quais estão a possibilidade de escolha do raio de notificação a partir do local em que se encontra e do tipo de alerta que quer receber, além da ativação opcional de notificações de utilidade pública como acidentes de trânsito e engarrafamentos. Há ainda a informação de que os alertas da violência urbana passaram a ser feitos em todo o Brasil. Até 17 de fevereiro de 2020, tinham sido feitos 500 mil *downloads* só para dispositivos com sistema operacional IOS.

Existem, porém, muitas insatisfações relatadas pelos usuários. As mais comuns dão conta da dificuldade para baixar o aplicativo, além da interrupção inadvertida de notificações ou, ao contrário, a impossibilidade de desativá-las; a mistura de alertas de todos os estados (algumas pessoas reclamam da poluição informativa com alertas de lugares sobre os quais não estão interessadas); o acúmulo de publicidade e problemas na georreferencialidade.

4.2 Georreferencialidade e comunicação hiperlocal

Tiros em Manguinhos

> Recebi uma informação de tiros em Manguinhos, só não sabia se era na Coréia ou na tal da Síria. No grupo já tá aqui, o cara já jogou, tá vendo? Tá me dizendo o ponto exato agora. Escutando tiros, o caveirão tá na região. Já tá dizendo o ponto certo, Coréia. Já tá afirmando. Agora vou lançar no aplicativo. Tá lançado. Daqui a pouco a gente confere quantas confirmações chegaram. (Caamaño, 2019)

No funcionamento do aplicativo, a colaboração dos usuários é imprescindível, mas não só. O *app* OTT trabalha com um sistema de inteligência artificial no qual o recebimento de alertas e a emissão de informações depende do referencial geográfico de cada aparelho telefônico. No canto superior direito do *app*, há um campo de configurações onde o usuário seleciona previamente os tipos de alerta que quer receber entre os nove já citados, em qual idioma (Português, Inglês ou Espanhol), e, o mais importante, o raio de abrangência das notificações, que varia de 50km a 2.000km desde o local onde se encontra. Ou seja, os informes da violência podem alcançar desde o bairro ao estado onde vive o usuário ou até outro país com o qual tenha alguma ligação e do qual queira receber informações[47].

O trecho da entrevista realizada com o administrador do OTT, Henrique Caamaño, destacado acima, demonstra a importância da georreferencialidade no projeto. De um lado, ela permite que os administradores tenham um maior controle das informações passadas pelos usuários, evitando que alguém que esteja em uma determinada região, afirme estar presenciando um evento de violência situado fora do raio de configuração do seu telefone celular. De outro lado, oferece aos administradores uma base de localização para a confirmação dos dados recebidos. De acordo com o local de onde parte uma informação, eles acionam outros informantes com o intuito de confirmar ou não a existência de um tiroteio, uma operação policial ou um assalto, por exemplo.

No caso em questão, o tiroteio na região de Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro (Brasil), pude acompanhar de perto esta dinâmica de confirmação de dados com base na localização geográfica porque o mesmo ocorreu durante a entrevista presencial para esta pesquisa. Mais precisamente, a fala de Caamaño corresponde às etapas que ele próprio ia cumprindo enquanto conversávamos: 1) ele recebe a informação através de outro aplicativo do qual participa, mas não tem a certeza do ponto exato do tiroteio; 2) imediatamente, recorre ao grupo de *WhatsApp* da região indicada. Lá não só encontra comentários sobre a ocorrência, mas a informação sobre o ponto certo do confronto, a comunidade da Coreia. Por fim, 3) o alerta é lançado no aplicativo e o administrador aguarda a chegada de novas confirmações por parte dos demais usuários.

Sobre a totalidade do processo de seleção e verificação de ocorrências utilizado pelo OTT falaremos no próximo tópico deste capítulo. Aqui, procuramos nos debruçar sobre a relevância da georreferencialidade, complementada pela importância do caráter hiperlocal dos alertas na construção do vínculo com os usuários e na consequente confiabilidade da ferramenta.

Zago (2009, p.1) observa uma tendência à hiperlocalidade informativa com a proliferação de dispositivos móveis e a possibilidade de produção jornalística em redes

[47] Recentemente, o OTT passou a emitir alertas de alguns países como EUA, México e Paraguai.

digitais. Nesse contexto, a especificidade das notícias procura atender à necessidade dos indivíduos em territórios circunscritos. Isto porque, no cenário promovido pelo desenvolvimento da rede mundial de computadores e dos dispositivos móveis, e pela globalização, em que as informações tendem a ser demasiado generalistas e focadas em acontecimentos de interesse nacional ou internacional, "saber o que acontece ali na esquina" é tão ou mais importante do que saber o que acontece no mundo. Sendo assim, a autora reconhece como sendo notícias hiperlocais aquelas que tendem a ser ainda mais específicas, contemplando "uma comunidade, um bairro, uma rua ou até mesmo um quarteirão específico".

Essas ideias estão assentes no denominado jornalismo hiperlocal, focado na vivência de uma determinada comunidade, para ser consumido por indivíduos a ela pertencentes (Aranha & Miranda, 2015). O cidadão comum exerce um papel essencial na construção de uma rede informativa hiperlocal, sendo atuante na produção e difusão de conteúdo (Holanda, 2010). Neste aspecto, o jornalismo hiperlocal está em sintonia com o jornalismo cidadão e exige vínculo com a cidade e suas comunidades, mas a criação desses vínculos leva tempo e custa caro (Fernandes & Lima, 2017).

Temos aqui uma dicotomia. A internet e a expansão do acesso à rede mundial de computadores passou a refletir a diversidade humana e a descentralização do seu funcionamento com a circulação de vozes diversas. Contudo, enquanto na ordem global há uma "desterritorialização" capaz de separar o centro da ação e a sede da ação, com certa dependência de fatores externos, a ordem local, ao contrário, "reterritorializa" à medida que, a partir de uma lógica interna, reúne elementos distintos como homens, empresas, instituições, formas sociais (Barbosa, 2002).

Nesse sentido, se as tecnologias digitais móveis são capazes de comunicar um território específico ao nível da rua ou do bairro, em um curto espaço de tempo, então, o hiperlocal pode ser entendido como uma comunicação de lugar que, em última análise, marca a alteração no *modus operandi* de produção noticiosa do modelo de jornalismo objetivo, na medida em que propõe o fim do distanciamento entre o polo emissor e o polo receptor (Camponez, 2017).

No jornalismo hiperlocal, os jornalistas precisam refazer o pacto comunicacional com os leitores/seguidores e com a vida pública, sem o qual não conseguem levar a cabo a criação de vínculos. Castilho (2020) defende que esse tipo de jornalismo é inviável sem o engajamento mútuo e contínuo entre os produtores de notícia e a comunidade.

> A comunidade só participa da produção de notícias locais quando ela acredita no projeto e nos jornalistas, o que ocorre apenas quando há uma relação de confiança mútua. Para obter essa confiança, o jornalista precisa ser considerado um membro da comunidade e

> ser aceito por ela, o que requer o engajamento do profissional com a comunidade local.[48]

Nesta dinâmica de proximidade com a comunidade, o jornalista cativa suas fontes, por isso Fernandes e Lima (2017) acreditam que um bom localismo seja um degrau para o jornalismo investigativo, pois se torna capaz de pinçar denúncias e revelar aspectos não aparentes da vida em sociedade.

> O que parece ser válido para que o jornalismo cumpra o seu papel social e cidadão é que construa narrativas sobre as comunidades e suas gentes, em especial nos grandes centros urbanos, onde essas comunidades enfrentam um rol infindável de problemas e conflitos ligados às questões socioeconômicas e socioambientais: da violência à poluição, vivenciadas no cotidiano. (Fernandes & Lima, 2017, p.51)

No Brasil, através do vínculo com informantes em comunidades, por exemplo, cinegrafistas amadores[49] conseguem acessar locais conflagrados e hostis à presença de jornalistas para captar imagens flagrantes de eventos relacionados à violência, posteriormente vendidos aos telejornais (Grupillo, 2018). Quando fornecem informações hiperlocais, essas fontes se valem de um sentimento de pertença às comunidades, buscando, desse modo, melhorá-las, ampliando a relação desses lugares com o espaço urbano e com outros cidadãos (Holanda, 2010). Assim sendo, a comunicação hiperlocal agrega moradores, frequentadores e jornalistas em uma espécie de coprodução cívica da informação, capaz de orientar a tomada de decisões de maneira igualmente colaborativa.

No Amapá (Brasil), o aplicativo Lupa NH, criado com o objetivo de incentivar a cidadania no bairro Novo Horizonte, tem conseguido criar um banco de dados com informações sobre o desabastecimento de água, a falta de tratamento do esgoto, de iluminação pública e de limpeza urbana, entre outros. Esses dados são inseridos pelos moradores de forma geolocalizada e o propósito final da ferramenta é criar uma "esfera pública interconectada", onde a deliberação sobre "os graves problemas sociais da região" e a tomada de decisões possam ocorrer de forma horizontal, com a participação da comunidade, em um ambiente mediado pela tecnologia (Júnior, 2018, p.71).

Trata-se de uma iniciativa com características semelhantes às dos aplicativos AlertaBlu e OTT, citadas na primeira parte desde capítulo, em que a tecnologia auxilia a criação de territórios customizados, facilitando a resolução de problemas específicos existentes

[48] Documento eletrônico sem página.

[49] O termo "cinegrafista amador", utilizado por Grupillo (2018), diz respeito aos repórteres de imagem, com graus variados de experiência, e regularmente atuantes na produção noticiosa, que, por motivos de estruturação das relações de trabalho e de enquadramento profissional no interior do jornalismo brasileiro, não possuem registro profissional de jornalista e, por isso, são considerados agentes externos à atividade. Esses agentes, contudo, costumam fazer a captação de imagens da violência urbana para os telejornais através do trabalho como *freelancers*. São, portanto, trabalhadores sem vínculo empregatício e boa parte deles vende as cenas gravadas de maneira avulça às empresas de televisão.

nesses lugares com a ajuda dos usuários. Portanto, há aqui também um princípio democratizante a reger a organização desses dados e seu compartilhamento por meio dos dispositivos móveis. Princípio este explicado de forma pormenorizada, em outro momento, pelo autor.

> A informação local desempenha um papel importante na vida das pessoas. Ela fornece notícias, fatos e dados sobre o que está acontecendo ao seu redor. Quando os cidadãos locais podem obtrer informações relevantes socialmente e de uma forma estruturada, se permite uma melhor tomada de decisão e a criação da sensação de pertencimento, trazendo as comunidades em conjunto para decisões mais acertadas. (Lima Junior, 2017, p.225)

Também Xosé López-Garcia (2017, p.119) entende que a proximidade condiciona o interesse pela informação e, a partir daí, conduz à conscientização indispensável para a tomada de decisão por cada cidadão.

> Aquilo que nos afeta muito diretamente alimenta nossa curiosidade por conhecer, por dispor de mensagens que não ofereçam só informação, senão contexto e possíveis consequências que nos dotem de conhecimento para entender as dinâmicas da vida diária e para que possamos atuar com critério próprio.

Normalmente, termos como "proximidade" e "hiperlocal" aparecem associados ao desenvolvimento de meios de comunicação *online*, principalmente a partir dos anos 1990. Segundo Shaw (2007), não existe uma definição consensual para esse tipo de jornalismo. Apesar disso, o autor o descreve como sendo dedicado às "histórias e minúcias de um determinado bairro, CEP ou grupo de interesse em uma determinada área geográfica" [tradução nossa].

Na Europa, esses conceitos passaram a ser utilizados para definir *blogs* e novos *sites* e portais na *Web* com conteúdo ultralocalizado (López-García, Negreira-Rey & Rodríguez-Vásquez, 2016; Jerónimo, 2015). No Brasil, o fenômeno começa a despertar mais interesse acadêmico já no final da década de 1990, mas essa atenção mais tardia se dá, de acordo com Cicília Peruzzo (2005), a dois fatores.

O primeiro tem a ver com as questões históricas e culturais. Na Europa, existem muitas comunidades autônomas, com padrões linguísticos e culturais independentes, onde a tendência a desenvolver meios de comunicação próprios é maior. Já no Brasil, o desenvolvimento das comunicações se deu muito por meio das grandes redes de televisão. Embora a produção local estivesse presente, o processamento das mensagens esteve quase sempre centralizado nos centros urbanos para, a partir deles, haver a distribuição para todo o país. O segundo fator está ligado ao foco dos pesquisadores brasileiros em outro tipo de comunicação, a comunitária. Esta modalidade também se

configura como uma comunicação local e já está presente nos estudos acadêmicos do Brasil desde a década de 1980 (Peruzzo, 2005).

No telejornalismo, a autora nota um maior movimento dos grandes meios em direção ao jornalismo local, a partir dos anos 1990, com o incremento das redes regionais, o aumento de programas produzidos nas regiões e uma maior preocupação com a cobertura de cidades vizinhas às cidades-sedes das estações geradoras. De modo geral, os meios de comunicação passam a ser ancorados na informação gerada dentro de um "território", conceito que, para Cicília Peruzzo, ultrapassa a ideia de dimensões geográficas para se aproximar dos vínculos baseados na cultura, na língua, na ideologia e na circulação de informação.

Em contrapartida, Shaw (2007) alerta que muitos *sites* e portais que nasceram sob a égide do hiperlocal, não passam de estratégias de grandes corporações midiáticas para evitar a fuga de leitores e criar fluxos de receita com espaços publicitários baratos para comerciantes locais. Talvez por isso, alguns *sites* de jornalismo local patrocinados pelos grandes meios de comunicação apresentam baixa penetração e participação, além de pouca confiança dos usuários para contribuir com a resolução dos problemas locais (Thurman, Pascal & Bradshaw, 2012).

Por tudo isso, Bruns, Wilson e Saunders (2008) destacam o potencial do jornalismo colaborativo para a cobertura hiperlocal, na medida em que os jornalistas cidadãos podem atuar tanto na condição de cidadãos locais quanto na de jornalistas. Na era digital, as pessoas comuns têm seu *status* alterado de meros consumidores da notícia a participantes ativos da produção de conteúdo, podendo publicar dados, eventos, opiniões e imagens de um determinado acontecimento em suas redes sociais, *blogs*, *sites* etc. Para Castilho (2020b), a quebra do monopólio jornalístico na captura, edição e disseminação de notícias pôs em xeque a chamada "centralidade das redações", cujo resultado final pode ser percebido nos processos de desprofissionalização ou desinstitucionalização do jornalismo.

> Traduzindo em miúdos, a expressão (desprofissionalização) está relacionada à diluição da perspectiva profissional do jornalismo, ou seja, a atividade deixa de ser caracterizada por um conjunto de normas que a distinguem de outras atividades. A separação entre jornalistas e não jornalistas tende a se tornar cada vez mais tênue e com ela as diferenças entre profissionais e não profissionais, também conhecidos como praticantes de atos jornalísticos ou jornalistas amadores. Não se trata de eliminar direitos legais ou normas corporativas, mas de reconhecer as consequências de transformações tecnológicas que alteraram a natureza da atividade jornalística, da mesma forma que digitalização e automação alteraram o exercício de outras profissões como a biblioteconomia e contabilidade. (Castilho, 2020b)

As mudanças na teoria e na prática do profissionalismo jornalístico, segue o autor, repercutem no formato institucional que ampara o exercício da atividade noticiosa.

Ora, se o jornalismo passa também a ser exercido por profissionais autônomos e ativistas da notícia, a imprensa perde seu formato institucional hegemônico em um mundo onde os fluxos informacionais tendem a ser cada vez mais diversificados e descentralizados. Assim, a desinstitucionalização do jornalismo não implica o desaparecimento da imprensa, pois "ela continuará existindo porque ela atende às necessidades de um determinado nicho no sistema informativo, como é o caso dos grandes jornais especializados em noticiário internacional e em grandes reportagens, por exemplo" (Castilho, 2020b)[50].

É neste contexto de descentralização da produção noticiosa e da criação de novas ferramentas colaborativas e distributivas da informação que se insere o aplicativo Onde Tem Tiroteio. O princípio defendido pelos criadores está baseado na ideia de "segurança pública 4.0"[51], que pressupõe a segurança feita do cidadão para o cidadão (C2C). Cada um informa sobre eventos ocorridos na sua localidade de maneira a auxiliar o outro a escapar de confrontos, assaltos e balas perdidas. Tudo é compilado através do aplicativo e dentro desse mecanismo colaborativo, os administradores atuam de forma independente, sem a obrigação de confirmar os alertas com fontes oficiais, como batalhões de polícia ou secretarias de segurança pública. A relevância dessa rede georrefenciada de informantes para o funcionamento do OTT fica, mais uma vez, evidente na fala do administrador Henrique Caamaño em entrevista para essa pesquisa.

> A gente participa em mais de 600 grupos de Whatsapp. A gente vai lá nos grupos. A gente ouviu falar tiros, não sei o que, alguém confirma, por favor? Aí, começa. Porque a pessoa da comunidade não quer falar. Ela está escutando, mas fica quieta, tem medo. Alguém vai e puxa, aí vem, vem de enxurrada. Não, realmente está acontecendo. Você vai lá no outro grupo também, joga em página de Twitter, Instagram, você vai começando a triangular até chegar na localidade. Aí, fechou e isso tem que ser rápido. Bem rápido. Se é fundamental? (a articulação entre as redes sociais) Com certeza, justamente por causa disso. É do cidadão para o cidadão, sempre foi assim. (Caamaño, 2019)

O trecho em destaque também nos oferece pistas para compreender o papel que o OTT exerce como instância de *gatekeeper* e *gatewatching*. É o que veremos a seguir.

[50] Documento eletrônico sem página.
[51] O termo "segurança pública 4.0" é vagamente explicado como sendo uma espécie de segunça inteligente ou "smart" na qual cada cidadão atualiza em tempo real a segurança em seu entorno, ajudando a ele e a todos os outros participantes da rede de informações do OTT. Ver em https://www.ondetemtiroteio.com.br/. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

4.3 Instância de *Gatekeeper* e *Gatewatching*: o papel do OTT na verificação de informação e imagens

Já sabemos que o aplicativo conta com quatro administradores e que pode ter um número ilimitado de usuários. Sabemos também como o sistema de referência geográfica contribui para a organização das informações e controle dos alertas. De certo modo, a georrefencialidade também ajuda na confirmação das informações recebidas com outras fontes. Pensar essa articulação em um estado como o Rio de Janeiro, cuja estimativa populacional é de 17,2 milhões de habitantes[52] parece, por si só, uma tarefa complicada. A ampliação da ferramenta para todo Brasil (208,5 milhões de pessoas) pressupõe um trabalho ainda mais complexo. Como a confirmação dos informes é feita fora do estado de origem dos administradores? Terão eles uma rede tão vasta de informantes capaz de dar conta de eventos ocorridos em todo o território nacional? Em que medida a checagem feita pelo OTT continua a ser confiável nesse cenário expandido?

O OTT nasceu como *fanpage* no Rio de Janeiro e foi transformado em aplicativo. Em 2018, o sistema foi implementado no estado de São Paulo e, a partir de 2019, passou a trazer alertas de todo o Brasil. De lá pra cá, a verificação de informações e imagens vem sendo feita com base em dois modelos distintos, um específico para o Rio de Janeiro e outro para os demais estados brasileiros.

4.3.1 Alertas no Rio de Janeiro: verificação direta

No Rio de Janeiro, cidade de origem do OTT, os administradores contam com o cruzamento de informações passadas por fontes diferentes em mais de 600 grupos de *WhatsApp* para constatar a veracidade e a localização de um determinado fato. Nesta tarefa, contam ainda com a colaboração do chamado "grupo de confiança", formado por moradores de regiões de conflito armado ou de zonas próximas dessas áreas. Essas pessoas recebem o *status* de confiáveis à medida que repassam informações assertivas ao OTT. O administrador Henrique Caamaño explica melhor quem são esses agentes.

> Moradores. Moradores em geral. Em geral, *eles não querem participar de grupos pra não ficarem expostos. Comunidade é complicado.* Em geral, eles *não querem participar de grupos, mas querem avisar pras pessoas não entrarem na comunidade naquela hora em que está acontecendo um conflito, querem avisar pra criança que tá indo ou vindo de escola, indo ou vindo do trabalho*. [...] Pessoas que ganham o status de confiáveis em nossos canais no Facebook, Instagram. O Facebook tem um campozinho

[52] Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 28 de agosto de 2018 e publicados no *Diário Oficial da União*. http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=55&data=29/08/2018. Consulta em 06 de abril de 2020.

> onde você coloca um rótulo. *Conforme a pessoa vai colocando informação, você vê que bateu aquilo, você bota um rotulozinho de confiável.* (Caamaño, 2019 [Grifos nossos])

Isso nos leva a crer que, na prática, o "grupo de confiança" é composto por cidadãos que evitam fazer comentários ou interagir em redes sociais digitais por medo de serem identificados por criminosos, em caso de denúncias. A não identificação dessas pessoas parece funcionar como estratégia para manter a comunidade informada sem, no entanto, deixar de lado a autoproteção. Com base na entrevista, percebe-se que o vínculo dos integrantes desse grupo com o OTT parece estar associado à ideia de *"solidariedade"* e *"bem comum"* e ser orientado pelo objetivo maior de *"avisar pras pessoas não entrarem na comunidade naquela hora em que está acontecendo um conflito"* (Caamaño, 2019).

Por um lado, o comportamento do grupo de confiança sugere uma capacidade de penetração substancial da ferramenta OTT nas comunidades da periferia. E, por outro lado, faz supor a existência de uma relação mútua de confiança entre quem está dentro desses espaços conflagrados e aqueles que detém a competência de noticiar eventos de violência em mais larga escala, num menor prazo de tempo. Como já dissemos, a adoção de protocolos mais rígidos de segurança por parte dos órgãos de comunicação tradicionais, inibiu a entrada de equipes de reportagem nesses territórios (Grupillo, 2018), na tentativa de proteger repórteres, fotógrafos e cinegrafistas de possíveis ameaças procedentes do universo da criminalidade (Bustamante & Relly, 2016).

Sendo assim, para Nunes (2017), "ter comunicadores lá de dentro produzindo informações sobre seu contexto de violência é fundamental para que o assunto seja pautado na opinião pública"[53]. Além do mais, concordamos com o alargamento do conceito de notícia discutido no capítulo 2. Aqui, ele é mais especificamente proposto por Wagstaff (2007)[54], para quem "passa a ser notícia tudo aquilo que interessa a uma comunidade, independentemente de quem a produziu ou de qual meio a fez circular". Nesse sentido, as novas formas de comunicação propiciadas pelo avanço da tecnologia móvel acabam por explorar e preencher o *gap* deixado pelos restates meios de comunicação tradicionais (Camponez, 2017) na produção de notícias locais/hiperlocais.

Pelos cálculos dos administradores, aproximadamente 350 pessoas formam o grupo de informantes do OTT. Parte delas é comumente acionada através do *WhatsApp*. Fora do Rio de Janeiro, porém, a verificação de informes e imagens segue um modelo distinto.

---

53 Disponível em https://www.abraji.org.br/noticias/paginas-de-facebook-ganham-forca-e-desafiam-senso-comum-na-veiculacao-de-informacoes-sobre-violencia-e-seguranca-no-rio-de-janeiro. Consulta em 06 de abril de 2020.

54 Documento eletrônico sem página.

4.3.2 Alertas no Brasil: verificação indireta

No Rio de Janeiro, o recrudescimento da violência urbana marca também o declínio do principal projeto de Segurança Pública implementado pelo governo estadual, o programa de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) (Antunes & Matheus, 2019). Essas unidades de polícia comunitária começaram a ser implantadas no interior das favelas cariocas a partir de 2008. A concretização do projeto das UPPs no Complexo do Alemão, em 2010, ganhou repercussão internacional com a exibição da fuga em massa de traficantes de drogas, pela *Rede Globo* de Televisão.

Conforme Antunes e Matheus (2019), durante o pleno funcionamento das Unidades de Polícia Pacificadora, houve uma queda significativa nos registros de criminalidade, especialmente de homicídios. Em 2017, o Rio de Janeiro alcançou a menor taxa desse tipo de crime. Dado importante e basilar para o planejamento de eventos que teriam não apenas aquele estado, mas outras cidades do Brasil como sede, a exemplo da Jornada Mundial da Juventude (2014), da Copa do Mundo de Futebol (2014) e das Olimpíadas (2016).

Contudo, os índices de criminalidade voltariam a subir no período pós-pacificação, a partir de 2018, o que na opinião de Nunes (2017) também contribuiu para o surgimento de iniciativas de comunicação descentralizada da violência como as páginas de bairro. Entre as que chamaram mais a atenção do pesquisador estão o OTT e o Fogo Cruzado. Ambas funcionam atualmente como aplicativo, mas enquanto a primeira corresponde a uma iniciativa de cidadãos desde a sua origem e é estendida aos usuários de todo o país, a segunda constitui uma ação originalmente lançada pela Anistia Internacional Brasil em 2016 e transformada em projeto gerido pelo *Instituto Update* em 2018, com presença apenas nas cidades do Rio de Janeiro e do Recife.[55] Vale salientar que as duas produzem relatórios mensais com dados sobre tiroteios, constantemente utilizados pela imprensa.

Esse contexto nos ajuda a pensar sobre quais seriam os possíveis interesses dos adminitradores em alargar a abrangência do OTT. Em primeiro lugar, o estado do Rio de Janeiro funciona como um "termômetro" da violência urbana no país, ocupando com destaque os noticiários nacionais. O prestígio da ferramenta naquele estado poderia significar uma melhor aceitação do OTT entre usuários de outras unidades da federação. Em segundo lugar, o processamento de dados em nível nacional poderia também contribuir para o aumento da credibilidade e do prestígio da ferramenta, uma

[55] O *Instituto Update* se identifica como uma organização da sociedade civil que pesquisa e fomenta a inovação política na América Latina através de práticas que aproximam cidadãos comuns da política, combatem às desigualdades e fortalecem as democracias em países como Brasil, Argentina, Chile, Colombia e México. O Fogo Cruzado corresponde a um desses projetos. Disponível para consulta em https://www.institutoupdate.org.br/sobre/. Acesso em 03 de março de 2021.

vez que as estatísticas de criminalidade costumam ser bastante utilizadas nas peças produzidas pela imprensa. Apesar disso, a estrutura operacional do aplicativo ainda é precária. Em nível local, os administradores trabalham no modelo *home office* e utilizam seus telefones particulares e *notebooks* para a comunicação com informantes, organizações de segurança e também para responder às demandas dos usuários. A expansão da ferramenta em território nacional demandou outro tipo de estratégia de verificação de alertas.

Sendo assim, no restante do Brasil, os informes recebidos dos usuários são imediatamente divulgados na plataforma do OTT. Um tempo limite foi pré-estabelecido para a confirmação por outras pessoas. Esse período de tempo, contudo, não é revelado pelos administradores com a justificativa de evitar que o cidadão responsável pela publicação de um alerta seja o mesmo a confirmá-lo. Dessa forma, se um alerta publicado no OTT Brasil recebe uma segunda confirmação dentro de um x prazo de tempo, ele permanece ativo. Caso não seja confirmado por mais ninguém durante o prazo pré-estabelecido, o alerta deverá ser removido da *timeline* do aplicativo.

No modelo de verificação indireto de ocorrências, o OTT funciona como uma ferramenta de curadoria. A tecnologia de informação empregada permite que todos os informes sejam divugados, mas apenas os confirmados pelos próprios cidadãos permanecerão visíveis. Mas, a autonomia proporcionada pelo sistema é vista como arriscada, como podemos observar no depoimento de Henrique Caamaño.

> Mesmo nesse sistema, a gente precisa de credibilidade, não quero lançar (o alerta) por lançar. Como dizia antigamente, quando a gente se interessava pelo Facebook. Não quero um milhão de curtidas, quero salvar um milhão de vidas. E continua nessa mesma linha. Não interessa encher o aplicativo de coisas que não existem. (Caamaño, 2019)

Latrônico e Mateddi (2019) argumentam que as inovações tecnológicas facilitaram o desenvolvimentos dos *apps*, dando relevância a essas ferramentas no século XXI. Os aplicativos criados para atender às demandas das cidades acabaram por reinventar as relações sociais no espaço urbano, apresentando formas alternativas de uso das cidades com informações contínuas e altamente atualizadas. Entre os *apps* relacionados às cidades, os aplicativos locais se desenvolvem a partir de problemas específicos de um território, enquanto que as globais pretendem resolver questões mais amplas, presentes no contexto urbano mundial. No entanto, nada impede que *apps* nascidos em um local possam ser expandidos para âmbito global. Os autores identificam o OTT como exemplo desse fenômeno, uma vez que o aplicativo passou a atender outras cidades Brasil afora, mas a partir de um problema comum: a violência nos centros urbanos.

4.3.3 Seleção e tratamento de fotos e vídeos na comunicação colaborativa

Se, por um lado, a verificação da ocorrência dos eventos relacionados à violência urbana obedece a protocolos distintos no Rio de Janeiro e no Brasil, por outro lado, as imagens ilustrativas desses acontecimentos parecem ser selecionadas e processadas a partir de um parâmetro similar: a segurança dos usuários. Ele é explicado assim pelo administrador do OTT, Henrique Caamaño:

> Imagina você morar num local super perigoso e aparece sua voz lá falando? Teve gente que teve que mudar por causa disso. A gente, não. Áudio de morador, vídeos que a gente recebe às vezes de um confronto. *Às vezes o vídeo é maravilhoso. Palavra horrível, mas o vídeo é bom pra você exemplificar o que está acontecendo ali, mas você não pode usar porque o morador acabou cometendo equívocos e filma a casa dele, pessoas falando o nome ao redor, oh fulano!* Como é que você vai jogar um negócio desse? Não tem condições. Então, a gente não coloca, a gente nunca expôs ninguém. *Às vezes a gente lança um vídeo, as vezes o vídeo é um pouco fora do que deveria ser o ideal, vamos dizer assim, expõe uma coisinha ou outra, mas aí, todo mundo já lançou.* A gente vai e lança. Às vezes, a gente tira o som, dependendo do que for, um arrastão na rua, a gente tira o som. (Caamaño, 2019 [Grifos nossos])

O trecho nos permite fazer algumas considerações. A primeira tem a ver com a percepção do potencial das imagens enviadas colaborativamente para chamar à atenção dos usuários. Embora reconheçam o teor violento das fotos e vídeos disponibilizados, os administradores entendem que essas imagens desempenham um papel fundamental, pois tornam os alertas autoexplicativos e, por isso mesmo, mais críveis: *"o vídeo é bom pra você exemplificar o que está acontecendo ali"* (Caamaño, 2019). Assim, quando o "vídeo é bom" ou quanto mais "fortes" forem os registros feitos pelos cidadãos, maior será o impacto visual dos alertas, que ganham *status* de evidência imediata de uma ocorrência criminosa.

Dentro dessa perspectiva, o valor-notícia que orienta a seleção do material audiovisual pelo OTT se assemelha ao adotado no telejornalismo, gênero no qual a imagem é um elemento central (Weaver, 1993; Wolf, 1999; Squirra, 1993; Brasil, 2012), capaz de ordenar a construção da notícia e o próprio telejornal dentro de uma lógica temática pré-estabelecida com a intenção de conferir significado aos acontecimentos do cotidiano, aproximando o material exibido da vida real do homem comum (Bird e Dardene, 1993). Ao analisar o uso de imagens de origem amadora em noticiários televisivos portugueses, Sá (2016, p.259) concluiu que esse tipo de conteúdo serve a uma melhor contextualização das peças jornalísticas. Sua apropriação, por isso, atende a uma espécie de *tirania do visível* que rege os telejornais. (Grifo da autora)

A segunda consideração está relacionada ao processamento do conteúdo imagético enviado pelos cidadãos ao OTT. O trecho destacado acima indica haver uma

preocupação por parte dos administradores quanto à identificação das pessoas envolvidas na gravação dos flagrantes da violência. Isso porque, parte dessas cenas, tende a revelar elementos particulares e, de certo modo comprometedores, da vida das pessoas, como nomes ou características da moradia.

Para evitar esses constrangimentos, os administradores afirmam fazer uma pré-edição do conteúdo antes da sua disponibilização. Em alguns casos, porém, as imagens são divulgadas na íntegra. Como podemos perceber, isso acontece quando as cenas já circularam por outros circuitos de comunicação antes de chegarem ao OTT: *"o vídeo é um pouco fora do que deveria ser o ideal, vamos dizer assim, expõe uma coisinha ou outra, mas aí, todo mundo já lançou"* (Caamaño, 2019). Dessa maneira, o OTT assume a disponibilização de material não exclusivo, ao passo que se exime de uma maior responsabilização.

Essa cadeia colaborativa de comunicação criada em torno do OTT é utilizada ainda para a confirmação da temporalidade das fotos e dos vídeos recebidos. Caso desconfiem que a imagem tenha sido gravada em lugar e/ou período diferente do indicado pelo usuário, os administradores fazem uma primeira filtragem através de buscadores *online* para tentar perceber se as cenas já foram utilizadas em outros *sites Web*, telejornais e até mesmo em outras redes sociais digitais. Se isso não for suficiente para a confirmação da data e do local da gravação, eles voltam a recorrer às redes de contato e aos grupos de confiança. Esta dinâmica, no entanto, pode mitigar os erros, mas não impedir que aconteçam, como pode ser mais claramente compreendido na fala de Henrique Caamaño.

> Imagens você recorre ao Google, faz lá uma pesquisa que ele te dá as coisas aproximadas, se a pessoa fez um zoom ou não, você identifica. E os vídeos, quando existe uma dúvida, a gente vai perguntando. A gente recebeu esse vídeo aqui, procede? Podem confirmar pra gente? A gente pergunta. A gente nunca teve vergonha de nada. Se a gente erra, errou: se a gente acerta, a gente acertou, e acabou. *Teve uma vez que outro ADM lançou um vídeo errado porque tem pessoas que passam sem noção e outras que passam por maldade, tentando te pegar numa saia justa*. (Caamaño, 2019 [Grifos nossos])

É interessante notar que esse tipo de sistema colaborativo de comunicação, criado por cidadãos comuns, muito embora possa representar a quebra do paradigma da comunicação de massa, onde a mensagem é transmitida de um para muitos, apresenta também um risco intrínseco à própria descentralização informativa, ora porque aos usuários escapa o filtro necessário antes do compartilhamento do conteúdo, ora porque o compartilhamento de conteúdos obscuros é feito propositalmente. Nesses casos, a confiabilidade da ferramenta enquanto canal de informação só poderá ser mantida se a checagem e seleção do conteúdo for cumprida com algum rigor.

No jornalismo tradicional, a seleção de conteúdo está assente na teoria do *gatekeeper*. O termo foi cunhado pelo psicólogo social Kurt Lewin, em um artigo publicado em 1947, sobre as dinâmicas existentes no interior de grupos sociais, mais precisamente as relacionadas aos hábitos alimentares. O pesquisador identificou pequenas zonas de filtro que levam às decisões sobre quais alimentos comprar para a casa (Wolf, 1999). Desde então, o conceito passou a ser amplamente usado por cientistas sociais.

David Manning White (1950) o utilizou para estudar o fluxo de notícias no interior de organizações jornalísticas, propondo a discussão sobre o enorme número de escolhas que envolve a atividade profissional do jornalista, o que permite a seleção e publicação de determinados assuntos em detrimento de outros. Por meio de um estudo de caso, White notou que o editor de um jornal local da cidade de Midwest, Mr. Gates, era responsável pelo julgamento da importância dos conteúdos enviados pelas agências de notícias. Sua capacidade de seleção definia o que passava pelo portão (*gate*) para ser processado em notícia e o que seria rejeitado.

O *gatekeeping* seguiria por toda a corrente hierárquica dos jornais, levando o cientista social a concluir que a função de selecionador (*gatekeeper*) desempenhada pelos jornalistas é orientada por parâmetros puramente subjetivos, baseados nas experiências, atitutes e expectativas quanto ao que as notícias são. Estudos subsequêntes puseram em causa essas conclusões e o caráter individual da atividade do *gatekeeper* foi ultrapassado (Wolf, 1999).

Gieber (1964 *apud* Schudson 1989) indica que a seleção de conteúdos segue parâmetros semelhantes e que os editores estão mais preocupados com as pressões organizacionais sobre o seu trabalho do que propriamente com o significado social e o impacto das notícias. Nestes termos, a seleção de conteúdo torna-se uma tarefa quase mecânica, sobre a qual recai o peso da estrutura burocrática das organizações, mais do que a avaliação pessoal do jornalista. Do mesmo modo, Schudson (1989) considera o quanto a economia-política da produção e a organização social do jornalismo, além da lógica cultural, influenciam a seleção das notícias. Por seu turno, Breed (1993) demonstra, por exemplo, o modo como o controle social das redações resulta em uma apreensão da linha editorial adotada nos jornais, sem que a mesma seja abertamente explicada aos repórteres.

Basicamente, o *gatekeeper* se refere ao regime de controle sobre o conteúdo no paradigma da comunicação de massa e parte desse controle será mais ou menos definido pelas limitações do processo de produção das notícias. Nos jornais impressos e nas televisões, o espaço e o tempo, respectivamente, representam fatores limitadores, obrigando os jornalistas a procederem à seleção das notícias (Bruns, 2005). Se a decisão do jornalista for positiva, a notícia acaba passando pelo "portão"; se não for,

"sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua "morte" porque significa que a notícia não será publicada" (Traquina, 2005, p.150).

Com o desenvolvimento da *Web* e o avanço das tecnologias de comunicação, o papel de selecionador do jornalista tende a perder força, assim como as fronteiras que separam produtor e receptor tendem a ser diluídas. Canavilhas (2010) destaca que o rompimento da barreira espaço-temporal no jornalismo *online* altera profundamente as rotinas de produção, uma vez que a recolha de informações e a distribuição das notícias passam a poder ser feitas pela mídia, mas também pelos leitores/usuários.

Neste contexto, os leitores também atuam como *gatekeepers*, fazendo a seleção de um vasto conteúdo disponível na *Web* para o (re)distribuirem entre os amigos a partir de suas próprias redes sociais, por exemplo. Podemos pensar, então, que o jornalista continua fazendo uma primeira seleção, mas que o leitor/ usuário passa a configurar uma segunda instância de *gatekeeper*.

> Essa realidade permite verificar que à primeira acção de *gatekeeping* dos jornalistas, segue-se uma segunda protagonizada por utilizadores de referência, porém esta segunda acção de selecção apresenta características diferentes da anterior: já não se trata de seleccionar/resumir informação, mas sim de indicar pistas de leitura (Canavilhas, 2010, p.392).

Nesta nova ecologia midiática, na qual se multiplicam os canais de comunicação e as maneiras de distribuição do conteúdo, o papel de organizador sobrepõe-se ao de selecionador. Com o aumento explosivo das informações em escala mundial, o papel do jornalista acaba, assim, por ser redefinido "como um papel de anotador ou de orientador, uma mudança do cão de guarda para o 'cão guia'" (Bardoel & Deuze, 2001, p.94). Em suma, a mudança resultante da combinação do potencial participativo da *Web* com a ampliação de canais de divulgação de notícias substitui a função do *gatekeeper* pela do *gatewacher*, descrita por Bruns (2005) como sendo fundamentalmente organizadora.

> Naturalmente, os usuários envolvidos em organizar e fazer a curação da torrente das matérias noticiosas disponíveis e das informações que têm valor como notícias que estão atualmente disponíveis em uma multidão de canais, não têm condições de guardar – de controlar – os portões de quaisquer destes canais; entretanto, o que eles têm condições de fazer é de participar em um esforço distribuído e folgadamente organizado de observar – de acompanhar – quais as informações que passam por estes canais (Bruns, 2005, p.124).

Mais do que selecionador, o *gatewacher* é um guardião do conhecimento. Mas, essa função de vigia do "portão", para Ramonet (2012, p.23), não invalida a habilidade do cidadão comum de filtrar informações, pois "nada prova, *a priori*, que a comunidade de internautas não saberá verificar, recortar e confirmar uma informação com o mesmo

(ou maior) rigor e seriedade dotados por um jornalista profissional". Nesta perspetiva, os usuários da rede não são mais meramente leitores/ouvintes/telespectadores inertes. Eles participam do processo produtivo escrevendo, analisando, fotografando e filmando, numa lógica que atende aos requisitos de uma sociedade de *prosumers* (produtores-consumidores) ou, como prefere Ramonet, *pro-am* (profissional-amador).

Tudo isso nos leva a refletir sobre os papéis desempenhados pelos cidadãos na comunicação da violência urbana, mas olhando para o OTT como ferramenta produtora e disseminadora. Seja no modelo de verificação direta (Rio de Janeiro) ou no modelo de verificação indireta (Brasil) dos alertas, os administradores acabam também exercendo o papel de curadoria, mas sem deixar de atuar como instância de *gatekeeper*, procedendo à seleção e à pré-edição do material fotográfico e audiovisual enviado pelos cidadãos, quando necessário. Isso fica patente na entrevista de Henrique Caamaño para esta pesquisa: *"o princípio que a gente tem é que tem que ser confirmado. Qualquer informação pra ir pro ar tem que ser confirmado. Eu posso não acertar a rua certinha, mas aquela região está correta, ela já foi confirmada por dezenas de mensagens"* (Caamaño, 2019).

No próximo capítulo, destacaremos as metodologias empregadas nesta investigação que permitiram uma observação densa e mais aprofundada não somente do aplicativo e da participação dos usuários, mas também das relações de confiança estabelecidas entre o OTT, seus informantes e os jornalistas. Em três passos, mostraremos como adentramos nos terrenos a serem analisados e como o percurso metodológico foi fundamental para a discussão central levantada nesta tese.

Capítulo 5. Metodologia e desenho da investigação

A presente investigação foi desenvolvida ao longo dos últimos quatro anos, através do acompanhamento do OTT nos ambientes digitais. Por se tratar de um objeto contemporâneo ligado ao desenvolvimento dos dispositivos móveis e das redes sociais digitais, durante todo o nosso percurso, tivemos a consciência de que estávamos trabalhando com algo fluido e, de certo modo, instável. Se, por um lado, isso nos trouxe desafios epistemológicos muito característicos dos objetos de investigação dessa natureza como, por exemplo, as mudanças constantes, o apagamento das fronteiras espaço-temporais e a possibilidade de perda do controle da pesquisa, por outro lado nos permitiu observar o fenômeno comunicacional tema deste trabalho enquanto o mesmo acontece.

Por isso, a observação do OTT só seria possível com a combinação de diversas abordagens metodológicas, razão pela qual adotamos procedimentos complementares para tornar a nossa análise o mais abrangente e detalhada possível. Assim, além da observação direta do objeto por um período determinado de tempo, situamos o Onde Tem Tiroteio no contexto dos estudos de caso como ilustração (Machado & Palacios, 2018), ampliando a sua descrição e explicação, o que ofereceu as condições necessárias para uma compreensão aprofundada do fluxo distributivo de flagrantes da violência urbana. Por fim, realizamos entrevistas individuais em profundidade com a intenção de preencher as possíveis lacunas deixadas pelos processos anteriores. Em suma, a presente investigação é composta de uma metodologia quali-quantitativa, e seu desenho pode ser dividido em três etapas.

No primeiro passo, mostraremos como se deu a observação direta, inspirada na etnografia virtual (Hine 2000; 2005; 2015) e no caráter antropológico (Geertz, 1978) das investigações realizadas nos e através dos ambientes digitais. Como a internet se tornou uma representação das nossas práticas culturais e sociais, acreditamos, tal como outros estudiosos, que isto requer dos cientistas sociais novas formas de observação (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011) e adpatação metodológica (Amaral, Natal & Viana, 2008; Gutierres, 2009). Desse modo, optamos pela observação "não-participante" do aplicativo OTT e após a sua análise preliminar, pudemos (re)direcionar o olhar e avançar na investigação.

No segundo passo, alargamos o terreno e o *corpus* da pesquisa. Com base em novas pistas, passamos, então, a observar também a atuação e o papel de informantes em um dos grupos de confiança do OTT, denominado *Só Fiel Gore*, além da participação de

245 jornalistas dos mais variados órgãos de comunicação no grupo *OTT- RJ Imprensa*, ambos criados e geridos pelos administradores do aplicativo no *WhatsApp*.

No terceiro passo, realizamos 13 entrevistas em profundidade com jornalistas ocupantes de cargos distintos na hierarquia profissional das quatro principais estações televisivas brasileiras, mais especificamente dedicadas à produção dos telejornais locais. Estas entrevistas foram importantes para entendermos o papel do aplicativo e o *status* por ele alcançado junto à comunidade jornalística com reflexo nos processos de obtenção e verificação das imagens da violência usadas nos noticiários e que, porventura, escapavam à observação.

5.1 Tema e problema de investigação

Esta investigação tem como ponto de partida as observações feitas no percurso do mestrado acadêmico em Ciências da Comunicação e sintetiza parte do problema percebido durante a recolha de dados e nas entrevistas em profundidade realizadas entre os anos 2016 e 2017 com diversos agentes participantes da produção noticiosa nas televisões brasileiras. Ela reflete ainda as mudanças na rotina produtiva dos telejornais face às novas tecnologias, ao desenvolvimento da telefonia móvel, à cultura participativa da audiência e aos fluxos comunicacionais descentralizados decorrentes destas alterações. A estes fatores somam-se as pressões vivenciadas pelos jornalistas em redações cada vez mais enxutas, a necessidade de uma divulgação cada vez mais veloz dos eventos do cotidiano, mas também os limites impostos pela violência urbana ao próprio exercício do jornalismo.

Ao longo dos últimos anos, o acesso das equipes de reportagem a determinados territórios conflagrados tornou-se mais difícil. Os protocolos e as políticas de segurança adotados pelas estações televisivas provocaram a perda da capacidade dessas equipes de captar imagens no interior dessas zonas de conflito. Sendo assim, o distanciamento dos profissionais da imprensa desses espaços acabou por alterar os vínculos pré-existentes entre os jornalistas e os moradores de tais regiões. Tudo indica que esta lacuna, juntamente com a popularização dos telefones portáteis, propiciaram o aparecimento de mecanismos alternativos de comunicação organizados e administrados pelos próprios moradores a fim de mostrar as mazelas e situações de vulnerabilidade a que estão submetidos.

Por outro lado, essa produção descentralizada de informações e imagens evidencia os constrangimentos do telejornalismo local com a crescente necessidade de obter flagrantes impactantes produzidos no interior de zonas de conflito por cidadãos comuns. Além de seu potencial para atrair a audiência, esses vídeos acabam por

determinar a seleção e o processamento de certos assuntos em notícia, o que também demonstra o drama experimentado pelos profissionais do jornalismo televisivo quanto à perda do conhecimento exclusivo dos fatos e de sua divulgação.

Desse modo, identificamos o seguinte problema de pesquisa: Em que medida o recurso contínuo ao conteúdo audiovisual da violência produzido por não jornalistas afeta o papel e a autoridade dos jornalistas profissionais na televisão? A partir dessa questão, procuramos discutir as transformações pelas quais passa o telejornalismo contemporâneo, levando em consideração as articulações necessárias no contexto do uso da tecnologia móvel. A partir daí, procuramos pensar no modo como essas articulações refletem também as mudanças nos comportamentos socioculturais dos cidadãos, afetando, de modo geral, a produção jornalística televisiva, mas principalmente os noticiários locais, no sentido mais particular.

5.2 Objetivo e hipóteses de pesquisa

O objetivo específico deste trabalho é compreender o fluxo de distribuição de vídeos gravados por cidadãos que abastece os noticiários televisivos locais com flagrantes da violência urbana, a fim de perceber em que medida o uso contínuo de imagens produzidas e difundidas por não-jornalistas afeta a autoridade jornalística na televisão. Partimos do princípio de que este fluxo distributivo é multifacetado e multidirecional exigindo, portanto, um olhar mais amplo em diferentes direções através de um percurso metodológico de investigação capaz de levantar e observar um *corpus* igualmente diversificado, integrante do fenômeno em questão.

Sendo assim, a formulação das hipóteses de pesquisa nos auxiliou não somente no aprofundamento do tema e do debate central desta tese, como também na consequente revisão da literatura e alinhamento teórico-conceitual dos argumentos aqui levantados. Elencamos, assim, as seguintes hipóteses:

Hipótese principal

O OTT, ao verificar a veracidade dos flagrantes, editá-los e concentrá-los, torna-se uma ferramenta confiável também para os jornalistas, desempenhando um papel fundamental no fluxo de distribuição de imagens da violência ao acelerar a produção da notícia na TV, na medida em que cumpre uma das principais etapas do processo de produção de notícias: a apuração.

Hipóteses secundárias

1. O papel de apurador do OTT, ao expor a dependência e fragilidade do sistema de produção jornalístico profissional na TV, provoca o conflito de interesses e disputas em torno da autoridade levando os jornalistas, sempre que possível, a obscurecer a origem dos flagrantes que obtêm através do aplicativo.

2. Tendo em vista o seu papel concentrador, o OTT acabar por funcionar como ferramenta mediadora para os jornalistas quando estes não conseguem imagens credíveis por outros meios.

5.3 Desenho da metodologia

A fim de cumprir o objetivo deste trabalho, averiguar as hipóteses e compreender de modo mais amplo o fenômeno comunicacional foco desta investigação, adotamos diferentes procedimentos metodológicos. É preciso admitir que eles não foram totalmente pensados *à priori*, mas foram se mostrando necessários à medida que avançávamos na observação do *corpus*, mergulhando na sua dinâmica de funcionamento. Entendemos que o objeto "fala conosco" e ao "falar", nos indica o caminho de pesquisa a seguir.

Sendo assim, o nosso caminho contou com três passos fundamentais. Em primeiro lugar, inspirados na etnografia virtual, procedemos à observação preliminar do aplicativo OTT. A observação nos trouxe novas pistas e nos conduziu à ampliação do *corpus*. Finalmente, percebemos que alguns aspectos importantes do fenômeno não poderiam ser completamente explicados apenas com a observação, razão pela qual entrevistamos 13 jornalistas ocupantes de diferentes cargos e funções nas principais estações televisivas brasileiras. Nesta seção, descreveremos cada um dos nossos passos, sem perder de vista a discussão teórica das metodologias aplicadas.

5.3.1 Primeiro Passo: etnografia virtual como inspiração

> O curioso nesta imersão é que acabo consumindo a ferramenta como se fosse um usuário [...] Outro dia, cheguei a abrir um dos vídeos no YouTube para mostrar e me peguei imbuída do mesmo sentimento de espanto e pavor que muitos outros usuários compartilham em seus comentários. (Diário de Campo, julho, 20, 2020)

Clifford Geertz (1978, p.14) afirma que a ciência no campo da Antropologia requer muito mais do que o emprego de técnicas por parte do um pesquisador. A investigação e a tentativa de interpretação das relações humanas constituem, na visão de Geertz, um verdadeiro empreendimento, um esforço intelectual em situar-se no terreno observado, não com a intenção de tornar-se um nativo, mas no sentido de estabelecer as bases para

a produção do texto antropológico, cuja característica é transformar um acontecimento existente apenas no momento de sua ocorrência em relato, ou seja, uma inscrição que pode ser novamente consultada. Por isso, se alguém quer compreender o que é a ciência nos termos de Geertz deve "olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias e as suas descobertas, [...] deve ver o que os praticantes da ciência fazem".

A frase categórica, ao contrário de parecer um incentivo ao desprezo pela literatura acadêmica, é uma orientação para aqueles que decidem levar adiante a prática etnográfica como empreendimento de pesquisa, uma vez que fazer etnografia é "estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante" (Geertz, 1978, p. 14).

Christine Hine (2000, p.13) destaca que, em sua forma básica, a etnografia consiste em que o investigador submerja no mundo que estuda por um tempo determinado e leve em conta as relações, atividades e significações forjadas entre aqueles que participam dos processos sociais deste mundo com o objetivo de dar sentido às pessoas, seja por suposição ou, implicitamente, pelo modo como as pessoas dão sentido às suas próprias vidas. Trata-se, portanto, de um trabalho que exige a recuperação de um arcabouço teórico sólido, juntamente com a imersão na cultura ou fenômeno a ser estudado. Em suma, etnografia é:

> Como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (Geertz, 1978, p. 19)

Por procurar conhecer práticas culturais, comportamentos e costumes, a etnografia começou a ser explorada como vertente metodológica na pesquisa das práticas comunicacionais mediadas por computador a partir do surgimento de comunidades virtuais, no final dos anos 1980 (Amaral, Natal & Viana, 2008). À medida que a internet foi se tornando uma tecnologia utilizada em diversas partes do mundo, as pessoas foram criando grupos sociais de influência mútua, "que se diferem significativamente daqueles criados através da interação face a face e das interações sociais distanciadas mediadas pela mídia de massa" (Hine, 2016, p. 11).

Ao longo dos anos, as tecnologias digitais passaram a fazer parte da vida cotidiana das pessoas, em vez de constituirem uma esfera separada da existência social, chamando a atenção dos cientistas sociais. Por isso, Amaral, Natal e Viana (2008, p.37) concordam que a etnografia nos ambientes digitais é inseparável do contexto em que a pesquisa se desenvolve, razão pela qual a consideram uma metodologia adaptativa. Em outras palavras, se a internet se tornou uma representação das nossas práticas sociais, isto requer dos cientistas sociais novas formas de observação e que eles "voltem a fabricar

suas próprias lentes em busca de instrumentos que viabilizem novas maneiras de enxergar" (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011, p. 14).

Como Cardoso e Costa (2017, p.64), entendemos que a comunicação faz parte da nossa essência antropológica, e observar as interações comunicativas nas sociedades contemporâneas implica lançar um olhar atento em direção aos novos espaços antropológicos, assentes nos ambientes digitais, nos e através dos quais grupos sociais diversos estabelecem novas formas de se relacionar com o outro. Esta percepção, porém, traz um desafio epistemológico aos pesquisadores, pois demanda métodos de investigação capazes de compreender não apenas as relações, mas também as interpretações, usos e apropriações que os sujeitos sociais desenvolvem com e a partir da mídia.

Entendendo o ciberespaço como um tecido social novo e de crescente complexidade, Gutierres (2009, p.3-4) reitera a necessidade de adaptação de metodologias, métodos e técnicas que antecederam as dimensões culturais *online* às pesquisas contemporâneas. Neste caso, não se trata de fazer uma mera transposição de métodos investigativos oriundos da Antropologia para os espaços *online*. Antes, a adaptação a que se refere Gutierres permite ao pesquisador se encontrar com as diferenças nos processos e no desenvolvimento dos objetos, levando-o a fazer escolhas não-aleatórias e determinantes para a interpretação dos fenômenos estudados.

De certo modo, todas estas concepções remetem à epígrafe do texto, um trecho retirado do diário de campo onde procurei apontar os *insights*, as observações, as dúvidas, além das próprias mudanças percebidas tanto no objeto de análise quanto no meu olhar e comportamento enquanto investigadora. Então, quando relato que "acabo consumindo a ferramenta (de estudo) como se fosse um usuário", isso não significa dizer que tenha me perdido no caminho ou tenha sido acometida por um desvio de foco ou intenção, mas que, ao contrário, a imersão que propõem Geertz (1978) e Hine (2000), ainda que seja feita através da observação direta e constante de um fenômeno no ambiente *online*, deixa no pesquisador as suas marcas. Isso porque o etnógrafo habita um mundo intermediário, sendo estranho e nativo ao mesmo tempo (Hine, 2000, p.13). Assim, é de se supor que, na medida em que ele incide sobre uma determinada cultura, a modifica e ao fazê-lo, o próprio pesquisador também é modificado.

A adaptação das técnicas etnográficas pelas pesquisas através da e/ou na internet gerou, ao longo das últimas décadas, um conjunto variado de termos como netnografia, etnografia virtual, webnografia e ciberantropoliga (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011, p.198). Embora possam ser empregadas de acordo com a especificidade dos objetos de estudo, tais terminologias procuram evitar a dicotomia entre "real" e "virtual", ou entre

"offline" e "online", apontando para a importância de enxergar os ambientes digitais como lugares de sociabilidade (Polivanov, 2013, p.69).

De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 176-177), os diferentes termos parecem "não propor mudanças substanciais à etnografia em si, mas em relação à maneira de lidar com os diferentes procedimentos de coleta e análises de dados".

Nesse sentido, segundo Kozinetz (2002, p.4-9), a netnografia[56] se diferencia das demais abordagens etnográficas por quatro aspectos primordiais: 1) "entrée" cultural; 2) coleta e análise de dados; 3) ética de pesquisa; 4) *feedback* e verificação das informações junto aos membros do grupo. O procedimento envolve, entre outros aspectos, a identificação do pesquisador no grupo estudado, a garantia do anonimato dos informantes, bem como o consentimento dos participantes para o uso de qualquer comentário específico.

A aplicação da netnografia nos estudos sobre o comportamento do consumidor na internet possibilitou a vinculação do termo ao campo do *Marketing* e às pesquisas de mercado (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011, p.34; Costa, 2010, p.3), de modo que os pesquisadores da área da comunicação passaram a fazer uso do termo "etnografia virtual", enquanto os estudiosos da área do *marketing* apropriaram-se mais frequentemente do termo "netnografia" (Polivanov, 2013, p.67).

De qualquer maneira, a cientista inglesa Christine Hine (2012) identifica dois aspectos fundamentais da etnografia tradicional úteis à etnografia em meios digitais. O primeiro é dedicar tempo ao processo de familiarização, olhar em torno e explorar o fenômeno observado sobre todos os ângulos, tentando perceber o que ele é, para quem existe e como é vivenciado. O segundo e mais importante aspecto é a reflexividade. Sobre ele, a autora coloca:

> Os fenômenos digitais são muito complexos. Existem em múltiplos espaços, são fragmentados e costumam ser temporalmente complexos. Não podemos esperar ter uma vivência de um fenômeno, assim apenas "estando presentes ali", porque não sabemos automaticamente onde é "ali" nem como "estar presentes". Mas podemos ajudar a entender os fenômenos digitais tentando adquirir nossa própria experiência autêntica desses fenômenos como etnógrafos inseridos, incorporados e refletindo constantemente sobre o que sabemos e como sabemos (Hine, 2012, p.4)

Por tudo isso, entendemos que a etnografia virtual deve obedecer padrões e ser guiada por um rigor metodológico imprescindíveis à compreensão das práticas culturais e comunicacionais mediadas por computador. Sendo assim, vale salientar que o interesse central desta pesquisa não está propriamente em entender as relações estabelecidas

[56] Embora haja divergências entre os teóricos quanto à data correta de surgimento e à autoria do termo, o neologismo "netnografia" (net + etnografia) foi originalmente cunhado na metade dos anos 90 (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011, p.173) por um grupo de pesquisadores dos Estados Unidos. De acordo com Amaral, Natal e Viana (2008, p.34), Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky e Schatz o utilizaram para tentar dar conta do desafio metodológico de preservar os detalhes da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico.

entre os usuários do aplicativo Onde Tem Tiroteio ou os motivos pelos quais fazem uso desta plataforma tecnológica no seu dia-a-dia e em quais circunstâncias, o que exigiria, de fato, uma etnografia virtual no termos de Hine.

Nosso foco, porém, está muito mais em utilizar as bases da etnografia nos espaços virtuais como inspiração metodológica, a fim de explorar o fenômeno identificado procedendo à observação direta e aprofundada do fluxo de informações e imagens flagrantes da violência urbana que ocorre por meio das postagens publicadas no *app* Onde Tem Tiroteio, não obstante a observação dos grupos de mensagens instantâneas pelos quais circulam informações, fotos e vídeos da violência aos quais fomos inseridos durante esta pesquisa, como explicaremos mais à frente. Por tudo isso, ao lançar mão das bases da etnografia nos ambientes digitais, procuramos beber das premissas e das orientações teóricas neste campo na tentativa de cumprir os requisitos éticos e técnicos implicados nas pesquisas *online*.

Esta preocupação nos acompanhou por todo o percurso de investigação desde a etapa mais elementar, na qual procedemos à análise preliminar como estratégia para "entrar no terreno" e também conhecer as suas especificidades, até o encerramento da observação. Todas estas questões serão pormenorizadas daqui em diante.

5.3.1.1 Observação "não-participante": ética, escolhas e justificativas

A observação direta como procedimento de pesquisa inspirado na etnografia virtual apresenta complexidades, constrangimentos e limitações que carecem de uma maior problematização. Em sua abordagem crítica da etnografia nos ambientes digitais, Mitsuishi (2007) afirma, desde logo, que a execução desse tipo de pesquisa pode parecer simples à primeira vista, especialmente pelo acesso do investigador ao material empírico. Tudo está no computador, pode ser acessado e gravado para o manuseio e análise posteriores. Mas é exatamente aí que a etnografia virtual apresenta um de seus principais desafios, pois o pesquisador deve direcionar a investigação, ter muito claros os recortes da pesquisa para, então, lançar mão das ferramentas metodológicas mais apropriadas, sob pena de se perder no vasto conjunto de informações disponíveis na internet.

Neste caminho metodológico, a autenticidade da identidade dos informantes ou a veracidade das informações que disponibilizam no espaço virtual, por exemplo, constituem um problema de pesquisa. Mitsuishi (2007) se apropria do pensamento da acadêmica norte-americana Annette Markham para chamar a atenção para o esforço interpretativo que é requerido do pesquisador nesse tipo de trabalho. Com isso, pretende esclarecer que "ao ler um e-mail ou trocar mensagens instantâneas, o tempo

todo interpretamos as palavras, a pontuação, as lacunas de tempo, pausas, reticências, emoticons", o que já demonstra, em certo grau, a dificuldade da tarefa.

Depois, deve-se levar em conta as maneiras possíveis de estabelecer contato com os informantes/usuários, uma vez que a internet possui característica efêmera e problemas técnicos capazes de tornar conversas e entrevistas verdadeiros desafios. Segundo Amaral (2010, p.126), esta questão nos coloca diante de uma tomada de posicionamento no sentido de deixar claro se uma entrevista ocorreu presencialmente ou se foi realizada através de plataformas como *Skype* ou *MSN*. Além disso, não apenas os diálogos devem ser planejados, mas também o tratamento dos dados/textos obtidos. Em suma, no tratamento do material empírico, o pesquisador deverá levar em consideração o modo como os dados lhe são apresentados, incluindo a linguagem utilizada no ambiente virtual.

> Ao editar as conversas em texto, é necessário levar em conta o aspecto cultural desse uso da linguagem, como também abreviações e neografismo como "naum" ao invés de "não", "vc" ao invés de "você", ou até, em outras línguas, expressões que se tornam comuns como "WTF" (what the fuck), ou "RSVP" (répond si vous plaît). Da mesma maneira, erros de digitação, tamanho das frases, pontuação e erros gramaticais também fazem parte do que constitui o interlocutor. (Mitsuishi, 2007)

Do mesmo modo, os graus de inserção nos espaços digitais estudados também podem nos levar às questões éticas. Amaral (2010, p.131) acredita que, mesmo sem se identificar ou participar da cultura onde está inserido, o pesquisador provoca transformações no objeto. Por essa razão, a decisão de permanecer ou não em silêncio (Hine, 2005, p.54) precisa ser tomada e refletida, pois as escolhas, justificativas e posicionamentos éticos do investigador terão reflexos nos resultados. Daí Amaral (2010, p.131) acreditar que a técnica denominada *lurking* (ficar à espreita) implica benefícios e limitações para a pesquisa.

No estudo sobre a organização da prostituição e a indústria do sexo na Grã-Bretanha, Sanders (2005) recorreu à internet para mapear *sites* e compreender a profundidade das interações sociais que eram previamente estabelecidas nestes espaços. Inicialmente, manteve-se como "espreitador", sem revelar sua presença e intenções. Esta postura de observador silencioso tinha como objetivo principal evitar alterações no comportamento dos participantes.

Do mesmo modo, Orgad (2005, p.52-54) começou por espreitar a interação entre pacientes com câncer de mama na tentativa de perceber o grau de importância que a internet havia alcançado na vida daquelas mulheres, especialmente no que tocava à troca de experiências. A investigadora entendeu que esta fase preliminar era crucial para a familiarização com os temas e assuntos discutidos e com o próprio significado que a comunicação mediada por computador tinha para as pacientes. Somente após um

olhar silencioso ao longo de vários meses, decidiu passar à fase seguinte e transitar da interação *online* para a *offline* com as mulheres pesquisadas. Partindo do princípio que interações *online* e *offline* são igualmente autênticas, a autora realizou diversas entrevistas a fim de compreender que sentido o uso da internet fazia para elas e como a participação *online* e a partilha das suas experiências da vida real na internet afetavam a vida *offline*.

Por seu turno, em *Técnica etnográfica aplicada à comunicação online*, Braga (2006) argumenta que os ambientes interacionais da comunicação mediada por computador (CMC) são caracterizados pela ausência física das/os visitantes, sendo possível ao pesquisador, portanto, tornar-se invisível. Por outro lado, isto faz a autora questionar o estatuto da chamada "observação não-participante", pois acredita que esta prática metodológica seja por si só uma forma de participação e que o *lurking* pode produzir um conjunto de informações importantes em determinados tipos de estudo.

> Trata-se de uma participação muito peculiar na medida em que é possível para o/a pesquisador/a tornar-se invisível, ou seja, ver sem ser visto/a, não interferindo em princípio na dinâmica de interação observada, embora deva-se levar em conta a possibilidade do lurker já estar contida na própria enunciação dos/as participantes. É essa participação (mesmo que invisível) no grupo que irá viabilizar a apreensão de aspectos daquela cultura possibilitando a elaboração posterior de uma descrição densa, que demanda uma compreensão detalhada dos significados compartilhados por seus membros. (Braga, 2006, p. 5)

Por isso, com base nestes autores, assumi, nesta investigação, o papel de observadora ou "espreitadora", com a intenção de acompanhar as postagens de alertas e comentários dos usuários do aplicativo Onde Tem Tiroteio. Como descrevi com mais profundidade no capítulo anterior, o OTT é uma ferramenta tecnológica de publicação de eventos relacionados à violência urbana no Brasil, cujo princípio está calcado na ideia de "segurança pública 4.0"[57],que pressupõe a segurança feita do cidadão para o cidadão (C2C), de forma colaborativa.

Desta maneira, os usuários têm a possibilidade não somente de receber informes da violência, mas também de relatar eventos que tenham testemunhado, de maneira a auxiliar os demais a escapar de crimes diversos. Tudo é compilado através da ferramenta e, para cada alerta da violência postado, os seguidores contam com a possibilidade de confirmar, comentar e compartilhar.

Então, a opção pela observação "não-participante" está também relacionada ao próprio funcionamento e acesso ao aplicativo. O *app* OTT está disponível para *downloads* gratuitamente e permite a participação de qualquer cidadão. De acordo com o termo de uso, o participante não apenas aceita o armazenamento dos comentários como também

[57] Recuperado de https://www.ondetemtiroteio.com.br. Acesso em dezembro 11, 2019.

a proibição do anonimato. Deste modo, percebe-se que a expectativa dos administradores é que os usuários tenham 18 anos completos, sendo capazes de responder pelos seus atos, uma vez que o OTT afirma não ter acesso aos dados pessoais dos participantes, não editar, nem moderar previamente os comentários, razão pela qual cada seguidor deverá ser responsável pelo conteúdo que publica.

Contudo, apesar de o uso do *app* ser condicionado a um cadastro prévio, o sistema desenvolvido pelo OTT nem sequer solicita a idade dos usuários e também não impede que os mesmos criem os mais variados tipos de identificadores (IDs), o que explica o fato de encontrarmos entre os participantes nomes próprios, mas também e-mails, números, símbolos e até *nicknames*.

Em certa medida, esta multiplicidade de IDs obscurece a presença dos participantes no aplicativo. As observações de algumas expressões textuais nos comentários, muitas vezes agressivos e de apologia aos grupos ligados à criminalidade, indicam a participação de um universo bastante variado de pessoas, incluindo policiais e membros de facções criminosas, no OTT. Nesse sentido, a possibilidade de fazer uso do aplicativo com uma identidade fictícia pode encorajar determinados usuários a expressarem posicionamentos incomuns, pois, ao contrário do que prevê a ferramenta, sabem que estão relativamente protegidos pelo anonimato.

É importante dizer que os comentários feitos no *app* constituem um material empírico tão vasto e complexo que a sua análise aprofundada extrapola os objetivos desta pesquisa. Contudo, não levá-los em consideração poderia prejudicar uma interpretação mais densa e abrangente não apenas da ferramenta, como também do fenômeno comunicativo que gira em torno dela. Por esta razão, os comentários serão aqui analisados com a intenção de nos auxiliar na percepção do mecanismo de produção e distribuição informativa que produz efeitos sobre a credibilidade e o *status* do OTT junto ao público, aos jornalistas e aos órgãos da imprensa tradicional televisiva.

Por todos estes motivos, e considerando as questões éticas discutidas até aqui, decidimos pela observação silenciosa das postagens no *app*. Assim como na pesquisa de Sanders (2005), nossa identificação poderia provocar inibições, receios e até o rechaço por parte de alguns usuários, produzindo uma desconfiança generalizada sobre a real intenção da investigação.

Ao sistematizar e categorizar os comentários, também procuramos manter todos os usuários anônimos, especialmente porque entendemos que eles lidam com conteúdos sensíveis (Amaral, 2010) que dizem respeito à falta de segurança e à atuação de indivíduos inseridos no universo na criminalidade.

A seguir, demonstraremos como a análise preliminar do Onde Tem Tiroteio foi fundamental para obtermos uma melhor compreensão do funcionamento da

comunicação da violência via aplicativo, bem como termos uma noção mais profunda da complexidade e amplitude do fluxo de distribuição dos flagrantes e, podermos, a partir daí, traçar um novo planejamento de pesquisa ao ampliar o tempo e o campo de observação.

5.3.1.2 Análise preliminar: o que diz o objeto?

> Ao pesquisar sobre o tiroteio na Rocinha, no dia 10 de junho, encontrei reportagens no SBT Rio, Band (Jornal Primeiro Impacto, Bora Brasil e Jornal da Band), Domingo Espetacular, Balanço Geral Manhã e Jornal da Record, na TV Record. Havia as mesmas imagens divulgadas no OTT e outras diferentes, mas sem logomarcas. Isso pode indicar que a logo foi retirada ou que os telejornais conseguiram as mesmas cenas por meio de outros grupos. (Diário de Campo, junho 17, 2020)

Neste trabalho, utilizamos a observação direta "não-participante" (Braga, 2006) como procedimento metodológico de inspiração etnográfica para coletar e analisar dados, posts e imagens publicados no aplicativo Onde Tem Tiroteio, a fim de compreender seu funcionamento e o fluxo de distribuição de flagrantes da violência urbana captados por cidadãos e utilizados nos noticiários televisivos no Brasil. De certo modo, a ferramenta OTT já era conhecida desta pesquisadora por causa do exercício profissional do jornalismo em emissoras de televisão brasileiras. No interior das redações dos telejornais, foi possível assistir peças jornalísticas sobre o aplicativo e o serviço que estava prestando aos usuários, além de perceber o recurso dos produtores e editores à ferramenta para a obtenção de imagens da violência a serem inseridas nas notícias e reportagens.

De fato, este acompanhamento privilegiado, "de dentro", instigou a reflexão sobre as velozes mudanças pelas quais as rotinas profissionais de produção da notícia têm passado. Atentar para o modo como os jornalistas negociam e estimulam entre eles o uso de flagrantes publicados pelo OTT despertou o interesse em investigar as dinâmicas contemporâneas do fazer jornalístico na TV. Mas, muito embora a vivência no ambiente redacional tivesse sido importante para percebermos o fenômeno estudado neste trabalho, não era suficiente para oferecer uma compreensão vasta do fluxo distributivo de flagrantes da violência urbana por sistemas descentralizados de media.

O trecho do diário de campo destacado na epígrafe demonstra, portanto, o início de um percurso metodológico indispensável às discussões levantadas ao longo desta tese. Nele, é possível notar as primeiras impressões de uma pesquisa *in progress*, a tentativa de juntar peças, seguir pistas, traçar o foco para, então, avançar. Se fazer etnografia consiste em elaborar uma descrição densa, então, o etnógrafo deve procurar um caminho continuamente (Geertz, 1978, p.14).

Nesse sentido, de um lado, o texto em destaque demonstra a percepção de que o OTT não poderia ser observado de maneira isolada, quer dizer, ser retirado de um contexto que, desde o início, dava sinais de grande complexidade, envolvendo objetos múltiplos e diversificados. O percurso metodológico traçado indicava, portanto, que o fenômeno em questão era muito mais vasto, opaco e fluido, ultrapassando o uso individual da ferramenta tecnológica, exigindo um olhar igualmente abrangente. De outro lado, porém, o aplicativo OTT poderia ser tomado nas suas especificidades como objeto empírico ilustrativo através do qual a compreensão deste mesmo fenômeno se tornaria palpável, possível.

Segundo Machado e Palacios (2018), o estudo de caso como ilustração se distingue dos estudos de caso tradicionais porque apresenta pretensões conceituais mais amplas, ao invés de trabalhos descritivos sobre objetos muito delimitados. Sendo assim, o estudo de caso ilustrativo corresponde a uma etapa de um processo de combinações metodológicas que tem como principal objetivo a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto, sendo utilizado "para ilustrar argumentos, demonstrar a validade ou refutar hipóteses de trabalho previamente levantadas pelo próprio pesquisador ou em trabalhos revisados na literatura corrente" (p. 348).

Comumente, os pesquisadores que adotam esse tipo específico de procedimento metodológico complementar tendem a apresentar trabalhos que fogem ao modelo tradicional dos estudos de caso, distribuindo os resultados e descobertas alcançados ao longo de todo o artigo, dissertação ou tese. O estudo de caso como ilustração tem sido implementado ao longo dos anos, especialmente pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL), uma rede integrada e internacionalizada de pesquisadores, originariamente desenvolvida na Universidade Federal da Bahia (Brasil), tendo os professores Elias Machado e Marcos Palacios como precursores. De maneira geral, nas pesquisas realizadas no GJOL, os estudos de casos fundamentam argumentações nas hipóteses de trabalho "sobre indícios de uma realidade muito mais ampla, possibilitando identificar conceitos e variáveis que podem ser estudados quantitativamente" (Machado & Palacios, 2018, p. 348).

Tomando esta possibilidade como recurso metodológico complementar e, por conseguinte, o aplicativo OTT como objeto empírico ilustrativo, passamos à observação direta e à análise preliminar da ferramenta com a intenção de obter pistas capazes de (re)direcionar nosso olhar e nos conduzir à uma compreensão o mais abrangente possível do fluxo distributivo de flagrantes da violência urbana com a utilização dessas imagens nos telejornais. Este procedimento decorreu no período de quatro semanas consecutivas, entre o dia 10 de junho e 10 de julho de 2020, somando 339 posts analisados, que resultaram em 6.761 reações por parte dos participantes e um total de

497 comentários publicados no *app*. Todo o material foi armazenado em pastas e subpastas no PC: os prints dos comentários feitos a partir do telefone celular, os prints de trechos das matérias televisivas exibidas no período feitos através do computador e os prints dos vídeos que circularam por diferentes plataformas naquele período.

Nossa preocupação inicial era mapear a procedência das postagens, tipificar os alertas mais frequentes, quantificar as publicações com fotos ou vídeos, verificar o grau de participação e colaboração propiciado pela ferramenta e observar possíveis variações na organização e funcionamento do OTT. Neste empreendimento, tivemos que levar em consideração a diferença de quatro horas no fuso horário entre Brasil e Portugal, no verão e de três horas, no outono e inverno. Por isso, o acompanhamento dos posts foi feito em dois turnos. Durante o dia (manhã e tarde), em Portugal, os alertas foram sistematicamente mapeados. No dia a seguir, os posts do dia anterior eram revisitados para verificarmos se havia alguma alteração nos alertas, no número de confirmações e nos comentários postados. Procuramos observar ainda se novos informes haviam sido acrescentados quando em Portugal já era madrugada (noite no Brasil).

O aplicativo Onde Tem Tiroteio permite aos usuários e administradores emitir doze tipos de alertas diferentes como foram descritos de forma mais aprofundada no capítulo 4 da tese. No período de análise, observamos uma maior incidência de três tipos: *Tiroteio*, *Disparos Ouvidos* e *Utilidade Pública* (Tabela 1). O primeiro foi o mais recorrente, concentrando 190 posts do total de 339 publicados. É importante salientar que *Utilidade Pública* é utilizado tanto para indicar eventos que possam provocar algum impacto no cotidiano das pessoas (trânsito, queda de árvore, problema no transporte público etc.) quanto para sinalizar a entrada de vídeos ou fotografias nos alertas, ainda que as imagens mostrem tiroteios ou arrastões, por exemplo. Alertas do tipo *Manifestação* e *Operação Policial* tiveram número igual de postagem. Já *Arrastão*, *Perseguição Policial*, *Incêndio* e *Carros na contramão* apareceram de forma esporádica.

Tabela 1: alertas mais publicados

Alerta	Incidência no período
Tiroteio	190
Disparos Ouvidos	93
Utilidade Pública	39
Manifestação	05
Operação Policial	05
Arrastão	03
Perseguição Policial	02
Incêndio	01
Carro na contramão	01
Total	**339**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Como abordamos no capítulo anterior, o OTT procura abranger todo o território nacional, além das Américas do Norte, do Sul e Central; porém, os dados coletados sugerem que o alcance do *app* e a participação dos usuários ainda ocorrem de maneira residual fora da região Sudeste do Brasil.

Durante a análise preliminar, o estado do Rio de Janeiro concentrou 79,06% dos alertas postados, enquanto São Paulo apareceu em segundo lugar (13,87%) e o Espírito Santo (6,19%) em terceiro. Em um mês, apenas três alertas de outras regiões foram publicados, sendo dois do Ceará, no Nordeste, e um de Brasília, no Distrito Federal (Tabela 2), o que não significa dizer que a violência nestas regiões tenha sido menor, mas apenas que o OTT ainda possui uma inserção e capacidade de abrangência territorial limitadas.

Tabela 2: alertas por estado

Estado	Incidência de alertas/ mês	Percentual (%)
Rio de Janeiro	268	79.06
São Paulo	47	13.87
Espírito Santo	21	06.19
Demais	03	00.88
Total	**339**	**100%**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Esta concentração de alertas da violência urbana no estado do Rio de Janeiro nos levou, então, a direcionar a observação aos telejornais locais na tentativa de identificar em que

medida os jornalistas usavam as imagens disponibilizadas pelo OTT nas notícias e reportagens e como processavam o material imagético. Para isso, passamos a assistir os noticiários locais das quatro principais estações televisivas (*TV Globo*, *SBT*, *RecordTV* e *Band*) através das páginas *online* e nos dias em que foram publicados vídeos no aplicativo.

Neste ponto, em particular, nosso intuito era, principalmente, verificar os créditos conferidos às imagens e se havia cortes (edição) nas cenas exibidas. É importante notar que, muito embora o conteúdo dos alertas postados no *app* seja predominantemente no formato de texto (Tabela 3), os vídeos costumam ter uma audiência significativa. Ao final do mês de pré-análise, os 23 vídeos publicados tinham alcançado 55.672 visualizações no canal do OTT no *YouTube*. Tanto no canal quanto no *app*, não foi possível verificar a quantidade de partilhas realizadas pelos usuários.

Tabela 3: alertas por conteúdo

Alertas/mês	Conteúdo
Texto	314
Vídeo	23
Foto	02
Total	**339**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Relativamente aos vídeos publicados no aplicativo, notamos a existência de processos de edição ora para colocação das logomarcas do OTT, ora para a ampliação do material, formando um clip de imagens através da junção de várias cenas fragmentadas. Em algumas delas, as vozes das pessoas que filmavam as ocorrências e narravam os eventos de violência eram bastante perceptíveis. Notamos também que OTT não costuma selar as fotografias, o que indica uma maior valorização de imagens em movimento por parte dos administradores pelo seu potencial para serem utilizadas nos telejornais.

Do mesmo modo, percebemos que o recurso aos clips de imagens ocorreu após a publicação imediata de vídeos mais curtos e selados. Isso nos levou a crer que a selagem dos flagrantes, independentemente do tempo de duração dos vídeos, funciona como uma tentativa de garantir o crédito ao aplicativo, caso as imagens sejam utilizadas na produção dos noticiários.

No que diz respeito à proporção dos alertas publicados, constatamos uma participação incipiente dos seguidores. Do total de 339 alertas observados, apenas 8 estavam atribuídos aos usuários (Tabela 4), que costumam ser classificados com avatares de

acordo com o *status* que alcançam pela quantidade de posts e comentários que publicam (Figura 13).

Tabela 4: proporção de publicações no *app*

OTT	Usuários
331	08

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Figura 13: avatares OTT



Fonte: *app* OTT

Por um lado, os números contabilizados sugeriram haver uma baixa participação dos cidadãos na publicação de informes, deixando a maior parte dos alertas a cargo dos administradores do *app*. Por outro lado, contudo, notamos um elevado envolvimento na confirmação das ocorrências. No mês de análise preliminar, os usuários imprimiram 6.761 confirmações aos alertas com 497 comentários (Tabela 5).

Tabela 5: reação e comentários em número

Data	Total de Alertas	Reação/Confirmação	Comentários
1ª semana	111	2.047	226
2ª semana	96	1508	90
3ª semana	63	1.186	80
4ª semana	69	2.020	101
Total	**339**	**6.761**	**497**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

No que diz respeito aos comentários, foi possível perceber a existência de uma preocupação em adicionar informações sobre as ocorrências, indicando, em alguns casos, a localização exata dos confrontos, o tempo de duração dos tiroteios e até mesmo a movimentação de traficantes de drogas armados por determinadas localidades. A análise preliminar mostrou que os comentários, juntamente com as confirmações, acabam por agregar valor à ferramenta, uma vez que reforçam a sua credibilidade. Além disso, essa participação potencializa a geração de novos dados. Os posts mais comentados e os comentários mais significativos, que demonstravam um conjunto de reações distintas por parte dos usuários, passaram a ser gravados e armazenados para posterior categorização.

A análise preliminar do OTT como objeto empírico ilustrativo (Machado & Palacios, 2018) foi importante para refletirmos, em primeiro lugar, sobre os possíveis pontos de interseção que integram o fluxo de distribuição das imagens da violência urbana, para além do OTT, até a chegada dessas cenas aos telejornais. Em segundo lugar, pudemos perceber características da ferramenta que escapavam ao nosso olhar como, por exemplo, a variação de cores dos ícones dos alertas a partir do aumento do número de confirmações. Em terceiro lugar, a pré-análise nos conduziu a um passo fundamental para a compreensão do fenômeno estudado nesta tese: através da inserção em grupos de mensagens instantâneas, pudemos observar outra parte deste fluxo, os agentes nela inseridos, as relações de interdependência estabelecidas entre eles e, por fim, os canais por onde circulam informações da violência, mas também imagens testemunhais. Sobre isso, falaremos a seguir.

5.3.2 Segundo Passo: novo *corpus*...novas pistas

> Olhar para o aplicativo é importante, oferece muitos dados. Mas, percebi que faltava "estar presente" nas duas pontas que completam o circuito distributivo de imagens.

> Então, na data de hoje, escrevi uma mensagem através do WhatsApp ao administrador (do OTT) Henrique Caamaño. Relembrei da entrevista, novamente me apresentei como pesquisadora, falei do andamento da pesquisa e pedi, enfim, que ele me adicionasse no grupo dos jornalistas e em um "grupo de confiança" do qual obtém informações e imagens. Fui imediatamente adicionada nos grupos "OTT-RJ imprensa" e "Só Fiel Gore". Isso será bastante importante para observar as postagens, o fluxo de conteúdo, o caminho que ele faz até a TV. (Diário de Campo, julho, 22, 2020)

Em *Etnography for the Internet*, Christine Hine (2015, p.2) argumenta que os etnógrafos podem usualmente observar os modos de vida que emergem da comunicação mediada por computador, uma vez que este tipo de comunicação tornou-se parte altamente significativa dos fenômenos na contemporaneidade. Por isso, na visão da autora, muito embora a etnografia tradicional tenha convencionalmente favorecido o contato face a face, os etnógrafos que exploram ambientes contemporâneos sentem-se estimulados em abraçar a comunicação mediada pelo desejo de entender como os diversos modos de interação contribuem para cultura do meio digital.[58]

Baseado nesta compreensão, Evans (2010, p.12) ressalta que a etnografia virtual é um processo de condução e construção tendo o ambiente *online* como lugar de pesquisa. Sendo assim, enquanto a etnografia tradicional ocorre "na vida real", sendo conduzida pela experiência do pesquisador no meio cultural estudado, a etnografia virtual procura fazer o mesmo trabalho, mas em um ambiente com diferentes meios de coleta de dados. Mais uma vez, o autor busca superar a dicotomia entre "real" e "virtual", argumentando, contudo, que nas etnografias virtuais a noção de "campo" é radicalmente alterada, já que o campo agora é "texto em uma tela". Além disso, o grupo de pessoas da comunidade (virtual) estudada pode estar espalhado por diversas regiões geográficas e países, interagindo por meio da comunicação mediada pelo computador.

Por esta razão, como afirma Hine (2015, p.5), fazer etnografia através de interações mediadas pode significar a perda do senso de segurança geográfica de um determinado objeto; ou ainda envolver o abandono de uma noção mais definida de comunidade ou grupo social. Neste cenário, porém, a etnografia torna-se necessária para entender a internet em toda a sua profundidade e detalhes, o que faz do estudo nesses/desses ambientes algo bastante desafiador, sendo capaz de abranger tudo o que a comunicação mediada oferece, além de fornecer *insights* robustos e confiáveis de algo em particular.

[58] Em outro trabalho, Hine (2000) propõe que, enquanto objeto de estudo, a internet possa ser conceitualmente elaborada a partir de dois modelos de abordagens teóricas: a internet enquanto cultura e enquanto artefato cultural. Segundo a autora, esses dois modelos são utilizados para fornecerem uma estrutura para que o etnógrafo possa pensar os dois aspectos do ciberespaço. Na perspetiva da internet enquanto cultura, ela tende a ser compreendida como um campo distinto do *offline*, no qual os estudos procuram focar o contexto cultural dos fenômenos ocorridos nas comunidades virtuais. Já na perspectiva da internet enquanto artefato cultural, observa-se a inserção da tecnologia na vida cotidiana das pessoas. Este modelo conceitual pressupõe a integração dos âmbitos *online* e *offline*, favorecendo a percepção de uma cultura da internet, explicada como a "percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte" (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011, p. 42).

Com esses argumentos, a autora estabelece um paradoxo, situando a etnografia dos/nos espaços *online* como necessária e condenada ao mesmo tempo, pois, na medida em que precisamos dela para compreender o que está acontecendo, devemos manter a consciência de que a própria natureza da mudança que está sendo observada parece escapar a todo o tempo do entendimento etnográfico. Mas, tal paradoxo se esvai quando o etnógrafo imerge nesses ambientes *online* e se concentra melhor na compreensão dos modos de vida ali engendrados, aprendendo os valores e práticas a partir do interior, e focando em escolhas estratégicas sobre o que estudar e como estudá-lo. Assim, Hine (2015, p.5) procura desfazer possíveis inseguranças da etnografia virtual quanto à confiabilidade e robustez dos dados, das respostas e dos resultados alcançados.

Esta pesquisa tem como objetivo específico investigar o fluxo de distribuição de flagrantes da violência urbana que abastecem os noticiários televisivos de cenas impactantes, para compreender em que medida o uso contínuo das imagens produzidas por cidadãos comuns afeta a autoridade jornalística na televisão. Nesse sentido, nos baseamos nas premissas de Hine (2015) e Evans (2010) a fim de perceber quais agentes e ferramentas estão envolvidos no fenômeno em questão, as dinâmicas interacionais e comunicacionais estabelecidas na interface com as novas tecnologias e a maneira como essa nova cultura *online* modifica os modos de produção da notícia na TV.

De onde vêm as imagens divulgadas pelo OTT? Como elas chegam aos jornalistas nas redações televisivas? E por meio de quais ferramentas? O que determina sua utilização nas peças jornalísticas? De que maneira produtores, repórteres e editores verificam a veracidade da ocorrência dos eventos de violência que estão para noticiar? Qual é o papel do aplicativo OTT nesta tarefa?

Para responder a essas e outras perguntas, percebemos que era preciso adentrar mais profundamente no terreno de investigação, penetrar as suas camadas, observar e tentar ligar outras pontas deste fluxo distributivo de flagrantes. De certo modo, é isto também que o trecho do diário de campo de 22 de julho de 2020 destacado acima está mostrando, a necessidade de "estar presente" nos diversos "lugares" por onde passa o fenômeno que buscamos compreender.

Nesse sentido, após a análise preliminar, foram enviadas mensagens de texto por meio de um aplicativo de mensagens instantâneas para um dos administradores do Onde Tem Tiroteio. Na primeira parte, relembramos da entrevista realizada para esta pesquisa em 05/08/2019, atualizamos o interlocutor a respeito do andamento da investigação e solicitamos a continuidade do diálogo por meio daquele canal. As transcrições abaixo reproduzem estas trocas de mensagens, preservando, inclusive, os erros de digitação, indicados através do sinal gráfico do asterisco.

[Diário de Campo, julho, 22, 2020]

16h33 – Hora do Brasil

Pesquisadora:
Caro Henrique, boa tarde. Não sei se vai se lembrar de mim, sou a Aline, pesquisadora em Jornalismo, da Universidade da Beira Interior, em Portugal. Estivemos juntos no ano passo* para uma entrevista para minha pesquisa. Como você vai? Tenho acompanhado o aplicativo e pretendo, em breve, poder dar a vocês um retorno das minhas observações. Entro em contato, pois queria a sua ajuda para entender melhor o fluxo das imagens divulgadas pelo OTT. Isso é fundamental para que eu possa entender um modo bastante novo de produção de notícia e do comportamento dos usuários nesse novo modelo. Estou em Portugal, mas posso te explicar melhor essa fase da pesquisa. Podemos falar por aqui? Abraços.
* ano passado.

Henrique Caamaño – administrador OTT:
Bom dia. Tudo bem. Onde foi a entrevista?

Pesquisadora:
Nos encontramos no Bouvard Shopping na Tijuca (sorriso). Tomamos um café e conversamos umas duas horas sobre o surgimento do aplicativo e os desafios diários. Vi que de lá pra cá muita coisa mudou (sorriso).

Henrique Caamaño – administrador OTT:
Hum. Sim. Vc prosseguiu com o Benito.

Pesquisadora:
Não. Meu único contato foi com você mesmo. Se lembro bem, o Benito tinha uma viagem e eu tb estava com os dias contados para voltar a Portugal.

Henrique Caamaño – administrador OTT:
Enfim, em que posso ajudar?

Restabelecido o contato e diante da aceitação para prosseguir com a comunicação, solicitamos a inclusão desta pesquisadora em dois grupos de contato do OTT. Um deles deveria ser o grupo formado por jornalistas no Rio de Janeiro, cidade onde estavam concentrados os alertas, denominado *OTT- RJ Imprensa*. Sabíamos, pela experiência profissional nas redações, que este era o canal através do qual o material imagético publicado no *app* era disponibilizado para exibição nos noticiários. Já o segundo grupo deveria representar um canal de comunicação confiável através do qual os administradores do OTT recebessem informações e imagens de eventos relacionados à violência urbana. Fomos, então, adicionados ao grupo *Só Fiel Gore*, composto por 66 participantes interessados, de modo geral, em "ocorrências policiais" e "atos de violência em nossa cidade".[59] O pedido teve a seguinte justificativa:

[59] Comentário de um participante do grupo de *WhatsApp Só Fiel Gore* no momento da discussão sobre quais jornais e revistas deveriam ser compartilhados e que tipo de informação deveria ser publicada no grupo. Diário de campo, julho, 31, 2020.

[Diário de Campo, julho, 22, 2020]

16h33 – Hora do Brasil

Pesquisadora:
Eu gostaria muito de compreender o fluxo de imagens que passa pelo OTT até os telejornais. Seria possível me adicionar no grupo dos jornalistas?
Sei que o OTT está presente em cerca de 600 grupos no Whatsapp. Seria ainda possível me adicionar em um dos grupos de confiança, de onde partem algumas das imagens que vcs disponibilizam na App?
Não tenho interesse em me manifestar ou publicar conteúdos. O interesse enquanto pesquisadora é perceber um novo modo de comunicação colaborativa que foge aos padrões tradicionais.

Henrique Caamaño – administrador OTT:
Ok. Já foi.

A Figura 14 mostra a adição imediata desta pesquisadora aos grupos solicitados. Nela podemos perceber que o contato dos administradores com os jornalistas através do grupo destinado aos profissionais de imprensa no Rio de Janeiro existe desde 20 de outubro de 2016, ano de criação da *fanpage* OTT no *Facebook*, como falamos no capítulo anterior. Na altura de nossa inserção, O *OTT-RJ Imprensa* contava com 245 jornalistas. Já o grupo destinado aos participantes que gostam de mídias "sangrentas" é mais recente, com data de criação em 21 de fevereiro de 2018[60].

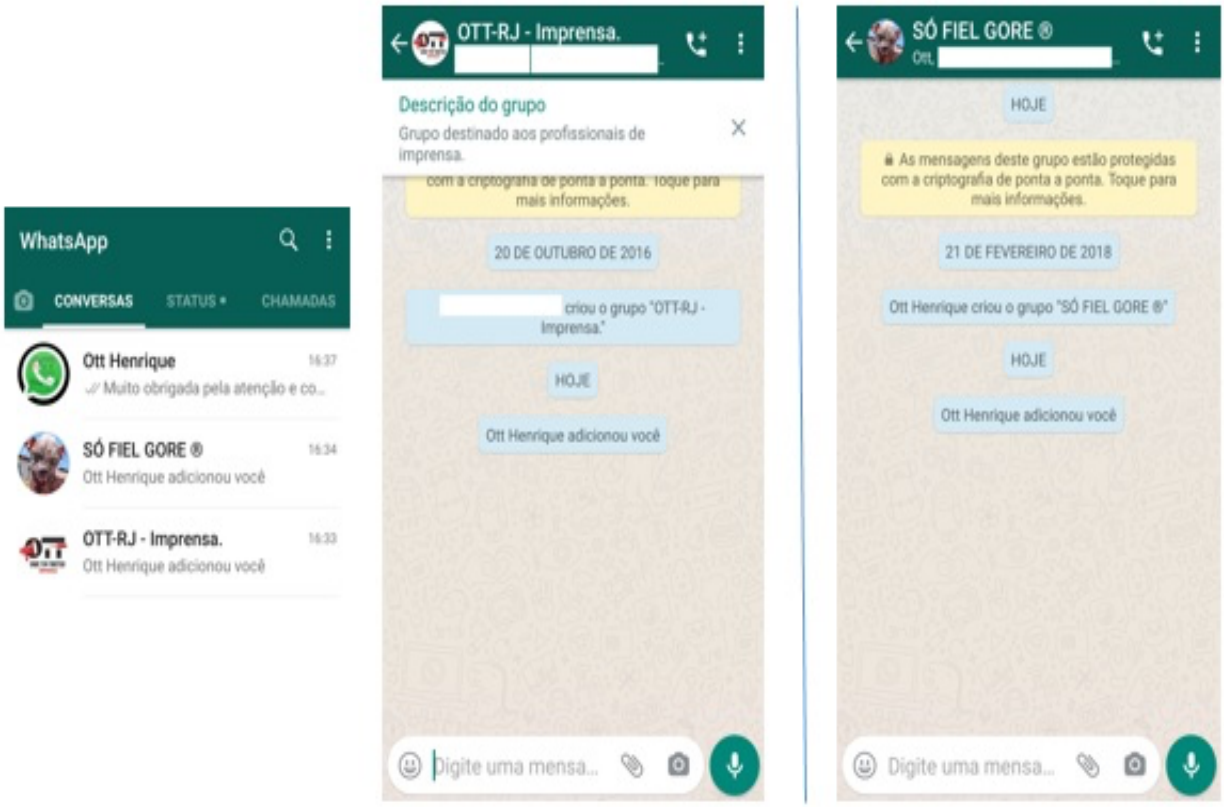
No que diz respeito, especificamente ao grupo da imprensa, podemos notar, então, uma preocupação entre os administradores do OTT em estreitar os vínculos e relacionamento com os jornalistas desde o surgimento da iniciativa em 2016. De um lado, isso indica que, apesar de a ferramenta existir em função do desejo de uma comunicação colaborativa de cidadão para cidadão, seus criadores têm a clara noção de que o tipo de conteúdo com qual estão lidando possui apelo midiático, sendo, portanto, interessante aos órgãos de imprensa local, principalmente, pelo potencial gerador de imagens impactantes. De outro lado, o estreitamento da relação entre o OTT e os jornalistas, neste caso, permite não apenas o contato rápido com agentes situados nos cargos mais elevados na hierarquia das redações (Grupillo, 2018), como também foi responsável pela elevação do *status* do OTT e dos seus administradores ao longo dos anos, resultando em uma maior confiabilidade dos informes da violência, das imagens divulgadas e das informações compartilhadas entre os profissionais da imprensa, como teremos oportunidade de analisar no capítulo 8.

Este é um aspecto muito interessante da investigação, pois a interação mantida no grupo dos jornalistas demonstra a existência de uma relação de interesse mútuo e

[60] O termo mídias "sangrentas" foi utilizado pelo administrador do *Só Fiel Gore*, Henrique Caamaño, durante as discussões sobre que tipo de conteúdo deveria ser publicado no grupo. Diário de campo, julho, 31, 2020.

interdependência entre os participantes, mas de pouca reciprocidade no aproveitamento do material divulgado. Enquanto jornalistas buscam confirmações, informações credíveis e imagens de eventos da violência, o OTT disponibiliza conteúdo previamente verificado, com imagens pré-editadas e seladas para garantir o destaque à marca. Contudo, nem sempre as imagens utilizadas nas peças jornalísticas exibem a logo do OTT. Do mesmo modo, raríssimas vezes as informações passadas pelos jornalistas no grupo do *WhatsApp* geraram alertas no *app*.

Figura 14: investigadora adicionada nos grupos de interesse no *WhatsApp*



Fonte: acervo da pesquisa

Enfim, identificamos que os flagrantes de tiroteio, operações policiais, assaltos etc. circulam por plataformas diversas e difusas e seguem em múltiplas direções, alcançando uma quantidade incalculável de usuários através de uma teia inesgotável de conexões que permitem a transmissão veloz de conteúdo textual e audiovisual.

Deste fluxo contínuo e ininterrupto fazem parte outras *fanpages* de bairro no *Facebook*, *blogs*, perfis de violência urbana no *Twitter*, grupos particulares criados em aplicativos de mensagens instantâneas, mas também os próprios mecanismos de envio de imagens criados pelas estações de televisão, que incluem números de *WhatsApp* e

aplicativos específicos por onde os telespectadores podem fazer o envio direto de informações e flagrantes.

O acompanhamento das publicações no *app* Onde Tem Tiroteio e das mensagens postadas nos grupos *OTT- RJ Imprensa* e *Só Fiel Gore* foi de fundamental importância para esta tese na medida em que ofereceu as condições necessárias para que pudéssemos traçar os caminhos percorridos pelos flagrantes da violência urbana até os telejornais, reforçando a relevância do tema central deste trabalho. Nele se inserem os conflitos em torno da autoridade jornalística em um cenário perturbador de mudanças nos modos de produção e consumo de informação em dispositivos móveis e, principalmente, a multiplicidade de agentes envolvidos nos processos contemporâneos de produção da notícia.

5.3.3 Terceiro Passo: enxergar além dos dados

Muito embora a observação do aplicativo, dos grupos de informantes de confiança e dos jornalistas no *WhatsApp* e dos telejornais locais tenha proporcionado uma visão abrangente do fluxo distributivo de informações e flagrantes da violência pelos circuitos não tradicionais de mídia, ela despertou algumas questões relacionadas ao modo como os jornalistas entendiam o papel do *app* no processo de elaboração das notícias e como processavam o material gerado pelos cidadãos antes das reportagens serem exibidas.

Os jornalistas conhecem os responsáveis pelo OTT? Sabem como o *app* funciona e de que maneira a sua operacionalização resulta em informes instantâneos da violência? Há uma maior confiança nesses informes em comparação com outros mecanismos de divulgação a exemplo das páginas de bairro no *Facebook* ou dos perfis no *Twitter*? A disponibilização de flagrantes pelo OTT acelera, de alguma forma, a produção das notícias na televisão? Por que as imagens disponibilizadas pelo aplicativo não são creditadas ou creditadas de forma despadronizada pelos telejornais?

Estas e tantas outras questões só puderam ser melhor compreendidas através do contato com os próprios jornalistas de TV, por meio de entrevistas em profundidade. Vale lembrar que a presente investigação foi realizada em um contexto complexo de pandemia, no qual o deslocamento dos cidadãos entre países ficou prejudicado pelo fechamento das fronteiras e pelo distanciamento social obrigatório. Por isso, na maior parte das empresas, procurou-se evitar o contato dos jornalistas com agentes externos através de visitas presenciais às redações, de modo que nossas entrevistas tiveram que ser feitas à distância por meio de plataformas como o *Google Teams*, *Zoom* e *Skype*.

Ao longo desta seção, falaremos do terceiro passo metodológico dado no sentido de enxergar além dos dados quantitaivos. Explicaremos quem foram os nossos

informantes, como foram contactados e de que modo realizamos as entrevistas, levando em consideração os desafios e as limitações de uma abordagem mediada pelo computador.

5.3.3.1 Entrevistas em profundidade

O desenho desta investigação sugere que ela mesma é um construto, um passo a passo que se desenrola na medida em que se avança no terreno e, neste processo, descobre-se suas imperfeições, camadas, relevos e limites. No trabalho empírico, o papel do investigador se assemelha ao do garimpeiro que explora a área, mexe nos seus substratos, a fim de retirar as suas mais preciosas substâncias. Neste processo, enquanto modifica o terreno, também o investigador vai sendo modificado. Não por acaso, as metodologias quantitativas e qualitativas, no seu sentido mais amplo, e as técnicas de investigação, em seu sentido mais estrito, concorrem para dar conta de uma tarefa complexa, assente na análise de documentos, na observação direta, na pesquisa participante, nos grupos de discussão e nas entrevistas, entre outros processos (Veiga & Gondim, 2001, p.2).

Dentre toda esta variedade de técnicas, Duarte (2005, p.1) ressalta que a entrevista individual em profundidade tornou-se a forma clássica de explorar um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências dos entrevistados/informantes para, então, analisá-las e apresentá-las de maneira estruturada. Uma das principais qualidades desta abordagem está na flexibilidade, pois permite o entrevistador ajustar as suas perguntas ao passo que deixa o entrevistado livre para definir o tempo das respostas.

Na visão de Stokes e Bergin (2006, p.28), essa liberdade oferece as condições para o entrevistado expressar suas crenças e sentimentos sobre determinado assunto, por isso as entrevistas levam a uma maior contextualização e aprofundamento da investigação. As vantagens da técnica repousam em três características, segundo os autores: 1) as circunstâncias de aplicabilidade única, 2) o maior controle na seleção dos entrevistados e 3) a profundidade e abrangência de informações que pode produzir. Mas quando ou em quais circunstâncias as entrevistas em profundidade são apropriadas?

Para Boyce e Neale (2006), quando o interesse do investigador é alcançar informações detalhadas sobre o comportamento das pessoas, obter um panorama mais completo de um fenômeno ou situação e entender porque eles acontecem, a entrevista é a técnica apropriada. Sendo assim, a técnica permite combinar experiências vividas, histórias de vida, compreender os efeitos que as mudanças espaço-temporais e sócio-históricas produzem nas crenças e valores dos indivíduos, motivando e justificando as suas ações. Desse modo, “as narrativas permitem ir além da transmissão de informações ou

conteúdo, fazendo com que a experiência seja revelada, o que envolve aspectos fundamentais para compreensão tanto do sujeito entrevistado individualmente, como do contexto no qual ele está inserido (Muylaert et al., 2014, p. 198).

Assim, a entrevista deve ser conduzida de acordo com os objetivos definidos na investigação. Depois, cabe ao pesquisador explicar os discursos, "descodificar-lhes o sentido, interpretá-los, aproximando a definição inicial do seu objecto com o real encontrado" (Lalanda, 1998, p. 874-875). Nas palavras de Duarte (2005, p.1), os dados não são apenas recolhidos, mas são também "o resultado da interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade". Entretanto, trata-se de um "diálogo assimétrico", no qual o investigador procura obter dados de um determinado interlocutor que se apresenta como fonte de informação. "As entrevistas procuram explorar o que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem e desejam" (Veiga & Gondim, 2001, p. 5).

A partir dos critérios estabelecidos por Duarte (2005) para as pesquisas qualitativas, optamos, nesta investigação, pelo modelo de entrevista semi-aberta, com questões semi-estruturadas, elaboradas consoante um roteiro apoiado em conceitos básicos, teorias e hipóteses de pesquisa. A adoção deste modelo exige poucas questões, mas estas devem ser suficientemente amplas para gerarem respostas indeterminadas, a serem discutidas em profundidade. Por isso mesmo, a atenção do investigador deve estar inteiramente voltada para as respostas, mas também para as expressões do entrevistado, seus movimentos, pausas, mudanças de entonação, sobreposições, silêncios, ênfases. Todo o contexto da entrevista deve ser analisado no sentido de ajudar a compor aquilo que é explícito verbalmente.

Tabela 6: Modelo de tipologia em entrevista (Duarte, 2005, p.3)

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não-estruturadas	Aberta	Questão central	Em profundidade	Indeterminadas
	Semi-estruturadas	Semi-aberta	Guião/Roteiro		
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Previstas

Historicamente, o aproveitamento das entrevistas como técnica metodológica data da década de 1930, com ampla utilização a partir da década seguinte, especialmente no

campo da psicoterapia. Sua utilização pelas áreas da Sociologia, Antropologia, Administração, Educação e Comunicação acabou por torná-la clássica também nas Ciências Sociais (Duarte, 2005).

Veiga e Gondim (2001), por exemplo, adotaram essa abordagem qualitativa na Ciência Política e no Marketing Político para conhecer eleitores, identificar as suas demandas, frustrações e expectativas com relação à solução de problemas sociais, para avaliar a imagem de alguns candidatos, além de perceber a percepção dos informantes acerca do quadro político.

Já Stokes e Bergin (2006), quando quiseram saber qual o potencial de diferentes mercados e públicos-alvo para um design italiano de armações óticas, recorreram às técnicas qualitativas em dois estágios distintos. Num primeiro momento, reuniram os entrevistados em quatro grupos focais para saber como se comportavam e expressavam as suas opiniões diante de outras pessoas. No momento seguinte, porém, oito informantes foram separados e inquiridos através de entrevistas individuais em profundidade.

Na comparação direta entre os resultados alcançados com os dois métodos, os autores concluíram que, enquanto o grupo focal facilitou a criação de consensos e permitiu averiguar e compreender aspectos mais gerais do problema de pesquisa, as entrevistas individuais foram capazes de revelar nuances e sutilezas no uso dos produtos, bem como no significado que os interlocutores lhes deram, especialmente quanto à possibilidade de parecem mais jovens.

Talvez Seidmam (2006, p.8-9) tenha se baseado em reações desta natureza para argumentar, já na década de 1930, em seu guia para pesquisadores em Educação e Ciências Sociais, que as entrevistas em profundidade não são meramente perguntas elaboradas a fim de testar hipóteses, mas um método interessante para entender como as pessoas dão sentido às suas próprias experiências de vida.

Mais recentemente e com a atenção voltada para o caso específico das investigações em jornalismo, Oliveira e Fonseca (2014, p. 111) ressaltam a importância de os estudiosos nesta área permanecerem atentos às questões caras à Antropologia. A primeira delas é o entendimento mais geral sobre o trabalho etnográfico e o diálogo que procura travar entre vozes múltiplas de sujeitos que ocupam posições marcantes e distintas. Isso leva à segunda questão, mais relacionada com a reflexão constante, por parte do investigador, sobre este encontro de subjetividades ou à sua "postura antropológica de estranhar" e pôr em causa os próprios pressupostos teóricos e categorias disciplinares estabelecidas, com o intuito de travar um embate contínuo entre eles e "as experiências etnográficas concretas, realizadas a partir de sujeitos de 'carne e osso', complexos, dotados de subjetividades e agências".

Ao longo dos anos, diversos investigadores do jornalismo adotaram as entrevistas em profundidade e outros métodos de caráter etnográfico como técnica. De maneira mais geral, se quisermos recuar no tempo, podemos citar os trabalhos de David Manning White (1950) e Gaye Tuchman (1973), fulcrais para a compreensão das estratégias utilizadas pelos profissionais da imprensa na seleção das notícias, além da organização da rotina produtiva para lidar com assuntos inesperados e processar o maior número de peças possível dentro de um curto prazo de tempo.

No Brasil, entre muitos outros trabalhos, a entrevista foi utilizada por Dantas e Lacerda (2014) para perceber as práticas profissionais dos jornalistas que atuam ao mesmo tempo em redações televisivas e assessorias de imprensa. Do mesmo modo, Travancas (1993) utilizou a entrevista na tentativa de desvendar o mundo dos jornalistas, suas rotinas de produção e os diversos personagens que orbitam ao seu redor. Mas também Grupillo (2018), a fim de desmontar o trabalho dos chamados "cinegrafistas amadores" na captação de imagens de atos de violência urbana, no interior de regiões de conflito armado, para os noticiários televisivos.

As entrevistas em profundidade, no sentido mais geral, e sua aplicação nos estudos do jornalismo, em particular, são importantes porque exigem tanto do entrevistado quanto do entrevistador: autorreflexividade. Enquanto falam, os entrevistados precisam fazer o exercício inabitual de resgate de uma série de informações e memórias, muitas vezes desconexas, para dar-lhes sentido. E o entrevistador, por seu turno, ao entrar em contato com o universo subjetivo do interlocutor, vai tecendo novas conexões e organizando, mentalmente, os dados em possíveis categorias analíticas. Este encontro de subjetividades, a do entrevistado com a do entrevistador, resulta em um rico e valioso processo de partilha de valores e práticas culturais e sociais.

Portanto, a entrevista pode ser compreendida como uma abordagem não-hierarquizada, que desloca os paradigmas monológicos e a crença em uma objetividade absoluta e no papel de um pesquisador que olha para uma determinada cultura "de fora" ou "de cima". Assim, uma das mais importantes contribuições da pesquisa antropológica para o campo de Jornalismo é o fato de essa pesquisa acontecer entre dois sujeitos distintos, concomitantemente atravessados por sentimentos e emoções (Oliveira e Fonseca, 2014, p. 117).

Por isso, Muylaert et al. (2014, p. 194) acreditam que interpretar as falas dos informantes não é simplesmente analisá-las como observador neutro. Essa interpretação envolve a experiência do investigador e do investigado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, "transcendendo assim o papel tradicional destinado a cada um deles".

Entretanto, embora reconheçam a importância da abordagem antropológica no jornalismo, Sjøvaag e Karlsson (2016, p.2) propõem repensar os métodos usuais de pesquisa face à digitalização e ao próprio surgimento de novos modelos de jornalismo no ambiente digital, visto que a produção jornalística encontra-se, cada vez mais, descentralizada, isto é, realizada em espaços fora das redações por profissionais *freelancers* e jornalistas terceirizados, podendo ser levadas a cabo a partir de qualquer lugar do globo (Deuze & Witschge, 2015).

Nesta nova equação, os cidadãos também criaram desafios epistemológicos adicionais, uma vez que os mecanismos, meios e modos de publicação de conteúdo por eles utilizados são diferentes das formas tradicionais existentes no jornalismo, para as quais os métodos atuais parecem ser mais apropriados. Nesse sentido, no jornalismo digital, "conduzir etnografia e entrevistas torna-se mais difícil à medida que os 'atores' que criam as notícias se tornam mais difíceis de definir e o "espaço" onde as notícias são produzidas deixou de existir como objeto de estudo" (Sjøvaag & Karlsson, 2016, p. 2).

No caso específico da investigação levada a cabo durante este doutoramento, por exemplo, identificamos uma produção informativa e imagética extremamente versátil e eficiente que, ao ser desenvolvida por cidadãos não-jornalistas, de forma descentralizada e autorregulada, consegue alcançar e envolver milhares de outras pessoas por meio das redes sociais digitais, de aplicativos de mensagens instantâneas, de plataformas de geolocalização, entre outras.

Ao contrário dos jornalistas dos meios tradicionais, estes cidadãos, por não estarem ligados aos grandes conglomerados de mídia, não precisam responder às pressões das organizações jornalísticas, nem seguir determinados padrões e técnicas profissionais na elaboração de mensagens ou na gravação de vídeos. Mesmo assim, o valor testemunhal do conteúdo que produzem é capaz de gerar credibilidade e engajamento.

Nesse sentido, os cidadãos comuns e sua inserção nos processos contemporâneos de produção e distribuição de informação parecem ser, ao mesmo tempo, a causa e o efeito de parte das transformações tecnológicas observadas no campo do Jornalismo. No telejornalismo, mais especificamente, essas transformções não somente permitiram a entrada de novos agentes e *outsiders* em cena, como também tornaram os jornalistas dependentes de uma produção não-profissional descentralizada, como veremos mais adiante. Foi na tentativa de analisar com maior profundidade tais questões que optamos pela realização de entrevistas em profundidade com jornalistas, cientes dos desafios e riscos presentes nesta escolha.

5.3.3.2 Jornalistas como fontes diferenciadas

O encontro etnográfico pode ser explicado como a "busca pela palavra do outro" e nele está uma das maiores contibuições da antropologia para as pesquisas em jornalismo (Oliveira & Fonseca, 2014, p. 113), pois no processo dialógico e interpretativo das histórias e experiências de vida contadas, o investigador acaba por apresentar os seus interlocutores como sujeitos individuais, representantes de uma cultura que, ao ser estudada como um todo, permite à pesquisa fazer um retrato coerente e integrado.

Sendo assim, cabe ao investigador selecionar informantes capazes de o auxiliarem a resolver o problema proposto. Dito de outro modo, os estudos qualitativos podem ser feitos com um pequeno número de fontes, mas elas devem ser de boa qualidade, a fim de ajudar a elucidar os objetivos da pesquisa. Por isso, ao invés de representar estatísticamente um determinado universo, as entrevistas ganham significado conforme a "capacidade que as fontes têm de dar informações confiáveis e relevantes sobre o tema". Quanto mais significativas forem as fontes, maior será a validade da investigação (Duarte, 2005).

Baseando-se nas categorias de interlocutores de Quivy e Campenhoudt (1992), Jorge Duarte sugere cinco classificações para as fontes: a) especialista, b) informante-chave, c) informante-padrão, d) informante complementar e e) informante-extremista. Os especialistas são, normalmente, acadêmicos com grande conhecimento no assunto. Os informantes-chave são fontes consideradas fundamentais por estarem profunda e diretamente envolvidas com os aspectos centrais da investigação. A diferença do informante-chave para o informante-padrão é que este último pode ser substituído sem perdas ou prejuízos para a pesquisa. Já o informante complementar, o quarto tipo na classificação de Duarte, é aquele que contribui com informações circunstanciais. Por fim, o informante-extremista pode ser identificado como aquele que possui uma visão muito particular e cuja percepção contraria as principais fontes por razões ideológicas, pessoais ou políticas.

Olhando para este quadro de classificações e levando em consideração os objetivos desta tese, entendemos os jornalistas como informantes-chave, pois as suas experiências e o conhecimento específico acumulados no exercício profissional de produção noticiosa os distingue de outras fontes, não sendo possível substituí-los sem que haja a perda na qualidade das informações obtidas. Em uma investigação a respeito do fluxo de distribuição de flagrantes da violência urbana e sua utilização nos telejornais, chefes de reportagem, produtores, editores e repórteres de televisão constituem fontes essenciais, um grupo central e qualificado de pessoas capazes de

interpretar as alterações, contornos, desafios e limites das suas próprias atividades laborais.

Em contrapartida, após analisar diversos estudos científicos baseados na memória dos jornalistas, Temer e Tuzzo (2017, p.459) argumentam que estes agentes desempenham sua profissão nos limites de uma ética rigorosa, sem deixarem de estar sujeitos às pressões do mercado e às condições de uma produção capitalista que envolve, de um lado, a comercialização da sua força de trabalho e, de outro lado, a busca pelo lucro das empresas onde atuam. Sendo assim, os jornalistas ocupam um lugar diferenciado, algumas vezes privilegiado, porque também são produtores de informação.

> Uma vez que trabalham com informação, matéria prima essencial para a produção jornalística, os jornalistas tendem a construir memórias diferenciadas sobre os fatos e acontecimentos, sendo eles mesmos fontes importantes para compreender processos históricos ou situações específicas. (Temer & Tuzzo, 2017, p. 459)

Nestes termos, a informação é o objeto do trabalho de mediação do jornalista junto ao público, mas devemos ter em conta que os profissionais da imprensa são indivíduos que lidam com a notícia "disponibilizando e obliterando elementos, a partir de interesses conflituosos". Por isso, o principal desafio em recorrer aos jornalistas como fonte de investigação é adotar métodos especializados para acessar a memória destes profissionais, fazendo-os colaborar "a favor da obtenção de informações, ao mesmo tempo driblando eventuais falhas – intencionais ou não – no conjunto de conteúdos resultante destes contatos" (Temer & Tuzzo, 2017, p. 460).

Em suma, por estarem situados em uma atividade cuja relação entre a técnica jornalística e a ética nem sempre é equilibrada, os jornalistas tendem a estar imersos em complexidades e contradições, formando um grupo de entrevistados considerado difícil. Geralmente são desconfiados das intenções dos entrevistadores e possuem a tendência de se colocar no centro dos fatos dos quais efetivamente não participaram.

Desse modo, Temer e Tuzzo (2017, p. 467) concluem que os jornalistas possuem uma visão de mundo diferenciada. Sua memória não diz respeito à sua vida, mas aos fatos que relatam. A função primordial do jornalista é a de mediador crítico, pois também é um leitor crítico do que vê e ouve. A sua leitura crítica é baseada nos valores-notícia, nos critérios de noticiabilidade, na formação ética e na ideia da verdade como algo factual. Por tudo isso, "as entrevistas com jornalistas caracterizam-se como fontes alternativas e diferenciadas de dados", concluem as autoras.

5.3.3.3 Os informantes

Os informantes desta pesquisa compõem um conjunto bastante heterogêneo de jornalistas situados em faixas etárias distintas, atuantes em funções diversas na hierarquia das redações e com o tempo de exercício profissional amplo, nas quatro principais emissoras de TV brasileiras. Inicialmente, a abordagem a esses profissionais foi feita a partir de suas próprias redes sociais digitais, através de mensagens de texto nas quais procuramos apresentar a investigação, bem como o contexto de seu desenvolvimento e objetivos. Intencionalmente, os primeiros jornalistas a serem contactados ocupavam cargos de chefia, caracterizados pelo poder decisório nos processos produtivos da notícia. Esses profissionais indicaram parte dos demais informantes, que, por sua vez, auxiliaram na ponte e contato com outros colegas. Ao todo, 14 jornalistas foram contactados e convidados a participar da pesquisa. Apenas um deles, ocupante do cargo de chefe de reportagem na *TV Globo*, não respondeu aos convites.

Face ao contexto epidemiológico mundial e às regras de distanciamento impostas pelas autoridades internacionais em saúde pública, todas as entrevistas em profundidade que, à partida, estavam planejadas para ocorrem presencialmente, foram realizadas à distância, utilizando programas que permitem a comunicação *online* através de conexões de voz e vídeo, tais como *Skype*, *Zoom* e *Google Teams*. As entrevistas foram gravadas entre os dias 12 de fevereiro e 18 de março de 2021, e tiveram duração média de uma hora. Todos os participantes declaram verbalmente a aceitação das gravações e assinaram um termo de consentimento que permite o uso das entrevistas para fins científicos, como também o seu armazenamento temporário até ao término desta investigação. Embora todos os participantes tenham aceitado ser identificados, optamos por preservar as suas identidades. Assim, utilizaremos nomenclaturas como Jornalista 1/Informante 1, segundo a ordem de realização das entrevistas.

Treze informantes contribuíram para a elaboração deste trabalho (Quadro 1) em uma participação considerada de fundamental importância, pois com base nas características de suas atribuições (Quadro 2) e na experiência e vivência destes profissionais da imprensa, acreditamos ter conseguido verificar procedimentos desconhecidos do público e até mesmo de parte dos cientistas da comunicação que compõem a produção de notícias no contexto das novas tecnologias e das tecnologias móveis. Eles dizem respeito a um telejornalismo em transformação, cujas mudanças exigem alterações profundas nas rotinas profissionais, nos comportamentos dos jornalistas, no modo como buscam e produzem o conteúdo imagético dos telejornais, mas, principalmente, na maneira como passam a enxergar a sua função e seu lugar de

agentes produtores de informação, agora atravessados por novos dramas e conflitos que envolvem, especialmente, a entrada e permanência de agentes externos ao telejornalismo profissional nos processos produtivos.

Quadro1: perfil informantes

Informantes	Idade	TV	Função	Tempo de profissão
Jornalista 1	63	SBT	Chefe de Reportagem	46 anos
Jornalista 2	51	GLOBO	Produtora	27 anos
Jornalista 3	30	GLOBO	Editor de texto	6 anos
Jornalista 4	27	GLOBO	Repórter	6 anos
Jornalista 5	38	RECORD	Editor de texto	13 anos
Jornalista 6	52	RECORD	Sub-Chefe de Reportagem	17 anos
Jornalista 7	45	SBT	Repórter	12 anos
Jornalista 8	37	BAND	Chefe de Reportagem	15 anos
Jornalista 9	25	RECORD	Produtora	5 anos
Jornalista 10	25	SBT	Produtor Digital	6 anos
Jornalista 11	29	RECORD	Editor de texto	7 anos
Jornalista 12	23	BAND	Coordenadora de produção	6 anos
Jornalista 13	41	SBT	Produtor	15 anos

Quadro 2: atribuições profissionais por nível hierárquico

Função	Atribuições
Chefe de Reportagem	Monitoramento dos eventos cotidianos; coordenação da cobertura e distribuição de equipes de externa; levantamento de dados e definição de abordagens das peças; acionamento de agentes externos colaborativos (cinegrafistas amadores) para apoio aos repórteres; assistência aos setores de edição e produção; apoio na apuração; eventual redação de notícias.
Sub-Chefe de Reportagem	Monitoramento dos eventos cotidianos; apoio na distribuição de equipes de externa; levantamento de dados e coordenação da apuração, assistência aos setores de edição e produção.

Coordenadora de produção	Coordenação das equipes de produção; distribuição e acompanhamento da elaboração de pautas; auxílio à chefia de reportagem.
Produtor	Pesquisa e seleção de assuntos noticiáveis; busca de personagens e fontes qualificadas; realização de pré-entrevistas; pesquisa de imagem; elaboração de pautas; auxílio à chefia de reportagem.
Produtor Digital	Atualização das redes sociais digitais do telejornal; seleção e distribuição do conteúdo audiovisual nos canais digitais do noticiário; desenvolvimento de estratégias de participação da audiência através das redes sociais digitais; auxílio ao setor da produção.
Editor de texto	Organização e seleção de imagens, entrevistas e dados; solicitação de artes, gráficos e infográficos ilustrativos; compilação e reedição de peças já exibidas em outros telejornais; redação e edição de texto; auxílio aos repórteres, incluindo nas entradas ao vivo; filtragem de informações; edição e finalização de peças juntamente com o editor de imagens.
Repórter	Execução de pautas previamente elaboradas; entradas ao vivo para os noticiários; complementaridade da apuração dos temas levantados *in loco;* auxílio à produção.

Os perfis e as atribuições dos jornalistas entrevistados neste trabalho trazem nuances interessantes, pois vão incidir sobre o modo como esses jornalistas avaliam a importância e o papel do aplicativo Onde Tem Tiroteio na produção noticiosa local e como adaptaram a ferramenta às suas rotinas profissionais, levando em consideração a confiança nas informações e na verificação das imagens distribuídas pelo OTT. Como teremos a oportunidade de discutir, de modo geral, os informantes afirmaram não somente acessar o aplicativo e as imagens por ele disponibilizadas, como também indicaram uma utilização cada vez mais frequente dos flagrantes da violência urbana

oriundos do *app*, apontando pelo menos duas razões para este uso: as limitações do trabalho jornalístico em regiões conflagradas e a agilidade que o *app* oferece às suas rotinas de checagem.

Apesar de as entrevistas terem sido possibilitadas pela conexão com a internet, é preciso refletir sobre este processo e salientar os constrangimentos que enfrentamos nessa comunicação mediada pelo computador. Em primeiro lugar, as restrições de acesso às redações prejudicaram uma observação mais aproximada do ecossistema telejornalístico em questão e do trabalho dos próprios jornalistas no acompanhamento e uso do aplicativo e das imagens da violência. O distanciamento nos impossibilitou, por exemplo, de reparar como os produtores lidam com os administradores do aplicativo OTT e de quais mecanismos de negociações constumam lançar mão a fim de obter melhores imagens para as matérias. Além disso, teria sido igualmente interessante observar a trajetória dos flagrantes da violência desde a sua obtenção na pré-produção até a finalização das peças nas ilhas de edição.

Em segundo lugar, a maior parte dos informantes preferiu que as entrevistas acontecessem fora do horário de trabalho, quando estavam em casa e fazendo uso do pacote de internet doméstica, condição que interferiu diretamente na qualidade das gravações, por vezes interrompidas por falhas na conexão. No caso mais extremo, a entrevista ao jornalista 1 (SBT) precisou ser gravada apenas em áudio. Após algumas tentativas, o desligamento da câmera do computador do informante foi a melhor solução encontrada para garantir a compreensão total da sua fala. Do contrário, as sucessivas falhas teriam inviabilizado a conclusão da entrevista e refletido negativamente no resultado da investigação.

Além do mais, o ambiente doméstico, embora menos tumultuado do que uma redação jornalística, pode sofrer interferências sonoras variadas. Algumas vezes, as frases dos entrevistados acabaram sendo atravessadas por ruídos externos de carros de som ou mesmo pela presença inesperada dos filhos dos jornalistas, curiosos com o que os pais estavam fazendo. Retomar as entrevistas nestes casos era uma tarefa ainda mais difícil, porque exigia não somente habilidade da entrevistadora em recuperar o fio do diálogo, mas também um esforço dos informantes para resgatar o contexto das falas, mantendo o que de mais importante havia no raciocínio e no assunto que estava sendo abordando no momento.

Por fim, e não menos importante, a entrevista mediada pelo computador restringe o campo de observação de todo o cenário de composição da fala dos jornalistas, sem esquecer de suas expressões faciais e corporais que, juntamente com a comunicação oral, corroboram para uma compreensão o mais aproximada possível da realidade em

questão. Apesar de todos esses constrangimentos, as entrevistas em profundidade resultaram em 12 horas, 04 minutos e 17 segundos de gravação.

Capítulo 6. OTT em números

Este capítulo está dedicado à análise quantitativa do aplicativo OTT. Os dados totais, recolhidos de 10 de junho a 15 de dezembro de 2020 através da observação direta, foram sistematizados para nos oferecer uma ideia concreta do funcionamento do app, das suas características, limitações e, principalmente, do seu uso pelos participantes. Sendo assim, procuramos mostrar os tipos de alertas mais emitidos, as variações entre eles ao longo do período de pesquisa, a incidência do OTT no território nacional, as mudanças observadas quanto à gravidade das ocorrências relatadas e a proporção de publicações realizadas pelos administradores e pelos usuários da ferramenta.

A análise quantitativa foi importante para percebemos como o app vai sendo aperfeiçoado no sentido de se tornar um ambiente de colaboração autorregulado e com a verificação coletiva de eventos relacionados à violência. Nosso escopo analítico corresponde a 2.607 alertas, que somaram 46.395 confirmações e 3.834 comentários.

6.1 Resultados quantitativos

Se o estudo de caso como ilustração (Machado & Palacios, 2018) procura servir de base para o desenvolvimento de pretensões conceituais mais sólidas, então os dados recolhidos e sistematizados através deste procedimento metodológico complementar devem servir para que o investigador possa revisitar os seus arcabouços teóricos e hipóteses de pesquisa, procurando reavaliá-los face às descobertas que a análise geral do objeto permite. Este passo para trás parece-nos essencial, pois munido dos dados e já modificado pela reflexão e experiência do contato com a cultura pesquisada, o investigador poderá, então, enxergar com mais clareza o curso das discussões que pretende levantar e quais argumentos terá de lançar mão a fim de levar adiante o seu intuito de interpretar um determinado fenômeno.

Assim, a análise quantitativa corresponde ao conjunto dos dados numéricos recolhidos e sistematizados ao longo do período total de observação direta do *corpus* empírico, realizada entre 10 de junho e 15 de dezembro de 2020. Os resultados foram importantes porque conseguiram mostrar a evolução dos modos de uso da ferramenta OTT, as suas vantagens e limitações, o lugar e o papel dos usuários naquele espaço colaborativo e, principalmente, a relação de proximidade que vai ali sendo estabelecida entre os participantes por meio da conexão móvel e através dos alertas geolocalizados da violência urbana. Tais aspectos serão melhor discutidos ainda neste capítulo.

É importante ressaltar que o ano de 2020 foi, naturalmente, atípico no Brasil. A infecção viral provocada pelo SARS-CoV-2 teve impactos significativos não apenas na área da saúde como também da segurança pública. Na saúde, segundo o consórcio criado pelos principais órgãos de imprensa brasileiros, o país encerrou o ano com 7.675.781 casos confirmados da doença e 194.976 mortes provocadas pela Covid-19.61 Com as medidas de isolamento social adotadas pelos estados, o lar ganhou protagonismo no cotidiano das pessoas, o que influenciou a tomada de decisões relativas à segurança pública. Sendo assim, em 05 de junho de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pela suspensão de operações policiais em comunidades do Rio de Janeiro durante a pandemia. A medida cautelar foi tomada na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 635, em que o Partido Socialista Brasileiro (PSB) questionava a política de segurança baseada no confronto do então governador Wilson Witzel.

Na sua decisão, o Ministro Edson Fachin deu ordem para que "não se realizem operações policiais em comunidades durante a epidemia do COVID-19, a não ser em hipóteses absolutamente excepcionais", que deveriam ser "devidamente justificadas por escrito pela autoridade competente, com a comunicação imediata ao Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro – responsável pelo controle externo da atividade policial". No despacho, o Ministro explicava ainda que a decisão tinha o objetivo de "não colocar em risco ainda maior população, a prestação de serviços públicos sanitários e o desempenho de atividades de ajuda humanitária".[62]

O Instituto de Segurança Pública (ISP) do estado do Rio de Janeiro ressalta a medida do STF ao informar os indicadores da criminalidade e o balanço das atividades policiais naquele ano. O total de armas apreendidas (6.440) foi o menor desde 2003, bem como o número de apreensões de fuzis (284), o que representou uma queda de 48,4% em relação a 2019. Já as apreensões de drogas diminuíram 8,6% relativamente ao ano anterior (20.790 registos), segundo o ISP.[63]

Como veremos mais adiante, a decisão do STF é citada pelos seguidores do OTT em diversos comentários e pode ter tido algum reflexo na incidência de alertas da violência (Tabela 7), que foram registrados em sua maioria no estado do Rio de Janeiro, durante o período total de análise.

61 Notícia divulgada em 31 de dezembro de 2020 pelo Portal *G1*. Recuperado de <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de imprensa.ghtml>. Acesso em janeiro, 31, 2021.

62 Recuperado de <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=444960>. Acesso em janeiro, 31, 2021.

63 Dados divulgados pelo Instituto de Segurança Pública em 2020. Retirado de <http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=200>. Acesso em janeiro, 31, 2021.

Tabela 7: total de alertas emitidos

Tipologia	Incidência no período
Tiroteio	1.216
Disparos Ouvidos	976
Utilidade Pública	243
Operação Policial	51
Perseguição Policial	26
Arrastão	23
Manifestação	22
Carros na contramão	21
Incêndio	15
Alagamento	07
Roubo de carga	05
Toque de Recolher	02
Total	**2.607**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

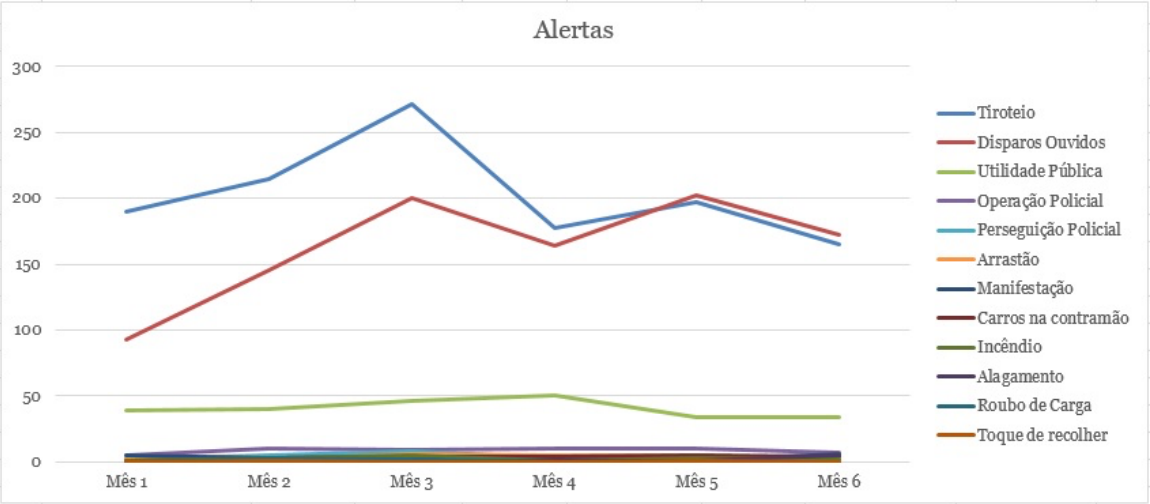
Como os números indicam, entre os alertas mais emitidos no aplicativo, há o predomínio de *Tiroteio* (1.216), seguido de *Disparos Ouvidos* (976) e *Utilidade Pública* (243). Pelo quadro, nota-se que os alertas referentes à *Operação Policial* apareceram na quarta posição ou 51 vezes desde o início da análise, que começou cinco dias após a data da suspensão deste tipo de atividade em regiões conflagradas no Rio de Janeiro.
Relativamente à variação mensal da quantidade dos principais alertas emitidos no *app* (Tabela 8 e Gráfico 1), ressalta-se o aumento considerável de tiroteios, postados entre julho e agosto, mês de pico das ocorrências (271) e de disparos ouvidos. No caso específico do segundo, os relatos saltaram de 93 em junho para 145 em julho, 200 no mês de agosto e, apesar de apresentar uma ligeira queda a partir de setembro, *Disparos Ouvidos* se mantém em patamares elevados comparativamente ao primeiro mês da análise. É importante dizer também que os alertas *Utilidade Pública* continuaram sinalizando problemas cotidianos como árvores caídas, suspensão do fornecimento de água, acidentes de trânsito, entre outros, bem como a publicação de vídeos ilustrativos de outros casos de violência, como já tínhamos identificado durante a observação preliminar. Todos os demais alertas apresentaram uma incidência mais baixa no aplicativo. Em seis meses, foram contabilizados 26 perseguições policiais, 23 arrastões, 22 manifestações, 21 ocorrências de carros na contramão, 15 incêndios, além de sete alagamentos, cinco roubos de carga e dois toques de recolher.

Tabela 8: variação mensal de alertas disparados

Alerta	Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	Mês 5	Mês 6	Total
Tiroteio	190	215	271	178	197	165	**1216**
Disparos Ouvidos	93	145	200	164	202	172	**976**
Utilidade Pública	39	40	46	50	34	34	**243**
Operação Policial	5	10	9	10	10	7	**51**
Perseguição Policial	2	5	8	3	3	5	**26**
Arrastão	3	2	6	5	5	2	**23**
Manifestação	5	3	4	3	1	6	**22**
Carros na contramão	1	3	4	4	5	4	**21**
Incêndio	1	3	5	1	3	2	**15**
Alagamento	0	0	0	1	1	5	**7**
Roubo de Carga	0	3	2	0	0	0	**5**
Toque de recolher	0	1	0	0	1	0	**2**
Total	**339**	**430**	**555**	**419**	**462**	**402**	**2607**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Gráfico 1: variação mensal de alertas disparados no *app*



Fonte: dados recolhidos pela autora

No gráfico, podemos perceber que, juntos, os alertas *Tiroteio* e *Disparos Ouvidos* representam a grande maioria das publicações, com alguma variação entre eles, especialmente nos meses de outubro, novembro e dezembro. A análise pormenorizada de cada um destes alertas, contudo, sugere que a tipificação tende a apresentar menor gravidade quando o OTT não consegue aprofundar a apuração de uma determinada ocorrência ou mesmo quando os usuários não possuem a ideia clara do que estão relatando. Assim, uma perseguição policial pode acabar sendo comunicada simplesmente como *Disparos Ouvidos*. Isso nos leva a crer que alertas deste tipo

podem ser emitidos quando a verificação de um evento de violência é imprecisa, não específica ou inconclusiva. O mesmo acontece com *Carros na Contramão*, geralmente utilizado para alertar a movimentação incomum de condutores em marcha a ré, sem necessariamente afirmar que se trata de assaltos em sequência aos motoristas (arrastão) numa via pública.

Além do mais, os disparos ouvidos por moradores de uma certa localidade podem parecer tiroteio para os habitantes de outra. Sendo assim, um alerta pode começar com disparos ouvidos e evoluir para um tiroteio e vice-versa. Daí ambos, *Tiroteio* e *Disparos Ouvidos*, se alternarem no destaque do conjunto geral das postagens feitas no *app*, inclusive quando os posts se referem a uma mesma região.

No período total de análise da ferramenta, foram contabilizados 2.607 alertas emitidos, média de 434,5 por mês (Tabela 9). No que se refere à localização, embora a pretensão dos administradores seja abranger o Brasil como um todo, o Rio de Janeiro continuou concentrando o volume de emissões (87,07%), seguido dos estados do Espírito Santo (4,10%), que ganhou mais atenção do OTT no contexto geral do que São Paulo (3.91%). Os demais estados somaram 119 alertas, cuja percentagem representa 4.56% do total (Tabela 10).

Tabela 9: alertas emitidos mensalmente

Período	Quantidade
Mês 1	339
Mês 2	430
Mês 3	555
Mês 4	419
Mês 5	462
Mês 6	402
Total	**2.607**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Tabela 10: alertas emitidos por estado

Alerta	Quantidade	Percentagem
Rio de Janeiro	2.270	87.07%
Espírito Santo	107	4.11%
São Paulo	102	3.92%
Demais estados	119	4.56%
Total	**2.598**	**99.66%**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Em nível internacional, foram contabilizados ainda cinco alertas dos Estados Unidos, 3 do México e 1 do Paraguai, totalizando 2.598 alertas no Brasil (99.66%) contra nove de outros países (0.34%) (Tabela 11).

Tabela 11: alertas por países

País	Quantidade	Percentagem
Brasil	2.598	99.66%
EUA	05	0.19%
México	03	0.11%
Paraguai	01	0.03%
Total	**2.607**	**100%**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Nos seis meses de análise, o que nos chamou mais a atenção foi a mudança nas proporções de publicação feitas por administradores e usuários no *app*. No mês 1, referente à pré-análise, dos 339 alertas emitidos, apenas oito foram atribuídos aos usuários da ferramenta. Nos meses seguintes, porém, percebemos um acréscimo substancial na participação dos seguidores, como mostram a Tabela 12 e o Gráfico 2.
No mês 2, o OTT foi responsável por 326 alertas contra 104 dos usuários. No mês 3, 375 alertas foram emitidos pelos administradores do aplicativo e 180 foram disparados pelos seguidores. Já no mês 4, notamos uma redução considerável de informes lançados pelo OTT. Foram 252 contra 167 informes dos usuários. Por fim, nos dois últimos meses de análise, percebemos uma tendência mais acentuada de diminuição de

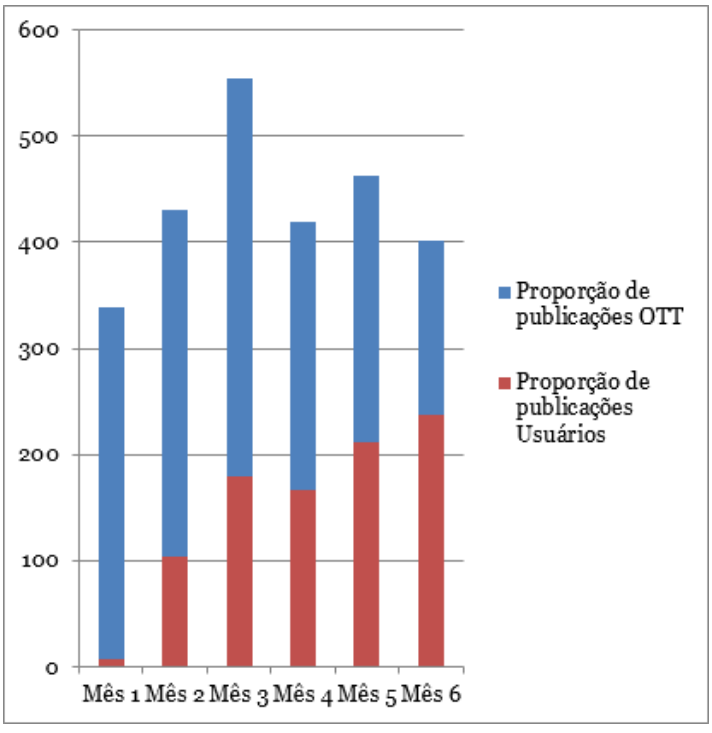
alertas disparados pelo OTT e de aumento dos informes emitidos pelos seguidores. No mês 5, a quantidade de informes dos usuários (212) ficou bem próxima da dos publicados pelos administradores da ferramenta (250); e no mês 6, pudemos observar uma inversão, com a quantidade superior de alertas de usuários (237) comparativamente aos informes do OTT (165).

Tabela 12: proporção mensal de publicações

Proporção de publicações		
Período	**OTT**	**Usuários**
Mês 1	331	8
Mês 2	326	104
Mês 3	375	180
Mês 4	252	167
Mês 5	250	212
Mês 6	165	237
Total	**1.669**	**908**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Gráfico 2: proporção mensal das publicações pelo OTT e usuários



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Ao final dos seis meses de observação, os administradores do OTT tinham publicado 1.699 alertas, o correspondente a 65,17% do total, enquanto os usuários haviam disparado 908 (34.83%) conforme a tabela 13.

Tabela 13: percentagem de publicações em 6 meses

Origem	Publicações	Percentagem
OTT	1.699	65,17%
Usuário	908	34.83%
Total	**2.607**	**100%**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Contudo, se isolarmos o mês 1 (análise preliminar) e somarmos as publicações feitas do mês 2 em diante, chegaremos ao total de 1.368 alertas feitos pelo OTT (60,31%) contra 900 informes emitidos pelos seguidores (39,69%). A diferença entre a percentagem obtida no período total de análise (seis meses) e aquela apontada nos cinco meses posteriores à análise preliminar mostra o decréscimo de postagens do OTT e o acréscimo de posts dos seguidores na ordem dos 4,86% (Tabela 14). Isso significa que, paulatinamente, ao longo do período analisado, houve uma inversão na origem dos alertas publicados no aplicativo. Enquanto os administradores foram reduzindo as emissões, os seguidores foram ganhando mais autonomia, aumentando o número de postagens.

Tabela 14: diferença de percentagem de publicações do OTT e usuários

Período	OTT	Percentagem	Usuários	Percentagem
Mês 1 ao 6	1.699	65,17%	908	34.83%
Mês 2 ao 6 (exclui pré-análise)	1.368	60,31%	900	39,69%
Diferença	331	**4,86%**	8	**4,86%**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Como poderemos detalhar mais adiante, esta evolução sugere a construção progressiva de uma rede colaborativa autorregulada de alertas da violência que vão se complementando entre aqueles publicados pelo OTT e os emitidos pelos usuários. Nesta espécie de virada nos modos de uso do *app*, muitas vezes os seguidores conseguem se antecipar e informar primeiro sobre determinadas ocorrências, ainda

que transmitam informações muito sucintas. Mesmo assim, foi possível notar a existência de confirmações em todos os alertas, o que demonstra uma menor importância dada à origem dos posts, desde que a informação divulgada seja minimamente credível.

De acordo com os dados obtidos na análise quantitativa, houve 46.395 confirmações, além de 3.834 comentários, nas 2.607 publicações feitas no *app*. Como nem todas as postagens são comentadas, obtivemos a média mensal de 7.732,5 confirmações para 639 comentários, como mostra a Tabela 15.

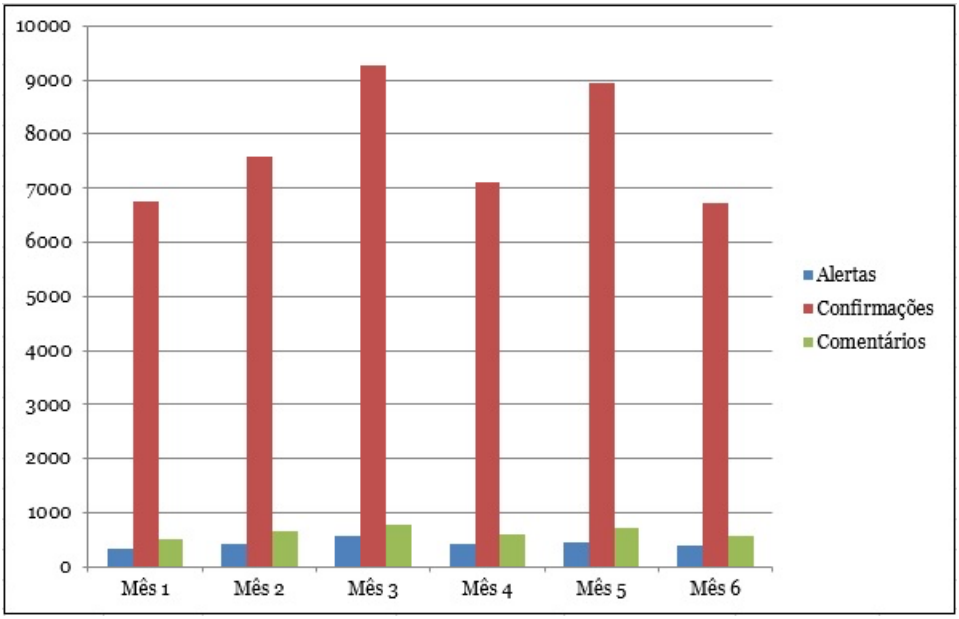
Tabela 15: reações dos usuários

Período	Alertas	Confirmações	Comentários
Mês 1	339	6 761	497
Mês 2	430	7570	654
Mês 3	555	9276	786
Mês 4	419	7113	597
Mês 5	462	8954	728
Mês 6	402	6720	572
Total	**2.607**	**46.395**	**3.834**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Pelo Gráfico 3, é possível ter uma noção mais clara das proporções das reações dos usários. Mesmo que a quantidade de alertas publicados no OTT não apresente grande variação ao longo dos meses, o volume de comentários está mais propenso a oscilar, enquanto o de confirmações tende a se manter elevado, notando-se o pico deste tipo de reação no mês de agosto.

Gráfico 3: reações dos usuários



Fonte: Dados recolhidos pela autora no *app* OTT

No geral, além da incidência dos alertas no *app*, a localização e a gravidade influenciam no envolvimento dos seguidores com comentários. Por isso, *Tiroteio*, *Disparos Ouvidos*, *Operação Policial* e *Utilidade Pública* acumulam a maior parte deste tipo de reação (Tabela 16).

Tabela 16: alertas mais comentados

Alerta	**Comentários**
Tiroteio	875
Disparos Ouvidos	377
Operação Policial	81
Utilidade Pública	28
Manifestação	16
Incêndio	14
Perseguição Policial	13
Arrastão	09
Carros na contramão	07
Roubo de carga	04
Total	**1.424**

Fonte: Dados recolhidos pela autora no *app* OTT

É importante ressaltar que a análise qualitativa desta investigação incide sobre os alertas mais comentados a partir da quarta semana do período de pré-análise (mês 1) até o mês 6, somando 1.424 comentários. Isto porque, como já referimos, o diagnóstico dos comentários não fazia parte do *hall* de preocupações desta investigação. A observação contínua durante o mês 1 demonstrou, no entanto, que essas reações não poderiam ser desprezadas e, só a partir da quarta semana, passamos a armazenar as expressões textuais dos seguidores.

Por fim, destacamos o formato do conteúdo disponibilizado no OTT. As publicações em formato de texto corresponderam à esmagadora maioria dos alertas: 2.378 posts no total. Já as postagens contendo vídeos ficaram em segundo lugar, somando 159 inserções. Destas, apenas 13 eram imagens de ocorrências de outros estados que não o Rio de Janeiro, sendo nove vídeos do Espírito Santo e três vídeos de São Paulo, ambos os estados na região Sudeste; e um vídeo do Ceará, localizado no Nordeste do Brasil.

Esta constatação indica, em primeiro lugar, que o OTT ainda não possui uma rede consistente de participantes que lhe garanta obter uma quantidade significativa de imagens da violência em outras regiões do país. Em segundo lugar, os dados reforçaram a necessidade de direcionar a observação para os noticiários televisivos locais do Rio de Janeiro, ainda muito centrados no tema violência urbana e, por isso mesmo, mais interessados e predispostos a utilizar flagrantes captados por cidadãos nas matérias exibidas.

É preciso lembrar ainda que, no aplicativo, não existem mecanismos para o acompanhamento das visualizações dos flagrantes da violência. Por esta razão, recorremos ao canal do OTT no *YouTube*, onde os vídeos também são armazenados. Na plataforma, os 159 vídeos disparados obtiveram 888.895 visualizações até o encerramento da observação em 15 de dezembro de 2020 (Tabela 17). Finalmente, as fotografias estavam presentes em 70 publicações, o que corrobora a ideia de que os administradores da ferramenta valorizam mais as imagens em movimento do que as imagens estáticas.

Tabela 17: formato dos alertas publicados

Formato	Quantidade	Visualizações
Texto	2.378	-
Vídeo	159	888.895
Fotografia	70	-
Total	**2.607**	**888.895**

Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

A observação do *corpus* diversificado desta investigação, juntamente com a recolha, sistematização e análise de dados quantitativos foram fundamentais para a reavaliação das hipóteses da pesquisa e para o avanço das entrevistas em profundidade. Finalmente, esta articulação de técnicas nos ofereceu pistas para compreender o fenômeno que envolve o fluxo de distribuição de flagrantes da violência urbana e que resulta na exibição das imagens produzidas pelos cidadãos comuns nos noticiários televisivos. De um lado, ele perpassa uma nova dinâmica de produção e consumo de notícia em dispositivos movéis e através de aplicativos baseadas na geolocalização. De outro lado, porém, evidencia a dependência dos jornalistas do material captado por não-profissionais da imprensa e os conflitos em torno da autoridade jornalística. Falaremos deste assunto nos próximos capítulos dedicados à análise qualitativa.

Capítulo 7. Reações e Comentários no *App*

Como os usuários se relacionam com o aplicativo OTT? Como percebem o papel e a função do OTT na comunicação dos eventos de violência urbana? Quais interações mantêm através da e com a ferramenta? Essa participação agrega credibilidade ao *app*? Neste capítulo procuramos privilegiar uma abordagem qualitativa, através da análise da participação dos usuários, com foco nos comentários publicados.

Ao longo do período de observação, foram contabilizados 1.424 comentários que, posteriormente, foram sistematizados e divididos em grupos conforme a característica de comportamento apresentada pelos seguidores. Em cada um desses grupos estão presentes reações semelhantes, isto é, uma mesma maneira de os usuários interagirem tanto com os gestores do OTT, quanto com os demais participantes. Com respaldo na Análise Temática (AT)[64], foram identificadas seis categorias de comentários: *Colaborativos*; *Contestadores* ou *Corretores*; *Denunciativos*; *Responsivos*; *Irônicos* ou *Sarcásticos*; e *Políticos*.

Como tivemos a oportunidade de demonstrar na seção anterior, os usuários foram responsáveis por 908 dos 2.607 alertas divulgados no período de análise, o correspondente a 34,83% do total. Muito embora tenhamos notado o crescimento paulatino dessa participação, é preciso lembrar que a maior parte das publicações ainda é levada a cabo pelos administradores da ferramenta. Por outro lado, a quantidade de reações observadas (46.395 confirmações) indica um elevado envolvimento dos participantes no aplicativo, incluindo os comentários.

7.1 Comentários Colaborativos

No geral, os comentários classificados como "Colaborativos" demonstraram uma preocupação em adicionar informações sobre as ocorrências, indicando, em alguns casos, a localização exata de confrontos, a movimentação das forças policiais, o tempo de duração de tiroteios e até mesmo a movimentação de criminosos e traficantes de drogas armados por determinadas localidades, como é possível observar na composição de três alertas da Figura 15.

No primeiro alerta da sequência (Tiroteio - 22 de julho), o usuário comenta: *"Como está a situação neste momento? Preciso ir para o trabalho"* e as respostas seguintes

[64] A AT é considerada uma técnica de análise qualitativa em que o pesquisador se debruça sobre um conjunto de dados recolhidos seja por meio de entrevistas, grupos focais ou séries de texto (Dias & Mishima, 2023, p.404). O processo começa quando "o pesquisador procurar, nos dados, por padrões de significados e questões de possível interesse à pesquisa" (Souza, 2019, p. 54).

parecem bastante assertivas: *"Sem tiro"* e *"Caveirão, retroescavadeira e muitos policiais do 16 batalhão mais sem tiros no momento"*. No segundo alerta (Tiroteio – 24 de julho), alguns usuários procuram situar os demais sobre a interrupção na circulação dos trens urbanos diante do confronto: *"Os trens aguardam a sinalização motivo intenso tiroteio em Manguinhos"* e ainda *"Trens ainda estão aguardando liberação, ou seja, não tem trem GRAMACHO"*. Por fim, no terceiro alerta (Disparos Ouvidos – 04 de outubro), um dos usuários escreve: *"Se você mora na vila da penha próximo ao morro da Fé...tem vários adolescentes na rua roubando pedestres e motoristas. CUIDADO"*. O último participante a comentar atualiza o informe poucas horas depois: *"Mais tiros agora (21h)"*.

Figura 15: comentários colaborativos



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Além de dinamizar as publicações no OTT, boa parte dos comentários colaborativos consegue aproximar usuários de uma certa localidade, mantendo-os inteirados de uma determinada ocorrência até o seu desfecho. Isso pode ser exemplificado na sequência destacada abaixo (Figura 16), composta por dois alertas que acumulam, respectivamente, 18 e 19 comentários.

No primeiro alerta (Tiroteio – 17 de julho), o encadeamento dos acontecimentos ocorre à medida que os usuários interagem com perguntas e respostas sobre a ocorrência registrada no bairro do Andaraí, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro. Nesse sentido, ressaltamos os seguintes comentários: *"Ainda ocorrendo muito tiro no*

Andaraí, ATENÇÃO”; *“Mais pro lado do grajaú ou da tijuca? qual localidade?”*; *“Na comunidade ou nas ruas próximas”*; *“Moro na rua Grajaú. Pelos disparos, foi mais para o lado da tijuca”*; *“Próximos ruas Leopoldo e Paula Brito”*; *“Obrigada. Ja parou?”*; *“Já parou sim”*; *“Muito obrigada”*; *“Por nada. Se cuida”*; *“Obrigada”*.

Através desse diálogo, podemos notar que, em pouco mais de 45 minutos, os usuários conseguem não apenas identificar o ponto aproximado de onde partem os tiros, como também tranquilizar os demais participantes situados em lados distintos da mesma região. Essa dinâmica de acompanhamento dos eventos é semelhante na segunda sequência (Tiroteio – 05 de setembro) que, embora tenha sido registrada em data diferente, diz respeito ao mesmo bairro, o Andaraí. Nesse caso, porém, os comentários vão ajudando a identificar o local dos disparos ao mesmo tempo que elucidam a dúvida dos moradores sobre um “clarão” observado no alto do morro. O motivo é apontado no último comentário sobre o ataque de criminosos à Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), base onde ficam os policiais militares responsáveis pelo patrulhamento, o que resultou na explosão do transformador de energia elétrica naquela localidade: *“Mais polícia indo para o local, ainda há tiroteio?”*; *“Diminuiu, mas tem muito clarão vindo do morro”*; *“Na verdade, acabou de voltar os tiros”*, *“Sim, os tiros continuam”*; *“Ouvindo os tiros do Grajaú”*; *“Alguém sabe informar a localização? Aqui da Rosa e Silva parece estar bem perto”*; *“Aqui da rua Uruguai não escuto nada, mas teve movimentação policial”*; *“Aparentemente os tiros diminuíram”*; *“Os tiros pararam um pouco, só um clarão, parece ser de um transformador saindo faísca”*; *“Atacaram a base a upp”*.

Em suma, os 19 comentários complementam o alerta, conseguindo, pelo menos naquele momento, responder as questões colocadas pelos participantes e fechar o circuito de informações sobre o tiroteio comunicado.

Figura 16: eventos acompanhados até o desfecho



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Dependendo do tipo de alerta e da gravidade do mesmo, o envolvimento dos usuários pode, inclusive, gerar novos informes na linha do tempo do OTT, alimentando, assim, um sistema contínuo de informações sobre situações de risco (Figura 17). No caso destacado abaixo, no primeiro quadro, há três alertas diferentes sobre ocorrências de tiroteio em regiões adjacentes da periferia do Rio de Janeiro, todos emitidos por usuários.

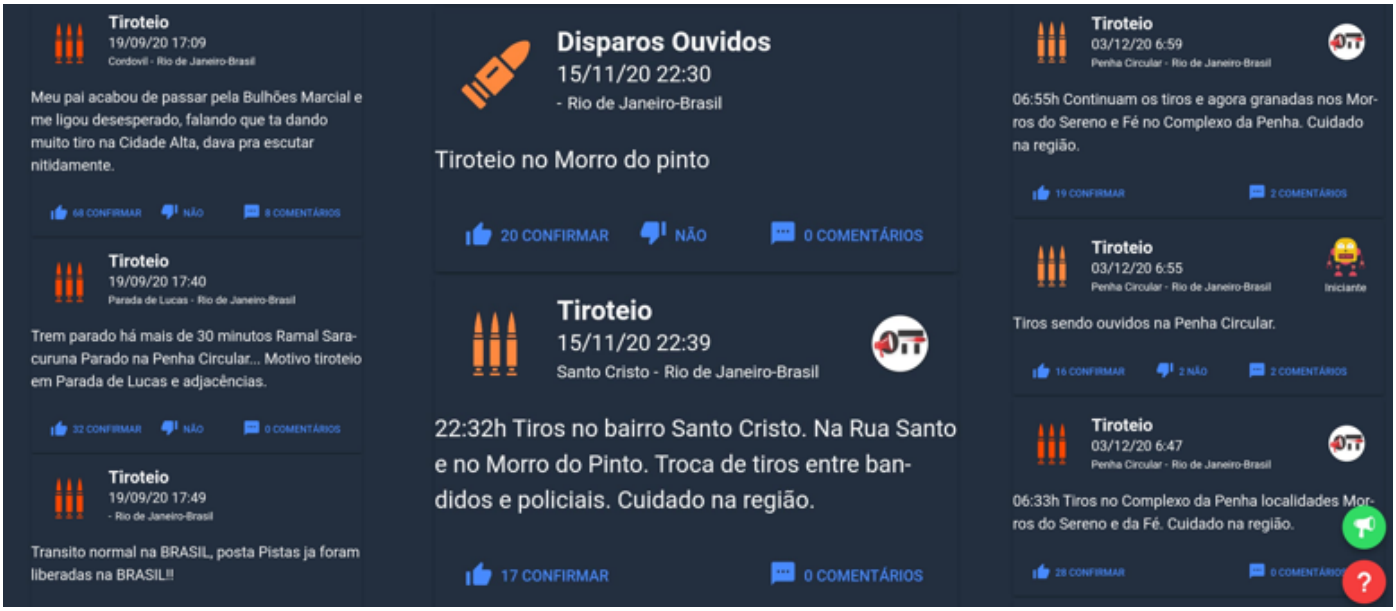
Às 17:09h, um deles publica: *"Meu pai acabou de passar pela Bulhões Macial e me ligou desesperado, falando que ta dando muito tiro na Cidade Alta, dava pra escutar*

nitidamente”. Em seguida, às 17:40h, outro participante alerta: *“Trem parado há mais de 30 minutos Ramal Saracuruna Parado na Penha Circular...Motivo tiroteio em Parada de Lucas e adjacências”*. Depois, às 17:49h, um terceiro usuário dá conta da normalização do trânsito na Avenida Brasil, via que corta toda a região: *“Pistas já foram liberadas na BRASIL”*.

No segundo quadro, o alerta “Disparos ouvidos” é publicado por um usuário, às 22:30h: *“Tiroteio no Morro do pinto”*. A atualização, porém, será feita pelo OTT em um novo post, às 22:39h, desta vez como “Tiroteio”, um nível mais grave que o anterior e englobando todo o bairro: *“Tiros no bairro Santo Cristo. Na Rua Santo e no Morro do Pinto. Troca de tiros entre bandidos e policiais. Cuidado na região”*.

Já no terceiro quadro, notamos a alternância dos alertas de “Tiroteio” na região denominada Penha Circular. De acordo com a sequência, às 06:47h, o OTT publica: *“Tiros no Complexo da Penha localidades Morro do Sereno e da Fé. Cuidado na região”*. Em seguida, às 06:55h, o usuário posta: *“Tiros sendo ouvidos na Penha Circular”*. Por fim, outra publicação do OTT, às 06:59h, relata que *“Continuam os tiros e agora granadas nos Morros do Sereno de da Fé no Complexo da Penha”*. Os três informes dão, portanto, a progressão do acontecimento.

Figura 17: publicação alternada de informes no *app*

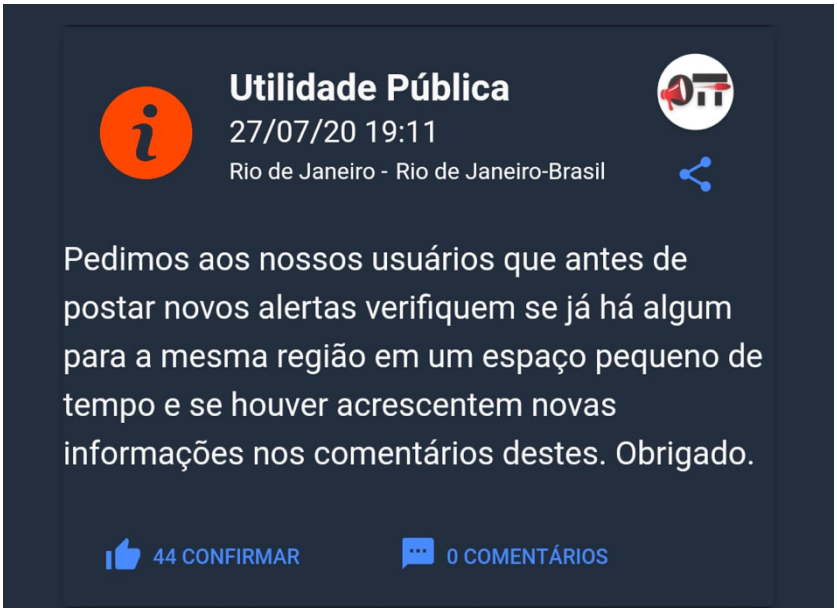


Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Durante o período de análise, notamos que algumas localidades tendem a aparecer com mais frequência nos alertas da violência. Nesses casos, o envolvimento dos participantes pode ser ainda mais intenso, levando à repetição de informes. Daí a

interferência dos administradores do OTT no sentido de evitar a confusão de informações e regular o uso do aplicativo, orientando os usuários para que mantenham a interação preferencialmente a partir de comentários, caso desejem atualizar ocorrências já publicadas (Figura 18).

Figura 18: Orientação OTT para usuários



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

A observação desses comentários indica a existência de uma consciência colaborativa entre os participantes e a disseminação do uso do aplicativo em determinados ambientes reconhecidamente conflagrados. De certo modo, isso sugere que o OTT vem conseguindo desempenhar o papel proposto inicialmente de promoção de uma comunicação ágil, feita de modo colaborativo, do cidadão para o cidadão. Essa comunicação, no entanto, parece estar ancorada em um valor fundamental para a credibilidade da ferramenta: o testemunho. Grande parte dos comentários dão conta de situações presenciadas pelos próprios participantes ou de eventos dos quais tomaram conhecimento por meio de pessoas próximas ou conhecidas, pertencentes ao círculo familiar ou de amizades.

Se alguns alertas destacados nas figuras anteriores dessa seção já indicam a presença desta característica, na sequência de quatro posts da Figura 19, o valor testemunhal dos comentários pode ser percebido com mais clareza. *"Eu estou dentro do 383 ficamos no meio do fogo cruzado sensação horrível"*; *"Trabalho no Hospital da Lagoa, tive que me abrigar longe das janelas. Muito tiro, pelo menos dois calibres diferentes. Aconteceu na Borges de Medeiros"*. Mas também: *"Vi 2 ambulâncias e 1 caminhão dos*

Bombeiros. Talvez tenham feridos. Deus proteja as vítimas dessa violência" e *"Os bandidos estavam com fuzis bem no meio da rua do Caja"*.

Já no agrupamento de quatro posts da Figura 20, o testemunho dos usuários aparece em comentários como: *"To na brasil esya fechada nos dpois sentidos"*; ou ainda *"Na subida da serra armados de pistola eu fui um dos assaltados queriam roubar dinheiro celulares e relógio"*. E também: *"Amiga de um primo meu esta presa até agora la dentro pois uma loja foi assaltada e a polícia bloqueou a saída de todos"*; *"Tentativa de roubo. A vítima, uma mulher, tentou fugir foi baleada no braço e já foi socorrida"*. De certa maneira, os erros ortográficos e de pontuação explícitos nessas postagens, mostram a tensão vivenciada pelas pessoas enquanto compartilham suas experiências de violência através de posts e comentários no aplicativo.

Figura 19: comentários de valor testemunhal



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Figura 20: comentários de valor testemunhal

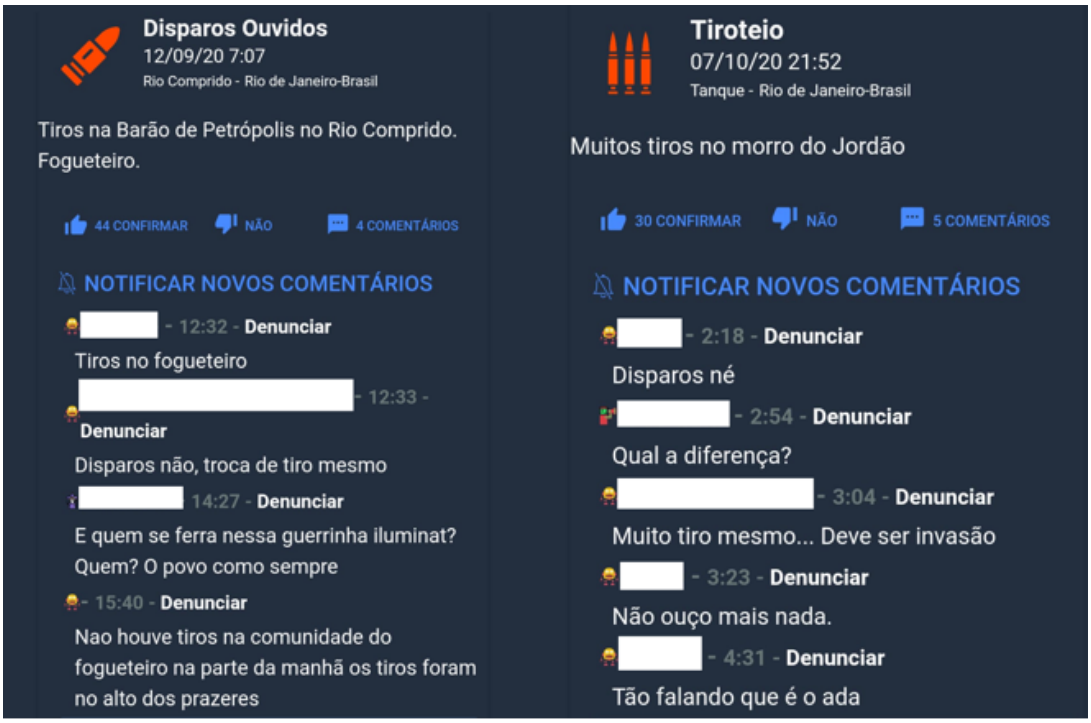


Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

7.2 Comentários Contestadores e Corretores

A complementaridade de informações característica dos comentários colaborativos, não raras vezes cede espaço para comentários "Contestadores ou Corretores", que podem questionar diferentes aspectos das publicações. De um lado, esses comentários indicam haver uma espécie de monitoramento das postagens pelos próprios usuários com a finalidade de evitar a propagação de informes incorretos ou demasiadamente imprecisos. Em determinados eventos, a contestação é quanto ao tipo de alerta, que pode apresentar um nível de gravidade considerado incompatível com o fato em si. A Figura 21 retrata bem esse comportamento dos usuários. No primeiro quadro, o alerta se refere a "Disparos ouvidos" no bairro do Rio Comprido, mas nos comentários, o participante relata: *"Disparos não, troca de tiro mesmo"*. Já o segundo quadro da sequência, apresenta uma situação exatamente inversa. O alerta é de "Tiroteio" no bairro do Tanque, contudo o usuário corrige: *"Disparos né"*.

Figura 21: comentários contestadores quanto ao tipo de alerta



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

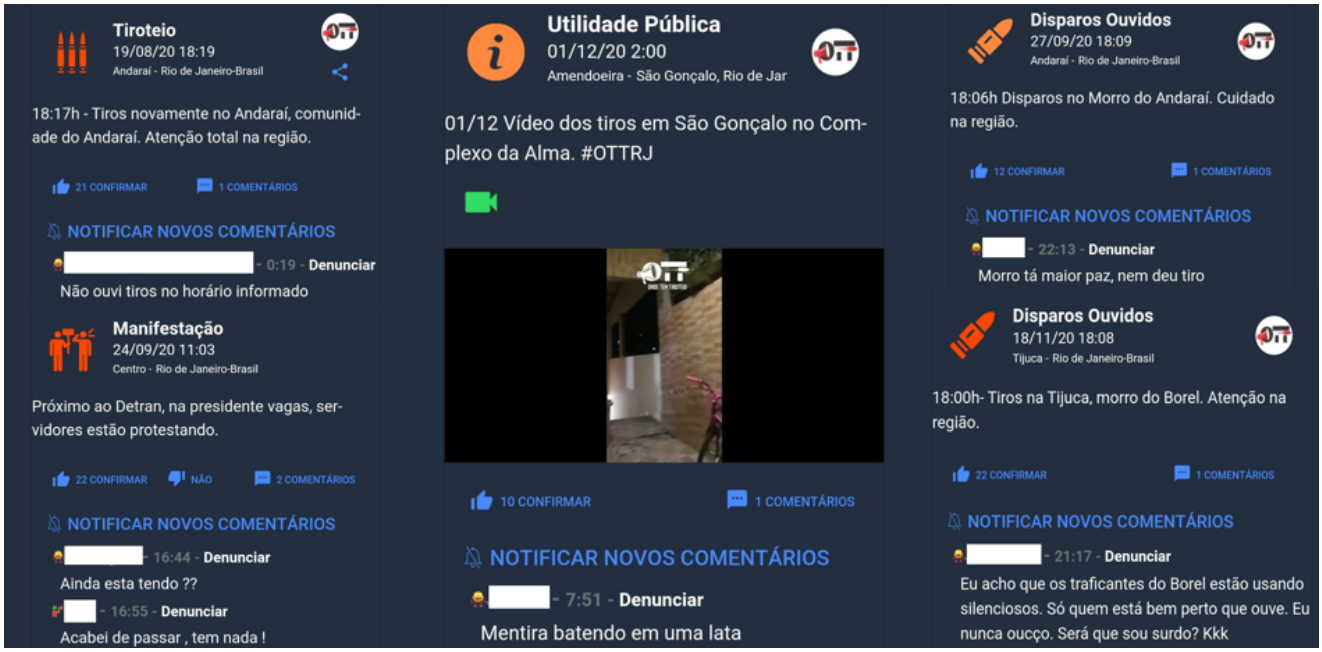
Em ambos os casos, as reações demonstram que as pessoas podem ter percepções diferentes sobre uma determinada ocorrência e que o entendimento sobre a gravidade desses eventos acaba dependendo da entrada e colaboração de outros usuários no diálogo travado através do aplicativo. Voltando ao primeiro quadro, o último

participante traz uma informação adicional sobre a ocorrência relatada e, por isso mesmo, demonstra uma maior convicção não apenas quanto ao nível de gravidade do alerta, mas também quanto à localização do evento quando afirma: *"Não houve tiros na comunidade do Fogueteiro na parte da manhã os tiros foram no alto dos Prazeres"*.

No segundo quadro, embora alguém sugira que a diferença entre tiroteio e disparos ouvidos não seja tão importante (*"Qual a diferença?"*), um terceiro comentário parece deixar a questão mais clara, sugerindo, inclusive, o motivo que originou o alerta: *"Muito tiro mesmo...Deve ser invasão"*. É interessante notar que, nos dois quadros em destaque, o número de confirmações é significativo, somando 44 no primeiro e 30 no segundo alerta.

Entre os comentários contestadores ou corretores, há aqueles que questionam a existência da própria ocorrência, como podemos observar no conjunto de cinco alertas que compõem a Figura 22. No quadro 1 (Tiroteio – 19 de agosto), o usuário escreve: *"Não ouvi tiros no horário informado"*. Abaixo, no quadro 2 (Manifestação – 24 de setembro), um dos usuários comenta: *"Acabei de passar, tem nada!"*. No quadro 3 (Utilidade Pública – 01 de dezembro), o OTT disponibiliza o vídeo da ocorrência, mas o participante a contesta, sugerindo que o som emitido não corresponde ao de disparos de armas de fogo, mas sim a uma simulação: *"Mentira batendo em uma lata"*. Já no quadro 4 (Disparos ouvidos – 27 de setembro), o comentário corrige: *"Morro tá maior paz, nem deu tiro"*. Finalmente, no quadro 5 (Disparos ouvidos – 18 de novembro), o usuário usa de ironia para contestar o alerta: *"Eu acho que os traficantes do Borel estão usando silenciosos. Só quem está bem perto que ouve. Eu nunca ouço. Será que sou surdo? kkk"*.

Figura 22: comentários contestadores da existência dos eventos

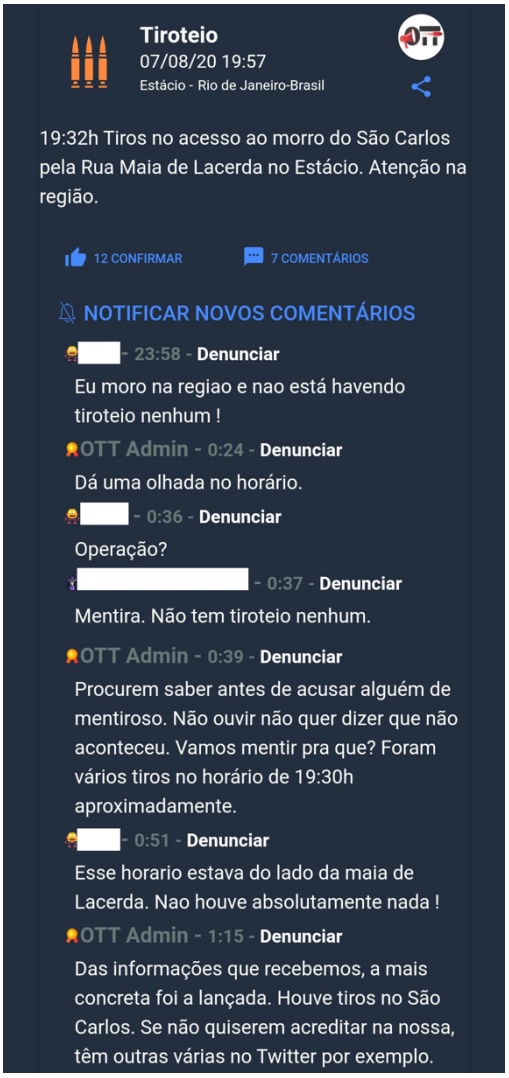


Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Como é possível observar, a contestação de alertas pode ocorrer tanto nas publicações de usuários quanto naquelas feitas pelos administradores do OTT. Neste último caso, observamos comentários que procuram ratificar um alerta contestado, como registrado na Figura 23.

O usuário afirma morar na região do alerta (Tiroteio – 07 de agosto) e escreve: *"...não está havendo tiroteio nenhum"*. O administrador rebate: *"Dá uma olhada no horário"*, indicando que o intervalo de tempo entre o post e o comentário influencia na percepção do evento. Outro participante é ainda mais incisivo: *"Mentira. Não tem tiroteio nenhum"*, obrigando o administrador a manter um posicionamento de defesa do próprio aplicativo e do seu papel: *"Procurem saber antes de acusar alguém de mentiroso. Não ouvir não quer dizer que não aconteceu. Vamos mentir pra que? Foram vários tiros no horário de 19:30h aproximadamente"* e completa: *"Das informações que recebemos, a mais concreta foi a lançada. Houve tiros no São Carlos. Se não quiserem acreditar na nossa, têm outras várias no Twitter por exemplo"*.

Figura 23: resposta OTT aos comentários contestadores



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Há dois aspectos importantes que podem ser inferidos do posicionamento dos gestores da ferramenta. Um deles diz respeito à procedência das informações que recebem sobre os eventos de violência urbana. Nesse sentido, os comentários indicam que diferentes fontes participam do envio de informações para os administradores do OTT e que os alertas só são emitidos a partir do momento que há uma garantia mínima da existência dos mesmos no local divulgado. O outro aspecto tem a ver com o cruzamento das informações que passam pelo aplicativo. O último comentário do administrador sugere que outras redes sociais digitais, como o *Twitter*, são consultadas para averiguar a circulação de informações e alertas semelhantes.

Ainda no âmbito dos comentários contestadores ou corretores, observamos a insistência de alguns usuários para que os informes de violência sejam cada vez mais completos, especialmente quanto à localidade da ocorrência. A Figura 24 revela esse

tipo de preocupação de forma bastante clara. O alerta publicado por usuário dava conta de um "Tiroteio" e trazia ao menos três lugares diferentes de uma mesma região: Bangu, Taquaral e a comunidade de Vila Aliança, o que o levou a ser contestado desde os primeiros comentários: *"Em que parte de Bangu?"*; *"Qual área?"*; *"Onde?"*. Entre as reações, duas ainda mais enfáticas chamam a atenção: *"Informem correto...Vila Aliança, Taquaral? Não é Bangu, informem no certo"* ou *"Amigo, esses tipos de alertas tem-se que informar a precisão, pois o acontecimento expoem vidad alheias"*.

Esse tipo de exigência também pode ocorrer em posts realizados pelos administradores do OTT, como observado no alerta "Tiroteio" da Figura 25, no qual o aplicativo relata a ocorrência de confronto no *"Complexo do Andaraí"*, próximo da *"Rua Souza Cruz"*. Em um dos comentários, o usuário coloca: *"Se é perto da rua Souza Cruz é no Morro da Cruz então!"*. Diante disso, os administradores insistem: *"O que foi informado é que foram PRÓXIMOS da Rua Souza Cruz, no Morro do ANDARAÍ"*, fazendo uso, inclusive, das letras maiúsculas para ressaltar o que havia sido divulgado. Ainda assim, nos comentários seguintes, o usuário situa as localidades, demonstrando um maior conhecimento geográfico da região: *"Próximo à rua Souza Cruz só tem o Morro da Cruz"*; *"Morro da Cruz é complexo do Borel"*; *"Morro da Cruz é uma coisa, morro do Andaraí é outra"*.

De certo modo, todos os alertas destacados até agora, além dos comentários por eles gerados, sejam colaborativos ou mesmo contestadores, indicam alguma mudança no procedimento de verificação direta do OTT sobre o qual falamos no capítulo 4 deste trabalho. Naquele sistema, os administradores costumam cruzar as informações passadas pelas fontes de confiança antes de concretizar uma determinada publicação no *app*, a fim de confirmar a veracidade dos eventos. Ao longo dos meses de análise, porém, o que percebemos foi uma crescente autonomia dos seguidores para publicar informes de violência no aplicativo, sem que os mesmos passassem por uma checagem prévia dos gestores da ferramenta, que agora tendem a fazer intervenções pontuais e em casos específicos.

Tudo isso reforça a ideia de que o OTT caminha para uma autorregulação, ou seja, um mecanismo de controle de informações interno, realizado pelos próprios usuários, que, ao compreenderem a função da ferramenta no seu cotidiano, passam a administrá-la em conjunto, melhorando, dessa maneira, o seu *status* e a tornando, por isso mesmo, não apenas útil como também ainda mais credível. A importância disso está no fato de conferirem credibilidade ao OTT não porque é organizado, gerido, abastecido ou verificado por profissionais oriundos da comunicação ou jornalistas profissionais, em particular; mas, ao contrário, porque são os próprios cidadãos a participar ativamente do seu funcionamento, abastecimento e da sua manutenção. Dito de outro modo, os

usuários parecem atuar dentro de uma lógica colaborativa, que agrega valor e fiabilidade às informações que são passadas no interior deste circuito independente criado e mantido por pessoas comuns, testemunhas daquilo que relatam.

Figura 24

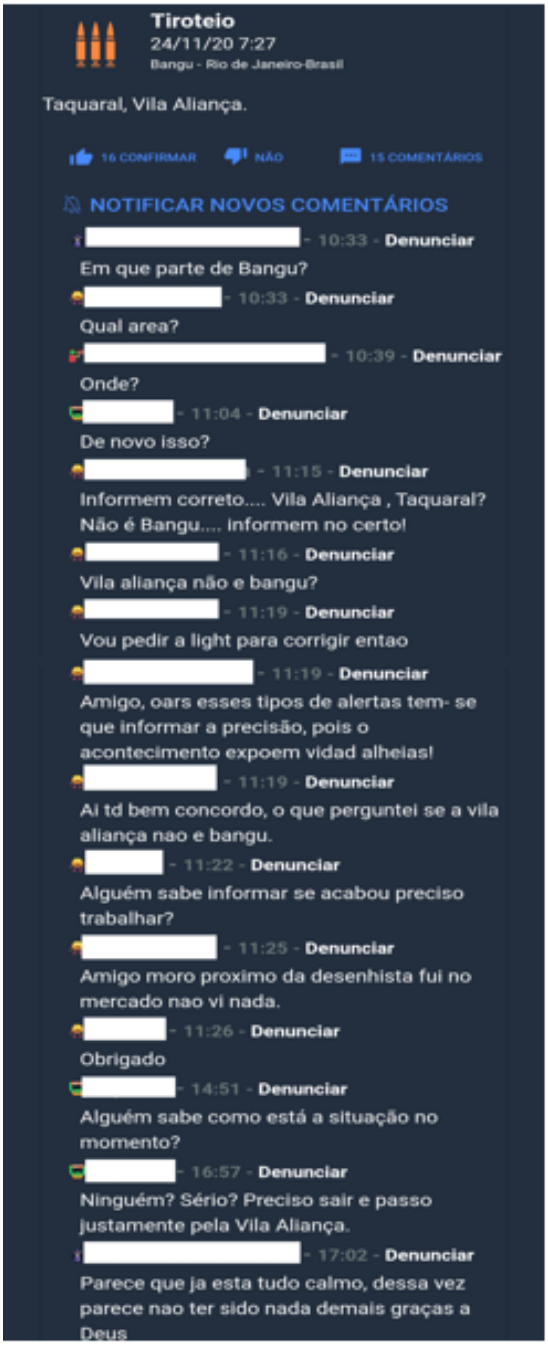
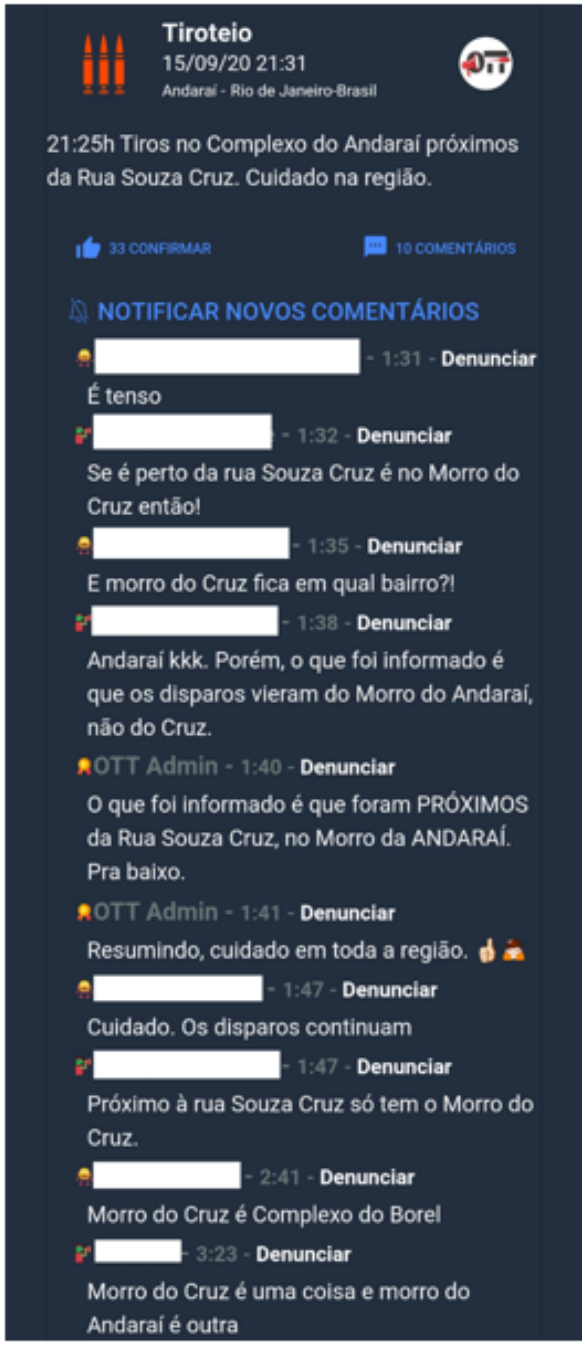


Figura 25



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

É esse sistema descentralizado e dinâmico de acompanhamento dos eventos cotidianos da violência que permite a confirmação ou a correção geral dos alertas, como pudemos

observar até agora. Essa lógica de colaboração informativa aparece de maneira mais genérica no conjunto de quatro publicações da Figura 26. Na primeira delas, para a questão: *"É verdadeiro gente?"*, as respostas de outros cidadãos são enfáticas: *"Simmm"* e *"Gente até granada da pra se ouvir"*. Na segunda postagem, diante da resposta negativa para a pergunta *"Alguém sabe se foi arrastão?"*, um dos usuários reafirma: *"Foi arrastão"*. Já na terceira publicação, há a sustentação do bairro registrado na ocorrência: *"...De qualquer forma é na Tijuca"*; e na última, o usuário assegura: *"Foi na silva vale, cavalcanti"*.

Figura 26: autorregulação de informes



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

A confiança no sistema colaborativo proposto pelo Onde Tem Tiroteio e a possibilidade que os participantes têm de não revelarem a sua real identidade acabam oferendo as condições necessárias para que muitos participantes se sintam estimulados a compartilhar denúncias, algo que, naturalmente, não fariam em outros ambientes considerados inseguros. É neste aspecto dos comentários denunciativos que centraremos a nossa análise na próxima seção.

7.3 Comentários Denunciativos

Os comentários "Denunciativos" têm como principal característica a revelação de situações de iminente perigo capazes de resultar em graves consequências, principalmente para os indivíduos que as testemunham ou para o conjunto de pessoas ao seu redor. Certamente, o ato de denunciar exige dos denunciantes a exposição de eventos, atitudes e comportamentos que fogem aos padrões de sociabilidade e às regras de conduta e ética que norteiam os modos de ser e estar de um determinado grupo, organização ou comunidade na sociedade. Daí as denúncias serem cercadas de preocupações, pois implicam tornar público algo que as pessoas preferem que permaneça desconhecido ou que passe despercebido pelo conjunto geral dos integrantes da sociedade. Não por acaso, as denúncias de esquemas de corrupção entre políticos, de suborno ou extorsão envolvendo agentes da segurança e até mesmo atos ilícitos praticados por agentes públicos são classificados como escândalos, com efeitos negativos sobre os indivíduos, as suas instituições e a própria sociedade. Por isso mesmo, as denúncias, independentemente do seu teor, são acompanhadas de muita tensão, pois, ao apontar tais desvios, os denunciantes também ficam mais sensíveis à exposição, ainda que tenham alguma garantia de anonimato, demonstrando a sua posição contrária e a rejeição àquilo que estão a tornar público.

Sendo assim, para denunciar o quer que seja, uma pessoa precisa acreditar que o ambiente onde a denúncia será feita e quem irá recebê-la podem lhe oferecer o mínimo de segurança, ainda mais quando a acusação envolve indivíduos inseridos no universo da criminalidade e em lugares onde a presença do Estado se faz sentir somente por meio da atuação das forças policiais.

Durante o período de análise, notamos que os comentários denunciativos aparecem com muito menos frequência se comparados aos colaborativos ou mesmo contestadores. Porém, quando foram observadas, essas denúncias se referem à situações bastante diversas, vivenciadas pelos moradores/usuários do aplicativo. A Figura 27, por exemplo, reúne denúncias sobre a localização de zonas de venda de drogas. No primeiro alerta, referente ao bairro de Mesquita, o usuário comenta em letras maiúsculas, chamando a atenção para a informação que disponibiliza: *"A RUA CORONEL AZEVEDO ATÉ A RUA INÁCIO SERRA EM CADA ESQUINA É UM PONTO DE BOCA DE FUMO"*.

No segundo alerta, o padrão de escrita se repete com o participante denunciando as atividades de traficantes no bairro Santa Amélia: *"BAILE DO TRÁFICO, DROGAS, CONSTITUIÇÃO DE MENORES, SOM ALTO QUE NÃO DEIXA O TRABALHADOR TER UMA NOITE DE SONO DECENTE"*. Por fim, no terceiro alerta, o usuário

denuncia não somente a venda de drogas, como também publica informações sobre o local, dia da semana e o horário de funcionamento do comércio de entorpecentes: *"No caracol tem uma boca de fumo quinta feira a tarde a polícia esteve la e teve tiros"*. O comentário nos permite inferir também que a chegada da polícia à região motivou o tiroteio alertado no OTT.

Figura 27: usuários denunciam venda de drogas



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Os seguidores do aplicativo denunciam ainda a movimentação e a circulação de criminosos armados na zona em que moram, como podemos perceber nos quatro alertas destacados na Figura 28. Ao comentar sobre os "Disparos Ouvidos" (26 de julho), no bairro de Pilares, o participante relata: *"Muito tiro depois eles deceram para a minha rua ficaram batendo no meu portão aí eu gritei barulho de policiais aí eles correram na moto para fugir muito tiro mano"*.

As palavras demonstram sentimentos como medo, angústia diante da iminência de um confronto armado, da possibilidade de ter a casa invadida e alívio pela fuga dos indivíduos. No alerta de "Tiroteio" (14 de dezembro), no bairro da Tijuca, porém, o comentário curto traz a denúncia da experiência de alguém que passou por uma situação semelhante, mas com final diferente: *"Entraram na minha casa"*.

Já através do comentário no alerta de "Tiroteio" (01 de agosto), em Cordovil, percebe-se a ingerência que indivíduos ligados ao mundo do crime podem ter sobre uma localidade ou região. Nesse sentido, o participante denuncia: *"o caveirao passou, e os bandidos atiraram, eles passaram de moto mandando todos fecharem os comércios"*. Por fim, e não menos importante, está o comentário no alerta de "Tiroteio" (03 de dezembro) em Amendoeira: *"Os bandidos estão indo pela mata"*, que denuncia a trajetória e estratégia de deslocamento daqueles agentes. Geralmente, as zonas de mata no alto dos morros abrigam esconderijos para armas e drogas e também costumam dar acesso às zonas controladas por facções criminosas "amigas", oferecendo mais garantias aos traficantes em fuga.

Figura 28: usuários denunciam circulação de criminosos



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

As denúncias, por vezes, assumem um lugar privilegiado no OTT, deixando de ser feitas em comentários para se tornarem alertas específicos na própria linha do tempo do aplicativo. Tudo nos leva a crer que o anonimato permitido pela ferramenta ofereça as condições para que usuários publiquem tais denúncias, como registramos na Figura 29. No alerta de "Tiroteio" (26 de julho) em Pilares, encontramos: *"BAILE DA CV NA QUADRA DO MORRO DO URUBU..COM MUITAS MOTOS E CARROA SUBINDO E PARANDO NA PORTA DE MORADORES..BANDIDOS FORTEMENTE ARMADOS DANDO MUITOS TIROS..ASSUSTANDO E DEIXANDO SEM DORMIR OS KORADORES E MUITAS CRIANÇAS DENTRO DE CASA..."*.
De certo modo, as letras maiúsculas demonstram o desejo do seguidor de chamar a atenção, talvez na tentativa de conseguir uma resolução ainda que temporária para o problema relatado. Por outro lado, o alerta funciona quase como um pedido de socorro de alguém que já não tem meios para lidar com a situação testemunhada.

Figura 29: denúncias publicadas como alerta



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Os demais relatos da figura acima são igualmente importantes para percebermos a função que os seguidores podem dar ao OTT como espaço de denúncia. O alerta de "Tiroteio" (06 de outubro) no Parque Paulista informa não somente sobre o roubo de veículos e caminhões, como também descreve a ação dos bandidos, praticamente no momento em que ela acontece. *"...Os Traficantes da Localidade do Parque Paz, utilizam coletivos e caminhões, para fechar os acessos. Há 1 ônibus da UNIÃO, na Esquina do CIEP HENFIL com a RUA 29. 1 Caminhão da coca-cola na esquina da RUA 16 com a RUA 29. 1 ômibus da TREL na esquina da RUA 16 com a RUA 34. E Veículos na RUA 27 com a RUA 15"*.

Esse tipo de descrição também está presente na denúncia feita por meio do alerta de "Utilidade Pública" (08 de novembro), no Jacarezinho: *"Bandidos passando armados livremente de pistolas entre jacare e manguinhos pelo buraco do lacerda"*.

Ainda no âmbito dos comentários e posts denunciativos, destacamos aqueles que remetem às situações mais corriqueiras, porém não menos incômodas, para os usuários. Essas publicações tendem a mostrar descasos variados na prestação de serviços públicos que comprometem a segurança e o bem-estar dos habitantes da cidade, como vemos na Figura 30. *"A mais de 24 horas poste de iluminação publica caindo com fiação energizada. Light fazendo pouco caso..."*; *"ABASTECIMENTO DA CEDAE EM HONÓRIO GURGEL COM ÁGUA BARRENTA DESDE ONTEM"*; *"Estação MARACANÃ, há 3 dias com a plataforma 3 às escuras. Não recebemos nenhuma notificação da chegada de trens..."*; *"Falta de agua em Parque Anchieta. Essa Cedae é uma vergonha. Vivemos uma pandemia com falta de água"*.

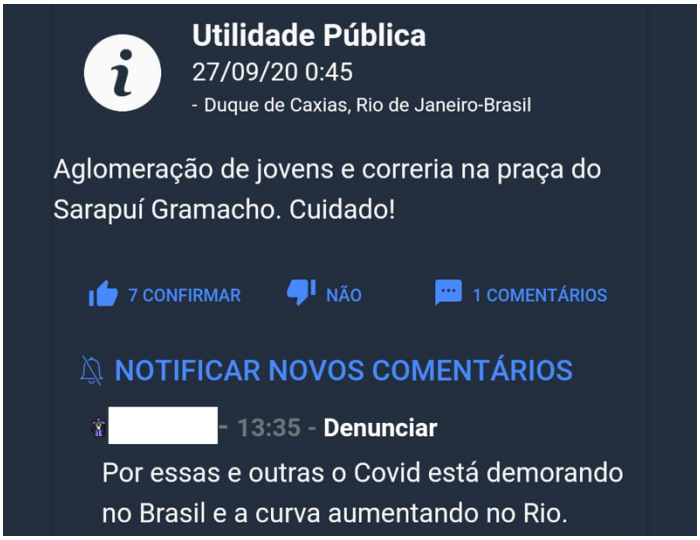
Figura 30: denúncias sobre a má prestação de serviços públicos



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Vale salientar que a pandemia de Covid-19 também gerou denúncias de comportamentos desaconcelhados pelos organismos de saúde internacionais, como, por exemplo, a aglomeração de pessoas em espaços públicos ou privados (Figura 31). *"Aglomeração de jovens e correria na praça do Sarapuí Gramacho. Cuidado!",* alertou o usuário em 27 de setembro de 2020.

Figura 31: Usuário denuncia aglomeração na pandemia



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

7.4 Comentários Responsivos

Entre as categorias de análise dos comentários, destacamos ainda os "Responsivos", identificados quando as reações dos usuários espoletam a necessidade de respostas por parte dos administradores, mas os levando a revelar os procedimentos usados na apuração e a fornecer novas informações ou, ao contrário, atestar suas próprias limitações e a impossibilidade de detalhamento dos informes. De certa maneira, esse tipo de comentário já pôde ser observado anteriormente num cenário de contestação, porém, nesta seção, mostraremos de forma mais particularizada as situações que tendem a gerar respostas mais incisivas do aplicativo.

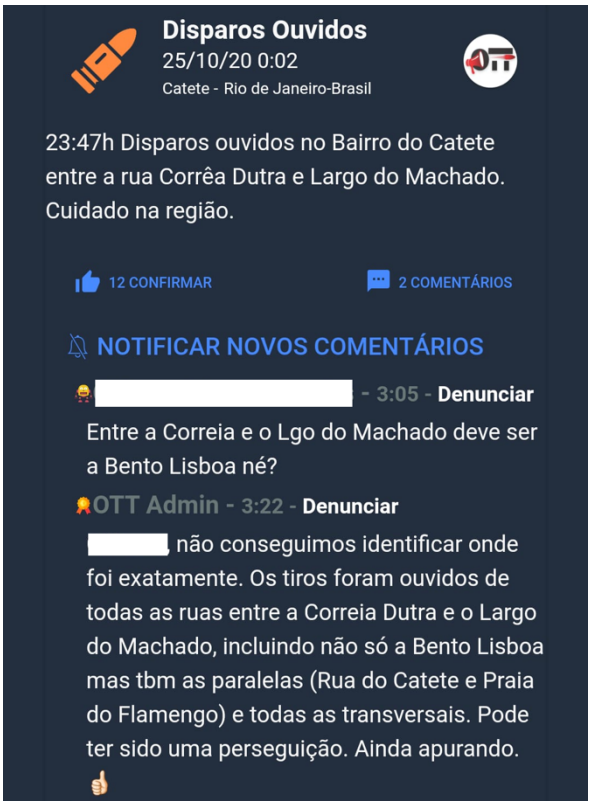
A primeira delas está relacionada às solicitações dos usuários por localizações mais minuciosas, como podemos perceber na Figura 32. No alerta "Disparos Ouvidos" (25 de outubro de 2020), o OTT informa que os tiros foram ouvidos no bairro do Catete, *"entre a rua Corrêa Dutra e Largo do Machado"*. Ocorre que esta localização parece bastante imprecisa aos olhos de um seguidor que comenta: *"Entre a Correia e o Lgo do*

Machado deve ser a Bento Lisboa né?". Vamos perceber que o posicionamento do aplicativo face ao comentário é revelador em alguns aspectos.

Primeiro, transparece a opção em anunciar uma localização o mais generalista possível dentro da área de alcance do alerta pela falta de informações exatas. *"Não conseguimos identificar onde foi exatamente"*. Depois, o próprio OTT indica que o tipo do alerta pode não ser o mais adequado, sugerindo que, na verdade, a ocorrência pode ter sido uma perseguição policial, uma vez que os disparos foram ouvidos de várias ruas: *"Os tiros foram ouvidos de todas as ruas entre a Correia Dutra e o Largo do Machado, incluindo não só a Bento Lisboa mas tbm as paralelas (Rua do Catete e Praia do Flamengo) e todas as transversais"*. Por último, o OTT demonstra que um alerta pode vir a ser disparado no *app* a partir de uma informação elementar, sem que a apuração esteja totalmente concluída, o que fica caracterizado na expressão *"Ainda apurando"*.

De certo modo, isso explica porque os administradores preferem emitir alertas do tipo "Disparos Ouvidos" quando estão diante de ocorrências imprecisas, não específicas ou inconclusivas. O mesmo acontece com a comunicação de eventos relacionados ao trânsito e sobre os quais não se tem a certeza de que tenham sido provocados por atos criminosos. Assim, em vez de alertar para uma ocorrência de "Arrastão", que é o assalto em sequência aos condutores de veículos, os administradores do OTT tendem a divulgar informes de "Carros na contramão". Nestes dois casos, a escolha por alertas com níveis de gravidade inferiores não significa que os administradores tenham dúvida sobre a atitude dos motoristas ou de que disparos tenham sido ouvidos, mas antes que não é possível afirmar com exatidão o que de fato aconteceu.

Figura 32: Resposta OTT em alerta impreciso



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

É interessante notar que os usuários do aplicativo parecem seguir este mesmo modelo de alertas quando são eles próprios a fazer publicações de eventos imprecisos. Isso pode ser observado no conjunto de alertas em destaque na Figura 33. No último alerta de "Carros na Contramão" (01 de setembro), o usuário sintetiza: *"Não se sabe o motivo"*, o que contrasta com os dois primeiros informes de "Arrastão", ambos feitos no dia 02 de setembro. Na ocorrência registrada em São Paulo, a localização é apresentada de maneira bem mais específica: *"Arrastão na cidade de Diadema, Av. São José altura do número 656 próximo a praça do Redondo"*. O mesmo pode ser lido na ocorrência publicada do Rio de Janeiro em que o usuário identifica a localização*: "Arrastão na Av. do Contorno no Barreto, Niterói, prox a Leroy Merlin"*.

Figura 33: precisão diferencia tipos de alertas



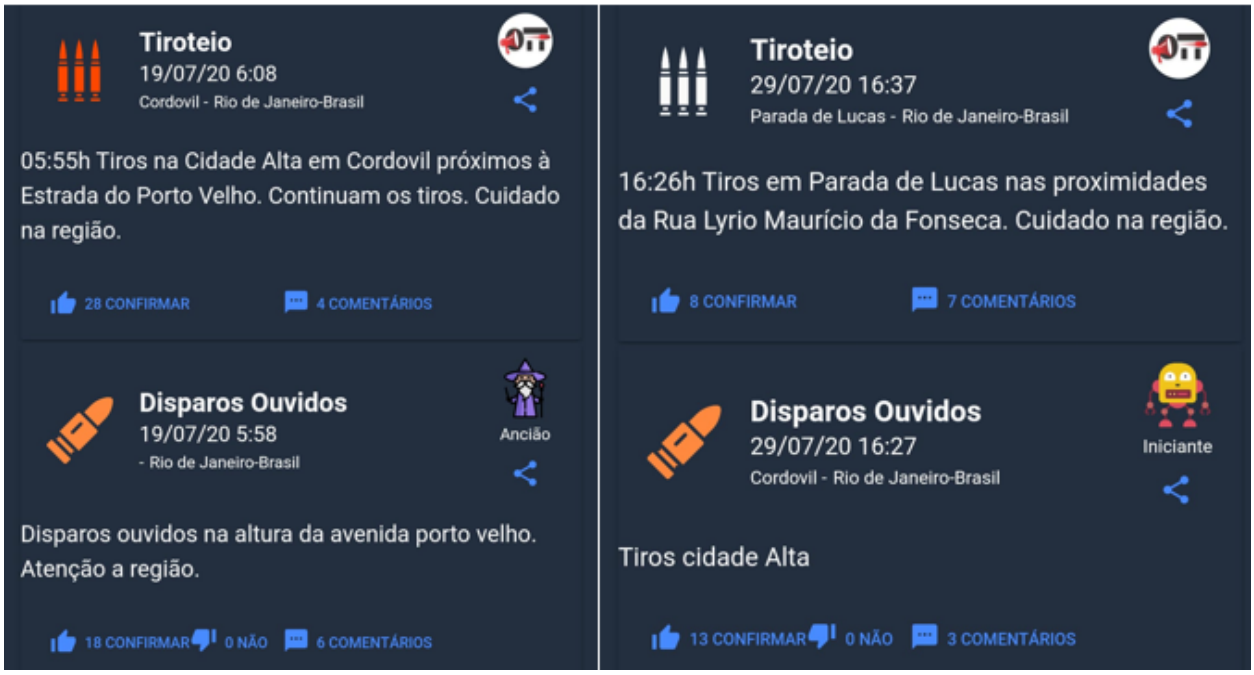
Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Por outro lado, essa dinâmica de publicação explica também porque a tipificação de um alerta pode variar em poucas horas, passando de disparos ouvidos para tiroteio ou perseguição policial, por exemplo, independentemente de quem o publica. Tudo vai depender da velocidade com que os administradores conseguem apurar e das informações que conseguem obter em um certo período de tempo, como podemos inferir da Figura 34.

No quadro da esquerda, o usuário classificado como "ancião", publica o alerta "Disparos Ouvidos", às 5:58h do dia 19 de julho de 2020, *"na altura da avenida porto velho"*. Dez minutos mais tarde, o OTT repete o alerta, mas o alterando para "Tiroteio" e afirmando: *"Continuam os tiros"*. No quadro da direita, o fenômeno é novamente observado. O seguidor classificado como "iniciante" publica o alerta "Disparos Ouvidos", às 16:27h do dia 29 de julho de 2020. Às 16:37h, o OTT modifica o alerta para "Tiroteio", especificando o bairro e trazendo detalhes da localidade da ocorrência: *"Tiros em Parada de Lucas nas proximidades da Rua Lyrio Maurício da Fonseca"*.

Esses exemplos também nos levam a crer que, em razão da autonomia que vão conquistando, os usuários muitas vezes se antecipam ao OTT e informam primeiro sobre uma determinada ocorrência. Por sua vez, o OTT procura acompanhar esses alertas, podendo responder aos comentários dos seguidores com novos informes recheados de informações mais precisas, incluindo vídeos e fotografias. Noutras vezes, os gestores do aplicativo apenas repetem o que os seguidores já relataram. Toda essa engrenagem acaba originando um ciclo ininterrupto de autoalimentação de alertas da violência urbana no *app*.

Figura 34: Mudança na tipificação de alertas



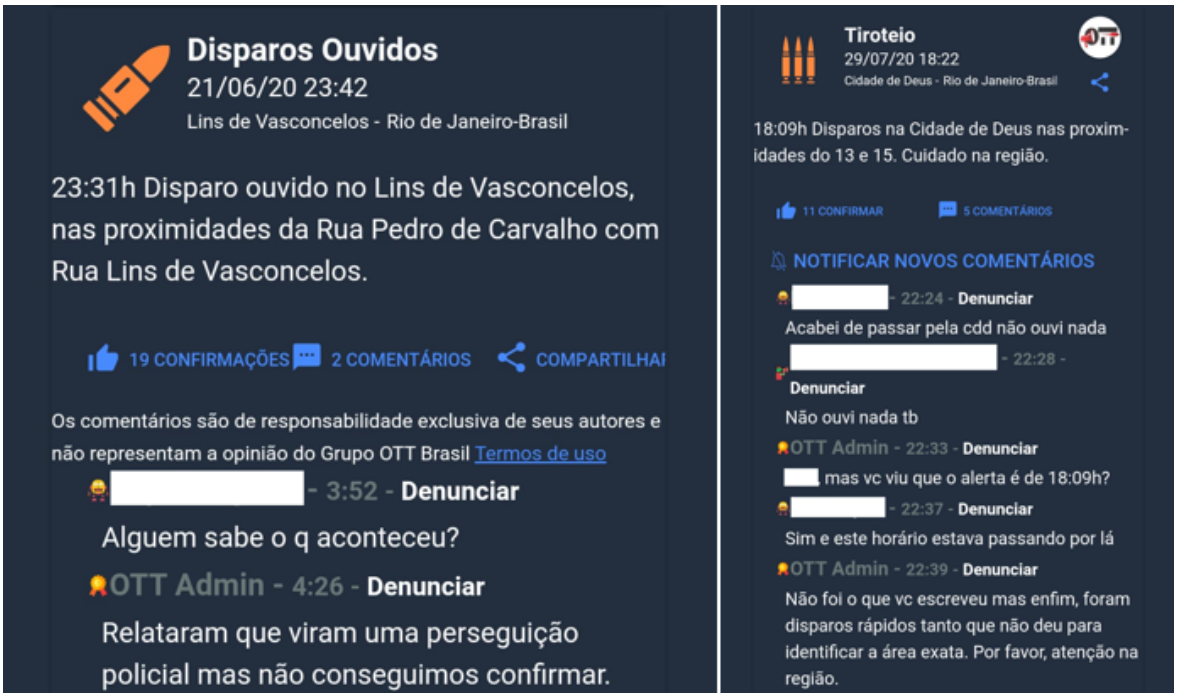
Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Mas nem sempre os administradores da ferramenta conseguem responder às demandas dos usuários, deixando evidentes as limitações do aplicativo nos comentários responsivos. Na Figura 35, diante do alerta de "Disparos Ouvidos" (21 de junho) publicado por um seguidor, outro usuário pergunta: *"Alguem sabe o q aconteceu?"*. Ao mesmo tempo que indica o provável motivo daquela ocorrência, a resposta do administrador OTT demonstra que as informações que possuem são inconsistentes e que também ficaram impossibilitados de avançar no processo de apuração: *"Relataram que viram uma perseguição policial mas não conseguimos confirmar"*. Talvez por isso, o OTT não tenha publicado um novo alerta com tipificação alterada para "Perseguição Policial", como vimos acontecer em outras situações.

No segundo alerta de "Tiroteio" da figura em destaque (29 de julho), um dos participantes contesta o horário informado (18:09h). Em seguidos comentários, afirma não ter ouvido nada, apesar de ter acabado de passar pelo local indicado. Contudo, entre o horário atribuído à ocorrência e a hora na qual ficaram registrados os comentários tinham passado cerca de 15 minutos, por isso o administrador OTT responde: *"..., mas vc viu que o alerta foi às 18:09h?"*. O usuário, então, ratifica o seu comentário anterior, afirmando que sim e que *"este horário estava passando por lá"*. Na última resposta do OTT, fica clara a ausência de uma apuração mais completa, capaz de dirimir a oposição. Desta maneira, resta ao administrador do aplicativo revelar que *"foram disparos rápidos tanto que não deu para identificar a área exata"*, o que, na prática, significa admitir um possível equívoco não somente na localização indicada, como também na própria tipificação do alerta. Uma vez que foram *"disparos rápidos"*, talvez o mais coerente tivesse sido alertá-los como "Disparos Ouvidos" e não "Tiroteio".

Não apenas neste aspecto, podemos afirmar que, nem sempre, os próprios padrões estabelecidos pelos administradores para o uso da ferramenta são obedecidos, suscitando, eles mesmos, dúvidas entre os usuários. Podemos dizer também que o confronto com os participantes força os administradores a manter uma autovigilância a fim de evitar erros e críticas que possam comprometer a credibilidade e eficácia do *app*.

Figura 35: Mudança na tipificação de alertas

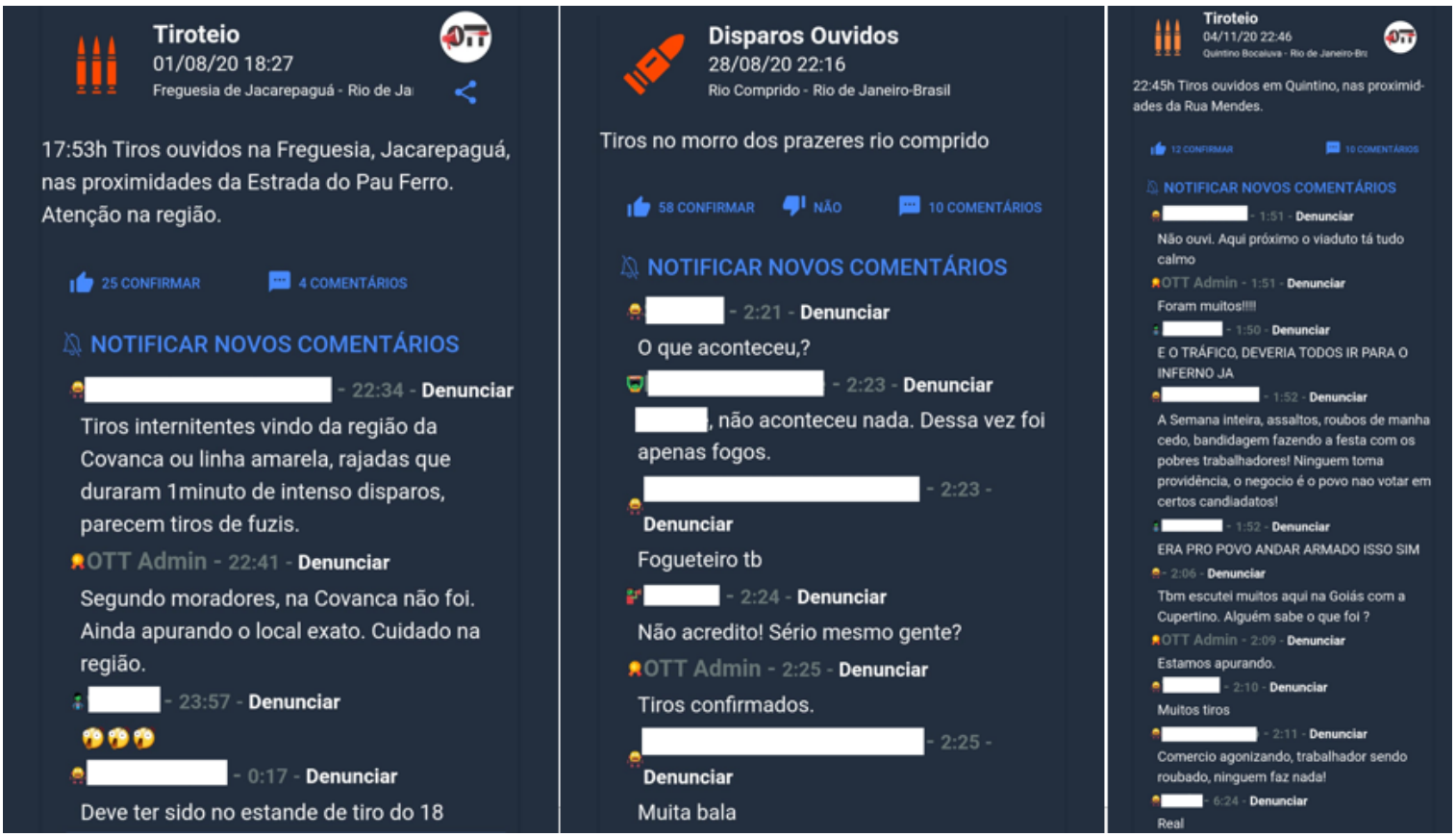


Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Em outros casos, os administradores do OTT acabam atuando como mediadores na tentativa de dirimir dúvidas levantadas pelos usuários, mas deixando claro que possuem fontes específicas e que, por isso, as suas informações se sobrepõem às divulgadas pelos seguidores. Podemos identificar tais comentários no conjunto de alertas da Figura 36.

No primeiro alerta de "Tiroteio" emitido pelo OTT (01 de agosto), o usuário comenta que trataram-se de *"tiros intermitentes vindo da região da Covanca"*. A partir daí, o administrador responde: *"Segundo moradores, na Covanca não foi. Ainda apurando o local exato"*. No segundo alerta de "Disparos Ouvidos" publicado por usuário (28 de agosto), a dúvida é se o barulho ouvido corresponde a disparos de arma de fogo ou fogos de artifício. O administrador intervém com o comentário: *"Tiros confirmados"*. Por último, no terceiro alerta de "Tiroteio" divulgado pelo aplicativo (04 de novembro), diante da dúvida sobre a ocorrência do evento levantada no comentário *"Aqui próximo o viaduto tá tudo calmo"*, o administrador responde de modo taxativo: *"Foram muitos"*.

Figura 36: comentários responsivos

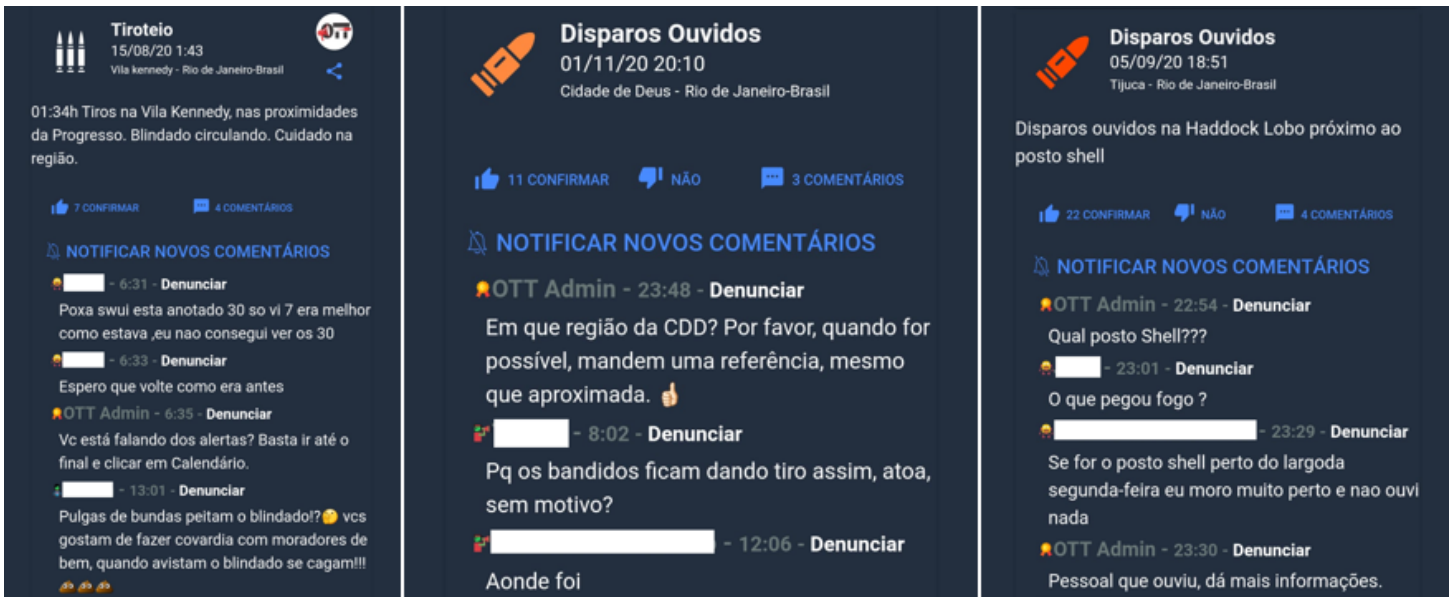


Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

De forma geral, ao longo do período de análise, percebemos uma baixa taxa de respostas dadas pelos gerenciadores do aplicativo (10 por mês, em média). Quando são identificadas, as repostas adquirem nuances por vezes pedagógicas, no sentido de ensinar a usar a ferramenta, ou de literacia, com a intenção de treinar os participantes para fornecerem informações mais precisas e detalhadas, com horário e local das ocorrência que relatam. Outras vezes, as respostas solicitam uma maior colaboração dos demais seguidores. Todas essas reações do OTT podem ser observadas na Figura 37.

No primeiro quadro, o administrador ensina como acessar os alertas publicados durante o mês: *"Basta ir até o final e clicar em Calendário"*. No segundo alerta publicado por usuário sem qualquer texto de apoio, o OTT solicita: *"Em que região da CDD? Por favor, quando for possível, mandem uma referência, mesmo que aproximada"*. Finalmente, no último alerta, o administrador tenta estimular outros seguidores a participarem: *"Pessoal que ouviu, dá mais informações"*.

Figura 37: comentários auxiliam seguidores no manuseio do *app*



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

7.5 Comentários Irônicos ou Sarcásticos

Na quinta categoria de comentários analisada, destacamos os "Irônicos ou Sarcásticos", que na sua totalidade são feitos pelos participantes do aplicativo. Muito embora possa parecer engraçado e divertido, o uso dessas figuras de linguagem em expressões

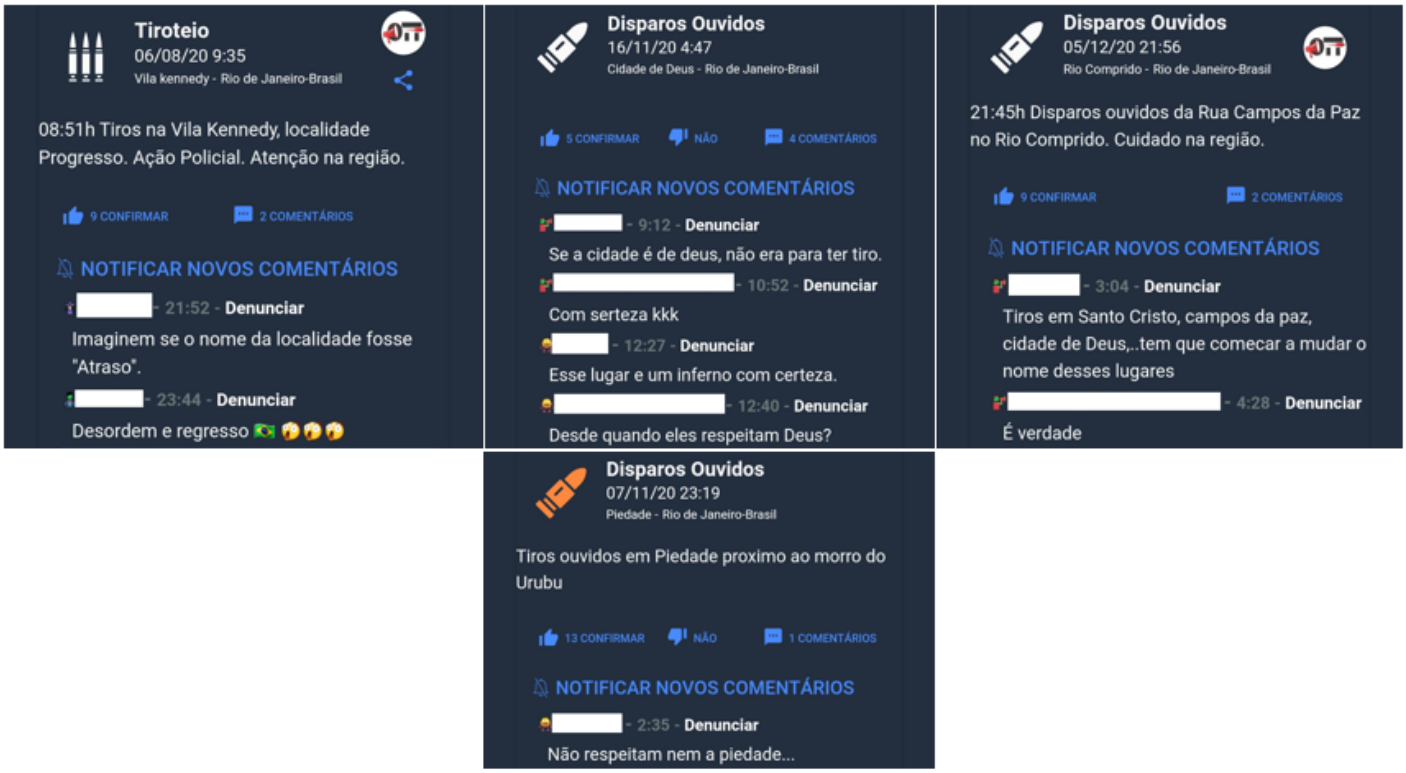
carregadas de termos curiosos, eventualmente incomuns ao vocabulário tradicional, faz transparecer a insatisfação dos usuários com o contexto social de violência ao qual estão submetidos. É comum, por exemplo, as ironias com os nomes de ruas, bairros e localidades onde as repetidas ocorrências de tiroteio, disparos ouvidos etc. contrastam com palavras como "progresso" e "paz".

A Figura 38 reúne um conjunto de comentários desta natureza, que passamos a observar. No alerta de "Tiroteio" (06 de agosto) para a localidade Progresso, o usuário destaca: *"Imaginem se o nome da localidade fosse "Atraso"*, explicitando a desconexão entre a denominação do lugar e o cotidiano de quem mora alí. O segundo comentário deste post ironiza ainda a frase escrita na bandeira brasileira. Em vez de "Ordem e Progresso", o usuário comenta: *"Desordem e regresso"*, completando a publicação com a figura da bandeira e mais três emojis gritando de medo.

Semelhantemente, no alerta de "Disparos Ouvidos" na Cidade de Deus (16 de novembro), o seguidor escreve: *"Se a cidade é de deus, não era para ter tiro"*. A ironia se mistura ao caráter religioso do comentário, seguido das intervenções de mais dois usuários: *"Esse lugar e um inferno com certeza"* e *"Desde quando eles respeitam Deus?"*.

Já os "Disparos Ouvidos" no bairro Piedade (07 de novembro), são assim ironizados pelo participante: *"Não respeitam nem a piedade"*. Por fim, o quarto alerta da sequência, ao comentar sobre os "Disparos Ouvidos" (05 de dezembro) na *"Rua Campos da Paz"*, o seguidor ironicamente sugere: *"Tiros em Santo Cristo, campos da paz, cidade de Deus,...tem que começar a mudar o nome desses lugares"*.

Figura 38: comentários ironizam nomes de localidades com registro de violência



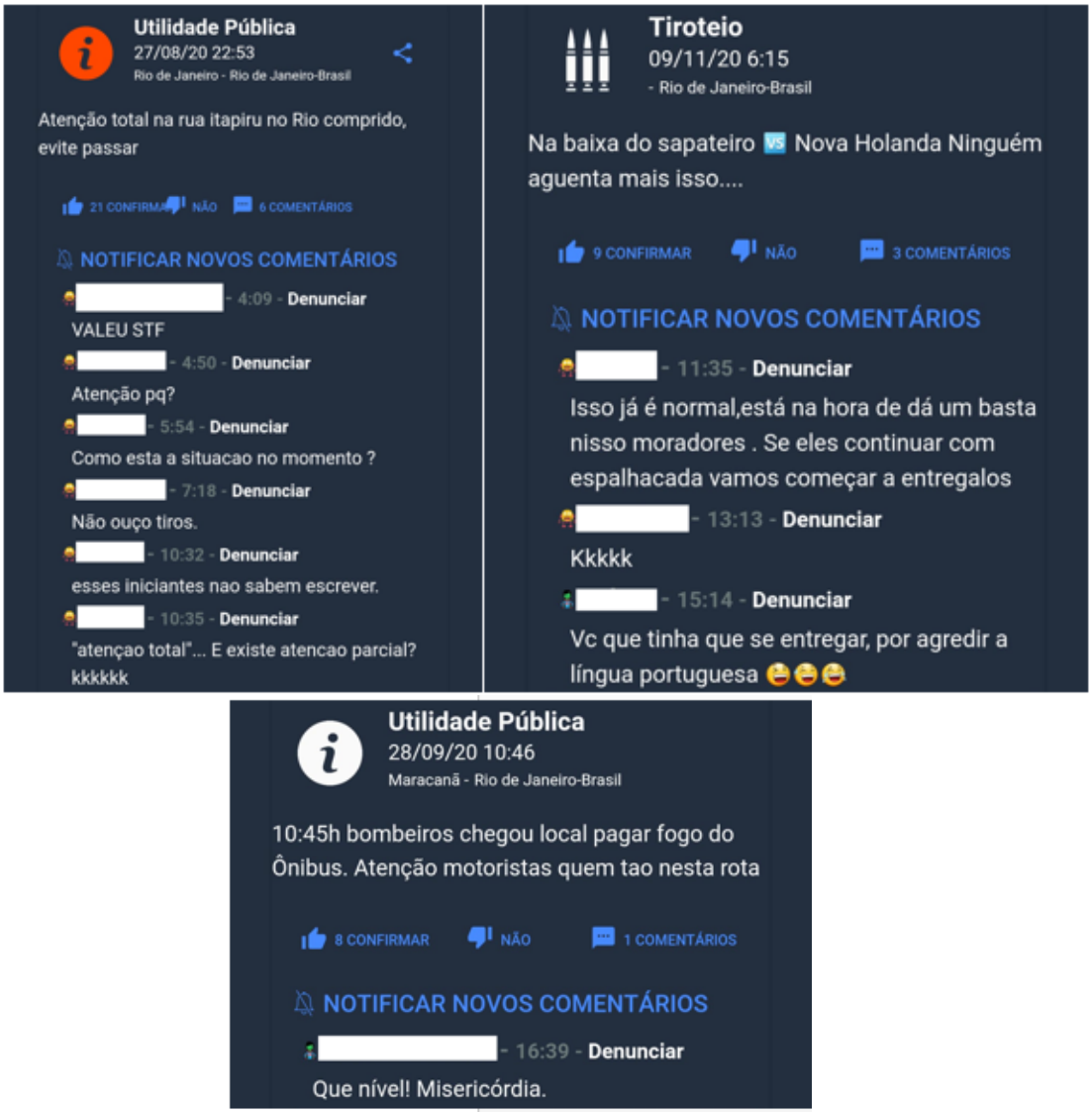
Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Algumas vezes, a própria escrita utilizada tanto na publicação dos alertas quanto nos comentários passa a ser o alvo da ironia e do sarcasmo dos participantes. Expressões incomuns, erros ortográficos, de concordância verbal e de pontuação, acabam por ser explicitados por meio desta figura de linguagem. Como podemos observar na Figura 39, no alerta "Utilidade Pública" (27 de agosto), o autor do post pede *"Atenção total na rua itapiru no Rio comprido",* mas ao contrário, é criticado em tom de deboche pela frase utilizada: *"esses iniciantes não sabem escrever"; "atenção total"...E existe atencao parcial? kkkkkk"*.

No caso do post seguinte, um "Tiroteio" (09 de novembro) no Rio de Janeiro, o primeiro usuário expressa assim seu descontentamento: *"Isso já é normal,está na hora de dá um basta nisso moradores. Se eles continuar com espalhacada vamos começar a entregalos"*. A utilização descuidada das regras línguísticas leva outro seguidor a publicar uma sequência de letras, *"Kkkkk",* que comumente simboliza o riso nos ambientes digitais, e um terceiro usuário a zombar: *"Vc que tinha que se entregar por agredir a língua portuguesa",* acrescentando à expressão três emojis, símbolos de alguém que está rolando de rir no chão.

No terceiro e último post da figura, um participante emite o alerta de "Utilidade Pública" (28 de setembro) com o texto: *"bombeiros chegou local pagar fogo do Ônibus. Atenção motoristas quem tao nessa rota"*. O único comentário é simples e carregado de ironia: *"Que nível! Misericórdia"*.

Figura 39: comentários ironizam erros gramaticais e linguísticos



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Apesar de termos notado uma maior incidência de comentários irônicos e sarcásticos nas situações apontadas acima, esse tipo de reação pode ser encontrada nas ocorrências mais diversas, tal como exemplificado na Figura 40. No primeiro caso, a realização de um baile é apontada como hipótese para o "Tiroteio" (30 de agosto) na Vila Pauline e um dos seguidores ironiza o problema, mas o relacionando com a pandemia de Covid-19 que no período mais dramático limitou o convívio social e suspendeu a realização de

festas, entre outras restrições: *"Espero que estejam usando máscara no baile",* em uma clara indicação de que se tratava de um evento ilegal naquele momento.

No segundo caso, o alerta de "Alagamento" (30 de outubro) no Grajaú é assim comentado por um seguidor: *"Quando nao e arratao e enchene"* que, apesar da falta de correção ortográfica, sintetiza a alternância de adversidades vividas pelos moradores do bairro. Finalmente, no terceiro caso de "Tiroteio" (10 de outubro) no Rio Comprido, o que aparece na ironia indica também a naturalização de uma situação preocupante: *"Mais um episódio da novela Bala Voadora!"*

Figura 40: comentários ironizam situações diversas



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

7.6 Comentários Políticos

Durante o período de análise do objeto empírico, identificamos ainda comentários categorizados como "Políticos". Ainda que de maneira mais residual, esse tipo de intervenção aparece em críticas muito relacionadas com a decisão do Superior Tribunal Federal (STF) que suspendeu incursões e operações policiais não justificadas no

interior de zonas de conflito armado no Rio de Janeiro, no período mais grave da pandemia de Covid-19.

A medida cautelar foi mais amplamente explicada no início deste capítulo. Ao levar em consideração os questionamentos de partidos políticos quanto à política de segurança pública baseada no confronto do então governador Wilson Witzel, a medida procurou salvaguardar a integridade física dos moradores de áreas consideradas de risco uma vez que a maioria das pessoas encontrava-se em casa na maior parte do tempo e, por isso mesmo, estava mais vulnerável às consequências das trocas de tiros durante as operações, além das balas perdidas.

A Figura 41 reúne exemplos de comentários políticos desta natureza. Eles foram mais comumente observados nos alertas de tiroteio e disparos ouvidos e em diferentes momentos registramos frases como: *"Foi o STF"*; *"Voltamos a normalidade do Areal. Obrigado STF"*; *"TRÁFICO VS TRÁFICO, POLÍCIA NÃO PODE ENTRA NAS FAVELAS STF"* e *"Ta tranquilo, depois a gente manda a conta para o STF..."*.

Os comentários que enfatizam a oposição de alguns participantes ao impedimento da entrada de policiais nas favelas, apontam, de maneira implícita, para o que acreditam ser as consequências da decisão: a ação mais livre de grupos criminosos e as disputas por territórios entre os indivíduos integrantes de facções rivais. Nesse sentido, vale ressaltar duas expressões: *"Voltamos a normalidade do Areal. Obrigado STF"* e *"TRÁFICO VS TRÁFICO, POLÍCIA NÃO PODE ENTRA NAS FAVELAS STF"*.

Figura 41: comentários contrários ao STF



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

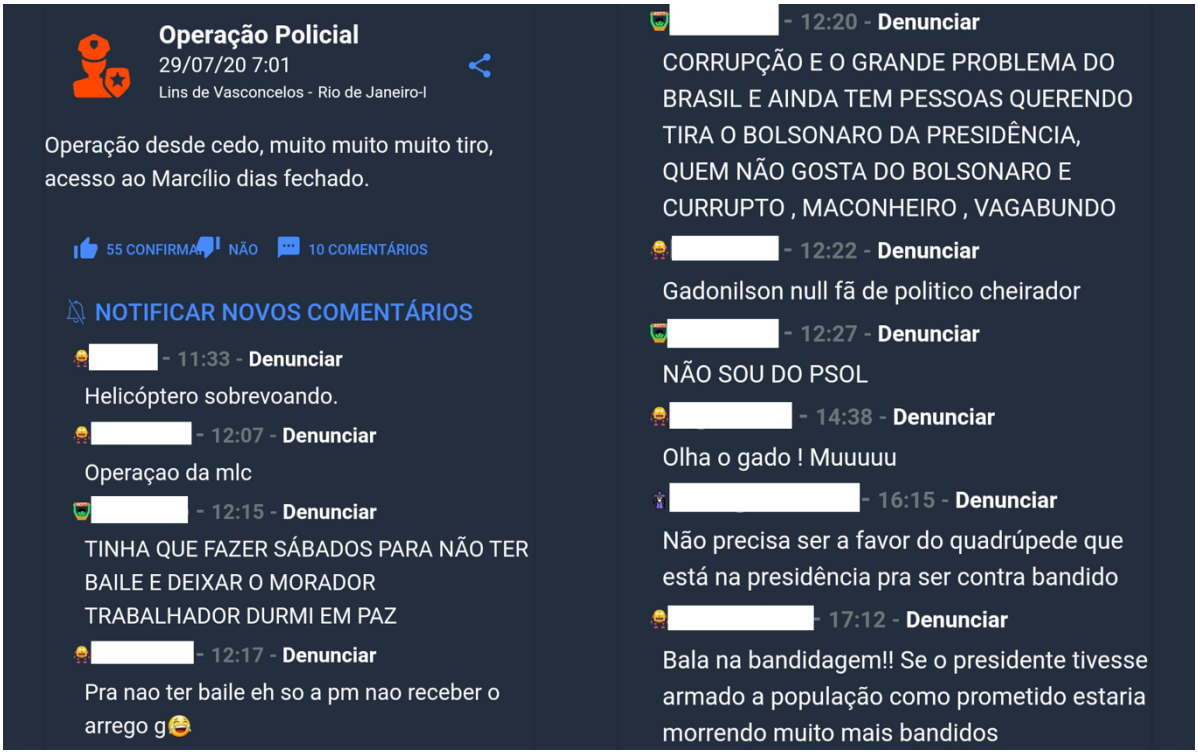
Por outro lado, é preciso chamar a atenção para o contexto político brasileiro mais geral de polarização desde as eleições de 2018. Derrotas sucessivas na Corte[65], levaram o então Presidente Jair Bolsonaro a desempenhar um papel preponderante no incentivo às manifestações populares em defesa do seu governo e contrárias aos Ministros do Supremo, à própria instituição e ao Poder Judiciário.[66] A produção de frases emblemáticas e até mesmo a presença de Bolsonaro em atos considerados inconstitucionais e antidemocráticos, encorajou gestos individuais e coletivos de oposição ao órgão máximo da justiça do país.

[65] Recuperado de <https://exame.com/brasil/relembre-cinco-episodios-em-que-o-stf-impos-limites-a-bolsonaro/>. Acesso 05 de setembro de 2021.
[66] Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-crimes-de-responsabilidade-que-bolsonaro-pode-ter-cometido-desde-o-inicio-do-mandato.shtml >. Acesso Acesso 05 de setembro de 2021.

Essa polarização, agora centralizada no ente STF, também pode ser verificada no alerta de "Tiroteio" (24 de julho) da figura destacada anteriormente. A publicação do OTT relata *"tiros no Jacarezinho, localidade Esperança"*. No segundo comentário, o usuário registra a crítica: *"Foi o STF"*. Em resposta, outro seguidor associa a frase ao grupo de apoiadores do presidente, mas fazendo uso de uma expressão ofensiva: *"Bolsomerda"*. A polarização política é tornada explícita no último comentário: *"Volta luladrão"*, em referência ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva[67] e às denúncias de corrupção que, entre outros fatores, resultaram na destituição de sua sucessora, Dilma Rousseff, e na saída do Partido dos Trabalhadores da presidência.

A posição política extremada de alguns participantes do aplicativo fica patente no post de "Operação Policial" da Figura 42.

Figura 42: comentários contrários ao STF



Fonte: dados recolhidos pela autora no *app* OTT

Na sequência do comentário *"CORRUPÇÃO E O GRANDE PROBLEMA DO BRASIL E AINDA TEM PESSOAS QUERENDO TIRA O BOLSONARO DA PRESIDÊNCIA, QUEM NÃO GOSTA DO BOLSONARO E CORRUPTO, MACONHEIRO, VAGABUNDO"*, outro usuário retruca com uma expressão de carácter depreciativo que correlaciona o seguidor anterior ao coletivo de animais cujo movimento se dá em manada e que foi

[67] Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito novamente Presidente da República do Brasil em 2022.

popularizada no Brasil em referência aos apoiadores do governo de Bolsonaro: *"Olha o gado! Muuuuu"*. Por fim, um terceiro participante parece querer equilibrar a discussão, apesar de também usar uma expressão pejorativa: *"Não precisa ser a favor do quadrúpede que está na presidência para ser contra bandido"*.

De modo geral, as reações e comentários dos usuários no aplicativo Onde Tem Tiroteio, sejam eles de caráter colaborativo, corretor, denunciativo, responsivo, irônico ou político demonstram os variados modos de estar integrado à dinâmica proposta pela ferramenta e de interpretar o papel do OTT em um meio social e político mais específico onde esses participantes estão inseridos. Nesse sentido, o OTT acaba por funcionar como uma arena onde não apenas são dispostos os problemas e os conflitos originados pelas diferentes experiências de violência urbana, como também as tentativas dos cidadãos comuns de se anteciparem a tais experiências, se não conseguindo efetivamente proteger uns dos outros, compartilhando informações e imagens capazes de tornar visível a realidade social ao seu alcance.

De certa forma, esses usos sustentam um sistema cada vez mais atento, descentralizado e autorregulado de alertas que conferem prestígio ao aplicativo e um *status* diferenciado em relação a outras ferramentas ou páginas de bairro, com efeito na posição que o OTT passa a ocupar junto à comunidade jornalística.

Capítulo 8. Distribuição de flagrantes e autoridade jornalística

Se no capítulo anterior procuramos categorizar e analisar os comentários dos usuários no *app* com o propósito de entender as suas interações, mas também a maneira como veem o OTT e a sua função dentro da dinâmica comunicacional da violência urbana, no capítulo 8, nossa preocupação estará centrada nas interações mantidas entre OTT e jornalistas. Em termos analíticos e de discussão, essa divisão é importante porque enquanto as relações entre OTT e usuários se revelam colaborativas, as relações existentes entre OTT e jornalistas apresentam conflitos de interesse com reflexo nas disputas em torno da autoridade.

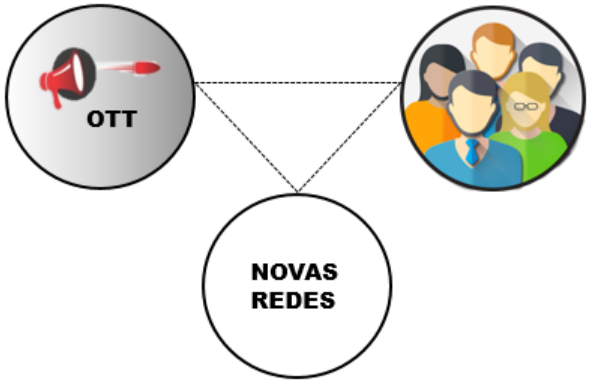
Assim sendo, traçamos representações esquemáticas do fluxo de distribuição de flagrantes da violência, a fim de mostrar como o OTT se articula com diferentes agentes, entre eles os usuários, jornalistas, informantes, as redes sociais digitais etc., para se firmar como ferramenta mediadora, reunindo informações e imagens credíveis. Essa capacidade, juntamente com as mudanças provocadas pela tecnologia nas rotinas profissionais, promove a confiança dos jornalistas no OTT, elevando a ferramenta de mera fonte à *app* de *status* jornalístico.

Os depoimentos dos jornalistas para este trabalho mostram a dependência do material fornecido pelo OTT, uma vez que a insegurança da cobertura em áreas conflagradas afastou os repórteres. Dessa forma, eles acessam esses territórios por meio da ferramenta, aproveitam a apuração e o conteúdo imagético distribuído, mas tendem a obscurecer a origem dos flagrantes nos noticiários com o intuito de preservar a autoridade profissional.

8.1 Fluxo de informação e flagrantes da violência

As informações e os flagrantes publicados no OTT estão inseridos em um fluxo de distribuição bastante complexo, multidirecional, veloz, intenso e infindável. Internamente, o aplicativo e os usuários são os seus principais motores. Funcionando, simultaneamente, como receptores, fornecedores e distribuidores, ambos atuam para que as informações e imagens da violência urbana extrapolem o ambiente controlado da ferramenta e cheguem a outros agentes e redes por onde possam circular sem restrições, alcançando um número ilimitado de pessoas, conforme o esquema representado na Figura 43.

Figura 43: fluxo interno de distribuição



Fonte: elaborado pela autora

Depois de serem divulgados para os usuários da ferramenta, as informações e os flagrantes costumam ser imediatamente disponibilizados no grupo do *WhatsApp* para jornalistas, o *OTT-RJ – Imprensa*. Lá, porém, a relação entre o aplicativo e os jornalistas é ambígua, poucas vezes assumindo a forma colaborativa.

A relação com a imprensa, de maneira geral, é importante para o *app*. Os jornalistas, em particular, tornam-se fontes valiosas, pois as informações e imagens divulgadas por eles no grupo tendem a suscitar interesse e perguntas dos administradores, mas o material raras vezes é utilizado para gerar alertas no aplicativo. Essa é uma dinâmica bastante diferente daquela estabelecida com os usuários e mostra a existência de conflitos de interesse entre OTT e jornalistas. De um lado, o aplicativo procura preservar o seu *status* de ferramenta mediadora credível, utilizando os jornalistas como difusores e como fonte, aprofundando a apuração das informações com informantes de confiança. De outro lado, os jornalistas se valem da agilidade da apuração do OTT, mas somente divulgam os flagrantes publicados pelo aplicativo quando não obtêm imagens limpas[68] para ilustrar as matérias. Sobre este último ponto falaremos mais a frente.

O acompanhamento de dois eventos de violência, ocorridos no dia 26 de agosto de 2020, nos ajuda a compreender a diferença das relações existentes entre OTT e usuários, e OTT e imprensa, além nos oferecer uma visão mais extensa do fluxo de distribuição de informações e imagens que envolve o aplicativo.

Acontecimento 1 – Tiroteio no bairro do Humaitá

Naquele dia, às 13h47 (horário do Brasil), uma jornalista do grupo *OTT-RJ – Imprensa* informa sobre um tiroteio no bairro onde mora: *"Tiros agora no Humaitá, muito*

[68] Por imagens limpas entende-se imagens sem marcações e sinais, como, por exemplo, logomarcas, que comprometam a visualização integral e a compreensão do espectador.

barulho” e disponibiliza um vídeo com viaturas nas proximidades. Rapidamente, um dos administradores reage, agradece a informação. O alerta de “Tiroteio” é disparado no aplicativo às 13h50, mas com informações complementares às passadas pela jornalista: *“Tiros sendo ouvidos próximo ao túnel do Rebolças e Lagoa em possível perseguição policial, inclusive estão sendo ouvidos do Humaitá. Atenção na região”.*
O alerta é compartilhado com os jornalistas, juntamente com a explicação de que *“foi uma perseguição policial que se iniciou na Lagoa com tiros e terminou naqueles prédios próximo a entrada da galeria”*, sem revelar, contudo, como e com quem o OTT fez a apuração. Finalmente, às 13h59, a jornalista que deu início à divulgação do tiroteio no grupo endossa as informações, trazendo o relato testemunhal da própria irmã que *“mora na Pio Correia e disse que lá tem muito policial”*. Em suma, podemos dizer que em 12 minutos, o OTT conseguiu agregar informações oriundas de três fontes distintas, a jornalista e a sua irmã, além de uma fonte não revelada (Figura 44).

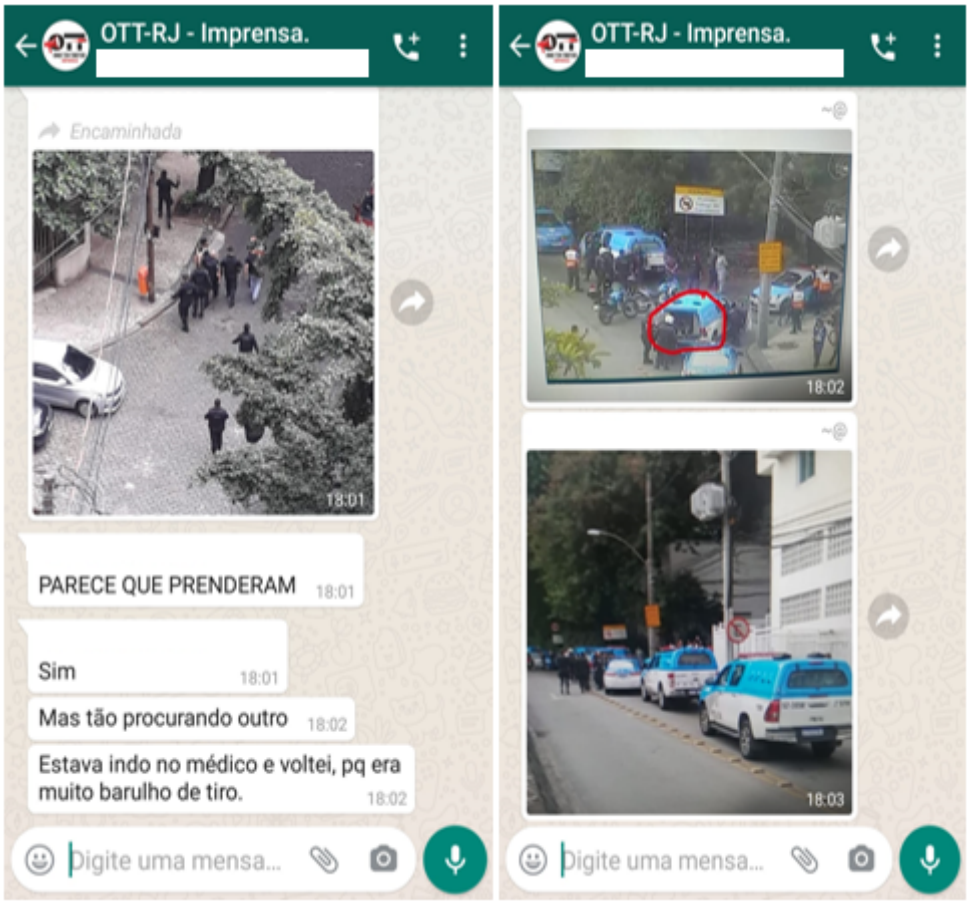
Figura 44: fluxo de distribuição entre jornalistas e OTT



Fonte: prints recolhidos pela autora

Mas a observação específica do fluxo das imagens do tiroteio e dos eventos que se seguiram é ainda mais interessante. Às 14h01, a jornalista compartilha com o grupo a foto de um homem detido por policiais. O termo “encaminhada” indica que a jornalista não é a autora da fotografia, mas que a recebeu de outra pessoa. No mesmo instante, o administrador do OTT compartilha mais duas fotos, uma delas mostra um homem preso dentro do carro da Polícia Militar. Desta maneira, no intervalo de 16 minutos, tinham sido disponibilizados um vídeo e três fotos no grupo (Figura 45).

Figura 45: fotos disponibilizadas no grupo



Fonte: prints recolhidos pela autora

O contorno em vermelho e o aspecto "lavado" da primeira foto do OTT acima destacada indica o emprego de recursos de edição para aproximar e marcar o elemento central: o homem preso. A foto mostra o mesmo local e possui um ângulo semelhante ao da imagem publicada no perfil do Centro de Operações Rio, órgão municipal responsável pelo monitoramento do trânsito na cidade, no *Twitter* (Figura 46). Essas características nos levam a considerar a hipótese de uma fonte no Centro de Operações ter capturado frames das imagens e repassado ao OTT, que as editou e publicou.

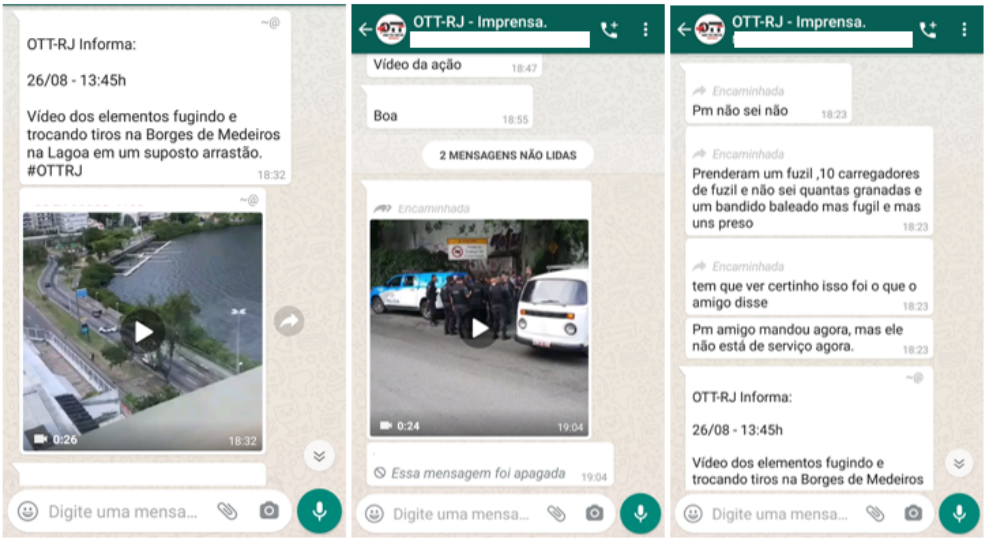
Figura 46: possível origem de foto OTT



Fonte: prints recolhidos pela autora

Para terminar esta sequência de compartilhamentos de imagens do tiroteio no Humaitá, às 14h32 o OTT divulga outro vídeo "*dos elementos fugindo e trocando tiros na Borges de Medeiros*" que se junta às novas imagens encaminhadas pela mesma jornalista, às 15h04. Ela também encaminha um texto com o balanço da ocorrência. Todo o material foi enviado por um *"Pm amigo"* que *"não está de serviço"* (Figura 47).

Figura 47: vídeos e fontes imprecisas



Fonte: prints recolhidos pela autora

O vídeo da troca de tiros na avenida foi usado nas matérias de três emissoras (*RecordTV*, *TV Globo* e *SBT*), mas sem crédito ao OTT (Figura 48).

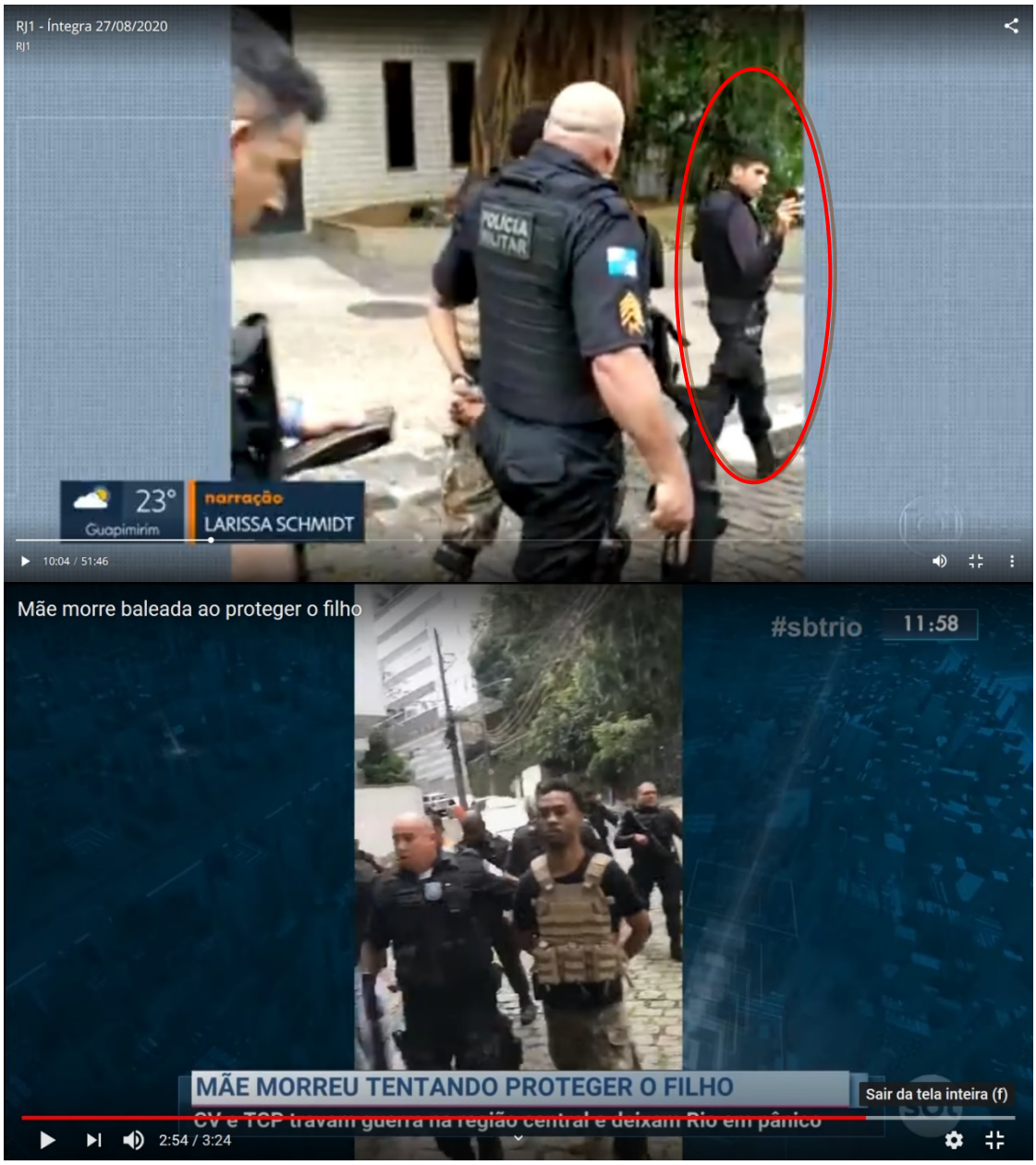
Figura 48: vídeos de perseguição nos telejornais



Fonte: prints recolhidos pela autora

Além disso, dois noticiários (*TV Globo* e *SBT*) exibiram flagrantes gravados de perto com a condução do homem detido pela polícia. Vemos essas imagens em destaque na Figura 49. Na primeira cena, vê-se um policial com o aparelho celular na mão direita, possivelmente gravando o suspeito. Já na segunda cena, o que vemos parece ser a imagem gravada pelo aparelho mostrado na cena 1. Isso indica que diferentes policiais gravavam a ação. Eles próprios podem ter enviado as imagens para os jornalistas ou para agentes conhecidos que as repassaram aos repórteres ("*Pm amigo*").

Figura 49: flagrantes gravados por policiais



Fonte: prints recolhidos pela autora

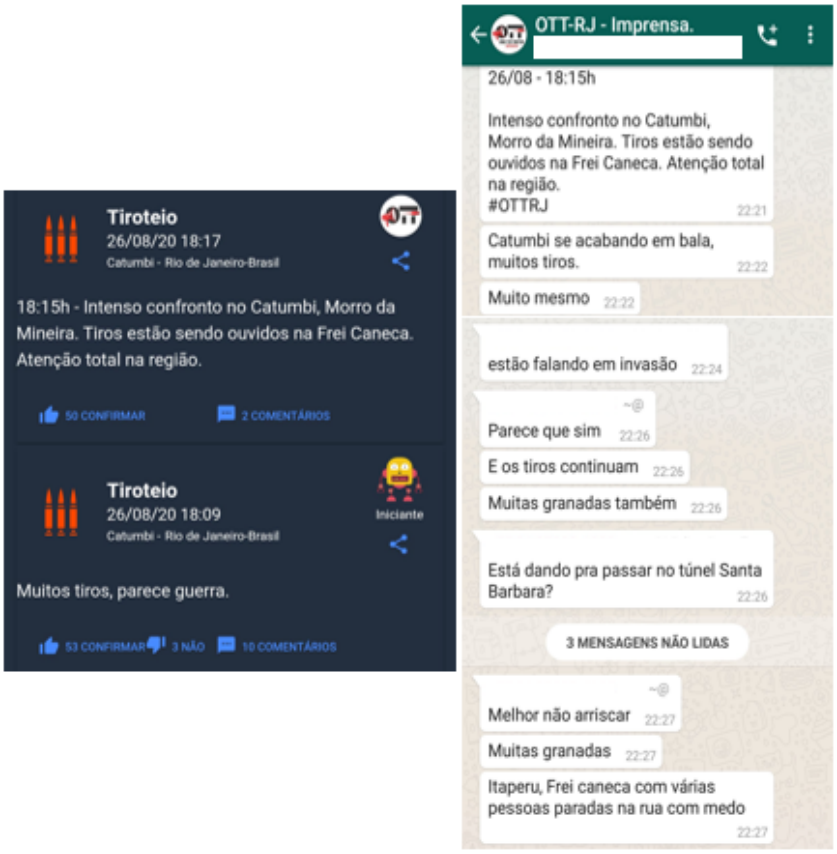
Vale salientar que nenhuma foto ou vídeo compartilhado pela jornalista foi utilizado para ilustrar alertas no aplicativo. Isso demonstra haver a preocupação do app em afastar a influência direta dos jornalistas sobre o que é divulgado na ferramenta, daí a cooperação entre OTT e imprensa ser apenas aparente.

Acontecimento 2 – Tiroteio no morro da Mineira

O primeiro alerta desta ocorrência é disparado no app por um usuário às 18h09 (horário do Brasil). Apenas oito minutos mais tarde, o OTT faz novo alerta sobre o tiroteio: *"Intenso confronto no Catumbi, morro da Mineira. Tiros sendo ouvidos na Frei Caneca. Atenção na região"*. O alerta é compartilhado com os jornalistas no grupo com a indicação de que há confronto intenso: *"Catumbi se acabando em bala, muitos tiros"*.

Os jornalistas reagem, informam se tratar de *"invasão"*, pedem orientações sobre o trânsito no local e recebem a indicação do OTT para evitar o túnel que atravessa o morro: *"Melhor não arriscar, Muitas granadas"* (Figura 50).

Figura 50: fluxo de distribuição de informações *app*/grupo

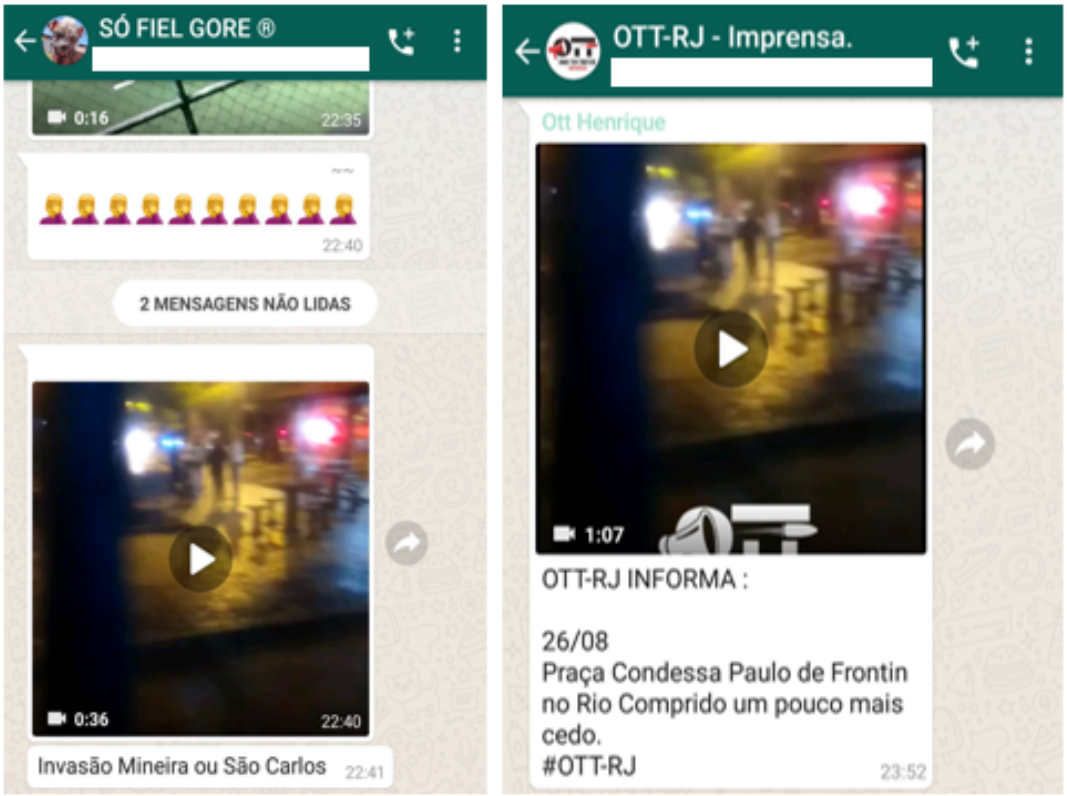


Fonte: prints recolhidos pela autora

O assunto também está sendo comentado no grupo de confiança "Só Fiel Gore" com a publicação de áudios e um vídeo específico do tiroteio filmado da Praça Condessa. O OTT posta alertas seguidos no *app* para solicitar aos moradores que não subam o morro ou saiam de casa. Os usuários colaboram, complementando as informações

tanto nos comentários quanto em novas postagens. Diferentes vídeos são publicados no aplicativo. Já as imagens da Praça Condessa, disponibilizadas anteriormente no grupo de confiança, são seladas com a logomarca OTT e colocadas à disposição dos jornalistas, juntamente com os outros vídeos do confronto (Figura 51).

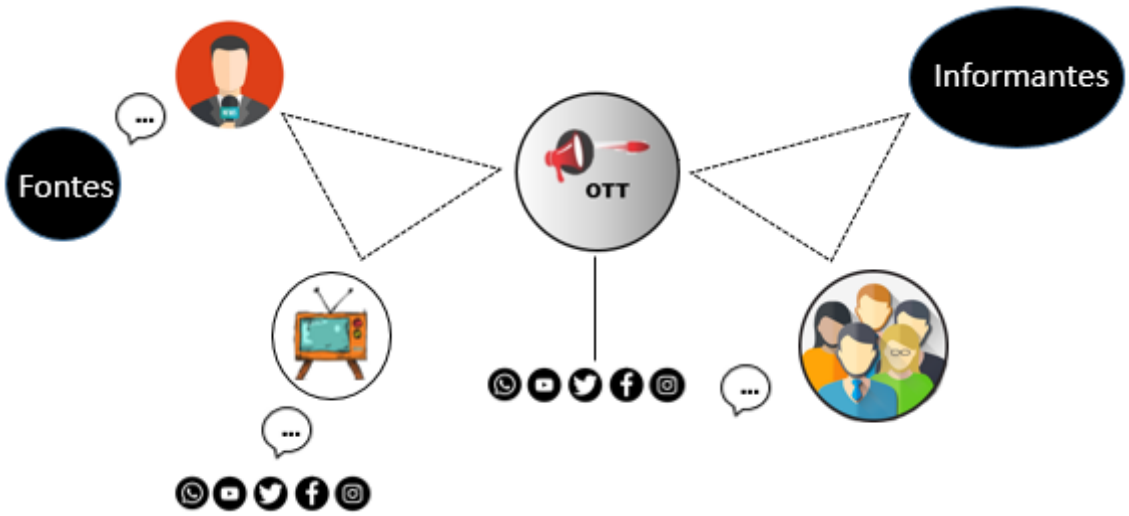
Figura 51: fluxo de distribuição de flagrantes grupo/app/grupo



Fonte: prints recolhidos pela autora

Apesar de apresentarem dinâmicas distintas de colaboração e compartilhamentos, os tiroteios no Humaitá e no morro da Mineira nos permitem elaborar um esquema mais completo (Figura 52) para a compreensão do fluxo de informações e imagens da violência que permeia o OTT.

Figura 52: fluxo completo de distribuição



Fonte: elaborado pela autora

Podemos perceber que esse fluxo é articulado entre OTT, informantes, usuários jornalistas, fontes pessoais e oficiais, páginas e perfis nas redes sociais digitais e grupos no *WhatsApp*. Cada um desses elementos possui sua própria cadeia de novas conexões que se interligam, tecendo um emaranhado hiperconectado que agiliza a verificação dos acontecimentos pelo cruzamento de informações e imagens, enquanto potencializa a sua fluidez.

Dessa forma, o Onde Tem Tiroteio se espraia por diversas camadas no tecido comunicacional, mas procurando demarcar a sua centralidade e o seu papel de ferramenta mediadora, uma vez que é capaz de agregar todos esses elementos, fazendo uso da multidirecionalidade, da interligação das redes de comunicação nos ambientes virtuais e da rapidez dessa dinâmica.

Assim, informações verificadas e imagens circulam para construir credibilidade, reforçando o valor e a importância deste sistema descentralizado. A capacidade de articulação do OTT eleva a ferramenta a um lugar de prestígio e influi diretamente na maneira como os jornalistas veem e lidam com os flagrantes do aplicativo. Antes de abordar esta questão, porém, é fundamental compreendermos as vantagens e os problemas que o fluxo de flagrantes leva à produção telejornalística.

8.2 Fluxo de flagrantes e produção telejornalística

Independente do cargo que possam ocupar na hierarquia das redações, os jornalistas costumam valorizar os flagrantes porque compreendem que esse tipo de registro, por conter valor testemunhal, deixa as notícias mais claras e credíveis, ajuda a contar uma determinada história ou facilita a construção das narrativas, com impacto na audiência. No jargão jornalístico, o flagrante dá "peso" às matérias.

> Tem todas as partes da história ali. Tem mostrando o início do assalto, o fim do assalto, o meio, o que aconteceu exatamente, *[...] o flagrante vai me ajudar a contar a história e tornar ela mais crível mesmo. A pessoa acredita mais nela porque ela tá vendo que aquilo de fato aconteceu*, né? (Jornalista 12 [Grifos nossos])[69]

Sendo assim, a existência de flagrantes pode determinar a seleção de uma notícia de violência nos telejornais e orientar, inclusive, o seu tratamento pelos repórteres e editores.

> A sua casa foi invadida, você fez uns vídeos, aí sim a gente consegue fazer. Agora, se não tem uma imagem do que aconteceu, como eu vou falar que isso aconteceu? No jornal impresso, acredito que seja muito mais fácil. Você pega uma foto, coloca, faz o depoimento da pessoa, pega uns dados e você consegue desenvolver a matéria. *Já na televisão, você depende muito dessas imagens.* [...] Dão força, credibilidade, acho que credibilidade é a palavra certa. (Jornalista 9 [Grifos nossos])[70]

Além de serem considerados relatos imagéticos testemunhais importantes para a credibilidade telejornalística, os flagrantes são essenciais para a contestação das versões das fontes oficiais, especialmente nas notícias dos territórios onde o acesso dos repórteres é restrito. Sem eles, os noticiários contariam versões unilaterais dos fatos, não conseguindo explorar a pluralidade de vozes indispensável ao jornalismo.

> É mais uma segurança para o cidadão, principalmente no Rio de Janeiro, durante uma ação policial, durante uma operação, ele ter um celular, *ele filmar e ter a consciência de que aquilo ali vai poder ser exibido e vai dar respaldo ao que ele diz.* No final da história, é a versão da polícia, a versão do crime contra a versão de um cidadão humilde que teve a sua casa invadida e nós temos visto frequentemente que estas gravações, a presença desses vídeos se fez e se faz muito importante para a elucidação de crimes, pra redução da violência policial. Não em modo macro, mas de forma micro. *O policial quando se vê filmado, ele age de uma maneira muito diferente de quando não existia essa tecnologia. Então, eu acho importante.* (Jornalista 3 [Grifos nossos])[71]

Por essas razões- o auxílio à construção narrativa, a prova da ocorrência de um determinado fato, o potencial de reforço da credibilidade e a possibilidade de contestar

[69] Entrevista de pesquisa concedida em 15 de março de 2021.
[70] Entrevista de pesquisa concedida em 11 de março de 2021.
[71] Entrevista de pesquisa concedida em 17 de fevereiro de 2021.

versões de eventos nos quais os repórteres não estavam presentes -, os flagrantes são considerados essenciais. Daí, os jornalistas apontarem para a sua crescente e frequente utilização nos telejornais, apesar da inferioridade da qualidade técnica que possam apresentar após a intensa circulação pelos ambientes virtuais.

> *Aquele vídeo tremido, de baixa qualidade, mas aquilo ali é uma prova do que aconteceu*. Aquilo ali tá ilustrando, tá mostrando a reação da vítima, do agressor e é o fato essencial pra reportagem. *Aquele vídeo em pé, tremido vai abrir a sua reportagem porque ele está tendo um peso muito grande diante daquele fato, independente da qualidade dele*. A gente sabe que na internet vai reproduzindo, a qualidade vai caindo, as pessoas filmam em pé, o que não é ideal pra televisão, mas não interessa. Aquilo passa a ser primordial pra aquela notícia. (Jornalista 4 [Grifos nossos])[72]

> *Diariamente, todos os dias, em todas as matérias*. [...] A gente coloca no ar cerca de 12 matérias no telejornal local, dessas 12 matérias pelo menos 5 foram feitas com imagens enviadas, *de 5 a 6 foram com imagens enviadas por alguém de algum lugar*. (Jornalista 8 [Grifos nossos])[73]

As limitações e o distanciamento dos jornalistas das regiões de conflito são apontados como os principais fatores da dependência dos flagrantes. Nesse cenário, os cidadãos e seus *smarthphones* com câmeras permitem aos noticiários estarem em todos os lugares, sem estarem, presencialmente, em lugar algum.

> Você, de certa forma, vai tá sendo onipresente, vai tá em vários locais sem ter que ter equipes espalhadas por todos os cantos. Você vai ter acesso a essas imagens e isso é bom, você consegue cobrir, estar em vários locais. *Tem local que você não conseguiria chegar dentro da comunidade, da favela. Lá no miolo da favela você não conseguiria chegar com uma equipe, mas o cara que mora na favela foi lá*. (Jornalista 13 [Grifos nossos])[74]

> Toda vez que você tem uma situação de violência muito grande, que você não tem como cobrir, acaba como uma válvula de se fazer a matéria. *Como você já não faz mais favela, praticamente você acaba usando esses vídeos pra suprir uma demanda de não fazer, entendeu, a notícia?* (Jornalista 2 [Grifos nossos])[75]

De certa maneira, as tecnologias móveis, o acesso à internet e a posse de aparelhos telefônicos com câmeras multiplicaram os olhares sobre um determinado fato, para além do "olho jornalístico". Um único evento de violência pode ser gravado de inúmeros ângulos, trazendo diferentes abordagens e interpretações. Cada cidadão torna-se um potencial captador e distribuidor de flagrantes, que agora inundam a rotina dos jornalistas a partir de diferentes direções. As entrevistas em destaque abaixo reforçam o nosso esquema mais amplo (esquema 2) desse fluxo imagético.

[72] Entrevista de pesquisa concedida em 19 de fevereiro de 2021.
[73] Entrevista de pesquisa concedida em 28 de fevereiro de 2021.
[74] Entrevista de pesquisa concedida em 18 de março de 2021.
[75] Entrevista de pesquisa concedida em 15 de fevereiro de 2021.

> *Tem o Twitter, né? Tem WhatsApp, tem o Facebook. [...] Tem o Instagram, tem o Telegram, tem vários canais hoje por onde você recebe* vários tipos de acontecimentos, vídeos bizarros, situações inusitadas. (Jornalista 1 [Grifos nossos])[76]

> Através do *WhatsApp da emissora, nós também buscamos nas páginas, Facebook, Instagram. A gente fica ligado em todas as plataformas.* A gente não só depende daquilo que nos chega através do WhatsApp, não. A gente vai buscando através de outras plataformas e vai vendo assuntos. Nós temos muitas páginas, [...] *as pessoas criam as páginas dos seus bairros e ali colocam as demandas, vídeos, denúncias e tal.* (Jornalista 6 [Grifos nossos])[77]

> *WhatsApp da emissora, WhatsApp pessoal de cada jornalista, ou dependendo do interesse de você produzir uma pauta, algo específico, nas próprias redes sociais*, [...] *grupos no Facebook, principalmente que acompanham flagrantes de polícia*. Existem grupos de policiais ou de simpatizantes de policiais que costumam, nesses grupos, também postar bastante conteúdo. (Jornalista 11 [Grifos nossos])[78]

Por um lado, essa facilidade pode contribuir para a oferta de imagens de interesse jornalístico, aumentando a matéria-prima da produção noticiosa, o que explica o estímulo à "participação" das pessoas na elaboração dos telejornais. Mas, por outro lado, os jornalistas se veem mergulhados em um "mar" de imagens que demandam apuração e checagem em prazos de tempo cada vez mais curtos. Dessa maneira, o fluxo de flagrantes da violência se tornou uma solução, mas também um problema, na medida em que aumenta a quantidade de trabalho a ser feito e a responsabilidade dos profissionais da imprensa.

> *Isso é um grande problema. Isso é o maior problema, o maior desafio que a gente enfrenta. Nem tudo cem por cento a gente consegue checar imediatamente, verificar imediatamente o que chega*. Muitas vezes, eu tenho uma imagem muito boa e eu não posto aquilo no ar se eu não tenho algo que me garanta que aquilo foi aqui. (Jornalista 12 [Grifos nossos])

Esse desafio tem implicado o desenvolvimento de novas estratégias organizacionais e rotinas de produção que nem sempre são correspondidas, como podemos perceber na fala dos jornalistas abaixo.

> Se for um caso de polícia, se for um caso que envolva, por exemplo, uma investigação ligada à polícia civil no Rio de Janeiro, você procura a polícia civil, *muitas vezes você tem que mandar o vídeo pros policiais, quase sempre isso acontece tá! Você tem que mandar o vídeo pra polícia pra que a polícia veja. Por que tem horas que nem a polícia sabe com o que a gente está lidando, entendeu?* Porque é muita coisa pra própria polícia. (Jornalista 2 [Grifos nossos])

> *O vídeo vai ser enviado pra polícia militar, pra polícia civil, pra órgãos competentes dependendo do que for o vídeo*. [...] *Em casos envolvendo inclusive policiais civis e*

[76] Entrevista de pesquisa concedida em 12 de fevereiro de 2021.
[77] Entrevista de pesquisa concedida em 25 de fevereiro de 2021.
[78] Entrevista de pesquisa concedida em 15 de março de 2021.

> *militares, encaminhados ao Ministério Público pra apuração. A notícia vai ao ar no momento em que uma dessas fontes, que são consideradas oficiais, dizem que ou vão apurar aquela informação ou que a informação já foi apurada* e que tal coisa aconteceu. (Jornalista 8 [Grifos nossos])

Há um aspecto interessante deste último trecho que merece ser evidenciado. Ele diz respeito ao resultado da apuração que, apesar dos esforços dos jornalistas, pode continuar inconsistente. Em determinados casos, mesmo que não obtenham a confirmação do órgão para o qual enviaram os flagrantes, os jornalistas tendem a dar a notícia se tiverem somente a indicação de que o fato será apurado pela fonte oficial. Isso pode ser percebido no recorte *"A notícia vai ao ar no momento em que uma dessas fontes, que são consideradas oficiais, dizem que vão apurar aquela informação"*.

Mas, a persistência da incerteza sobre a origem e a veracidade de algumas imagens, principalmente quando são consideradas relevantes, pode colocar os jornalistas diante do dilema entre divulgar ou não divulgar a matéria, podendo ser "furado" pelos concorrentes, como mostra o depoimento a seguir.

> Você não pode dar, é irresponsabilidade sua você dar qualquer vídeo que chega no seu WhatsApp ou de algum telespectador pra você dar. Não. Ela tem que ser conferida, ela tem que ser checada. Aí é o nosso trabalho, da nossa produção e da nossa apuração. [...] *Muitas vezes, a gente não consegue e quando a gente não consegue, a gente não pode dar a imagem. Simples assim.* (Jornalista 5 [Grifos nossos])[79]

Outra saída é divulgá-la, mas correndo o risco de se basear na apuração realizada pelos profissionais de outros órgãos de comunicação. Essa possibilidade fica bastante clara no seguinte depoimento:

> É, não é verificado cem por cento. O G1, a Globo deu a imagem, então, vamos dar também. *Não confirmou cem por cento, mas se a Globo deu, dá também pra não perder aquele time lá da notícia.* (Jornalista 13 [Grifos nossos])

É preciso considerar ainda que a dificuldade de apurar determinadas ocorrências a partir da circulação de flagrantes pode variar entre os telejornais. Os noticiários produzidos durante a madrugada para serem exibidos no começo da manhã, por exemplo, lidam com a escassez de fontes oficiais disponíveis nesse horário, o que acaba sendo um fator determinante para que os repórteres e editores adotem estratégias diferentes. Nessas situações, os jornalistas procuram se basear na quantidade de pessoas envolvidas na repercussão de um mesmo assunto nas redes sociais digitais. Quanto mais pessoas estiverem comentando ou fazendo postagens, maior é a probabilidade de um evento de violência estar acontecendo. Ou seja, o engajamento nas redes costuma ser interpretado pelos jornalistas como confirmação de uma ocorrência,

[79] Entrevista de pesquisa concedida em 23 de fevereiro de 2021.

o que significa que os flagrantes podem ser processados e exibidos sem maiores objeções. O trecho de entrevista destacado abaixo salienta essa dinâmica que, ao fim e ao cabo, se assemelha ao mecanismo de colaboração e construção de confiança engendrado nos sistemas descentralizados de comunicação, como é o do aplicativo OTT.

> Não são 20 pessoas, que não se conhecem, que decidiram mandar mensagens às 6h da manhã pra TV Globo, pra falar que tá tendo tiroteio, mandar vídeo pra TV Globo, pra falar que tá tendo tiroteio. Alguma coisa está acontecendo. *São pessoas diferentes, mandando mensagens de diferentes áreas, alguma coisa está acontecendo*. [...] A gente vai passar para o público aquilo que a gente tá recebendo até de uma forma transparente. A gente fala isso ao vivo. A gente tá recebendo mensagens de moradores dizendo que está acontecendo um tiroteio na região tal, eles estão mandando vídeos pra gente. Se a gente não conseguiu confirmar (pensativa), muitas vezes o secretário de polícia militar está assistindo aquilo, o comandante do batalhão está assistindo aquilo, a assessoria de imprensa está assistindo aquilo e isso mobiliza. [...] *Isso é uma situação que é recorrente e aí eu acho que é o importante de você noticiar aquilo mesmo que ainda não tenha a confirmação do órgão oficial, que você tenha a confirmação das testemunhas, que você tenha a fala daquelas pessoas, a mensagem daquelas pessoas que moram ali. Aquilo é uma coisa que vai interferir na vida das pessoas. Você vai deixar de avisar à população de que aquilo está acontecendo porque a gente ainda não tem uma confirmação oficial?* (Jornalista 4 [Grifos nossos])

Quer dizer, a divulgação de relatos testemunhais de violência é considerada importante e até um dever por causa do interesse público que pode ter, ainda que o evento não tenha sido confirmado oficialmente. Ao que tudo indica, em casos como o descrito acima, a lógica imperativa parece ser a do publicar primeiro, verificar depois. Os jornalistas entendem esses relatos como a indicação de uma ocorrência por ser confirmada, mas abrir mão de divulgá-la significaria desprezar um conteúdo com potencial para chamar a atenção do público e compor o noticiário no regime do aqui e do agora. Esse motivo também aparece na fala do Jornalista 3 para justificar a utilização, sem confirmação oficial, das informações e dos relatos testemunhais publicados pelo OTT.

> Tudo o que entra no OTT entra como relatos. Tudo é relato de tiros em tal lugar, relatos de tiros, relatos de. E a gente não pode dar relato. *Pra gente dar um relato, a gente tem que falar que são relatos. Relato não é história confirmada*. (Jornalista 3 [Grifos nossos])

8.3 *Status* jornalístico do OTT

O contexto discutido na seção anterior é fundamental para entendermos os distintos modos como os profissionais da imprensa enxergam o OTT e a maneira como isso se reflete no *status* jornalístico da ferramenta. Em primeiro lugar, os jornalistas chamam

a atenção para a capacidade do aplicativo de funcionar como base de dados da violência urbana, auxiliando a pré-produção das pautas. Produtores e chefes de reportagem ressaltam essa característica nos depoimentos.

> Para a produção de uma pauta, por exemplo, quando a gente vai falar, pra saber se um local tem um índice alto de tiroteio, a gente solicita os dados a eles porque eles fazem esse levantamento. Além de avisar aos moradores e jornalistas onde está tendo tiroteio ou alguma ação criminosa, *eles fazem um levantamento de quantos tiroteios tiveram naquele bairro. Isso é essencial pra uma matéria.* (Jornalista 9 [Grifos nossos])

> Quando você quer fazer uma pesquisa, você não depende só da pesquisa da polícia. *Nessas plataformas já tem uma pesquisa vasta de quantos mortos naquele ano, quantos atingidos por balas perdidas. É muito importante pra gente* também mesmo sendo segmentado só com a violência. (Jornalista 6 [Grifos nossos])

A possibilidade de construção de uma base de dados da violência urbana é intrínseca à dinâmica de funcionamento do OTT. Os levantamentos e relatórios utilizados nas matérias jornalísticas são baseados na publicação de alertas no aplicativo, sejam eles oriundos dos administradores ou dos usuários, sem necessariamente uma confirmação das fontes oficiais. Mas, isso parece não ser um problema para o conjunto geral dos entrevistados, exatamente porque a ferramenta supre uma lacuna deixada pelos institutos de pesquisa e pelo próprio jornalismo, ao conseguir reunir informações de lugares conflagrados e restritos ao exercício profissional. Quer dizer, os jornalistas consideram o OTT uma base de dados credível porque o aplicativo é um meio de obterem dados considerados qualificados dessas regiões. Isso fica bastante claro do depoimento a seguir.

> Tanto o Onde Tem Tiroteio quanto o Fogo Cruzado, que surgiu logo depois do OTT, são bases de dados. *Eles são plataformas que trazem registros de áreas conflagradas, levando como base registros feitos por pessoas que estão vivendo aquilo ali e dando mais ou menos um panorama de uma coisa que nenhum instituto faz.* Esse é o grande problema hoje. *Os institutos não estão dentro dessas áreas. Então, essas plataformas hoje trazem um pouco dessa visão dessas áreas conflagradas.* O OTT hoje faz a disponibilização de material que ele diz ter confirmado, eu falo diz ter porque é exatamente isso, tipo quem mandou, de que forma isso foi enviado? O jornalista precisa saber e se tomou como base o OTT e o Fogo Cruzado *porque eles passaram a ter, como eu posso falar, credibilidade, porque as informações raramente eram desqualificadas. Eu acredito que eles tenham e façam um trabalho de apuração daquilo ali o máximo que eles podem.* (Jornalista 8 [Grifos nossos])

Em suma, o OTT está onde os jornalistas e suas fontes preferenciais não estão. Essa particularidade confere um *status* jornalístico à ferramenta, como fica evidenciado no depoimento abaixo.

> Tem determinadas áreas conflagradas que a gente não pode nem adentrar, tem que pedir autorização lá, tem chefia, o tráfico de drogas na região. Então, *a OTT tem essa vantagem, estar onde a gente não pode estar. Isso pra gente é fundamental* porque a

> gente cria um leque de situações, de mostrar a situação que existe vida naquela área conflagrada, existe gente que mora ali, gente do bem, que paga seus impostos e vive numa situação de extrema violência. *A OTT está onde a gente não consegue estar, não só nós, o jornalismo no geral, mas também a própria polícia, a própria autoridade pública não consegue estar e eles conseguem*. (Jornalista 1 [Grifos nossos])

Portanto, porque a ferramenta goza de credibilidade e é vista como confiável, os dados fornecidos tornam-se igualmente credíveis. Apesar disso, o principal papel atribuído ao OTT pelos jornalistas é o de ferramenta mediadora, na medida em que faz a ligação entre eles e uma realidade social que precisam retratar, mas da qual estão distantes. Dito de outro modo, os jornalistas "acessam" as zonas conflagradas através das informações e imagens divulgadas pelo OTT. Essa mediação é explicitada nas palavras da jornalista a seguir, e aparece caracterizada como uma "prestação de serviço" tanto à população em geral, quanto ao jornalismo.

> Eu não sei te dizer exatamente o que eles têm ou como eles chegaram a esse nível de credibilidade, mas eu acho que *eles sanaram um problema de comunicação, digamos assim, que existia. Uma falta de comunicação, uma falta de acesso* e eu acho que, *por unificarem isso, por transformarem todas essas informações referentes a tiroteios, referentes a comunidades, a coisas específicas que a gente não tinha acesso antes, ao unificar isso num lugar só e prestar o serviço pra população também,* porque a população também acredita neles, também recebe alertas deles, então, *o fato deles prestarem um serviço pra sociedade e também à imprensa, porque eles têm um papel importante nesse sentido, acho que foi isso que fez eles ganharem força*. (Jornalista 12 [Grifos nossos])

Provavelmente, a "força" do OTT vem dessa capacidade de agregação e mediação, mas para mediar o acesso dos jornalistas a uma determinada área ou, "*sanar um problema de comunicação*" pré-existente, importa ao aplicativo estar à frente dos meios tradicionais de comunicação no recebimento e distribuição das informações e imagens das zonas de conflito. Ao que tudo indica, o OTT consegue, em boa parte dos casos, cumprir essa expectativa. Daí as pessoas priorizarem o compartilhamento dos seus relatos e imagens no *app*. O depoimento abaixo corrobora essa interpretação.

> Receber esse conteúdo direto permite com que ele (o jornalista) acesse de certa forma um recorte da realidade de quem vive naquela localidade. E *permite também com que, tendo esse recorte, nós possamos nos comunicar, retratar esse recorte de realidade dessas pessoas que estão querendo compartilhar*. (Jornalista 11 [Grifos nossos])

Vale salientar que aquilo que permite ao aplicativo obter informações e imagens em primeira mão, e ocupar o lugar de mediador, é o sistema informativo descentralizado e colaborativo que desenvolve. Os jornalistas tendem a valorizar a velocidade que esse sistema oferece, mas podem apresentar uma postura ambígua, fazendo ressalvas pelo fato de ele ser mantido e gerido por não-jornalistas.

> *Ele faz um trabalho jornalístico também*, de checagem daquele material que chega, daquele relato. *É um colaborativo, mas um colaborativo que eles têm esse trabalho de checagem,* muitas vezes. Mas também é uma questão que a gente tem que ter um cuidado porque eles também erram. *São pessoas que estão ali mandando*. (Jornalista 4 [Grifos nossos])

No geral, os jornalistas não possuem um conhecimento aprofundado do funcionamento do OTT. Por isso mesmo, embora reconheçam as vantagens da colaboração e a velocidade de apuração da ferramenta, alguns são inclinados a acreditar na existência de uma cooperação ou de um trabalho conjunto entre *app* e profissionais da imprensa na verificação dos fatos. Parte dessa crença é baseada no agrupamento de jornalistas no grupo do *WhatsApp*.

> Na intenção do factual, ele é muito rápido. Muitas vezes, a gente fica sabendo antes de toda a nossa apuração através do OTT. A gente sabe antes pelo OTT o que aconteceu. Porque *são os profissionais de todas as emissoras juntas. É como se fosse uma grande apuração*. (Jornalista 5 [Grifos nossos])

Contudo, é interessante notar que a credibilidade da ferramenta é mais comumente associada à colaboração dos usuários do que propriamente à interação dos jornalistas no grupo. Isso se deve à extensa rede de contatos criada pelo OTT.

> *A rede que ele criou* pra fazer aquele determinado levantamento dos crimes, dos fatos, das ocorrências, que *dá credibilidade pra ele*. A não ser que tenha um surto coletivo, que 20 mil pessoas no bairro comecem a inventar (risos) uma loucura, que eu não acho impossível, pode acontecer, mas é difícil. Um devaneio coletivo, todo mundo mandando pra tal pessoa, enfim (risos). Acho difícil. (Jornalista 5 [Grifos nossos])

Por fim e o mais relevante, diante de todo esse contexto de pressões sobre a produção noticiosa televisiva, de alterações nas rotinas laborais, de entrada de novos agentes no campo jornalístico e de multiplicidade de tarefas, ferramentas fiáveis como o OTT podem contribuir, principalmente, para a aceleração da elaboração das notícias.

> Como a gente vê que tem o OTT que faz um trabalho interessante, [...] *Quando a gente recebe alguma coisa deles, a gente sabe que a margem de erro é muito pequena.* (Jornalista 10 [Grifos nossos])[80]

Em outras palavras, a necessidade dos flagrantes, associada às limitações e constrangimentos enfrentados pelos jornalistas na produção noticiosa contemporânea, pode levá-los a saltar uma das etapas fundamentais do processo de produção, a apuração.

[80] Entrevista de pesquisa concedida em 15 de março de 2021.

> O Onde Tem Tiroteio hoje em dia faz um trabalho mais apurado e faz um balanço no final e aí *já foi tudo apurado. Mas eu acho que é interessante porque ele te dá um direcionamento do que fazer como jornalista*, alerta de algumas coisas que você não sabia. Eu não sou contra não. Gosto bastante até desses aplicativos. (Jornalista 2 [Grifos nossos])

Em síntese, isso significa dizer que, dependendo da característica do telejornal, da pressão sob a qual o jornalista possa estar e da urgência que uma matéria possa ter, o OTT assume uma função claramente jornalística, fornecendo as informações apuradas e imagens de base para a notícia. A partir daí, cabe aos jornalistas a escolha da abordagem, a busca por fontes complementares e a finalização das peças. O depoimento a seguir é emblemático nesse sentido.

> Quando aquilo já vem de uma fonte confiável, que fez um trabalho de pesquisa sério, que levantou e conseguiu imagem, a agilidade da matéria é outra, *a gente já vai pra etapa seguinte. Aquela etapa de apuração que as vezes é até demorada porque é o princípio de tudo, precisa da informação, da apuração pra poder começar a produzir, aquilo ali já passou. A gente já vai pra uma etapa de execução da matéria.* (Jornalista 7 [Grifos nossos])[81]

Apesar de o OTT ser denominado "fonte confiável", o que todos os depoimentos citados até aqui demonstram é que a ferramenta acaba sendo bem mais do que isso, na medida em que atua como mediadora e desempenha uma função importante numa etapa-chave do processo de produção da notícia, e sendo, por isso mesmo, muito próxima do próprio jornalismo.

> *Desde quando eu conheço o OTT, nunca vi uma postagem que não fosse verdadeira. Desconheço. Todas elas são verdadeiras,* acontecem no ato da publicação e confesso a você que não conheço que a OTT tenha feito, que tenha sido montado, que tenha sido pra ter sua visualização aumentada, não conheço. (Jornalista 1 [Grifos nossos])

Tudo nos leva a crer que o *status* jornalístico do OTT está baseado em fatores distintos, porém interligados: o papel mediador da ferramenta, a sua capacidade de apuração, a credibilidade conquistada entre os usuários, a confiança depositada pelos jornalistas, a dinâmica colaborativa, mas também a velocidade com que consegue atender às necessidades da produção noticiosa televisiva, especialmente no âmbito local.

> A televisão não te dá muito tempo de checar. O tempo que você tem, principalmente se for com o jornal local, é muito pequeno e você tem que agir rápido. *Então, aí, o critério é mais o imediatismo mesmo. Tá na mão, vamos botar, botar no ar, no caso.* (Jornalista 1 [Grifos nossos])

[81] Entrevista de pesquisa concedida em 02 de março de 2021.

Essa conjunção de fatores faz com que o OTT ocupe um lugar diferenciado em relação a outros sistemas descentralizados e o *status* jornalístico o torna quase um "órgão de comunicação". O depoimento abaixo é importante para chegarmos a essa conclusão.

> Eles sabem, eles têm a noção do peso que eles têm. Isso acaba implicando em tudo o que eles publicam, tudo o que eles divulgam pra imprensa. Passa por uma peneira deles, uma mediação deles, por um controle unificado deles. [...] *Acho que essa dimensão toda, essa peneira, essa mediação, faz essa diferença de páginas de bairro, de páginas de Facebook em que qualquer um publica o que quer, do jeito que quer. [...] Quando vem do OTT, é como se viesse tranquilo. Veio do OTT, então, vamos dar. Esse status de órgão que parece que ajuda, eu acho.* (Jornalista 12 [Grifos nossos])

8.4 Estrutura textual: alertas ou notícias?

Os alertas emitidos no OTT correspondem a textos curtos, com no máximo três linhas. Nota-se uma estrutura textual mais organizada quando as publicações são feitas pelos gestores da ferramenta. Eles, no entanto, têm a preocupação de orientar os usuários para que aprimorem as suas publicações, fornecendo informações mais claras e precisas, contendo, inclusive, a indicação de horário e local das ocorrências relatadas.

Em geral, as publicações possuem a seguinte estrutura: no topo, aparece o tipo de alerta em letras maiores, acompanhado do símbolo correspondente. Na parte inferior, há a indicação de data, horário da publicação e localização de referência da ocorrência. Abaixo dessas informações, o aplicativo comunica o provável horário do evento de violência, que pode não ser o mesmo da publicação no app. Essas informações são seguidas de um texto conciso e informativo, trazendo, sempre que possível, a motivação ou causa daquele evento.

Se atentarmos para as informações dos alertas mais do que para a estrutura textual da mensagem, vamos perceber alguma semelhança com a técnica jornalística do *lead*, primeiro parágrafo da notícia, onde são respondidas questões básicas (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê?). Na publicação em destaque (Figura 53), por exemplo, poderíamos apontar as seguintes respostas para as perguntas: **O quê?** – Disparos Ouvidos; **Quando?** – 4 de dezembro de 2020, às 13h55; **Onde?** – No Centro de Mesquita; e **Porquê?** – Por causa de um assalto na loja Casa & Vídeo. Na reação de um dos usuários veremos informações adicionais sobre feridos e criminosos detidos.

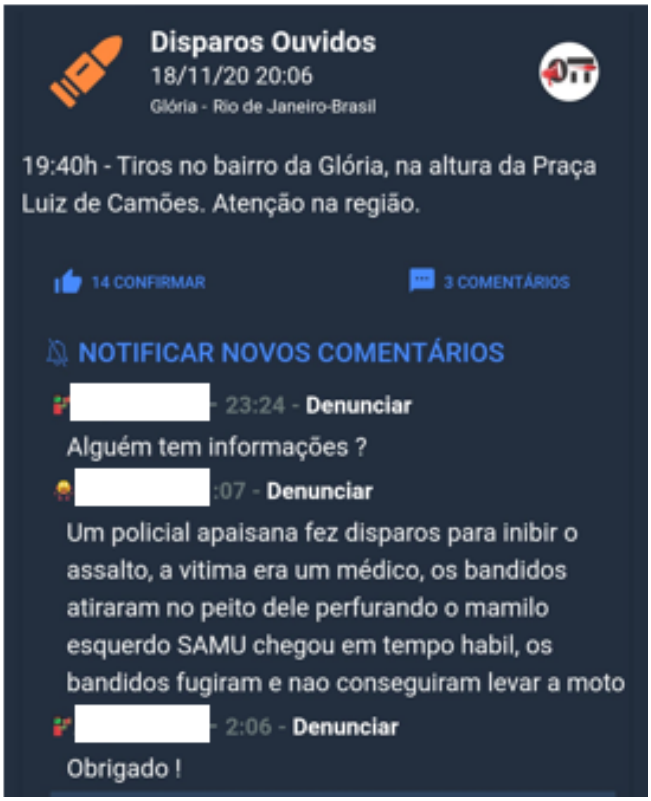
Figura 53: estrutura textual dos alertas OTT



Fonte: prints recolhidos no *app*

Em outra publicação do dia 18 de novembro de 2020 (Figura 54), as principais perguntas do *lead* também parecem ser respondidas. Nos comentários, um usuário oferece ainda um conjunto de informações mais detalhadas que fecha a "notícia" sobre aquela ocorrência com a profissão da vítima, o veículo que utilizava e até a atuação da equipe de socorro.

Figura 54: "notícias" OTT



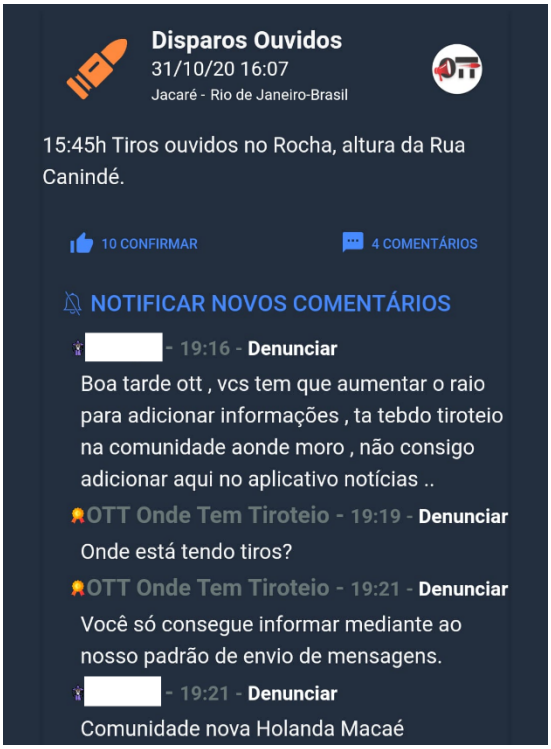
Fonte: prints recolhidos no *app*

Então, podemos apontar as respostas para as perguntas que seguem: **O quê?** – Disparos Ouvidos; **Quando?** – 18 de novembro de 2020, às 19h40; **Onde?** – Na altura da Praça Luiz de Camões, na Glória; **Quem?** – Um médico; e **Porquê? –** Um assalto estava em curso e a polícia interveio. Ou como relata o usuário: *"Um policial apaisana fez disparos para inibir o assalto, a vítima era um médico, os bandidos atiraram no peito dele perfurando o mamilo esquerdo SAMU chegou em tempo hábil, os bandidos fugiram e não conseguiram levar a moto"*. A maneira como o usuário escreve, nos leva a acreditar que ele próprio tenha testemunhado o ocorrido na condição de policial ou mesmo de socorrista, dada a linguagem e a minúcia do relato.

Sendo assim, somado ao *status* jornalístico do OTT, esse modo de organização das publicações no *app* pode ter alguma influência na maneira como os usuários interpretam os alertas. No capítulo 2 desta tese, com base em diferentes teóricos, propusemos que, no contexto contemporâneo das tecnologias móveis, com o surgimento de sistemas descentralizados de comunicação, um acontecimento pode ser elevado à categoria "notícia" pela ampla circulação dos relatos sobre ele. Ao circularem, tais relatos são consumidos, discutidos, corrigidos, compreendidos e reproduzidos, em uma dinâmica contínua, independentemente da estrutura textual com que se

apresentam. Dissemos também que, nesses sistemas, não há uma rigidez de padrão na apresentação das informações, nem uma compreensão restrita do que seja a notícia, como acontece nos meios de comunicação tradicionais. Nesse sentido, a noção de notícia pode acabar dissociada de uma enunciação feita exclusivamente por um jornalista vinculado a um órgão de comunicação social. Talvez por isso, o usuário do alerta abaixo (Figura 55) considere as publicações feitas no OTT notícias: *"...não consigo adicionar aqui no aplicativo notícias"*.

Figura 55: alertas como notícia



Fonte: prints recolhidos no *app*

É interessante notar que o entendimento do usuário citado acima é distinto da ideia do próprio administrador do OTT. Ao falar da diferença entre notícias e alertas, Henrique Caamaño tem em mente a estrutura textual comum às publicações dos jornais, por isso enxerga a notícia como uma história organizada: *"A notícia é uma coisa mais encorpada, tem que ter início, meio e fim. O nosso é só o estopim"*.[82] O que o administrador parece não ter percebido ainda é que os alertas do aplicativo seguem o mesmo fundamento. A diferença é que as principais informações vão sendo distribuídas entre alertas e comentários.

[82] Entrevista presencial concedida à autora no dia 5 de agosto de 2019.

Melhor dizendo, dentro da lógica comunicativa de ferramentas como o OTT, a noção de notícia pode estar em transformação, sendo ampliada para além daquela convencionada pelo jornalismo tradicional, ainda que os alertas ou relatos sejam apresentados fora do modelo padrão utilizado pela imprensa. Uma das explicações pode estar no fato de esses alertas e relatos corresponderem às expectativas de conhecimento das pessoas, respondendo às suas principais dúvidas ou perguntas sobre um determinado fato de interesse geral.

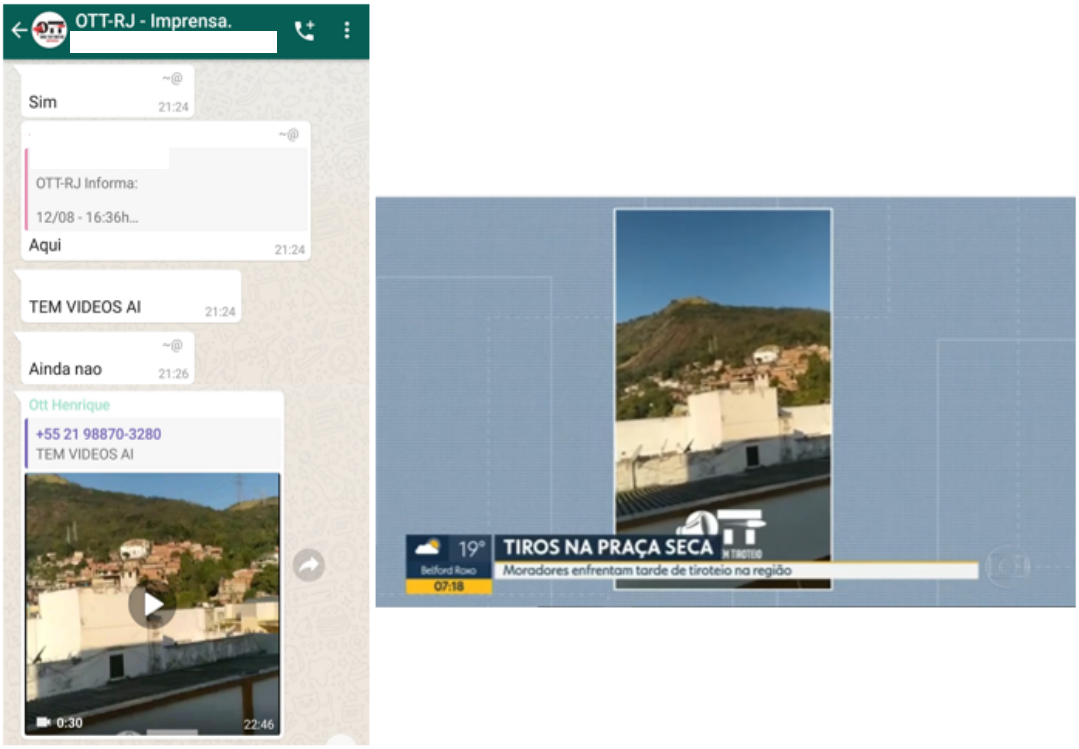
Isso significa que, nos sistemas colaborativos como o OTT, a "notícia" pode ser compreendida como um "relato noticioso útil", aquilo que chamamos de "informação útil". Trata-se de uma informação de grande relevância, apesar de ser produzida de maneira conjunta, de forma absolutamente descentralizada e com uma outra estrutura de texto e distribuição. Como abordamos no capítulo 2, essas informações úteis tornam-se notícias quando oferecem resposta às perguntas: "o que está acontecendo?", "o que há de novo?".

8.5 Transferência de Autoridade: o flagrante nos telejornais

Ao longo do período de observação do *app* OTT, dos grupos de confiança e dos jornalistas no *WhatsApp,* percebemos que, na interação com o OTT, os jornalistas quase sempre procuram obter ou confirmar informações e, principalmente, flagrantes para compor as matérias. Esse comportamento foi registrado em diversos momentos nos diários de campo. Citaremos alguns como exemplo, pois são significativos para as discussões levantadas nesta seção.

No fim da tarde de 12 de agosto de 2020, o alerta de tiroteio no bairro Praça Seca, Zona Oeste do Rio de Janeiro, é publicado no *app* OTT e compartilhado com os jornalistas que demonstram estar informados da ocorrência, apesar de não possuírem imagens: "*TEM VÍDEOS AI*". O administrador responde "*ainda não*" e cerca de uma hora depois, disponibiliza o vídeo selado no grupo. O flagrante aparece no telejornal do início da manhã de 13 de agosto, o *Bom Dia Rio* (*BDRJ*), da *TV Globo* (Figura 56).

Figura 56: pedido e utilização de flagrantes no *BDRJ*



Fonte: prints recolhidos pela autora

A Praça Seca é considerada um lugar de risco pelos jornalistas por causa dos constantes tiroteios provocados pela disputa do comércio de drogas entre facções criminosas rivais. O bairro aparece com alguma frequência nos alertas do OTT, o que sugere haver um levantamento atualizado de dados sobre a violência na região e acaba por motivar a solicitação de um dos jornalistas no dia 28 de julho de 2020. *"Vocês poderiam ajudar com os dados de tiroteio da Praça Seca? Tem deste ano comparativo com ano passado?"* (Figura 57).

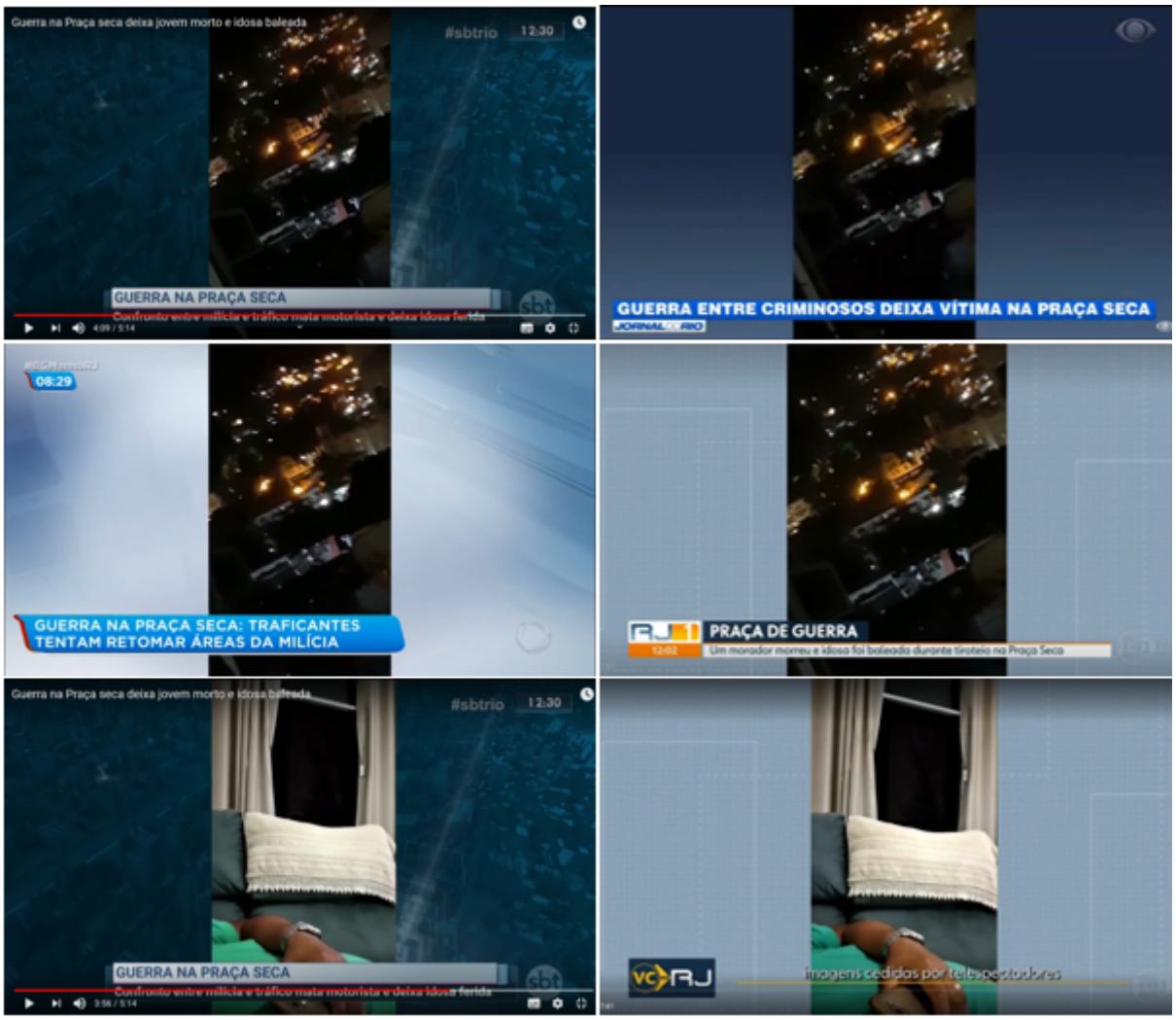
Figura 57: solicitação de dados sobre violência



Fonte: prints recolhidos pela autora

Para termos uma noção da importância que eventos de violência desta natureza podem ter para os telejornais, este tiroteio foi amplamente explorado com a exibição das mesmas imagens por emissoras diferentes. Os flagrantes não continham qualquer tipo de selo e apenas um deles foi creditado genericamente como “imagens cedidas por telespectadores” (Figura 58).

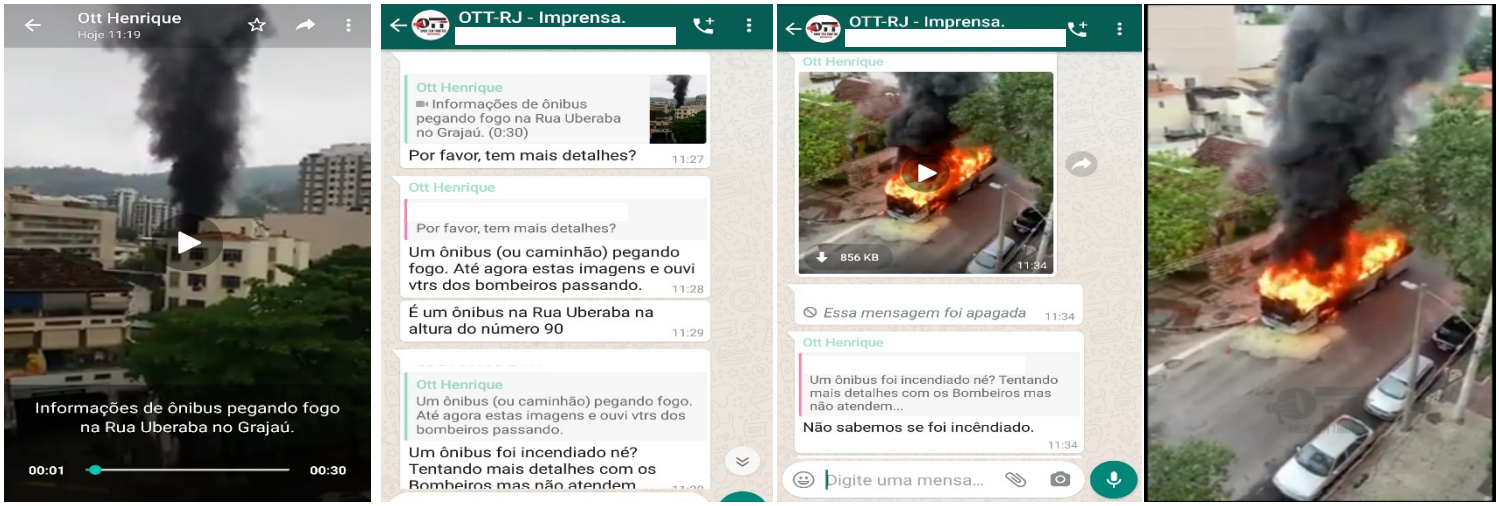
Figura 58: flagrantes do tiroteio nos telejornais



Fonte: prints recolhidos pela autora

Em 21 de setembro, a dificuldade de apuração de uma ocorrência de ônibus pegando fogo com os bombeiros é evidenciada através do pedido de auxílio ao OTT: *"Por favor, tem mais detalhes?"*. O administrador afirma se tratar de um "*ônibus (ou caminhão) pegando fogo*" e que as imagens divulgadas um pouco antes são as únicas que conseguiram até aquele momento. O jornalista, então, diz estar com problemas para obter informações com fontes oficiais, pois "*não atendem*" às suas chamadas (Figura 59). Em seguida, o OTT disponibiliza outro vídeo e diz não saber se o incêndio havia sido proposital ou acidental. Esse caso reforça os depoimentos dos jornalistas sobre os obstáculos enfrentados na apuração com fontes oficiais, especialmente de imagens, em eventos inesperados de violência.

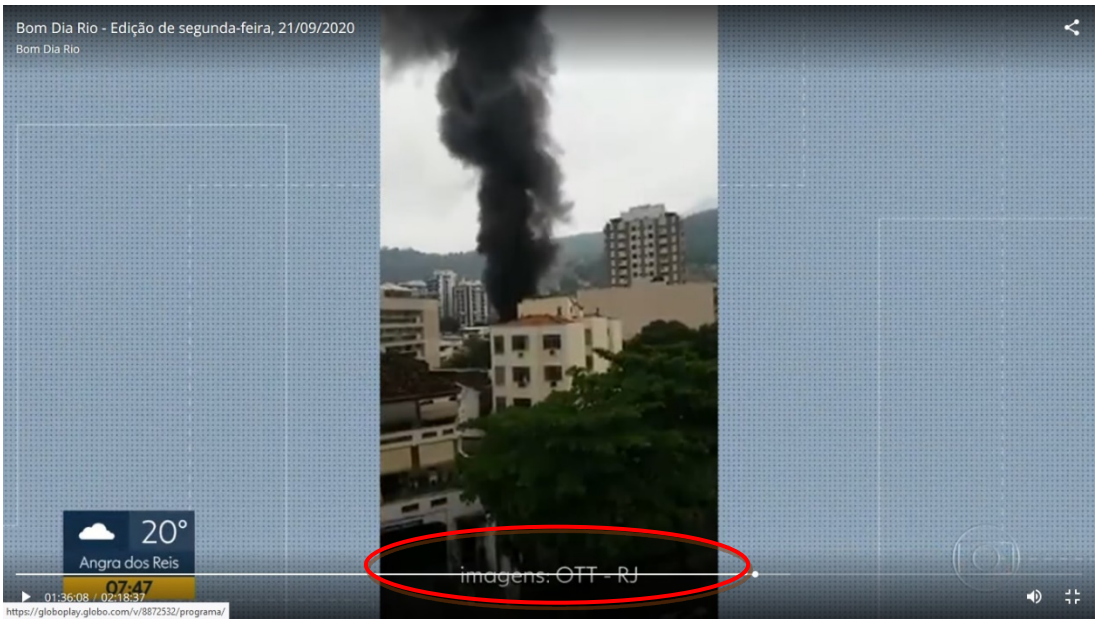
Figura 59: pedido de confirmação ao OTT



Fonte: prints recolhidos pela autora

O primeiro vídeo da sequência acima destacada foi utilizado na matéria do telejornal *Bom Dia Rio*, da *TV Globo*. Como não estava selado, o crédito ao OTT foi dado na parte inferior da imagem (Figura 60).

Figura 60: vídeo creditado ao OTT

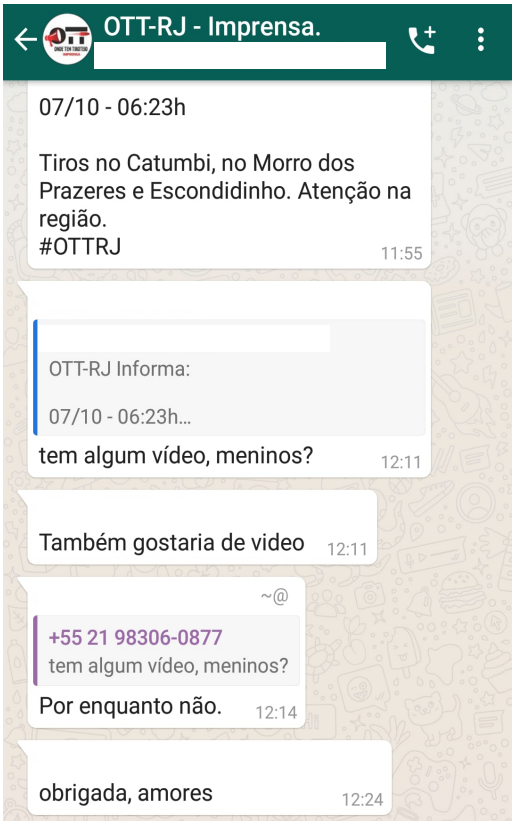


Fonte: prints recolhidos pela autora

Essa rotina de distribuição de informações e imagens confiáveis no grupo pode gerar a expectativa por parte dos jornalistas de conseguir matéria-prima para a elaboração das notícias. Um tiroteio no bairro Rio Comprido, em 07 de outubro de 2020, demonstra

isso com mais clareza. Após uma série de alertas do OTT no grupo, duas jornalistas perguntam pelas imagens: *"tem algum vídeo, meninos?" e "também gostaria de vídeo"*. Neste caso, porém, o OTT não possuía flagrantes do tiroteio (Figura 61).

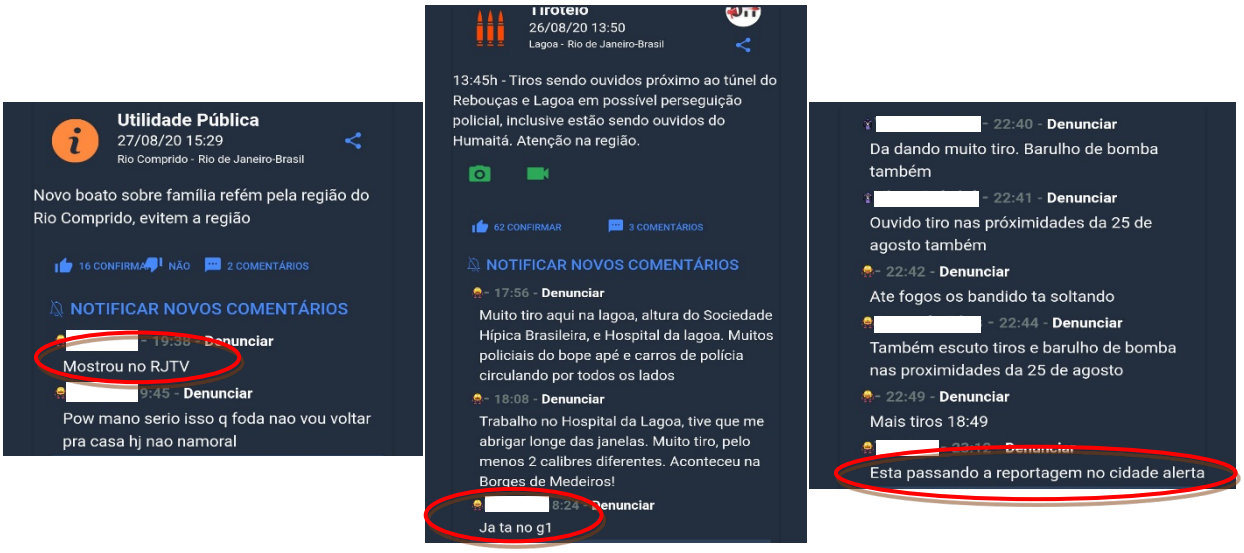
Figura 61: jornalistas pedem flagrantes ao OTT



Fonte: prints recolhidos pela autora

Por outro lado, ainda que desconheçam esse tipo de interação entre OTT e jornalistas, os usuários do aplicativo demonstram acompanhar os noticiários tradicionais e, ao que tudo indica, comparar as imagens e informações postadas no *app* com as veiculadas na televisão, em outros meios de comunicação e nas redes sociais. Também pudemos identificar esse comportamento através dos comentários em diferentes eventos durante o período de observação. De certo modo, notamos que, quando ocorre, a identificação do OTT nas peças jornalísticas é compreendida como uma confirmação da credibilidade do aplicativo. Isso explica frases como *"Mostrou no RJTV"*, *"Ja ta no g1"*, "*Esta passando a reportagem no cidade alerta*" (Figura 62).

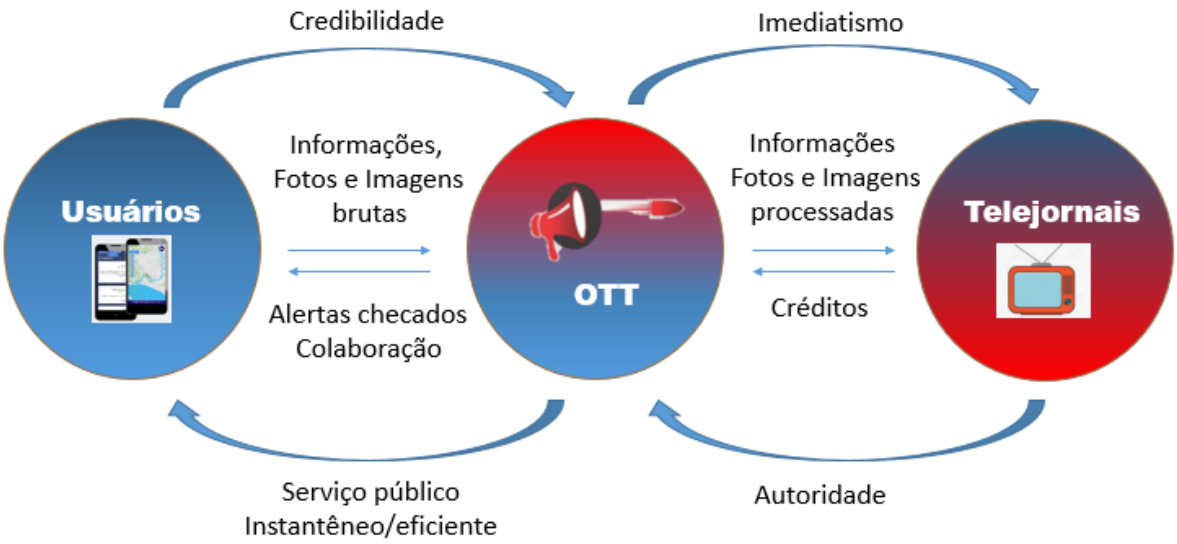
Figura 62: usuários acompanham OTT e outros meios



Fonte: prints recolhidos pela autora

Tudo isso nos leva a acreditar que, ao funcionar como ferramenta mediadora para os jornalistas, tendo a sua marca identificada, o OTT capitaliza autoridade, o que também aumenta a confiança na ferramenta, tanto entre os profissionais da imprensa quanto entre os usuários. Com base nesse raciocínio, e levando em consideração a nossa hipótese principal, traçamos uma representação esquemática (Figura 63) dos fenômenos comunicacionais identificados.

Figura 63: interação e construção de credibilidade/transferência de autoridade

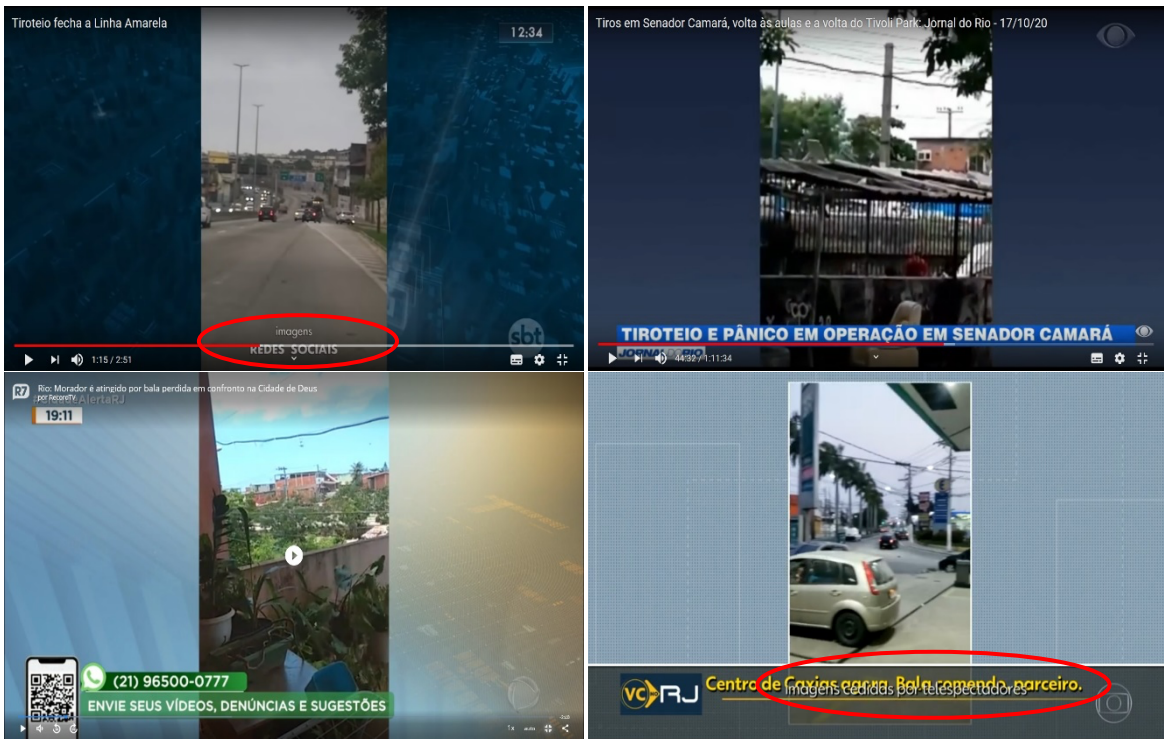


Fonte: elaborado pela autora

Da parte dos usuários, a credibilidade leva ao compartilhamento de relatos, informações, fotos e flagrantes. Todo esse conteúdo volta para eles em alertas verificados seja pelos administradores, ou colaborativamente, pelos participantes. Assim, o OTT consegue prestar um serviço visto como eficiente, pois oferece as condições para que as pessoas tomem decisões considerando as informações recebidas. Em contrapartida, por parte dos jornalistas, o OTT opera como um meio para a obtenção mais rápida de conteúdo apurado e credível. Dados e imagens são recebidos e processados em notícias que, ao serem exibidas com os créditos indicativos de origem do material, transferem autoridade à ferramenta, contribuindo, por conseguinte, para o reforço da construção da confiança na mesma.

Essa é uma questão fundamental, pois a profusão de vídeos gravados por cidadãos parece ter ganhado ainda mais força ao longo dos últimos anos com o aumento do número de plataformas e sistemas de mídia por onde as imagens podem escoar. Trata-se de um cenário que dramatiza o problema da autoridade jornalística, conforme abordamos no primeiro capítulo da tese. De modo geral, os jornalistas estão cientes dos conflitos em torno da autoridade profissional, e procuram preservá-la através do obscurecimento dos seus processos. A falta dos créditos ou o modo genérico e despadronizado como aparecem nas notícias e reportagens (“*imagens REDES SOCIAIS*”, *“Imagens cedidas por telespectadores”*) são um exemplo disso (Figura 64).

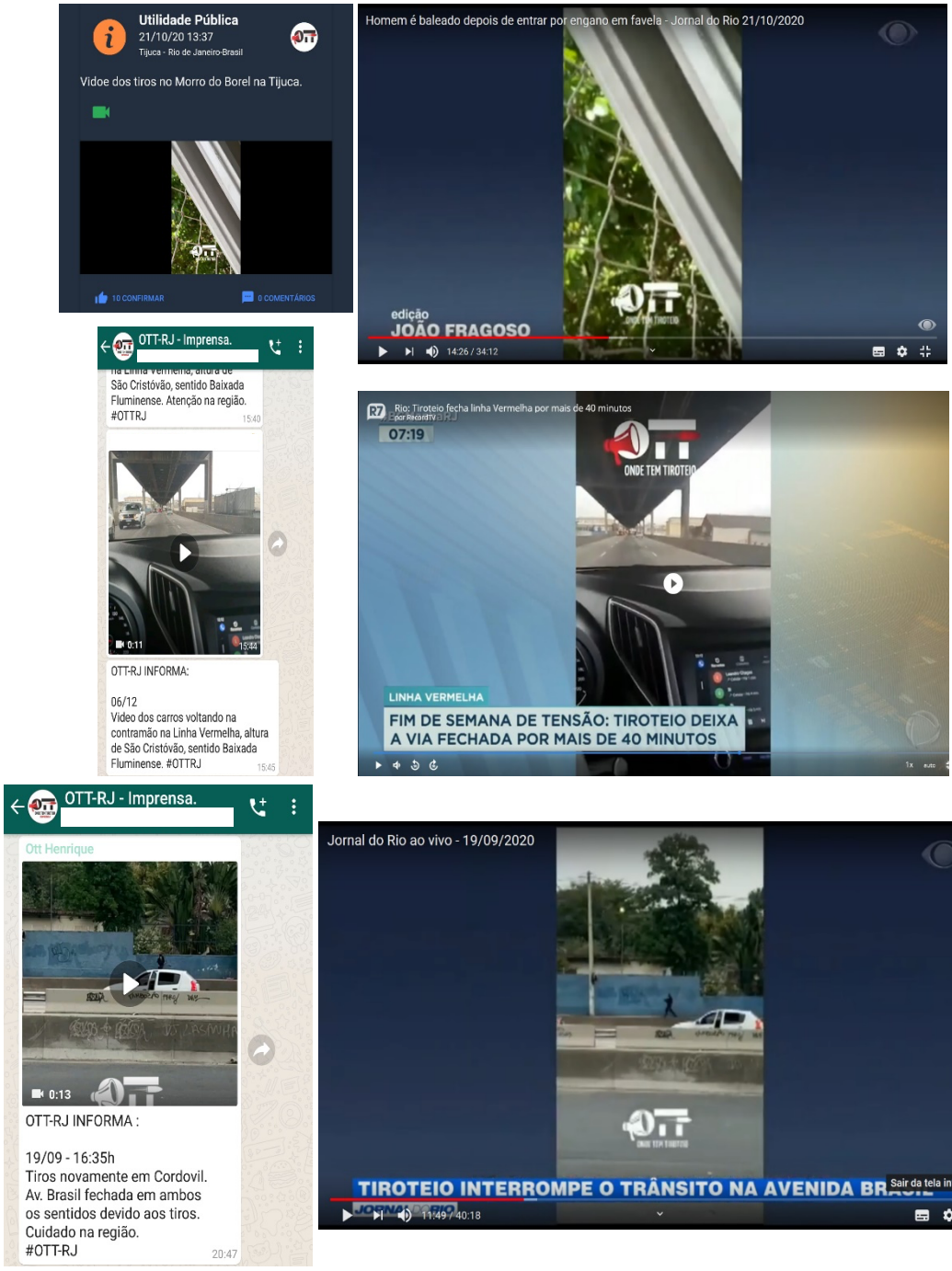
Figura 64: créditos despadronizados nos noticiários



Fonte: prints recolhidos pela autora

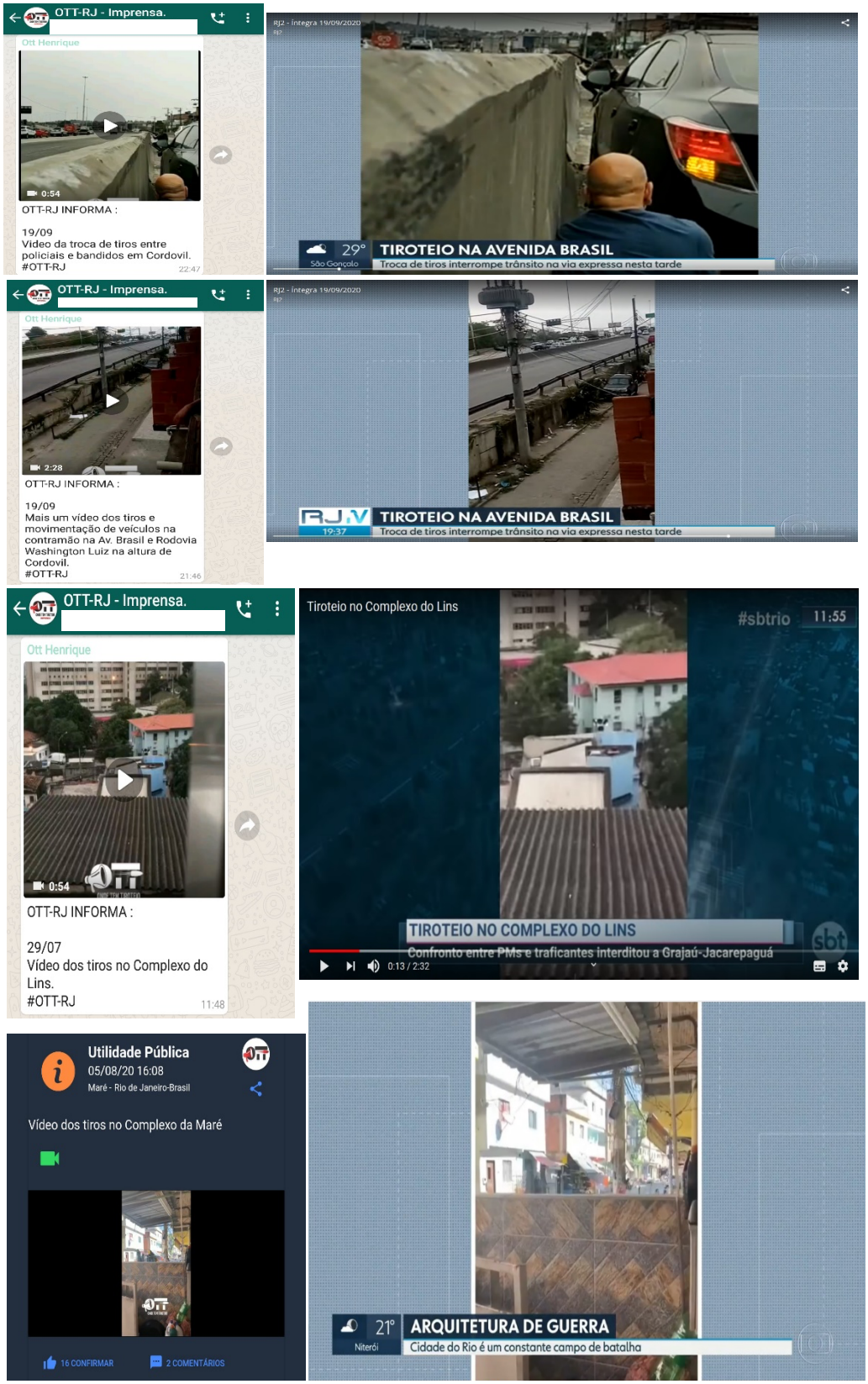
Quando os flagrantes envolvem o OTT a questão parece ser ainda mais complexa. Em alguns eventos de violência, notamos que as imagens seladas, divulgadas no grupo dos jornalistas ou no *app*, eram exibidas com o selo nos noticiários (Figura 65), mas em outras situações, percebemos que os flagrantes apareciam sem o selo (Figura 66).

Figura 65: notícias com crédito OTT



Fonte: prints recolhidos pela autora

Figura 66: notícias sem crédito OTT



Fonte: prints recolhidos pela autora

Há ainda as ocasiões em que as indicações de origem da imagem mudam ao longo do dia entre os noticiários (Figura 67). Também pode acontecer um mesmo vídeo aparecer selado e depois novamente sem o selo, em diferentes telejornais de uma mesma emissora.

Figura 67: notícias com créditos distintos



Fonte: prints recolhidos pela autora

Isso acontece por, pelo menos, dois motivos diferentes, porém interrelacionados. O primeiro, mais associado à estética televisiva, leva os jornalistas a preferirem o que denominam "imagens limpas", ou seja, sem marcas comprometedoras para a compreensão das ações mostradas. Isso pode ser inferido nos depoimentos de alguns jornalistas.

> Às vezes, o símbolo do OTT naquela tela vertical, ele ocupa mais ou menos 2/4 da imagem, metade da imagem ou um pouco mais, um pouco menos, 1/3 da imagem. *A imagem fica realmente mais borrada*. (Jornalista 8 [Grifos nossos])

> O OTT, tu tem eles...*se eu tiver a imagem limpa, melhor porque esteticamente vai ficar melhor, não vai ter um negócio visual atrapalhando*. (Jornalista 12 [Grifos nossos])

A preocupação com a estética, no entanto, é deixada de lado quando os jornalistas não encontram flagrantes com a mesma relevância em redes sociais ou outros canais de comunicação. Nesses casos, costumam exibir os vídeos selados mesmo ou pedem aos

administradores do *app* para cederem as imagens sem selo, mas com a promessa de que elas serão creditadas no formato considerado mais adequado pelos editores. Em parte, isso explica as legendas em letras pequenas na parte inferior dos vídeos, como mostramos na Figura 58.

> As vezes aquela imagem foi enviada só pro OTT e a imagem que tá circulando nos grupos é a imagem do próprio OTT. Chegou pra ele e pronto. *A gente não consegue, deixa aquela imagem mesmo*. (Jornalista 13 [Grifos nossos])

> Muitas vezes a gente usa com o selo do OTT porque só o OTT disponibilizou até agora. Outras vezes, *na camaradagem, a gente pode até pedir pra eles pra ceder sem o logo, sem o selo, e a gente dando o crédito*. (Jornalista 5 [Grifos nossos])

> Então, assim, *dependendo da relação que o jornal, o jornalista tenha com a pessoa do OTT, pode-se pedir para que sejam cedidas essas imagens com o devido crédito no formato televisivo, em letrinhas brancas*, dizendo a fonte de quem cedeu e eles enviam esse material. (Jornalista 11 [Grifos nossos])

Mas, se existem outras maneiras de conseguir imagens limpas da violência, o que justifica a exibição de flagrantes sem qualquer tipo de crédito nos noticiários? Embora alguns jornalistas possam justificar esse obscurecimento pela pressa na finalização das matérias ou pela urgência em exibir as imagens, a maioria dos depoimentos indica que, na prática, repórteres e editores se valem da credibilidade e da apuração do OTT para procurar vídeos iguais ou semelhantes que possam ser exibidos sem crédito. Dito de outro modo, como o OTT é visto como uma ferramenta confiável de *status* jornalístico, os jornalistas aproveitam as informações e as imagens publicadas no grupo como confirmação da ocorrência dos fatos, mas tentam encontrar imagens para as quais não se sentem obrigados a indicar origem e autoria, evitando, assim, a transferência de autoridade. Isso fica bastante claro nos depoimentos em destaque a seguir.

> O produtor, normalmente, quando recebe o vídeo do OTT tem *a missão de conseguir o vídeo limpo*, (risos) sempre. (Jornalista 8 [Grifos nossos])

> Nós vamos procurar. Já que temos vastos materiais disponíveis, sempre um material ou outro sem a logo. *É por isso que as vezes você assiste um jornal que tem uma imagem do OTT ou do Fogo Cruzado com a logo e talvez num outro jornal sem a logo, porque a gente conseguiu depois sem a logo*. (Jornalista 6 [Grifos nossos])

Sendo assim, o OTT só é creditado e tem a sua marca mostrada quando os jornalistas consideram o material exclusivo, ou seja, não encontrado em outras redes sociais ou entre o material enviado pelo *WhatsApp* da emissora e dos próprios jornalistas. Do contrário, compreendem os flagrantes distribuídos nos ambientes virtuais como material de "domínio público", que pode ser apropriado e reproduzido por qualquer pessoa, sem necessitar de indicação de autoria e origem.

> *Como é algo que está circulando na internet, a gente acaba tendo o direito de poder usar essa imagem* que está circulando na internet, que está num ambiente público, nos jornais. *Agora, se é um vídeo exclusivo deles, só eles têm, só eles receberam, a gente tem essa responsabilidade de usar com crédito*. (Jornalista 4 [Grifos nossos])

Como o fluxo distributivo de imagens da violência é capilarizado em múltiplas direções, é possível que uma mesma imagem disponibilizada para o OTT também circule por outras plataformas ou redes sociais. Sendo assim, é difícil saber exatamente os canais por onde uma determinada imagem irá circular. Por isso, o argumento do "domínio público" aliado ao da falta de controle da distribuição também serve ao obscurecimento dos processos jornalísticos, mesmo quando a origem e autoria da imagem é conhecida, como podemos inferir do depoimento abaixo.

> As que você coloca no ar, *mesmo sendo da OTT, que você coloca no ar o vídeo limpo, não são creditadas*. Não tem o menor pudor de colocar e não creditar. *O argumento é, ah, isso aí fulano de tal que me passou. Como você não tem esse controle, aí você não pode nem ajudar a OTT a ter um direito autoral em cima daquela imagem. Isso foge do controle e acaba acontecendo de ir pro ar muitas vezes sem creditar*. (Jornalista 1 [Grifos nossos])

Isso nos leva ao segundo e mais importante motivo para o obscurecimento do crédito nos flagrantes do OTT. Ele está implícito na fala da maior parte dos jornalistas e diz respeito ao cercamento das fronteiras de acesso ao campo e, principalmente, às tentativas de preservar a autoridade dos profissionais. Exibir imagens seladas, na compreensão dos jornalistas, significa evidenciar para o público a dependência do material fornecido por não-jornalistas. Isso pode ser depreendido do depoimento abaixo quando o informante compara o uso de imagens de uma emissora por outra como sinal de falta de competência ou capacidade de produção.

> Eu não sei, nunca foi falado isso, mas você perde assim...*é tipo a Globo usar uma imagem selada do SBT. Fica, ah aquela emissora tá usando imagem da outra, não conseguiu fazer*, acho que é um pouco disso, não tenho certeza. (Jornalista 13 [Grifos nossos])

Por isso, o estímulo à "participação" é importante para os telejornais, pois, neste cenário de aparecimento de sistemas descentralizados de mídia, a coprodução cidadã da notícia pode oferecer conteúdos inéditos, relatos testemunhais importantes, que irão permitir uma melhor contextualização das matérias e a amarração das histórias, mas sem a necessidade de serem creditados. Nesse sentido, o emprego de termos como "imagens cedidas por telespectadores" generaliza ao máximo essa coprodução, colocando o cidadão na condição de "parceiro" com o interesse principal de assegurar a

elaboração da notícia, mas resguardando a autoridade e o lugar do jornalista nesse processo.

> É *você deixar claro que precisa daquele vídeo porque vai ser muito mais rápido*. Porque na hora que você manda uma equipe lá o tiroteio já acabou. Existe uma questão de logística. As pessoas que assistem podem entender isso também. *Tá acontecendo agora. Até chegar uma equipe de reportagem lá, o fato já acabou, já mudou tudo. A pessoa não vai chegar a tempo, vai demorar muito, o jornal já vai ter acabado, não vai mais entrar ao vivo*. Certas pessoas podem até olhar isso de uma maneira negativa porque nada vai ser unânime, mas *eu vejo isso e muitos colegas de profissão também veem isso como uma forma a mais de ter como noticiar aquela situação. De ter até uma parceria*, uma proximidade com aquelas pessoas. (Jornalista 4 [Grifos nossos])

A entrada de *outsiders* no jornalismo revela a complexidade de um campo em grandes transformações com o desenvolvimento dos ambientes digitais e dos dispositivos móveis. A visão dos jornalistas sobre a sua identidade profissional, a sua autoridade e o seu papel na sociedade vem sendo confrontada pelas interpretações que esses agentes externos fazem do seu trabalho e do próprio jornalismo. Sendo assim, ainda que não sejam reconhecidos como jornalistas pelos profissionais, os *outsiders* desafiam as fronteiras e as conceitualizações tradicionais do campo jornalístico, ao verificarem e publicarem informações de interesse público. Por isso, nomenclaturas como "parceiros" e "*part-journalists*" são empregadas a fim de "levar os intrusos menos a sério", reforçando, por outro lado, a seriedade e a autoridade dos jornalistas (Eldridge, 2020).

Zelizer (1992, p. 6-7) ressalta que a ideia de autoridade é uma construção coletiva dos jornalistas. Desse modo, determinados fatos são fundamentais para que os profissionais testem as suas fronteiras, transformando eventos de grande interesse público em oportunidades para construírem versões autorizadas da realidade social. Dito de outra maneira, através desses eventos, os jornalistas constroem memória coletiva e procuram se autopromover como vozes autorizadas, ou seja, como elementos-chave para uma produção e apresentação eficientes das notícias, ainda que, nesse trabalho, não revelem os seus métodos, segredos e processos. Talvez por isso, procurem evitar ao máximo a transferência de autoridade para o OTT.

É nesse sentido que Zelizer (1992) compreende os jornalistas como uma comunidade interpretativa que, ao compartilhar códigos de conhecimento, organização, práticas e narrativas, capitaliza autoridade. A análise da cobertura da morte do Presidente norte-americano, John Kennedy, foi importante porque mostrou como os jornalistas usaram a sua presença no local dos acontecimentos para se legitimarem como porta-vozes autorizados dos fatos, apesar de terem dito em depoimento que não tinham a certeza do que estava acontecendo, já que não viram ou não ouviram os tiros. De todo modo, aí está uma interessante correlação entre testemunha ocular, autoria e autoridade, pois o

fato de serem testemunhas oculares permitiu aos jornalistas reclamarem para si o lugar de contadores autorizados do assassinato (Zelizer, 1992, p. 118-120).

Trazendo para a problemática desta tese, num cenário de mudança permanente, de "*mediamorphosis*" das práticas jornalísticas (Rivera-Rogel et.al, 2020), os conflitos e as disputas em torno da autoridade se revelam, em parte, nas tentativas de controlar e orientar a participação e a entrada dos cidadãos e outros agentes como o OTT no jornalismo. Como a autoridade jornalística está fundada em ideais como verdade, fatos, apuração, imparcialidade e independência, o papel desempenhado por agentes externos na construção das notícias desafia a exclusividade do conhecimento dos fatos e dos próprios procedimentos jornalísticos profissionais. Assim sendo, a expropriação da autoria das imagens e das informações nas matérias permite aos jornalistas se posicionarem como seus autores e contadores legítimos, salvaguardando, então, a autoridade.

Esse entendimento faz com que os jornalistas posicionados nos cargos mais elevados na hierarquia das redações tentem evitar a utilização de imagens seladas, pois elas acabam revelando os limites do jornalismo com impacto na autoridade dos profissionais: "Às vezes, a gente usa até a mesma matéria, mas troca a imagem porque a *ordem do editor-chefe é a imagem tem que ser limpa*" (Jornalista 13 [Grifos nossos]).

O depoimento de um dos jornalistas entrevistados sintetiza bem a correlação entre autoridade e obscurecimento de autoria, seja nos flagrantes cedidos pelo OTT ou por outros cidadãos, nas matérias televisivas, de uma maneira geral.

> *Acho que é pra não mostrar fragilidade. Pra não mostrar que a emissora não tem uma estrutura de produção, de apuração própria. Então, acho que eles usam esse artifício exatamente para poder esconder as suas deficiências.* Aqui se diz muito, sou meio cético com relação a isso, mas se diz muito que o que tá na rede você pode usar porque é de domínio público. Depende. Domínio público até que alguém for reclamar juridicamente. Mas, aqui se diz muito isso. Tá nas redes sociais, é de domínio público. Tá no Facebook é de domínio púbico. *Usa e abusa e muitos lá fazem a limpeza, tiram lá, limpam a imagem, tira o crédito de quem fez, extamente, na minha concepção, pra não mostrar essa fragilidade.* (Jornalista 1 [Grifos nossos])

8.6 Situação atual do OTT

Para esta pesquisa, procedeu-se à recolha de dados durante o ano de 2020. A observação direta do aplicativo e a sistematização dos dados recolhidos resultaram em três capítulos nos quais analisamos a dimensão numérica do OTT (capítulo 6), as dinâmicas comunicacionais estabelecidas no ambiente virtualizado da ferramenta, com foco nas reações e comentários dos usuários (capítulo 7) e o fluxo distributivo de imagens flagrantes da violência urbana e o seu impacto nas rotinas de produção da

notícia na televisão, mas traçando um panorama analítico dos efeitos da utilização do OTT pelos jornalistas na autoridade desses profissionais (capítulo 8). Acreditamos que os principais resultados apresentados nesta tese apontam para profundas transformações que as práticas comunicacionais contemporâneas levam ao campo do Jornalismo.

Considera-se o OTT fruto das articulações entre a tecnologia e as práticas sociais, esperando-se que as imbricações entres esses elementos modifiquem o próprio objeto. Assim, entendendo o OTT como uma ferramenta em contínua atualização, porque parte das necessidades e das demandas dos usuários, a realização de uma nova observação poderia captar a evolução temporal da ferramenta, renovar ou acrescentar aspectos interessante salientados na pesquisa.

As atualizações aqui elencadas resultam de uma observação não-sistemática, realizada entre 29 de setembro e 21 de novembro de 2023. Elas serão divididas em duas partes. A primeira irá tratar das alterações na funcionalidade do aplicativo: novos botões, apresentação, *layout*, entre outras características de melhoramento no desenvolvimento técnico/utilitário do *app*. Já a segunda parte irá abordar algumas mudanças percebidas na dinâmica comunicacional. Apesar de ambas estarem interligadas, acreditamos que as funcionalidades podem influenciar a maneira como os usuários interagem entre si e com o aplicativo, que se chama agora OTT 360°.

Funcionalidades

Apesar de ter nova logomarca, a menção ao 360° não corresponde à característica multidimensional das imagens disponibilizadas. A cor de fundo na linha do tempo das publicações passou a ser o branco. Na versão estudada em 2020, havia 12 tipos de alertas no OTT, mas *Roubo de carga* e *Toque de Recolher* não eram representados com ícones específicos, perceptíveis nesta atualização (Figura 68).

Além disso, *Arrastão* e *Carros na contramão*, que estavam juntos em um único alerta, foram separados, mas o ícone de representação de ambos continua o mesmo. Do nosso ponto de vista, a separação torna os informes mais claros, uma vez que a comunicação de carros na contramão nem sempre significava a ocorrência de um arrastão, o que costumava gerar alguma confusão entre os usuários, com a busca por informações mais objetivas. Na aba de configurações, os usuários podem selecionar os tipos dos alertas que têm interesse em receber e acessar o histórico de alertas que enviaram.

Figura 68: Novos tipos de alertas

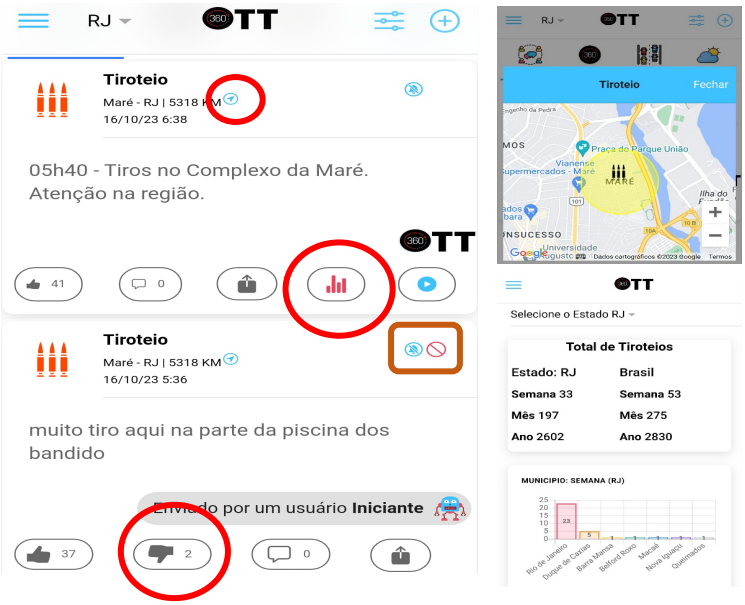


Fonte: *App* OTT, 2023

A Figura 69 traz um conjunto de modificações. Em todos os informes, uma pequena seta azul leva o usuário a um mapa do local da ocorrência. Quando são publicados pelos administradores, os alertas acompanham um botão adicional com relatórios semanais sobre a violência nos estados ou regiões referidos. No caso específico da cidade do Rio de Janeiro, é feito o *ranking* dos bairros com maior índice de violência tendo como base os alertas divulgados.

A distinção entre as publicações do OTT e as dos usuários é feita através da logomarca do *app* e do *status* e avatar do colaborador. No entanto, nas publicações do OTT, o botão "negar" foi suprimido, assim como a possibilidade de o usuário bloquear ou denunciar o alerta. Por fim, o participante pode ativar as notificações para acompanhar o desenrolar de uma determinada ocorrência.

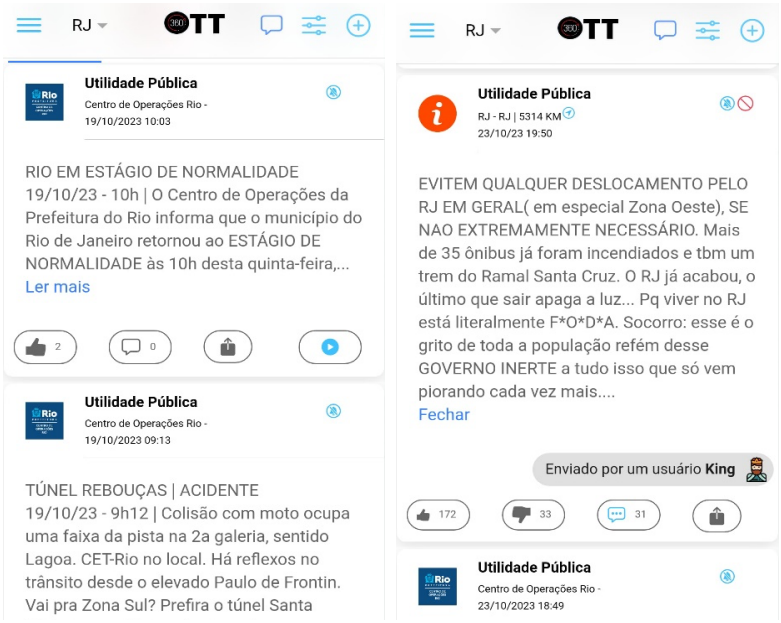
Figura 69: *Ranking* da violência



Fonte: *App* OTT, 2023

Ao que tudo indica, foi estabelecida uma parceria com a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro para a divulgação de informações sobre *previsão do tempo*, *trânsito* e *utilidade pública*. O OTT utiliza a marca visual do município para indicar a origem da informação aos usuários. Quando este tipo de informe é feito a partir dos dados oficiais, o botão "negar" também desaparece (Figura 70).

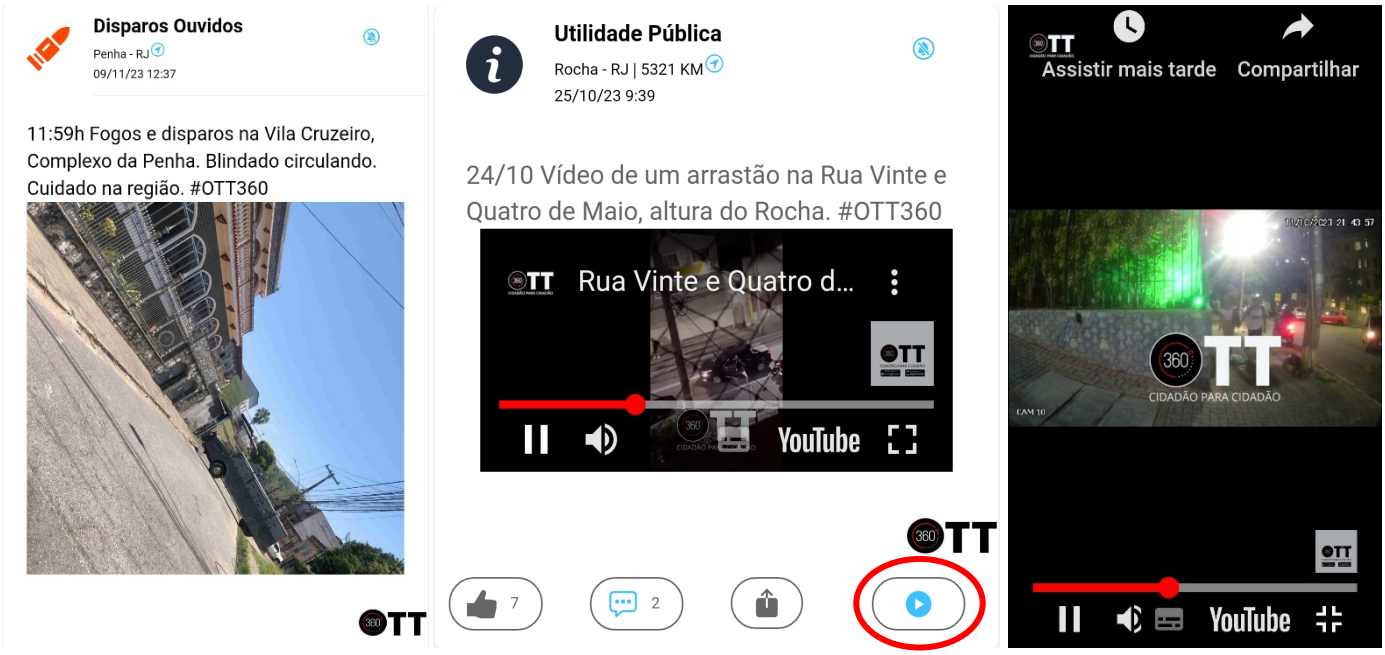
Figura 70: Parceria com a Prefeitura



Fonte: *App* OTT, 2023

Quanto ao material imagético, na versão pesquisada em 2020, dois ícones (câmera fotográfica e câmera de vídeo) levavam os usuários aos flagrantes das ocorrências. Na versão atual, tanto as fotografias quanto os vídeos ficam expostos no alerta (Figura 71). Outra mudança bastante significativa é que os vídeos são publicados a partir do canal do OTT no *YouTube*. Claramente, trata-se de uma estratégia para aumentar as visualizações, o que pode levar à rentabilização da ferramenta. Os desenvolvedores desta nova versão também privilegiaram a locução em algumas ocorrências que podem ser ouvidas através da voz de um assistente virtual (botão em destaque).

Figura 71: Exibição de fotos e vídeos



Fonte: *App* OTT, 2023

Outro aspecto das funcionalidades que gostaríamos de destacar é a cor dos símbolos dos alertas, que pode variar de acordo com número de confirmações pelos seguidores. O preto indica até 10 confirmações, a cor laranja claro representa 20 confirmações. Quando este número é ultrapassado, o símbolo ganha um tom mais escuro do laranja (Figura 72).

Figura 72: Tonalidade dos alertas



Fonte: *App* OTT, 2023

Por último, chamou-nos a atenção a existência de um Chat no topo da linha do tempo e a possibilidade de criação de círculos de conversa entre os colaboradores, como explicaremos a seguir.

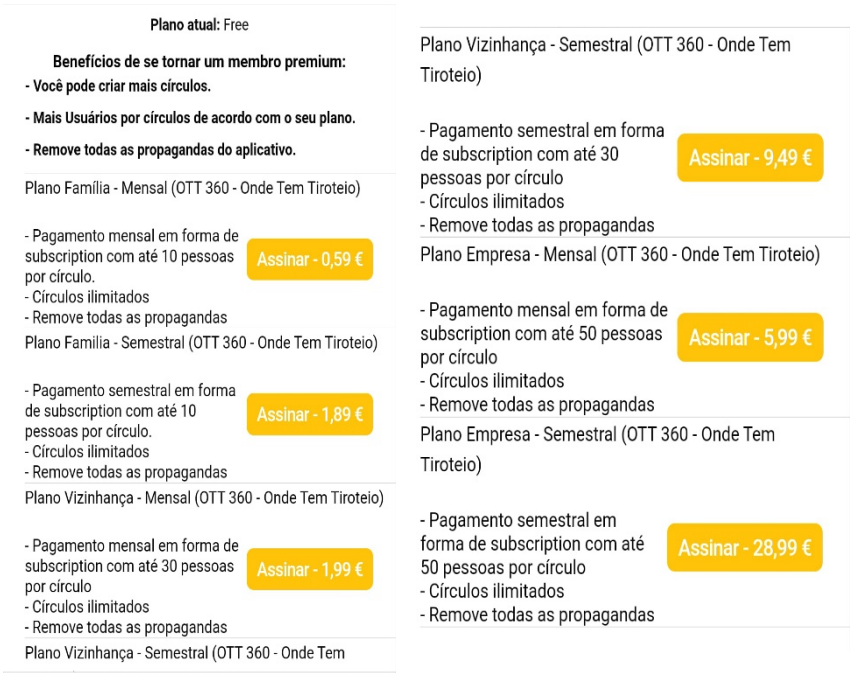
Dinâmicas na comunicação

O OTT é *Premium*. Isso significa que a ferramenta continua a poder ser baixada gratuitamente, mas o usuário terá de aceitar a publicidade na *timeline* do aplicativo. Ao nosso ver, essa é uma das mudanças mais expressivas no *app*, pois, para eliminar os anúncios publicitários, o usuário terá de assinar um dos seis pacotes pagos oferecidos: *Plano Família – Mensal*; *Plano Família – Semestral*; *Plano Vizinhança – Mensal*; *Plano Vizinhança – Semestral*; *Plano Empresa – Mensal* e *Plano Empresa – Semestral*.

Além de remover a publicidade, esses pacotes permitem aos usuários a criação e participação em "círculos". No pacote mais barato (Plano Família – Mensal), por exemplo, não há limite para a criação de círculos de conversa pelos seguidores, mas, apesar de poderem criar quantos círculos quiserem, cada um deles só poderá reunir 10 participantes no máximo. Já no pacote mais caro (Plano Empresa – Semestral), não apenas o número de círculos é ilimitado como a capacidade de cada um deles é de até

50 pessoas. Os valores variam de acordo com o período de assinatura e a capacidade dos círculos (Figura 73)[83].

Figura 73: Pacotes pagos



Fonte: *App* OTT, 2023

O desejo dos administradores de monetizar a ferramenta não é novidade. Quando o OTT era uma *fanpage* no *Facebook*, ainda em agosto de 2019, houve a tentativa de angariar fundos através de doações dos seguidores. Como abordamos neste trabalho, o baixo engajamento foi apontado pelos criadores da ferramenta como fator decisivo para transformar o OTT em aplicativo, visando a rentabilização com publicidade de rodapé do *Google*.

No *app*, na versão estudada em 2020, um ícone específico também solicitava doações financeiras aos usuários. Não é possível dizer quantos seguidores aderiram aos pacotes *premium*[84], o certo é que, embora o valor possa ser considerado relativamente baixo, os administradores encontraram uma nova maneira de tentar monetizar a ferramenta, não apenas com as visualizações de vídeos no *YouTube*, mas também com as assinaturas.

Após aderir a um dos pacotes, deixamos uma mensagem no *Chat* do Rio de Janeiro pedindo informações sobre o funcionamento dos círculos, como participar ou criá-los.

[83] Os valores aparecem em euro devido à localização do dispositivo utilizado para acessar o aplicativo.
[84] Para compreender o funcionamento dos círculos, aderiu-se ao pacote Vizinhança – Mensal, com o custo de 1,99€, o equivalente a 10 reais.

A principal resposta veio dos próprios administradores. Para participar dos círculos de conversa, os usuários precisam ser convidados e ter acesso aos chamados IDs, senhas geradas pelo sistema quando alguém cria um círculo.

A principal função dos círculos, conforme a resposta publicada no *Chat, é unir mais pessoas de uma mesma região, família, etc.* Dessa maneira, a intenção é que os círculos funcionem como *grupos de WhatsApp. Só participa e interage quem é convidado*. A explicação dos administradores acompanha a seguinte ressalva: *Se um alerta for lançado somente nos círculos os demais usuários não saberão e não é esse o objetivo do APP.*

De certa forma, podemos dizer que a dinâmica comunicacional foi fragmentada. Na versão atual, os usuários possuem três meios de interação: a publicação de alertas e comentários, a troca de informações através do *Chat* e os círculos de conversa. A resposta dos administradores indica que a proposta do *app* é ampliar as possibilidades de interação naquilo que acreditam ser *universos distintos*, divididos da seguinte maneira:

Alertas: Forma mais rápida de informar a todos os seguidores, seja quem mora, está próximo ou deslocando-se, para uma área com algum tipo de perigo.

Chat OTT: Espaço para a troca de informações sobre ocorrências das quais os usuários não têm certeza.

Círculos: Ambiente restrito para a troca de informações com quem os usuários têm maiores vínculos e proximidade.

Figura 74: Interação segmentada



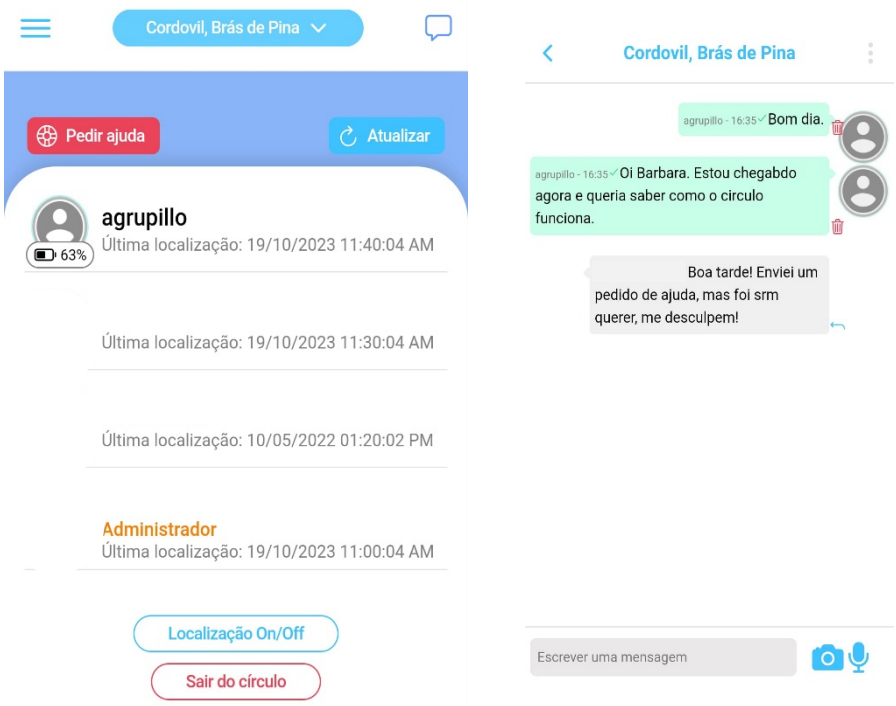
Fonte: *App* OTT, 2023

A característica dos círculos talvez explique porque esta pesquisadora tenha obtido tão poucas respostas, embora tenha deixado algumas solicitações de IDs no Chat. Apenas dois participantes disponibilizaram convites para a inclusão nos círculos *Cordovil, Brás de Pina* e *Vilar dos Teles*.

O círculo Cordovil, por exemplo, possuía quatro participantes. No ambiente dos círculos, as pessoas podem ativar ou desativar a localização do dispositivo, que aparece para os demais. Através do balão de diálogo, todos podem interagir, inclusive com o *upload* de áudio, fotos e vídeos. Além disso, o botão "Pedir Ajuda", destacado em vermelho, serve para solicitar socorro em situações de perigo. Durante o período de observação, um dos participantes acionou o botão, mas tratou-se de um equívoco explicado por meio do balão de diálogo (Figura 75).

Embora os círculos possam ser uma tentativa de agilizar a comunicação entre pessoas da mesma família ou do mesmo bairro, notamos uma baixa interação nos dois círculos dos quais participamos temporariamente. O círculo *Cordovil, Brás de Pina* foi extinto pela administradora alguns dias depois, já o *Vilar dos Teles* permaneceu ativo, mas com apenas três participantes, sem interação entre eles.

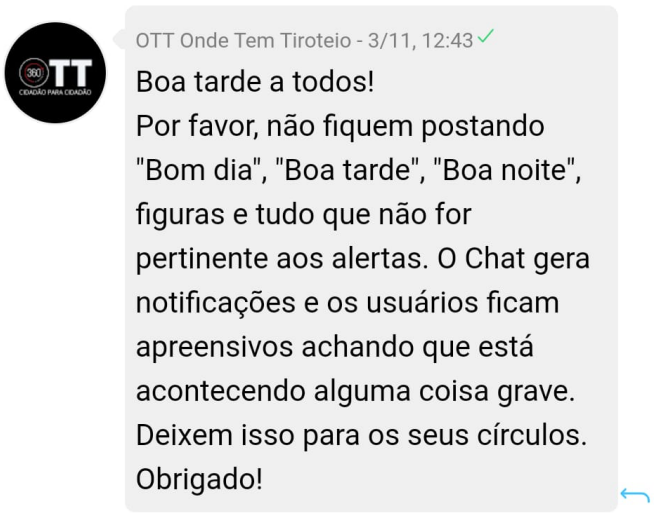
Figura 75: Círculos de conversa



Fonte: *App* OTT, 2023

Como os usuários estão mais habituados aos alertas, é possível que a interação por meio do *Chat* e dos círculos leve algum tempo para ser concretizada. Notamos que os administradores do OTT tendem a intervir na dinâmica comunicacional estabelecida a fim de evitar a geração exagerada de notificações no *Chat* e o sentimento de apreensão entre os participantes (Figura 76).

Figura 76: Orientações no Chat



Fonte: *App* OTT, 2023

Para concluir, é interessante salientar que a colaboração dos usuários por meio dos comentários também sofreu modificações. Ao fazer um novo *login* do aplicativo, os termos de uso indicam que os alertas só poderão ser comentados no prazo limite de 48 horas. No entanto, esse tempo poderá ser encurtado caso os seguidores violem as regras pré-estabelecidas pelo aplicativo.

Em termos gerais, esta nova observação não altera as principais conclusões retiradas do conjunto de dados coletados em 2020. A colaboração dos usuários através da divulgação de alertas e comentários ainda parece ser o ponto forte da ferramenta, mobilizando, inclusive, a verificação coletiva dos informes, com reflexo na confiança depositada no *app*. Isso sugere que o objetivo primordial do OTT de ser uma iniciativa capaz de auxiliar as pessoas a escaparem do perigo das balas perdidas continua o mesmo. Porém, notamos que algumas das mudanças realizadas na versão mais recente pode limitar a participação dos usuários.

Em primeiro lugar, a inexistência do botão "negar" nas publicações do OTT desloca o *app* a um lugar de autoridade em relação ao conjunto dos usuários. Apesar de os informes poderem ser contestados e corrigidos nos comentários, esta mudança sobrepõe as notificações da ferramenta às publicadas pelos colaboradores, o que pode obscurecer a transparência. Além disso, se a característica fundamental da ferramenta é ser uma comunicação C2C, do cidadão para o cidadão, seria de esperar uma equidade de poder, que pode ficar comprometida neste novo modelo.

Em segundo lugar, a criação de grupos fechados de participantes pode tornar os círculos espécies de "bolhas", o que já se sabe, facilita a circulação de desinformação.

Em terceiro lugar, existe uma enorme diferença entre pedir a doação financeira dos usuários e cobrar por assinaturas. Ainda que continue a existir uma versão gratuita, ela é restritiva, pois os usuários ficam impedidos de participar no *Chat* e nos círculos de conversa. Nesse aspecto, o novo modelo estratifica os colaboradores do OTT, o que, novamente, compromete o caráter C2C da ferramenta, já que evidencia a estratégia empresarial dos criadores. Ao que esta observação indica, em vez de ser do cidadão para o cidadão, a iniciativa está assumindo uma dimensão E2C, da empresa para o cidadão, ao cobrar pela prestação do serviço de alertas com possibilidade participativa ampla.

Em última análise, a transferência de autoridade dos jornalistas para o OTT verificada ao longo desta pesquisa pode ter contribuído para este processo, uma vez que autoridade, credibilidade e confiança são fatores fundamentais para a manutenção da ferramenta.

Conclusões

Em novembro de 2023, Simón Peña-Fernández, pesquisador no País Basco[85], fez uma analogia inquietante para levar o público à reflexão sobre os desafios do jornalismo e sobre a autoridade dos jornalistas em um contexto social de contínuo desenvolvimento tecnológico. Ele mencionou a cena clássica do filme de animação "Branca de Neve e os Sete anões", em que a Bruxa Má pergunta ao espelho mágico se há alguém mais belo no mundo, para questionar se não estariam os jornalistas a ter uma atitude semelhante. Isto é, se não estariam olhando para si próprios e procurando enxergar uma autossuficiência, apesar de as evidências mostrarem o contrário.

É claro que a ideia do orador não era proclamar o fim do jornalismo, mas apenas reforçar algo que os jornalistas, embora saibam, parecem não querer admitir: a perda do seu lugar de centralidade na vida das pessoas. Tal como a Bruxa Má, os jornalistas percebem que já não são "os mais belos", que deixaram de ser os únicos com importância no campo informativo, só não se deram conta de que camuflar essa realidade parece não ser a melhor solução para resolver o problema da perda de credibilidade e confiança das pessoas nos meios tradicionais.

O desenvolvimento da comunicação móvel e a apropriação pelas pessoas da tecnologia oferecida tornaram possível essa descentralização. A possibilidade de produção e de distribuição de informação por muitos outros agentes, entre eles os cidadãos, estenderam o campo do jornalismo e da informação para além dos domínios dos órgãos tradicionais. As pessoas não somente conquistaram novas habilidades, como também passaram a ser capazes de desenvolver ferramentas que poderiam responder as necessidades sociais e comunicativas coletivas. O aplicativo Onde Tem Tiroteio é discutido nesta tese como exemplo deste fenômeno.

Trata-se de uma iniciativa de cidadãos não-jornalistas que, movidos pelo medo das balas perdidas no Brasil, se apropriaram das tecnologias e dos dispositivos disponíveis para criar um mecanismo de comunicação colaborativa, no qual a troca de informações, o testemunho e a verificação coletiva produzem confiança. Neste modelo comunicativo, estimuladas pelo desejo de proteção mútua, as pessoas interagem com a ferramenta e com milhares de outros participantes, viabilizando a alimentação diversificada e contínua de informações do interesse comum de todos.

Normalmente, as informações circulam primeiro na ferramenta, chamando a atenção dos jornalistas. Através de milhares de usuários e testemunhas oculares, o OTT consegue estar em territórios onde os jornalistas já não podem, seja por causa das

[85] Conferência de abertura no 6º JDMIA – Congresso Internacional Jornalismo para Dispositivos Móveis & Inteligência Artificial realizado em 23 de novembro de 2023, na Universidade da Beira Interior, Portugal.

limitações laborais ou pelas fronteiras do exercício da profissão. Dessa forma, a credibilidade alcançada pelo *app*, inclusive entre os profissionais da imprensa, elevou o *status* do OTT à ferramenta mediadora da cobertura noticiosa da violência urbana.

No telejornalismo, o papel mediador do OTT se deve também ao fato de o aplicativo estar inserido em um fluxo complexo e multidirecional de distribuição de flagrantes de ações de violência. O OTT se conecta aos informantes de confiança, aos usuários de outras redes sociais, aos diferentes órgãos de comunicação e também aos jornalistas. Isso lhe permite acessar ocorrências de violência com mais velocidade, obter imagens e fazer a verificação da veracidade e da sua correlação com o evento comunicado mais rapidamente. Os administradores do OTT compreendem a importância dos vídeos para os telejornais, daí o interesse em manter uma relação mais aproximada com os mesmos através da cessão de flagrantes.

De um lado, o *app* atua como instância de *gatekeeper* ao fazer a seleção, apuração e pré-edição das imagens que circulam através da ferramenta e depois são disponibilizadas para a exibição nos noticiários. De outro lado, ao serem publicados, os alertas de violência podem mobilizar os usuários por meio de comentários com a adição de detalhes testemunhais, novas denúncias ou correções, o que também torna o OTT uma instância da *gatewatching*, na medida em que a curadoria informativa é feita colaborativamente pelos participantes.

De certa forma, essa dinâmica parece ser valiosa para os jornalistas de televisão por três motivos. Em primeiro lugar, os produtores, repórteres e editores sentem mais confiança nas informações e imagens provenientes do aplicativo em comparação com outros perfis ou páginas nas redes sociais. Isso se deve ao vínculo que mantêm com os administradores e à crença de que também fazem parte da checagem das ocorrências divulgadas no *app*.

Em segundo lugar, o comentário de muitas pessoas na divulgação de eventos relacionados com a violência urbana nas redes sociais digitais é compreendido pelos jornalistas como uma comprovação da ocorrência de um evento. Quer dizer, se muita gente comenta, é sinal de que algo realmente está acontecendo, ainda que não obtenham a confirmação de fontes oficiais. Implicitamente, essa interpretação valida as manifestações dos usuários em comentários no *feed* do OTT e a dinâmica de verificação coletiva. Em terceiro lugar, e, o mais importante, como confiam na apuração da ferramenta, os jornalistas conseguem agilizar a produção das matérias, superando uma parte fundamental da sua elaboração, a apuração, para passar à etapa seguinte de seleção das imagens e montagem das notícias, o que corrobora a hipótese principal levantada nesta tese. Em outras palavras, aceleram a produção, mas delegando indiretamente o trabalho de apuração para o aplicativo. Essas três razões puderam ser

percebidas com a observação da ferramenta, através da interação estabelecida no grupo dos jornalistas no *WhatsApp* e também com a interpretação das entrevistas realizadas para esta tese.

Este trabalho procurou responder ao seguinte problema de investigação: em que medida o recurso contínuo ao conteúdo audiovisual da violência produzido por não-jornalistas afeta o papel e a autoridade dos jornalistas profissionais na televisão?

A questão prende-se ao principal desafio enfrentado pelos jornalistas ao fazerem uso da engrenagem criada pelo *app*, pois mesmo não conseguindo dar conta do volume de flagrantes que chegam às redações e apesar de confiarem na apuração aberta do OTT, os jornalistas tentam evitar a transferência de autoridade para o *app*, obscurecendo a origem das imagens exibidas. O OTT costuma imprimir a logomarca nos flagrantes cedidos aos jornalistas e estes têm a "missão" de encontrar a mesma cena ou imagem semelhante, mas sem marcas de autoria, em outras redes socias. Isso lhes deixa mais confortáveis em não creditá-las.

Assim, quando se fala em cobertura da violência urbana, de certa forma, os jornalistas sabem que dependem da mediação da ferramenta, mas se esforçam para "não mostrar fragilidade", tanto da emissora para a qual trabalham quanto deles próprios. Enfim, reconhecem as suas limitações, mas optam por negá-las, procurando preservar as suas fronteiras e a autoridade no campo do jornalismo profissional. Isso explica porque foram encontradas imagens com e sem a logomarca do OTT em telejornais diferentes de uma mesma emissora. A salvaguarda da autoridade jornalística também explica a panóplia de formas de crédito que pode ser encontrada nos noticiários relativamente aos flagrantes captados pelos cidadãos através de seus dispositivos móveis. No caso específico do OTT, o que os jornalistas podem ainda não saber é que essa estratégia não é convincente, pois os usuários acompanham o que é divulgado no *app* e nos telejornais, e parecem reconhecer a credibilidade do aplicativo e do sistema colaborativo desenvolvido mais do que a dos noticiários.

Em síntese, enquanto os usuários mantêm uma relação de colaboração com o *app*, fornecendo informações, fotos e imagens, e dele recebendo informes verificados de eventos de violência, os jornalistas preservam uma relação de aparente cooperação e disputa de autoridade, apesar de receberem um material considerado importante para a elaboração dos telejornais. Confirma-se, assim, a primeira hipótese secundária da tese.

A violência urbana é um problema grave e transversal aos brasileiros, por isso mesmo costuma ser fortemente explorada pelos noticiários. Neste aspecto, apesar de o estudo ter sido centrado nos telejornais do Rio de Janeiro, o que acontece no estado tende a reverberar jornalisticamente, inclusive internacionalmente, como uma representação

do que ocorre no país. Nesta prespectiva consiste a universalidade do fenômeno estudado.

Os flagrantes da violência funcionam como um valor-notícia, orientando as pautas, os textos dos repórteres e a edição. O uso frequente do material cedido pelo OTT expõe os limites da atividade profissional nas regiões consideradas perigosas, a desconexão dos jornalistas com essas áreas e a incapacidade de estarem em todos os lugares onde acontece um fato de interesse público com relevância noticiosa.

O OTT é um objeto ilustrativo de como a articulação entre tecnologia e práticas sociais pode modificar o tecido comunicacional contemporâneo, adicionando camadas não previstas ao campo geral da informação e, em particular, ao jornalismo, desafiando seu papel e o lugar. Ao mesmo tempo em que supre a necessidade informativa de seus participantes, o *app* fornece um material de relevância e interesse noticioso para as redações. Essa característica, juntamente com a apuração, levou o aplicativo a ocupar o lugar de ferramenta mediadora com *status* jornalístico, embora possa não ser reconhecido como jornalismo pelos jornalistas. Isso sustenta, então, a segunda hipótese secundária da tese.

Esse *status* pode influenciar a maneira como os usuários também veem o papel da própria ferramenta e a compreendam como um aplicativo de notícias, pois os informes preenchem um certo *gap* informativo. O modelo textual utilizado no OTT se assemelha à técnica jornalística do *lead*, primeiro parágrafo em que são salientados os aspectos mais relevantes da notícia. O desenrolar dos acontecimentos, no entanto, é construído conjuntamente entre os usuários, através dos comentários. Não se pode falar, portanto, em um padrão de notícias como o que é elaborado pelo jornalismo tradicional, mas, ao que tudo indica, as informações disponibilizadas no OTT respondem à necessidade dos participantes de saber o que está acontecendo ao seu redor, de forma rápida e verificável, aquilo que aqui chamamos de relato altamente relevante ou informação útil. Dessa dinâmica comunicacional advém a confiança que dizem depositar no OTT desde que a ferramenta foi criada como uma página no *Facebook*.

Essa perspectiva é importante porque pode indicar uma mudança no modo como as pessoas entendem o que uma notícia é, o seu formato e a função que deve exercer na vida cotidiana dos indivíduos, num contexto social marcado pela evolução das tecnologias móveis e suas possibilidades de uso. Neste trabalho, interpretam-se essas possibilidades não a partir de uma sobreposição da tecnologia ao social, mas como um imbricamento entre os dois elementos. Assim, os informes divulgados no *app* podem ser considerados notícia, se entendermos a notícia não como um produto textual acabado e elaborado a partir de padrões e técnicas redacionais, mas como a ampla circulação de relatos altamente relevantes sobre um determinado acontecimento. Em

ferramentas tecnológicas colaborativas, notícia passa a ser algo mais fluido, uma construção aberta, realizada através de uma dinâmica de atualização contínua entre os participantes, independentemente da estrutura de texto apresentada.

Esta tese tem como ponto de partida um olhar interno. De certo modo, ela nasce das experiências vivenciadas como jornalista nas redações em transformação, nas principais empresas de televisão do Brasil. Aos longo dos últimos anos, a função do apurador, por exemplo, desapareceu e a tarefa foi acumulada pelo produtor. A ida das equipes de reportagem para a rua foi sendo reduzida ao estritamente necessário já que a internet e as redes sociais tornaram-se um "terreno" com material farto para a produção das notícias, principalmente as relacionadas com a violência urbana. Dessa forma, os textos foram virando uma descrição daquilo que o jornalista passou a enxergar não pelas suas próprias lentes, mas pelo olhar multiplicado das pessoas que, no interior do tecido urbano e de posse dos dispositivos móveis, passaram a gravar e interpretar a própria realidade. De modo geral, ao passo em que foram ficando cada vez mais distantes, os jornalistas ficaram também mais dependentes.

Mas este trabalho também resulta de um olhar externo, pois embora o OTT seja uma iniciativa brasileira, a sua observação foi feita a partir de Portugal. Nesse aspecto, o distanciamento geográfico foi de fundamental importância, porque, sendo conhecedora da realidade do Rio de Janeiro e sabendo o quanto a violência é explorada pelos noticiários, permeando os relacionamentos interpessoais, estar fisicamente afastada permitiu uma espécie de desnaturalização da violência que contribuiu para uma visão mais objetiva da ferramenta, das relações estabelecidas entre os participantes, e entre o OTT e os jornalistas. Por outro lado, sem o conhecimento do cotidiano, do território e da identidade do Rio de Janeiro não seria possível compreender o sentimento de insegurança que mobiliza a população a criar soluções. Tudo isso possibilitou a construção de uma visão mais clara a respeito dos fenômenos que permeiam a tese.

De maneira nenhuma este trabalho propõe a substituição do jornalismo por iniciativas informativas baseadas na colaboração ou dos jornalistas pelos cidadãos. Ao contrário, acredita-se nas potencialidades do trabalho conjunto entre jornalistas e cidadãos. Essa complementaridade pode oferecer oportunidades de aprofundamento e maior conhecimento dos jornalistas sobre as realidades locais, com a produção de informações ainda mais qualificadas. Em última análise, a efetiva colaboração entre ambos poderia construir um cenário dialógico, melhorando a cobertura de fatos de interesse dos cidadãos e a confiança no jornalismo.

No caso específico do OTT e a cobertura da violência urbana, a lógica da cooperação, no lugar da competição e disputa, poderia gerar informes mais contextualizados, com pluralidade de fontes e restringir a possibilidade de circulação de desinformação, por

exemplo. Por outro lado, pouparia trabalho aos jornalistas já sobrecarregados com o acúmulo de funções, em redações cada vez menores, os libertando para aprofundar as notícias sem a preocupação de buscar formas de esconder a origem das informações recebidas, das imagens exibidas, da efetiva participação dos cidadãos.

Na contramão dessa perspectiva, o cenário de disputa de autoridade entre jornalistas e OTT pode ter influenciado as mudanças mais recentes realizadas na ferramenta. Da parte do OTT, a autoridade transferida com uso contínuo de vídeos pelos telejornais pode ter impulsionado o desejo de monetização dos criadores. Tudo indica que o *app* caminha no sentido de uma transição entre uma iniciativa inteiramente gratuita e feita do cidadão para o cidadão para uma solução que visa a prestação privada de um serviço de informação, caracterizada pela relação empresa-cidadão. De certa maneira, o OTT passa por um processo que foi natural ao próprio jornalismo ao associar a sua independência à subsistência econômica.

De outro lado, da parte dos jornalistas, essa percepção pode alterar a relação com o *app*, levando à diminuição ou suspensão da utilização do material. De todo modo, e por tudo o que foi discutido nesta tese, teriam que buscar outras formas confiáveis de obter material para as notícias, em especial às relacionadas com a violência urbana.

Verdadeiramente, se quisermos voltar à analogia da Bruxa Má e o espelho mágico, pode-se propor um exercício de autocrítica aos jornalistas. Assim, talvez percebessem que o trabalho conjugado com outras formas de comunicação, em uma sociedade cada vez mais conectada e autônoma, pode ser revigorante. Talvez isso contribuísse para devolver parte da credibilidade que o jornalismo e os jornalistas têm vindo a perder aos longo dos últimos anos.

Em termos científicos, reconhecemos algumas limitações pertinentes à execução desta pesquisa. Desde logo, o fato de lidar com um *corpus* empírico volátil e fluido. Face às constantes modificações no *app*, foi necessário um grande esforço para manter o foco nas questões que norteavam o trabalho e um esforço ainda maior para não perder de vista detalhes que poderiam alterar os resultados e as discussões aqui levantadas.

Fazer etnografia virtual traz enormes desafios para a pesquisa, pois significa tentar compreender fenômenos e reações através da leitura de textos e símbolos. Não conhecer as pessoas por trás daquilo que elas publicam provoca alguma estranheza, às vezes o sentimento de dúvida se, afinal, estamos interpretando tudo com clareza.

Além disso, como já escrevemos, as restrições de acesso às redações prejudicaram uma observação mais aproximada do trabalho dos jornalistas e dos mecanismos de negociação que adotam para obter imagens para as matérias. Teria sido interessante observar a trajetória dos flagrantes desde a sua obtenção pelos produtores até a finalização das notícias.

Por fim, acredita-se nos desdobramentos deste trabalho em investigações futuras. Considerando a crescente importância dos sistemas sociotécnicos nos diversos domínios da comunicação contemporânea, seria interessante desenvolver e testar ferramentas que envolvam participação e cidadania nos processos de construção e manutenção de confiança, com o objeto de promover a literacia midiática e encontrar soluções comunicativas colaborativas para os chamados "desertos de notícias".

No mais, tendo em vista que a Inteligência Artificial ganha uma importância transversal a todas as atividades humanas e que a sua utilização apresenta tendência ascendente, será igualmente interessante acompanhar as alterações trazidas pela IA à comunicação autônoma e horizontal entre as pessoas, mas também à produção jornalística audiovisual, com atenção às implicações sociais, desafios comunicacionais e ético-laborais no campo do Jornalismo.

Referências

Aguiar, L., & Barsotti, A. (2013). Jornalismo amador: proposta para definir as práticas jornalísticas exercidas pelo público em ambientes interativos. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, 1*(1), 43–58. https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6081

Aguiar, L., & Barsotti, A. (2016). O jornalismo sensorial e o infotenimento na produção de notícias para dispositivos móveis. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, 3*(1), 57–75. https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/8694

Aguiar, L., & Rodrigues, C. (2021). Expertise no jornalismo: considerações sobre a autoridade professional no contexto da desinformação impulsionada pelos algoritmos. Chasqui. *Revista Latinoamericana de Comunicación*, (147), 243-240. https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8093851

Ahva, L., & Wiard, V. (2018). Participation in local journalism: assessing two approaches through access, dialogue and deliberation. Sur le journalisme, About journalism. *Sobre jornalismo, 7*(2). http://www.surlejournalisme.com/rev

Albuquerque, A. (2009). O copy desk e o diploma: a retórica do profissionalismo como 'purificação moral' no jornalismo brasileiro. In F. L. Lopes, & I. Sacramento (Orgs.), *Retórica e Mídia – estudos ibero-brasileiros* (pp. 279-289). Florianópolis: Insular.

Allan, S. (2009). *Citizen journalism: Global perspectives*. Nova York: Peter Lang.

Almeida, Y. D. G. (2014). *A segunda geração do Jornalismo Colaborativo: quando as bases de dados se tornam dispositivos para a produção colaborativa de conteúdo*. Dissertação de Mestrado (UFBA). https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25235

Amaral, A. (2010). Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. *Revista USP*, (86), 122-135. https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13818

Amaral, A., Natal, G., & Viana, L. (2008). Netnografia como aporte metodológico na pesquisa em comunicação digital. *Revista Cadernos da Escola de Comunicação, 1*(6), 1-12. https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/issue/view/15

Anchieta, I. (2007). A notícia como forma de conhecimento segundo Robert Park. *BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, 1-11. https://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-noticia-como-forma-conhecimento.pdf

Anchieta, I. (2011). O paradoxal estatuto do conhecimento jornalístico: entre a desconsideração e o protagonismo do saber produzido pelas notícias nas sociedades modernas. Intercom: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, *34*(2), 157-174. https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/720/1024

Angeluci, A. C., Donato, R., & Scolari, G. (2017). O WhatsApp como actante: o impacto do aplicativo interativo em redações jornalísticas. *Mediação*, *19*(24), 195-214. http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/3778

Antunes, B. F., & Matheus, L. C. (2019). Cartografia da violência no Facebook e a experiência do medo. *INTERIN*, 24(1), 242-261. https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/1441

Aranha, A. S., & Miranda, G. V. (2015). O jornalismo hiperlocal como mediador do empoderamento feminino. *Revista Observatório*, *1*(3), 160-180. https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1663

Aristóteles, R. (1998). *Introducción, traducción y notas de Alberto Bernabé*. Madrid: Alianza.

Bakhtin, M. (2002). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Annablume.

Barbosa, S. (2002). A informação de proximidade no jornalismo online. *Revista Contracampo*, (07), 47-64. https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17335

Bardoel, J., & Deuze, M. (2001). 'Network journalism': converging competencies of old and new media professionals. *Australian journalism review*, *23*(2), 91-103. https://www.researchgate.net/publication/267969191_Network_Journalism_Converging_competences_of_old_and_new_media_professionals

Barnes, S. B. (2003). *Computer-mediated communication. Human-to-human communication across the Internet*. Boston: Allyn and Bacon.

Belochio, V. (2009). *Jornalismo colaborativo em redes digitais: estratégia comunicacional no ciberespaço. O caso de Zero Hora.Com*. Dissertação de Mestrado, UFSM, março. https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6289

Berger, P. L., & Luckmann, T. (2004). *The Social Construction of Reality: Treaty of Sociology of Knowledge*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Bird, E., & Dardenne, R. (1993). Mito, Registro e Estórias: Explorando as qualidades narrativas das notícias. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias* (pp. 263-277). Lisboa: veja.

Bolin, G. (2014). *Institution, technology, world: Relationships between the media, culture, and society* (vol. 21, pp. 175-198). Berlin: De Gruyter Mouton.

Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bowman, S., & Willis, C. (2003). *Nosotros, el medio*. The Media Center at the American Press Institute.

Boyce, C., & Neale, P. (2006). *Conducting in-depth interviews*: *a guide for designing and conducting in-depth interviews for evaluation input*. Watertown: Pathfinder International.

Braga, A. (2006). Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. *UNIrevista, São Leopoldo, 1*(3), 35-55.

Brasil, A. C. (2012). *Telejornalismo imaginário – memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV*. Florianópolis: Insular.

Brasil, A. & Migliorin, C. (2010). Biopolítica do amador: generalização de uma prática, limites de um conceito. *Revista Galáxia*, (20), 84-94. https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/3280/3292

Breed, W. (1993). Controlo social na redacção. Uma análise funcional. *Jornalismo: questões, teorias e estórias* (pp. 152-166). Lisboa: Vega.

Broncano, F. (2008). Trusting others. The epistemological authority of testimony. *THEORIA. Revista de Teoría, Historia y Fundamentos de la Ciencia, 23*(1), 11-22. https://ojs.ehu.eus/index.php/THEORIA/article/view/2

Bruno, F. (2009). Controle, Flagrante e Prazer: regimes escópicos e atencionais da vigilância nas cidades. *Revista FAMECOS, 15*(37), 45-53. https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/4799

Bruns, A. (2005). *Gatewatching: Collaborative Online News Production*. New York: Peter Lang.

Bruns, A. W., Jason, A., & Saunders, B. J. (2008). *Building Spaces for Hyperlocal Citizen Journalism*. In AOIR President (Ed.) *Internet Research 9.0: Rethinking Community, Rethinking Space (2008) - 9th Annual Conference of the Association of Internet Researchers* (pp. 1-7). Association of Internet Researchers, Denmark,.

Bustamante, C. G., & Relly, J. E. (2016). The practice and study of journalism in zones of violence in Latin America: Mexico as a case study. *Journal of Applied Journalism & Media Studies, 5*(1), 51-69. https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/ajms.5.1.51_1

Cádima, F. R. (2010). *A televisão, o digital e a cultura participativa*. Lisboa: Media XXI.

Camponez, C. (2017). Proposta de novos pactos comunicacionais na era do hiperlocal. In P. Jerónimo (Org.). *Media e jornalismo de proximidade na era digital* (pp. 11-26). Covilhã: Livros LabCom. https://www.labcom.ubi.pt/book/298

Canavilhas, J. (2010). *Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. II Congresso Internacional de Comunicación* 3.0. Salamanca.

Canavilhas, J. (2001). *Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web*. Covilhã: Livros LabCom. https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4358

Carpentier, N. (2012). The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate?. *Fronteiras-estudos midiáticos, 14*(2), 164-177. https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.142.10

Cardoso, L. C. M., & Costa, M. L. (2017). Notas sobre a prática de pesquisa etnográfica no campo da Comunicação. *Questões Transversais, 5*(10), 64-71. http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/15734

Castells, M. (1999). *A era da informação: economia, sociedade e cultura* (volume I). São Paulo: Editora Paz e Terra.

Castells, M. (2007). Power and counter-power in the network society. *International Journal of Communication, 1*, 238-266. https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46/35

Castilho, C. (2020a). O jornalismo local é inviável sem o engajamento da comunidade. *Observatório da Imprensa,* Ed. 1074, 11 de fevereiro. https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo-local/o-jornalismo-local-e-inviavel-sem-o-engajamento-da-comunidade/

Castilho, C. (2020b). A "desprofissionalização" e a "desinstitucionalização" no jornalismo da era digital. *Observatório da Imprensa,* Ed. 1077, 03 de março. https://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias/a-desprofissionalizacao-e-a-desinstitucionalizacao-no-jornalismo-da-era-digital/

Cavalcanti, J. A. (2016). *Rotinas produtivas e novas mídias: o uso do whatsapp como ferramenta de produção jornalística*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social-Jornalismo) – Curso de Jornalismo, Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília.

Chagas Reis, A. (2019). A "Ralé do Telejornalismo. *Compolítica, 9*(2), 113-140. https://doi.org/https://doi.org/10.21878/compolitica.2019.9.2.206

Chartier, R. (1998). *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP.

Conde, M. (2013). A estrutura da notícia na mídia digital: uma análise comparativa entre o webjornal eo aplicativo para iPad de El País. In J. Canavilhas (Org.), *Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis* (pp. 99-120). Covilhã: LabCom Books. https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/201703301136-201704_jdm.pdf

Correia, J. C. (2011). *O admirável mundo das notícias: teorias e métodos*. Covilhã: LabCom Books. https://labcom.ubi.pt/livro/26

Costa, G. D. S. (2010). Netnografia e MROCs: análise e coleta de dados em pesquisas qualitativas na era das redes sociais. *Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Educação: redes sociais e aprendizagem, 3*.

Couldry, N., & Hepp, A. (2018). *The mediated construction of reality*. Local: John Wiley & Sons.

Coutinho, I., & Leal, P. R. F. (2009). *Identidades midiáticas*. Local: Editora E-papers.

Cruz, L. M., & Müller, F. M. (2017). Testemunhos e Boatos. In F. M. Müller, & K. M. Etcheverry (Orgs.), *Ensaios sobre Epistemologia do Testemunho* (pp. 173-185). Porto Alegre, RS: Editora Fi.

Dantas, J. B. A., & Lacerda, J. (2014). Etnometodologia e entrevistas em profundidade: visões da realidade social a partir de combinação metodológica aplicada a pesquisa sobre ethos jornalístico. *XII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación* – ALAIC, Lima, Peru. https://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT9-Dantas-Lacerda.pdf

Deuze, M. (2005). What is Journalism?: Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, *6*(4), 442-464. http://jou.sagepub.com/content/6/4/442

Deuze, M. (2011). Media life. *Media, culture & society*, *33*(1), 137-148. https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0163443710386518

Deuze, M.; Bruns, A., & Neuberger, C. (2007). Preparing for an age of participatory news. *Journalism practice*, *1*(3), 322-338. https://doi.org/10.1080/17512780701504864

Deuze, M., & Witschge, T. (2015). Além do jornalismo. *Leituras do jornalismo, ano 02, 2*(4) 1-31. https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74

De Abreu, A. A. (2003). Jornalismo cidadão. *Revista Estudos Históricos, 1*(31), 25-40. https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2185

d'Andréa, C. F. D. B. (2020). *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Carlos d'Andréa. Salvador: EDUFBA, epub – (Coleção Cibercultura).

Donath, J. (1999). Identity and deception in the virtual community. In P. Kollock, & M. Smith (Eds.), *Communities in Cyberspace* (pp. 29-59). New York: Routledge.

Douglas, T. (2006, july 4). How 7/7 'democrasited' the media. *BBC*. http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/5142702.stm

Dourado, T. (2020). *Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil*. Tese de Doutorado. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Duarte, J. (2005). *Entrevista em profundidade*: métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas.

Eldridge II, S. A. (2020). Where do we draw the line? Interlopers, (ant) agonists, and an unbounded journalistic field. *Media and Communication*, *7*(4), 8-18

Etcheverry, K. M., & Müller, F. M. (2017). Thomas Reid sobre o testemunho. In F. M. Müller, & K. M. Etcheverry (Orgs.), *Ensaios sobre Epistemologia do Testemunho* (pp. 9-14). Porto Alegre, RS: Editora Fi.

Evans, L. (2010). Authenticity Online: using webnography to address phenomenological concerns. In A. Mousoutzanis, & D. Riha (Orgs.), *New Media and the Politics of Online Communities*. Oxford: Inter-Disciplinary Press.

Fernandes, J. C., & de Lima, M. R. D. V. (2017). Conexões entre o jornalismo hiperlocal e o jornalismo investigativo: algumas reflexões e observações. *Comunicação & Inovação, 18*(36), 51-67. https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/3873

Figaro, R., & Silva, A. F. M. da. (2020). A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. *Contracampo, 39*(1), 101-115. https://doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38566.

Fogg, B., Marshall, J., Kameda, T., Solomon, J., Rangnekar, A., Boyd, J., & Brown, B. (2001). Web credibility research: A method for online experiments and early study results. In M. Tremaine (Ed.), *CHI'01 extended abstracts on Human factors in computing systems*, (pp. 295-296). New York: Association for Computing Machinery.

Fort, M., & Branco, C. C. (2021). As redações móveis e o jornalismo produzido via WhatsApp. *Anais do Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia* (pp 1-17). Manaus: UFAM. *https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-8beacb0304d95575346ba3749465e3a33c787aa9-arquivo.pdf*

Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.

Franciscato, C., & Guerra, J. L. (2006). Contributions of Qualitative Research to Journalistic Reporting. *Brazilian Journalism Research, 2*(2), 83-97. https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/83

Fricker, E. (1995). Critical Notice: Telling and Trusting: Reductionism and Anti-Reductionism in the Epistemology of Testimony. *Mind, 104*(414), 393-411. https://doi.org/10.1093/mind/104.414.393

Galtung, J., & Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news: The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *Journal of peace research, 2*(1), 64-90. https://www.jstor.org/stable/423011

Gehrke, M., & Benetti, M. (2021). A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid19: temas, plataformas e atores. *Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos, 23*(2), 1-28. https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.02

Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Gillmor, D. (2004). *We the Media: Grassroots Journalism By the People, For the People*. Sebastopol: O'Reilly Media.

Gonçalves, E. M. (2005). O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo. *Revista Estudos em Jornalismo e mídia, 2*(1), 23-34. https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/331

Gradim, A. (2000). *Manual de jornalismo*. Covilhã: Livros Labcom. https://labcomca.ubi.pt/manual-de-jornalismo/

Graefe, A., & Bohlken, N. (2020). Automated journalism: A meta-analysis of readers' perceptions of human-written in comparison to automated news. *Media and Communication, 8*(3), 50-59. https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/68389

Graefe, A., Haim, M., Haarmann, B., & Brosius, H. B. (2016). *Perception of automated computer-generated news: credibility, expertise, and readability. 11th Dubrovnik Media Days, Dubrovnik*.

Graham, P. J. (1997). What is testimony?. *The Philosophical Quarterly, 47*(187), 227-232. https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-

9213.00057?casa_token=phomScwmKqEAAAAA:rrNVoyZmEfb5JeSUMAyfBR3pAouVcs-G8x8o1O6YaIxS2c3ngslgGqukL2DsoXdOoP9w2rArVwlyi1k

Grupillo, A. (2018). *A "Ralé" do Telejornalismo: O Jornalista Amador na Produção da Notícia e os Limites da Autoridade Jornalística na Televisão*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade Federal Fluminense. http://ppgcom.uff.br/aline-grupillo-chagas-reis

Gutierrez, S. D. S. (2009). A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. *Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 32*, 1-16. (Publicado em CD-ROM).

Hall, S. (2003). *Da diáspora*. Belo horizonte: UFMG, 36.

Hepp, A., Hjarvard, S., & Lundby, K. (2010). *Mediatization–Empirical perspectives*: An introduction to a special issue. *Communications*, (35), 223-228. https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/comm.2010.012/html

Hine, C. (2000). *Virtual ethnography*. Londres: SAGE Publications.

Hine, C. (2005). *Virtual methods: Issues in social research on the Internet*. Oxford, UK: Berg Publishers.

Hine, C. (2012). Etnografia segundo Christine Hine: abordagem naturalista para ambientes digitais. *E-Compós, 15*(3), 1-8. https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/856/638

Hine, C. (2015). *Ethnography for the internet: Embedded, embodied and everyday*. London, UK: Bloomsbury Academic.

Hine, C. (2016). Estratégias para a etnografia da internet em estudos de mídia In B. Campanella, & C. Barros (Orgs.), *Etnografia e Consumo Midiático*. Rio de Janeiro: E-Papers.

Hjarvard, S. (2015). Da Mediação í Midiatização: a institucionalização das novas mídias. *Parágrafo, 3*(2), 51-62. https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/331

Hjarvard, S. (2014). Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. *Matrizes, 8*(1), 21-44. https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82929

Holanda, A. (2007). *Estratégias de abertura: o jornalismo de fonte aberta nos casos Indyme-dia, CMI, Slashdot, Agoravox, Wikinotícias e Wikinews*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia. https://facom.ufba.br/jol/pdf/2007_HOLANDA_Andre_Dissertacao_Estrategias%20de%20Abertura.pdf

Hume, D. (2004). *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral* (trad. J. O. de Almeida Marques). São Paulo: UNESP, 35.

Jenkins, J., & Graves, D. L. (2019). *Case Studies in Collaborative Local Journalism*. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism. https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:927c6219-4c44-42b3-bd49-9a0b40fe52e7

Jerónimo, P. (2015). *Ciberjornalismo de Proximidade - Redações, Jornalistas e Notícias Online*. Covilhã: LabCom.IFP. https://labcomca.ubi.pt/ciberjornalismo-de-proximidade-redacoes-jornalistas-e-noticias-online/

Jorge, T. (2012). *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo (2.ed): Contexto.

Jorge, T. (2013). *Mutação do jornalismo: como a notícia chega à internet*. Brasília: Editora UnB, Universidade de Brasília.

Jost, F. (2010). *Compreender a televisão*. Porto Alegre: Sulina.

Junior, W. T. L. (2018). Jornalismo hiperlocal: projeto experimental Lupa NH. *Comunicação & Inovação, 19*(39), 67-81. https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5030

Karl, J. (2012). *Uso de materiais produzidos por fontes externas ao campo do jornalismo: um estudo de caso do Jornal Nacional*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia. https://www.academia.edu/en/28950384/Jornalismo_de_Fonte_Aberta_Capitulo1_EstrategiasdeAbertura_Disserta%C3%A7%C3%A3o

Kischinhevsky, M. (2009). Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. In C. Rodrigues (Org.), *Jornalismo online: modos de fazer* (pp. 57-74). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.

Kovack, B., & Rosenstiel, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo*. (2a ed.) São Paulo: Geração.

Kozinets, R. (2002). The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities. *Journal of Marketing Research, 39*(1), 61-72. https://journals.sagepub.com/doi/10.1509/jmkr.39.1.61.18935

Lalanda, P. (1998). Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise Social, 33*(148), 871-883. http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf

Latrônico, A. L., & Mattedi-Furb, M. (2019). O território como tecnologia de mediação social: a customização territorial dos aplicativos móveis. *Anais do XVIII ENANPUR* (1-23). http://xviiienanpur.anpur.org.br/anaisadmin/capapdf.php?reqid=622

Li, Y., & Hellmueller, L. (2016). A longitudinal study of CNN's integration of participatory journalism. In B. Franklin, & S. Eldridge II (Eds.), *The Routledge companion to digital journalism studies* (pp. 335-344). London and New York: Routledge.

Lisboa, S. S. D. M., & Benetti, M. (2017). Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem. *Estudos em Jornalismo e Mídia, 14*(1), 51-62. https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/172693

López-García, X. (2017). Realidades e desafios do ciberjornalismo de proximidade. In P. Jerónimo (Org.), *Media e jornalismo de proximidade na era digital* (pp. 119-136). Covilhã: Livros Labcom. https://www.labcom.ubi.pt/book/298

López-García, X., Negreira-Rey, M. C., & Rodríguez-Vásquez, A. I. (2016). Cibermedios hiperlocales ibéricos: el nacimiento de una nueva red de proximidad. *Cuadernos. info,* (39), 225-240. https://scielo.conicyt.cl/pdf/cinfo/n39/art15.pdf

Luna, D., & Fante, A. (2017). O fato jornalístico narrado por meio de notificações: um olhar sobre a aplicação dos critérios de noticiabilidade na produção das pushed news. In J. Canavilhas, & C. Rodrigues (Orgs.). *Jornalismo Móvel: Linguagem, géneros e modelos de negócio* (pp. 175-196). Covilhã: LabCom.IFP. https://labcom.ubi.pt/livro/289

Lundby, K. (Ed.). (2014). *Mediatization of Communication* (vol. 21). Walter de Gruyter GmbH & Co KG.

Machado, E., & Palacios, M. (2018). Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In S. Barbosa, E. Machado, & M. Palacios (Org.), *GJOL: 20 anos de percurso: textos fundadores e metodológicos* (pp. 341-364). Salvador: EDUFBA.

MacKinnon, R. (2005). Blogging, journalism, and credibility: Battleground and common ground. In *Proceedings of Conference at Harvard University*, 21-22. https://cyber.harvard.edu/events/webcred/2005/01/bjc

McLuhan, M. (1964, 1994). *Understanding media: The extensions of man*. London: MIT press.

McLuhan, M. (1972). E-Compós, C. E. (2012). Entrevista com Marshall McLuhan. E-Compós, *14*(3). https://doi.org/10.30962/ec.845 (trad. D. Fleck).

McLuhan, M**.** (1975). Silva Rosa, J. M (2008). Entrevista a Herbert Marshall MCLUHAN. *Théorie de l'image*, Lausanne: Éditions Gramond.

McMyler, B. (2011). *Testimony, trust, and authority*. USA: Oxford University Press.

Martín-Barbero, J. (2015). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.

Martino, L. M. S. (2019). Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. *Intexto,* (45) 16-34. https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/77889

Marques de Melo, J. (1979). *Ideologia e Poder no ensino da Comunicação*. São Paulo: Cortez e Moraes: Intercom.

Marques, A., Kinoshita, J., & Moliani, J. (2018). Os arranjos de mídia alternativos e suas "redações". *Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. São Paulo: SBPJor.

Medina, C. (1988). *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus Editorial.

Meditsch, E. (1998). Jornalismo como forma de conhecimento. *BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, 1-13. https://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf

Mick, J., & Kikuti, A. (2020). O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil: uma agenda de pesquisa. *Plural*, *27*(2), 210-239. https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2020.179830

Mick, J., & Lima, S. (2013). *Perfil do Jornalista Brasileiro – características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis: Insular.

Mielniczuk, L. (2013). O celular afronta o jornalismo. In: Suzana Barbosa, Luciana Mielniczuk (org.). *Jornalismo e tecnologias móveis* (pp. 113-126). Covilhã: LabCom Books. https://labcom.ubi.pt/book/98

Mitsuishi, Y. (2007). Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual. In J. Ribeiro, & S. Bairon (Orgs.). *Antropologia Visual e Hipermídia*. Lisboa: Edições Afrontamento.

Moreira, D. (2017). Introdução. In F. M. Müller, & K. M. Etcheverry (Orgs.), *Ensaios sobre Epistemologia do Testemunho* (pp. 53-77). Porto Alegre, RS: Editora Fi.

Moura, S., & Carneiro, A.) (2015). Convergência Jornalística e a Produção de Notícias para Dispositivos Móveis: a Experiência dos Jornais Paraibanos. In J. Canavilhas, & I. Satuf (Orgs.), *Jornalismo para Dispositivos Móveis: produção, distribuição e consumo* (pp.283-301). Covilhã: Livros LabCom. https://labcom.ubi.pt/livro/137

Moretzsohn, S. (2014). O "jornalismo cidadão" e o mito da tecnologia redentora. *Brazilian Journalism Research, 10*(2), 248-271. https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/751

Muylaert, C. J., Sarubbi Jr, V., Gallo, P. R., Neto, M. L. R., & Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da*

Escola de Enfermagem da USP, 48(esp2.), 184-189. https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027

Neto, F. (2006). Midiatização, prática social-prática de sentido. Artigo apresentado no *Encontro da Rede Prosul, no seminário Midiatização*, UNISINOS. PPGCC, São Leopoldo, RS.

Neves, B., & Maia, R. (2008). Imagens estarrecedoras: telejornalismo e processos de accountability. *Brazilian Journalism Research*, *5*(1), 77-101. https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/issue/view/12

Niekamp, R. (2011). Pans and Zooms: The quality of amateur video covering a breaking news story. In K. Andén-Papadopoulos, & M. Pantti, M (Eds.), *Amateur images and global news* (pp. 113-128). Bristol: Intellect.

Nielsen, R. K. (2021). Notícias digitais como formas de conhecimento: um novo capítulo na Sociologia do Conhecimento. *Intexto,* (52), e-96916. https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/96916

Nishiyama, A. F. (2017). *Arquiteturas da notícia em dispositivos móveis: análise de aplica-tivos jornalísticos brasileiros e portugueses para smartphones*. Tese de Doutoramento em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo/ UBI. http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1723

Nunes, P. (2017). Crime e polícia no #RiodeJaneiro: relatos em páginas do Facebook. *Boletim Segurança e Cidadania,* (24). https://cesecseguranca.com.br/boletim/crime-e-policia-no-riodejaneiro-relatos-em-paginas-do-facebook/

Oliveira, N., & Holanda, A. F. (2010). Jornalismo participativo e informação hiperlocal: o papel de mashups e hashtags na construção da notícia em redes sociais. *Iniciacom, 2*(1). https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/662

Oliveira, J. L., & Fonseca, V. P. S. (2014). Subjetividades, estranhamentos e situacionalidades: contribuições da antropologia para a pesquisa em jornalismo. In E. M. da R. Barichello, & A. Rublescki (Orgs.), *Pesquisa em comunicação: olhares e abordagens* (pp. 109-132). Santa Maria: Facos – UFSM.

Orgad, S. (2005). From online to offline and back: Moving from online to offline relationships with research informants. In C. Hine (Ed.) ,*Virtual methods: Issues in social research on the Internet* (pp. 51-66). Oxford, UK: Berg Publishers.

Palmer, L. (2012). "iReporting" an Uprising: CNN and Citizen Journalism in Network Culture. *Television & New Media*, 14(5), 367-385. https://journals.sagepub.com/toc/tvna/14/5

Park, R. E. (1940). News as a Form of Knowledge: A Chapter in the Sociology of Knowledge. *American journal of Sociology, 45*(5), 669-686. https://www.journals.uchicago.edu/toc/ajs/1940/45/5

Paul, D., & Christofoletti, R. (2021). Valores morais em disputa entre jornalistas e não-jornalistas. *E-Compós, 24,* 1-18. https://doi.org/10.30962/ec.2220

Pereira, G. T. F., & Coutinho, I. M. S. (2022). WhatsApp, desinformação e infodemia: o "inimigo" criptografado. *Liinc em Revista, 18*(1), e5916. https://doi.org/10.18617/liinc.v18i1.5916.

Peruzzo, C. N. K. (2005). Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade, 26*(43), 67-84. https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/8637

Petrarca, F. R. (2010). Construção do Estado, Esfera Política e Profissionalização do Jornalismo no Brasil. *Revista de Sociologia*, *18*(35), 81-94. https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000100006

Peucer, T. (2004). Os Relatos Jornalísticos. *Estudos em Jornalismo e Mídia, 1*(2), 13-29. https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/330

Polivanov, B. B. (2013). Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas, 1(3), 61-71*. https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621

Polydoro, F. S. & Costa, B. (2014). A apropriação da estética do amador no cinema e no telejornal. *Líbero*, *17*(34), 89-98. https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2015/03/00-Iniciais.pdf

Pontes, F. S., & Mick, J. (2018). Crise e mercado de trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). Anais do 27º Encontro Anual da Compós, *(pp.* 1-19). Belo Horizonte. https://proceedings.science/compos/compos-2018/trabalhos/crise-e-mercado-de-trabalho-trajetorias-profissionais-de-jornalistas-no-brasil-2?lang=pt-br#

Primo, A. F. T. (2003). *Interação Mediada por Computador: A comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional*. Tese de doutorado, UFRGS, março. https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6959

Quesada Tavares, C., Xavier, C., & Simão Pontes, F. (2021). Os jornalistas brasileiros em contextos de crises: uma análise das trajetórias profissionais de 2012 a 2017. *E-Compós, 24,* 14-21. https://doi.org/10.30962/ec.2040

Quandt, T. (2018). Dark participation. *Media and Communication, 6*(4), 36-48. https://www.cogitatiopress.com/mediaandcommunication/article/view/1519

Ramalho, R., Maia, K., & Gradim, A. (2022). Midiativismo e mídia alternativa: congruências e particularidades no contexto das tecnologias da informação e comunicação. *E-Compós, 24,* 1-21 . https://doi.org/10.30962/ec.2345

Ramonet, I. (2012). *A Explosão Do Jornalismo? Das Mídias De Massa à Massa de Mídias*. São Paulo: Publisher Brasil, 1ª ed.

Reid, T. (1997). *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense [1764]*. Edinburgh: Edinburgh UP.

Reginato, G. D. (2020). Informar de modo qualificado: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas. *Estudos em Jornalismo e Mídia, 17*(1), 43-53. https://doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n1p43.

Ribeiro, A. P. (2007). *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers.

Rocha, L. S., & Müller, F. M. (2017). Testemunho e Expertise. In F. M. Müller, & K. M. Etcheverry (Orgs.). *Ensaios sobre Epistemologia do Testemunho* (pp. 79-102). Porto Alegre, RS: Editora Fi.

Rodriguez Pastoriza, F. (2003). *La mirada en el cristal. La información en televisión*. Madrid: Fragua.

Rodríguez Hidalgo, C., Rivera-Rogel, D., & Romero-Rodríguez, L. M. (2020). Information quality in Latin American digital native media: Analysis based on structured dimensions and indicators. *Media and communication*, *8*(2), 135-145. https://doi.org/10.17645/mac.v8i2.2657

Rodrigues, L. P. R., Baldi, V., & Gala, A. D. C. O. S. (2022). Jornalismo Móvel: a emergência de um novo campo jornalístico. *Brazilian Journalism Research, 17*(2), 280-305. https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1368/pdf_1

Rosas, J. de A. (2014). Mídia Ninja, mídia tradicional e accountability. *Revista Extraprensa*, 7(2), 121-131. https://doi.org/10.11606/extraprensa2014.85188

Rosen, J. (2006). *The People Formerly Known as the Audience*. http://archive.pressthink.org/2006/06/27/ppl_frmr.html

Roxo da Silva, M. (2016). *Jornalistas, pra quê? Militância sindical e o drama da identidade profissional*. Curitiba: Appris.

Roxo, M. (2011). *Sobre fronteiras no jornalismo:* o ensino e a produção da identidade profissional. Tese de Doutorado, UFF**.** https://ppgcom.uff.br/michelle-roxo-de-oliveira/

Rublescki, A., Barichello, E., & Dutra, F. (2013). Apps jornalísticas: panorama brasileiro. In J. Canavilhas, J. (Org.), *Notícias e Mobilidade: jornalismo, na era dos dispositivos móveis*, (pp. 121-140). Covilhã: Livros LabCom. https://labcom.ubi.pt/livro/94

Sá, S. M. M. de. (2017). *Jornalismo integrador: o noticiário televisivo na era da abundância informativa*. Tese de Doutorado, Universidade da Beira Interior, Covilhã. https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4455

Sanders, T. (2005). Researching the online sex work community. In C. Hine (Ed.), *Virtual methods: Issues in social research on the internet* (pp. 67-79). Oxford, UK: Berg Publishers.

Schudson, M. (1989). The sociology of news production. *Media, culture & society*, *11*(3), 263-282. https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016344389011003002

Schudson, M. (2010). *Descobrindo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis: Vozes.

Schuch, M., & Jorge, T. M. (2022). O uso do WhatsApp por jornalistas de rádio em Brasília: partilha e concorrência. In J. Canavilhas, C. Rodrigues, R. Morais, & F. Giacomelli (Orgs.), *Mobilidade e inteligência artificial: os novos caminhos do jornalismo* (pp. 33-54). Covilhã: Universidade da Beira Interior. https://labcomca.ubi.pt/wp-content/uploads/2022/09/202203_JornMovAI_JCanCRodRMorFGia.pdf

Schulz, W. (2004). Reconstructing mediatization as an analytical concept. *European Journal of Communication*, *19*(1), 87-101. https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0267323104040696?casa_token=zEX0L6hFhn8AAAAA:BS4xgHdmJW6NjlAqo-Eh9MaqXzGzM5wOAtNI6g3SlsqlYLzFCz81GwnRLNs1g4kAaN21D8SL6-zY

Seidman, I. (2006). *Interviewing as qualitative research: A guide for researchers in education and the social sciences*. New York and London: Teachers college press.

Seixas, L. (2009). *Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação*. Covilhã: Livros LabCom. https://labcom.ubi.pt/livro/36

Sena, A. R. B. C. (2013). Modos e mecanismos de credibilidade no jornalismo televisivo: o caso da SIC. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã. https://www.proquest.com/openview/d7ed168be5c5cbb03068a6e1b3a12417/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y

Serra, P. (2006a). *A credibilidade da informação na web*. BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior. https://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-credibilidade-web.pdf

Serra, P. (2006b). *Web e credibilidade–O caso dos blogs*. BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior. https://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-web-credibilidade-blogs.pdf

Serra, P. (2006c). O princípio da credibilidade na selecção da informação mediática. *Animus. Revista Interamericana da Comunicação Midiática, 2(1)*, 37-49. https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/523/1/untitled.pdf

Shapiro, I., Brin, C., Bédard-Brulê, I., & Mychajlowycz, K. (2013). Verification as a strategic ritual: How journalists retrospectively describe processes for ensuring accuracy. *Journalism Practice, 7*(6), 657-673. https://doi.org/10.1080/17512786.2013.765638

Shaw, D. (2007). Really Local: Gannett and other media companies are embracing "hyperlocal" Web sites as a new way of engaging fleeing readers. *American Journalism Review, 29*(2), 54-58. https://go.gale.com/ps/i.do?p=AONE&u=googlescholar&id=GALE|A162680270&v=2.1&it=r&sid=AONE&asid=802aed34

Silva, M. H. S. C. D. (2013). *O que é jornalismo colaborativo: um estudo de caso: The Guardian. The Guardian.* Monografia de Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1168/1/MSilva.pdf

Siqueira, F. C. (2013). *O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia: o flagrante único de coprodução no telejornalismo*. Tese de Doutorado em Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. https://www.academia.edu/49128714/O_efeito_de_participa%C3%A7%C3%A3o_do_real_representado_e_o_surgimento_de_um_novo_valor_not%C3%ADcia_o_flagrante_%C3%BAnico_de_coprodu%C3%A7%C3%A3o_no_telejornalismo

Sjovaag, H. (2011). Amateur Images and Journalistic Authority. In K. Andén-Papadopoulos & M. Pantti (Eds.), *Amateur Images and Global News*. Bristol, UK: Intellect.

Sjøvaag, H., & Karlsson, M. (2016). Rethinking research methods for digital journalism studies. In B. Franklin, & Eldridge II, S. (Eds.), *The Routledge companion to digital journalism studies* (pp. 87-95). London and New York: Routledge.

Social, W. A. (2021). *Digital 2021 global overview report*. We Are Social. https://wearesocial.com/uk/blog/2021/01/digital-2021-uk/

Sodré, M. (2012). *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, *2ed.*.

Squirra, S. (1993). *Aprender Telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense.

Stokes, D., & Bergin, R. (2006). Methodology or "methodolatry"? An evaluation of focus groups and depth interviews. *Qualitative Market Research, 9*(1), 26-37. Disponível em: https://doi.org/10.1108/13522750610640530

Subin, P. (2018). Between Participation and Autonomy. *Journalism Practice, 12*(5), 526-542. https://doi.org/10.1080/17512786.2017.1331707

Foschini, A., & Taddei, R. (2010). *Jornalismo Cidadão: você faz a notícia*. Coleção Conquiste a rede. http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000098.pdf

Targino, M. G. (2009). *Jornalismo cidadão: informa ou deforma?* Brasília: Ibict: UNESCO.

Temer, A., & Tuzzo, S. A. (2017). A entrevista como método de pesquisa qualitativa: uma leitura crítica das memórias dos jornalistas. *Atas CIAIQ2017 – Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, 3*, 459-468. https://www.simonetuzzo.com/_files/ugd/3ecc9a_d4076740950f4f71aebc9ca9a675e158.pdf

Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo, vol 1: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.

Trasel, M. R. (2007). *A pluralização no webjornalismo participativo: uma análise das intervenções no Wikinews e no Kuro5hin*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, fevereiro. https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10469

Travancas, I. (2011). *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus.

Tuchman, G. (1978). *Making news: A study in the construction of reality*. *Social Forces, 59*(4), 1341-1342. https://doi.org/10.2307/2578016

Tuchman, G. (1972). Objectivity as Strategic Ritual: An Examination of Newsmen's Notion of Objectivity. *American Journal of Sociology, 77*(4), 660-679. https://www.jstor.org/stable/2776752

Thurman, N., Pascal, J. C., & Bradshaw, P. (2012). Can big media do big society? A critical case study of commercial, convergent hyperlocal news. *International Journal of Media & Cultural Politics, 8*(2-3), 269-285. https://doi.org/10.1386/macp.8.2-3.269_1

Väätäjä, H., Männistö, A., Vainio, T., & Jokela, T. (2009). Understanding user experience to support learning for mobile journalist's work. *The evolution of mobile teaching and learning*, 177-210. https://researchportal.tuni.fi/fi/publications/understanding-user-experience-to-support-learning-for-mobile-jour

Veiga, L., & Gondim, S. M. G. (2001). A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. *Opinião Pública, 7*(1) 1-15. https://www.scielo.br/j/op/a/gMFTTts3KJSyjkZXBQV6VjM/

Vieira, T. A. S. (2013). Mídia NINJA Entre a Tecnologia, a Política E a Prática Profissional. *Razón y Palabra*, (85). https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199531506026

Wagstaff, J. (2007, set. 30). *Oh, My! The future of news!*. The Jakarta Post. https://www.loosewireblog.com/2007/10/the-future-of-n.html

Weaver, P. H. (1993). As notícias de jornal e as notícias de televisão. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"* (pp. 294-305). Lisboa: Vega.

Wenzel, A. D., & Crittenden, L. (2021). Reimagining local journalism: A community-centered intervention. *Journalism Studies, 22*(15), 2023-2041. https://doi.org/10.1080/1461670X.2021.1942148

White, D. M. (1950). The "gate keeper": A case study in the selection of news. *Journalism quarterly, 27*(4), 383-390. https://doi.org/10.1177/107769905002700403

Wolf, M. (1999). *Teorias da Comunicação de massa*. Lisboa: Presença.

Wölker, A., & Powell, T. E. (2021). Algorithms in the newsroom? News readers' perceived credibility and selection of automated journalism. *Journalism, 22*(1), 86-103. https://doi.org/10.1177/14648849187570

Young, M. L., & Hermida, A. (2015). From Mr. and Mrs. outlier to central tendencies: Computational journalism and crime reporting at the Los Angeles Times. *Digital journalism, 3*(3), 381-397. https://doi.org/10.1080/21670811.2014.976409

Zago, G. (2009). Informações Hiperlocais no Twitter: Produção Colaborativa e Mobilidade. *Intercom – XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Curitiba.

Zelizer, B. (2015). Terms of choice: Uncertainty, journalism, and crisis. *Journal of Communication, 65*(5), 888-908. https://doi.org/10.1111/jcom.12157

Zelizer, B. (1990). Where is the author in American TV News? On the construction and presentation of proximity, authorship, and journalistic authority. *Semiotica, 80*-(1/2), 37-48. https://doi.org/10.1515/semi.1990.80.1-2.37

Zanotti, C. A., & Schmidt, S. C. (2013). Jornais em dispositivos móveis: experiências com resultados opostos em cidades do interior do Estado de São Paulo (Brasil). In J. Canavilhas (Org.), *Notícias e Mobilidade: o jornalismo, na era dos dispositivos móveis* (pp. 141-162). Covilhã: LabCom Books . https://labcom.ubi.pt/livro/94

Anexos I: Entrevistas

Entrevista **Henrique Coelho Caamano Administrador OTT** 05/08/2019

Nome completo, data de nascimento e local:
Meu nome é Henrique Coelho Caamaño, data de nascimento é 15 de Abril de 1967, no Rio de Janeiro.

O aplicativo foi criado em 2016 depois de uma reportagem sobre a violência urbana no JN. O que chamou a atenção de vocês nessa matéria?
Ele foi criado pelo Benito Quintanilha, que é um dos meus sócios. Ele viu uma matéria sobre uma mulher que foi baleado num tiroteio em uma comunidade, se não falha a memória no Complexo do Alemão, e ela parece que veio, inclusive, a óbito. Ele viu naquele momento que faltava esse tipo de coisa para a população geral, esse tipo de informação. Onde está ocorrendo tiroteios, onde está ocorrendo arrastões e as pessoas não têm como se proteger nesse sentido né? Porque você fica sabendo depois de ocorreu, muito tempo depois, não vai te ajudar muito. Então, ele resolveu criar uma página no perfil dele, primeiro no perfil dele, avisando aos amigos.
Perfil aonde?
Perfil dele no Facebook. Ele resolveu avisar os amigos. Um amigo dele de infância, Marcos Baptista, Marcos Luís Baptista deu a ideia de criar realmente uma página, vamos criar uma página para atingir mais pessoas. Um outro amigo dele de infância, o Dennis Colli, veio com a ideia de ampliar isso. Outros canais, meios de comunicação, Instagram, Telegram, Whatsapp, Twitter, abriu o leque e ele começou a sugerir a ideia de uma aplicativo próprio. Em Agosto, eu entrei para o OTT, em 2016. Eu trouxe minha bagagem da área de logística, deu uma padronizada nos lançamentos e a coisa disparou.
Então, inicialmente o OTT nasceu nas redes sociais, precisamente no Facebook?
Sim, com certeza. E aí, a coisa começou a crescer muito, o monstro (risos) ficou assim enorme e é o que a gente está aí hoje. A gente está tentando batalhar. O grande problema é que a gente não tem apoio de ninguém. A gente tira do nosso bolso pra bancar o OTT. Hoje, inclusive, a gente está mudando um pouco a nossa forma de lançar (os alertas) porque não dá. Eu tô vindo do plantão da madrugada, tô aqui falando com você agora. Se eu não tivesse falando com você agora, eu ia estar no plantão ainda porque meu colega tá embarcando. Ele vai embarcar agora, passar 15 dias embarcado, eu fico 15 dias na loucura porque um dos outros administradores é professor, fica o dia inteiro dando aula, quando chega em casa 10h30 da noite é que ele dá uma segurada pra eu poder passear com as minhas cadelas, tenho duas cadelas enorme (risos). Eu tenho que passear se não elas ficam loucas, comer alguma coisa, esticar um pouco o esqueleto como eu falo porque a gente não dorme, a gente estica o esqueleto. A gente vai tocando nesse ritmo até ele desembarcar de novo. O que acontece? Nisso, você esquece um pouco a tua vida. Família, trabalho, enfim...você fica preso ao aplicativo e as pessoas não entendem isso. A gente tentou de várias formas várias parcerias. A gente só encontra parceria do tipo você me dá e eu não te dou nem obrigado. Isso não é parceria, isso é exploração. O OTT gera muitos dados. Tem dados diversos ali, não é simplesmente tantos tiros numa região, tantos arrastões, é toda uma coisa complexa. Dali você faz prospecções, estimativas, várias coisas e a gente sabe disso. Informação é dinheiro. O OTT não foi criado pra ganhar dinheiro, foi uma coisa filantrópica mesmo, você ajudar o próximo sem interesse nenhum. Só que no meio do caminho o monstro ficou tão grande que você pra segurar ele, você precisa dedicar muito tempo, então, são 16 horas/dia mínimas de plantão que a gente fica. Como você se sustenta? Tuas contas vão chegando, tua despensa está acabando, como é que você faz. A gente tentou várias coisas. Tentou parcerias, tentou até vaquinha virtual pra ver se o pessoal ajudava, só que o brasileiro, o carioca em geral é muito mal acostumado, quer tudo de graça e só sabe reclamar. A verdade é essa. Então, a gente chegou num ponto que não vai mais lançar (alertas) em lugar nenhum a não ser no aplicativo. No aplicativo, mal ou bem, você tem aquela propagandazinha do Google. É uma merrequinha, mas é uma coisa que está entrando e você não fica tão preso à estrutura que a gente mesmo montou. A gente

fez pra ajudar a todo mundo só que ninguém nos ajuda. Então, a gente fez uma postagem aí esses dias falando um pouco. Quando a gente falou que não ia lançar mais no aplicativo (quis dizer na página do FB), as pessoas se acham no direito de determinar o que você vai fazer. Eu criei uma coisa pra ajudar a todo mundo e as pessoas querem dizer como eu devo fazer isso. Que isso? Loucura? Não é assim que funciona, pera aí! As pessoas nos comentários são super agressivas, falam um montão se besteira. Então, o colega nosso, administrador Denis colocou lá um desabafo. Vocês não sabem de nada da nossa vida. A gente está tirando do nosso bolso pra ajudar vocês, vocês ainda estão reclamando? Resumindo a história, né? Aí que o pessoal começou a ver, mas isso já foi contato diversas vezes, só que as pessoas não leem. Impressionante como a nossa população não lê. A gente às vezes lança um vídeo, com a informação toda do vídeo ali na legenda, aí a pessoa: isso é aonde? Tá alí cara...não lê. Impressionante como o cidadão perdeu essa mania de ler. Se tiver imagem, se tiver vídeo, a pessoa fica na imagem, no vídeo e não lê, é impressionante. Tudo é desgastante, saber que você está tendo um trabalho e as pessoas simplesmente não estão nem aí. A gente agora lança só no aplicativo, mesmo assim a gente pensou na questão do cidadão. Ah, meu celular é velhinho, é fraquinho, a gente lançou uma versão light, 5MB é menos que um vídeo de família e a pessoa tá reclamando? Quer que eu lance no FB porque o seu celular é velhinho, fraquinho? De onde vocês tiram isso? Nosso aplicativo é gratuito, ninguém paga nada, tem uma versão levinha e o cara mesmo assim está reclamando?

No início, como vocês buscavam informação sobre a violência e qual o papel da rede social nessa busca?

As informações chegam de tudo quanto é lado. Como a gente tinha, tem ainda vários canais, chegam pelo Twitter, Instagran, Facebook, de outras páginas, vizinho, grupos de Whatsapp, Telegran, essas informações vieram chegando. O OTT fez um trabalho de formiguinha, ele foi caminhando devagarinho. Qual é o nosso diferencial de outros grupos, outras páginas, outras mídias? Nós fomos criando essa credibilidade, ele foi erguendo esse castelo não foi de areia, foi concreto puro. O que a gente propôs à sociedade foi cumprido da nossa parte. Então, se você põe uma informação, o sigilo é absoluto. Você vai me encher o saco perguntando quem foi que mandou e eu não vou dizer pra você. O grupo é de alerta, a gente vai procurar alertar vocês quase em tempo real, tempo real não existe como você alertar. Se for uma evento que está durando, show de bola, se for um arrastão, por exemplo, fica difícil você alertar porque não dura 10 segundos, 20 segundos. Os caras parecem equipe de Fórmula 1, mecânico de Fórmula 1, desmonta, leva os carros, vambora. Eu tô passando aqui agora, não tô vendo nada. Graças a Deus. Isso uma hora depois. Amigo, no dia que você passar uma hora depois e ver uma arrastão em andamento ainda, você vai embora do Rio que isso aqui acabou! Nego tá fazendo bliz e você não tá sabendo. Já não é mais arrastão, é falsa blitz. O que a gente ofereceu aos nossos usuários, a gente cumpriu. Tentar correr atrás das informações. A gente só lança coisa confirmada. O tiro não foi no morro do Macaco, foi no acesso do morro do Macaco. Fala sério! Acesso de morro é morro. Descupe, né? Vai ter que dizer agora se foi lá no alto do morro ou lá embaixo no morro? É morro, gente. Então, a gente sempre coloca “atenção na região”, “cuidado na região”. Porque? Não interessa se é na Teodoro da Silva ou na São Francisco Xavier. Uma bala hoje chega a 3 km facilmente. Então, você tem que tomar cuidado naquela região toda, não é só naquele local. A gente procura especificar ao máximo o local. As vezes é muito difícil, por quê? Tem morador que se confunde, tem comunidade tipo o Complexo do Alemão, ali você perde dois, três minutos tentando saber em que parte do complexo do Alemão foi. Agora, é importante você dizer mais ou menos onde é que foi porque o Complexo do Alemão é muito grande. As vezes a pessoa está de um lado para o outro e ela não quer entrar em pânico. Ah, mas isso é lá do outr lado, é lá no morro do Adeus, eu tô aqui, entendeu? Então, a gente procura especificar, só que aí vem aquele usuário chato. Não paga nada, não ajuda com nada, mas ele não quer que você acerte na mosca. Ele quer que você acerte na pata esquerda da mosca, na traseira. Pra não dizer outra coisa. Fala sério? Você que é do ramo, já viu alguma página especificar como a gente especifica?

Na maioria das vezes, você vai ver assim: “tiros no Complexo do Alemão”. E a gente não faz isso. É Complexo do Alemão, localidade tal, e o cara, ah, mas qual é a rua? Fala sério!
Volto a perguntar, desde o início, as redes contribuem para esse envio de informação?
Sim.
Qual é o papel das redes nessa busca de informação?
Fundamental. O OTT desenvolveu o que a gente chama de segurança pública 4.0. É o cidadão para o cidadão. O cidadão ajudando outro cidadão com informações. Então, claro que é fundamental. A gente vai pegando ali, a gente vai confirmando, a gente ouviu falar, vai lá na comunidade. A gente participa em mais de 600 grupos de Whatsapp. A gente vai lá nos grupos. A gente ouvir falar tiros, não sei o que, alguém confirma por favor? Aí, começa. Porque a pessoa da comunidade não quer falar. Ela está escutando, mas fica quieta, tem medo. Alguém vai e puxa, aí vem, vem de enxurrada. Não, realmente está acontecendo. Você vai lá no outro grupo também, joga em página de Twitter, Instagran, você vai começando a triangular até chegar na localidade. Aí, fechou e isso tem que ser rápido. Bem rápido. Se é fundamental? Com certeza, justamente por causa disso. É do cidadão para o cidadão, sempre foi assim. Ah, você confirma com o batalhão? Não. O batalhão não confirma nada. E até ele confirmar, vai demorar muito. Já passou o alerta. Tem casos que a gente laçou, o batalhão desmentir e a gente mostrar que aconteceu.
Então, as fontes oficiais não fazem parte dessa apuração?
Da apuração, não. Elas fazem parte dos nossos canais, mas não fazem parte da apuração. O que já seria esperado, né?!
Em 3 anos, o aplicativo cresceu em termos de visibilidade. Quem forma a rede de contatos que abastece o OTT de informação?
São moradores das regiões que são apontadas, o nosso grupo de confiança, que são pessoas que moram, quase todos na totalidade, em comunidades ou ao redor de comunidades. Pessoas que ganham o status de confiáveis em nossos canais no Facebook, Instagran, o FB tem um campozinho onde você coloca um rótulo. Conforme a pessoa vai colocando informação, você vê que bateu aquilo, você bota um rotulozinho de confiável.
O OTT possui colaboradores de confiança em zonas de conflito? Quem são especificamente essas pessoas?
Moradores. Moradores em geral. Em geral, eles não querem participar de grupos pra não ficarem expostos. Comunidade é complicado. Em geral, eles não querem participar de grupos, mas querem avisar pras pessoas não entrarem na comunidade naquela hora em que está acontecendo um conflito, querem avisar pra criança que tá indo ou vindo de escola, indo ou vindo do trabalho.
Como é feito o repasse da informação por parte essas pessoas?
Bem simples. É aquela comunicação eu aqui falando com você. Geralmente, chamam todos nós de OTT. OTT, tiros na comunidade aqui na rua tal. Tiros aqui na localidade tal. Bem comum. É tranquilo. Por texto, dificilmente por áudio, a maioria por texto até porque por uma questão de identificação né? A gente também não repassa nada. Isso também foi legal pro pessoal ter credibilidade com a gente. Porque tem muita gente que fala que não vai repassar nada e repassa áudio e isso é complicado. Imagina você morar num local super perigoso e aparece sua voz lá falando, teve gente que teve que mudar por causa disso. A gente, não. Áudio de morador, vídeos que a gente recebe as vezes de um confronto. As vezes o vídeo é maravilhoso. Palavra horrível, mas o vídeo é bom pra você exemplificar o que está acontecendo ali, mas você não pode usar porque o morador acabou comento equívocos e filma a casa dele, pessoas falando o nome ao redor, oh fulano! Como é que você vai jogar um negócio desse? Não tem condições. Então, a gente não coloca, a gente nunca expôs ninguém. As vezes a gente lança um vídeo, as vezes o vídeo é um pouco fora do que deveria ser o ideal, vamos dizer assim, expõe uma coisinha ou outra, mas aí, todo mundo já lançou. A gente vai e lança. As vezes, a gente tira o som, dependendo do que for, um arrastão na rua, a gente tira o som. Mas o dono do vídeo, como a gente tem uma visibilidade enorme, alguém falou tá

lá no OTT, a pessoa vem lá, queria que tirasse, a gente tenta conversar, já tá em tudo quanto é lugar, mas não....a gente tira. A gente também caminhou nessa ponta, a gente sempre vê o lado do cidadão. A gente nunca teve essa necessidade, como você falou lá no início, das TVs que tem que fazer aquele alarde, não. O que eu queria fazer, eu já fiz, o alerta de que tava tiro naquela região, o arrastão, seja lá o que for. Isso eu já fiz, o que vem a seguir é complementação. Então, se eu vejo que aquilo vai prejudicar alguém, não. Vou colocar pra quê? Não vou ganhar nada com isso, gente? Não vou ganhar visibilidade na televisão? Não vou ganhar nesse, ganho no outro. Não tem porque prejudicar alguém pra aparecer minha logo lá.

O contato é feito pro teu whatsapp ou pro whatsapp do OTT?
O OTT não tem whatsapp. Nós temos quatro celulares, cada um com o seu. Nosso trabalho é home office e nosso trabalho é com o celular dos administradores. É assim, tem pessoas que tem mais confiança em mim do que no outro, que começaram a falar comigo, com o Benito, com o Marcos ou com o Denis. O Denis nem teve muito contato porque, como ele trabalha no exterior, ele ficou mais voltado ao aplicativo. Nem lembro a última vez que ele pegou em um plantão. As pessoas tem mais confiança naquelas que lidam normalmente.
Essa relação de proximidade é muito importante?
Sim, é quase amigo. É um amigo virtual que você não conhece, mas você compartilha de uma missão que é avisar as pessoas onde está acontecendo alguma coisa.
Qual é a estrutura operacional do aplicativo? Há uma escritório, funcionários?
Não. Nós temos a de criar uma base, ter uma estrutura melhor, poder colocar funcionários, pra poder tirar um pouco a carga dos nossos ombros, entendeu? Poder trabalhar até melhor com estatísticas porque aí você vai ter tempo, pessoas pra você delegar funções. Mas no momento a nossa estrutura é cada um na sua casa, home office como eu falei, e celulares e notebooks.
Mas vocês dividem o tempo?
É aleatório porque, como eu te disse, o Benito tá embarcando de hoje pra amanhã. A partir daí o Marcos dando aula não tem como pegar durante o dia todo, muito menos de noite porque não tem como dobrar. Então, fica uma coisa meio que vamos ver como é que dá. Dentro das suas necessidades porque as vezes o colega trabalha a semana toda, no final de semana precisa fazer alguma coisa durante o dia e segura. É conversando, é se ajeitando. Até porque não tem a base fixa. Se tivesse um escritório com funcionários daria pra botar uma escala legal. Hoje em dia não dá pra fazer. No amor, a gente faz tudo no amor.
Vocês são quatro administradores. Qual é a área de formação de vocês?
Eu sou da área de estatística, o Marcos é professor de física, o Benito trabalha embarcado pra plataforma de petróleo e o Denis também trabalha na área de petróleo e dentro do OTT, ele fica com TI. Eu e o Benito somos o operacional do OTT.
Qual é o princípio do OTT para a publicação dos alertas? (Só divulga o que consegue checar)
O princípio que a gente tem é que tem que ser confirmado. Qualquer informação pra ir pro ar tem que ser confirmado. Eu posso não acertar a rua certinha, mas aquela região está correta, ela já foi confirmada por dezenas de mensagens. A gente tem um mínimo de confirmações necessárias, que a gente não vai divulgar isso nunca, até pra evitar palhaçada, ainda há muita gente infantil que não tem o que fazer na rede, fica perturbando os outros. No dia que a gente divulgar isso, vai aparecer sempre aquele número de confirmação, então, não interessa.
Então é assim: se o número de confirmações chegar a X num determinado local, vocês partem do pressuposto que aquela informação é verdadeira?
Se não foi passado por alguém de confiança...geralmente, a maioria das nossas informações é passada por alguém de confiança naquela região. Mas existem regiões que o OTT ainda não conseguiu atingir. Se é uma região difícil de informações e você tem inúmeras pessoas falando sobre aquilo, pessoas diferentes que você dá uma pré-analisada ali, por exemplo Facebook. Você dá uma olhadinha no perfil, você viu que

não é uma coisa tão (não dá pra entender), se é um fake, então, você começa a levar aquilo em consideração. Você vai procurando aprofundar mais a coisa. Nesses casos, o alerta acaba demorando um pouquinho mais. Mas é importante lançar até pra mostrar pras pessoas daquela região que você correu atrás e que lançou. Elas começam a ver aquilo ali, começam a acreditar também e a corrente vai crescendo.
Tem uma noção de quantidade de pessoas nessa rede de informantes confiáveis?
Confiáveis deve ter uma faixa de 300 pessoas, 300 e qualquer coisa. Só no Whatsapp são 254, vamos tirar dois de ADM. Umas 350 miseravelmente.
Se os órgãos oficiais não respondem com celeridade para confirmar ou negar, a quem o OTT recorre para apurar as ocorrências?
Morador, sempre ao morador.
Vocês consideram o que fazem jornalismo?
A gente nunca se preocupou com isso não. Acho que o jornalismo envolve mais coisas do que isso, o que a gente faz é filtrar informação e dar o alerta e isso qualquer pessoa pode falar. O jornalismo em si é uma coisa mais elaborada, precisas de mais recursos que a gente não tem.
Pra você alerta é diferente de notícia?
Sim, claro. A notícia é uma coisa mais encorpada, tem que ter início, meio e fim. O nosso é só o estopim.
Na sua opinião, porque os usuários acreditam nos alertas do OTT?
Justamente por isso. A gente faz questão de confirmar todas as informações que a gente lança. Não tem como fugir disso. O único problema que a gente continua enfrentando e depois eles mesmos caem por terra é o seguinte: nossa cultura é uma cultura estranha né? As vezes você lança um alerta em determinada comunidade, alguém vem nos comentário e fala assim, ah foi só teste. Teste é a pior situação de bala perdida no Rio de Janeiro hoje.
O que é teste?
Teste de arma.
Da polícia?
Não, dos bandidos. Eles recebem um carregamento de armamento novo e eles dão rajada pra testar se o armamento está bom ou não. Você já viu teste alguma vez, em algum vídeo na televisão? Não. Eles pegam a arma, viram pra cima e atiram. Onde essa bala vai parar? Agora, o cara que está na comunidade é super tranquilo, foi só teste porque nunca cai na comunidade. No dia que o bandido virar pra cima e atirar e começar a cair no morador, eles vão dar valor ao teste. Porque o pessoal vira pra fora da comunidade e dá tiro. Rajadas e rajadas, traçantes e traçantes, acha aquilo lindo cortando a cidade, e aquilo vai para aonde, gente? Uma pessoa que está passando com o filho lá 2,5km, 3km de distância é atingido, morre e ninguém sabe o que aconteceu. No entanto, se eu chegar, olha, tiro no morro do Macaco, cuidado na região, quem tiver um pouquinho de discernimento e acompanha a gente há algum tempo, pô, do Macaco chega aqui. Eu coloquei próximo do túnel Noel Rosa. Quem tiver próximo do túnel, eu vou me abrigar aqui porque o OTT lançou um negócio ali pode vir aqui.
Já houve ocorrências desmentidas ou corrigidas?
Corrigidas sim, as vezes fica difícil acertar o ponto exato. Mas é uma correção de metros, está tudo dentro da região. Desmentida, não. O que acontece é o que eu acabei de falar agora. Foi um teste, teste a gente argumenta, é a pior situação não sei o que. Não me desmente, não teve os tiros?
Como as fotos e os vídeos das ocorrências chegam até vocês?
Por todos os canais. Chegam pelo whatsapp, pelo Facebook, pelo Instagran, Twitter, por tudo quanto é canal que a gente tem. Chega pelo Zelo também. Todos eles são bem fartos de material.
E são os usuários que mandam?
Os usuários, sempre os usuários.
Qual é a importância desse material imagético?
É importante pra você reforçar um alerta. Quando o OTT começou, a gente era taxado como louco. Esses caras são malucos. Você imagina há 3 anos atrás, você não

encontrava esse tipo de informação em lugar nenhum. Nós fomos os pioneiros. Então, a gente era maluco. O Rio de Janeiro não é isso não, o pessoal da Zona Sul não sabia o que acontecia na Zona Oeste, Baixada e vice-versa. E muita gente confundia tiros com fogos. Era coisa dos nosso pais, isso é bombinha de São João e isso ficou enraizado na nossa cultura e sempre foi isso. Quando o OTT começou a lançar e o pessoa a dizer que a gente era maluco, um dia a gente sentou. Gente, a gente precisa mostrar pra esse povo que o negócio acontece. A gente chegou a conclusão, a gente precisa de imagem. Uma imagem ninguém vai contestar, não tem como você contestar uma imagem. Aí, a gente começou a conversar, fez vídeo? Tem foto aí?, Tem não sei o quê? A gente começou a perguntar pro pessoal, o pessoal no início ficou meio receoso de mandar, foram mandando aos poucos. A gente aconselhando: não fala, não fala no vídeo, não fica falando nome, de preferência não fala nada pra não reconhecer sua voz. Não filma a sua casa, filma o céu, sempre orientando as pessoas, não deixa nada mostrar quem é você. E as pessoas formam mandando, foram mandando. Aí, a gente começou a encher a Internet, os canais de TV com imagem, acabou esse problema, ninguém mais chamou a gente de maluco. A importância é porque escrever qualquer um escreve, agora mostrar a imagem não tem como você negar. O cara do alto de uma laje dando uma rajada de 7.62, de AK47 pra cima da polícia e vice-versa, não tem como negar aquilo ali.

Como fazem para saber que não são imagens antigas ou de outros lugares?

Basicamente, a gente usa muito da nossa memória. É engraçado que você acaba desenvolvendo alguma coisa em relação a isso. Você tem uma memória, apesar de ser um acervo enorme né? Você acaba adquirindo uma habilidade de controlar isso. Mas, por exemplo, imagens você recorre ao Google, faz lá uma pesquisa que ele te dá as coisas aproximadas, se a pessoa fez um zoom ou não, você identifica. E os vídeos, quando existe uma dúvida, a gente vai perguntando. A gente recebeu esse vídeo aqui, procede? Podem confirmar pra gente? A gente pergunta. A gente nunca teve vergonha de nada. Se a gente erra, errou: se a gente acerta, a gente acertou, e acabou. Teve uma vez que outro ADM lançou um vídeo errado porque tem pessoas que passam sem noção e outras que passam por maldade, tentando te pegar numa saia justa.

Isso ocorre?

Ocorre demais, nós já fomos muito pisoteados. O OTT começou pequenininho, como todo mundo, e a gente foi crescendo. Algumas pessoas ao invés de nos acompanharem, a gente sempre no início fazia vídeos de agradecimentos dos parceiros, botada o logo do whatsapp, o logo das páginas, fazia vídeos de agradecimento e isso foi caindo por terra porque, infelizmente, as pessoas entendem errado. Eu não vejo ninguém como nosso concorrente. O aplicativo concorrente aqui no RJ é o Fogo Cruzado e eu nunca vi o pessoal do Fogo Cruzado como inimigo, eu me dou super bem com a Cecília, que é a idealizadora do Fogo Cruzado. Eu sempre vi assim, como parceiro de informação, porque o Fogo Cruzado tem coisas que o OTT não tem, estrutura, apadrinhados pela Anistia Internacional, eles tem estrutura, grana pra poder investir, enfim. É meu inimigo por que? Porque faz a mesma coisa que eu? Não. Eles fazem outras coisas a mais e eu faço o alerta ali em cima do laço. Se eu dou um alerta e ela complementa, nossa, maravilha, show de bola. Só não me pergunta o porquê dos tiros? É tiro de que? Filho, é tiro. Quem pergunta porque que é tiro morre, não é verdade? Aline, se abaixa ai. Você vai procurar saber o que é que foi pra depois de abaixar? Não, você se abaixa, né? Tiro a gente se abaixa. As pessoas querem sabem o porquê...a gente não tem tempo pra isso. A proposta do OTT foi dar alerta. Alerta é assim: tiros no lugar tal, arrastão no lugar tal. Quer saber notícia? Depois vai procurar em outra página, vai procurar no G1, na Record. Agora, eu me proponho a avisar pra você que te tiro. Sai daí. A gente foi crescendo e as pessoas foram se aborrecendo com isso. Em vez de nos acompanhar, a gente sempre trouxe todo mundo com a gente, tem páginas parceiras até hoje com a gente aí, que a gente leva pra tudo quanto é lugar. Eu não boto uma foto de pessoa baleada, pessoa morta na minha página, não faço vídeo de nego sem cabeça e você quer que eu faça propaganda da sua página que faz isso? Não vou fazer nunca. Isso eu não sou amigo? Não sou amigo. Já falaram, por exemplo, que a gente, cada um ganha 30 mil só da Globo, pra informar a Globo. Você acha mesmo que uma emissora pagaria 30

mil por um negócio desse? Não pagam nada, ninguém paga nada. Todo esse material que você vê da gente na televisão aí, estatística, imagem, ninguém paga nada. Vem um grupo dizer que a gente ganha 30 mil cada um, cada um, e o pessoal acredita. A gente foi excluído de um monte de grupo. Volta e meia tem alguém tentando massacrar, essa página não tá com nada, é um lixo. Isso sempre aconteceu.
Esses flagrantes, na sua opinião, tornam as notícias mais críveis?
A adora vídeo com data, vídeo com data, show de bola que aí não tem contestação. Eu te dei uma informação, você e acompanha, eu sou OTT, você é usuário, eu sempre disse, eu só lanço depois de confirmar, você já sabe disso. Eu botei um vídeo em cima...nosso aplicativo hoje em dia, inclusive, a gente tem um espaço pra vídeos. A gente tá colocado pra embasar mais a coisa. A gente quer fugir das outras mídias porque, o que acontece? O FB, por exemplo, tá boicotando muito a gente. Muita gente reclamando, não tô conseguindo ver as suas postagens. Mas a gente vai ver, não fiz nada. Quando a gente falou da vaquinha virtual, esse desabafo do colega, muita gente falou: não vi esse negócio da vaquinha no FB. E isso outras páginas também estão falando. O FB hoje quer que você pague pra impulsionar a postagem. A gente nunca fez isso, nunca precisou disso. No ano passado, antes do FB mudar esse sistema de algoritmo dele, ele mesmo dizia pra gente que uma postagem nossa chegava a 6 milhões de pessoas. De repente, vai a 1 milhão e pouco só? A gente quer sair. Pra que ficar dependendo de uma porcaria que o cara só quer ganhar e a gente não tá ganhando nada. Só tá ganhando o pessoal falar um montão de besteira. Vamos ter a nossa rede. Nossa rede no aplicativo. O aplicativo, inclusive, foi uma coisa interessante pra mostrar se as coisas estão acontecendo ou não. Tá vendo o campo de confirmações? Tem confirmações, tem comentários. Aqui, a gente está criando uma rede pras pessoas também ficarem sabendo. O próprio aplicativo, ele te ajuda. 33 confirmações, 8 confirmações, isso em Salvador-BA. A gente não está só no Rio.
Vocês expandiram no início desse ano para o Brasil inteiro?
Ano passado nós fomos pra São Paulo, em março do ano passo fomos pra São Paulo. Já tínhamos ido para o Espírito Santo. Então, a gente está começando lá agora o que a gente fez aqui no Rio, aquele trabalho de formiguinha, criando de vagarinho. Como a gente não está lá, a gente criou um diferencial no aplicativo, já trabalha em cima das confirmações das pessoas. Aqui no Rio, não. Aqui a gente acompanha no dedo, lá a gente está em cima da confirmação. A gente lança uma informação. Se dentro de um período ninguém confirmar nada, ela sai do sistema. Mas isso as pessoas não sabem, tá? É uma inteligência artificial porque a gente não está lá, não teria como ficar.
De todo modo as pessoas enviam o alerta, mas vocês não publicam imediatamente?
Lá fora, sim. Minas, Espírito Santo, Bahia, fora do país também, que a gente jogou pra toda língua portuguesa, língua espanhola e algumas da língua inglesa. Lá depende da confirmação das pessoas. Vai pro sistema.
O alerta entra?
Entra, tem um periodozinho bem curto de tempo de permanência. Confirmou, deixou. Não confirmou, um abraço. Não é um reset. Lá fora funciona assim: você deu um alerta. Tem um time pra alguém confirmar. Se alguém confirmar, vem um outro time pra mais informações. Se não acontecer mais nada, ele sai do sistema. Tem um timezinho pra trabalhar pra evitar que a pessoa que deu o alerta, ela mesma faça a confirmação, entendeu? Mesmo nesse sistema, a gente precisa de credibilidade, não quero lançar por lançar. Como dizia antigamente, quando a gente se interessava pelo FB, não quero 1 milhão de curtidas, quero salvar 1 milhão de vidas. E continua nessa mesma linha, Não interessa encher o aplicativo de coisas que não existem.
Porque os vídeos chamam tanto a atenção?
Porque o ser humano tem essa necessidade mórbida de ver desgraça, impressionante. Parece que é uma necessidade ou direcionar uma raiva pra aquela pessoa que está cometendo ato ilícito ou não sei o que é. É aquela coisa de antigamente, se espremer o jornal sai sangue. O ser humano parece que tem a necessidade de ver essas coisas. Não sei te explicar o porquê. Se você coloca um vídeo que não tem violência, não chama tanto a atenção. Quanto mais violento o vídeo for, mais visualizações, mais

compartilhamentos ele tem. É por isso que a gente não coloca pessoas baleadas porque eu não quero propagar esse troço não, só quero dar informação.
Vamos falar agora da utilização dessas imagens pelos telejornais. Porque as emissoras recorrem ao OTT para conseguir flagrantes?
Porque eles não tem a penetração que a gente tem, aí cai a credibilidade, entendeu? Pode ser um telespectador daquela emissora, mas você não tem credibilidade pra passar nada pra ela. A maioria das pessoas argumenta isso, Não quero contato, não acredito neles, vão me entregar em algum momento e as vezes você vê vozes na emissora, eles colocando os áudios. Isso é complicado. A emissora não deveria fazer isso. Nesses casos que eu tô me referindo de tiroteio, por exemplo, a pessoa informando. Eles não deveriam fazer isso. Eles têm condições de editar aquilo pra ficar só no tiro. Oh, fulano. Naquele Oh fulano, que mora já sabe quem é. Nós sabemos de casos, isso foi noticiado pela própria Record, na CDD, na virada do anos, se eu não tiver enganado, teve um tiroteio, uma mulher filmou, ela foi expulsa da comunidade, deu sorte que foi só expulsa. Porque? Porque no vídeo fala o nome dela. Quando a gente lançou o vídeo, a gente cortou aquele pedaço. É editável, lógico. Eu cortei aquele pedaço. Mas o pessoal sai lançando de qualquer jeito. Isso também as pessoas observam. A gente pensa que o usuário não está prestando a atenção, usuário é um jeito carinho, no OTT a gente chama de família, nós não somos um grupo, somos uma família. Então, a gente tem esse cuidado, as pessoas veem isso. Observam isso, o OTT cortou o pedaço ali. Tira essa parte que minha filha tá falando, não, pode deixar.
O que mais interessa aos noticiários na busca desses vídeos que o OTT divulga?
Quanto mais violência, melhor. Se é um arrastão eles querem. Muita movimentação de bandidos. Um vídeo de tiroteio, quanto mais tiro tiver, quanto mais barulho tiver, interessa. A gente não trabalha com denúncia, vivem nos pedindo esse tipo de coisa, mas a gente não trabalha com denúncia. As vezes a gente recebe vídeo com o rosto de bandidos, a gente não coloca isso porque não é o nosso foco.
Mas as TVs pedem?
Pedem. Pedem, mas a gente não dá, não. Se eu não uso pra que eu vou dar pros outros? Não recebo, não quero. Quando alguém manda, não trabalho com isso não. Obrigada aí, mas, não.
É foto que chega?
Fotos, vídeos, tudo.
Como os telejornais acessam esse material?
Nós temos um grupo de imprensa né? O OTT foi bem pensado desde o início. A gente sempre quis atingir o cidadão. A gente sempre deu valor a imprensa. Nós temos grupos só de policiais, nós temos grupos das empresas de ônibus. Hoje, você vê uma redução no número de ônibus queimados no RJ, principalmente na metrópole, que a gente avisa a eles. A gente criou um grupo só pras empresas de ônibus. Ali estão supervisores, diretores. Morro dos Macacos, a gente já sabe que se morrer um traficante ali, vai ter algum tipo de tumulto. Morreu fulano de tal, lá na região, cuidado e tal, melhor dar uma segurada na frota, faz um desvio, passa um pouco mais ao largo. Sabe quanto eles dão pra gente por isso? Nothing.
E no caso da polícia?
A polícia é o seguinte, a polícia aqui no Rio, não posso dizer no Brasil porque há estados onde elas são bem integradas, aqui no Rio é meio bagunçado. É um jogo de ego tremendo. A gente sempre teve a intenção de integrar isso. Policial é policial, não pode ter esse negócio eu sou civil, eu sou...no nosso grupo não tem esse problema. O policial precisa de informação também até porque, com essa situação dos armamentos no país, quem anda armado aqui? Hoje no país? Ou é bandido ou é polícia. Se o bandido tá rendendo alguém é polícia. Vai matar o cara e as vezes o cara não é polícia. A gente sentiu a necessidade de avisar também eles pra eles se precaverem pô!
Mas tem troca de informação e sobretudo a passagem de material audiovisual?
Não. A parte de corporações e governamentais não fala nada. As parcerias com a OTT são só assim: a gente dá, dá, dá e não vem nada. Nem com a imprensa, nada.
Há algum tipo de acordo ou contrato firmado para a cessão ou venda de imagens?

Não. Inclusive, antes nós tínhamos um problema sério com a Record que vivia enchendo o saco pra tirar a logo. Não vou tirar a logo não. Não pagam nada, não corre atrás do vídeo e eu ainda tenho que te dar sem logo? A gente vai botar os créditos. Não, não quero os créditos, quero a logo. Eu acho o seguinte, você bota o crédito agora de manhã, na hora do almoço, à noite já não tem crédito. Amanhã não tem crédito, depois de amanhã não tem crédito. Na retrospectiva não vai ter crédito. Que vídeo é aquele? Se você bota a logo, agora vai ter logo, de noite vai ter logo, amanhã vai ter logo, retrospectiva vai ter logo, deixa a logo lá. A gente teve contato com o diretor de jornalismo da Record, ele disse: nunca pedi pra vir sem logo, ótimo que você falou comigo agora.
Esse pedido era específico da Record ou as televisões pedem pra ir sem logo?
Pedem pra mandar o mesmo material sem logo. Como eu te falei, a gente tem o grupo de imprensa, então, a gente joga ali. Aí, nos privados vem os pedidos pra sem logo. Não. É o que está ali.
Então, quando chega um vídeo e esse vídeo é bom do ponto de vista imagético, você já põe no grupo dos jornalistas. Todo mundo, de todas as emissoras fica sabendo ao mesmo tempo que vocês tem aquele material?
Sim. Alguns colocam do jeito que está, outros vão insistindo pra pedir pra tirar a logo. Mas a gente não tira a logo em mais nenhum.
Já chegou a tirar algumas vezes?
Já, inúmeras vezes. Eu já me aborreci diversas vezes. Insistentemente, a tal da Record vivia dando problema. Eu criei uma lista negra de funcionários da Record, dos tais produtores. Eu criei uma lista negra.
São os produtores que te procuram?
Me passa o vídeo que eu vou mandar como logo, vou te mandar o crédito. Vou olhar lá, fulano cadê os créditos? Não, porque eu vou falar com fulano, vou ver o que aconteceu. Canse de escutar esse negócio. Então agora, Henrique dá pra mandar....não, não vou mandar, não. Não vou mandar cara porque você tem problemas dentro da sua emissora que você pede pra alguém não esquecer de botar o crédito e a pessoas esquece.
Todas elas procuram material de vocês?
Todas elas usam. Agora ninguém mais pede. Posso usar? Pessoal, o que está aqui, está previamente autorizado à utilização. Do jeito que está aí. Se vocês quiserem usar, fica a vontade. Tá pré-autorizado, pode utilizar. Passou um momento que isso acabou. Você vê na Globo, no SBT. Volta e meia tem alguém: dá pra mandar sem logo? Não.
O que o OTT ganha em troca da cessão de imagens?
Nada, nada, nada. Muitas vezes nem os créditos.
Não estou falando só financeiramente?
Absolutamente nada. A gente ganha individualmente. Por exemplo, você repórter mora aqui, escutou um tiro ali, pode até chegar pra mim no privado, olha Henrique tá tendo tiros aqui não sei o que. Como cidadão, agora da emissora...nunca ganhamos e não ganhamos nada.
Você acredita que o uso de imagens do OTT pelos noticiários contribui para aumentar a credibilidade do aplicativo ou a credibilidade do aplicativo faz as TVs usarem o material divulgado?
A TV passa a usar por causa da nossa credibilidade e cada vez que aparece lá é um up né? Isso vira um looping, são os dois. E cada vez que aparece lá, a gente ganha credibilidade com os usuários, nossos seguidores. Porque, meu irmão, os caras estão lá na Globo, tão lá na Record, tão lá no SBT.
É uma retroalimentação?
Exatamente, um está atrelado ao outro aí sem...a gente demorou, as emissoras tinham muita desconfiança da gente, a gente mostrou que estava ali fazendo um trabalho sério. A gente faz levantamento mensal da quantidade de tiro. Tudo que você vê hoje em dia de estatística, em qualquer emissora, ou é nosso ou é do Fogo Cruzado. O Fogo Cruzado envolve mais quando é pessoas baleadas. Eles tem estrutura pra isso, a gente não tem tempo pra ficar preso a isso. Somos nós dois só, ninguém mais faz isso. O ISP faz aquilo

de não sei quantos meses atrás. Nunca bate nada com nada, então...o resto se baseiam na coisa o oficial tirado de delegacia.
A credibilidade é, então, a principal contrapartida?
Sim, com certeza, com certeza. Nós até hoje nunca fizemos uma propaganda no FB justamente por causa disso. A gente nunca quis mexer na nossa credibilidade. Hoje, qualquer página tá com 100 seguidores e já quer botar propaganda porque o cara criou aquilo pra ganhar dinheiro. Aí, começa a botar cabeça pendurada, o pessoal quer ver desgraça. Se você bota sangue, começa a arrumar um montão de seguidores. Nós nunca colocamos propaganda na página. Dentro das redes sociais, propaganda principalmente em página tá associado à falta de credibilidade. O cara só quer curtida pra ganhar dinheiro. E com a gente não pode falar isso. Tanto faz ter um seguidor ou um milhão, a gente tá ganhando a mesma coisa.
Você acredita que o fato dos noticiários recorrerem ao OTT para conseguir imagens quer dizer que houve uma mudança no comportamento das pessoas em relação à televisão?
Eu não diria que foi uma mudança em relação à TV. Eu acho que ficou mais fácil para o produtor recorrer a uma fonte confiável que tá ali oferendo aquela imagem. O pessoal costuma dizer que o repórter hoje não quer levantar o bumbum da cadeira. Chega ali tá na mão dele, opa! Posso usar? Vou usar, vou usar. A gente tá ofertando ali, tá ali na cara. Depois que a gente ganhou essa credibilidade também com as emissoras ficou fácil pra eles entendeu?
Mas eu me refiro ao consumidor. O comportamento da audiência mudou de alguma forma?
Eu acho que mudou pela velocidade. Como a gente trabalha com alerta, quando você manda pra gente um material, a gente rapidamente tem que trabalhar esse material pra jogar pras pessoas assistirem. Quando você vai assistir na televisão já passou horas as vezes. Eu já assisti isso no OTT ou no fulaninho de tal, você já assistiu em toda a rede, a TV ficou por último. Quem não trabalha com a gente vai fazer apuração, vai editar, vai jogar, até isso acontecer, a gente...da carta pra cá ou do contato pra cá leva muito tempo e o pessoal quer (estala os dedos) aquilo imediato. Se for um alerta, a gente coloca o mais rápido possível, entendeu? Nesse ponto, mudou por isso, pelo time, não pela credibilidade de A, B ou C. Foi o time mesmo.
Você acredita que os produtores, mesmo os repórteres das televisões, confiam na apuração do OTT? Isso encurta o trabalho de produção?
Muito, muito, nossa. Particularmente, alguns nos agradecem, não vou dizer diariamente, mas muitas vezes. Até porque, as vezes eles estão com a informação lá, querendo saber alguma coisa e a gente tá entrando com o alerta. Alguns recorrem até no nosso grupo pra perguntar se a gente tem mais alguma coisa. Se eu tiver alguma coisa, vou informar porque aí entra a parte de notícia né? Aconteceu isso, isso e isso, o morador foi baleado, o contato do morador é esse daqui, mas antes eu falei com o morador. Por exemplo, tiro em residência, a imprensa fica louca pra falar com morador. Já sei que isso vai acontecer. Quando eu lançar isso, a imprensa vai querer falar com você, beleza, beleza, pode passar o contato. Já jogo ali. É só esperar que vai vir. Tem o contato? Vou lá, jogo o contato da pessoa.
Pensando em um circuito formado pelos elementos produto, distribuição e consumo, em qual deles está inserido o OTT no que se refere às imagens?
Olha, eu acho que nos três né? Principalmente na produção né? A produção que recolhe, daí pra frente é processo sequencial né?
Eu me refiro nesse contato com os telejornais.
É feito pela produção sempre. Daí pra frente...eu acho que não estou captando tua intenção na pergunta.
Você tem um vídeo. Alguém produziu, alguém distribui e digamos que o consumo final é aquilo que a gente está vendo na tela da TV. Se fosse posicionar o OTT num desses elementos, produção, distribuição e consumo, em qual deles o OTT seria inserido?
Fica difícil. Eu tô praticamente nos três, né? Principalmente no produto final que tá minha logo ali agora. Mas tem a produção também. O pessoal recorre a gente pela

confiança que a gente adquiriu com esse tempo aí. A distribuição não sei direito dizer como funciona isso daí, mas produção e produto final, sim.
Você acredita que o uso do material do OTT afeta a autoridade dos jornalistas?
Acho que não. Pelo seguinte, dependendo até do trabalho que o jornalista fizer pra complementar aquela imagem e vice-versa, ele tem a imagem e vai entrar com informação, aquilo só vai dar mais credibilidade a ele. Ele vai ter o embasamento pra aquilo que ele está mostrando. Não afeta não.
Mas parte do pressuposto que ele não esteve no local.
Pode não ter estado no local naquele momento, mas muitas situações que a gente vê do alerta, o repórter se desloca até o local. Já aconteceu várias vezes, madrugada, inclusive. Vocês correm atrás com suas equipes pra dar continuidade ao negócio. O ponta pé inicial pode até ter sido um alerta meu, mas depois o pessoal vai atrás e faz um trabalho legal.
"Segurança pública 4.0". "Segurança smart". "Waze da Segurança Pública". Esses três conceitos querem dizer a mesma coisa?
Waze não porque o waze, inclusive, não quer papo com a gente. Muito esnobe, mas...enfim. Segurança pública 4.0, sim. A gente deu esse nome porque é o que a gente quer. A nunca quis criar uma coisa que funcionasse eu tô fazendo. Todo mundo tem que participar, daí o conceito de família OTT. A gente quer que todo mundo realmente participe. Não fique como coruja, só lendo. Participa cara. Bota aí alguma coisa também, fala alguma coisa. Não quer se manifestar, vai no nosso privado, fala, dá a informação pra que mais pessoas...porque, assim, é muito fácil pra gente falar. Como a gente não ganha porcaria nenhuma, não tem esse negócio de o cara só quer chamar todo mundo pra ficar rico. A gente quer que as pessoas participem pra ajudar o próximo. A segunda que você falou é Smart?
Segurança Smart.
Não deixa de ser, né?
Esses três conceitos eu busquei na página de vocês.
São termos que, as vezes, a gente usa assim pra exemplificar alguma coisa. Essa questão do waze da violência foi uma vez que o Benito quis colocar, forçar uma barra em cima do waze e tal. Isso a gente recebe. Não é que a gente adotou esse termo. As pessoas dizem que nós somos o waze. Porque a gente não trabalha com o waze? Porque o waze não inclui os negócios do OTT? Então, a gente colocou, mas não é que a gente ache que seja isso.
Todos remetem à participação. É isso que quer dizer?
É isso que quer dizer.
Qual é a importância da geolocalização para recebimento e envio de alertas?
É importante por dois aspectos. Primeiro, as pessoas são um pouco exigentes demais em alguns aspecto. Um deles é assim, ah eu não quero receber o Rio de Janeiro todo, só quero receber onde eu estou. Como é que você vai fazer isso? Acionar sua geolocalização. Vai ter aquele raio, que você escolhe no aplicativo o raio que você quer, numa parte é importante por isso. E a outra parte é pra evitar os engraçadinhos que tá lá em Belford Roxo e quer relatar um tiroteio aqui em Copacabana. Se ele está em Belford Roxo não tem como relatar um tiroteio em Copacabana. A gente foi se cercando porque, infelizmente cara, nesse caminho tem muita gente ruim. O OTT é cercado de pessoas maravilhosas. Tem gente ali que nossa, nunca vi na minha vida, mas é show de bola. Mas tem uns espírito de porco que são impressionantes. Se deixar, eles te derrubam. E tentaram diversas vezes. A gente recebe até hoje uns alertas furados.
O sistema do aplicativo localiza onde está o telefone ou é pela escolha que o usuário faz?
A gente não tem como localizar, ele que tem o mecanismo dele, a inteligência artificial dele pra reservar aquela região ali, pra você fazer um alerta ou pra você receber. Nós não sabemos quem é você ou aonde você está. Não nos interessa isso. Quando chegou em São Paulo, a gente fazendo contato com algumas páginas lá, a gente sempre procura fazer parcerias de informação, não tem dinheiro pra dar nem pra receber, a gente tentou fazer parceria com uma página lá e o cara super prestativo e o cara falou pra

todo mundo que a gente tava com um aplicativo que roubava as informações das pessoas. O cara nem conhece a gente, tá chegando agora, tá se apresentando, porque o cara fala um negócio desse? E a gente participando em um grupo que ele estava, que ele não sabia, e o cara falando isso.

(PRIMEIRA PAUSA PARA APURAR E PUBLICAR O ALERTA)
Tiros em Manguinhos.
Pra você ver quando a gente recebe uma informação. Já confirmei. Chegou pelo Zelo, só não sei se é no lugar tal ou no lugar tal. Já fui lá no grupo da região. Recebi uma informação de tiros em Manguinhos, só não sabia se era na Coréia ou na tal da Síria. No grupo já tá aqui, o cara já jogou, tá vendo. Tá me dizendo o ponto exato agora. Escutando tiros, o caveirão tá na região. Já tá dizendo o ponto certo, Coréia. Já tá afirmando. Agora vou lançar no aplicativo. Tá lançado. Daqui a pouco a gente confere quantas confirmações chegaram. Pomos na versão light também, pra quem tem o celular mais velhinho. Já mandei pra imprensa.
(Durou 10 minutos para confirmar e publicar) – Não pergunto nada. Entrou no grupo da região e observou a reação dos usuários naquele grupo.
Em quantos grupos o OTT tá presente hoje pra buscar informação?
Mais de 600 grupos.
Você nem consegue ver todas as mensagens?
Tô parado aqui, tá chegando uma porrada de coisa.
Recentemente, os alertas deixaram de ser feitos pelas redes sociais. Os grupos de Whatsapp também foram extintos. Isso não afeta a apuração e a relação com os usuários?
Não. Pelo seguinte, quais foram os grupo de whatsapp extintos? Os nosso grupos. O OTT antes eram 20 grupos e ninguém falava nada. Pra evitar problemas, nós tínhamos regras muito rígidas no OTT. Não tem bom dia, não tem boa tarde. O OTT nasceu pra ser alerta. Não é pra dar bom dia, boa tarde e boa noite, pra tar oi, oi, não. Tem alerta pra dar? Dê. Não tem, não dê. (ruído no microfone) Participe com alguma coisa útil, se não atrapalha. A maioria dos grupos que você vê é um montão de coisa que não tem nada a ver e lá no meio uma informação que preste. As pessoas se perdem. Tava dando muito problema. A gente mudou as configurações pra só os ADMs postar. A gente eliminou grupos que não traziam informação nenhuma, só levava. Eliminamos o Telegran, idem. Então, a gente acabou com os nossos grupos de informações. A gente continua participando dos outros. Quando isso acabou o que aconteceu? Tem gente chamando pra participar de outros grupos além Quem são essas pessoas? Aquelas que copiavam as informações e jogavam. Elas preferem te convidar pra um grupo do que baixar o aplicativo. Eu não vou trocar seis por meia dúzia. Eu acabei com os meus pra não ficar lançando e muito tempo preso ao aparelho, até porque o whatsapp hoje é a pior ferramenta pra você dar alerta, semana passada eu tirei meu celular, bani do whatsapp, eu não vou acabar com os meus pra ficar postando no dos outros. Não afetou em nada essa situação. O FB continua recebendo informações, que as pessoas mandavam para o FB continuam mandando para o FB, pessoas que mandavam pelo whatsapp continuam mandando pelo whatsapp, pro nosso privado. Não afetou grande coisa não. E o aplicativo também tem como mandar o alerta. Então, aumentou o número de informações no aplicativo. A gente pretende num futuro não identificar o usuário, mas identificar o alerta. Aquela pessoa mandou o alerta, criar alguma forma de cruzar aquelas informações, quando chegar num número de alertas corretos, dar aquela pessoa um status diferente, entendeu? A gente não tem grana pra isso, pra comprar essa tecnologia.

(SEGUNDA PAUSA PARA APURAR E PUBLICAR O ALERTA)
Árvore caída na Serra Grajaú-Jacarepaguá. Por causa dessa árvore caída o hospital Cardoso Fontes está sem telefone. Nesse caso aqui, o Benito está meio que acompanhando lá os grupos, eu como tô plugado no Zelo (aplicativo para motoristas) estou escutando o que estão falando.

Antes de colocar o alerta de Manguinhos você primeiro comunicou via áudio. Foi pro zelo?

Não, eles que me comunicaram. O rapaz que me comunicou.
Você só confirmou que havia recebido a comunicação?
Isso.
Você respondeu o alerta?
Sempre, até pra pessoa saber que na outra ponta tem alguém ouvindo. TKS é linguagem de rádio. É tanks, é obrigado. Sempre que alguém lança uma informação no nosso canal, sempre que eu estou no plantão, sempre respondo. A partir desse alerta dele, fui correr lá nas comunidade, primeiro nas próximas e depois na própria, já tava a informação correndo lá. O pessoal do zelo é quase que totalmente confiável, uma das prerrogativas pra se manter no canal é passa só o que você presenciar. O zelo é um aplicativo russo, se eu não estiver enganado, e a gente tem uma canal dentro dele. Nesse canal são três mil e tantos assinantes. 3158. Chamam de assinantes, mas são usuários porque é gratuito também. Desde o início, a gente fez tudo pra chegar a qualquer cidadão.
A mudança recente visa monetizar a ferramenta?
Não é só monetizar, é ficar um tempinho livre pra tua família, pra você pô. A gente tá tentando criar a nossa rede. Se você fecha dentro da tua rede, fica redondinho. Vai monetizar, sim. Mas por que? Justamente porque é uma atividade que nos prende muito. Hoje, eu não tenho condição de fazer mais nada. Como é que eu vou pagar minhas contas? E os demais a mesma coisa. Até pra investir. A gente quer criar uma estrutura física, um escritório. Precisa de grava pra isso. A gente quer contratar pessoas, precisa de grana pra isso. Vou tirar daonde? Hoje, a gente tira dinheiro do nosso bolso. Tem que pagar hospedagem. Cada vez que alguém acessa o mapa você paga. Tudo você paga.
Na vaquinha virtual, poucas pessoas participaram até agora, apesar do OTT ter milhares de usuários. Ao que você atribui isso?
As pessoas querem tudo de graça. Se botar ali um real, ninguém quer pagar. Esse é o problema. O carioca, o brasileiro em geral, é muito muquirana, vamos dizer assim. Tudo quer de graça. Não interessa se você tá se matando, se a conta tá atrasada, ele quer de graça. Falou que vai cobrar um real pra salvar tua vida é muito. Eu acho que tem 320 reais, sendo que nós colocamos 20 reais cada um. É um problema seríssimo do nosso estado, do nosso país, a violência e ninguém encosta na gente pra dar um apoio. Não digo nem de dinheiro, dinheiro seria bem-vindo. Melhores condições, equipamento. Uma pergunta que você não fez e todo mundo faz: vocês recebem muitas ameaças? A gente não recebe ameaça. Primeiro, a gente não faz denúncia. Vai me ameaçar por que? Não tô te denunciando em nada, tô dizendo que tem tiro ali. Quem é? Não faço a menor ideia. É CV, é ADA, é o raio que o parta, tá dando tiro ali, não quero saber quem é. Segundo, aquele bandido tem família. A família do cara utiliza nossas informações pra ir de um lado pro outro. Então, nunca recebi nada. Madrugada é o pior horário pra você confirmar as coisas, um inferno. Tem gente que dorme. Rola um tiroteio 2h da manhã, as 9h, ah tem um tiroteio as 2h da manhã. Lança aí. Não. Lançar pra que agora? Pra pegar aquele cara que não lê, ih é tiroteio, dá um bolo doido lá, a coisa se complica. Eu cometi uma gafe uma vez. Tiroteio no Jacarezinho. Informação circulando, eu tô vendo os grupos. Lançaram um coquetel molotov no caveirão. Aquilo tá geral. Aí, aparece uma imagem do caveirão. O que eu fiz? Joguei no FB. Caveirão atacado por coquetel molotov, parara, parara. O primeiro a entrar, essa imagem é de 2012. Aí vem. Porrada de gente só falando besteira. Tudo bem. A foto tá errada, mas a informação tá valendo, isso realmente aconteceu. A informação estava correta, a foto tava errada. Aí, chegou o vídeo do cara jogando o coquetel molotov no caveirão. O pessoal que não acreditou na informação, ficou preso na imagem e não leu a informação, evitem a região porque o negócio vai ficar pior, atacaram o caveirão com coquetel molotv. A polícia vai entrar com força agora. Morador se abriga, cuidado quem tiver indo pra comunidade, confirma com parente se pode entrar, se não pode entrar.

Passei pras emissoras, as emissoras todas passaram. Você erra parte do processo...se eu lanço aquilo sem imagem nenhuma, beleza. Como eu lancei com a imagem errada, o texto já se perde e o foco fica no erro.
Depois da migração completa para o aplicativo, qual o próximo passo pra gente encerra?
A gente procura realmente investir no aplicativo, tornar ele melhor, uma base fixa, contratação de pessoal pra melhorar nossas estatísticas, abrir o leque. Hoje, a gente não faz não é porque a gente não queira, não tem como fazer.

Transcrição **entrevista jornalista 1** 12/02/2021 – 10h BR

- Chefe de Reportagem do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)
- 13 anos de atividade profissional no SBT, além de funções equivalentes em outras emissoras de TV como TV Manchete, TV Record, jornal, rádio.
- 63 anos de idade
- Formação em Bacharel em Comunicação Social – Faculdade Hélio Alonso
- 46 anos de atividade profissional
- Descrição profissional – Por conta da pandemia estou trabalhando em homeiffice, mas é muito parecido com as coisas que eu fazia presencialmente. Eu coordeno as equipes que fazem as matérias, as pautas, eu recebo informações da apuração ... (cortou) então, eu consigo mexer no tabuleiro, fazer com que o repórter que estava em uma paura, dependendo da importância dessa pauta, eu o coloco fora dela, levo pro factual que de repente tenha mais peso, faço essa coordenação. Hoje, nós trabalhamos muito aqui com o que a gente chama aqui de cinegrafistas amadores, uso esses profissionais também ...(cortou) preciso colocar produtos em termo de conteúdo pra que isso possa ser veiculado nos telejornais da emissora. Faço esse trabalho de meio campo, sempre antenado, principalmente com os factuais. A TV é meio parecido, num sentido assim, igual a rádio, embora não seja. Temos essa preocuração de fazer com que a televisão seja rara. Além de fazer esse trabalho, eu escrevo algumas notas ...(cortes) até off mesmo do repórter. As vezes me pedem pra fazer texto pra uma nota coberta, uma lapa, coisas assi que eu acabo fazendo e isso faz parte do meu cotidiano enquanto chefia. Tem um outro aspecto enquanto chefia, eu tenho que cuidar de uma redação que tem ...(cortes) apuração, edição. Eu tenho que tentar hamonizar esse convívio entre todos esses setores. Edição, por exemplo, pede coisas que não está inserido na matéria que vai ser colocada no ar. Então, eu tenho que ajudar a edição, fazer essa ponte com a apuração para municiar a edição com a informação que está faltando. Ainda tem que ter essa preocupação em termos de redação. O jornal entra no ar, a gente precisa de uma repórter falando de uma assunto bem factual, que ele faça um ao vivo pra poder dar as últimas informações que não deria tempo de inserir no VT. (Cortes) O chefe de reportagem ele tem que estar mais ligado do que o editor, o repórter ...(cortes) porque se passa alguma coisa a responsabilidade acaba sendo dele.

Entrevista começou a ser gravada com os interlocutores com a câmera ligada. Havia algum ruído e a imagens estava travando demais. Para não comprometer a compreensão das frases, propus desligarmos as câmeras ao final da contextualização do entrevistado e levamos a entrevista até o final apenas em áudio.

Pergunta 1
Em dois momento da sua fala, vc disse que precisa estar ligado em factuais. No Rio de Janeiro, o que é esse factual?
Os factuais é um leque bem amplo. Pode estar relacionado com a política, pode estar relacionado com a economia, pode estar relacionado com polícia, por exemplo. Aqui no Rio, por ser uma cidade mais violenta, as matérias voltadas pra polícia são bem mais atraentes, vamos dizer assim, do ponto de vista de quem assiste TV. Infelizmente, eu digo infelizmente porque a gente vê um monte de programas popularescos, que se

aproveitam da violência para conseguir audiência. Mas no nosso caso aqui, nós temos várias situações hoje, que interessa de um modo geral. O afastamento do governador do Rio Wilson Witzel, sempre que tem alguma informação relacionada a ele, vale. Ou então, com o ex-governador que se encontra preso, Sérgio Cabral, alguma novidade que tenha em termos de factuais, a gente tem que estar antenado também, esperto pra não perder a possibilidade de informar ao nosso público-alvo. Mas, como se trata do Rio de Janeiro e isso provavelmente você vai lembrar, é sempre o carro-chefe o que acontece em termos de tragédia, isso ficou banalizado. A gente usa muito disso para fazer o jornalismo nosso diário. Infelizmente, a desgraça se tornou a vitrine hoje, principalmente no Rio de Janeiro, a vitrine da TV aberta, infelizmente.

Pergunta 1 (Roteiro)

Eu sou meio crítico, muito crítico ao tal do copia e cola. As redes sociais, elas estão hoje a serviço do que eu chamo o jornalista incompetente, o jornalista que não questiona, que não pergunta, aceita tudo passivamente do seu entrevistado. Infelizmente, isso está se tornando uma coisa cada vez mais ampla dentro do jornalismo. Infelizmente, as redes sociais, eu vou te dar um exemplo que me dói muito, eu sou obrigado, recebo vários vídeos, vejo nas redes sociais, por exemplo, pessoas sendo decaptadas. Esse tipo de crime, alguém que filma fica numa situação não só de espectador, na torcida de ver quanto pior, melhor. E essas coisas têm ido pro ar. As pessoas pegam, por exemplo, um cidadão que está na rua e as pessoas tentam fazer justiça com as próprias mãos, bater no rapaz, bater na pessoa, amarrar. As pessoal filmam isso e ficam assim maravilhadas com o que está sendo mostrado e essas coisas têm ido pra televisão. Até porque, nós temos aqui, programas policialescos que se nutre desse tipo de situação. Então, a rede social hoje serviu pra idiotizar cada vez mais quem está vendo e quem está filmando, infelizmente. Tá banalizando a violência. Cada vez mais, a violência está sendo banalizada e mostrada, ao vivo, a cores e ninguém fala nada, acha tudo normal e vida que segue. Parece que a gente voltou lá atrás, na época dos Vikins. A impressão que eu tenho é essa, que a gente regrediu. Eu não quero nem falar que em cima disso tem todo um recheio do governo que tem aqui, que a gente tem. O recheio ficou maior, essa situação está fora do controle.

Pergunta 3

Eu queria que vc me desse a perspectiva da utilização dessas imagens nos telejornais, como vc interpreta isso.

Não, não é bom para o jornalismo. Embora muitas das imagens tenham uma pré-edição, mas mesmo assim, em termos de conteúdo, não faz bem, isso na minha visão. Acho desnecessário determinadas situações serem levadas ao ar. Muitas coisas que são pinçadas as redes sociais e são levadas ao ar, na minha comcepção, na minha ideia, na minha cabeça, acho desnecessário. Eu entendo o lado da televisão comercial que é a preocupação com a audiência, só que esse limite extrapolou hoje, não se tem mais essa preocupação digamos editorial do que vai ser levado ao ar. Tá sendo colocado tudo num barco só e dane-se. Não estão muito preocupados se isso vai afetar fulano, beltrano, cicrano, essa preocupação, hoje, inexiste. Rarissimas vezes vc vê na televisão brasileira esse tipo de preocupação. Eu vejo muito pouco. Aqui, vc ainda tem algumas emissoras que trilham por esse caminho, mas é uma coisa bem pequena, a preocupação maior é com a audiência. Então, quanto pior, melhor. Tá dando audiência, deixa. A gente viveu aqui 2013, o que valia pra gente, eu mesmo, como chefe de reportagem na época, ficava eufórico ao ver, desculpe a expressão, tiro porrada e bomba. A gente meio que se moldou ao que é a televisão hoje, infelizmente. A televisão hoje não tem o menor pudor, acabou. Já não tinha também há um tempo atrás, mas era bem menos, era mais escondido. Agora, não. Agora, o leque se abiu e eu vejo isso com muita tristeza porque os meios de comunicação feitos para informar, deturpam muito da informação que levam. E tem aquela outra questão, você hoje não tem gente preparada pra fazer uma pergunta, pra questionar, pra tirar do entrevistado o que ele errou e o que isso prejudica a população de um modo geral, infelizmente.

Pergunta 4

Na sua visão, o problema não é inserir, é o tipo de conteúdo que está sendo inserido?

Sim, é o tipo de conteúdo ...(cortes) bota isso mesmo, vamos que vamos. Não tem um juízo de valor do que está sendo colocado no ar, não existe preocupação com relação a isso. Tá banalizado. É um negócio que veio, não gosto de usar essa frase, mas veio para ficar. Nada demonstra que isso veio, mas que uma hora vai se diluir. Não vejo essa perspectiva, infelizmente, não vejo.
Pergunta 5
Você teria um exemplo recente pra dar disso que vc está contando?
Lembrar de um específico...(silêncio) tem (sobrepõe palavras na tentativa de resgatar um exemplo)...se a gente ficar lá atrás (tenta uma conexão), a gente começa ...(cortes). Mas a gente tem exemplos recentes aqui de pessoas, VTs, matérias que são veiculadas, principalemnte ehhhhh, isso tem se tornado cotidiano, de homens que agridem suas companheiras, suas mulheres. Isso tem sido massivamente mostrado e eu acho desnecessário pelo seguinte, de certa forma fomenta o cara que tá do outro lado, que tem algum problema com a mulher, com a ex-mulher, por ai vai. Se banalizou tanto isso que hoje. Ehhhh, há poucos dias, há pouco tempo atrás, teve um cara que pegou a mulher, ex-mulher, amante, não me recordo agora, e esfaqueou a menina por várias vezes. Embora tenha-se colocado um blur ali na imagem, vc tinha todo aquele raciocínio de que o cara tava cometendo aquele tipo de crime. Isso aconteceu recentemente. Teve uma também que aconteceu dentro de um shopping na Tijuca, que fica na zona norte aqui do Rio, de uma menina que foi esfaqueada várias vezes pelo ex-companheiro e a gente mostra isso. É claro que vc coloca ali um blur, mas fica subentendido a violência, aquela violência explícita. A cada dia que passa, cada acontecimento que tem, as pessoas ficam procurando câmeras de segurança que possam mostrar isso pra veicular isso. Você borra a imagem, fica subentendido isso, entendeu? Acho desnecessário, acho um incentivo. Tem muita gente que a gente conhece na nossa vida que a gente percebe que não bate bem. Aquela provavelmente é capaz desse tipo de situação. Imagina, se a gente conhece um universo pequeno de pessoas assim, imagina isso veiculado numa televisão com milhões de pessoas assintindo. Tem um maluco ali, vou fazer isso com ela também que é o que ela merece.
Essa é apenas uma delas. Tem imagem que também acho desnecessárias de pessoas que são presas. Tem uma coisa aqui no Rio, que a gente não pode filmar o cidadão que está sendo preso. Embora aquele cidadão ainda todas as condições de se defender, ele já é mostrado, já é taxado como criminosos, não tem volta. Eu acho um desrespeito ao ser humano, por mais que ele seja culpado, mas ele tem direito de defesa. A gente mostra isso também como se fosse uma coisa assim, esse cara é bandido, tem mais que mostrar mesmo, vagabundo tem que ir pra vala. Tem esse aspecto, que é triste porque vc não dá chance de defesa ao cidadão, não dá chance de defesa ao cara que pode ser inocente. Pega ele como boi de piranha, entendeu.
Pergunta 2 (Roteiro)
Eu diria, hoje, 99%. 99% do que a gente recebe das redes sociais são colocadas nas várias emissoras de TV que a gente tem. 99%, principalmente quando é lixo. A gente percebe que é lixo, aquilo já tá valendo. Não tem mais critério nenhum. É vamos que vamos. A Globo é uma das maiores emissoras de TV do Brasil tinha um pouco desse critério, hoje, até a Globo está mostrando, até a Globo entrou nesse barco aí e todas elas caminham da mesma forma.
Pergunta 3 (Roteiro)
Sim, sim, sem dúvida. Eu vou te falar uma coisa (risos constangidos) porque ouço isso cotidianamente das pessoas que eu convivo né? Quanto mais sangre, melhor. Quanto mais sangue, mais audiência dá. É duro te dizer isso, mas é a verdade. Quanto mais desgraça, quanto mais sangue, tiro, porrada e bomba, mais a audiência cresce. É nisso que as emissoras investem. Elas investem nisso. Não tá preocupado com qualidade, não. A qualidade passou longe. Quanto mais tiro, porrada e bomba, quanto mais sangue, desgraça, isso sendo mostrado. Inclusive, não só mostrado, mas com alguem ali falando, fulano fez isso, fulano fez aquilo, olha como ele bateu nela, olha como ele agiu, isso se tornou uma coisa corriqueira, infelizmente.
Pergunta 4 (Roteiro)

Sim, se tornou. É duro te dizer isso, mas é verdade. Não adinta fugir de uma situação que eu tô vivendo aqui. Os conteúdo são bizarros, bizarros, mas mesmo assim é colocado no ar. Esse conteúdo é colocado no ar sem dor nem piedade, que se dane, o importante é a audiência. Quando vc entrevista alguém na porta do IML, por exemplo, a pessoa começa a reclamar, a ter aquele raciocínio de perda, começa a chorar, o que o câmera faz? Vai direto na lágrima da pessoa. Se tornou uma coisa fundamental hoje, fundamental principalmente para os jornais locais, infelizmente.
Se tiver as imagens tem matéria, se não tiver, não tem matéria?
Se não tiver, não tem matéria. Se tiver, tem matéria. 90% tem esse raciocínio. O VT só vai pro ar se aquela imagem ali, se nós tivermos aquela imagem ali que possa ser mostrada. Se não tivermos, muitas vezes, a matéria cai. Mas 90% é assim que funciona.
O fatos de serem feitas por pessoas comuns tem um peso especial para as reportagens?
Não ...(corte) até porque não reivindica a autoria. Quem está fazendo não reivindica a autoria, por mais bizarro que seja, não reivindica a autoria. Talvez a pessoa que fez e viu a sua imagem indo pro ar, a pessoa até se delicia com aquilo, opa!, imagem minha, mas não está muito preocupado com o conteúdo dela, entendeu? Passou longe disso.
Pergunta 5 (Roteiro)
Tô generalizando. Tem conteúdos e conteúdos. A maior parte dos conteúdo que eu chamo bizarro, na minha visão, não acrescenta nada. É feito pra idiota e idiota que gosta de ser mais idiota ainda vendo aquilo. Não tem juízo de valor pelo que está vendo, não consegue formar um pensamento crítico naquilo que está vendo. Agora, tem conteúdo que eu tenho que aplaudir, que são conteúdos bons e as TVs veiculam. Embora cada vez mais raros, mas existem. Existem bons conteúdos, existem boas situações que as pessoas estão filmando. Tem vários exemplos, só não me recordo de um agora pra te dar, mas tem bons conteúdos sim. Isso é o que de certa forma nos dá um alívio e talvez até nos dê a percepção de que um dia isso possa mudar.
Pergunta 6 (Roteiro)
Hoje você tem vários canais. Tem o tweeter, né? Tem Wuatsapp, tem o Facebook. Vou te dar um exemplo do Facebook. Tem o Instagram, tem o Telegram, tem vários canais hoje por onde você recebe vários tipos de acontecimentos, vídeos bizarros, situações inusitadas. O Facebook, por exemplo, não sei como é aí em Portugal, mas aqui nós temos muitos bairros conflagrados pela violência, onde o poder público não chega, onde a polícia não vai. O que acontece? O Facebook, hoje, se tornou uma ferramenta que eu posso chamar dos excluídos. Vou exemplificar. Vigário Geral é uma comunidade aqui no Rio que vive em guerra. Gerra entre facções rivais e quando não é com facções rivais é com a polícia chegando e tentando botar ordem na casa, enxugando gelo como a gente diz. Então, o que essas pessoas que moram nessas comunidades conflagradas, você tem Vigário Geral, Cidade de Deus, Vila Kennedy, Juramento, as pessoas criaram páginas através do Facebook onde colocam suas mazelas. Eles filmam as suas mazelas e essas mazelas, 99% está relacionada com a violência, seja a violência do traficante, do miliciano ou da polícia. Então canal hoje aí, se tornou assim um canal pras redações fundamental porque são áreas que nem o jornalista consegue entrar. Você consegue visualizar um monte de agruras que acontecem nestes locais, nessas regiões e que a gente chama de 0800. Chega pra gente sem nenhum custo e vai pro ar. A gente só faz cobrar a polícia: isso tá acontecendo lá, porque vocês não vão lá? Essa rotina sempre acontece da mesma forma, nunca se tem uma solução. É isso, você recebe de vários canais e os canais hoje mais fundamentais é o Whatsapp, que tá no topo, tá no topo né? E o Facebook. Os dois estão no topo de coisas que vc recebe ou de pessoas que estão no seu grupo ou de pessoas que no seu grupo acabam mandando pra vc também.
Pergunta 7 (Roteiro)
Isso é um problema. Um problema grave ...(corte). Por exemplo, o SBT já colocou imagens que até eu mesmo, fui lá entreguei, toma que é bom, como se fosse de ontem, de anteontem e foi um negócio aconteceu dois, três anos atrás. Isso já aconteceu milhares de vezes. Essa checagem é muito complicada de ser feita até porque quem manda essas imagens são pessoas anônimas, você não sabe de onde partiu aquilo, quem foi que está colocando. O sistema Globo tem um setor só de checagem, mas acho

que, como emissora, ela é a única, não conheço outras que têm essa preocupação. O sistema Globo tem alguma coisa parecida, um departamentozinho criado justamente pra fazer a checagem de imagens recebidas de pessoas anônimas, mesmo assim ela é muito falha. Canso de ver a própria Globo colocar imagens de situações que não aconteceram ontem, anteontem, situações que aconteceram dois, três anos atrás. Ainda é muito falo e eu, tecnicamente, não saberia te dizer como é que poderia ser feito esse tipo de checagem ...(cortes) tecnicaente eu não sei. Acho que vale pela percepção, o olhar crítico da pessoa que tá vendo aquilo ali, aquela imagem. Olha, eu acho que isso aí já foi pro ar, acho que não é bem assim, acho que devemos checar. De um modo geral, se a imagem é boa e ninguém viu colocar no ar. Está meio assim, passa a boiada, vamos que vamos. Essa checagem, até onde eu sei, só a Globo faz, mesmo assim passa muita coisa.
Pergunta
Esse controle se tornou muito superficial e subjetivo, é isso?
Exatamente isso. Você tirou ...(cortes) matou a charada, exatamente isso.
Pergunta 8 (Roteiro)
Onde Tem Tiroteio. A gente sua muito o que eles mandam. Me perdi na pergunta, se puder repetir. (Repetição da pergunta) A OTT se tornou uma arma das pessoas que não querem a violência, mas que vêeem todo o dia, no seu cotidiano, a violência. O Onde Tem Tiroteio se tornou um dos principais canais de apuração que a gente tem, que a gente consegue vislumbrar quem faz aquilo ali, são pessoas que ...(cortes) mostrar ...(cortes) situação falha lá. Uma cidade que não respita lei, uma cidade que não respeita os (não entendido), não respieta a comunidade, consegue visualizar isso tudo através do OTT. Essas situações, embora corriqueiras, elas também não são questionadas junto às autoridades públicas, a gente passa meio que um pano né naquilo alí, embora saibamos que existe. A violência no morro dos Macacos, no Juramento, que a OTT mostra, não só nessas comunidades conflagradas, mas também no asfalto. O OTT veio pra mostrar que a violência está entre a classe média alta, a classe média baixa, entre os pobres. Ela tem um leque de cobertura muito amplo, por isso ela se tornou hoje um canal fundamental, fundamental principalmente pras redações porque ela tem uma vantagem, ela é bem factual, ela é extremamente factual. Toda vez que a OTT tá publicando alguma coisa, aquilo tá acontecendo exatamente no momento que eles publicam. E detalhe, sem nenhum tipo de custeio, não tem investimento naquilo ali. Confesso a você que não sei nem quem está por trás daquilo ali, mas é uma ferramenta estratégica, fundamental pro jornalismo hoje, sem dúvida.
Pergunta
Pode me explicar melhor porque é fundamental?
Porque ela está exatamente onde a gente não consegue estar. Ela consegue estar num local onde a gente nem pensa em ir, nem tem discernimento, não só discernimento. Tem determinadas áreas conflagradas que a gente não pode nem adentrar, tem que pedir autorização lá, tem chefia, o tráfico de drogas na região. Então, a OTT tem essa vantagem: estar onde a gente não pode estar. Isso pra gente é fundamental porque a gente cria um leque de situações, de mostrar a situação que existe vida naquela área conflagrada, existe gente que mora ali, gente do bem, que paga seus impostos e vive numa situação de extrema violência. A OTT está onde a gente não consegue estar, não só nós, o jornalismo no geral, mas também a própria polícia, a própria autoridade pública não consegue estar e eles conseguem.
Pergunta
Os jornalistas confiam no material, nos vídeos distribuídos pelo OTT?
Confiam, confiam. Desde quando eu conheço o OTT, nunca vi uma postagem que não fosse verdadeira. Desconheço. Todas elas são verdadeiras, acontecem no ato da publicação e confesso a você que não conheço que a OTT tenha feito que tenha sido montado, que tenha sido pra ter sua visualização aumentada, não conheço.
Pergunta

O que leva você como chefe de reportagem e os jornalistas de maneira geral, muitas vezes nem saberem quem está por trás da ferramenta e ainda assim confiarem na apuração que essa ferramenta faz?
É o imediatismo que nos força a ter esse comportamento. A televisão não te dá muito tempo de checar. O tempo que vc tem, principalmente se for com o jornal local, é muito pequeno e vc tem que agir rápido. Então, aí, o critério é mais o imediatismo mesmo. Tá na mão, vamos botar, botar no ar, no caso.
Pergunta
Pelo que vc está dizendo, o OTT alcançou um status diferenciado, que é diferente de uma página de bairro, de um perfil no tweeter? Existe uma confiança maior no que o OTT publica face a outros canais.
Existe, sim. Existe. Eu não conheço nenhuma postagem que o OTT tenha feito que vc possa dizer que aquilo ali foi uma montagem, que não aconteceu, que não existiu. Toda elas, todas as que tive acesso e tenho acesso são confiáveis. Acho que eles chegarm a um grau de confiança que nos dá, tanto é que todas as emissoras de TV, todas elas, não existe uma que não use, não confia neles. Essa confiança adquiriram até porque mostra a verdade nua e crua do que acontece nas regiões conflagradas e não só nas regiões conflagradas, mas no cotidiano no geral. Eles adquiriram isso, essa confiança. É o que eu te falei, não conheço nenhum caso que possa ter tido assim uma vantagem.
Pergunta 9 (Roteiro)
Não conheço a estrutura de quem faz a OTT, não conheço. O jornalista em si pega as imagens, acho que ganha expertise, ganha fui mais rápido, eu vi primeiro, eu coloquei no ar primeiro. Tem essa vaidade boba, de quem pega uma imagem da OTT e coloca no ar em primeira mão. Se vc for analisar, o furo jornalístico, eu diria que ele tá desaparecendo. Vamos supor que ele está morrendo porque são tantos os canais de comunicação que, hoje, qualquer informação que vc acha que é só seu, que é exclusivo seu, fulano de tal, sicrano de tal, já tem a informação. O ganho que o jornalista tem com a OTT é um ganho de ser mais rápido, de ter uma expertise maior. Com relação à estruta do OTT, como ele é feito, quem banca aquela estrutura toda, eu desconheço.
Pergunta 10 (Roteiro)
Ah, bom. Porque tem umas artimanhas técnicas ...(corte) vc pega aquele vídeo que a OTT disponibiliza e a pessoa consegue ele limpo, o que a gente chama de vídeo limpo. Como é feito isso, confesso a você, foge da minha alçada (risos), não sei como é que é feito, então tem muito disso. Muitas das imagens que as pessoas não conseguem fazer isso, acaba creditando. As que vc coloca no ar, mesmo sendo da OTT, que vc coloca no ar o vídeo limpo, não são creditadas. Não tem o menor pudor de colocar e não creditar. O argumento é, ah, isso aí fulano de tal que me passou. Como vc não tem esse controle, aí vc não pode nem ajudar a OTT a ter um direito autoral em cima daquela imagem. Isso foge do controle e acaba acontecendo de ir pro ar muitas vezes sem creditar. Quanto mais visualizações vc tiver, aparecer nas mídias ditas normais, televisão, pra eles, eles saem mais fortalecidos ainda.
Pergunta
O a emissora procurar esconde a logomarca, mexendo na imagem para que o telespectador não saiba que ela veio do OTT?
Acho que é pra não mostrar fragilidade. Pra não mostrar que a emissora não tem uma estrutura de produção, de apuração própria. Então, acho que eles usam esse artifício exatamente para poder esconder as suas deficiências. Aqui se diz muito, sou meio cético com relação a isso, mas se diz muito que o que tá na rede vc pode usar porque é de domínio público. Depende. Domínio público até que alguém for reclamar juridicamente. Mas, aqui se diz muito isso. Tá nas redes sociais, é de domínio público. Tá no Facebook é de domínio púbico. Usa e abusa e muitos lá fazem a limpeza, tiram lá, limpam a imagem, tira o crédito de quem fez, extamente, na minha concepção, pra não mostrar essa fragilidade.
Pergunta 11 (Roteiro)
Diria que sim. Diria que sim e não. Porque jornalistas assim da minha idade por exemplo, hoje tá contado nos dedos, tem poucos. Mas eu acho que sim. Acho que é por

aí sim. Os mais antigos têm uma autocrítica em relação a isso, sim. Mas se torna voto vencido na redação. Uma redação hoje é composta, contando nos dedos ali, é composta na sua grande maioria por jovens e esses jovens ainda não estão muito antenados com o que vale e com o que não vale, entendeu?
Pergunta 12 (Roteiro)
É (silêncio). É uma pergunta difícil de responder, mas acho que tem efeitos sim. Mas é uma pergunta muito difícil porque vc fica numa encruzilhada. Vc tem que apostar naquela desgraça ali, porque vc está num meio, numa emissora que pra ela é fundamental a desgraça. É tiro, porrada e bomba, é sangue. Então, se vc começar a questionar isso, autocensurar isso, vc tá batendo pênalte no seu próprio gol. É bem complicado (risos nervosos) hoje nós estamos numa encruzilhada muito difícil de sair. Não vejo, pelo menos nessa atual fase do jornalismo, não vejo um caminho assim de saída rápido, não. Ainda tem muita estrada pela frente pra poder dar um outro caminho, uma outra concepção. O jornalismo em si perdeu muito do seu glamour. O jornalismo hoje, não sei como é aí em Portugal, aqui no Brasil, os próprios governantes não respeitam mais. Nós dizíamos orgulhosos no meu tempo, quando eu era mais novo, que o jornalismo era a 4ª força. Hoje, não tem mais isso. Pulverizou, tá pulverizado. As redes sociais, de uma certa forma, ela massacrou, meio que pisou no jornalismo, infelizmente.
Pergunta
Qd vc fala que a rede social massacrou o jornalismo, vc quer dizer que o jornalismo perdeu o seu espaço de autoridade?
Extamanete isso ...(cortes) perdeu o seu espaço de autoridade. Antigamente, eu quando era repórter de TV, eu chegava numa comunidade era super bem recebido, tando pelo bandido quanto pela comunidade em si. Eu era respeitado, eu tinha respeito, eu tinha voz. Hoje, virou uma esculhambação, o jornalista é agredido na rua cotidianamente. O jornalista quando entra numa comunidade, ele não tem o respeito nem dos moradores mais, moradores de bem, vamos colocar assim, moradores que pagam seus impostos, que são pessoas honestam. Eles perderam, perderam o respeito. Infelizmente, isso é uma coisa cotidiana. Acontece, está acontecendo e eu acho que não tem mais freio. O negício descarrilou e chegou a um ponto em que vc vai a uma determinada situação e vc não é mais visto como aquele profissional sério, que tava ali pra poder te municiar de uma informação correta, te dar um juízo de valor sobre as coisas. Ele perdeu essa moral, perdeu. Nós fomos engolidos pelas redes sociais, não conseguimos frear isso, não conseguimos fazer esse distanciamento e ainda hoje, nas ruas, quando vamos fazer uma determinada matéria somos desrespeitados cotidianamente. Cotidianamente. Não tem mais respeito nenhum. Eu te digo isso com muita dor no coração porque eu sou de uma geração em que eu ia pra uma determinada comunidade, eu tinha respeito, eu era respeitado, o jornalismo era respeitado, o jornalismo era a última palavra. Hoje, é uma piada. Esses jornalistas só sabem inventar, só gostam de fofoca, não sei o que, não sei o que lá. A gente perdeu o pulso do que é ser jornalista, do que é a profissão, o que é o jornalismo como um todo. Eu vejo assim, posso estar errado, mas é assim que eu vejo.
Pergunta
Essa visão traz um pouco de pesar.
Sim, sim. Eu fico muito triste. Eu lido muito, cotidianamente, com gente jovem, muitos jovens já passaram pela minha mão. Eu tenho um belo exemplo de um profissional, que a empresa não acreditou nele, que é o Rodrigo Gomes, tá lá na Inglaterra, no Reuno Unido e começou, acho que vc lembra dele, começou na redação e a empresa não apostou naquele garoto. Saí uma vez com ele, passamos a noite, viramos, falando sobre jornalismo, o que é jornalismo, a essência do que é a profissão. Eu vi naquele garoto ali um potencial fantástico e hoje ele brilha como correspondente da Globo no Reino Unido. Existem ainda poucos ...(corte) mas de um modo geral o que eu vejo são pessoas jovens na profissão que só tem um objetivo: se dar bem! Não é fazer jornalismo, é se dar bem. Se dar bem como? Passando por cima do colega, passando por cima de uma pauta, conseguindo as coisas de maneira duvidosa e por aí vai. Infelizmente, eu vejo assim. Tem muitos jovens bons? Tem. Não tô generalizando, mas hoje vc tá contando

nos dedos. Isso é lastimável, vc contar isso nos dedos. Devia ser uma regra, devia ser uma regra nas redações, no jornalismo em geral, rádio, televisão, jornal, mas infelizmente, não é.

Transcrição **entrevista jornalista 2** 15/02/2021 – 16h BR

- Nesse momento é produtora da Globo News/ Foi Chefe de Reportagem do Sistema Bandeirantes de Televisão (Band) por 12 anos
- 15 anos de atividade profissional em televisão/ trabalhou 10 anos em rádio (CBN)/ Assessoria de imprensa em empresas/ trabalhou na área cultural para jornais e na área ambiental.
- 51 anos de idade
- Jornalista - Faculdade Hélio Alonso e licenciada em Artes Cênicas pela UFRJ. Especialização na área ambiental e em educação
- 27 anos de atividade profissional

Descrição profissional – Na TV Bandeirantes, o que a gente chama de chefia de reportagem no Brasil, na Bandeirantes teve algumas distorções. Por quê? Porque na Bandeirantes, na verdade, eu acabei acumulando a chefia de redação, acumulei várias funções que eram de um chefe de redação. Partes administrativas e tal. Mas a parte de jornalismo, como chefe de reportagem na Band, o que ei fazia? Eu tomava conta das equipes que estavam trabalhando naquele dia, o que elas iam fazer, elas na rua, a própria segurança delas na rua, o conteúdo que elas trariam pra casa e, além disso, o que é notícia né? Estourou um posto de gasolina e o repórter está fazendo o ministro. A gente desloca o repórter, tomar a decisão de deslocar esse jornalista desta matéria que, a princípio, poderia ser derrubada, poderia ser colocada de escanteio, mas vc tem um factual mais importante. Todo esse gerenciamento das equipes na rua é feito pela chefia de reportagem. Além disso, todo o relacionamento com o editor-chefe do jornal. Eu cuidava do Jornal do Rio e do Jornal da Band e dos outros jornais da casa. O Jornal do Rio com uma característica de jornal local, todo o material voltado para uma programação do Rio de Janeiro, cuidava também do Jornal da Band, um programa nacional. Fora isso, o programa do Datena, um programa mais popular, também estava nessa minha alçada durante o dia. Eram três jornais, um na sequência do outro todos os dias. Além disso, eu deixava material pronto pros outros jornais da casa e pros jornais da manhã. O meu foco durante o dia todo eram esses três jornais, era o que me exigia um pouco mais de dedicação eram esses, mas eu sempre deixava pros outros jornais também. São linguagens muito diferentes. O jornal do Datena, o Brasil Urgente, é um jornal muito popular, muito policialesco. O Jornal da Band é muito mais formal, matérias preparadas, matérias mais longas. No final, já eu saindo de lá, o Jornal da Band passou por uma reformulação e tava trabalhando com matérias menores, com assuntos mais rápidos, até muito diferente do que era, abrindo espaço para o que a gente chama de matérias de revista, mais leves que, na TV Globo, o Jornal Hoje daria, mas o Jornal Nacional não daria. Basicamente, era isso que eu fazia (risos).

Pergunta
Dentre essas suas atribições, na conversa com o fechador do jornal, vc definia o que seria notícia naquele dia?
Sim, sim, principalmente o editor do local né? O editor do local a gente sempre se reunia quando chegava e a gente já via o que tinha preparado pela manhã, o que tinha de material preparado pela manhã. A gente via as coisas da tarde. Na Band não tinha a figura de um editor executivo direto com o editor-chefe do local, então, eu ajudava muito nesse complemento do que ele precisava. Não só com matérias, com o repórter que tava na rua, mas com situações que estavam acontecendo durante o dia, com fatos que aconteciam que a gente, de repente, não poderiam cobrir, eu preparava informações pra ele, fazia a ponte entre o editor-chefe do Jornal do Rio e, por exemplo, a apuração pra pedir que as informações fossem apuradas, aprofundadas, pra que isso

venha por jornal. Esse material também ia pro Jornal da Band como informação pra que resolvessem se iriam dar, se não iriam dar, a escolha final é do editor-chefe do Jornal da Band. Mas, no Jornal do Rio, tinha mais essa parceria de a gente ver o que ia entrar, o que não ia entrar e esse bate-bola com esse editor.
Pergunta
A função que vc exerce hoje na Globo News é muito diferente, elas se cruzam?
Não, é muito diferente. Na Band, eu tinha um trabalho de coordenação. Por exemplo, eu preparava a coordenação do carnaval. Como ia ser a cobertura de carnaval da Band? Eu me reunia com a parte técnica, a gente via como ia ser, me reunia com São Paulo, me reunia com o Rio, criava uma estratégia de cobertura, isso era uma coisa que eu fazia (risos). Eu escolhia o que ia ser notícia, eu falava com o meu repórter. Como está a sua matéria? Tá assim, tá assado? Me fala o que vc tem, como vc vai construir isso? A gente tinha esse bate-bola. Apesar de o editora falar diretamente com o repórter também quando está fechando uma matéria, como chefe de reportagem, a gente se falava muito e definia muitas coisas. O que eu faço na Globo News hoje é muito diferente porque, na Globo News, o que eu faço? Eu tenho uma ideia, invento uma proposta de uma matéria, apresento pros meus chefes que aprovam ou não e eu vou fazer. Ou o meu chefe fala assim: Ludmila, vai ter uma pesquisa do IBGE amanhã, que vai ser lançada, eu queria que vc fizesse uma matéria em cima disso, pegando no que deve ser os principais pontos e falar sobre isso. Ou amanhã vai ter a continuação da vacinação no Brasil, no Rio de Janeiro, especificamente. Vão distribuir as vacinas por 92 municípios. Aí, eu tenho que ver como construir essa matéria, produzir essa matéria pra ser matéria no dia seguinte. Na Globo News eu faço muito isso, demandas muito específicas. Eu crio uma matéria, aprovo com a chefia e vou executar, fazer virar uma matéria. Eu gosto de chamar essa produção que a gente faz na TV de pré-reportagem. Por quê? O produtor é uma pessoa muito importante, eu já achava isso quando eu era chefe, tinha várias brigas porque produtor não é valorizado como deveria ser. Quando vc tem um bom produtor, a matéria, a possibilidade dela sair errada ou dela sair ruim é muito menor. Por quê? Varios casos. O produtor, primeiro, tem uma ideia. Vamos fazer uma matéria de porque se morre mais numa área do Rio de Janeiro de Covid do que em outra área? O produtor pensa, cruza os dados de vacinação, cruza os dados de morte naquela cidade, aí ele vê quais são as características geográficas daquela região nesta cidade que ele está falando, quais são as características dos hospitais nessa cidade? Tem hospital? Tem atendimento, não tem? O produtor já faz um baita de um levantamento, ele pensa na matéria desde o início até o final. Aí ele pensa, o que eu vou ter de imagem pra contar essa história? Televisão, se não tiver imagem, não tem história. Então, como eu vou contar para o telespectador a minha história? O que eu vou ter de imagem? Hoje em dia é difícil porque vc não pode entrar no hospital, vc não pode ir em área de risco, vc não pode, não pode, não pode e não pode. Então, como vc conta pra pessoa que se morre mais no Rio de Janeiro na Zona Oeste do que na Zona Sul se vc quase não pode mostrar? Produtor tem que a criatividade de colocar, bom, vamos botar uma imagem genérica do alto do helicóptero da Zona Oeste, vamos colocar imagens genéricas de hospitais da Zona Oeste, vamos colocar imagens de pessoas dentro do ônibus na Zona Oeste. Esse início todo da matéria é feito pelo produtor. O produtor vai entrevistar o especialista, sei lá, sanitarista, um biólogo, um epidemiologista pra ver se ele concorda, se ele colabora com aquela teoria que ele tem, se confirma que aquilo é uma matéria. Ele já faz uma pré-entrevista com esse entrevistado. Vai entrevistar outro especialista de transporte, vai falar da dificuldade do transporte nessa área, as pessoas ficam mais aglomeradas e tal, é uma outra pessoa que vai ser entrevistada antes também. Então, assim, quando a matéria chega pro repórter, ela já passou por um produtor que entrevistou (risos) a pessoa que colabora com a matéria pra dar a veracidade à notícia, já conversou com uma outra pessoa que colabora para um outro ponto da notícia, já procurou muitas vezes um personagem. A dona Maria que perdeu o irmão de Covid no hospital, demorou a ser atendido porque não tinha vaga nos hospitais. Ou seja, o produtor já costurou toda a matéria. Claro que as vezes da errado. Vc combina uma coisa e não sai como vc quer, o entrevistado fura

(risos), o entrevistado não leva o atestado de óbito mostrando que morreu de Covid, ou não é bem aquilo que vc falou, a pessoa se arrepende um pouco de falar e fala um pouco diferente. Ou o próprio produtor (risos) não entendeu tanto o que o entrevistado quis dizer, sei lá, carregou nas tintas. Ou o repórter achou coisas diferentes, foi por um outro lado. O que vc tem é o brilhantismo do repórter depois também pra pegar todas aquelas informações e transformar numa boa história, num produto final. Mas eu acho que figura do produtor é muito importante. O que eu faço na Globo News hoje é isso. Eu pego uma história e conto ela do início ao final. Como chefe de reportagem, eu tinha várias histórias, vários finais (risos), várias demandas e até uma pressão muito maior. Hoje em dia, eu tenho muito menos pressão. Se der alguma coisa errada na minha matéria, vou dizer ao meu chefe foi por isso, por isso, por isso. A televisão não para porque não deu certo uma matéria, mas o chefe de reportagem não pode falhar. É muito difícil um chefe de reportagem falhar. A pressão pessoal é muito grande, o desgaste emocional de um chefe de reportagem é muito grande, principalmente numa cidade como o Rio de Janeiro, né? Que é uma cidade que não para, com desigualdades absurdas, com uma violência também que acho até que está (pausa e risos) não é menos violenta, mas mais controlada num ponto e pior em outro (pausa). É uma cidade que te exige um preparo emocional muito grande, eu acho.

Pergunta 1 (Roteiro)

Eu acho que são duas questões. Em relação à violência, eu acho que não dá pra ignorar a violência. O jornalismo hoje em dia ele está sendo feito de uma forma que ele afastou o povo, o povo no meu caso, na minha cidade, que eu amo, que é o Rio de Janeiro, da televisão. Vc criou uma televisão mais fria. Como vc não pode fazer nada, favela não tem só tiroteio, favela não tem só gente morrendo. Favela tem gente trabalhando, estudando, fazendo balé, esporte, coisas incríveis acontecem dentro da favela e nem isso vc consegue mais mostrar dentro da televisão brasileira, com raras excessões. Por quê? Por que vc não entra mais na favela, como se fosse um gueto aquilo ali, como se fosse um lugar sem lei que vc não entra. Quer dizer, é um lugar sem lei realmente porque vc não entra e agora vc não entra por segurança dos repórteres, dos repórteres-cinematográficos. Mas se vc pensar bem, vc afastou a essência do povo da televisão porque vc não chega mais lá. (risos) Isso que vc pergunta, eu vou explicar porque eu tô falando isso, isso vem nessa vertente. Quando vc criou, tirou o povo da televisão, o que acontece? Vc começou a receber essa enxurrada de coisas, de imagens de violência. Primeiro que eu fico muito preocupada porque vc recebe muita coisa errada. Outro dia a gente recebeu, eu tava na Band ainda, umas imagens de uns caras com fuzis, não era nada daqui, na favela do Rio. Era uma filmagem de um filme na favela, num segundo...(não completa o raciocínio). Isso é assustador, eu acho. Por que ganha uma repercussão no negócio, tá todo mundo dando, olha a favela do Rio de Janeiro, os caras armados no meio da favela e não era nada daquilo, entendeu? Eram 15 caras armados numa favela. Vira uma verdade, entendeu? Isso vem muito, o tempo inteiro. Muita coisa que chega, que as pessoas estão noticiando, sequer são verdadeiras. O que eu quero dizer é o seguinte: muita coisa vai entrando no noticiário, obviamente que não é um noticiário sério, né? Mas vai entrando rápido demais, vc demora a barrar essa informação. Esse fake que se criou é assustador porque ele é muito rápido, é como uma praga, como um Covid, seu lá. Dissemina o negócio e até vc conseguir consertar aquilo, vc não consegue porque, assim, eu não se especificamente o que vc está trabalhando na sua pesquisa, uma coisa é o padrão da televisão. Por exemplo, na Globo News não entra essa violência, não entra, não entra nenhuma violência dessas gravadas, muito difícil entrar uma cena de violência, é o perfil da emissora, especificamente. No SBT já entra mais. Na Band, no Jornal do Rio, entra mais. A Band proibiu que se mostra cenas com sangue, com corpos e tal, tenta tirar um pouco isso da violência, um pouco do grotesco dessa violência. Mas, acaba que entra, entendeu? Varias coisas, coisas com criança, evita-se colocar, mas ela entra né? (expressão de tristeza). Eu não sei, tenho muito medo, todo mundo faz jornalismo, sabe assim? (risos) Eu tenho muito medo disso porque eu acho que todo mundo faz jornalismo, chega um bando de coisas. Tem coisas que chegam que são interessantes de vc colocar, flagrantes, por exemplo. Quando uma

família denuncia uma violência policial e vc coloca no ar, eu acho super importante porque virou um documento contra uma ação errada da polícia. Acho importante colocar. Mas, assim, vc colocando uma criança sendo atingida por um tiro, eu não acho que deva colocar. Exacerbar essa violência na televisão, eu pessoalmente sou contra. É censura, não, eu não acho ser censura. Eu acho que é respeito com o telespectador, vc tem que poupar um pouco as pessoas porque as pessoas não podem querer terminar o jornal cortando os pulsos. Não é fitrar a notícia para direcionar o cidadão, é vc deixar o cidadão respirar. Antigamente, quando eu comecei a fazer jornalismo, a gente sempre tinha essa preocupação, o jornal tem que terminar com respiro, com uma boa notícia. As vezes, eu tenho a impressão de que a gente não faz mais isso, sabe? Acho que o Rio de Janeiro vende muito essa coisa da violência. Uma cidade que vende isso, ao passar dos anos foi se institucionalizando vender a violência no Rio de Janeiro. São coisas que nem são verdadeiras a esse ponto. Vc não anda no Humaitá onde eu moro os caras saindo de fuzil, no meio da rua, não é isso que acontece. Mas eu acho que se institucionalizou muito da violência sabe, no Rio. Porque também vende. Vende jornal, vende revista, vende televisão. Eu tenho um pouco de medo disso. Fizeram uma coisa com o Rio muito ruim. Quem mora na zona sul do Rio de Janeiro, mora em outra realidade, quem mora na zona norte, alguns pontos da zona norte, não vive a realidade de quem mora dentro de uma favela, por exemplo, da Maré. (risos) Eu sempre fico meio preocupada com essa questão da violência quando fala do Rio de Janeiro porque eu tenho medo do que é real e do que se colore a mais da violência.

Pergunta 2 (Roteiro)

É muito raro que isso aconteça. Em pouquinho tempo de Globo News eu não tenho nem como avaliar, não vejo isso lá, não vejo entrando nada disso. Na Band entra sim (enfática). E entra bastante hoje em dia, entra bastante essa coisa do que veio do telespectador e tal. Obviamente, que eles checam as informações, se está certo, se não está pra não colocar. Mas, entra muito. Entra muito, entra muito, muito, muito flagrante feito pelo telespectador. Entra também o tiroteio na favela que está no Facebook, sabe? Aqueles grupos que colocam. Isso eu vejo muito, vejo na Globo, em outras emissoras, vejo no SBT. Eles catam grupos de moradores de algumas regiões. Aí tem vídeos mostrando a noite de tiroteio na favela, isso entra muito. Eu acho que entra bastante assim. (Silêncio seguido de risos) Eu não sei se entra diariamente. Toda vez que vc tem uma situação de violência muito grande que vc não tem como cobrir, acaba como uma válvula de se fazer a matéria. Como vc já não faz mais favela, praticamente, vc acaba usando esses vídeos pra suprir uma demanda de não fazer, entendeu, a notícia? Teve um tiroteio no Rebolças, uma tentativa de assalto no Rebolças que é um túnel no Rio de Janeiro, e aí vc vai usar os vídeos que as pessoas fizeram durante a correria, isso entra. E isso entra, acho que é importante ressaltar, que isso entra sem nenhuma filtragem. Filtragem de quem fez, entende? O repórter cinematográfico é uma pessoa preparada pro seu ofício, vc tem uma pessoa que estudou, que se preparou que trabalha filtrando a emoção. Quando vc coloca o vídeo de uma pessoa que está vivendo aquela história, mesmo quando vc é repórter cinematográfico está no meio de uma história tensa, densa e tensa, ele tem uma filtragem profissional daquilo. A pessoa que faz essa imagem, acho isso muito importante, ela está imbuído naquela loucura, naquela violência, naquele momento. Então, vc traz pra televisão uma carga de violência, uma carga de emoção daquele momento, que as vezes nem é aquilo tudo, mas a pessoa tá no momento dela de emoção. Aquilo as vezes vem, eu acho, maior do que ele é. Se eu vejo um tiroteio ali na minha frente e sou uma pessoa que tá passando, eu vou ficar em desespero. Eu já trabalhei com vários repórteres cinematográficos que tão vendo um tiroteio ali na frente, tão no seu lugar e tão filmando praticamente como se não tivesse acontecendo quase nada (enfática). Eu acho que isso é importante, uma discussão interessante. Que nível de emoção essas imagens que estão chegando por uma via de uma pessoa que está fazendo elas chegam, elas chegam com outra intensidade, a gente tem que saber isso e filtrar também.

Pergunta 3 (Roteiro)

Ah sim, eu acho que sim (risos) totalmente. Acho que se coloca essas imagens porque vc quer aumentar a audiência. É briga de audiência. E muitas vezes, vc vê alguns veículos, não necessariamente amplos veículos, repitindo aquela imagem à exaustão. Algumas vezes com extremo mau gosto. Alguns veículos policialescos exploram aquela dor humana. Eu não gosto como jornalista, acho horroroso, mas ficam horas e horas explorando aquela dor humana. É o seguinte né? As TVs no Brasil, não sei como funciona no exterior, nos EUA que eu sei trabalha da mesma forma, as televisões estão ligadas com um sistema que controla o Ibope, que controla a audiência ao mesmo tempo. Se aquilo ali ta dando audiência, aquilo volta, aquilo volta, aquilo volta, aquilo volta, aquilo volta, aquilo volta, é algo assustador. As vezes tem uma situação grotesca e vc continua botando aquilo porque aquilo dá audiência né? Ultrapassa a barreira do que deveria ser feito. Pelo do que eu aprendi como ético.
Pergunta 4 (Roteiro)
Não, eu não acho não. Não acho que seja fundamental, acho que dá pra fazer jornalismo de outra forma. Eu até acho que deve-se evitar essa exposição em demasia da violência, pra ser sincera. Sou contra essa exposição em demasia.
Pergunta
Estou me referindo às imagens feitas por cidadãos comuns.
Pois é! Eu acho que muitas vezes, exatamente isso, não tem filtro essas imagens. Eu questiono se esse estímulo, todo mundo vira meio que jornalista sabe? É uma invasão de privacidade também, as vezes, é um big brother (risos) o tempo inteiro. A gente tá falando de violência, mas tem milhares de outras coisas em jogo (silêncio). Eu acho interessante, por exemplo, quando um telespectador faz imagem de um buraco na rua e manda pra televisão. Tô há cinco dias ligando pra CEDAE, pra companhia de água e esgoto, e o buraco tá aqui, ninguém faz nada. Isso eu acho interessante, o poder que o cidadão tem de se fazer ouvir através dessas imagens que ele captura, desses flagrantes, entendeu? Eu só tenho medo, eu só não sei porque isso é uma avaliação nova a se fazer, mas eu acho que isso tomou uma proporção muito grande. E também não acho que a gente tenha capacidade, outro dia tava no Globo, a primeira página inteiro do Globo era fake, fake, fake, eram três fakes e duas notícias verdadeiras. Era o Globo desmentindo as fakes. Onde a gente vai parar? O jornalismo hoje em dia passa 40% do tempo tendo que desmentir o que tá rodando na mídia. A mídia que eu digo não a mídia oficial, digo a mídia alternativa, na internet, no Facebook. As coisas se propagam numa velocidade absurda. É isso que eu tenho medo. Será que a gente consegue rapidamente? Eu te dei o exemplo dessa história do tráfico porque isso já tava rolando na imprensa como verdade, entende o que eu estou querendo dizer? Antes de ser negado, um filme, aí começou a se discurtir, uma outra discussão ideológica, ética, filosófica, ah porque os caras estão ensitando a violência. Os caras tinham feito um filme. Pegou-se o negócio e começou-se a rodar como se fosse uma realidade, entendeu? Eu acho que a pergunta, eu responderia pra vc, a resposta que eu daria a sua pergunta é a seguinte: o que eu acho é que está rápido demais, entendeu? Tá veloz demais. É intenso demais a facilidade com que isso chega, a facilidade que isso entra, tá precisando de filtros, entendeu? Hoje em dia, graças a Deus, não trabalho numa televisão que não vai entrar isso. Agora, eu acho que está sem filtro. Está se entrando coisas demais na televisão na televisão brasileira que não devia estar entrando.
Pergunta 5 (Roteiro)
Então, eu acho que eu sou muito (risos) ortodoxa. Eu acho que acrescentam pouco. (Silêncio) Enfim, eu acho que a modernidade, que a internet é interessante, tudo isso é interessante. A gente está conversando graças à internet, graças à evolução tecnológica e tal. Eu acho que (reticente) as pessoas passam mais tempo...as pessoas são capazes de filmar uma agressão a um cachorro, porque que a pessoa não sai e vai lá, chama a polícia em vez de estar filmando, entendeu? (indignada). Como cidadã, é isso que eu penso. Claro, vc tem o flagrante, de repente processar o cara depois. É que eu acho que as pessoas estão tão preocupadas em serem agentes da notícia (risos) que isso me assusta um pouco, sabe? Eu acho assustador porque a gente começa a ter pessoas que se distanciam das coisas pra ficar filmando e mandando. Não sei, tenho essa impressão.

Agora, é claro, vc tem excelentes flagrantes né? Tem flagrantes que salvam vidas. Uma pessoa que viu um carro passando, por acaso estava filmando e mando isso depois. E vc prova que o cara que matou fulano de tal tava naquele carro que passou. Isso é maravilhoso, isso eu sou a favor. Já falei, sou a favor do serviço. A imprensa não consegue subir mais na favela, aí o morador cria a sua própria maneira de mostrar a violência e mostra a sua casa cravejada de bala, isso eu acho interessante, acho importante. Já que a gente não consegue ter competência de ir na favela filmar a vida dessas pessoas, que a gente coloque o que essa população produz. Isso, sim. Sou totalmente a favor. A imprensa tem que estar onde o povo está. Uma das coisas que mais me magoa como jornalista é a gente tratar a favela inteira como algo que não participa da vida das pessoas, entendeu? Há um tempo atrás, eu queria fazer uma matéria na favela que era o projeto Dançando pra não dançar, um projeto maravilhoso, com as crianças e tal, e não pode (indignada). Não pode ir porque é na favela, entendeu? É claro que eu entendo a gente não colocar em risco a nossa equipe, mas eu penso, puxa, a gente não pode mostrar uma menina dançando balé na favela, sabe assim? É uma coisa muito louca, ne? É uma questão pra se discutir. Você tá falando uma coisa muito importante. Eu não sei até que ponto essas imagens, fico pensando, (risos) por um outro lado, meio corporativista, talvez, elas acabam tirando emprego de quem trabalha pra isso né? (Risos) Todo mundo faz, pega o celular e se filma, faz notícia. Daqui a pouco, eu não sei nem como vai ser o papel do jornalista, do repórter cinematográfico daqui a um tempo, no mundo. Se tudo é substituído, né, perde-se a importância dessas pessoas. E volto a dizer, são fundamentais porque são pessoas que tem filtro pra trabalhar em relação à notícia. Pessoas que tem filtro, competências intelectuais e culturais pra discernir o que é notícia, o que não é notícia, o que importa, o que não importa, o que deve e o que não deve, o que é ético e o que não é ético. Por isso que a gente tem na faculdade ética, sociologia, filosofia, pra aprender essas coisas. No momento que isso tudo cria uma enxurrada de coisas na televisão, dessas outras coisas, me preocupa. Acho muito preocupante. Porque jornalista ainda é uma coisa muito importante, ainda acho.

Pergunta 6 (Roteiro)
Na verdade, na Band, no SBT também, em outras TVs acredito que seja assim, as empresas criaram canais de Whatsapp principalmente pra receber as informações do telespectador. A Band trabalha em sintonia rádio-TV. Então, tudo chega pelo Whatsapp, quase tudo chega pelo Whatsapp. O que chega direto pra televisão, quase sempre chega assim, chega pelo Whatsapp. Ou, assim, um morador de Madureira que vc sempre entrevista te manda alguma coisa, isso acontece. O repórter sempre vai lá, aí manda pro celular do repórter umas imagens que ele fez, isso acontece muito. Pra um repórter específico, um produtor específico, pra um jornalista, um chefe de reportagem específico, isso acontece. Mas acontece muito desse canal do Whatsapp que foi aberto e é divulgado pelas TVs e pelas rádios e tal, quando o jornal, quando a TV, como é o caso da Band que tem rádio e TV junto, chega muito por esse canal de Whatsapp que é divulgado na rádio principalmente, mais na rádio do que na TV. Chega muita informação, muitas imagens por esse caminho né? E a outra forma é aquilo que eu te falei, que são as redes sociais. Facebook, Twetter, pega-se muita imagem desses lugares. Quando vc não sabe como cobrir uma matéria de imagens, vc recorre muito à rede social hoje em dia. Não tô falando que tem coisas só ruins, não. Tem coisas muito boas. Vc consegue colocar histórias que são muito importantes de serem contadas com a rede social, com a imagem que chega do telespectador. São boas, são importantes, são flagrantes importantes. Eu só acho que teve uma alavancada disso que é um pouco assustadora. Como vc vai controlar isso tudo, entendeu?
Pergunta 7 (Roteiro)
Depende do assunto que chega. Se for uma caso de polícia, se for um caso que envolva, por exemplo, uma investigação ligada à polícia civil no Rio de Janeiro, vc procura a polícia civil, muitas vezes vc tem que mandar o vídeo pros policiais, quase sempre isso acontece tá, vc tem que mandar o vídeo pra polícia pra que a polícia veja. Por que tem

horas que nem a polícia sabe com o que a gente está lidando, entendeu? Porque é muita coisa pra própria polícia. Tem horas que a polícia não sabe do que a gente está falando, a policia tem que analisar aquilo ali pra ver se é verdade. Procura nos arquivos pra ver se há registro de ocorrência daqueles casos e tal. Quando é polícia militar, é a mesma coisa. A gente manda pra polícia militar e espera uma resposta da polícia militar se aquilo aconteceu, se não aconteceu, como foi a história. As vezes, numa segunda etapa, tem que procurar a rede de hospital municipal que atende aquela área que aconteceu aquele crime pra ver se as pessoas foram pra esse hospital, se não foram. Em alguns casos tem que procurar a prefeitura, o governo do estado. As vezes, uma notícia que vc recebe, um vídeozinho que vc recebe, até que ele consiga ir ao ar, tem umas três, quatro etapas que vc tem que cumprir. E muitas vezes, no caso inclusive da Band, se optava por não dar uma coisa porque vc não tinha a confirmação daquilo ali como um todo ou se dava muito tempo depois. Tem coisas que chegam que vc não consegue. Eu recebi um vídeo um pouco antes de sair da Band e eu falei gente esse sotaque não é daqui, não é daqui, não é daqui. Foi um caso horroroso de um rapaz do Recife, esse era um flagrante em termos de violência, mas que eu acho que era sensacional. Por quê? Por que se conseguiu prender o cara através daquele flagrante. O cara espancando a moça no meio da rua. Eu falei isso não é Rio de Janeiro, chegou como Rio de Janeiro. Até vc conseguir chegar que não é Rio de Janeiro, que é no Recife o negócio, isso é uma, é enorme isso. Por isso que eu acho tão assustador. Porque já tá na internet, tá todo mundo falando que é no Rio, que é na Penha, que é não sei aonde, e a história já virou verdade. Acho muito assustador, a velocidade. Juro, assim, eu gosto da internet, gosto do Tweeter, gosto do Facebook, gosto, mas me assusta muito é muito rápida a propagação de uma mentira é muita rápida e vira verdade em dois minutos.

Pergunta

A propagação de uma mentira, mas também de uma verdade.

Eu só acho que não podem ser utilizados de forma nenhuma sem que se tenha a certeza, 100% de certeza que aquilo é real.

Pergunta 8 (Roteiro)

Não, não é. Assim, vc tira o grosso dos erros (risos) digamos assim, mas, as vezes, uma coisa fina não é bem aquilo sabe o que eu estou querendo dizer? (Reflexiva) As vezes entra uma ou outra coisa errada, digamos assim, que não é bem (ênfase) aquilo. Mas, na maioria dos casos é sim porque o que acontece? Uma coisa que eu acho interessante no Brasil que tem acontecido muito, o Globo tem um grupo de trabalho sobre isso, outros veículos, os veículos de comunicação, vários, criaram núcleos pra combater a fake. Na TV isso é mais difícil porque vc não consegue ter grupos só pra isso. Tem os apuradores que são dedicados a esmiuçar aquilo ali, mas criou-se uma situação interessante com relação a isso. Tem gente muito competente, que ficam decifrando se aquilo ali é verdade. Esse lado eu acho meio interessante. Como a imprensa criou mecanismos pra se precaver. É quase um detetiva (risos) se vc pensar bem. O jornalista tem esse papel, meio de detetive., mas vira ali uma pessoas esmiuçando algo e tem coisas que vc fala assim verdade, meu Deus. Aí, vc vai ver, não é nada disso. Eu acho interessante esse outro lado. O papel do jornalismo invertendo a realidade, vendo o que é verdade. Acho bem interessante também.

Pergunta 9 (Roteiro)

Eu acho que se usa muito, isso é muito pro local. Os jornais locais usam muito isso e eu não acho errado não porque, nesse caso específico, é (busca palavras) apesar de eles não terem uma filtragem tanto como tem na televisão, tem uma média filtragem. Já sabe mais ou menos o que está acontecendo. Eles não estão investigando aquilo ali ponto por ponto. No final do mês eles fazem um relatório, um trabalho mais apurado, mais detalhado, hoje em dia fazem. O Onde Tem Tiroteio hoje em dia faz um trabalho mais apurado e faz um balanço no final e aí já foi tudo apurado. Mas eu acho que é interessante porque ele te dá um direcionamento do que fazer como jornalista, alerta de algumas coisa que vc não sabia. Eu não sou contra não. Gosto bastante até desses aplicativos. Eles são bem interessantes pra vc ter uma noção do que está acontecendo na cidade. Eu só fico preocupada, outro dia tinha um negócio num aplicativo, nem

lembro qual que era, tiroteio no Rebouças. Era um pneu que tinha furado (risos), se vê como é a coisa, como a coisa cresce. Saiu tiroteio, não. Um pneu de um carro furou. O motociclista que tava vindo atrás se assustou (mais risos), caiu no chão. As pessoas se assustaram porque ele caiu no chão. Aí, saíram dos carros e era só um acidente de trânsito. Eu falando assim, parece que eu sou a louca que tem pavor de internet. Eu tenho um pouco de pavor porque, olha isso, virou um tiroteio no rebouças e era um acidente de trânsito. É isso que eu tenho medo sabe? Tem a história clássica de um veículo também (risos) tá afundando, não tava afundando, era um navio de carga. É isso que eu tenho medo sabe? É rápido demais, essa velocidade é assustadora porque não se faz jornalismo assim. É melhor não ter um furo jornalístico. É melhor não ter uma notícia em três minutos, ter ela em 10, em 15, mas uma coisa que é verdade. Desmentir uma coisa que vc colocou no ar é muito maior entendeu? Isso é muito importante. Quando alguém faz um trabalho que vc está fazendo, eu acho muito importante porque está se discutindo uma questão relevante. Tô até falando demais (risos), mas é muito importante porque é muito rápido, vira uma verdade absoluta. Eu tenho pavor dessas coisas, sinceramente.

Pergunta 10 (Roteiro)

Então (risos). O que é que ganham? A empresa de comunicação ganha, né? Ganha ibope muito rápido, ganha público, ganha audiência. Acho que vc ganha agilidade as vezes, vc consegue material que eles recebem. Já chega muita coisa pra eles e vc consegue pegar e filtar. Então, sim, ganha. As vezes ganha sim. Eu só acho que tudo precisa ter muita filtragem. E cuidado também no manuseio. Determinadas coisas não devem ir ao ar. Mostrar o corpo de um rapaz que foi atropelado há pouco tempo, ensanguentado no meio da rua, eu não acredito que isso acrescente notícia. Isso pra mim é uma violência desnecessária com a família daquela pessoa, com tudo, sabe? É a exposição de uma dor particular. A dor particular é tão importante assim? Na minha avaliação não é tão importante assim. Quer dizer, ele é importante, entende? Não é importante num contexto geral. Não precisa mostrar o sofrimento absurdo da pessoa pra vc mostrar uma história.

Pergunta

Vc consegue me explicar melhor esse ganha?

Tem determinadas coisas que vc não conseguiria fazer. Vc não pode estar em todos os lugares como jornalista, nenhum jornalista está em todos os lugares. Como essa ferramenta são pessoas de diferentes pontos das cidades, do estado, vc acaba conseguindo estar em vários pontos, ter várias visões de uma mesma notícia. Isso é interessante. Só acho que precisa de uma filtragem muito grande quando isso chega à televisão. Que se faça isso, que se tenha aplicativos com esse intuito de mostrar, aqui tem tiroteio, aqui na Tijuca, beleza. Ali está com o objetivo claro, definido. Só que, quando isso vai pra mídia, tem que ter uma filtragem. A gente tem ganhos? Tem porque vc ganha material que vc não estaria naquele local, naquele momento. Mas, aí, é a segunda etapa, verificar aquele material, fazer a filtragem daquele material e ver se realmente há relevancia daquilo no ar. Muitas vezes, eu acredito que não haja relevância. É algo que se exacerba a violência sem necessidade. Não acho que seja necessário exacerbar tanta violência, tantas vezes. Em muitos momentos vc tem necessidade, sim. Mostrar a realidade do Brasil, do Rio, do mundo. Mas, as vezes, erra na mão um pouco.

Pergunta 11 (Roteiro)

Eu não se te responder essa pergunta. Eu vejo que há coisas muito parecidas em todos os locais, inclusive imagens compartilhadas de um local pra outro. De uma associação de morador que botou no OTT, as imagens se repetem muito né? Se repetem bastante, assim. Outro dia eu tava vendo um, caiu na favela, alguma coisa assim, é a mesma imagem que vc vê rodando no outro, no outro, no outro, no outro e no outro. Tem muita repetição de histórias né? Eu vejo muita repetição, muita coisa igual.

Pergunta

Quero me referir à produção da notícia. Tem uma mais valia para o jornalista qd a imagem chega por uma ferramenta como o OTT do que por outras que ele não sabe exatamente de onde veio a imagem?
Eu acho que não tem muita diferença, não. A checagem tem que ser feita tanto de um quanto de outro, então, não sei se tem muita diferença. O que diferençã é o seguinte, quando vc recebe material de uma fonte sua. Uma repórter, uma (não entendido) tem contato com um delegado, com um inspetor de polícia e o cara manda algumas coisas de imagem, de flagrante ou de câmeras de segurança, aí vc não precisa ter uma pré checagem tão rigorosa que vc sabe que a sua fonte é confiável. Mas, no geral, trato da mesma forma. Tá na internet, não tá checado, não tá checado. Como chefe sempre falei isso. Tá na internet, não tá checado? Não tá checado, entendeu? Morador, fulano de tal, parceiro. Não me interessa. A gente parte do pressuposto que deve ser verdade, mas até que seja confirmado pra mim não é absoluto, não se coloca no ar. A gente não pode brincar. Tudo que a gente coloca no ar, a gente está falando de vidas de pessoas, de história de pessoas, de vida de pessoas, é preciso muito cuidado. Quantos exemplos a gente tem de coisas erradas na mídia mesmo. Fulano estuprou não sei quem, vc vai ver não é aquela história. Não tá provado. Tudo precisa de muito cuiadado independente daonde que está veiculado. Se não é a mídia oficial... Tem uma matéria, tá num outro veículo. Um jornal na internet, tem uma página na internet, qualquer jornal, está comunicando lá: mulher é golpeada com não sei quantas facas, vc não coloca aquela notícia no ar, vc vai apurar se aquilo é verdade. Se a gente faz isso com a notícia que está na mídia oficial, como a gente vai ter uma posição diferente pra uma mídia não oficial? O OTT não é uma mídia oficial, é o morador de Bonsucesso que ouviu um tiroteio e colocou lá, ele vai lá, vai mandando e os caras vão colocando. Acredito que tenha uma filtragem, pode ser, mas ela é muito mínima, não dá pra vc fazer algo disso, entendeu? Acho que os próprios sites foram se aperfeiçoando e hoje em dia eles já tem uma filtragem das coisas que entram, tanto que vc tem relatórios muito bem feitos deles, que eles fazem anualmente, incríveis. Fizeram um trabalho agora sobre o Onde Tem Tiroteio, um negócio da favela, das milícias, do tráfico, muito interessante. Mas eu acho assim, num primeiro momento, não dá pra confiar em nada, tem que checar tudo. É checar (risos).
Pergunta 12 (Roteiro)
Porque muita coisa chega de forma anònima, as pessoas não querem nem se identificar, então, por isso, elas não tem imagem. Normalmente, quando a imagem pode ser creditada, ela é creditada nas televisões, inclusive com crédito ao telespectador, imagens cedidas por fulano de tal. A regra é quase sempre colocar sim o crédito. Não entra crédito quando existe algum tipo de grau de ameaça pra mandou o crédito ou a pessoa diga “não quero ter crédito”. Mas, normalmente, a gente pergunta se a pessoa quem o crédito.
Pergunta
E quando ela vem por meio de aplicativos como o OTT, por exemplo?
Ela entra com crédito. Pelo menos nos veículos onde eu sempre trabalhei, elas entram com crédito.
Pergunta 13 (Roteiro)
Ah, vivem, o tempo inteiro (risos). Eu acho que vivem muitos dilemas (risos). Inúmeras questões que a gente já colocou. Por que vc precisa checar, porque (silêncio) também se perdeu muita qualidade né? Porque, antes, televisão era feita assim com muita preocupação com a imagem, qualidade, com a beleza da imagem, com a pureza da imagem, se tinha frame, se o frame estava bom, se não tava, se tremia a imagem, se dava contraste. Hoje em dia, não. Vc coloca qualquer coisa, qualquer coisa que eu digo em termos de imagem né? A imagem está um horror, tremida, vc coloca pelo flagrante. Não tem mais essa depuração artística que tinha na televisão. Era quase uma obra de arte, uma matéria telejornalística era uma obra de arte. Hoje em dia, não. O que interessa é contar aquela história seja como for, entendeu? Várias, o cara entra com o celular na mão, tremendo o negócio, mas coloca mesmo assim porque ah porque o que importante é a pessoa entrar, o que importa é o movimento. Como jornalista eu não

gosto, mas eu entendo. Eu acho que televisão tem que ter um pouco de arte (risos), tem que ter um pouco de glamour, de trabalho bem apurado, mas eu acho que é um dilema sim. Vc fala assim não vou dar isso, mesmo com essa imagem horrorosa? Outro dia teve uma imagem, festa clandestina, já tava todo mundo dando na internet, não dava pra ver nada, não dava pra ver. Nós não usamos, na Globo News não usamos porque não dava pra ver. Quando nós pegamos na ilha de edição, vc ampliava, vc via uma porção de gente. Mas, se vc não tá vendo nada pra que vc vai usar aquilo? E eu vejo que alguns veículo põem. A dona Maria na casa dela não conseguiu identificar que tá cheio aquilo ali. Pra mim, isso é uma imagem gratuita, não acrescenta nada, ninguém tá vendo que tem uma festa aglomerada com 100 pessoas porque está escuro e não se vê. Mas aí, não, mas tem o flagrante. Mas que flagrante se não aparece nada? Se vc não consegue ver, só consegue ver na ilha quando vc expande, expande, expande, expande, aí vc vê aquelas coisinhas assim, aí vc olhando bem, bem , bem, vc vê. Entendeu? Aquilo não é televisivo, não dá pra mostrar, é forçação de barra. Eu acho que é um dilema sim. (risos) Não tem o que mostrar. Pra que vc vai usar essa imagem? Tem gente que usa, eu não entendo. Eu acho desnecessário, não acrescenta em nada. É melhor vc dar uma nota pelada.

Pergunta 14 (Roteiro)

Eu acho que desmotiva as pessoas as vezes, né? Até um lado meio emocional. Dá uma certa desmotivada porque qualquer coisa entra né? E entra numa velocidade enorme. Então, as vezes, eu acho que é meio desmotivante. Pra um baita de um repórter cinematográfico, por exemplo, entrar qualquer coisa. Pessoalmente, acho desmotivante. Por outro lado, eu acho que isso prova que a gente precisa se reinventar, precisar fazer coisas diferentes, precisa mostrar o nosso talento. Tem tanta coisa boa sendo feita em televisão, tem tantos trabalhos importantes sendo feitos, flagrantes de profissionais sendo feitos, histórias com vários profissionais sendo feitas. Acho que a gente pode inverter um pouco isso. Ver de que forma a gente pode virar o jogo contra essa enxurada de coisas. No final das contas, isso é uma coisa muito social, a gente está vivendo um momento social muito diferente. Quem estuda comunicação sabe que quando se criou o rádio, ah não vai ter mais televisão, aí o rádio sobreviveu, se reinventa. Na pandemia vc vê os professores ensinando as crianças no interior do Brasil através do rádio. Tem milhares de possibilidades os veículos né? Acho que tem espaço pra tudo isso. Tem espaço pro profissional e tem espaço pra essas questões que estão surgindo. Eu só acho que todo mundo tem que parar, antes de sair disseminando isso, seja profissional ou não profissional, parar e pensar: o que eu estou disseminando? Muitas vezes é uma política de ódio também. A internet tem esse poder também de disseminar o ódio.

Pergunta

O jornalista vivencia esse ódio na sua prática?

Ah, sim. A gente tá vivendo no Brasil um momento único, surreal, nunca passei por isso na vida de vc ter uma presidência da república que destrata o jornalista numa coletiva, numa entrevista e isso vai se perpetuando. Aí o cidadãozinho da rua que é eleitor do fulano de tal se acha no direito de agredir uma imprensa. Só a imprensa, participando, trabalhando que consegue denunciar, por exemplo, deputado ligado com milícia, deputado ganhando dinheiro errado, governador ganhando dinheiro errado, governadores presos por falcatrua. Isso é um trabalho da imprensa. Eu não acredito que se perpetue isso sendo um trabalho correto da imprensa.

Transcrição **entrevista jornalista 3** 17/02/2021 – 13h30 BR

- Sou editor de texto no Bom Dia Rio (TV Globo) e eventualmente no RJTV 1ª edição
- Sou editor há seis anos. Na Globo 1 ano e meio e o tempo anterior na TV Band
- 30 anos de idade
- Formado em jornalismo e pós-graduado em jornalismo investigativo

Descrição profissional – Eu sou responsável por editar matérias nos jornais locais da TV Globo, os da manhã, o Bom dia Rio e o RJTV. O meu jornal é o Bom dia Rio, mas eventualmente eu edito matérias para o RJTV também. Não só matérias. Agora, por exemplo, feriado, eu fiquei na coordenação de um quadro do jornal que está se modificando, que é o Radar. Eu sou responsável por coordenar a equipe do nosso helicóptero, a equipe ao vivo que corre atrás dos factuais. Duas equipes que estão a rua soltas também com mochilink, nossa equipe de moto, também ligada aos factuais. E, eventualmente, a previsão do tempo, algum outro quadro que tenha no jornal. Mas, normalmente, eu sou responsável por editar matérias e por cuidar de entradas ao vivo. Nosso jornal é muito grande, tem 2h30 de duração, começa 6h e termina 8h30 da manhã e, basicamente, ele é construído por entradas ao vivo. É um jornal muito grande que diferente de outros jornais grandes não tem matérias. Em 2h30, cada dia normalmente a gente costuma dar 3 matérias no máximo. Duas matérias é a média de VTs, de reportagens editadinhas que a gente exibe. O resto é tudo vivo e muitos vivos ambientados. Por ser um jornal local é muito ligado às pautas de cidade. É pautado sempre pelo que acontece no Rio e o que acontece no Rio não é pouca coisa. Nas últimas semanas ficamos com foco na pandemia, vacinação. O Bom Dia Rio é um jornal da emissora que é estadual, todos os outros são exibidos apenas no Rio e em municípios da Baixada porque nós temos afiliadas no estado. Na Região dos Lagos, na Costa Verde, cada lugar desse tem um jornal específico, um RJ 1ª edição e um RJ 2ª edição e BDRio não tem, é nosso jornal estadual, é o jornal que tem pautas de todo o estado. Então, a gente tem um espaço no jornal para pautas que saem da cidade, que extrapolam a cidade e extrapolam a região metropolitana. Nós temos uma equipe que atende a região Serrana, uma outra equipe que atende a região dos Lagos, uma outra equipe que atende a Costa Verde.
Eu gostaria que vc descrevesse melhor o que vc faz como editor – Eu sou responsável, quando VTs, por dar o direcionamento pro repórter, o que ele vai fazer na rua quando ele tem uma matéria a ser feita, uma matéria produzida. Eu bato um papo com o produtor, a gente cria um encaminhamento pra aquela história e ele como conversa com o repórter, o repórter vai pra rua com aquele encaminhamento e transforma a nossa ideia em reportagem. Faz as entrevistas, grava com as pessoas, transforma aquilo em texto e eu sou responsável depois por ajustar esse texto, por aprovar esse texto, adequar ao nosso jornal quanto ao tempo, aos princípios editoriais. E como o nosso jornal é basicamente construído com vivos, eu cuido dessas entradas ao vivo com o repórter. Eu crio as artes que vão ilustar aquela entrada, dou o direcionamento pra ele também, separo as entrevistas que ele pode chamar naquela entrada, entre outras funções (risos).
Pergunta
Entre as suas atribuições está a seleção de um determinado trecho que o entrevistado fala e de um determinado momento de uma imagem ou não?
Som, sim, totalmente. Isso cabe, é um trabalho em conjunto como o jornalismo tem que ser, mas no final, cabe a mim e cabe ao editor-chefe decidir. Eu seleciono os trechos das entrevistas que vão ao ar, eu direciono, dou dicas pra ele de quais imagens são mais importantes, mais relevantes, de como ele deve abrir aquela matéria, como ele deve encerrar a matéria, tudo isso cabe ao editor, em parceria lógico com o repórter.

Pergunta 1 (Roteiro)
Eu acho que é o nosso presente. Pelo lado do cidadão é muito importante porque é uma segurança pra ele. Agora com a disseminação das redes sociais é mais uma segurança pro cidadão, principalmente no Rio de Janeiro, durante uma ação policial, durante uma operação, ele ter um celular, ele filmar e ter a consciência de que aquilo ali vai poder ser exibido e vai dar respaldo ao que ele diz. No final da história, é a versão da polícia, a versão do crime contra a versão de um cidadão humilde que teve a sua casa invadida e nós temos visto frequentemente que estas gravações, a presença desses vídeios se fez e se faz muito importante para a elucidação de crimes, pra redução da violência policial. Nao em modo macro, mas de forma micro. O policial quando se vê filmado, ele age de uma maneira muito diferente de quando não existia essa tecnologia. Então, eu acho importante. E na nossa matéria, tem o outro lado que é a preocupação com a veracidade daquilo. No meu trabalho, antes de qualquer matéria, qualquer imagem entrar, a gente tem que entrar em contato. Nós temos um Whatsapp que digamos que sem ele hoje não daria pra fazer o jornal que nós fazemos. Porque é um jornal que conta com a interação do telespectador. É um jornal que sem a participação do telespectador, ele não é feito, ainda mais um jornal tão grande. Muitas coisas chegam pra gente por esse Whatsapp. Agora, nós criamos até um QR Code pra facilitar, o telespectador não precisa memorizar o número, ele já aponta o celular pra tela e já salva no celular dele o nosso número e facilita o acesso. Então nessa, a gente recebe muita coisa e nesse material gigante, muita coisa que está ali é fake news, é algo que já passou, tá ultrapassado. Existe todo um trabalho de apuração em todos os vídeos que nós exibimos. Primeiro passo, a gente entra em contato com aquela pessoa que aparece registrado o número, conversamos com ela, perguntamos se ela tem uma outra imagem daquele fato, pedimos uma descrição daquilo. Com base nessa descrição, a gente cruza com informações que a gente pede à polícia ou a outros órgãos. Confirmamos isso visualmente, confirmamos com nosso setor de segurança e, aí sim, exibimos, justamente pra não correr o risco de passar uma informação falsa, uma informação errada para o telespectador. É muito positivo, mas por outro lado, dá um trabalho absurdo ter essa ferramenta pra trabalhar de maneira correta né? Não tem como vc só receber um vídeo, não checar nada, botar no ar e tá tudo certo. Não dá, não dá. Pra vc ter um exemplo. Começa a chover no Rio, alaga, alaga, vira um caos e a gente recebe muito material de chuva. Vídeo de chuva é vídeo de chuva né? Choveu, a rua tá cheia. Não, não é. A gente tem que entrar em contato com cada um deles pra ver se aquela chuva foi naquele dia, se a gente pode usar. Mesmo eles enviando pro nosso Whatsapp, a gente tem que pedir autorização pra eles pra exibir esse material. A partir do momento que eles autorizam, a gente dá. Muitas vezes, eles mandam vídeos com narração. A gente tem que perguntar se a gente pode usar a narração. Temos o cuidado em pautas de segurança, de violência, de não identificar aquela pessoa mesmo sem ela pedir. A gente bota um efeito de áudio e se aparecer o rosto, a gente borra o rosto justamente porque muita gente manda e não tem a menor noção que está correndo risco ao mandar.
Pergunta 2 (Roteiro)
Eu posso dizer que é diariamente (risos). Eu posso dizer que é diariamente. Vc levantou primeiro sobre segurança. É um jornal de cidade, mas é um jornal que não se pauta pela violência, o nosso jornal. Claro, ele aborda esse tema, mas por ser um jornal cedo, a pessoa quer tomar um café, é um jornal que se pauta muito por todas as questões da cidade. Transporte público que é um mal no Rio de Janeiro, abastecimento de água que é outro problema atual (silêncio), saúde é um outro problema. Então, a gente recebe muitas demandas nesse sentido. Gente que está na fila de atendimento, o hospital está vazio e não é atendido, aí grava um vídeo, manda pra gente, a gente checa. Ou a pessoa está sentada no chão, manda um vídeo pra gente, a gente dá. A pessoa tá num BRT, ônibus articulado, e o BRT quebra ou está cheio, principalmente agora em período de pandemia que vários decretos foram criados pra evitar aglomeração e isso não existe, foi nosso executivo que criou e nada disso foi pra frente porque continuam aglomerando dentro do transporte. Mandam pra gente isso, passamos por todo aquele

processo que eu te falei anteriormente de checar e nós damos. É diário. O jornal hoje não é feito sem a presença do telespectador, sem a participação dele através de vídeos. Nós nos pautamos muito por isso. Eu estava até conversando com uma produtora essa semana, e ela falou: eu não imagino como é que era fazer jornalismo sem a participação do telespectador, sem os vídeos. E ela foi mais além, sem nosso Whatsapp. É um trabalho hercúlio e, hoje, facilitou muito porque nós temos possibilidades mil de conseguir histórias. Após o jornal, muitas vezes eu fico lá no nosso colaborativo, que é o sistema que a gente usa pra receber essas demandas, ele consegue filtrar tanto mensagens do Whatsapp, quanto menções à nossa hastag no Tweeter, no Facebook, Instagram não, no Tweeter principalmente. Ele filtra tudo isso numa base de dados e nós temos ferramentas de pesquisa, e conseguimos várias questões lá, várias histórias. Quero uma pauta sobre BRT, sobre os ônibus articulados, coloco lá BRT, um filtro, uma palavra-chave e recebo uma enxurrada de histórias, várias. Preciso de uma pauta sobre saúde, boto lá o nome de um hospital, várias. Tudo, várias, muita coisa. Se nós tivéssemos até um setor específico criado para filtrar essas informações, eu acredito que usaríamos ainda mais. Falta braço pra administrar essa ferramenta tão incrível.
Pergunta
Além dessas histórias, esse sistema te dá imagens?
Sim. Esse sistema tanto filtra mensagens quanto vídeos enviados pra gente. Tá tudo ali e, ao toque de um botão, eu faço download daquilo, jogo pro nosso sistema, já vai pra ilha de edição, claro, passando por todo aquele processo de apuração, já vai pra ilha de edição, já pode ser editado, já pode ir pro ar. Rápido, muito rápido. Todos os vídeos e não só vídeos. Um outro recurso muito utilizado, apesar de ser televisão e a gente lidar com imagem, é o áudio. A gente recebe muito áudio, de pessoas que não querem se identificar, de pessoas que não tem noção do recurso mesmo, esses áudios são usados. Temos bases já criadas para esse tipo de mensagem. A gente aproveita tudo, áudio, vídeo, texto, mas principalmente áudio e vídeo.
Pergunta
Quem é que vê que isso está chegando pelo Whatsapp o tempo todo?
Todos os editores do jornal tem acesso a esse material. Só que, claro, como nós temos outras atribuições, não podemos ficar focados nessa consulta o tempo todo. Durante o jornal, eu tô lá fazendo aquilo que eu te falei, faz página, conversando com o repórter, editando matéria e pedindo alguma demanda pra assessorias, lendo Diários Oficiais tanto do estado quanto do município todos os dias, eles saem na hora do jornal, um sai às 5h, outro sai às 8h. O jornal começa às 6h, então, 5h30, eu tenho que estar com 50% do jornal lido pra ver se tem alguma história, assim como os outros editores. E nessa, nós temos a nossa escuta, a nossa apuração que tá ligada, muito ligada no nosso Whatsapp. Muitos factuais surgem no nosso Whatsapp. A gente recebe um vídeo de um acidente, nós vamos atrás daquele vídeo, quando vamos ver, foi uma carreta que bateu numa passarela e derrubou, tem gente morta, várias ambulâncias. Muita coisa nasce aí no nosso Whatsapp. A nossa produção também tem acesso ao nosso Whatsapp. Pra conseguir personagens, pra conseguir histórias, pra sugerir. Todo mundo. A apresentadora do jornal chama muito a interação desse telespectador, pede muito e é incrível. Ela pede, a gente atualiza e, bloom (expressivo), vem mil interações. Aparecem mil mensagens, 300 mensagens. A gente tenta ver, tenta filtrar e mesmo assim não dá, passa muita coisa. E o Whatsapp também é usado, além dessa ferramenta pra gente receber as putas, como termômetro do jornal. Não diretamente, mas é perceptível. Quando um assunto repercute no Whatsapp, é um assunto que bomba na audiência. Que as pessoas comentam durante o jornal. Toda passagem de bloco, todo break, nós temos um vídeo de um telespectador que manda pra gente falando que o jornal volta já. Isso é incrível, as pessoas adoram, é super popular. Ele entra lá com o celularzinho deitado falando que o jornal volta já, aí roda a vinheta e acaba o bloco. Voltando ao problema de água. A gente tá falando sobre água, falando sobre o abastecimento e nós queremos medir como está a situação no estado. A nossa apresentadora fala lá, faz uma enquete. Ela fala, manda mensagem pra gente se vc tá com problema de falta d´água. E, boom (expressivo), muitas mensagens. A gente cria um colaborativo. É um quadro

interativo que ela cessa no nosso telão onde a gente, após filtrar as mensagens, coloca lá e na hora do jornal ela vai lá, vê o que tá rolando e fala: seu Manuel de Quintino mandou mensagem falando que na casa dele não tem água há 5 dias. A dona Terezinha, moradora da Rocinha, está recebendo água, mas a água está com cheio e gosto, entre outros mil exemplos. Sempre há uma participação muito grande do telespectador. Eu acho isso muito legal no jornal local.
Pergunta
É um programa que foi criado?
É um programa criado. Nós temos um número de Whatsapp, que tem o QR Code que a gente bota na tela durante o jornal, e todas as demandas que chegam pra TV aqui no Rio vão pra esse Whatsapp. E nós temos um sistema, um softwer criado que recebe, não é o Whatsapp Web, é um softwer que recebe todas essas imagens, vídeos e cataloga. Aí, nós podemos fazer a busca por imagem, por áudio, por vídeo, por texto, por data, por palavra-chave, por campanha. A gente pode criar campanhas, podemos criar uma campanha com a palavra-chave vacinação e as pessoas podem mandar mensagens com a palavra-chave vacinação. Tudo isso vai pra essa campanha e aí, se vc quiser saber só sobre vacinação, eu abro essa campanha e vejo tudo de vacinação. Há um banco de dados criado pra isso e todos podem ter acesso ao mesmo tempo, se fosse no Whatsapp Web só uma pessoas poderia ter acesso por vez.
Pergunta 3 (Roteiro)
(Silêncio) Não. Não. Assim, não querendo ser arrogante nem nada, a gente faz um jornal pensando primeiro no telespectador, na notícia. Vc está sendo muito arrogante falando isso. Não. A tem uma diferença muito grande de audiência. Enquanto nós estamos com 10 pontos, 12 pontos, o segundo colocado na audiência no estado está com quatro, cinco pontos naquele horário. E 10, 12 não é uma audiência alta. Mas, o share é muito grande, as vezes 70%, 80% dos televisores estão ligados na nossa TV. Então, não é uma briga por audiência e a gente não faz aquele sensacionalismo em cima das imagens de violência. Elas entram quando elas precisam entrar, quando aquele assunto é relevante pra aquela situação. Muitas vezes a gente recebe vídeos abomináveis que em outros lugares usariam à exaustão. E a gente não usa por ser um jornal às 6h da manhã, por ser uma violência gratuita às 6h da manhã para o telespectador tá vendo. Então, não é relacionado à briga pela audiência e sim à ferramenta fantástica que é mais um braço. O telespectador hoje na rua é mais um braço nosso. Aquela velha história de jornalismo comunitário. Nós tivemos equipe de jornalismo comunitário. Hoje, o telespectador é mais um nessa assistência. Ele está produzindo conteúdo. Eu acho, claro, que nós poderíamos, nós como um todo, não nós só no meu jornal, nós como jornalistas poderíamos ajudar a canalizar isso. Ao telespectador tem uma noção maior do potencial dele de produtor de conteúdo. Pra denunciar as suas mazelas, pra expor flagrantes, pra mostra a realidade dele de forma que aquilo lá tivesse mais ressonância do que já tem. É um projeto meu antigo até. Projeto dos tempos de faculdade, criar oficinas, criar um site, uma rede social que ensine o cidadão comum o poder que ele tem com um celular na mão. A capacidade dele de mudar até a própria realidade com os vídeos que ele faz, que é incrível, é incrível. Um exemplo muito simples. O síndico de um condomínio, não me lembro bem, foi na tijuca, amigo da nossa amiga. Ele me mandou um vídeo por intermédio da Gabi falando que tinha uma árvore na frente da casa dele. Ele já tava no quinto ou sexto protocolo com a prefeitura, que ninguém resolvia nada, que ele não aguentava mais, que a árvore corria o risco de cair, cair em cima da garagem e danificar prédio, machucar criancinhas. Eu falei pra ele: faz uns vídeos. Manda pra gente os vídeos e manda pra gente um vídeo seu narrando a situação. Ele fez, mandou pro nosso Whatsapp, claro que não foi algo indireto, eu pedi pra ele. Ele mandou, nós fizemos uma entrada ao vivo com esse conteúdo. Não precisamos ir lá porque ele já tinha feito as imagens, não precisamos gravar sonora porque ele já tinha dado o depoimento dele. Nós mostramos no ar e no outro dia a prefeitura foi lá, cortou a árvore e resolveu um problema que se arrastava há seis meses, cinco, seis protocolos. Existe espaço na nossa grade pra conteúdos assim. As pessoas, se elas soubessem um pouquinho mais disso, elas fariam e entrariam, não só

na nossa grade, tenho certeza de que em vários jornais. Nós sabemos que as equipes são reduzidas, que é uma correria danada e se o telespectador for qualificado para isso, ele vai ter espaço. Muito mais do que se ele ligasse pra gente, pra nossa escuta e falasse olha, tem uma árvore aqui na minha rua e essa árvore está me incomodando, tem como vc mandar uma equipe aqui? Sabe qual é a chance de a gente mandar uma equipe no Rio de Janeiro pra ver uma árvore que está incomodando alguém? Minúscula porque pessoas morrem nas esquinas, tem assaltos, explodem bancos. Tem muitas outras histórias que estão na frente da árvore que ocupa e prejudica a vida de um núcleo pequeno de pessoas. E quando ele manda o vídeo, ele vai pro ar e resolve o problema.
Pergunta
Dada a correria que é a produção de um telejornal, essa participação das pessoas agiliza a produção da notícia?
Sem dúvidas, sem dúvidas. Agiliza. Traz dinamismo, aumenta o nosso repertório de notícias porque nós temos muito mais assuntos, tratamos de muito mais assuntos no jornal e facilita o processo, com certeza. (Corte) ele mandando a entrevista, são coisas que nós não teríamos braço pra fazer. Eu cito muito o exemplo da água porque é um exemplo recente pra gente. Imagina vc ir pra rua com várias equipes pra gravar povo-fala em vários pontos. Em tem outras questão, é uma cidade com problema de segurança muito grande. Tem lugares que a gente só entrar com nosso veículo blindado, tem lugares que a gente sequer entra porque a segurança não deixa por questões de violência. Esses lugares, se não tivesse a presença do celular, desses vídeos, desses áudios, não seriam mostrados. Seriam mostrados lógico em casos específicos, mas não seriam mostrados e tratados no jornal como são hoje. Isso deu espaço pra muitas pessoas que não recebiam espaço participar.
Pergunta 4 (Roteiro)
Eu, sem medo de errar, digo que sim, que é fundamental. Esse conteúdo veio e veio pra ficar e pra ampliar. Essa parceria vai aumentar ainda mais. É muito importante. Uma outra questão que eu acho que é interessante, que veio com a pandemia, com todos os males dela. Existe um padrão em televisão. Um padrão de imagem, um padrão de qualidade, um padrão de áudio. Se vc falasse há 3 anos, não precisa ir nem tão longe, 2 anos que vc faria uma matéria toda com entrevistas via zoom, com imagens feitas por alguém não qualificado, não treinado pra aquilo e essa matéria iria ao ar no jornal de rede, isso era impensável, impensável e hoje a gente produz muita coisa com o repórter sentado no estúdio, falando os personagens e recebendo as imagens feitas pelos personagens, a gente edita...é muito mais trabalhoso porque as pessoas não tem a qualidade técnica, não tem a qualificação pra fazer aquilo? É! Mas, sai. Sai e também veio pra ficar. É vc estar num jornal e chamar um especialista via Skype, isso não existia. Vou não botava um especialista. Ou ele estava ao vivo, numa entrada ao vivo, ou ele estava num estúdio ou ele era gravado. Não existia eu confiar na sua banda larga, conectar vc via Skype e te entrevistar ao vivo. E agora existe, que bom que existe. Se não também não faríamos jornalismo hoje em tempos de isolamento. Penso que todas essas tecnologias vieram pra ficar e a partir do momento que elas entraram em nosso meio, elas ocuparam um espaço e se tornaram agora fundamentais, não vejo um retrocesso nisso.
Pergunta 5 (Roteiro)
Existem outros canais. O Whatsapp, Facebook e redes sociais esse é o principal canal, nosso principal caminho, mas não somente isso. Os repórteres têm as suas fontes e as suas fontes mandam conteúdo pra eles. Os produtores têm as suas fontes e as suas fontes mandam conteúdo. A polícia faz uma apreensão, manda conteúdo. As assessorias querem divulgar algo, mandam conteúdo. As pessoas entenderam hoje que pra vender uma pauta, tem que vender a imagem também. Vc quer contar uma história, a partir do momento que vc envia uma imagem, vc facilita e processo e tem uma chance maior que a sua história seja contada. Não é só o Whatsapp, tem mil outros canais, mas o Whatsapp é o mais importante, mais relevante. Mais importante não, mas é o mais relevante em matéria de quantidade. É o que a gente mais recebe coisas.
Pergunta 6 (Roteiro)

Consigo detalhar sim. Vou dar um exemplo aqui. Seu Manuel mora numa comunidade e presenciou uma invasão de traficantes e ele fez um vídeo dessa invasão de traficantes na comunidade. E ele mandou pra gente apenas e vídeo e falou invasão de traficantes na Cidade Alta. Beleza. Recebemos esse vídeo, mas de quando é esse vídeo? Esse vídeo é verídico? O seu Manuel existe mesmo? O seu Manuel é tio do Whatsapp, aquela pessoa que recebe 500 vídeos de diversas fontes e compartilha pra outras pessoas? Pode ser que sim, pode ser que não. E aí nós vamos verificar. Nós primeiro ligamos pro seu Manuel. Primeiro passo. Se o seu Manuel não atender, a chance daquela história ser colocada numa gaveta é enorme se a gente não receber de outra fonte. Ele atendeu. A gente pergunta pra ele se foi ele mesmo que fez, se ele não recebeu aquela imagem de uma outra pessoa. Se ele falar que recebeu a imagem de uma outra pessoa, quem foi essa pessoa? Não sei. Essa imagem vai pra gaveta, não vai entrar porque não tem como a gente chegar ao autor daquele conteúdo. Não, eu que fiz? Quando o senhor fez, seu Manuel? Fiz tal hora, aconteceu isso, isso, isso, isso. Confirmamos que foi ele que fez, confirmamos que ele disse que foi feito naquele dia, tal hora. Entramos em contato com a polícia pra saber se teve alguma movimentação lá, se estão cientes de alguma movimentação do tráfico lá. Se a polícia confirmar que sim, beleza. Temos o vídeo, temos a confirmação, podemos dar. Se a polícia não confirmar, a gente tem que filtrar mais, procurar mais pessoas que tenham enviado vídeos dessa invasão à comunidade lá da Cidade Alta. O que normalmente acontece? Quando uma pessoa manda, várias outras pessoas mandam e aí se torna um pouco mais fácil de confirmar. Quando não, volta pra aquela gaveta porque não tem como a gente confirmar aquela história. Então, é um material muito sensível. Se não tiver pelo menos uma confirmação dupla ou tripla daquilo ali, não vai pro ar. Assim como o vídeo de chuva que eu citei. Uma vez, a gente recebeu um vídeo da Ilha do Governador. Veio com um bolo, o apurador era novo, falou que tudo tava no bolo, tava confirmado. Todos os vídeos foram pro ar. Imediatamente, após a imagem ir pro ar, um telespectador mandou uma mensagem falando esse vídeo não é de hoje. Esse vídeo aconteceu há um mês. No mesmo lugar, hoje também está alagado, mas esse vídeo aconteceu há um mês. Imediatamente, depois de receber essa mensagem, ele manda esse vídeo pra gente, ele tem esse vídeo, a gente dá uma nota corrigindo. Imediatamente. É inadmissível pra TV dar qualquer informação sem ser checado. Nada, nada, nada, absolutamente nada. Em certo ponto, a gente até reclama um pouquinho. Que saco, que chatice, mas é importante, não tem como fazer diferente.

Pergunta 7 (Roteiro)
Na maioria das vezes é. Mas, eu não me lembro no tempo que eu estou lá nesse jornal de algum outro caso, que a gente tenha exibido uma imagem que a gente tenha confirmado depois que não era, que aquela imagem não era daquele dia. Isso eu digo em casos mais simples, caso de chuva. Quando a gente envolve caso de violência, quando a gente envolve um caso de segurança, que pessoas correm riscom ou que aquela imagem pode mudar a realidade de alguém, é muito mais sensível ainda. A apuração fica muito mais cuidadosa em cima daquele conteúdo.
Pergunta
Existem casos de vcs receberem a mesma imagem por canais diferentes?
Quando eu coloquei receber de outra, não aquele mesmo vídeo. Quando a polícia invade uma favela, a gente começa a receber vídeos das pessoas de várias óticas diferentes sobre o mesmo tema. E meio que isso é uma forma até de ver que, olha, tamo recebendo muita coisa dessa comunidade, vamos atrás disso, é um start. Normalmente, não vem de uma pessoa só, raríssimo acontecer de vir de uma pessoa, vem de várias. É o texto de um, uma imagem de outra, um áudio de outra. Normalmente, é assim que funciona. E vc perguntou: acontece as vezes de vc receber o mesmo conteúdo de várias pessoas? Sim. Aí é mais suspeito ainda. Quando a gente recebe de várias pessoas, é sinal que aquilo é um viral. E quando é um viral, fica mais difícil de vc descobrir a autoria e confirmar aquilo. Uma pessoa disse que viu, que ouviu de outro que disse que viu e todo mundo tá achando que aconteceu e na realidade não. Quando é viral, existe uma suspeita muito maior sobre aquela imagem.

Pergunta
Mas essa suspeita não evita o jornalista de usar?
Contanto que confirmado, contanto que tenha toda a confirmação, não. Mas, pra gente usar, a gente tem que achar o autor daquilo. Não importa, tem que achar o autor pra pedir autorização dele pra usar. Se não achar o autor, a gente não usa. O que as vezes é frustrante pra quem está apurando. Tem um conteúdo incrível e aí eu vou lá e jogo um balde de água fria na pessoa. Mas e aí, vc tem a confirmação, a autorização, vc falou com aquela pessoa? Vc pode me afirmar que esse vídeo foi feito nessas circunstâncias? E a pessoa diz, não. Então...não pode, então, não vai. É melhor não dar do que correr o risco de dar errado, a política é essa.
Pergunta
Quantos mais gente estiver relatando um fato, parte-se do pressuposto de que há uma veracidade ali?
Sim, sim. Porque essas pessoas relatam o mesmo fato de acordo com a sua verdade, da ótica dessa pessoa. Então, a gente recebe, voltando ao caso da violência, um vídeo de um professor que fala, oh, não tô conseguindo ir pra Rocinha hoje dar aula porque está tendo tiroteio lá. Aí, um morador da Rocinha fala não consegui sair do trabalho porque tá tendo tiroteio aqui. A gente recebe um áudio de um policial falando estou encurralado na rua tal da Rocinha porque está tendo um tiroteio aqui. Com base nisso, a gente vai construindo uma história. O policial encurralado, o cara que não consegue sair, o professor que não consegue entrar, a mãe que não consegue deixar a crianças na escola. Isso é interessante. A gente recebe imagens do mesmo assunto sobre várias óticas. Sobre como aquela situação impacta a vida de várias pessoas de formas diferentes. E acontece com frequência.
Pergunta 7 (Roteiro)
O OTT é muito importante, né? Mas muito do que eles disponibilizam, eles recebem também dhas pessoas que disparam pra gente. Então, acontece de muitas vezes ter o vídeo lá no OTT, selado porque tudo o que eles pegam, eles confirmam e botam o selo, a a gente recebeu o mesmo vídeo, da mesma pessoa sem estar selado. Recebemos diretamente. E a gente confirma também. Tudo o que entra no OTT entra como relatos. Tudo é relato de tiros em tal lugar, relatos de tiros, relatos de. E a gente não pode dar relato. Pra gente dar um relato, a gente tem que falar que são relatos. Relato não é história confirmada. Mesmo com o OTT dando aquele vídeo, a gente confirma também. Sempre tem que confirmar. É o bordão de lá. Apesar das pessoas não acharem isso, sempre tem que confirmar.
Pergunta
O que faz um vídeo que chega pelo OTT ser utilizado e uma imagem sem selo ser utilizada em telejornais diferentes?
(Silêncio) As vezes o feeling do editor. São editores diferentes que estão vendo o material abundante que a gente recebe e na hora da escolha acaba por escolher um vídeo a outro. Não tem problema em usar os vídeos selado do OTT. Muito pelo contrário. Se eles conseguiram, eles merecem o crédito daquela história. E algumas vezes, eles conseguem conteúdo inédito e aí vai selado mesmo, sempre. Com o grupo, com a autorização deles. Mesmo selado a gente bota lá vídeo divulgado por Onde Tem Tiroteio, sempre. Sempre atribuindo crédito a eles naquela imagem. As vezes é coincidência de o editor de imagem ter usado a mema imagem, ele ter visto que a gente recebeu, tá lá no nosso sistema ingestado o vídeo sem e o vídeo com, ele optar pelo vídeo com ou ele optar pelo vídeo sem, não tem problema. Estando confirmado, checado, problema nenhum.
Pergunta
Os jornalistas de maneira geral tem mais confiança do material que vem do OTT ou não?
(Silêncio + pensativo) Sim. É algo que eu nunca tive uma discussão, de eu ter conversado, até porque não uso muito os vídeos do OTT. (Silêncio) Faz até um tempinho que eu não faço matérias de violência que a gente use tantos vídeos do OTT. Também pelo nosso jornal não ter tantas reportagens e tal, quando eu era da

madrugada eu fazia mais. Só que, sim, existe uma confiança maior porque passou por um filtro já, o OTT já é um filtro que traz mais veracidade àquela imagem. Eles têm um banco de dados enorme, eles sabem se aquilo ali é inédito pra eles, eles não vão republicar um vídeo que existe todo um cuidado ali dentro. É uma instituição séria, digamos assim. Mas, de qualquer forma, a gente checa da mesma forma, a gente checa sempre.

Pergunta 8 (Roteiro)

A gente checa da mesma forma. Assim, a gente ganha tempo porque eles já enviam um vídeo, o vídeo a gente já sabe de onde é, facilita a nossa checagem. Facilita a nossa checagem, mas é checado da mesma forma. Não é chegou, vamos exibir. Nada é chegou, vamos exibir. Seria tudo muito mais fácil se fosse assim, mas não é. Tudo tem que ser checado.

Pergunta 12 (Roteiro)

Não, não existe esse dilema entre perder uma matéria porque o material foi feito por uma pessoa não-profissional. É o que a gente estava conversando sobre o padrão de qualidade. Seria inaceitável dar essa imagem há três, quatro anos. Hoje, não. Se essa imagem chegou, se é uma fonte segura, se ela foi confirmada, dilema nenhum. Vamos usar, vamos dar crédito pra aquela pessoa se ela pedir crédito, se algo de segurança claro que a gente não vai dar crédito, a gente não vai expor a pessoa, e com todos os cuidados, esse é um ponto interessante. Muita gente grava vídeo da janela. Presenciou um crime, um assalto na porta de casa, grava o vídeo da janela. O vídeo é incrível. A gente recebe o vídeo e olha. Bem, esse vídeo identifica a janela, identifica de onde foi feito, nós não vamos usar. A gente não usa. A gente deixa de usar aquela imagem incrível porque põe a pessoa numa situação vulnerável. O bandido que roubou lá o carro e foi filmado, a chance dele ver aquela imagem é minúscula, mas de qualquer forma a gente não bota porque põe em risco o autor da imagem que não teve aquele treinamento, não sabe que está se pondo em risco ao fazer aquela imagem. A gente não estimula também esses vídeos malucos de tiroteio que o povo gosta de fazer. Tá rolando um tiroteio, a pessoa vai pro meio da rua pra fazer imagem. Não, a gente não usa porque está estimulando pessoas a fazerem a mesma coisa. Pra que ela se coloque em risco pelo mero fato de que aquela imagem vai pro ar, pra ele se gabar, pra ficar feliz colocando a vida dele em risco. A gente não usa. Vídeo de pessoa que está dirigindo. Tem um acidente incrível. Incrível é uma palavra bem horrível pra usar num acidente. Mas, um acidente absurdo, assustador, que a pessoa tava filmando no celular dirigindo. Não vai entrar no ar, a gente não vai dar o acidente porque essa pessoa não pode dirigir e filmar ao mesmo tempo. Existem cuidados pra que a gente não coloque a vida da pessoa em risco, pra que a gente não estimule a pessoa a correr risco, pra fazer coisas erradas. Existe todo um código de ética a seguir essa história. Não é porque a gente recebeu um vídeo lindo, maravilhoso que a gente empacota e manda, não.

Pergunta

As TVs se monitoram. Os jornalista, de maneira geral, ficam na dúvida se dá ou se não dá uma imagem que não conseguiu fazer uma apuração mais minuciosa e a vê na outra emissora?

Não, não. Mesmo que outra emissora tenha dado, a gente verifica. Se não, vira efeito cascata da fake news também. A pessoa pode ter dado sem checar, em alguns casos deu sem checar mesmo porque é espectacular. E aí vc vai dar? Não vc não vai dar. Tem um caso, há algum tempo, de uma perseguição que uma emissora deu, não me lembro os detalhes, mas uma perseguição espetacular que a emissora deu e na verdade era um videogame de realidade ultra aumentada. Perfeito, era um gráfico perfeito. Um maluco fez o vídeo, botou na internet, alguém pegou, algum desavisado pegou aquilo e foi pro ar como se fosse uma perseguição. Era um jogo, era um videogame. Já aconteceu de gravação de novela. A pessoa tá fazendo novela, um filme numa comunidade dessa pacificadas, “pacificadas”, e as pessoas filmarem e a emissora colocar nos ar como se fosse uma invasão numa comunidade xyz e na verdade, não, não era uma invasão numa comunidade xyz. Era a gravação de uma mini-série na comunidade xyz com atores e pessoas treinadas, nem o policial é de verdade. É um risco muito grande vc pegar

porque o outro deu. O que existe é o pedido do vídeo. Aconetece muito de colequinhas me mandarem mensagem perguntando se eles podem ter acesso àquele vídeo que nós exibimos. A partir do momento que a gente já exibiu, que já foi ao ar, esse intercâmbio existe. Em todos, de lá pra cá, daqui pra lá, existe o intercâmbio. Mas não é porque existe o intercâmbio que não existe a checagem pós intercâmbio, sabe? Existe essa preocupação. Não se se daqui pra lá. De lá pra cá sempre existe. Peço até desculpa por bater nessa regra, mas é uma coisa que eu trabalhei um tempo em outros lugares e não tinha muito essa política do tem que ser assim, tem que cuidar, tem que checar, tem que verificar. Era fulano falou que é verdade, tá lá no Onde Tem Tireoteio, a gente dá. E quando eu cheguei foi um impacto grande esse cuidado justamente porque é visto por milhares de pessoas e qualquer coisa errada gera impacto em milhares de pessoas.
Pergunta
Essa verificação gera muito trabalho para o jornalista, toma muito tempo?
Toma muito tempo, toma muito tempo. Toma muito tempo, gera muito trabalho e se vc pensar por outro lado, se não existisse isso, a gente não teria o vídeo, a gente não teria aquela história. Ou pra gente chegar àquela história, porque é muito mais fácil vc ir atrás de uma história sabendo que ela pode existir do que vc ir atrás de uma história sabendo que ela sequer existe. É muito mais fácil vc confrontar a polícia com uma operação na Rocinha, sabendo que existe um vídeo de uma operação na Rocinha do que vc perguntar pra polícia: existe uma operação na Rocinha? É muito diferente. É muito mais fácil eles confirmarem algo sabendo que a gente tem uma base do que o contrário. Então, é um facilitador apesar do trabalho, é um pontapé inicial pra várias apurações. Digamos que o vídeo é uma ferramenta também, além de uma ilustração, ele é um pontapé para apurações. Com base nele a gente entra nas histórias e descobre coisas muito mais incríveis.
Pergunta 13 (Roteiro)
(Silêncio demorado) Não acredito que tenha um efeito negativo na profissão, mas eu acredito que sim, ocupe um espaço dentro do jornal que seria ocupado por uma equipe, por uma repórter cinematográfico, mas eu acho que tudo tem que coexistir. As grandes reportagens vão existir, a necessidade de ter uma apuração, de ter um repórter vai continuar existindo e a gente vai ter que se reinventar pra manter esses espaços dentro dos jornais, mas não dá pra retroceder, não dá pra não usar, não dá pra voltar atrás. Nesse sentido, acho que tem a colaborar quando sabemos usar essa ferramenta, tem a colaborar. Mas, existem muitos casos de produtos que já estão sofrendo um sucateamento e usam esse material como bengala pra se manter no ar em meio ao sucateamento. Não preciso mais de 5 equipes, preciso de duas e o resto eu vou preenchendo com vídeo que a gente recebe. Eu uma vez fui pra uma entrevista de emprego, numa outra emissora, tavam me convidando pra ser editor chefe de um jornal, eu novo, achei incrível né? Ser editor-chefe de um jornal, legal, vou lá conversar. Ao chegar lá e conversar com a diretora de jornalismo perguntei: quantas equipes o jornal vai ter? Ah, vc não tem equipe, Vc tem uma equipe flutuante que faz os outros produtos da casa e quando não está pautada pra rede, vc tem aquela equipe. E aí, como é que eu faço? Quantos cinegrafistas? São 3 cinegrafistas sendo que tem duas câmeras. Então, um trabalha no turno da manhã com a câmera, ele volta, a câmera fica com o outro. Mas e aí, como é que faz o jornal? Ah, com vídeo da internet que a gente recebe (expressão de surpresa e conclusão). É um exemplo de mau uso do negócio. Não usa ele como um complemento. Não usa ele pra ilustrar uma entrada ao vivo, não usa ele para ajudar numa reportagem. Usa ele pra tirar o espaço de um colega e com isso ir enfraquecendo ainda mais tirando a qualidade daquele jornal, o espaço de uma pessoa qualificada. Tudo é o saber usar, não deixar que os oportunistas ocupem o nosso lugar com essas ferramentas. E sim que essas ferramentas sejam um complemento para melhorar mais ainda o nosso trabalho.

Transcrição **entrevista jornalista 4** 19/02/2021 – 15h30 BR

- Sou repórter na TV Globo, trabalho para os jornais da manhã com foco no BDRio, mas também no Hora 1 e Bom Dia Brasil, que são jornais de rede, e também pro RJ1, jornal local na parte da tarde
- No jornalismo estou desde 2015, antes de me formar eu era estagiária do G1 onde eu trabalhei na editoria Rio de Janeiro que é editoria local. Em novembro de 2019 eu passei a trabalhar só pra TV, como repórter da TV com foco nos jornais locais.
- 27 anos de idade
- Formado em Comunicação Social, bacharealado em Jornalismo pela PUC e pós-graduada em sociologia política e cultura.

Descrição profissional – (risos) como repórter, a gente meio que faz tudo também né? Eu trabalho no horário da madrugada no dia a dia, nos plantões eu trabalho durante o dia. Meu horário é mais ou menos entre 1h30 e 9h da manhã. Fico basicamente refém do factual durante a madrugada, do que acontece aqui no RJ. Minha função é ter o contato com as pautas que são produzidas pelos produtores da editoria Rio. Com foco no jornal local, esse o BDRio, é um jornal que começa às 6h da manhã, eu tenho contato com essas pautas, estudo as pautas, geralmente são 3, 4 assuntos por jornal que a gente acaba tendo acesso. É um jornal muito longo, são vários assuntos pro mesmo repórter. Tenho acesso a esses jornais, entro ao vivo noticiando os assuntos. Geralmente, a gente vai pra um local que tenha referência a pelos menos um desses assuntos. Faço reportagem, entro ao vivo. Se for durante a madrugada e tiver acontecendo algum factual, eu tenho que fazer a reportagem. A gente faz entrevistas, acaba produzindo também né porque vc tá na redação tem que checar as informações diante do que a gente tem acesso naquele horário porque é um horário muito complicado de conseguir checar as informações de fato. É basicamente isso. Ter o contato com o que foi produzido, entrar ao vivo, produzir o VT, a reportagem dependendo da situação. A gente fica basicamente refém do que tem pro horário, se eu tenho horário pra fechar VT ou se eu tenho horário pra entrar ao vivo com aquela informação. E apurar também porque a gente acaba apurando no meio do caminho ou já in loco dependendo do que for o assunto.

Pergunta

Na sua função, vc já entra em contato com as imagens que vão ilustrar a sua matéria ou é depois na conversa com o editor?

As vezes, a gente consegue ter acessos a essas imagens por conta...como eu entro de madrugada, eu tenho um pouco mais de tempo que os outros repórteres que entram um pouco mais tarde pra fazer o jornal. Depois de mim, entram as equipes de 4h30 da manhã. Como o jornal começa às 6h, eles entram 4h30, tem que sair dali no máximo às 5h da manhã. De 5h às 6h é o tempo de deslocamento. De chegar no local, montar equipamento, ligar, tudo certinho pra poder entrar ao vivo. Eu, as vezes, consigo ter acesso porque eu vejo no sistema, ter acesso às imagens, aos vídeos, às fotos. E as vezes quando a gente não consegue, quando a gente está na rua, o próprio editor tenta mandar pra gente. Olha, vc vai chamar essa imagem, vai chamar esse vídeo aqui. Ou quando não consegue mandar, tenta mandar pelo menos uma descrição do que é. Na foto aparece isso e isso. No vídeo aparece falando não sei o que, não sei o que. É mais ou menos assim.

Pergunta

Não só pra que vc saiba do conteúdo, mas possa escrever sobre o conteúdo, eu suponho.

Sim, com certeza. Porque como é que vc vai falar. Olha, vamos assistir, a gente tem as imagens do flagrante, mas o que é o flagrante? Aparece um homem armado? Aparece

um tiroteio? Aparece uma pessoa correndo? O que é aquilo que vc vai comentar? Não dá pra vc falar. Televisão é imagem. Vc tem que narrar aqui e se vc não está vendo, é um pouco mais difícil. É bom ter esse contato com o editor pra pelo menos, dizer, transcrever o que vc está acontecendo naquela imagem, já que no celular, na rua, é mais difícil, não tem como ter acesso ao sistema onde estão essas imagens exportadas lá na TV.

Pergunta 1 (Roteiro)

Eu acho muito importante, mas eu acho que a gente tem que ter, ao mesmo tempo, muito cuidado. Esse é um cuidado que eu vejo a gente ter muito lá na redação. Existe a situação quando aquele flagrante vem de uma fonte conhecida sua, um parente, um amigo ou uma fonte mesmo, um delegado que seja, um policial, uma pessoa que vc conheça; de quando esse flagrante vem de um terceiro. De alguém que conseguiu o seu número ou de alguém que mandou pro Whatsapp da empresa, ou alguém que postou nas redes sociais e a gente teve acesso àquela imagem no Twitter, no Facebook, no Instagram que seja. Eu acho muito importante porque hoje a tecnologia tem como ajudar a gente já que a gente não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, a gente não tem como acompanhar tudo o que acontece de fato. Essa participação das pessoas é muito importante. Agora, tem que ter um cuidado redobrado porque várias vezes eu já passei situações das pessoas mandarem o vídeo e vc falar: foi vc que filmou? Não, eu recebi num grupo de Whatsapp. Tá, mas, vc sabe quem filmou? Ah, mandaram. Tá, mas, vc sabe se esse vídeo é de hoje? Vamos supor, um tiroteio que é uma coisa que a gente acaba fazendo muito, infelizmente, aqui no Rio de Janeiro, na cobertura do dia a dia, infelizmente. Tiroteio pode ser qualquer dia. Se for à noite, por exemplo, barulho de tiro, como vc sabe se esse tiro foi hoje, se foi no mês passado, se foi no ano passado, se foi? Então, vc tem que ter esse cuidado, ainda mais se for um vídeo que está viralizando, um áudio que seja, tentar achar a pessoa que fez aquele registro e se for um caso de a gente não conseguir achar, vou continuar dando o exemplo do tiroteio. A gente recebeu o vídeo do tiroteio, não sabem quem filmou. Tá todo mundo reproduzindo isso nas redes sociais, no Whatsapp, tão mandando pra todo mundo, como é que vc faz? Aí, vc parte pra um outro lado. Vou ligar pro batalhão de polícia daquela área pra ver se teve tiroteio hoje. Aí, vc liga. Teve tiroteio? Não, não teve. Putz. Aí, vc descobre que as pessoas estão relatando aquilo na rede social, se for o caso. Ou o próprio batalhão vai confirmar, teve tiroteio. Teve tiroteio, é um sinal de que pode ser que esse vídeo seja de hoje. Então, a gente tem que ter muito cuidado, principalmente com essa questão do material que é viralizado na internet. Eu acho que é muito importante a gente conseguir ter essa participação do público. O BDRio, por exemplo, durante o jornal incentiva até as pessoas mandarem mensagens pro Whatsapp e também usando a hastag do jornal no Tweeter, nas redes sociais, pra comentar, pra falar o que está acontecendo. E muitas vezes, o que as pessoas falam direcionam até as equipes pra ir pra aquele tipo de cobertura. Por exemplo, a gente tem o GloboCop que tem um deslocamento muito mais fácil do que a equipe terrestre. Então, a pessoa fala, olha teve um acidente gravíssimo aqui na avenida Brasil, um ônibus bateu num carro, tem um monte de ferido. A avenida Brasil é uma das principais vias expressas da cidade, então, se vc tem um acidente grave com ônibus, carro, feridos, travou o trânsito, aquilo causa um nó. Uma equipe pra chegar pelo chão vai demorar um pouco mais do que o GloboCop. A pessoa mandou a mensagem, vamos tentar passar com o GloboCop por ali pra checar se é aquilo mesmo e a partir daí, aquilo vai fluindo. A participação que a gente tem no BDRio do público mandando mensagem, mandando vídeo é muito grande. Tem que ter esse trabalho de checagem mesmo.

Pergunta 2 (Roteiro)

Com bastante frequência. Eu diria que quase que diariamente, mas com muito cuidado. Se for imagem de terceiro, a gente passa a ter muito mais cuidado do que se for um flagrante de alguém que a gente conheça, até mesmo de um funcionário que tá na rua, não tá trabalhando e flagrou aquilo com o celular, de um parente de um funcionário, de alguém próximo que a gente consiga ter certeza que aquele vídeo é daquele dia, é daquela hora, é daquele momento e é realmente daquilo que aconteceu. É muito difícil

porque um vídeo é um recorte de uma imagem, não deixa de ser o recorte de uma situação porque se vc está com a câmera virada pra cá, vc está de costas pra lá. Se vc não está ali pra ver tudo, vc tem que se basear na relação de confiança daquela pessoa que está filmando, que tá relatando aquilo pra vc. O que eu acho muito importante, como eu disse, a gente tem que ter muito cuidado, mas a frequência com que a gente usa é bem grande. Eu diria que quase que diariamente.

Pergunta 3 (Roteiro)

Eu acho que sim e que não. Não só na briga pela audiência, mas acho que também na briga pela (pensativa) por correr atrás de como vc vai noticiar aquele fato. Vou continuar dando o exemplo de um tiroteio numa comunidade se for caso. A gente não tem acesso à comunidade, os repórteres não entram se tiver acontecendo um tiroteio, por exemplo, uma operação da polícia. Então, a gente acaba contando muito com essa participação dos moradores e até mesmo, as vezes, da polícia. Quando a polícia vai fazer alguma operação, vai cumprir algum mandado de prisão, enfim, está diante de uma situação, a gente tem os produtores que trabalham mais nessa área de segurança pública, que tem mais contato com delegados, policiais e que, quando tem algum tipo de operação, essas imagens chegam até as equipes. Olha, a gente tem vídeos da polícia na operação, tem vídeos da polícia cumprindo aquele mandado de prisão. (Pensativa) É a questão da briga pela audiência sim, pra quem tem mais conteúdo sobre aquela notícia, mas eu acho que também é uma questão de vc se adaptar à realidade, se adaptar à tecnologia porque tá acontecendo. As redes sociais são grandes fontes de informação, de notícia pra quem está trabalhando numa redação, na rua. Antigamente, a apuração se baseava muito no rádio da polícia, na ronda, de vc ficar ligando pras pessoas, pros batalhões, pros hospitais, pra saber, teve alguma coisa aí? E hoje em dia, não. A gente tem muito mais essa situação inversa, da notícia chegar até vc, de certa forma pelas imagens. A gente de receber vídeos. A gente tem grupos no Whatsapp das equipes, dos jornais, dos jornalistas da casa e basicamente todo dia tá lá. Olha, recebi esse vídeo, recebi esse vídeo, tem que checar. Ou olha, recebi agora há pouco na situação tal. Tem muito muito, muito. A gente recebe muito, com muita frequência e não deixa de ser uma forma de a gente ter como noticiar um fato que a gente talvez não consiga, não tenha estado naquela situação.

Pergunta 4 (Roteiro)

Eu acho que com certeza. Com certeza. Eu acho que a partir do momento que vc ganha a confiança também do telespectador, isso passa a ter um fluxo até mais intenso. Vamos supor, a gente recebe a notícia de que tá tendo um sequestro com refém num prédio em Copacabana. Vc recebeu aquela notícia. Tá, mas se vc tem imagem daquilo, a notícia fica muito mais forte. Vc tá ilustrando o que está acontecendo. Ilustrando não da forma romantizada da situação porque um sequestro não vai ser romantizado de maneira alguma, mas se vc tem o vídeo de alguém que estava passando por alí, além de ser uma comprovação, é uma forma de vc fazer televisão. Porque televisão nada mais é do que texto e imagem. Não basta vc ter só o texto, a informação. Claro que é muito importante vc ter a notícia de qualquer modo, mas quando vc tem o vídeo aquilo ganha um peso e é muito mais valorizado. A gente passa ter isso até como hábito. Isso até aproxima mais, de certa forma, o telespectador do jornal. Antes, há muitos anos, a gente zelava muito pela qualidade daquela imagem. Um vídeo de celular tremido, gravado em pé, que não preenche a tela da televisão podia nem se usar, de jeito nenhum a gente vai usar isso. Hoje em dia, não. A gente preza mais pelo conteúdo. Então, se aquele vídeo tá em pé, tá tremido, tá pixelado, péssima qualidade, mas ele está mostrando de fato o que aconteceu, aquilo é muito importante. A gente vê até repercussão de situações nacionais partindo da situação de uma jornal local. A gente teve a situação de um homem que foi agredido no supermercado, por exemplo, por um funcionário do supermercado, que apanhou. Ou uma pessoa que sofreu até um caso de racismo e as pessoas em volta filmaram. Aquele vídeo tremido, de baixa qualidade, mas aquilo ali é uma prova do que aconteceu. Aquilo ali tá ilustrando, tá mostrando a reação da vítima, do agressor e é o fato essencial pra reportagem. Aquele vídeo em pé, tremido vai abrir a sua reportagem porque ele está tendo um peso muito grande diante daquele

fato, independente da qualidade dele. A gente sabe que na internet vai reproduzindo, a qualidade vai caindo, as pessoas filmam em pé, o que não é ideal pra televisão, mas não interessa. Aquilo passa a ser primordial pra aquela notícia.
Pergunta
Muitas vezes, algo só é notícia porque chega aquela imagem produzida por não-profissional.
Com certeza. Com certeza. Com certeza. E isso tem acontecido cada vez mais. Claro, a gente fala de uma grande empresa, tem um peso, as pessoas têm até essa confiança. Muitas denúncias chegam através das pessoas. Vou dar um exemplo. Os hospitais de campanha que a gente teve agora da pandemia, no ano passado, aqui no Rio de Janeiro. Quantas vezes a gente não recebeu vídeos de profissionais mostrando o que estava acontecendo dentro do hospital de campanha. Porque a reportagem não pode entrar no hospital, a gente não tem acesso. Se o funcionário, o parente do paciente não filma aquilo ali, como a gente vai saber o que está acontecendo? Saber a gente vai saber porque podem avisar, mas como a gente vai ver aquilo? A gente viu situações, denúncias de leitos vazios e a gente com fila de espera gigantesca. E ali, leitos e alas de hospitais que não estavam sendo usados. Nossa, isso é uma super denúncia. Vc gastou milhões nos hospitais de campanha pra tentar amenizar a situação da pandemia, pras pessoas que precisavam de tratamento e aí vc vê um vídeo com aqueles leitos vazios, sem estar sendo usados. Por quê? Aí, vc chega pra Secretaria de Saúde e fala, olha só porque esses leitos estão vazios? Ah, não tem leito vazio. Ah, não tem leito? Ué, a gente recebeu imagem. Em defesa o próprio órgão pode não, não tem, não tô sabendo disso. Vc não tá sabendo? Olha só, a gente tem uma imagem. Claro, a gente vai ter que preservar a identidade daquele funcionário, daquele paciente que gravou aquilo porque aquilo pode trazer graves problemas pra aquela pessoa e isso em várias esferas. É na educação, no hospital, delegacia, vira e mexe esses vídeos são essenciais pra qualquer tipo de denúncia.
Pergunta 5 (Roteiro)
Acho que trazem o peso da vida real muitas vezes. Porque vc ter um vídeo de uma pessoa que está no meio do tiroteio ou que vive numa comunidade que passa por constantes confrontos é diferente da minha pessoa chegar e começar a falar de um tiroteio num lugar que eu não vivo, que eu não estou lá, que eu não passo frequentemente, que eu não moro, que eu não fico com medo do meu filho sair pra escola e tomar um tiro de bala perdida porque eu não estou vivendo aquela realidade. Quando vc tem a pessoa que mora ali, trabalha ali e que passa por aquilo todos os dias ou com uma frequência constante, aquilo tem um peso, é muito diferente. A gente tem uma região aqui no Rio de Janeiro chamada Praça Seca, que é uma região que vive em confronto há anos. Existem duas comunidades ali, a Serrinha e o Cajueiro que tem uma disputa muito grande, são regiões dominadas por grupos rivais, e tem uma disputa da milícia e do tráfico. Vira e mexe a gente recebe vídeos ou áudios das pessoas de madrugada falando não aguento mais isso, é guerra da Praça Seca, todo dia. O relato dessa pessoa, o vídeo dessa pessoa falando isso, não aguento mais isso, parece uma situação de guerra, dá uma importância muito maior do que se eu, posicionada ao vivo, pode ser até numa rua do bairro, falando olha é um tiroteio constante e é muito difícil, é uma guerra, uma disputa entre grupos rivais e no meio disso tudo ficam os moradores. É ficam os moradores. E vc ouve o relato deles, vc fala, meus Deus, como a pessoa aguenta viver nisso, como é que a gente tem uma população no Rio de Janeiro que passa por essa situação todos os dias? Vc fica refém do poder paralelo. E aí, quando vc tem o relato daquela pessoa, o vídeo daquela pessoa se abaixando em casa pra se proteger de um tiroteio. A gente cansou de ver imagem até de antes da pandemia, de tiroteios em comunidades em horários em que as crianças estavam na escola, os professores colocando todas as crianças num corredor pra se proteger de uma possível bala perdida. Vc fala, meu Deus, que situação é essa? Quando vc olha aquilo. Assim, eu sou uma pessoa de classe média, que moro hoje na Zona Sul. Então, pode parecer uma realidade muito distante pra minha rotina. Mas, quando vc vê aquilo, vc fala não é possível que tenha crianças abaixadas num corredor se protegendo de um tiro. Não

basta vc falar tem um tiroteio, tem pessoas na escola presas nesse tiroteio. Crianças de 5, 6 anos, 4 anos, pequenas sendo protegidas por um professor que tá refém daquilo, é a imagem que choca, é a imagem que mostra a realidade pra quem não vive aquela realidade.
Pergunta
Até pro jornalista?
Com certeza. Todos os dias.
Pergunta
Vc usou muito na sua fala a palavra relato. É só um relato ou o que vc quer dizer é que tem algo de testemunho, testemunhal nessas pessoas que escapa ao jornalista na produção da notícia?
Tem, tem o testemunho com certeza. A gente fala relato porque até pra não repetir certas expressões, mas é um relato, é um testemunho e é uma denúncia. São três expressões do que acontece, do que a gente recebe. Aquela pessoa que está ali, ela está testemunhando um fato seja ele qual for, um tiroteio, um assalto, um atropelamento, o que seja. Ela é uma testemunha daquilo. E muitas vezes quando é um assunto de gravidade maior, de denúncia, vamos supor, do caso que a gente teve de agressão num supermercado, de uma vítima de racismo, a pessoa que filmou aquele vídeo, ela vai inclusive ser testemunha na investigação. A polícia vai chamar a pessoa que filmou aquele vídeo, aquele vídeo que viralizou e apareceu nos jornais, nas redes sociais, aquela pessoa é uma testemunha daquele fato, com certeza.
Pergunta 6 (Roteiro)
Chega principalmente através das fontes, chega pelo Whatsapp da empresa porque a gente divulga muito principalmente nos telejornais locais, né? O número do Whatsapp da empresa e é uma massa de informação que chega, então, tem que ter esse filtro. Tem pessoas na redação de fazem esse filtro. E chega principalmente pela nossa procura a partir do que a gente fica sabendo. Recebi uma mensagem de um morador dizendo, olha, tá tendo tiroteio na Praça Seca. Eu entro no Twitter e coloco tiroteio Praça Seca, tiros Praça Seca, Praça Seca. Aí, eu começo a ver todos os relatos, os vídeos, as fotos, o que tiver daquele acontecimento. Ainda mais quando é uma notícia de grande repercussão, as redes sociais bombam. Então, colocando a palavra-chave, uma coisa simples de fazer, a gente consegue ter acesso. Mas, principalmente, pelo Whatsapp da empresa. (Pensativa) As pessoas têm esse interesse em fazer a empresa saber, fazer o jornalista saber, o apresentador durante o jornal de que aquilo está acontecendo onde ela mora, que aquilo está acontecendo em algum lugar. É uma questão de trabalhar numa empresa que ao longo dos anos foi construindo essa credibilidade. Do público confiar em vc e ter o interesse de te mostrar aquilo que está acontecendo. Olha só, vcs têm que noticiar isso porque está acontecendo isso, não tem ninguém aqui, mas está acontecendo isso.
Pergunta 7 (Roteiro)
Não existe um passo a passo dessa verificação, mas ao mesmo tempo existe. Se vc é o produtor que está ali monitorando as mensagens que chega pelo Whatsapp da TV Globo durante o BDRio que é jornal local de maior tempo na grade, são 2h e meia de duração. O ponto principal é vc olhar o número de quem mandou, que a gente recebe, não é uma coisa anônima. Manda pelo número como uma mensagem de Whatsapp que vc recebe normalmente pelo telefone. Então, a pessoa mandou aquele vídeo, mandou aquela foto, o produtor olha aquilo, ou o repórter se for o caso de eu estar na redação olhando o sistema do Whatsapp, ligo pra aquele número, pra aquela pessoa que mandou. Fulaninho, tudo bem, bom dia, boa tarde, vc mandou esse vídeo aqui pra gente e aí vc parte pra apuração como vc faria em qualquer situação. O que aconteceu? Isso, isso e isso. Esse vídeo é de hoje? É, não é ou vai acabar naquela onda do eu recebi e só repassei. Essa é a pior resposta que a gente pode ter (risos). Eu recebi e só repassei. Claro que aquela pessoa que repassou, ela não tem obrigação de checar porque ela não é o jornalista, ela está repassando. E aí (risos) é o cuidado que a gente tem que ter em dobro por conta disso. Mas, se a pessoa confirma, a gente parte pra checagem em outras esferas dependendo do assunto. Ah, é uma denúncia de um hospital que os

funcionários não estão atendendo porque estão sem receber. Uma pessoa passou na porta do hospital, tá todo mundo esperando, funcionário dizendo que não vai atender porque não tá recebendo, vai ter paralisação. Bem, a gente tem que entrar em contato com a Secretaria de Saúde. A gente tem aquele fato, é um ponto da notícia. A gente tem que procura a Secretaria de Saúde pra dar o contraponto, pra dizer o que está acontecendo, porque é o órgão principal. E vc vai mandar o repórter pro local. Várias vezes a gente recebe, olha recebi um vídeo aqui, parece que caiu um viaduto não sei aonde. Chegou o vídeo. Liga lá pra pessoa que mandou o vídeo. Oi fulano, tudo bem? Vc filmou agora? Ah, filmei, estava passando pela rua tal e vi que desabou o viaduto. Manda uma equipe pra lá. A equipe vai até o local pra conseguir checar. É claro que isso varia de notícia pra notícia. Se for um tiroteio numa comunidade de madrugada, que é uma coisa que a gente não pode ir, por questão de ser um risco muito grande. Madrugada, tiroteio, comunidade, a gente não pode entrar por segurança. A gente vai ligar pra polícia, vai ligar pro batalhão da área e a gente vai continuar recebendo os vídeos dos moradores, se acontecer mais alguma coisa, manda mais vídeo pra gente. A pessoa manda e isso gera uma confiança.

Pergunta

Esse cruzamento de informação, nessa situação específica da violência, e na madrugada onde muitas vezes não se encontra as fontes disponíveis para a apuração. Como vcs fazem nesse caso?

Quando tá tendo o tiroteio de fato, o morador não consegue dormir porque ele está com medo e por causa do barulho também. As pessoas estão acordadas naquele horário e muitas vezes a gente consegue. Agora, tem a questão do medo também daquela pessoa por ela ser moradora. Ela não pode ser identificada porque pode acontecer algum tipo de retaliação daquele grupo criminoso que as vezes tá disputando aquela área, tá agindo ali. Ou se for o caso, quando a gente recebe, que infelizmente acontece, de uma ação da polícia que entra invadindo, na casa de um morador que a gente sabe que isso acontece. Aquele morador não pode ser identificado quando ele manda, quando ele filma aquela ação porque isso pode acarretar graves consequências pra quem mora naquela comunidade. Por isso, a gente tem que ter ao mesmo tempo esse outro cuidado de proteger o morador, de distorcer aquela voz, se for o caso de ele estar falando algo de peso pra aquela situação. Olha, tô vendo os traficantes aqui andando pela rua. Foi esse mês, eu não lembro direito o dia, mas foi esse exemplo da Praça Seca que a gente recebeu muitos vídeos. A gente tem um cinegrafista, um repórter cinematográfico que mora perto daquela região. A gente começou a receber mensagens no Whatsapp e ver mensagens nas redes sociais, no Tweeter principalmente das pessoas falando, tiroteio na Praça Seca, voltou a ter tiroteio na Praça Seca. A gente falou, putz, voltou a ter tiroteio na Praça Seca. É uma região que acontece muito, então, a gente já parte até do bom senso, tipo assim, “normal ter tiroteio na Praça Seca”. A chance de isso ser verdade é muito grande. Como a gente tem esse cinegrafista, ele me ligou. Ele sabia que eu estava acordada naquele horário, que eu tava trabalhando. Ele falou Fernanda, tá tendo tiroteio, voltou a ter tiroteio aqui. Nossa, me manda aí o que vc tem. Ele começou a mandar vídeos que ele tinha filmado da casa dele e a gente juntou uma coisa com a outra. Bem, a gente tem o funcionário de uma empresa no local, um repórter cinematográfico é um repórter da empresa, a apuração dele é muito válida e com o relato de outros moradores que não são trabalhadores da empresa, são apenas os moradores que estão testemunhando aquela situação, que estão vivenciando aquela situação. Nesse caso, por exemplo, foi “fácil” checar essa informação porque vc tinha alguém ali que mesmo fora do horário de trabalho, tava ali exercendo o papel de repórter também, pra ajudar, pra confirmar essa informação. Muitas vezes, o que dificulta também é que a gente tem esses confrontos nas comunidades, nessas áreas conflagradas que são disputas, tiroteios entre grupos criminosos. Entre traficantes rivais, entre traficantes contra milicianos e não é um confronto entre polícia e bandido, que também acontece. Quando vc liga pra polícia, pro batalhão da polícia militar da área, eles falam não, não tô sabendo de nada não.

Pergunta

E aí como é que faz?
(Risos) Vc fala, então dá um pulo lá porque parece que tá tendo né? Brincadeiras à parte, a polícia não tá sabendo ou tá fingindo que não tá sabendo, porque as vezes eles também não vão informar. É papel deles informar, mas as vezes acontece de não informar.
Pergunta
Imagina uma situação em que vc não tem um funcionário lá, não tem uma fonte de confiança, apenas o relato dos moradores e o policial te diz não sei, não tô sabendo de nada.
Aí, a gente parte do princípio que a gente tem que confiar no relato daquele morador. Principalmente se for uma coisa que muitas pessoas estão mandando, que não é uma pessoa aleatória. Porque quando é um tiroteio em uma comunidade, são muitas pessoas ali. Como eu falei, a gente tem essa confiança do público, do público mandar a mensagem. Quando a gente começa a receber muita mensagem, de muito morador, vai entrar um repórter, vai entrar um apresentador falando. Olha, a gente recebeu muitas mensagens, a gente tá recebendo muitas mensagens de moradores da região, pessoas que estão ali naquela região dizendo que tá tendo um tiroteio, dizendo que está tendo um confronto intenso naquela região, a gente tá tentando checar com a polícia militar. A gente passa essa informação para o público. Olha, a gente está sabendo, a gente recebeu isso e a gente está tentando checar, tentando confirmar. É uma forma da gente confiar naquela pessoa que está mandando também. É claro, tem que ter um cuidado, tem que ter um olhar diferente pra aquilo, mas ao mesmo tempo vc tem que confiar naquelas pessoas. Não são 20 pessoas que não se conhecem, que decidiram mandar mensagens às 6h da manhã pra TV Globo, pra falar que tá tendo tiroteio, mandar vídeo pra pra TV Globo, pra falar que tá tendo tiroteio. Alguma coisa está acontecendo. São pessoas diferentes, mandando mensagens de diferentes áreas, alguma coisa está acontecendo. Por exemplo, recentemente, a gente voltou a ter problema com relação à água aqui no Rio de Janeiro, ao gosto ruim da água, ao cheio ruim da água e isso chegou através de moradores. Foram moradores que mandaram. Mandou vídeo. Olha, a água na minha casa está chegando dessa cor. Isso é um problema que a gente teve em janeiro do ano passado. Melhorou ao longo do ano e em janeiro a gente voltou a receber esse tipo de mensagem. Bem, vamos lá fazer uma entrada ao vivo com aquela pessoa. Eu estive na casa de uma moradora, foi aqui na Zona Norte do Rio de Janeiro. A água estava com o cheio ruim realmente e a pessoa me deu entrevista. Quando eu entrei ao vivo falando com aquela moradora, até então a gente só sabia daquela moradora, naquele bairro, começou a pipocar mensagem. Aqui também não sei aonde, Aqui também não sei aonde, Aqui também. Moradores de vários bairros assistiram àquilo e participaram daquela interação com a gente durante o jornal. A produção falou a gente recebeu relatos de pelo menos 10 bairros da capital. Alguma coisa está acontecendo. Aí vc liga pra Cedae que é a companhia de águas aqui do Rio de Janeiro. Ai vc fala, Cedae, assessoria de imprensa, a gente precisa de um posicionamento de vcs. O que está acontecendo? Não é possível que 10 pessoas em 10 bairros diferentes estejam mentindo. Aí, a gente descobriu que voltou a ter problema com relação ao tratamento da água na cidade. Isso partiu da denúncia de um morador. A gente entrou ao vivo, isso teve um alcance, outras pessoas viram e falaram nossa, isso tá acontecendo aqui também. Começou a pipocar mensagem, a gente cobrou do órgão responsável e, a partir daí, a gente descobriu outro grande problema né?
Pergunta
Vou insistir na pergunta. Se numa comunidade 60 pessoas estão relatando barulho de tiro às 3h da manhã, essas pessoas não estão acordadas de brincadeira pra dispararem isso pras emissoras de televisão. Chegam textos, áudios, vídeos. Mesmo quando não se consegue confirmar com o órgão oficial, por causa desse volume de confirmações, as imagens são utilizadas ou não?
São, dependendo do que estiver sendo mostrado ali. Porque a gente vai passar para o público aquilo que a gente tá recebendo até de uma forma transparente. A gente fala isso ao vivo. A gente tá recebendo mensagens de moradores dizendo que está

acontecendo um tiroteio na região tal, eles estão mandando vídeos pra gente. Se a gente não conseguiu confirmar (pensativa) muitas vezes o secretário de polícia militar está assistindo aquilo, o comandante do batalhão está assistindo aquilo, a assessoria de imprensa está assistindo aquilo e isso mobiliza, até pressiona a cobrança do órgão que ainda não conseguiu confirmar pra gente, seja por eles não estarem sabendo, se não for um confronto numa operação policial, um confronto entre a polícia e o criminoso, se for uma disputa entre os criminosos, as vezes a polícia realmente não tá sabendo, não tá ali envolvida, e a polícia vai até o local. Várias vezes a gente procura a assessoria de imprensa, o comandante do batalhão. Olha, a gente não tá sabendo, está acontecendo agora, a gente tá mandando uma equipe pra lá. A gente deixa isso transparente no ar. A gente recebeu esses vídeos, os moradores estão relatando isso, tão dizendo que está acontecendo isso, a gente procurou a polícia e a polícia disse que tá mandando uma equipa pra reforçar. Assim que a gente tiver mais informação, a gente volta a entrar ao vivo e traz nova informação. Como é um jornal que é praticamente todo ao vivo, a gente também não pode ficar esperando porque a concorrência vai dar e também porque aquilo é um fato que interfere na rotina das pessoas. Vc é uma pessoa que trabalha num lugar, vai voltar pra sua casa e a sua comunidade é aquela que tá tendo tiroteio, é aquela região que tá tendo tiroteio? Vc vê aquilo na televisão, fala opa! Tenho que tomar cuidado. Tá tendo tiroteio é melhor esperar, melhor não ir pra casa agora. Ou quem tá em casa, nossa, tá tendo tiroteio, não posso sair de casa agora pra ir trabalhar. Isso é uma situação que é recorrente e aí eu acho que é o importante de vc noticiar aquilo mesmo que ainda não tenha a confirmação do órgão oficial, que vc tenha a confirmação das testemunhas, que vc tenha a fala daquelas pessoas, a mensagem daquelas pessoas que moram ali. Aquilo é uma coisa que vai interferir na vida das pessoas. Vc vai deixar de avisar à população de que aquilo está acontecendo porque a gente ainda não tem uma confirmação oficial? Mas o fato de vc deixar de noticiar aquilo também é importante porque aquilo pode trazer consequência né? Pode ter uma pessoa desavisada passando por ali e ficar no meio de um tiroteio. E está aí o papel do jornalista que é alertar a pessoa e vc ter aquela notícia que vai ter um impacto na vida daquela pessoa, na vida de quem tá ali, na vida de quem tá indo pra lá, na vida de quem tá saindo de casa pra ir trabalhar, de uma criança que está indo pra escola. De vc ter o poder da informação e de alertar as pessoas.

Pergunta

O Globocop se tornou uma ferramenta de apuração qd vcs não conseguem muitas informação de um evento que esteja acontecendo no momento do jornal e que envolva a violência?

Com certeza, até porque no Globocop vc tem um repórter e aí o repórter vai apurar. Claro que de cima, através do que ele está enxergando. Muitas vezes é a partir daquilo ali que a gente consegue a confirmação. Vou dar um exemplo. Hoje tava tendo uma operação da polícia em São Gonçalo, numa comunidade no complexo em São Gonçalo, região metropolitana aqui do Rio de Janeiro. Teve essa operação policial, a gente não pode entrar com a polícia na comunidade por uma questão de segurança. A polícia vai entrar ali e depois a gente vai sabe o que aconteceu pela informação que vão passar pra gente. E o Globocop fez as imagens da ação da polícia ali. A polícia interditou a rua, a polícia fez não sei o quê, tá tendo tiroteio, não tá porque o Globocop tá ali de cima. Tá vendo tudo, tendo uma dimensão do que está acontecendo, de uma questão até logística daquela operação, daquele confronto. Quantas vezes a gente não viu imagens impactantes por causa do Globocop. Vou dar o exemplo da ocupação do Alemão, quando a gente vê aquelas imagens que são conhecidas mundialmente dos bandidos fugindo. É uma imagem flagrada pelo Globocop. Um repórter no chão jamais teria visto aquilo. Não teria nem entrado ali por questão de segurança e aquela é uma imagem muito forte. Um retrato da violência no Rio de Janeiro.

Pergunta 8 (Roteiro)

Não. Muitas vezes são suficientes, mas não são 100% eficazes. A gente erra também. As vezes um problema (pensativa) que eu acho que é da ansiedade de vc dar aquela notícia. Vc tem que tomar uma decisão, o editor-chefe no caso tem que tomar uma

decisão. Eu vou dar esse vídeo sem a confirmação da polícia, se for o caso de um flagrante, ou eu vou esperar e vou dar a confirmação? É uma saia justa. Não existe uma regra. Vc tem que tomar uma decisão. E aí vc vai pelos caminhos que vc tem de opção. Bem, foi uma pessoa só que mandou ou foram 20? Se vc tem uma pessoa, a chance daquele vídeo de tiroteio não ser daquele dia talvez não seja a mesma de quando 20 pessoas estão mandando. A nossa alternativa de ter hoje o Globocop é a melhor alternativa que a gente tem pra confirmação dessas situações de violência, principalmente. Confirmação de violência. O Globocop é uma ferramenta, digamos assim, é uma equipe de reportagem que está ali, claro, mas é uma alternativa que a gente tem pra conseguir reforçar essa checagem. Tem essa linha tênue entre vc ter essa ansiedade e a necessidade de noticiar aquilo muito rápido e a responsabilidade de ter o cuidado com a informação, daquilo não ser uma fake News. Não existe uma regra. As vezes acontecem os erros e vc tem que se corrigir. Se for ao vivo, se for numa reportagem, se for no jornal seguinte, tem que ter essa correção porque é uma responsabilidade muito grande dar esse tipo de notícia, fazer uma acusação, mostrar uma acusação, uma denúncia e se aquilo não for verdade é muito grave.
Pergunta 9 (Roteiro)
Eu acho que é mais uma forma de auxílio pros jornalistas porque o OTT, ele faz um trabalho jornalístico também, de checagem daquele material que chega, daquele relato. É um colaborativo, mas um colaborativo que eles têm esse trabalho de checagem, muitas vezes. Mas também é uma questão que a gente tem que ter um cuidado porque eles também erram. São pessoas que estão ali mandando. Qual é a diferença da apuração deles pra nossa, pra da produção quando recebe esse fato, esse vídeo, essa notícia de que está tendo um tiroteio numa região x? Eles checaram como a gente? Será que eles checaram? Será que só divulgaram no Tweeter, no aplicativo deles? Eu acho que eles têm um papel importante. A gente usa até uma forma de confirmação. A gente recebe mensagem no Whatsapp, as vezes eu entro até no Tweeter do OTT ou do Fogo Cruzado, que é um similar, realmente, eles colocaram que tá tendo tiroteio, que teve tiroteio tal hora, eles colocam o horário também né? Teve tiroteio tal hora na localidade tal. É mais uma (procura palavra para qualificar) fonte de informação e as vezes de confirmação porque a gente coloca de onde a gente tirou aquela informação. A gente fala. Olha, a gente recebeu relatos de moradores dizendo que tá tendo tiroteio no lugar x. Nas redes sociais, a plataforma de dados Fogo Cruzado, a plataforma de dados Onde Tem Tiroteio também registrou essa situação e a gente está tentado contato com a polícia militar pra confirmar, pra saber o que aconteceu. Com a polícia civil, com quem quer que esteja ali envolvido naquela ocorrência.
Pergunta
É simplesmente uma fonte ou hoje o OTT tem um status diferente ou mais elevado do que uma simples fonte?
Acho que começou tendo esse papel de confirmação, mas eu acho que hoje passou a ser mais uma fonte. O peso do OTT, do Fogo Cruzado é ser mais uma fonte porque eles também trabalham com dados. Principalmente o Fogo Cruzado se não me engano, eles fazem levantamento de dados. Na região metropolitana foram registrados tantos confrontos nos últimos 3 meses. No último mês, a gente teve cinco ocorrências de tiroteios numa mesma região. Eles fazem esse levantamento de dados, de acordo com o que eles recebem, um balanço do que eles recebem. Isso vira uma fonte pra gente. Mas tudo segundo a plataforma X, tiveram tantos tiroteios no lugar X, no período tal. Em termos de registro de tiroteio, no que está acontecendo agora, vira mais uma fonte. Agora, se tem um levantamento deles, aí vira uma plataforma de confirmação.
Pergunta 10 (Roteiro)
Acho que a gente ganha mais uma forma de mostrar aquilo que está acontecendo e que, as vezes, a gente não teve acesso e que, as vezes, a gente não teve como estar naquele lugar, ou como ter o contato com alguém que esteva naquele lugar, que tá naquele lugar no meio daquela situação. Acha ganha mais uma (pensativa), não sei se é esse o termo, uma opção de material pra usar naquela reportagem.
Pergunta

Os jornalistas confiam nessa ferramenta?
Eu acho que em grande parte sim. Até porque a gente sabe que algumas dessas plataformas são feitas por jornalistas. Existe um grupo de jornalistas que trabalha naquela plataforma pra também ter o papel de checagem. A gente já fez algumas reportagens, entrevistas ao vivo com representantes daquela plataforma. Eu já entrevistei uma, não lembro o que ela era do Fogo Cruzado, mas ela era uma das responsáveis pela plataforma e eu até tirei essas dúvidas com ela. A gente vê a plataforma, mas não sabe o rosto de quem está por trás. Quem está ali fazendo aquilo né? É importante a gente saber que também tem jornalista ali trabalhando pra pegar aqueles dados, pegar aquela informação e checar se for o caso.
Pergunta 11 (Roteiro)
Tem, eu acho que tem. A gente parte do princípio que o OTT também teve o trabalho de checagem. Por eles serem uma plataforma que tem um nome, que hoje em dia tem um peso muito grande. A gente tem isso também até com os jornais de bairro aqui no Rio de Janeiro. A gente tem muitos jornais, muitas páginas de jornais locais, o Voz da comunidade, por exemplo. Também vira um grande parceiro nosso em determinadas situações porque a gente sabe que eles têm um trabalho jornalístico. Que eles receberam aquela imagem ou que fizeram aquela imagem, mas também tiveram o trabalho de checar. Tem uma diferença de vc receber aquele material de uma plataforma, de um veículo jornalístico, mesmo que menor, de bairro, que ceda essa imagem pra gente do que de uma pessoa que a gente não conhece. Que a gente não sabe se é simplesmente alguém que está repassando, se é simplesmente alguém que se enganou, se é alguém que não confirmou aquilo e aquilo é uma fake News. Acho que tem essa diferença.
Pergunta 12 (Roteiro)
Às vezes, aquele vídeo não é exclusivo daquela plataforma. Às vezes, aquela plataforma também pegou um vídeo que tá viralizando e aí, a gente também recebeu aquele vídeo. Se a gente recebeu o mesmo vídeo sem a marca d´água, a gente sabe que não é um vídeo exclusivo deles. Como é algo que está circulando na internet, a gente acaba tendo o direito de poder usar essa imagem que está circulando na internet, que está num ambiente público nos jornais. Agora, se é um vídeo exclusivo deles, só eles têm, só eles receberam, a gente tem essa responsabilidade de usar com crédito.
Pergunta 13 (Roteiro)
Eu acho que sim. Acho que é um dilema que a gente coloca tudo na balança. A responsabilidade, a ética, a ansiedade jornalística. (Risos) Às vezes é uma coisa que a gente quer noticiar, nossa senhora, todo mundo precisa ver esse vídeo, mas ao mesmo tempo vem o peso da responsabilidade. Eu não tenho a certeza se esse vídeo é daquilo, é de hoje, foi filmado por uma testemunha realmente. Vc acaba colocando na balança essa situação. Acho que a gente vive esse dilema e é o dilema da responsabilidade né? (Risos) É o dilema que qualquer cidadão acaba tendo que ter antes de repassar qualquer vídeo pelo Whatsapp. A gente tem essa responsabilidade. Tem uma campanha muito grande de Fake News pelas redes sociais, principalmente em época de eleição, e eu acho que o trabalho jornalístico é isso em dobro, e triplo, em dose tripla, de vc ter essa responsabilidade. A sua profissão, ela existe pra ter a função de checar aquilo que está acontecendo. Se for simplesmente receber um vídeo, receber uma imagem e publicar aquilo, porque vc é jornalista né? Vc tem essa responsabilidade, vc tem esse peso da profissão justamente pra checar e pra saber como noticiar aquilo. Pra poder dar os dois lados, pra poder dar o contraponto e, principalmente, pra poder checar a imagem. A gente vive esse dilema porque as vezes vc recebe um vídeo muito bom, que relata muito bem aquela notícia, que vai dar um peso enorme pra sua matéria e, dependendo da situação, claro, vc não vai conseguir usar, não vai poder usar porque vc não conseguiu checar aquela informação. Às vezes é até frustrante. Mas é uma responsabilidade que a gente assume.
Pergunta
Essa checagem leva muito tempo, é muito trabalhoso?

Depende (risos). Depende da situação (risos). Depende se vão te atender rápido ou não. Depende da hora que vc recebeu aquilo (risos). Depende do tempo que vc tem pra colocar aquilo no ar. Durante o jornal, vc vai usar aquilo ao vivo ou pra um VT mais tarde? Depende de quanto tempo vc tem até que aquilo possa ser usado (risos). Mas eu diria que na maioria das vezes é trabalhoso. É trabalhoso sim. Vc tem que ter essa responsabilidade, ter esse cuidado.
Pergunta 14 (Roteiro)
Eu acho que já foi visto com mais implicância, digamos assim, pelos jornalistas. Hoje em dia, a gente já enxerga isso como uma coisa essencial. Como uma coisa que a tecnologia e que a sociedade nos exige. A gente vai mudando ao longo do tempo, as coisas mudam. Antigamente, a gente tinha um cuidado muito grande com a forma, de como aquilo ia ao ar. Se aquela imagem estava com uma boa qualidade, se aquele áudio estava com uma boa qualidade e hoje em dia não. A mensagem que aquele vídeo transmite é muito mais importante do que a forma como aquilo está aparecendo. Até volto a dizer. Às vezes um vídeo tremido, narrado por alguém no meio do tiroteio, é muito mais impactante do que se fosse uma imagem paradinha. Aquele vídeo tremido da pessoa correndo no meio do tiroteio, aquilo ali é a realidade. Aquilo é a ação do momento. É daquela forma que vc vai conseguir transmitir a sensação do que é aquilo pra quem está assistindo.
Pergunta
Isso do ponto de vista técnico. Não fica claro pro telespectador que, quanto mais o jornalista usa essas imagens, é que ele tem menos braço pra ser jornalista?
Eu não sei. Eu até gostaria de pensar um pouco mais sobre isso. Mas, eu acho que pode ser visto por outro lado. Acho que isso pode até aproximar as pessoas, o telespectador daquele jornal. Vc não tá colocando a pessoa que tá filmando aquilo pra trabalhar de graça pra vc. O intuito não é esse. Nem é isso que a gente exige. Filma aí pra mim porque eu não tenho equipe pra ir pra aí. Não é bem isso. (Pensativa) É vc deixar claro que precisa daquele vídeo porque vai ser muito mais rápido. Porque na hora que vc manda uma equipe lá o tiroteio já acabou. Existe uma questão de logística. As pessoas que assistem podem entender isso também. Tá acontecendo agora. Até chegar uma equipe de reportagem lá, o fato já acabou, já mudou tudo. A pessoa não vai chegar a tempo, vai demorar muito, o jornal já vai ter acabado, não vai mais entrar ao vivo. Certas pessoas podem até olhar isso de uma maneira negativa porque nada vai ser unânime, mas eu vejo isso e muitos colegas de profissão também veem isso como uma forma a mais de ter como noticiar aquela situação. De ter até uma parceria, uma proximidade com aquelas pessoas. Vc vai falar do tiroteio. Olha, tá tendo um tiroteio na Praça Seca e eu tô ao vivo na esquina do Leblon. Não tem barulho de nada, tá tudo tranquilo, tudo lindo. Aí, eu recebo um vídeo de uma morador que está preso dentro de casa, que não consegue sair por causa do tiroteio, pá, pá, pá. Aqui ali é muito, muito mais importante do que eu parada numa esquina. A gente não está no lugar do tiroteio, mas vou falar que está tendo um tiroteio porque a gente soube. É o peso né? Eu acho que as pessoas enxergam, até de uma maneira geral, como uma forma positiva. Se isso não fosse positivo, a gente não receberia tantos vídeos, tantas mensagens, tanta participação do telespectador. Os apresentadores do BDRio, o Flávio Fachel e a Silvana Ramiro, eles falam isso. Uma expressão que eles usam muito ao longo do jornal. Vc pode participar do jornal com a gente. Vc faz o BDRio. Vc pode dizer o que é notícia onde vc tá. Participa com a gente. Vc não tá dizendo pra pessoa trabalhar pra vc, não é isso. Mas vc está dizendo pra aquela pessoa participa, é importante a sua participação. E dá o número do Whatsapp que é por onde as pessoas mandam. Usam a hastag nas redes sociais. Isso é visto, na maioria das vezes, de forma positiva.

Transcrição entrevista jornalista 5 23/02/2021 – 13h BR

- Sou editor de texto, exporadicamente sou editor-chefe em plantões ou quando substituo o editor-chefe oficial.
- Nessa função de editor de texto, 10 anos. Não efetivado, como estagiário, mas já exercendo a profissão de editor mais dois anos na emissora anterior. No total, 12 anos na função de editor de texto. Como jornalista formado 13 anos. Na área, contanto os estágios, vai pra 18 anos.
- 38 anos de idade
- Formado em Comunicação Social/hab. Rádio e TV e hab/Jornalismo. Comecei rádio e TV na Casper Líbero em São Paulo e terminei na Facha aqui no Rio e Jornalismo também aqui na Facha.
- Descrição profissional – O editor de texto, basicamente, é a finalização de um jornal. A gente é reponsável por pegar tudo aquilo que foi feito durante o dia todo, desde o que sai na apuração, alguma informação,, depois passando pela produção na hora de criar uma pauta. Depois todo o material que vem do repórter. Aí depois, a produção final passa pelo editor de texto. Então, a finalização, o final, o produto final e a edição de texto, junto com o editor de imagem.

Pergunta
Vc também interfere no que é escrito e na escolha das imagens?
Totalmente, totalmente. O editor de texto, ele é o filtro final do que vai ao ar. Algumas vezes pode ter um filtro posterior quando é alguma reportagem mais delicada, que exige alguma informação mais de conteúdo. Se tiver tempo, se a matéria for importante, o editor de texto também revisa, não é sempre que acontece no jornalismo local. Porque é muito dinâmico, é muita coisa pra ser vista. Ou o editor-chefe ou o editor de redação, as vezes, pode assistir o material que a gente faz por último. Mas, no geral, sei lá, durante uma semana, 99,98% o crivo final é do editor de texto. Então, é muita responsabilidade (enfático).
Pergunta 1 (Roteiro)
Primeiro eu vou te falar o que é a realidade hoje em dia. Eu fiz até um dever de casa do que eu fiz hoje, por exemplo. O que eu editei hoje de reportagens, links ao vivo e vou te falar que mais de 70% do material que eu editei hoje tinha alguma imagem de câmera de segurança ou de cinegrafista amador, de cidadão comum, de telespectador que envia essas imagens pra gente. Essa é a realidade de hoje em dia. É indispensável. É indispensável vc não usar material de cinegrafista amador ou de câmera de segurança hoje em dia. Vc não vai ter um jornal, em nenhum canal pelo menos que eu conheço, vc não vai ter um jornal se vc não exibir essas imagens. Agora, o que eu acho? Eu acho que pela vivência do dia a dia, hoje em dia ela é essencial. Se é o melhor caminho? Acredito que sim também. Porque, antigamente, não eram muitos locais de tinham câmera de segurança, por exemplo, e nem todo mundo tinha acesso a uma câmera pra filmar. Então, a gente ia muito pelo que o repórter dizia. Mas, agora não. A gente está vendo a imagem. É claro que a imagem pode mentir também, muitas vezes não vale nem como prova de vc de alguma maneira vir que aquela imagem teve alguma edição, por isso, sempre tem que passar por um perito. Mas, a princípio, ela vale mais como instrumento de comunicação do que só uma imagem de arquivo ou a imagem de uma fachada de uma delegacia pra contar a história. Então, vc tá vendo a matéria acontecendo in loco, ali.
Pergunta 2 (Roteiro)

Se eu te falar que não é 100%. 100% é um número muito alto né? Mas no jornalismo diário, pelo menos o que eu fiz hoje, o que não era usado, eram matérias que não eram factuais de violência por exemplo. Uma que eu não usei: chegada dos insumos da vacina. Não precisa porque a equipe pode ser liberada pra fazer essas imagens. A volta da vacina em Caxias, a vacinação de idosos em Caxias, a volta. Foi um link ao vivo, então, não precisou. Mas, por exemplo, teve uma reportagem hoje que foi um garoto de 14 anos chamado Raí, que morreu em Campinho, num tiroteio, num confronto entre policiais e traficantes. A matéria, pra não dizer que tinha 100%, tinha a passagem do repórter. Só a passagem do repórter que não era vídeo amador, vídeo de cinegrafista amador. E a entrevista com o primo dele, com blur, que foi nossa equipe que fez também, mas poderia não ser porque muitas vezes a gente pede pra enviar também. No caso hoje, foi. A reportagem tinha 4 minutos. Eu usei, pelo menos, uns 20 vídeos. O que teve hoje? Ônibus incendiado, protesto de morador de ônibus incendiado, protesto com pneu queimado, deslocamento da polícia pela comunidade. Tudo isso só é possível com os vídeos amadores. Se tiver no asfalto, como a gente costuma dizer aqui no Rio, se não tiver na parte alta, se tiver na parte baixo o ônibus queimado, a gente até poderia conseguir. Não sei se a gente ia ter tempo disponível pra chegar até lá e o ônibus estar queimado ainda. Mas pra subir na comunidade, cada vez as redações têm muito (pensativo), elas evitam, por questão da violência também. Então, são imagens que a gente só vai ter acesso através do moradores que estão lá. Cada vez menos a equipe de reportagem sobe os morros. Por questão da violência, por questão de se resguardar e agora também por questão da pandemia. Então, dessa reportagem de 4 minutos, acho que 3 minutos e 10, 3 minutos e 20 era de vídeo amador. Mais ou menos uns 20 vídeos. Pra vc ter uma ideia do que a gente usa no dia a dia. A gente em um quadro chamado Giro de Notícias. São notícia que valem nem que seja uma nota coberta, é fraco pra ter um LOCV. Basicamente, vc une três notícias e faz um giro. São três assunto. Nos três assuntos hoje, os três assuntos que eu fiz no giro eram de cinegrafistas amadores. Até mesmo prisões. É sempre um cinegrafista amador que faz também a prisão com imagem da polícia. Então, eu te diria que 80% do material que a gente coloca no ar é de vídeo amador, hoje em dia.
Pergunta
Queria que vc me detalhasse os jornais para os quais vc trabalha, a característica desses jornais. E também, por duas vezes vc disse só hoje o que eu fiz. O que é essa quantidade que vc fez?
Posso. Eu trabalho no jornal Balanço Geral Manhã da TV Record, a filial aqui do Rio de Janeiro da Record TV de São Paulo. É um jornal local que começa às 6h30 da manhã. É o primeiro jornal da casa no dia. Vc quer que eu detalhe o que eu fiz hoje? Foi uma reportagem de 4 minutos, minha reportagem principal do dia foi essa. Foi a retranca, o nome da matéria que a gente chama aqui no Brasil, PROTESTO/CAMPINHO. A partida foi a morte dos menino, mas tiveram muitos protestos violentos né? Isso gerou uma reportagem de 4 minutos. O que o repórter fez? O repórter não foi até Campinho. A gente foi um motolink, que é um profissional com uma moto e uma mochila e uma câmera. Ele foi mais cedo pra cobrir o resquício já desses protestos. Nem quando ele chegou, não tinha mais. Algumas vezes, o motolink, com moto, até consegue chegar quando tá acontecendo mesmo o tiroteio, chegar quando tá acontecendo o protesto violento, mas não foi o caso hoje. As imagens do nosso motolink, que foi um pouco mais cedo, por volta de 6h, 7h da noite, entre 5h e 7h da noite, foram imagens da fachada da delegacia e as entrevistas, sonoras como a gente chama com os parentes. Nosso repórter da madrugada, que sai às 4h30 da manhã e entra por volta de 10h da noite, 10h30, ele só fechou a reportagem. Ele pegou todo aquele material, algumas coisas já estavam decupadas, a sonora do primo da vítima já tava decupada, não sei se foi algum estagiário, mas já tava decupado o que ele tinha. Ele deu uma olhada nos vídeos e o que ele fez? Ele só fechou. Ele finalizou ele material todo. Esses 20 vídeos que a gente tinha, a foto do garoto, o material do motolink que foi feito mais cedo. Hoje

foi o caso de eu chegar e só aprovar o texto dele, mas muitas vezes, nós mesmo os editores de texto, pergarmos esse material todo, esses vídeos todos e escrever pro repórter colocar a voz dele, pra ele gravar. Isso é muito comum. Essa foi a minha reportagem principal. Gerou uma reportagem de 4 minutos pro local e uma de 2'30 pro Fala Brasil que é o nosso repórter...esqueci, edito também pro jornal de rede que é o Fala Brasil, que é feito em São Paulo. Gerou uma reportagem de 2'30 pro Fala Brasil. Além disso, a gente faz o stand up no começo do jornal, um chama dessa reportagem, que deu 1'10, 1'20 mais ou menos. Além disso, fiz dois links que não foram usados material de amador, que foram das vacinas, a gente usou imagem de arquivo das vacinas que a gente tinha. Hoje iam chegar novas vacinas aqui no Rio pra Fiocruz. Uma é a volta da vacinação em Caxias que foi nosso link ao vivo. Um outro link sobre o Daniel Silveira, que o conselho de ética ia começar o processo dele junto com a Flor de Lis, então, eu usei imagens de arquivo também. Tanto do Daniel Silveira quanto da Flor de Lis. Isso foi o que eu não precisei de amador. Mas o resto todo foi amador. Teve um LOCV FORAGIDO/PRESO/HOSPITAL que foi um cara que tava na Ilha do Governador, ele tava foragido da justiça já há 3 ou 4 anos, ele precisou fazer uma cirurgia de apendicite e aí foi preso nessa cirurgia de apendicite (risos) com documento falso. A gente tinha imagem dele sendo levado, que um cinegrafista amador fez. Muitas vezes, o cinegrafista amador são os próprios policiais, muitas vezes é material cedido por esses policiais também. Ele sendo conduzido pro hospital onde ele ia ficar internado, mas agora preso. Um outro foi a sonora do governador em exercício. Só que não foi por um canal oficial nosso. Ele gravou a imagem e mandou pra gente. Talvez a equipe dele seja profissional, mas chegou pra gente de forma não oficial, não pelos nossos profissionais pelo menos. E esse giro que são 3 assuntos e os 3 tinham vídeos e fotos também amadores, principalmente vídeos. Até procurei o material pra eu ver ontem, mas foi muito parecido. Acho que ontem teve mais coisa ainda do que hoje. Basicamente, 70, 80% do que eu faço, eu uso algum vídeo de cinegrafista amador ou de câmera de segurança.

Pergunta 3 (Roteiro)

Totalmente. Mas vai muito de emissora para emissora, como elas utilizam esse material. O que tem acontecido, posso falar que emissora que eu trabalho, o que tem acontecido nos últimos anos. A Record, antigamente, sempre se destacava por isso, por mostrar, até mesmo no Cidade Alerta com o Marcelo Rezende, em São Paulo continua até um pouco a ser assim, mostrar imagem mais forte ainda. Depois com o Wagner Montes que mostrava imagem, mostrava o preso. Mas, a Record, ultimamente, tem tido muito dedo e tato pra não mostrar alguns tipos de imagem. Essa semana eu editei uma imagem que foi um assalto, câmera de segurança, um assalto a um guarda municipal. Dois caras chegaram numa moto, renderam ele e pegaram a mochila dele. Quando os caras viraram as costas, ele tava armado e começou a atirar nos dois. Um deles conseguiu fugir, um dos bandido e o outro levou 3 tiros. No momento que ele cai, tem um outro ângulo de outra câmera, ele cai, esse momento a gente não mostrou. É o momento que ele cambaleia um pouquinho, bate a cabeça na parede, tá tentando pegar a moto dele e ele para, e ele morre nesse momento. Pelo menos parece ter morrido naquele momento. Aquele momento que ele cai e vai mostrar por outro ângulo, a gente freezou. É uma imagem forte. É um flagrante bom pra gente mostrar, um flagrante da violência. Bom não sei em que sentido né? Até que ponto é bom isso (sorriso tímido), mas pra gente mostrar, é uma imagem, valeu a pena até aquele momento. Depois de um momento, a gente escolheu não mostrar mais. Isso tem acontecido muito, tá. Antigamente não era. Eu já vi algumas imagens que a gente mostrava o momento do tiro, se não tivesse mostrando o sangue, se não tivesse tendo uma imagem chocante, a gente mostrava. Mas, hoje em dia, o momento do tiro, por exemplo, a gente não mostra. Outra coisa que a gente não mostra mais, que está proibido mostrar na emissora, é corpo. Não pode mostrar o corpo de ninguém, o corpo morto no caso, o defunto mesmo. Nem com blur, nem desfocado. Antigamente, a

gente costumava usar desfocado, hoje em dia não. Antigamente, a gente também usava com aquele saco plástico preto. Nem assim mais a gente está usando. E sangue também não. Se tiver uma imagem com sangue, a gente evita usar essa imagem.
Pergunta 4 (Roteiro)
Absolutamente. Absolutamente importante. Não só no local, mas que a gente está falando do local. É porque tudo começa no local. Até a gente decidir o que vai ser rede. Muitas vezes passa pelo crivo do local até chegar na rede. Mas eu diria que no jornalismo local que se usa da comunidade, que se usa dos moradores e dos telespectadores pra produzir o conteúdo, acho que é fundamental.
Pergunta 5 (Roteiro)
Elas vão te dar uma noção maior da realidade e uma veracidade também. Se vc não tem o flagrante, vc vai ter que usar algum artifício pra vc cobrir a sua reportagem. Televisão é imagem. Vc vai poder dar a sua informação, não importa de que maneira. Não importa se vc vai dar uma nota pelada, uma nota coberta, se vc vai dar uma fachada, uma imagem de arquivo. De alguma maneira vc tem que dar a sua informação. Porque se vc não der, a sua concorrente vai dar. Ainda mais quando é um factual, uma notícia que está acontecendo agora. Todo mundo vai dar, a gente vai ter que dar. O que vai diferenciar um veículo do outro são as imagens que a gente tem. A qualidade daquela reportagem são as imagens que vc vai ter. E o flagrante conta com um material muito rico porque vai dar aquela veracidade pra sua informação. Trabalhar só com fachada de delegacia ou com imagem de arquivo ou fachada de hospital se torna cansativo pro público também. Uma imagem de um morador fazendo um tiroteio, um barulho de um tiroteio e ele demonstrando a reação dele, isso vai ser muito mais importante, muito mais útil do que mostrar só a fachada de uma comunidade e eu te contar que teve um tiroteio ali. Vc está vendo o tiroteio. Vc está ouvindo o tiroteio. Tá vendo bala traçante passando. É a verdade nua e crua, né? Com provas.
Pergunta
Vc consegue explicar melhor que qualidade é essa de que vc está falando?
Eu usei qualidade mesmo, mas é ao contrário. De qualidade técnica, não. Porque a maioria dessas imagens não são de profissionais. (Risos) Tecnicamente, a qualidade não é boa. Mas eu tô falando da informação jornalística que vai passar, a veracidade que vai passar. São os flagrantes das pessoas que estão vivendo aquele dia a dia, no momento em elas acontecem. Qualidade que eu digo é isso, de veracidade de informação. De ser crível aquela reportam, aquela matéria que vc está fazendo. Tecnicamente, não. Tecnicamente é o contrário, é pior.
Pergunta 6 (Roteiro)
Tem muitas maneiras. A gente tem um canal pelo Whatsapp que o telespectador pode mandar essas imagens. Além disso, elas podem vir pela polícia também. A polícia faz muita imagem e manda pra gente na camaradagem, muitas vezes em off também. Além disso tem as páginas. Hoje em dia, o jornalismo se tornou...um acesso muito universal. Vc tem os canais de YouTube, as páginas de Facebook, as páginas do Instagram das comunidades. Por exemplo, tem da Tijuca, alerta tijucano, tem da Baixada. Então, ali eles postam, nessas páginas de bairro, são moradores que fazem jornalismo local, até mesmo até profissionais né? Eu já vi até profissionais fazendo essas próprias páginas dos bairros. E ali daquelas páginas dos bairros a gente tira alguns vídeos e informações também. Ali está o contato dessas pessoas que a gente pode acessar pra obter alguma informação. Algumas vezes, elas vêm com o nome da própria página e isso não redime a gente de usar, não. Eu sou da opinião que se a pessoa tem o direito daquela imagem, a gente tem que usar. Mesmo que seja de outra página ou até mesmo pelo OTT que é um aplicativo, um site, um grupo de Whatsapp também que tem muitas imagens. A princípio, a gente sempre tenta obter a imagem sem o logo desses locais pra dar uma credibilidade maior como se a gente tivesse “conseguido” por meios próprios aquela imagem. Mas, se não tiver jeito, e a gente tiver que dar alguma coisa no ar, o importante é vc

dar aqueles vídeos, mais do que a quem vc vai creditar ou não. Então, é isso. Canal do Whatsapp pro telespectador, policiais, fontes né? A boa e velha escola do jornalismo, nossas fontes. Cada jornalista tem as suas fontes e eles mandam também alguns vídeos. Se eu lembrar mais algum, eu te falo (risos).
Pergunta 7 (Roteiro)
Então. Geralmente, todo mundo usa a mesma imagem. Por exemplo, tem um tiroteio no Campinho. A gente sempre tem que se preocupar pra ver se aquele tiroteio não foi um tiroteio antigo ou não. Muitas vezes, a gente vê a mesma imagem em muitos lugares diferentes e muitas vezes a própria pessoa fala, oh, eu fiz essa imagem, te manda essa imagem e, de repente, a gente vê aquela imagem em outro lugar, o que é muito comum. Aí, a gente não vai usar aquela imagem. Por exemplo, hoje nos vídeos que eu fiz. Todo mundo fez aquela imagem do ônibus pegando fogo. Algumas emissoras conseguiram fazer a imagem lá mesmo. Então, foi atestado que aqueles vídeos que chegaram depois foi daquele momento. Pelo local, as pessoas conhecem o local. Por ser um jornalismo local, a gente trabalha com pessoas que moram na região. Então, conhecem a região onde aconteceu aquele material. Quando é da polícia, aí é mais confiável. É o policial que tá mandando o flagrante da prisão ou o flagrante de alguma operação. Então, isso que atenta a veracidade. No caso da polícia por ser um material enviado por um policial. E se for um morador, a gente tem que verificar se esse vídeo já não foi usado em outro dia e se é naquele lugar mesmo onde aconteceu. Geralmente, sempre vai ter alguém que vai conhecer o vídeo, de onde ele está sendo feito, se é naquele local mesmo, se aconteceu alguma coisa por ali. E aí, quando a gente recebe o vídeo, cabe a nossa apuração sempre checar com as fontes oficiais se teve tiroteio ali mesmo naquele dia, se alguém morreu, se teve algum protesto, sempre tem que ser verificado. Vc não pode dar, é irresponsabilidade sua vc dar qualquer vídeo que chega no seu Whatsapp ou de algum telespectador pra vc dar. Não. Ela tem que ser conferida, ela tem que ser checada. Aí é o nosso trabalho, da nossa produção e da nossa apuração. Tem que ligar pros batalhões da área, pras delegacias, pra verificar se realmente isso aconteceu.
Pergunta
Sempre se consegue essa confirmação com uma fonte oficial?
Não. Muitas vezes a gente não consegue e quando a gente não consegue, a gente não pode dar a imagem. Simples assim. Se a gente não tem uma verificação oficial ou de alguém que vc tenha credibilidade, uma pessoa que vc conheça que saiba que aconteceu algo naquele lugar, que aquilo realmente aconteceu...como a gente mora por aqui, sempre vai ter alguém que vai ligar. Tá tendo tiroteio aqui, se chegar alguma coisa aí é bem provável que seja verdade, mas mesmo assim, sempre é bom ir por uma fonte oficial também pra ver a veracidade daquelas imagens. E outra, a gente tem também alguns telespectadores que já são nossas fontes, que a gente pode confiar né? Que a gente já trabalhou anteriormente e é assim que era feita a televisão antigamente, quando não tinha essa quantidade enorme de vídeos. Eram as fontes. A gente tem que confiar muitas vezes nas fontes que a gente tem, mas principalmente a oficial.
Pergunta 8 (Roteiro)
Não, não é. Sabe por quê? Porque o jornalismo, a televisão é feita por humanos. Tudo o que envolve humanos pode dar erro. Máquinas também, só que foram feitas por humanos. Mesmo com toda a calma, com o trabalho que a gente tem, com toda a delicadeza, pode ser que ainda passe alguma imagem que a gente não deveria ter mostrado ou porque não é verdade, ou porque não é daquele dia ou porque alguém poderia correr um risco mesmo, porque a gente não poderia ter mostrado aquela imagem. Já aconteceu. Infelizmente, já aconteceu. Aí, o que acontece? (Risos) A gente pode tomar um processo, a gente tem que arcar com os erros disso. Mas, acontece. É formado por humanos, gente e gente erra.
Pergunta
Vc consegue lembrar de algum exemplo que tenha dado errado?

Não consigo. Mas, talvez, de um vídeo (pensativo) acho que eu já vi acontecer em algum momento isso. A gente exibir um vídeo, a gente tinha a certeza de que tinha mesmo um tiroteio naquele lugar, mas o áudio que vc ouvia atrás, era naquele lugar onde teve tiroteio mesmo, mas era de um tiroteio antigo. Alguém chegar e dizer, pera aí, eu já ouvi esse áudio em pelo menos umas 3 reportagens (risos). Ou seja, o tiro aconteceu naquela localidade, mas aquele vídeo que a gente exibiu não era daquele lugar. Isso já aconteceu.
Pergunta 9 (Roteiro)
O OTT é como se fosse um wikipedia dos jornalistas né? Porque ele é um grupo colaborativo. Eles têm a sua equipe, mas assim como o wikipedia, todo jornalista pode contribuir e eles também têm esse papel de verificar a veracidade dessas imagens, dessas informações. Então, muitas vezes a gente se baseia nessas imagens porque tem outros jornalistas que também estão checando ali dentro. Então, é uma questão de colaboração. Eu costumo dizer isso, que o OTT é como se fosse um wikipedia dos jornalistas. Mas não têm só o OTT, tem outros aplicativos, o Fogo Cruzado, os próprios sites dos bairros como eu te falei. O OTT não é a única fonte, talvez seja a mais conhecida. Eles também fornecem listas de quantos tiroteios tiveram em cada bairro. Eles são mais organizados né? Por ser formado por profissionais, eles têm uma organização maior do que outros aplicativos ou outras páginas né? Tanto que eles fazem rankings de bairros onde mais tiveram tiroteios. Tanto aqui no Rio como em São Paulo eles também começaram. É daí que vem essa credibilidade do OTT, porque é formado por uma junção de todos os jornalistas, tanto da mídia impressa, televisiva, rádio. Daí que vem essa credibilidade.
Pergunta
Qd vc fala é formado pelos jornalistas, vc está se referindo ao que é comentado no grupo dos jornalistas ou no próprio aplicativo?
No próprio aplicativo tem profissionais de comunicação.
Pergunta
Como usuário ou como administradores?
Não, administradores. Usuários também porque é feito para os jornalistas, mas o foco não são só os jornalistas. Talvez o grupo que a gente tem no Wahtasapp é formado principalmente por jornalistas. Não sei se tem alguém ali que não seja de mídia, de algum outro setor, mas principalmente profissionais de comunicação. Mas tem o site. O site pode ser acessado por qualquer pessoa.

Pergunta 9 (Roteiro)
Como eu te falei. O OTT não é a única fonte, mas é uma fonte muito rápida. Por ser colaborativa, ela é uma fonte muito rápida de informação. Cada TV tem a sua área de produção, de apuração, mas são só aqueles profissionais. O OTT é uma junção de todos os profissionais. O factual pelo menos, aquele tipo de reportagem que todo mundo vai dar, que é o que aconteceu, que não passa por furos de investigação que possa ter. O fato, morreu tal pessoa, em tal lugar, tal hora. Aquele factual que todo mundo vai dar. Na intensão do factual, ele é muito rápido. Muitas vezes, a gente fica sabendo antes de toda a nossa apuração através do OTT. A gente sabe antes pelo OTT o que aconteceu. Porque são os profissionais de todas as emissoras juntas. É como se fosse uma grande apuração. E muitas vezes esses vídeos são cedidos por esses profissionais todos que estão no OTT.
Pergunta
Essa agilidade se reflete da produção da notícia?
Sim, agiliza. Eu tinha falado dos profissionais de comunicação que estão nesse grupo do Whatsapp, mas o OTT também é colaborativo. Os usuários e os moradores, os usuários do aplicativo, do site e os moradores, os telespectadores dos vídeos, a audiência pode contribuir. É com isso que ela tem a credibilidade que aquilo está realmente acontecendo. É como acontece hoje em dia em vários aplicativos. Como o Waze que todo mundo sabe onde está um acidente acontecendo porque muita gente está falando daquele acidente em tal lugar. Eu não sei como

funciona tecnologicamente porque não sou profissional de TI, mas tem que alcançar um certo nível de informações pra que tenha credibilidade aquela informação que é passada. Então, é nisso que se baseia o OTT, assim como outros vários aplicativos colaborativos. O Waze...enfim, esses aplicativos que todo mundo contribui para formar e dar veracidade e credibilidade às informações.
Pergunta 10 (Roteiro)
Há uma diferença pelo tamanho que o OTT alcançou, tanto que eu falei que ele já se expandiu pra São Paulo. Acredito que já deva ter em outra capitais também. Que eu saiba, a última foi a expansão pra São Paulo. Então, eles tem uma rede de colaboradores, de audiência, que ajuda a produzí-lo muito grande. Os jornais de bairro ficam limitados mais ou menos àquela região, mas também passa pela mesma ferramenta que o OTT, que é a colaboração. Os moradores também fazem parte daquela página. Eles seguem aquela página, eles curtem, eles dão veracidade àquele lugar, àquela página que eles estão falando. É o tempo todo, realmente, tá tendo tiroteio aqui na minha rua, tá tendo tiroteio aqui perto da minha casa. Aquilo já ganhou uma credibilidade porque as pessoas já sabem onde ir. É como se hoje em dia o jornalismo fosse formado, basicamente e se for falar em percentagem, por uma grande parcela dos telespectadores que ajudam, que contribuem para formar a comunicação, a reportagem hoje em dia.
Pergunta
Pelo que entendo, é a quantidade de confirmações que gera a confiança no jornalista de que determinado fato comunicado no OTT está ocorrendo de verdade e que o jornalista tenha a confiança de que aquela imagem cedida pelo OTT é daquele mesmo evento?
Exatamente. E a credibilidade, né? Ele passa credibilidade por isso que vc falou, pela rede de colaboradores que ele tem, pelo tamanho do que ele se tornou. Mas além do OTT tem o Fogo Cruzado, tem outros também, eu não vou me lembrar. Era o que o ISP faz há muito tempo. A rede que ele criou pra fazer aquele determinado levantamento dos crimes, dos fatos, das ocorrências, que dá credibilidade pra ele. A não ser que tenha um surto coletivo que 20 mil pessoas no bairro comecem a inventar (risos) uma loucura, que eu não acho impossível. Pode acontecer, mas é difícil. Um devaneio coletivo, todo mundo mandando pra tal pessoa, enfim (risos). Acho difícil. Mas, basicamente, é isso.
Pergunta 11 (Roteiro)
Eu espero que, quando tenha uma imagem cedida pelo OTT, isso esteja creditado porque isso já deu problema com a gente né, de não creditar. Mas não foi assim de uma maldade. Alguém pegou, na hora esqueceu de creditar. Mas a regra é: a gente sempre tem de creditar quem cedeu aquela imagem. Muitas vezes a gente usa com o selo do OTT porque só o OTT disponibilizou até agora. Outras vezes, na camaradagem, a gente pode até pedir pra eles pra ceder sem o logo, sem o selo, e a gente dando o crédito. E aí, espero que a gente dê o crédito mesmo. E muitas vezes a pessoa conseguiu aquela imagem por outras fontes. Alguma página de bairro, alguma fonte que ela tenha, vários telespectadores mandando uma mesma imagem e falando que tá tendo tiroteio ali mesmo. Então, pode ser que ela tenha obtido por outro lugar, por outro meio, alguma fonte oficial também, pode ser.
Pergunta 12 (Roteiro)
Talvez perder, não. Mas ela vai ser diferente como eu já tinha falado pra vc. No factual, a gente nunca vai deixar de dar o factual independente de como as imagens vão chegar pra gente. Se vc não tiver a imagem do tiroteio ao vivo mandada por um telespectador, se vc não conseguiu pelo OTT... Hoje em dia é muito difícil a gente não conseguir a imagem de um tiroteio em um local tá? É quase impossível a gente não conseguir hoje em dia. Porque os telespectadores viraram parte da notícia, viraram parte dessa informação. Se a gente não conseguir num primeiro momento, com muita rapidez conseguir uma imagem daquele tiroteio, daquele fato, daquele factual, a gente vai dar do mesmo jeito. Nem que a gente mande nossa equipe pra região ou a gente pegue uma imagem de arquivo do local e aí especifica que é uma

imagem de arquivo. A gente não vai deixar de dar o fato. A gente tem que dar de alguma maneira. Tomara que seja com vídeo que a gente possa mostrar o que está acontecendo a região.
Pergunta 13 (Roteiro)
Sobre a profissão de jornalista? Então, eu acredito que a gente tem que ter um limite. O limite é esse que a gente costuma fazer por exemplo, não porque é a TV que eu trabalho, mas é a que eu tenho a maior vivência. Aliás, a que eu tenho unicamente vivência, fora o que eu vejo como telespectador em outras emissoras. Mas eu acredito que a gente tem que ter esse cuidado da imagem que a gente vai divulgar, pra não ficar a banalização também do que está acontecendo. Não mostrar corpo, não mostrar, tem que ser delicado porque nem todo mundo quer ligar a sua televisão e ver um corpo no ar, ver um sangue, pode ser muito chocante. Mas a notícia a gente não pode esconder. Como jornalista, a gente tem que dar o que está acontecendo. A gente não pode maquiar ela, por mais que ela seja dura. Mas a gente não precisa mostrar um cenário de guerra quando ele está acontecendo. Vc não precisa mostrar pedaços de corpos pra falar que teve uma guerra. Até mesmo porque a pessoa tem que ter o direito de escolher se ela quer ver aquela imagem ou não, se ela vai buscar outro tipo de jornalismo pra ver aquela imagem ou não. Mas, a princípio, a gente tem que ter muito cuidado com o que a gente tem na mão. E, não. Usar esse material amador não me dá nenhum medo não. Porque eu acho que sempre vai ter que ter o jornalista pra gente escrever, pra gente unir todo esse material e produzir um conteúdo. Embora eu acredite que não é só o conteúdo oficial de TV hoje em dia que é o que importa. A gente vê hoje no dia a dia isso. A produção de comunicação passa cada vez mais pela população, pelos moradores, pelos telespectadores, pela audiência né? Eu acho que hoje a comunicação se faz mais nisso. Ela não vem só de cima pra baixo. Ela é construída todo mundo ao redor e talvez algumas fontes tenham através do tempo alguma audiência maior, assim como o OTT, a TV Record, a TV Globo são fontes oficiais e as que se tornaram oficiais com o tempo como o OTT de tanta audiência que tinha. Mas, não me dá medo não. Não me dá medo não. Acho que esse é um caminho da comunicação e a tendência é essa, não dá pra voltar. Se a gente quiser continuar, a gente tem que se adaptar.
Pergunta
Vou insistir na pergunta. Essa utilização constante não dá a impressão, na sua opinião, que o jornalista está perdendo o seu espaço? Ou não é uma questão de perda de espaço?
Não é uma questão porque essas imagens que a gente está colocando no ar, a gente não ia conseguir por outras fontes. Os profissionais, os comunicadores profissionais não iam conseguir obter essas informações por eles mesmo. A gente não tem uma equipe em cada comunidade (risos), em cada rua do Rio de Janeiro fazendo jornalismo. A gente agora com os moradores né? Que tem uma câmera, que todo mundo tem o celular e com isso passa a ser parte da notícia, da informação também. A população sempre fez parte. É com ela que a gente ia saber o que estava acontecendo, só que agora a gente tem imagem, todo mundo tem a imagem. Então, não acredito que está perdendo espaço não. Esse exemplo que eu dei hoje, uma matéria de 4 minutos que 3 foi de vídeo, é bem específico de uma matéria que eu tive em um dia, que eu tive no dia. O que eu falo, assim, em toda reportagem que a gente faz, grande parte dela vai ter pelo menos um vídeo. É que hoje foi algo muito forte, foi um protesto muito violento e que gerou muito vídeo. Por isso foi tão grande assim a quantidade de vídeos. Quando eu digo que é essencial em todas as reportagens...normalmente, a gente exige um, é um flagrante daquele crime e aí a gente vai atrás pra falar com os moradores da área, com os comerciantes, com as vítimas, com o delegado que participou, com o policial que fez a prisão. Então, quando eu te digo que é usado, é usado, geralmente, um vídeo, dois vídeos. Hoje foi um fato à parte. Foi um factual muito forte. Mas eu não acredito que isso vá perder não. Acho que todo mundo pode caminhar junto pra fazer o jornalismo. Como foi

antes só que agora tem as imagens né? Agora, o telespectador, ele só não faz parte da matéria, como ele pode transmitir essa imagem. O que sempre aconteceu antes, mas antes sem imagem.

Transcrição **entrevista jornalista 6** 25/02/2021 – 20h BR

- Sub-chefe de reportagem na RecordTV Rio. Aquele profissional que coordena algumas equipes que vão para as ruas gravar as matérias, que tem a função de ficar antenado com sites, trocando figurinhas até com outros colegas das redações, e vendo aquilo que está acontecendo no momento pra que, surgindo um fato novo, um factual, a gente possa derrubar uma matéria que as vezes foi produzida e a equipe tá na rua e a gente possa abastecer o repórter com essas novas informações desse novo fato.

- Eu trabalhei 14 anos e 8 meses na TV Globo. Lá eu fui 7 anos administrativo da redação, e 7 anos e 8 meses jornalista. Passei pela apuração, pela produção, cheguei a coordenar um projeto que se chamava RJ na Baixada, que eram duas equipes cobrindo 13 municípios na Baixada Fluminense. Aqui na Record, eu estou há 10 anos, cerca de 9 anos na sub-chefia. Aqui, eu passei pela produção do Jornal da Record e depois comecei na sub-chefia onde estou até então. Jornalista profissional, 17 anos.

- 52 anos de idade

- Bacharem em Comunicação Social pela Estácio de Sá.

Descrição profissional – As atribuições são essas mesmo de coordenar equipes de jornalismo que vão para as ruas atuar, a apuração também está na nossa direção, a gente fica interagindo com os colegas apuradores pra que eles possam fazer as chamadas rondas. Quem é do jornalismo raiz, mais antigo, entende mais da ronda. Atualmente, as assessorias de imprensa preferem que a gente se comunique através de email. Mas eu peço aos colegas que continuem ligando pra cada batalhão da polícia militar, pra cada quartel do corpo de bombeiros, pra que a gente tenha a informação. A gente acaba da sub-chefia coordenando a apuração e também ajudando a produção. Vê bem, tem um factual como hoje a noite, tem um protesto na cidade de Belford Roxo, na Baixada Fluminense aqui do Rio de Janeiro, onde colocaram fogo no ônibus, um estabelecimento comercial foi totalmente queimado. Isso vai ser tema de um VT que a gente vai fechar agora a noite pros jornais de amanhã de manhã e a produção já vai poder suitar esse assunto. Recebemos muitos vídeos pelo Whatsapp e estamos usando as mídias sociais para que possa abastecer o telejornalismo. Isso acaba deixando matéria nova pra amanhã. Indo ao local, ouvindo a dona do estabelecimento comercial, ouvindo a polícia militar também lá no local. Então, a sub-chefia é meio que um complemento do que está acontecendo na hora, mas também abastecendo os colegas da produção para o dia seguinte.
Pergunta 1 (Roteiro)
Isso para o jornalismo foi um grande ganho, né? Eu me lembro que a cerca de 15, 17 anos atrás, nós dependíamos muito dos chamados cinegrafistas amadores, que estavam no local, as vezes, de um fato novo e que acabava oferecendo pras redações uma imagem, as vezes até exclusiva, por um preço muito alto. Com o advento dos celulares mais modernos, com câmeras mais modernas, com a história de Whatsapp, do Tweeter, nós começamos no jornalismo a receber muitos materiais. Como agora, vc está falando de flagrantes de violência. Recebemos dezenas de vídeos no Whatsapp lá desse protesto violento que acabou queimando ônibus. Pessoas registram a todo momento hoje em dia, em todos os lugares em que estão, e mandam gratuitamente pras redações. Contribui com o jornalismo diário. Essas ferramentas têm sido muito importante pra nós que trabalhamos aqui na linha de frente do jornalismo diário. É claro que a gente checa a informação que a gente recebe. Checa com o batalhão, checa com o bombeiro, checa com as autoridades se aquilo realmente aconteceu, quando aconteceu. Também as vezes acontece de recebermos vídeos, e isso é muito importante, pq a gente tem que checar se são antigos. As vezes as pessoas mandam como sendo novo e a gente não

pode embarcar nisso né? O jornalismo com essa ajuda midiática também não tira da gente essa responsabilidade de poder checar a chamada fonte.
Pergunta 2 (Roteiro)
Ah, Aline. Atualmente, com muita frequência, muita frequência. Nós temos o Whatsapp aqui da RecordTV que durante a edição dos nossos jornais, nós chamamos, o apresentador chama diversas vezes. Se vc tem algum vídeo, se vc tem algum assunto, ou no seu bairro, ou tá passando por algum local onde tem tiroteio, etc., manda aqui pra Record e chegam muitos vídeos. Então, eu te diria sem medo de errar, uns 70% dos materiais nossos hoje em dia contam com vídeos que chegam através dessas plataformas aí.
Pergunta 3 (Roteiro)
Eu considero que sim, em parte sim. Em parte sim porque nem sempre o material que nos chega aqui a Record é o mesmo que chega a uma emissora concorrente como a Globo, o SBT. Às vezes, eles têm um material mais exclusivo que a gente. Vou citar um caso, talvez um caso de um assalto a um apartamento. Um produtor consegue entrar em contato com aquele prédio, com o síndico e consegue uma imagem exclusiva do momento em que os bandidos entram e aí, a gente já está falando de circuito, o circuito de um estabelecimento privado. Em alguns fatos, sim, há vídeos exclusivos que são enviados para uma emissora ou outra. Isso serve nessa guerra de audiência pra que vc possa dar aquele vídeo e possa ter a sua logomarca de exclusivo e em cima daquilo fazer uma reportagem.
Pergunta 4 (Roteiro)
Eu acho que sim, Aline. Fundamental porque, hoje em dia até com o advento, com o que a gente tá vivendo aqui dessa pandemia mundial né? É muito difícil vc ter uma quantidade de repórteres, já não teria mesmo sem a pandemia, para que pudesse cobrir muitos dos fatos que acontecem. Veja bem, hoje nós aqui na RecordTV. Nós estamos num bairro distante de muita coisa, que é a Zona Oeste da cidade, aqui Vargem Grande e se a gente não tem essa ajuda do telespectador e essas plataformas onde a gente possa entrar e buscar vídeos, imagens, flagrantes de vários assuntos, ficaria bem dificultoso. E eu não falo só pela Record, não. Pela mídia em geral, né? Porque, já que há uma proliferação de vídeos, abundância de assuntos através dessas mídias, eu acho que hoje em dia é fundamental para o funcionamento do jornalismo. Sem essas plataformas e esses vídeos, acho que nós ficaríamos com um jornalismo, diria fraco. Fraco de assuntos. Isso enriquece muito os nossos jornais.
Pergunta 5 (Roteiro)
Acrescentam muita coisa. Pra vc ter uma ideia, as vezes, a gente a partir daquela imagem, a gente faz uma matéria. Então, não é só mostrar a imagem na televisão como a gente chama as vezes de um registro, aqui na Record e em várias emissoras se usa o tal LOCV, que a gente mostra, tem o texto e tem imagem. Mas, as vezes as imagens são tão relevantes que aquela imagem por si só, ela vale um material, uma matéria com passagem do repórter, com off do repórter. É claro que a televisão uma imagem fala mais do que tudo. Televisão é imagem, mas imagens que chegam hoje a redação, elas são fundamentais pra fechar várias reportagens e que as vezes cabem suíte, as vezes é um caso que a gente fica a semana toda em cima daquilo. A gente vai desvendando, vai averiguando. A polícia, através da imagem feita por um popular, chega até um assassino, chega até uma quadrilha, é fundamental a imagem e é muito importante para o jornalismo atual.
Pergunta
Muitas vezes, um flagrante desse define o que vai ser a notícia nos telejornais locais?
Sim (enfático). Define a linha editorial. Eu não vou dizer que nós estamos totalmente dependentes disso, mas isso entrou na vida do jornalismo pra somar e a gente usa isso pra somar, e é fundamental a participação popular, e a gente recebe muitas imagens. As pessoas mandam sugestão de reportagem. Olha minha rua aqui tá com problema, o meu bairro aqui não tem iluminação, falta segurança. Eles fazem imagens, mandam pra gente. A gente vai lá, grava com esse personagem e usa as imagens pra cobrar as

autoridades o desespero daquela pessoa, a busca de melhor vida para aqueles populares daquela situação.
Pergunta 6 (Roteiro)
Através do Whatsapp da emissora, nós também buscamos nas páginas, Facebook, Instagram. A gente fica ligado em todas as plataformas. A gente não só depende daquilo que nos chega através do Whatsapp, não. A gente vai buscando através de outras plataformas e vai vendo assuntos. Nós temos muitas páginas. Os bairros aqui no Rio de Janeiro, acho que espalhados pelo mundo, as pessoas criam as páginas dos seus bairros e e ali colocam as demandas, vídeos, denúncias e tal; e o jornalismo é abastecido hoje por esses vídeos de Whatsapp, por essas páginas de bairros, páginas de Facebook, pelo Tweeter. A gente vai buscando aquilo que nos interessa e, em cima disso, vai fazendo as reportagens.
Pergunta
O jornalista recebe, mas ele pro-ativamente vai buscar esse conteúdo?
Sim, sim, sim. Nós...é o jornalismo passivo e ativo, né? A gente vai atrás da notícia, a gente vai atrás das páginas, vai atrás dos sites, vai no Tweeter, vai vendo aquilo que é notícia, aquilo que tá se falando e vendo aquilo que interessa. O que tem interesse popular, a gente pega e a gente faz matéria.
Pergunta 7 (Roteiro)
Sim. Vamos ao exemplo de agora há pouco. Tem esse protesto, esse protesto na cidade de Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Nos chegaram várias, dezenas de imagens. A gente vai, liga pra polícia militar, checa com a polícia militar se aquilo está acontecendo agora, a gente liga para o corpo de bombeiros, checa com os bombeiros que nos informam que estão nesse momento combatendo as chamas daquele ônibus que tá sendo incendiado. Nós pedimos a nota, que a gente chama de nota pé da polícia militar pra saber porque aquela população, de acordo com aquela revolta toda, fez esse ato de violência. Aí, a polícia vai nos informar que houve uma operação hoje lá, um marginal foi morto e outros criminosos incitaram a população a fazerem esse ato, esse ato violento. Nós vamos atrás da nota, igual pedimos nota para a empresa de ônibus que nos informou que só esse ano 5 ônibus foram queimados, é um gasto de 600 mil reais pra recolocar esses coletivos e a gente pega no ISP, no Instituto de Segurança Pública, a estimativa de violência naquela região pra que a gente possa fazer uma matéria encorpada, com aqueles materiais que nos chegaram através de populares, com as notas pés das autoridades, polícia, bombeiro, da própria empresa, e do índice de violência, de quantos ônibus, coletivos foram queimados. Aí a gente traz uma matéria grande, uma matéria bem encorpada, de interesse da população.
Pergunta
Mas como os jornalistas verificam a veracidade das imagens que chegam?
Vamos supor. A gente recebe um vídeo de um flagrante de um assalto. Dois bandidos pararam numa determinada região, tiraram o motorista de dentro do carro e aquelas imagens do circuito externo flagraram. Geralmente, no circuito, vem a data e a hora onde o fato aconteceu. A gente começa a ligar pra batalhão, checar através dos batalhões locais se houve algum chamado do batalhão. Com a delegacia é mais difícil pra gente saber se houve registro. Geralmente, a nossa linha de apuração é o batalhão da região que vai nos dizer. Olha, fomos acionados, chegamos lá, os bandidos já tinham levado os pertences, o caso foi encaminhado pra delegacia tal, (corte) e aí a gente veicula. Quando a gente tem dúvida, a gente espera até que a gente possa mandar um email pra corporação. E aí eu digo pro batalhão, pra assessoria da polícia militar e aguardo um retorno da polícia militar dizendo, a gente tem isso ou a gente não tem. Caso não tenha, a gente não coloca não. Porque pode ser uma coisa muito antiga, nem todo vídeo tem a data, tem a hora. Mas, a gente tenta checar. A primeira linha de checagem é a polícia militar que faz o policiamento ostensivo e que, se houve aquele fato, com certeza foi acionada ali pra aquela ocorrência.
Pergunta
E quando os vídeos chegam sem hora, sem data?

É mais complicado. Muitas das vezes, a gente opta por não veicular por mais que alguns vídeos venham acompanhados através do Whatsapp da RecordTV. Algumas pessoas falam isso aí foi no local tal, na rua tal. Quando as pessoas dão uma pista, a gente consegue checar. Mas quando não consegue checar, a gente prefere deixar quieto e esperar pra ver se alguém vai se manifestar de alguma forma, dizendo quando, onde, como e aí a gente vai em cima. Se não tiver uma data, uma hora e se a gente não conseguir checar se de fato ocorreu no dia ou quando foi, a gente opta por não veicular. Seria até uma irresponsabilidade nossa de veicular algo não checado. É o nosso dever trabalhar com a verdade. O que o jornalista tem de fato é só isso. A verdade, checar todo os fatos e passar com coesão os fatos pra população. A gente não veicula se não tiver a certeza de quando, como, onde aconteceu.
Pergunta
As fontes oficiais sempre correspondem?
Quando a gente não consegue falar com a fonte oficial, mas nós temos a fonte primária que é aquela pessoa que nos enviou aquele material e que grava conosco bancando, dizendo, falando, e que até nos prove através de um boletim de ocorrência de que o fato aconteceu, a gente faz. Já fizemos matéria sem a informação dita oficial, mas ouvindo lá a pessoa, já em uma matéria, não simplesmente veiculando o vídeo num dos nossos telejornais não. Indo lá, ouvindo a pessoa, ouvindo as vezes um vizinho, uma testemunha e com aquele fato, antes de ir ao ar, a gente pede a nota da polícia e a polícia sempre se manifesta. Mas, eu digo, quando a gente não tem nenhuma fonte de quando foi, que ninguém coloque a cara e as autoridades não tenham registro, aí não tem como veicular não.
Pergunta 8 (Roteiro)
Não vou te dizer que erros não aconteçam. Vez ou outra, passa um erro ou outro, por mais cuidado que qualquer jornalista tenha, até porque são muitas pessoas manipulando aquela informação e, as vezes, um colega menos experiente pode passar aquele fato e depois de veicular, a gente descobrir. Poxa, aquilo não foi agora, já, já ocorreram. Aquilo já tem um tempo, ah mas quem te disse? Aí vc vai em cima do colega. Ah, fulano de tal, mas não era uma fonte oficial. A checagem não foi uma checagem com todos os cuidados. Acontece, sim. Mas, não é com frequência. A gente tenta primar por todas as fontes. Fontes oficiais, fontes primárias. Até porque, o que o jornalista tem é a verdade. Se vc cair no descrédito, já era. Se a pessoa começar igual muito programas, aí a gente vai falar de programas de auditório, em que no passado se dizia, poxa aquilo ali...pegadinha, muita gente tem dúvida se pegadinha é armação ou não é armação. Se isso vier para o jornalismo, as pessoas começarem desacreditar que um fato que a gente coloca no ar tenha sido checado, aí fica difícil. Depois pra vc desfazer isso, fica complicado, por isso que a gente tem todo esse cuidado. Mas, erros acontecem.
Pergunta
Vc consegue lembrar de alguma que, mesmo com todos esses cuidados, tenha dado errado?
Uma imagem ou outra. Há pouco tempo nós fizemos uma matéria policial e é um erro assim que não...é um erro, claro, não deveria acontecer. Mas uma imagem de uma operação, vamos supor, uma operação na favela de Manguinhos que é aqui na Zona Norte do Rio de Janeiro. Policiais estavam lá incursionando, operação com caveirão, com tudo. De repente, entrou uma imagem que não era daquela operação, daquele dia. Era uma imagem de uma outra operação, numa outra parte da cidade, que era aqui na Cidade de Deus, que é já aqui perto da Record e que não correspondia àquele fato. Na hora que a gente viu, caramba! O que aconteceu? O colega no meio das muitas imagens que chegaram através do Whatsapp, na hora de fazer aquele apanhado e mandar para o editor, ele acabou colocando uma imagem enganosa, de uma outra operação, no meio daquela imagem. Quando o repórter fez a matéria, que se tornou off, no meio da reportagem aparece uma imagem que não é daquele dia e nem daquela operação, apesar de ser uma imagem de uma operação policial. Pro telespectador que está em casa, talvez tenha passado batido, mas pra aquele morador da Cidade de Deus, ele vai

reconhecer. Caramba, isso foi aqui na minha comunidade, não lá no Manguinhos, entendeu? Esse tipo de erro, com essas novas mídias, acontecem. Não com tanta frequência, mas, por isso que a gente tem que ter muito cuidado, não só na checagem, mas na hora de trabalhar essas imagens.
Pergunta
Essa verificação dá muito trabalho e leva muito tempo do jornalista?
Dá bastante trabalho, leva tempo. Às vezes, a gente dá sorte de pegar aquela imagem, igual hoje desse fato de Belford Roxo. Recebemos a imagem, conseguimos ligar rapidamente para os bombeiros. O bombeiro tava lá. Conseguimos ligar pra polícia militar que nos mandou uma nota rapidamente nos falando da situação. Até a companhia de energia elétrica aqui da região, que é a Light, nos mandou uma nota também porque nós vimos nas imagens que acabou o fogo do ônibus atingindo a rede elétrica e parte lá da comunidade ficou sem energia. A gente conseguiu rapidamente juntas esses materiais tanto que o Dennes Queiroz, um dos nossos repórteres aqui, já tá até fechando esse material agora a noite pros jornais de amanhã. Mas, nem sempre é assim. Às vezes leva muito tempo pra que a gente possa ter todas essas certezas. Como é um fato que tava acontecendo na hora e os telespectadores, populares, moradores da região nos mandou naquele momento, foi muito rápida a checagem. Mas, tem situações que demora tempo e até a produção opta por esperar mais um dia pra produzir aquele material pra que tinha todas essas respostas.
Pergunta 9 (Roteiro)
Esse aplicativo também é hoje muito importante pra gente, que é o chamado Onde Tem Tiroteio, né? Eles colocam lá nas páginas deles tiroteio nesse momento no Meier, cuidado na região. Em cima daquela notícia, daquela informação que eles colocam ali...porque no passado nós tínhamos o rádio escuta nas redações, nas apurações, né? Antes do advento dos jogos Pan-americanos, as apurações pegavam as faixas dos batalhões, me lembro porque até na época eu era apurador, a gente ficava ouvindo o radinho, a frequência da polícia militar. Então, de acordo com os batalhões, nós sabíamos onde estava aquela ocorrência. Na mesma hora ligava. Oh, tem um tiroteio, um policial comunicava com outro policial, até com o quartel, tem um tiroteio agora aqui no Meier. Eu ia ouvindo aquilo, anotava e ligava daqui a pouco pro Meier pra pegar as informações. Quando chegaram os jogos Pan-americanos, a polícia digitalizou o sinal dela e as redações perderam isso, perderam esse rádio escuta. Então, quem são as nossas rádio escutas hoje em dia? As plataformas Onde Tem Tiroteio, o aplicativo do Fogo Cruzado, os onlines (sites), a gente fica ali atrás da informação dos colegas dos onlines. E essa plataforma Onde Tem Tiroteio é muito importante pra gente porque eles sabem de um fato, colocam na plataforma e a gente que está acompanhando aquela plataforma, a gente acaba usando aqueles dados. Fizemos uma matéria, inclusive, ontem ou anteontem, e usamos dados do Fogo Cruzado. O Fogo Cruzado colocou na plataforma deles lá dados oficiais e depois a gente foi checar com a Secretaria de Segurança Pública. Foi até uma história de um menino de 13 anos, acho que foi ontem, que foi atingido em uma das comunidades aqui do Rio quando tava no portão de casa. A polícia foi fazer uma operação, na manhã de ontem, a polícia fez uma operação em 9 comunidades e na comunidade de Campinho, aqui na Zona Norte do Rio, esse jovem acabou sendo morto. E acabou entrando na estatística da polícia ali como dois bandidos que teriam sido baleados e a polícia acabou contabilizando esse jovem como um daqueles infratores. Nós averiguamos a informação, gravamos com familiares e pegamos dados de quantas crianças mortas esse ano ou baleadas, atingidas por balas perdidas e creditamos a página ali. Esse aplicativo do Fogo Cruzado. E assim fazemos também com o OTT. Muito importante esses aplicativos, essas plataformas pro jornalismo atual.
Pergunta
Os jornalistas têm confiança no conteúdo divulgado pelo OTT e porque têm essa confiança?
Nós temos essa confiança, pelo jornalismo, por aquilo que é divulgado pelo OTT porque em 90%, até uma percentagem maior, do que eles postam lá, a gente checa e realmente

aconteceu. A gente simplesmente mão, Ah, o OTT tá dando que uma pessoa foi baleada no bairro tal e tal, a gente checa. Aí, funciona mais ou menos como eu falei, o tal do rádio escuta lá do passado. O OTT, nós ouvimos no OTT, vemos no OTT e aí checamos com o batalhão. O batalhão atende lá, tem uma ocorrência, um tiroteio no local tal? Aí, a gente vê que aquela fonte do OTT realmente é válida. E as vezes eles postam vídeos também, como o Fogo Cruzado e a gente usa aquele material sempre creditando. Onde Tem Tiroteio, a logo do OTT ou falando da plataforma ali do Fogo Cruzado.
Pergunta 10 (Roteiro)
Olha, a gente ganha audiência, a gente ganha material, a gente ganha...não sei, se a gente fosse falar de economia, de menos equipe, mais agilidade. Porque se vc pega um conteúdo já pronto, onde vc consegue checar aquilo e aquilo é verídico, vc deixa de.... Aline, eu não sei se é muito bom, agora falando profissionalmente até preocupado com o nosso mercado. Até quando é muito bom ter todo esse aparato? Porque, assim, (pensativo) isso com o tempo vai esvaziar as redações. Se os donos das emissoras, dos jornais verificarem, vão verificar e já estão verificando, que chegam muitas informações e que vc consegue checar aquilo rapidamente e consegue veicular, isso demanda, talvez, não sei, corte de equipes futuramente? Se vc tem aquela imagem hoje na sua mão, e que vc demandaria de ter um cinegrafista, um auxiliar, um motorista, um repórter e se consegue contar uma história através de uma imagem, olha quantos profissionais vc já deixa de ter na redação. Isso é só um pensamento, né? Obvio que a tecnologia veio pra somar. É obvio que é muito bom ter a tecnologia no nosso dia a dia, no jornalismo, claro que é bom, o mundo todo hoje em dia trabalha com isso. Mas, será que essa tecnologia vai tirar emprego? (Riso sutil) Não sei. Só o tempo dirá.
Pergunta 11 (Roteiro)
Há uma diferença porque o OTT e o Fogo Cruzado trabalha em cima da violência em si, daquele fato que está acontecendo agora, do ônibus queimado, do tiroteio, do assalto, do alerta, do cuidado, vc que tá passando. O OTT eu diria que funciona quase como um rádio News, aquela informação imediata, tá passando pelo local tal, cuidado que tem tiroteio ali. Já as outras plataformas são multiformas né? As pessoas mandam assuntos variados, temas variados, desde a violência àquele tá desaparecido, a falta de medicamento do seu familiar, a dificuldade de locomoção de um familiar, um grupo que tem que fazer talvez um, essas hemodiálise. As outras plataformas falam de assuntos diversos. Já essas plataformas do OTT e do Fogo Cruzado são direcionadas a ocorrências simplesmente policiais.
Pergunta
Elas têm, então, um status um pouco mais elevado que os outros caminhos por onde chegam imagens?
Sim, elas são mais direcionadas em cima da violência em si, da cobertura da violência da cidade e com dados, com bastante informações de tiroteios, de mortes, de números. Emfim, eles fazem um apanhado geral e acompanham, colocando números atuais. Quando vc quer fazer uma pesquisa, vc não depende só da pesquisa da polícia. Nessas plataformas já tem uma pesquisa vasta de quantos mortos naquele ano, quantos atingidos por balas perdidas. É muito importante pra gente também mesmo sendo segmentado só com a violência. Ainda mais nós aqui do jornalismo da RecordTV que trabalhamos muito em cima, o nosso jornalismo aqui é trabalhado muito em cima da violência.
Pergunta
As imagens que já chegam editadas e verificadas agiliza o processo de produção da notícia? Na redação, o jornalista já pode passar por uma etapa seguinte ou não?
Sim. Se o material nos chega devidamente checado ou a gente leva pouco tempo na checagem daquele material, até porque são materiais factuais que a gente chama no jornalismo, então são materiais fáceis de serem checados, então, agiliza e muito. Eu tô com o jornal no ar, vc foi nossa editora-chefe aqui, teu jornal no ar, eu te ligo ali, Aline, olha, tem uma situação que o OTT subiu, pode dar que tá checado. Na mesma hora vc pluga ali, coloca e já dá a informação. Rápido, veloz e com informação nova e checada. Agiliza muito o jornalismo, muito o jornalismo. Ainda mais no factual.

Pergunta 12 (Roteiro)
Então (riso sutil) isso é a forma vasta de materiais que nos chegam aqui. Vamos supor. Eu trabalho com uma menina aqui agora. O horário aqui na Record de 5h da tarde à meia-noite. Eu tenho uma apuradora chamada Monique, que é uma apuradora muito eficiente, e as vezes ela me manda. Valter, tem um tiroteio aqui e me manda uma página do OTT. Tá lá, tiroteio do OTT. Eu falo pra ela, Monique procura em outras páginas pra ver se esse material também está disponível. E muitas das vezes, nós encontramos o mesmo material em outras páginas sem a logo do OTT. É claro que pra gente não custa dar a logo do OTT, mas se nós conseguimos através de várias páginas, o mesmo material sem a logo, a gente opta por dar sem a logo. Mas, quando só tem aquele material na página do OTT ou no Fogo Cruzado, até nos chegam materiais de outras páginas também, que as vezes a pessoa que publicou pede, olha tem que creditar. A página, sei lá, Flagrante Zona Oeste, nós creditamos. Mas, nós vamos procurar. Já que temos vastos materiais disponíveis, sempre um material ou outro sem a logo. É por isso que as vezes vc assiste um jornal que tem uma imagem do OTT ou do Fogo Cruzado com a logo e talvez num outro jornal sem a logo, porque a gente conseguiu depois sem a logo.
Pergunta 13 (Roteiro)
Eu acho que essa proliferação de imagem nos levou aí pra...nós ficamos encurralados, as vezes. Às vezes, vc tem uma imagem como a gente sabe, televisão é imagem, as vezes, vc tem uma imagem e cara, não precisa nem de colocar a cara do repórter ali e gravar passagem. A imagem fala por si e a gente fica refém daquela imagem. Às vezes, o material é exclusivo ou não é exclusivo e se vc não der, o teu colega oponente vai dar. Se vc não veicular aquilo, vc vai assistir na Globo, vc vai assistir a mesma imagem no SBT. E, como as televisões vivem de audiência e de concorrência, as vezes a gente tem que veicular mesmo o material sendo de baixa qualidade, a gente tenta dar um ganho aqui né, na emissora que a gente tem muitas das vezes como melhorar aquela imagem, e as vezes a gente fica refém de uma determinada imagem sim.
Pergunta 14 (Roteiro)
Eu acredito que, se não tem, vai ter né? Terá. Eu falava até há pouco aqui sobre essa história que, se vc é uma empresária dona de uma emissora, ou seja de qual segmento for, e vc observa que vc tem 100 profissionais da redação pra apurar, pra produzir, pra editar, etc. e tal, pra reportar e vc começa a observar que o volume de imagens e vc trabalha, teu produto final é imagem, com aquilo dali é muito grande e que antes vc precisava, uma suposição, de 25 equipes diariamente pra cobrir o fato tendo que estar ali. Hoje eu tô falando com vc. Eu estou no Rio de Janeiro, vc está em Portugal e a gente está usando aqui o Zoom. Na pandemia, nós usamos muito esse artifício. Muitas matérias nossas, inclusive hoje, estamos na pandemia, são gravadas com Zoom. Então, a gente faz uma locação, aqui na Barra da Tijuca pro repórter e a segunda e terceira locação por Zoom. Então, não necessariamente vc precisa daquele repórter, aquela equipe toda pra gravar o Zoom. Eu tô falando com vc aqui, tô usando um laptop, vc está usando o seu aí e nós estamos gravando esse Zoom. Então, eu acho que o advento da tecnologia é muito importante, mas como em todos os segmentos onde a tecnologia chegou, acabou tirando um pouco da mão de obra, né? Eu acho que, se isso não acontece agora, fatalmente, num futuro breve, vai aconteceu sim. As redações vão ficar mais vazias porque não vão ser necessários tantos profissionais pra reportar aquele fato, né?
Pergunta
Seria exagerado dizer que o jornalista está se tornando uma figura dispensável ou não?
Eu acho que não. Eu acho que é bem isso. A gente conversa muito aqui, nós os colegas da redação, até pros jornalistas mais novos, estagiários, aquela galera que chega à redação, que tá começando agora. As vezes tem um fato tipo no Globo Online, no G1 online, num site qualquer e aí a gente está com o jornal no ar e o colega grita oh, o Globo colocou isso ou o G1 colocou isso ou uma página qualquer tem essa informação. Eu falo vamos checar. E as vezes, a gente não consegue checar com aquela velocidade aquele fato e a gente deixa de dar porque a gente tem que checar aquela informação.

Mas, eu sei de colegas de outros canais e da mídia em geral, que bancam aquela informação sem checar. E isso é um tiro no pé. Eu converso com eles, as vezes. Olha, a gente está dando um tiro no pé. Porque se a gente pega aquilo pronto, que um outro colega fez e veicula aquilo, vc vai dizer pro empresário olha vc não precisa de mim aqui. Então, acho que não. Acho que essa colocação sua não é descabida não. Acho que a gente está muito perto disso acontecer. E, talvez as novas mídias, sempre a tecnologia tira a vaga de um ou de outro, mas também abre novos horizontes para novas profissões dentro até do jornalismo né?

Transcrição **entrevista jornalista 7** 02/03/2021 – 10h BR

- Repórter do SBT Rio. Trabalho tanto no jornal local quanto no jornal de rede cobrindo matérias variadas, política, economia, polícia, comportamento. O SBT tem essa característica de ser bastante abrangente o campo de atuação do repórter. Não fica muito limitado.
- Eu me formei em 2009. Minha primeira função no jornalismo foi coordenador de produção no Balanço Geral da Record aqui no RJ. Até antes de me formar fui efetivado na função. Depois, passei a editor onde fiquei até 2013. Quando entrei no SBT em 2014, comecei a ter algumas experiências como repórter. Algumas matérias de redação, comecei a gravar. A partir dali comecei efetivamente como repórter de 2014 até agora.
- 45 anos de idade
- Formado em Comunicação Social/hab. Jornalismo na Candido Mendes no RJ.

Descrição profissional – Vc já conhece a rotina. A gente recebe uma pauta quando a gente chega ou não, as vezes é um factual. A gente é mandado, se for uma pauta, a gente já vai com uma marcação, já tem um briefing do que a gente vai fazer. E se for um factual, a gente vai só pro local com uma pequena ideia do que está acontecendo. Chega lá, a gente tem que fazer toda a apuração, reconhecer o que está acontecendo, reconhecer o local, fazer toda a apuração de informações, o que aconteceu, com quem aconteceu ou quando aconteceu. Daí, a gente começa a desenvolver as entrevistas. Em cima dessas entrevistas e informações, a gente faz o texto que vai virar a matéria jornalística, o VT.
Pergunta
Nessa função vc tem total liberdade ou geralmente é um trabalho feito em conjunto com outros profissionais na TV?
A gente tem uma liberdade, mas o trabalho é feito em conjunto com o editor, a gente precisa do apoio, a gente precisa do apurador, a gente tem um chefe de reportagem que a gente se comunica o tempo todo pra tomar as decisões. As decisões também passam pelo editor-chefe e em alguns casos até pela diretoria da casa pra gente saber qual o encaminhamento vai ser dado àquela matéria.
Pergunta
Vc tem acesso às imagens antes da execução da matéria ou muitas vezes, não?
Em alguns casos sim. A gente tem acesso até porque a gente tá utilizando muito o recurso de imagens feitas por celular, a gente chama de cinegrafistas amadores né? Ontem mesmo, eu fiz uma matéria em que 30% dela era em cima de imagens de celulares e câmeras de segurança. Então, a gente já tem acesso a essas imagens antes pra gente noção do que a gente vai falar. Não tem como ter televisão sem imagem. Tava até brincando com um cinegrafista na semana passada. Cara, sem um repórter ainda faz televisão. Vc manda a imagem e alguém vai falar lá em cima, o apresentador vai falar. Mas se não tiver o cinegrafista, a gente não tem imagem. A televisão é essencialmente imagem.
Pergunta 1 (Roteiro)
Eu sou conta a essa coisa de vc explorar muito a violência com intenção de ganhar audiência. Mas, por outro lado, essas imagens, elas ajudam muito a imprensa, a sociedade, os órgãos competentes a denunciar a violência que acontece em certos lugares, principalmente comunidades. A gente sabe que é um mundo pararelo ao nosso mundo do asfalto, ao nosso mundo dos condomínios. A maneira com que as coisas acontecem em comunidades e bairros periféricos, a população de baixa renda, ela é muito diferente do que a gente acha o ideal, o que acontece pra gente. A polícia quando chega nesses lugares não pede licença como pediria aqui na porta da minha casa. Ela não chama de senhor como me chama na rua. A gente sabe que há um tratamento

completamente diferente e que muda completamente a maneira com que as pessoas são tratadas. Então, eu acho que valem muito essas imagens. Elas ajudam muito, principalmente a imprensa, a mostrar essas situações. A gente treve recentemente, no ano passado, uma situação que a gente mostrou, não uma, mas várias. Eu mesmo fiz várias. Flagrante de desrespeito, flagrante de truculência até crimes que a polícia cometeu contra moradores de comunidades que foram mostrados através dessas imagens.
Pergunta
Essas imagens ajudam o jornalista por quê?
É porque o jornalista não teria acesso àquele local pra fazer esse tipo de imagem. Até um tempo atrás, eu diria que uns 10, 15 anos, a gente conseguia entrar ainda em comunidades. O jornalista tinha um certo respeito e conseguia entrar nas comunidades com uma certa segurança. É claro que tinha que ter uma autorização de quem manda na comunidade pra gente entrar. Hoje, isso não acontece mais. Já tem pelo menos uns 10 anos que uma equipe de reportagem não entra mais nas comunidades. Isso foi proibido tanto pelos donos dos morros, quem manda na comunidade, quanto até mesmo pela empresa que viu que havia já um risco muito grande, não querer colocar os repórteres, os profissionais na situação de risco desnecessária. A partir daí, a gente passou a não entrar mais nas comunidades. Agora, como mostrar o que estava acontecendo ali dentro? Durante um tempo isso ficou num hiato né? Mas depois com os telefones celulares com câmeras, isso começou a ficar muito normal. O próprio morador, a população, começar a gravar essas situações. É através dessas imagens que a gente consegue ter acesso ao que está acontecendo ali. Se não tivesse essas imagens, eu diria pra vc que a gente não mostraria 50% do que a gente mostra nos jornais hoje, a gente não mostraria. Falando de noticiário policial né?
Pergunta 2 (Roteiro)
Diariamente. Hoje, diariamente. Principalmente na minha realidade, do meu jornal, do meu produto, todo os dias. Sem dúvida. Posso dizer sem dúvida nenhuma que todos os dias são utilizadas imagens de celulares, de câmeras de segurança, hoje também tem esse recurso de câmeras de segurança. Ontem mesmo fiz uma matéria que a gente mostrou a história de um frentista de um posto de gasolina que tava saindo às 5h da manhã pra trabalhar em São Gonçalo e a polícia atirou, perseguindo bandidos, acabou atirando e o carro que ele estava foi atingido, ele tomou um tiro nas costas e acabou morrendo. A gente teve acesso às imagens de segurança que mostraram o momento dos disparos. Então, já tem um caso pra dizer pra vc de ontem. E com certeza vou chegar hoje no trabalho e vou ter mais acesso a imagens de câmeras de segurança, matérias são feitas em cima dessas imagens.
Pergunta 3 (Roteiro)
Ah, claro, com certeza. É um negócio, né? Jornalismo pra empresa é um negócio. Pra gente uma profissão, sacerdócio, a gente tem todo aquele código de ética, código moral, o idealismo de ajudar a sociedade, de ajudar as pessoas, isso é maravilhoso, mas a gente não pode esquecer que pra empresa é um negócio. Como negócio, ela depende de audiência. Então, eles vão utilizar essas imagens sim pra conseguir audiência. Não é a melhor maneira de explorar isso, mas, como negócio, é a maneira que eles encontram.
Pergunta 4 (Roteiro)
Os flagrantes são o mote da matéria né? Eles praticamente, os flagrantes são o lead da matéria. Se não tivesse aquele flagrante, acho que 80% das matérias que a gente faz em cima dessas imagens, não aconteceriam. Vc não tem como mostrar. A gente teria depoimento de testemunha, a gente teria até mesmo a posição dos órgãos competentes, polícia, etc. Mas, a gente não teria o mais importante que é o flagrante da situação, mostrando. O flagrante ele confronta tudo. A polícia diz houve confronto e a gente atirou. Aí o flagrante mostra que não teve confronto porque só a polícia atirou. Ou o contrário. Em muitos e muitos casos também pode ser favorável à polícia mostrar o que aconteceu. Então, a imagem não deixa dúvida.
Pergunta

O que vc esta dizendo é que algumas coisas só te tornam notícia poque têm essa imagem? O flagrante determina o que vai ser a notícia?
Exatamente, exatamente. O flagrante é determinante de qual caminho vc vai dar à notícia.
Pergunta 5 (Roteiro)
Hoje, elas chegam à produção muitas vezes depois do que já tá rodando a muito tempo nos grupos de Whatsapp, nas redes sociais. A gente, as vezes, só tem que captar essas imagens. Um pouco antes das redes sociais, quando não eram muito populares, lembro que as pessoas gravavam, tinham câmeras, pequenas câmeras. Eles gravavam esses flagrantes, iam até a TV, eu como estagiário fiz muito isso, atender os cinegrafistas né, amadores. Não é amadores, mas, cinegrafistas. Pessoa que acabou filmando alguma coisa dentro do seu bairro, da sua comunidades e eles lá tentar vender essas imagens na TV. Agora, não. Agora essas imagens já são jogadas direto nos grupos de Whatsapp, nas redes sociais e, as vezes, a gente fica sabendo depois que já foi divulgado. Ou, então, as vezes, alguém que tem o interesse de divulgar aquilo anonimamente, manda pra gente de maneira segura, pra denunciar algum tipo de situação.
Pergunta
Essas imagens circulam por um número muito grande de canais?
Sim, exatamente. Hoje, a apuração já fica de olho em algumas páginas já conhecidas, principalmente da Baixada, da Zona Norte, Zona Oeste, onde a violência é quase diária. Quase, não, diária. E as pessoas já ficam de olho nas publicações porque sabem que dali vão aparecer coisas que seriam interessantes pra virarem notícia.
Pergunta 6 (Roteiro)
Ah, sim, claro, isso é muito importante. Pode até ter um vídeo, aquele vídeo ser de 2 anos, 1 ano e alguém colocar como se fosse uma situação que acabou de acontecer e não tem relação nenhuma. Então, há um cuidado em cima disso. A gente acaba captando o vídeo e começa a apuração trabalhar. Vai primeiro nas fontes que publicaram, geralmente são páginas confiáveis, são páginas que fazem isso já há muito tempo, e depois a gente começa o trabalho de apuração com a própria polícia ou os órgãos que estão relacionados com aquele fato. Geralmente são vídeos que correspondem à realidade.
Pergunta
Em algum momento esse trabalho é muito difícil de fazer? O que aconetece nesses casos?
Quase sempre aquilo ali é verdadeiro, quase sempre. Quando não se chega a uma apuração que conclui se é verdadeiro ou não, a gente tem a postura de não usar. A gente não sabe, então, não vamos dar. Não vamos na dúvida. A gente só usa aquilo que a gente pode comprovar, que a gente pode dizer realmente isso aconteceu. A gente recebe muita coisa até da própria polícia, né? Imagem de segurança ou o repórter até vai, consegue essa imagem de segurança. Acontece um crime numa rua, a gente vai até um prédio, um prédio que tem câmera de segurança, conversa com o síndico, os moradores e eles acabam cedendo essas imagens pra gente. Ou uma casa também da mesma maneira.
Pergunta 7 (Roteiro)
Como eu te falei. Se a gente tem a verificação com testemunhas, com polícia, um outro órgão oficial e a gente consegue chega, a satisfazer com aquelas informações que a gente tem, de modo que a gente fale não, tem total segurança pra dizer que sim, eu acredito que seja o suficiente. Quando a gente tem dúvida, a gente não usa. Acredito que isso aí limite bastante a possibilidade de erro.
Pergunta
Numa passou pela sua mão uma reportagem em que se verificou que a imagem não condizia com a realidade?
Não. Em todos esses anos, 7 anos no SBT aqui no Rio de Janeiro, fazendo diariamente situações que a gente utiliza o recurso das imagens de segurança, até hoje a gente nunca teve, eu pelo menos nunca tive um erro com relação a isso.
Pergunta 8 (Roteiro)

A gente utiliza bastante o OTT né? Eles fazem um monitoramento muito interessante dessa violência do Rio de Janeiro. E a gente utiliza tanto imagens quanto informações e também a gente faz bastante entrevista com os idealizadores, administradores do OTT, porque além de fazer a captação de imagem e dos dados da violência, eles também fazem uma análise crítica em relação a essa violência que a gente vive aqui no Rio de Janeiro. Então, são parceiros. Hoje, são parceiros do jornalismo, do bom jornalismo porque eles têm um trabalho sério e muito importante que acaba ajudando a gente na hora da notícia.
Pergunta
O jornalista confia na plataforma?
Sim, a gente confia, mas também, sempre tentando uma apuração própria. A gente faz a comparação com dados do ISP, o Instituto de Segurança Pública, que geralmente batem muito perto, muito perto do OTT. Eles também se baseiam em dados do Instituto de Segurança Pública. Então, pra gente fica muito confiável. A gente tenta cercar de todos os lados pra não ter erro. A gente vai buscar o OTT, a gente vai buscar o ISP, A gente vai tentar a polícia. A gente faz uma apuração mais ampla pra não ficar só em cima de uma fonte porque uma fonte pode errar. Se a gente tem mais de uma fonte dando o mesmo dado ou muito perto um do outro, a gente acredita que aquilo ali realmente é uma fonte confiável.
Pergunta 9 (Roteiro)
O jornalista em si, ele não ganha. Acho que quem ganha é a notícia. Quem ganha é o público. O jornalista ganha porque faz um bom trabalho. A notícia, vc fala dela, se vc conta, ela tem um peso. Se vc mostra o fato acontecendo, o peso é completamente diferente. Vc carrega muito mais veracidade, dramaticidade. Até alguém poderia dizer, ah tá contando uma história, será que é verdade? Quando eu mostro a imagem, acabou, não tem mais dúvida sobre aquilo ali. Mas quem ganha muito, além do jornalista que ganha credibilidade por estar mostrando uma coisa que aconteceu, que não pode ser contestada, ganha a notícia e ganha o público, com certeza.
Pergunta
Há, por exemplo, uma agilidade na produção da notícia quando esse material vem do OTT? Já dá pra passar pra etapa seguinte sabendo que a aquela fonte fez um trabalho de pré-apuração, talvez? É nesse sentido que eu pergunto.
Ah, claro, com certeza. Vc sabe, quando a gente tá na rua existem n informações, um tem uma coisa, outro tem outra. Até vc apurar, isso demora um tempo. Quando aquilo já vem de uma fonte confiável, que fez um trabalho de pesquisa sério, que levantou e conseguiu imagem, a agilidade da matéria é outra, a gente já vai pra etapa seguinte. Aquela etapa de apuração que as vezes é até demorada porque é o princípio de tudo, precisa da informação da apuração pra poder começar a produzir, aquilo ali já passou. A gente já vai pra uma etapa de execução da matéria.
Pergunta
Uma confirmação e execução?
Exatamente. Confirmação e execução. A coisa anda muito mais rápido.
Pergunta 10 (Roteiro)
Sim, como eu te falei. O OTT, ele já é um parceiro né do jornalismo carioca. Além dele mostrar, veicular a notícia, mostrar aquilo que está acontecendo, eles ainda fazem um trabalho de coleta de dados, de comparação de dados e faz um trabalho crítico em relação àquilo ali, faz uma análise. Então, além de só a imagem, de só o fato, a gente ainda tem um trabalho de comparação, um trabalho de crítica que já dá outro caminho, já começa a abrir mais portas pra nossa matéria.
Pergunta
O OTT acabou adquirindo ao longo os anos um status diferenciado?
Exatamente, com certeza. Ele não é só uma página que mostra um tiroteio, uma página que disse que tem um tiroteio em tal lugar. Além deles fazerem esse, eles até avisam, é um trabalho até social né? Até, não. É um trabalho social por dizer, olha não passe por aqui que tá tendo tiroteio agora. Mas, eles fazem um trabalho muito bom de análise da violência no Rio de Janeiro.

Pergunta 11 (Roteiro)
Eu não vou poder falar pelas outras TVs, pelas outras emissoras. No SBT, a gente tem o costume, a prática nossa de usar, de creditar a imagem geralmente quando ela vem selada. Mesmo quando não vem selada, a gente credita. A gente coloca imagens cedidas OTT, imagens cedidas seja o nome que for, porque a gente dá valor a essa parceria porque sabe que é muito importante. Agora, porque outras não selam realmente eu não vou saber te dizer.
Pergunta
No SBT que é a sua empresa, de um telejornal para o outro não acontece de haver uma variação de créditos?
Eu acredito que não, Aline. Não sei se posso te dizer se já conteceu, se não, porque realmente não sei. Mas, eu acredito que não. Pelo menos no SBT Rio, as imagens vão com selo ou se não tiver o selo, elas vão creditadas.
Pergunta 12 (Roteiro)
Ah, sim, com certeza, com certeza. Existe uma crítica. Ah, o jornalismo está perdendo a qualidade, principalmente os cinegrafistas né? Ah, a matéria foi toda feita em cima de imagem de amador, foi feita toda em cima de câmera de segurança. Eu também tenho uma preocupação com relação a estética da matéria, estética, até a linguagem também. Mas, hoje a gente não pode deixar de dar importância a esse novo recurso. Quer dizer, não é nem tão novo, mas um recurso que está se tornando, já se tornou comum e muito importante pra gente por não ser o ideal, né? Claro que a gente queria ter um flagrante feito pela imagem de um repórter cinematográfico que ficaria maravilhoso. A gente queria ter todas as imagens com aquele padrão de qualidade que seria muito legal. Mas, como eu te falei antes, a gente não pode estar mais em certos lugares. O repórter cinematográfico, a equipe de reportagem, o próprio repórter não consegue entrar mais em uma comunidade. Às vezes, não precisa nem ser comunidade, até próximo da comunidade, a gente já não consegue mais chegar. Eu lembro que há 5 anos atrás, eu trabalhei na madrugada. A gente rodava todas as delegacias de plantão atrás de alguma ocorrência. Hoje, as equipes não conseguem mais andar de madrugada no Rio de Janeiro porque realmente não tem condições. Então, essas imagens, elas vêm num momento propício. Vc não consegue mais captar através do repórter cinematográfico, então, vc tem que fazer uso delas, não tem alternativa.
Pergunta 13 (Roteiro)
É. Existe um receio muito grande do repórter cinematográfico, que são nossos parceiros né direto na produção da matéria porque sem imagem não vai haver a matéria que as pessoas veem na televisão em casa, dessa utilização muito grande desse tipo de recurso. Existe a preocupação da perda da estética que eles têm, que a gente tem de forma geral da imagem. E existe também a preocupação de ter uma exploração, assim, querer tornar a violência um espetáculo. Essa preocupação também é outra forte. Mas, como eu te falei, se vc não utiliza, vc acaba deixando de mostrar uma coisa importante e acaba não podendo dar a matéria porque não quis utilizar aquela imagem. A gente não vai mostrar um assassinato acontecendo, mas vai ter que mostrar aquela imagem até o momento anterior, né? A gente faz isso. A gente não vai mostrar um corpo carbonizado, mas a gente vai mostrar a dar a entender que aquilo aconteceu ali naquele momento. Então, é um dilema, existe esse dilema sim, mas eu acho que, como tudo dentro do jornalismo, a gente vai tentando dar um formato em que as coisas possam ser aceitáveis, as coisas possam ser utilizadas sem criar um problema maior.
Pergunta
Quanto mais o jornalista dá imagem de lugares onde ele não esteve, isso não fica patente pro telespectador que ele o jornalista está perdendo o seu campo de atuação?
Acho que já ficou, já há muito tempo, falei com vc desde o começo, que o jornalista já não pode ir mais a certos lugares. Hoje, não é só dentro da comunidade. Hoje, nos acessos à comunidade a gente já não pode estar. A gente já não chega em acesso à comunidade sem que a polícia esteja ali. Porque os bandidos estão tendo uma facilidade de circulação muito grande. Ele pode estar lá em cima da comunidade quanto aqui embaixo no acesso e a gente pode ter um risco muito grande como já

aconteceu várias vezes. Então, não tem como a gente negar que a gente não tá tendo mais acesso a alguns lugares. Isso já ficou claro pra população. Por outro lado, existem também a importância que tem que se dar a quem fez, mesmo que anonimamente, quem fez a imagem. Hoje, vc sabe que a interação, as tecnologias, as redes sociais, os meios de comunicação mudaram. Então, hoje, qualquer um é produtor de conteúdo. A pessoa que tá dentro da comunidade, ela se sente especial e valorizada quando vê a imagem dela veiculada numa matéria jornalística. Olha, isso aqui tem o meu dade, sabe? Isso aqui tem a minha contribuição. Eu tô contribuindo pra denunciar um problema dentro da minha comunidade, dentro do meu bairro, seja lá o que for. Tem esse outro lado também.
Pergunta
E o jornalista, onde ele fica nessa divisão de papéis?
Pro jornalista fica a apuração, correr atrás de um desdobramento daquilo ali, a cobrança às autoridades do que está acontecendo, o sentimento de fazer o seu papel social também. Hoje, a gente trabalha com uma demanda social muito grande. 80% das nossas matérias têm um teor de contribuição social. Quando vc mostra desde um crime que aconteceu, desde alguém que foi preso injustamente. Eu mesmo já fiz matéria de um rapaz que foi preso injustamente que só conseguiu ser solto depois que a gente veiculou a matéria, que a família mesmo conseguiu imagens de câmeras de segurança que mostrava o rapaz no momento no crime em outro lugar completamente diferente. Aí, da uma satisfação muito grande vc poder utilizar aquela imagem, vc como jornalista, contribuir pra que uma (pensativo) que não é verdade ser mostrada realmente e o rapaz ser solto, né? O jornalista tem que se adequar sempre. As coisas vão mudando muito rápido. O jornalismo não é mais aquele mesmo de quando eu comecei que era tudo em cima de imagemzinhas, vamos lá, vamos captar, vamos fazer. Já não é mais o mesmo. Até a agilidade dele mudou muito por causa mesmo dessas imagens. As imagens vão surgindo, o tempo todo. Se a gente não se adequar a isso aí, a gente vai ficando pra traz.

Transcrição **entrevista jornalista 8** 28/02/2021 – 16h BR

- Chefe de Reportagem TV Bandeirantes – trabalho para todos os telejornais da casa desde o primeiro jornal que começa às 3h45 da manhã até o último que é o jornal da noite que começa meia-noite do dia seguinte.
- 15 anos de experiência como jornalista. Comecei como editora de imagens e texto. Minha carreira foi formada na edição de imagens e texto. Logo depois eu passei pra reportagem por cerca de 9 anos, quando eu assumi a editoria-chefe do telejornal local para logo em seguida assumir a chefia de reportagem. Tenho apenas 3 meses de Chefe de Reportagem, mas a função Chefia de Reportagem já existia na minha vida profissional nas férias de todos os Chefes de Reportagem. Eu era a substituta imediata. A Chefia de Reportagem é novo como cargo, mas não é um trabalho novo no meu dia a dia. Mas a minha formação começa na edição.
- 37 anos de idade
- Bacharel em Jornalismo – Universidade Gama Filho
- 15 anos de atividade profissional

Descrição profissional – Preciso fazer o deslocamento de todas equipes dentro das pautas estabelecidas pelos diferentes telejornais. Eu preciso pensar em enfoques diferentes para cada um desses telejornais pq eles têm formas diferentes das notícias. Eu trabalho hoje com 7 equipes de reportagem. Essas 7 equipes são divididas entre viorrepórteres, que vão pra rua com o equipamento sozinhos e botam a mão da massa e 4 repórteres com ainda cinegrafistas. As pautas são pensadas para o telejornal local, ou seja, com enfoque bem regional pansando na cidade do Rio de Janeiro, em algum momento, algumas situações do estado; e elas são pensadas tb em âmbito nacional e também no âmbito policial. Então, eu tenho 3 enfoques e preciso fazer a distribuição das equipes e das pautas pensando nesses 3 enfoques diferentes. Na minha função, eu preciso apurar, distribuir equipe, aprovar textos e fazer a compilação de dados. Apesar de eu ser Chefe de Reportagem e esse primordialmente cuidar apenas da distribuição de equipes, na minha função atual eu preciso dar início à notícia na apuração pra verificar se ela realmente é aquilo que eu preciso para fazer a distribuição da equipe e eu preciso dar o enfoque necessários para os diferentes telejornais que a gente atende. Então, o repórter chega a fazer 3 matérias com pensamentos diferentes para atender esses telejornais. Até direcionamentos de informação, que dados eu vou apurar para cada uma dessas matérias, tudo ainda passa por mim por conta do tamano da empresa, eu acabo unindo muitas funções dentro de uma única pessoa.
Pergunta 1 (Roteiro)
Hoje, ele é a base da notícia no Rio de Janeiro e eu tô levando em consideração o Rio. Porque é a a base da notícia? E levando pra minha realidade que é a TV Bandeirantes, nós tivemos a perda de duas pessoas em meio à violência. Tivemos 2 cinegrafistas mortos por conta da violência, seja ela dentro de uma favela, seja nas ruas por conta de direitos. Isso modificou muito o formato de se fazer televisão dentro da empresa TV Bandeirantes e essa mudança radiocal na forma como a gente faz a notícia e vê a notícia, ela acabou nos levando a cada vez mais ter como base a informação da população comum. Isso veio de uma maneira forte, ainda mais forte com a criação de uma rádio, que nada tem a ver com televisão, que tem como base ouvir o ouvinte, que é Band News FM, e que o ouvinte tem voz. E no momento que o ouvinte tinha voz, o ouvinte tinha voz, tinha informação e tinha imagem. Aquilo passou a ser dado e passou a ser entendido como a base de uma informação. O ouvindo passou a ser ouvinte e telespectador. Passou a ser ouvinte, telespectador e formador da notícia, que era ele que trazia tudo. Hoje é a base no Rio porque cada vez menos o jornalista está na área

conflagrada, cada vez mais fora dessa área conflagrada por conta do aumento da violência e as empresas decidiram não se colocar em risco. Então, quanto menos vc está dentro de uma área conflagrada, mais vc precisa do olhar de quem está dentro. Isso é muito complicado porque a gente precisa dosar e entender até que ponto aquilo ali realmente reflete e realidade ou se não é apenas o reflexo da realidade daquela pessoa que está filmando. Hoje é a base. Hoje a gente cria reportagens inteiras sem a gente ter feito uma imagem, sem o jornalista ou o cinegrafista, o próprio jornalista ter colocado o pé naquele local, sem nunca ter visto aquela realidade. A gente conta a história através do olhar de quem está la dentro e não através do nosso olhar. Hoje é a base da informação e é a base de uma informação as vezes complicada de se trabalhar, que não necessariamente é a informação nua e crua e exatamente o que a gente precisa. Como exemplo, eu dou a imagem de um flagrante que, mais uma vez, o ouvinte mandou uma mensagem pra rádio atrelada a uma imagem, com uma história completa, as imagens corroboravam toda a história desse ouvinte. Nós apuramos com esse ouvinte, ligamos, a apuração fez toda a informação necessária. Colocamos no ar como o fato seria, teria sido, tetando tomar todo os cuidados possíveis e mesmo assim, a história era completamente diferente do que a imagem mostrava e daquilo que o ouvinte dizia que acontecia. Porque o ouvinte não só dizia que aquilo era um fato daquele momento, mas que foi um fato recorrente e, por ser recorrente, dava ainda mais veracidade àquela informação. A imagem era de um carro da polícia civil num quiosque na orla da Barra da Tijuca, colocando caixas de cerveja dentro da viatura. O ouvinte dizia que aquilo ali acontecia com muita frequencia, que o tempo inteiro uma viatura parecida com aquela parava naquele mesmo lugar e fazia exatamente aquilo ali. A denúncia foi ao ar e na verdade o quiosque tinha sido alvo de uma operação da polícia por venda ilegal de cerveja e as caixas estavam sendo apreendidas (silêncio). Fazia parte, inclusive, de uma operação que nós tínhamos feito. Aquela imagem não estava atrelada ao pedaço da operação. Então, as vezes, o olhar da pessoa que faz, não é o olhar do jornalista, não é o olhar de quem vai tentar apurar e tentar entender. É o olhar e tomar as decisões, entender o que está falando por aquilo que está vendo e não por aquilo que realmente existe. Hoje é a base do jornalismo no Rio de Janeiro. Não existe telejornal que vc não veja imagens tendo sido feitas pela população em geral. Não existe, eu não consigo ver.

Pergunta 2 (Roteiro)

Diariamente, todos os dias, em todas as matérias. Se levar em consideração matéria feitas por pessoas, a gente coloca no ar cerca de 12 matérias no telejornal local, dessas 12 matérias pelo menos 5 foram feitas com imagens enviadas, de 5 a 6 foram com imagens enviadas por alguém de algum lugar.

Pergunta 3 (Roteiro)

Ela tá associada a isso, mas eu não acho que ela seja por isso. O flagrante, ele era feito anteriormente antes da população ter uma câmera na mão que é o celular. O flagrante continuava acontecendo, a gente tinha esses flagrantes através da própria particularidade do jornalismo e do tamanho que o jornalismo tinha antigamente. Eu acho que agora a diferença é que nós somos milhares, todos viraram jornalistas, mesmo sem serem jornalistas. Então, o tamanho e a quantidade de coisas que são flagradas são maiores. OK, isso é ótimo, isso deveria ser ótimo como informação. Mas, até que ponto é uma informação não apenas de um olhar, ou de um olhar daquela pessoa ou é uma informação verídica. Então, não vai muito pela audiência o flagrante em si porque o flagrante existiria talvez e a gente colocaria no ar pela lente de algum cinegrafista, se aquele flagrante fosse feito pela lente do cinegrafista, se não fosse feito pela população. Hoje em dia, por vc ter tantas câmeras espalhadas por tantos lugares, tudo vira flagrante. Tudo vira imagem chocante. Um ônibus atropela uma pessoa no centro da cidade, vc tem dezenas de ângulos daquele acidente pq vc tem dezenas de pessoas passando naquele momento, naquele local e tudo isso está na internet. Então, vc só aumentou o escopo daquilo, não acho que seja apenas uma busca pela audiência. Talvez os sites especializados por esse tipo de flagrante de violência estejam sendo, coloquem mais dessa informação pq o Rio de Janeiro vive disso. A vive dessa coisa que a gente entende que é uma guerrilha norma, que virou natural da cidade. Na minha opinião, é

tão normal, é tão natural vc ver o tiroteio, vc ver as pessoas morrendo, carros alvejados, etc., que pra cidade, quem vive o jornalismo local ou estadual, é mais um. Precisa ser muito além pra ser a busca da audiência, sabe? O tiroteio comum dentro da favela não vira mais audiência, ele é um tiroteio comum pq ele acontece com frequência. Nas redes sociais, ele acaba ganhando outros sentidos talvez, mas na minha vivência atualmente pra esse material ir pra televisão, ele precisa ter um quê a mais. O quê a mais, aí ok, não é nem a busca pela audiência, é pelo fugiu do padrão, basicamente.
Pergunta 4 (Roteiro)
Ângulo. A gente é limitado a uma câmera, né, digamos assim, pela lente do cinegrafista, o que é o olhar dele naquele momento, daquele flagrante. As diferentes câmeras nas mãos de todos acabam dando diferentes ângulos, até diferentes visões de uma mesma coisa. Quando vc tem muita gente filmando, vc consegue olhar as vezes em 360 a situação acontecendo. Acho que isso traz mais informação se essa informação for apurada de uma maneira correta. Existem aquela coisa de uma imagem vale mais do que mil palavras, mas no jornalismo isso não pode ser uma verdade absoluta porque uma imagem é apenas uma imagem e ela só vai ter a consistência de uma informação no momento em que vc consegue dar a história que aquela imagem tem. Uma pessoa faz uma imagem específica e ele diz que aquilo ali é algo que acontece ou que é comum. E em determinado momento, vc vai apurando, vc vai cavando, vc vai perguntando e aí vc percebe que aquilo ali não é comum, que foi algo que aconteceu rapidamente. Na minha opinião, uma imagem vale mais do que mil palavras até o momento em que vc consegue entender aquela informação. Se vc não consegue entender, ela não vale mais do que mil palavras. Só a história dela é que vai dar realmente o conteúdo daquela imagem. Isso é muito complicado atualmente porque na rede social, quando vc faz o vídeo, vc conta a história pelo teu olhar, a rede social é a voz de um indivíduo. O jornalismo não é a voz de um indivíduo, o jornalismo é um fato, não é nem uma verdade, não acredito mais que o jornalismo seja uma verdade, ele é um fato e narrar um fato é muito diferente de vc dar a sua opinião em relação àquele fato que está acontecendo. Nas redes sociais é assim. Uma pessoa viu de um ângulo o motorista que avançou o sinal. Do outro ângulo, o cara viu que o cara tomou uma fechada. Em cada um desses pontos vc vai ver histórias diferentes, diferentes ângulos. Ele agrega valor em imagem, mas as vezes não agrega valor em informação. O que traz de benefício são os diferentes ângulos. Nós conseguimos ter mais olhares, mas esses olhares precisam ser melhor treinados.
Pergunta
O que vc quer dizer com ser melhor treinados?
Todo mundo hoje acha que é melhor jornalista porque hoje vc tem uma câmera na mão, porque hj vc tem uma rede social ou vc consegue automaticamente fazer a publicação de qualquer coisa num blog, vc vai conseguir ter um jornal de bairro sem ser jornalista pq hoje em dia vc não precisa de diploma pra fazer isso. Mas, as pessoas ainda não têm a visão do que é ser jornalista, que é apurar toda a história. A visão delas é aquela visão, ponto final. Na rede social tá aquela visão, aquele momento, o que ela viu, da forma como ela viu o que ela entende o que é verdade. Ela não tentou olhar os outros ângulos, não tentou verificar se o que ela viu é a verdade ou apenas um pedaço da verdade. Quando eu falo que é melhor treinado é pelo lado do jornalista. O jornalista acredita que aquilo que está postado é verídico, ponto. Se ele acredita que aquilo ali é verídico, ponto, tem alguma coisa errada porque aí vc não está fazendo jornalismo. Se não foi correr atrás da informação para verificar o quanto aquilo ali é realmente verídico, como é que vc tem certeza daquilo que vc tá falando? Vc não tava lá pra ter certeza daquilo. Vc não apurou, não conversou com diferentes pessoas, agregar as diferentes informações (ruídos externos do ambiente). O que dali não cheira bem? O que está dando errado? O que aconteceu? O que não se encaixa? O que pode estar por trás de determinada informação. Acho que falta a essas imagens que circulam as vezes sem nenhum tipo de apuração a certeza de que elas são aquilo ali que realmente são. Quando a gente leva em consideração, por exemplo, flagrantes de tiroteios ou de situações de violência extrema no Rio, quando aquilo aconteceu? Aquilo é de hoje

realmente? Aquilo aconteceu hoje? Em que local? Porque as imagens, elas as vezes são as mesmas. Será que aquilo que eu recebi no Whatsapp é...hoje em dia, quando a gente vê as postagens nas redes sociais, elas foram enviadas por outro mecanismo que é o Whatsapp, enfim. Hoje em dia no Brasil, o Whatsapp é o que mais mostra isso. Qual é a certeza que eu tenho de que aquela imagem publicada na Nova Brasília de um tiroteio foi da manhã do dia 28 de fevereiro? Não está numa câmera de segurança que registra a data e a hora, não sei se aquela câmera de segurança está com a data e a hora correta. Qual é a certeza absoluta que eu tenho que aquela imagem que tá sendo publicada naquela rede social é realmente um fato de algo que aconteceu naquele dia, naquele momento, daquela forma? Eu não vejo ainda um olhar treinado nas redes sociais, que é hoje onde a gente mergulha pra catar informação, da certeza de que aquilo ali realmente aconteceu naquele momento, daquela forma. Eu acho que, não é porque todo mundo tem um celular na mão, que todo mundo é jornalista. E hoje as coisas estão um pouco trocadas, as pessoas acham que, por terem um celular na mão, por poderem fazer as imagens e os flagrantes que eles fazem, todos viraram jornalistas.
Pergunta
Vc acha que as pessoas podem ser preparadas para ter esse olhar mais apurado que o jornalista deveria ter?
Eu acho que os jornais de comunidade mostram isso. Existem atualmente, aí vc tem que tentar ver a fonte, mas treinar, acho que todo ser humano é capaz de aprender o que quer que seja. Mas, existe ainda um limite muito complicado que eu acho que não é uma questão de treinamento, é uma questão de profissionalização. Isso é muito diferente. Treinar alguém pra fazer uma coisa e profissionalizar alguém é outra. Hoje existe muito jornal de bairro focado pra aquela realidade e isso mostra que é possível que as pessoas sejam treinadas. Meu grande questionamento é até que ponto aquelas fontes de informação são fontes confiáveis e não apenas o olhar daquela pessoa, dentro daquele mundo, dentro daquela visão de realidade. O jornalista precisa ampliar a visão de realidade pro todo. Ele não pode estar dentro daquele único meio, ele precisa ampliar pro todo. A realidade no Rio de Janeiro, as vezes, ela é muito diferente de bairro pra bairro. Quando vc olha o seu bairro, eu vejo isso em discussões na própria redação entre jornalistas, onde vc começa a perceber que existe uma visão específica sobre uma forma de se falar da cidade. Assim como nós somos jornalistas, nós tendemos a falar daquilo que a gente conhece, e mesmo assim a gente é treinado para o tempo inteiro se questionando se aquilo que a gente tá falando é algo que a gente acha ou se realmente é verdade, esse é o questionamento do jornalista o tempo todo, como é que eu tenho certeza absoluta que essa pessoa que foi treinada pra isso, ela se profissionalizou? Todo ser humano pode ser treinado pra fazer tudo, a grande diferença é, o treinamento dela é pra se profissionalizar naquilo ali? Ela vai levar aquilo ali como uma informação confiável? É uma informação realística? É o mais próximo da realidade possível? Nem o jornalista consegue chegar a verdade, a verdade é algo muito amplo. As pessoas me perguntam o jornalismo ele tem vertentes? Eu falo assim, ele tem visões, ele não tem vertentes. Numa briga de casal, o único fato verdade é que a briga aconteceu, o resto são pontos de vistas. O marido vai falar que o problema aconteceu por conta de uma determinada coisa e a mulher vai dizer por outra coisa. A função do jornalista é trazer as duas histórias e a única coisa que é fato, que é uma verdade absoluta é que a briga aconteceu. O motivo pelo qual aquilo foi derivado, cada um vai trazer o seu. E a função do telespectador é entender aquilo ali ou ele escolher o lado que ele quer porque a briga é a única coisa que é o fato verdade, o resto é a visão de cada interlocutor daquela verdade. E não deixa de ser uma verdade. A mulher não está mentindo nem o marido está mentindo. Então, eu acho que todo mundo pode ser treinado, o problema é até que ponto vc profissionaliza aquilo ali.
Pergunta 5 (Roteiro)
99% através do Whatsapp.
Pergunta
A Band tem Whatsapp próprio?

É o Whatsapp da Band News FM radio que é usado pra todo o grupo bandeirantes de comunicação. 99% das informações chegam através de Whatsapp. Vou me corrigir. 90% chegam através de Whatsapp, o restante a gente encontra através das redes sociais. 90% desse material que chega através de Whatsapp, ele foi retirado normalmente de uma rede social. Depois vc percebe que aquele vídeo que chegou na verdade estava num Tweeter, tava num Facebook, tava em algum outro lugar e ele foi encaminhado por Whatsapp. Então, o primeiro olhar é o Whatsapp e automaticamente as redes sociais.
Pergunta 6 (Roteiro)
Acho que esse é o maior desafio hoje do jornalismo. Eu boto matérias no ar e eu vou ser muito sincera, é muito difícil vc ter a garantia de que aquilo ali foi feito naquele dia, naquele horário, daquela forma. Atualmente, como chefe de reportagem, a gente recebe o material, a primeira coisa que a gente faz é ligar pra pessoa que nos mandou. A primeira pergunta que a gente faz é: foi vc quem fez ou vc recebeu? No momento em que a pessoa fala mensagem encaminhada, a gente já vai correr atrás de fontes oficiais. O vídeo vai ser enviado pra polícia militar, pra polícia civil, pra órgãos competentes dependendo do que for o vídeo. E levando em consideração violência em si, esse vídeo vai ser encaminhado pra polícia civil e polícia militar. Em casos envolvendo inclusive policiais civis e militares, encaminhados ao Ministério Público pra apuração. A notícia vai ao ar no momento em que uma dessas fontes que são consideradas oficiais dizem que ou vão apurar aquela informação ou que a informação já foi apurada e que tal coisa aconteceu, de acordo com as fontes oficiais. Tiroteios, aconteceu uma mega operação no Complexo do Alemão, houve um intenso tiroteio toda a manhã e aí vc entra no Tweeter ou vc recebe pelo Whatsapp dezenas de vídeos de tiros que não localizam lugar nenhum. Esse é um grande problema das redes sociais, as pessoas normalmente tão fazendo da janela de casa, então, elas vão pegar a janela do vizinho. Aí, vc não sabe se aquilo ali é plano, se tem montanha, raramente tem uma imagem que vc fale não aquilo ali é Nova Brasília porque é assim, assim, assim que é aquele lugar. Ali tem uma birosca. A gente já precisou, por exemplo, ampliar um vídeo pra pegar o telefone de uma birosca que aparecia no vídeo pra confirma onde era aquele lugar. Vc não conseguia identificar onde era e em que momento era. A gente teve que através das informações que aquele vídeo trazia de imagem, tentar chegar e apurar aquela informação. Como jornalista, não coloco a minha mão no fogo (interrupção por ruídos no ambiente). Não coloco a minha mão, como jornalista, no fogo por 30% dessas imagens. 70% eu coloco a minha mão no fogo pq foi trabalho de apuração, correr atrás e encontrar a birosca do lado e o cara confirmar exatamente o que aconteceu. Vou dar um exemplo que não tem nada a ver com violência. Violência animal na verdade. Recebemos um vídeo do Whatsapp de uma égua dependurada numa carroça. O cara tirando material de construção e o cavalo tava pendurado, com patas pro alto pq o cavalo não aguentava o peso do que tinha sido colocado na carroça. E o cara descarregava as coisas e o cavalo tava lá dependurado, assim, com as pernas pro ar, quase de cabeça pra baixo. O vídeo chamou extrema atenção pelo desrespeito ao animal. O vídeo dizia na redes social e no Whatsapp, pq a gente foi olhar e tb tava numa rede social, que tinha acontecido na Baixada Fluminense, tinha acontecido tal dia e aquilo ali era frequente. A imagem era sensacional pq era surreal o cavalo. Ok, vamos apurar, vamos atrás dessa história. Onde tá aquilo? Na imagem tinha o nome da loja onde o material de construção tava sendo retirado e colocado na carroça, tirado da carroça e colocado pra lá. Ligamos pra loja. Oi fulano de tal, tudo bem? A gente recebeu imagem de uma égua dependurada que tá circulando na rede social. Não, o sicrano vem aqui e faz isso, aquilo outro. A história ganhou tanta repercussão tanto nas redes sociais quanto na nossa divulgação que a polícia civil foi até o local, a polícia de proteção ao meio ambiente que cuida tb da proteção dos animais, foram até o local, fizeram o resgate da égua que na verdade tava sendo maltratada. OK. Aquela imagem poderia ser no Ceará, ela poderia ser em qualquer lugar. Não tinha um áudio falando que era Rio de Janeiro, tinha um pedaço do nome de uma loja, ela poderia ter sido feita 3, 4 anos antes e ter sido publicada naquele momento. Era apenas uma imagem. A gente demorou um

dia e meio (enfática) para apurar aquela informação. Um dia e meio. E acionar os órgãos responsáveis pra verificar se aquilo ali realmente era uma informação. A matéria só foi ao ar no momento em que os órgãos de proteção animal chegaram lá e encontraram a mesma égua, fazendo a mesma coisa, na mesma situação.
Pergunta
Sempre se consegue se fazer essa verificação e sempre as fontes oficiais respondem aos jornalistas?
As próprias fontes oficiais dizem vamos apurar (ruídos do ambiente). As fontes oficiais, elas normalmente respondem, levando pra realidade atual. Elas respondem principalmente vídeos de grande repercussão, no sentido de que são vídeos de flagrantes muito significativos. Pequenos flagrantes, ah me mandaram esse vídeo dizendo que é na Nova Brasília, que teve tiroteio. As vezes, essa resposta não vai chegar. Esse vídeo não vai ser usado porque eu não tenho a certeza de onde é aquele vídeo. Não consegui apurar com nenhuma outra fonte seja ela dentro da comunidade, seja ela com morador, eu não conseguir chegar, aquela mensagem foi encaminhada 390 mil vezes e ela chegou até a gente e eu não consegui voltar e chegar a realmente quem fez aquela imagem. Então, assim, a fonte oficial responde com uma certa frequência, principalmente imagens que podem dar grande repercussão, mas não é possível ter certeza absoluta de grande parte dessas imagens, principalmente essa que vc não consegue identificar o que é. É uma janela e um céu. É uma janela e uma outra janela. É um muro. É um pedaço de uma rua. É muito difícil não estar em loco e ter certeza absoluta de aquilo ali aconteceu naquele momento. Atualmente, na minha gestão como chefe de reportagem, se eu não consigo verificar minimamente o indício, o caminho daquela imagem, a gente não dá. Enquanto eu não consigo confirmar alguma coisa, algum ponto, algém que eu ligue que não seja nem perto daquela fonte, que se eu tenho a (ruídos do ambiente e alguma dispersão) certeza absoluta de que aquilo ali é a informação. Mas, confesso que, dependendo da repercussão daquela imagem, a imagem vai ser dada sem a informação. Nesse caso, voltando a sua pergunta lá do início, sim. Aí com base no quanto aquilo ali chama de audiência, aquela imagem vai ao ar mesmo sem apuração. Porque ela é chocante, ela vai ao ar.
Pergunta 7 (Roteiro)
Não. Não é tanto o exemplo do carro da polícia. A imagem chegou na emissora, sei lá, às 4h da tarde, demorou-se uma média de uma hora e meia de apuração entre falar com a pessoa que enviou a imagem, entender o que estava acontecendo, apurar quais eram os dados, a rua onde aquilo aconteceu, o horário, qual era o quiosque e bla, bla, bla. A imagem foi ao ar às 7h da noite, tres horas depois, e nem assim a gente tinha a história completa. (Silêncio) Na verdade, a gente teve que fazer uma errata porque não era a história.
Pergunta
A depender do tempo que o jornalista tem e do potencial que a imagem tem, ela pode ir ao ar mesmo sem a verificação ou inicial, ou parcial ou completa?
(Acena de modo positivo) Ai vc vê o comparativo do cavalo e da imagem do policial levando cerveja dentro do carro oficial, a viatura da polícia. Engradados de cerveja dentro de um carro da polícia, com policiais fardados, tinha um peso e precisava ser apurada com rapidez, precisa ir ao ar e foi apurada digamos parcialmente, ela foi apurada, mas ela não foi apurada por inteiro. (Distações do ambiente) Ela foi apurada parcialmente e na história do cavalo, a informação me chegou, eu fiquei extremamente chocada com a imagem, era uma imagem que me chocava, mas eu escondi de todo mundo até apurar (risos) a imagem.
Pergunta
Porque? Se vc tivesse mostrado teria sido dada?
Teria ido ao ar. Tenho certeza que teria sido. Aí, eu fui fazendo todo um processo. Eu hoje cuido das redes sociais da Band, o Tweeter e o YouTube. Meu projeto voltado para as redes sociais da empresa, foi montado e idealizado por mim. Então, a imagem do cavalo começou a repercutir muito nas redes sociais. A ferramenta do Tweeter da Band é uma ferramenta de informação, as vezes, apenas pela imagem porque é isso que é a

rede social. No Tweeter da Band, quando a gente tem imagens de grande repercussão, a gente tweeta: o vídeo que viraliza na internet uma égua presa, la la la, la la la. A publicação afirma ser em al lugar, la la la, la la la. A gente bota: em apuração e publica o vídeo no Tweeter, mas a gente não publica o vídeo na TV. A gente não exibe a matéria, mas a gente tweeta porque a velocidade da rede social é diferente da velocidade da televisão. Na minha opinião e na opinoão da casa no projeto formado. A história começou a ser apurada, começou a ser apurada, começou a ser apurada e ela começou a ficar muito grande no sentido de que a gente conseguiu chegar a todos os caminhos possíveis (Distações do ambiente). Então, a base da construção foi o tamanho daquilo ali. Então, a gente publicou na rede social pq era um vídeo que tava viralizando e tinha milhares de acessos já, e tava sendo retweetado, retweetado. Então, a informação já tava na rede social. A gente decidiu publicar e por embaixo apuração. A partir desse momento, a gente já tinha chegado a loja de construção que tinha confirmado que a égua tava sempre ali. E que já tinha confirmado que a égua estava em treinamento por isso que ela ficava dependurada. Quando ela ganhasse a força suficiente, ela não se dependuraria mais (sorriso). A gente foi atrás de veterinários pra entender, zootecnistas e etc., e aí acionamos os órgãos competentes pra verificar. Só no dia seguinte os órgãos conseguiram ir no local e realmente verificaram. A matéria que começou 2h da tarde quando a gente recebeu o vídeo, que o vídeo começou a viralizar na internet, a gente só foi exibir ela às 7h da noite do dia seguinte. Aí a matéria completa, com a sonora do delegado, com a pessoa responsável pelo local pra onde a égua foi enviada e assim sucessivamente. Na verdade, quando o vídeo chegou até mim e todo mundo viu o vídeo, as pessoas falaram do caralho, do caralho. Eu falei, tudo bem, do caralho, mas eu não sei porra nenhuma égua. Desculpa até o palavriado, mas foi exatamente isso que ei falei. Eu não sei porra nenhuma dessa informação, não consigo sabe aonde é esse local. É um local no meio de um barro, no mato, eu não sei onde é. Pode ser qualquer lugar do Brasil, pode ser até fora do Brasil, eu não sei. Enquanto eu não sei informação, é apenas um vídeo viralizando na internet. Eu posso tratar disso na rede social dessa maneira, mas eu não posso tratar disso na televisão. Preciso saber onde é esse lugar. E aí, é um produtor debruçado, é uma perda de tempo gigantesca da minha opinião, pra apurar uma única informação de um vídeo. Que tá reduzido da realidade porque não é algo que a gente foi lá e visualizou (Distações do ambiente), há uma perda de tudo. Há uma perda de informação, há uma perda de tempo do jornalista e é uma perda de tempo pro telespectador. Muitas das vezes, vc não tem como confirmar a averacidade daquela imagem. Vc vai usar uma imagem antiga, feita dois anos antes e vai dizer que é de hoje. Vc não tem como chegar ao cara que fez aquela imagem. Eu moro numa área conflagrada, tem dois grandes complexos de favelas, eu ouço tiro, faço imagem da minha janela. Mas, eu sei onde eu tô, sou eu que estou fazendo a imagem, a imagem tá saindo do meu celular. Eu sou a pessoa, a população nesse momento, eu não sou o jornalista. Sou a pessoa que tá passando por esse momento e tá flagrando aquilo ali. Eu sei que saiu do meu celular. Não é uma imagem encaminhada. Eu sou a fonte da informação inicial, eu sou o interlocutor da notícia. Agora, a imagem que tá na rede social não é a interlocutora da notícia. A imagem tá postada num tweet e aí eu posso dar o exemplo, já que a base da sua pesquisa é o OTT, que é o Onde Tem Tiroteio, ele hoje é um grande interlocutor de informação. Ele é, as vezes, a base (enfática) de uma notícia televisiva porque é nele onde vão estar postados todos os vídeos, de tudo o que existe de violência da cidade. Ele virou essa base da informação. Ele virou o local para onde eu envio porque eu sei que eu vou ser ouvido, porque eu sei que vou ter voz ou vou ter projeção daquilo ali. As vezes, a gente entra em contato com a plataforma (Distações do ambiente). Aí, a gente liga pra plataforma e pergunta. Quem mandou? Eu não preciso saber a fonte, mas vcs recebertam de alguém, um ser humano ou vcs receberam uma imagem encaminhada de alguém em quem vcs não conseguiram chegar? A gente pra plataforma pra perguntar dependendo do que for. As vezes, a gente não consegue saber. Nem a plataforma sabe. E aí, qual é a veracidade que eu tenho de que aquele registro é um registro real, não tenho. Eu vou ter, as vezes, e isso é muito comum em tiroteio, é uma operação da polícia no Complexo

do Alemão, começaram a surgir 10, 15 tweetes diferentes, em diferentes plataformas, mostrando um tiroteio mais ou menos na mesma hora, se torna verídico por estar sendo muito postado. E por ter uma confirmação de que estava tendo uma operação, naquele momento, naquele local. Mas se vc me perguntar se os jornalistas foram atrás de saber quem gravou aquela imagem, eu duvido que os jornalistas tenha chegado a quem gravou. Ele se torna verídico no momento em que le viraliza. Não aquele vídeo só, mas diversos vídeos mostrando a mesma região passando pelo mesmo problema.
Pergunta 8 (Roteiro)
Eles são responsáveis por uma conexão que boa parte do jornalismo tradicional não consegue mais fazer, que é a conexão com as áreas conflagradas. É isso que eu digo que a gente veio perdendo. O jornalista no Rio de Janeiro começou a viver uma violência tão grande e uma falta de estrutura tão grande pra cobrir essa violência, e como ela é diária e ela é constante, a gente não tá numa guerra, mas a gente tá numa guerra. Isso é muito importante das pessoas conseguirem entender. Nós não vivemos uma guerra, mas nós estamos numa guerra. Existem determinados locais onde nós não entramos e se nós entramos, não iremos sair, dependendo da situação como ela é. É preciso deixar muito claro pra população que, quando um jornalista tá dentro de uma favela, ele tá com autorização do tráfico. Ele não entra numa favela sem ter o contato direto com os bandidos. É impossível hoje. Vc fazer uma grande reportagem, com uma câmera no meio do Complexo da Maré, uma área extremamente conflagrada, se vc não tiver autorização do chefe do tráfico para estar ali. (Silêncio) Vc não vai fazer. E vc vai fazer aquilo que ele entende que vc pode fazer. Vc não vai mostrar a realidade da favela, vc vai mostrar uma realidade da favela, mas não a realidade da favela. O próprio morador não mostra toda a realidade da favela pq ele não pode. Na Rocinha, boa parte dos jornais de comunicação, eles se limitam a falar da realidade da Rocinha porque eles não podem contar a realidade da Rocinha porque já foram, os jornalistas que cuidam dessas redes, já foram ameaçados. Decidiram que ali dentro não se fala de violência, se fala muito especificamente de uma comunidade e de problemas comunitários. Mas não se fala de violência, não se fala de falta de acesso, não se fala de falta de direito de ir e vir. São realidades muito diferentes. O OTT hoje é uma base de dados. Tanto o Onde Tem Tiroteio quanto o Fogo Cruzado, que surgiu logo depois do OTT, são bases de dados. Eles são plataformas que trazem registros de áreas conflagradas, levando como base registros feitos por pessoas que estão vivendo aquilo ali e dando mais ou menos um panorama de uma coisa que nenhum instituto faz. Esse é o grande problema hoje. Os institutos não estão dentro dessas áreas. Então, essas plataformas hoje trazem um pouco dessa visão dessas área conflagradas. O OTT hoje faz a disponibilização de material que ele diz ter confirmado, eu falo diz ter porque é exatamente isso, tipo quem mandou, de que forma isso foi enviado? O jornalista precisa saber e se tomou como base o OTT e o Fogo Cruzado porque eles passaram a ter, como eu posso falar, credibilidade, porque as informações raramente eram desqualificadas. Eu acredito que eles tenham e façam um trabalho de depuração daquilo ali o máximo que eles podem. Eu não acredito que haja falta de credibilidade naquilo ali. Eu não acredito que seja de qualquer forma. Eles se transformaram realmente em bases de informação. E eles hoje fazem parte da rotina do jornalista que cobre polícia no Rio de Janeiro. Aconteceu alguma coisa, a primeira coisa que a gente faz entra no Tweeter do OTT, pergunta no grupo. É a primeira informação. É o OTT e o Fogo Cruzado. São as duas grandes plataformas de compilação de dados, de estatística de violência que leva em consideração as áreas conflagradas. São, na minha opinião, grandes institutos. Institutos que deveriam estar ali sendo representados pelo estado e na verdade estão por pessoas que começaram a perceber que as postagens na internet tinham uma base de dados. Hoje, a gente usa muito o Onde Tem Tiroteio. Pra conseguir vídeos, pq as pessoas se sentem seguras enviando vídeos pra eles, porque elas não vão ter a sua identidade revelada, por conta disso eles tem uma base de recebimento de material muito maior do que os jornalistas têm, por uma questão também de falta de credibilidade e confiança; e por tentar trazer essa realidade. Hoje, eu acho que, quando a gente fala de violência, a gente tá muito interligado ao Onde Tem Tiroteio e o Fogo

Cruzado que são as plataformas que mais falam sobre esses pontos de violência. Se isso é bom ou ruim, eu não sei.
Pergunta
Vc quis dizer que as pessoas têm mais confiança no OTT e por isso enviam material do que têm dos próprios jornalistas?
(Acena positivamente) Eu tenho certeza disso. Hoje as pessoas se comunicam muito mais com aquilo que está mais próximo. Eu vou dar exemplos não só do OTT, o Redes da Maré, o Voz das Comunidades. Esses grupos de trabalham dentro dessas áreas, que estão ali mais próximos daquela realidade, realmente vivem aquela realidade, eles tem muito mais interlocução com essas áreas do que os jornalistas têm, atualmente. Eu vivi uma época em que vc entrava em comunidade e vc fazia amizade com morador, pro morador te ligar quando alguma coisa tivesse acontecendo, vc fazia fonte na associação de moradores, vc ia atrás da notícia dessa maneira. Hoje, as pessoas têm medo de falar com o jornalista, além de ter medo não confiam. Então, vc não consegue as vezes chegar no que essa galera que está ali próxima consegue. Isso fez com que essas plataformas ganhassem cada vez mais força em recebimento de informação, o volume de material que eles recebem é muito alto, e principalmente na garantia de que aquilo ali não vai ser usado com o nome daquela pessoa ou podendo identificar, ou sei lá o quê. Mas, eles recebem um volume de material que, no comparativo com o Whatsapp que a gente tem, aí fazendo um comparativo da minha realidade da TV Bandeirantes, não sei como funciona na Globo, como funciona na Record, mas fazendo um comparativo da TV Bandeirantes, a quantidade de material que chega pra eles, falando de regiões conflagradas, é muito maior do que chega pra gente. Muito maior. Na minha avaliação, isso acontece por uma falta de credibilidade e por uma falta de conexão do jornalismo hoje do que é a cobertura da violência no Rio de Janeiro. Ela não é mais feita da mesma maneira. Talvez ela seja feita pela Record que tem uma visão muito mais policialesca, eu digo policialesca pelo lado das instituições, polícia civil, policia militar, é voltado pra essa visão deles para com a favela e não da favela para com eles, talvez a Record cubra mais, o SBT cubra mais operação, mas acho que cobre por esse lado, pelo lado policial da cobertura de favela. Essas plataformas hoje, elas são a voz contrária. É quem registra e vive aquela rotina e não quem entra para que aquela rotina aconteça. Acho que eles ganharam uma repercussão muito maior no sentido de eles conseguirem dar voz a quem não tinha voz antes.
Pergunta
O jornalista confia nas informações passadas pelo OTT?
Confia, confia. Os dados são dados como eles com base de informação, como instituto. Sabe o ISP? Que diz que houve redução de 38%? De acordo com o ISP houve redução de 38% dos autos de resistência. De acordo com o Onde Tem Tiroteio, foram registrado 38 tiroteios a mais na Nova Brasília do que foram registrados no mês anterior. É um instituto, é uma base de dados. Existe credibilidade tanto no OTT quanto no Fogo Cruzado.
Pergunta 9 (Roteiro)
Repercussão e facilidade. Repercussão porque existem muitos flagrantes muito importantes. A sua base de estudos é o OTT, mas a gente pode citar o Rio de Nojeira que também é uma base de dados de Tweeter, de informação, que traz diversos flagrantes de violência e problemas na cidade. Traz braço que é coisa que a gente não tem mais hoje no jornalismo porque a gente não consegue tá cobrindo mais as coisas da maneira como a gente cobria anteriormente. Então, dá braço, da agilidade, da repercussão e facilita o trabalho, infelizmente. É muito mais fácil hoje contar uma história de violência por conta dessas plataformas do que era no passado.
Pergunta
Em que sentido dá agilidade? Como é que dá agilidade?
Porque vc não se desloca até o local. Normalmente, o jornalista ouvia a coisa acontecer, se deslocava e ia cobrir. Nesse momento, se perde o time das histórias. Hoje, eu não perco o time das histórias. As histórias acontecem, são gravadas, são transmitidas e a história tá contada. Vc não apurou e chegou pós. Vc, as vezes, tem o momento. A gente

teve uma tocaia no carro de um ex-PM acusado de ser bicheiro na Barra da Tijuca, no finalzinho de janeiro, foram 20, 30 tiros. Antes do meu repórter chegar ao local, ao tinha imagem de todos os ângulos que vcs possam imaginar do carro no meio da Av. Das Américas. Ainda sem perícia. Eu já tinha ouvintes ligando, explicando tudo o que tinha acontecido. O carro foi parado por um carro tal, alvejaram o carro, o carro tá largado, o fulano de tal saiu pela porta tal, foi levado por um outro carro pra tal lugar. Eu tinha toda a apuração e todo o material possível por conta da velocidade da informação que hoje se tem porque todo mundo tem uma câmera na mão. Quando a gente fala de áreas conflagradas, que é o foco do Onde Tem Tiroteio, o registro de tiroteios nessas regiões onde os tiroteios acabaram virando rotina, do que o tiroteio que aconteceu na Av. das Américas, na Barra, ele também registra isso, mas isso é só um pedaço. O Onde Tem Tiroteio é quase minuto a minuto o que está acontecendo. Começa um tiroteio as vezes numa região onde eu não vou chegar na Baixada Fluminense, eu não preciso nem ir porque eu vou ter dezenas de vídeos daquela localidade postados através da plataforma ou enviados através do Whatsapp. É muito material porque chega muito rápido, porque a pessoa tá lá em loco fazendo. Antigamente era, vc escutava um registro, va ligava, vc se deslocava, e vc tentava fazer o pós ou, as vezes, chegar ali ainda no meio da confusão. Ou vc estava lá porque estava acompanhando a operação. Hoje em dia não tem mais isso.
Pergunta
Plataformas como o OTT cumprem uma etapa significativa da produção pq o jornalista pode se preocupar com o depois, por exemplo apuração?
Exatamente. A agilidade que eles trazem é exatamente essa. Eles conseguem estar no local, mesmo que eles não estejam fisicamente porque eles são uma plataforma e recebem essa informação, mas eles conseguem trazer aquela situação para o momento atual e, no momento que eles trazem esse momento atual, o jornalista corre atrás do entorno. Ele não precisa estar mais no momento atual, que era antes do que a gente precisava fazer, correr pra conseguir chegar e fazer aquilo ali realmente acontecendo. Como eu mostrava a realidade se eu cheguei depois da realidade ter acontecido? Hoje, não. Hoje através dessas plataformas, por conta da quantidade, do volume de informações que elas oferecem, vc consegue mostrar o que aconteceu naquele exato momento e trazer o posterior. Aí é a tal da apuração. Vc ter um puta tiroteio na Rocinha, que fechou o Lagoa-Barra e aí vc vai ver no OTT o tiroteio na Rocinha, o Lagoa-Barra fechado. Vc não chegou no momento em que o Lagoa-Barra tava fechado, mas vc chegou um pouco depois. Vc vai fazer motoristas chegando na Lagoa e dizendo foi horrível e tal coisa aconteceu. Vc vai apurar o depois. Vc vai confirmar com o Centro de Operações que o Lagoa-Barra tá fechado, aí vc vai conseguir confirmar a informação do OTT, levando em consideração a rotina dessas imagens. O OTT posta uma imagem de um tiroteio na Rocinha, o Lagoa-Barra é fechado, vc confirma com o Centro de Operações, o Centro de Operações confirma através das câmeras que tá fechado e aí tenta confirmar o motivo pelo qual tá fechado, a PM avisa que foi acionada pq teve tiroteio. É uma coisa muito loco. A gente recebe o vídeo de um tiroteio e a gente manda pra diferentes fontes que antes nunca teriam sido acionadas pra confirmar o tiroteio, como por exemplo o Centro de Operações. Afetou o trânsito e por ter afetado o trânsito, a gente consegue a partir lá do final da cadeia do que o tiroteio causou, confirmar que aquele tiroteio realmente aconteceu. A agilidade que essas plataformas trazem é estar no local sem que eles realmente estejam e sem que a gente como jornalista também esteja lá.
Pergunta 10 (Roteiro)
Eu acho que é isso. Eles conseguira algo que boa parte das páginas de bairro não conseguiram, que é credibilidade. Existe uma credibilidade por parte do Onde Tem Tiroteio na comunidade de jornalismo. Eles conseguiram trazer informações e base de dados, compilaçãoes. Conseguiram mostrar estatísticas e formatos que deram a eles uma credibilidade de informação. Então, hoje, quando vc fala segundo o OTT, vc entende que aquilo ali é um estudo de pesquisa. Mesmo que seja baseado nos registros de pessoas, porque a base deles é isso, basicamente é o que o Ibope faz. O Ibope faz a

opinião de uma pessoa e traz uma estatística. O OTT traz flagrantes dessas realidades em áreas conflagradas e transforma isso em dados estatísticos. Eles ganharam credibilidade e eu acho que tem muito a ver com transformar a imagem em informação, em estatística. O OTT quando ele veio, veio como uma plataforma divulgando tiroteios. No iniciozinho era assim. 38 minutos de tiroteio na Nova Brasília, vídeos postados, não sei o que lá. Segundo dia de confrontos no Complexo do Alemão, uma porrada de vídeos postados. Em determinando momento aquilo começou a ser compilado em base de dados onde vc consegue olhar o ano anterior, o ano posterior. Aquilo se transformou num instituto que tem detalhamento das coisas. Eu acho que eles ganharam credibilidade nesse sentido. Eles pararam de ser apenas uma página republicando ou publicando material para uma análise daquilo que estava sendo publicado. Nesse momento, na minha opinião, ele ganha credibilidade.
Pergunta 11 (Roteiro)
No caso, levando pra minha realidade, é: o OTT divulga a imagem, a imagem chega através de outros canais que nós temos como o Whatsapp, ela chega sem selo. Por isso que eu falo da garantia de que aquela imagem ali foi postada e foi enviada apenas pro OTT. Não necessariamente. O OTT recebeu aquilo, compilou, fez a apuração das informações e começou a fazer as postagens. Talvez, se vc pesquisar na internet, vai existir um tweet de alguém, algum outro site, com aquela mesma imagem mais cedo do que o OTT postou. Ou acontece o que acontece com a gente, que é receber através do Whatsapp. As vezes, a gente recebe do banco de informação o que o OTT mandou e em determinado momento a gente vai lá e recebe o vídeo limpo, encaminhado por alguma outra pessoa. Nesse caso, a vertente usada pela emissora é vou usar o vídeo limpo pq recebi o vídeo limpo. Uma coisa que eu percebi ao longo do jornalismo, quando a gente teve essa explosão do Whatsapp e de todo mundo ter uma câmera na mão é que antigamente, há 4, 5 anos atrás, nem é tão antigamente assim, não se usava uma imagem selada. Não se usava, de maneira nenhuma. Era muito raro e quando as imagens do OTT vinham seladas, se era possível cortar a tarja deles, se cortava para exibir a imagem sem selo. Depois de um tempo, passou-se a pedir à página a imagem sem selo para fazer o crédito da imagem sem o selo. Hoje em dia, se coloca qualquer imagem selada ou não. Por exemplo, se o OTT pegou um flagrante que é só dele e a gente consegue que o OTT mande o vídeo limpo que a gente vai creditar, ótimo. As vezes, a gente não consegue. O OTT não vai mandar o vídeo limpo, vai mandar o vídeo com o selo e aí a gente vai exibir o vídeo com o selo. Em alguns telejornais, eles recebem imagem limpa. Antigamente se cortava pq não se exibia imagem das redes sociais com selo. Hoje em dia essa política mudou muito. Hoje em dia se exibe qualquer imagem. Com selo no meio da tela, com selo embaixo, com selo no canto. E normalmente no off do repórter é imagens das redes sociais pra deixar claro que aquele selo está ali porque foram imagens das redes sociais. Não são imagens que a Band conseguiu. A gente recebeu um flagrante através do Whatsapp, um vídeo de quase 4 minutos, de bandidos na Av. Brasil, o trânsito parado, o cara finjindo vender bala, a pessoa abriu o vidro pra comprar bala, arma apresentada, celulares roubados, próximo. A mulher, a pessoa, era uma mulher falando no vídeo, ela grava 4 minutos de ação dos caras, eles abordam 3 a 4 carros nesses 4 minutos. A imagem é sensacional, sensacional, sensacional, sensacional. Mais uma vez. Era uma imagem que parecia a Av. Brasil, parecia porque não tinha nada que comprovasse que era a Av. Brasil. Parecia a Av. Brasil por causa do tipo de asfaltamento e por causa das divisões das pistas, por conta de um poste e de uma construção que tinha na lateral do vídeo. Vc tinha uma pessoa falando carioques densamente, o narrador do vídeo falava caraca, ala, ala, descrevia tudo o que estava acontecendo. O que a gente fez? O flagrante era sensacional, só a Band deu. No dia seguinte, todo mundo decidiu dar o mesmo vídeo pq ganhou uma puta repercussão. Demos o vídeo pq enviamos para a polícia militar e a polícia militar disse que ia mandar uma viatura no local, pq a mulher falava mais ou menos onde era o local. No final das contas, os moleques foram presos. A civil confirmava roubo de celular na Brasil, naquela região, naquele dia. Tinha uma fonte oficial dizendo que tinha registro do roubo e tinha a PM dizendo que ia mandar uma

patrulha lá. A gente botou no ar, Aline. Quando a gente botou no ar, a vítima ligou pra Band. E aí, a vítima falou a pessoa que a aparece entregando o celular naquele carro branco sou eu. Aí, ela narra tudo o que acontece. Aí, a história fica desse tamanhão. É uma imagem que poderia ter vindo através do OTT porque é tipo de flagrante que o OTT coloca. Mas, nos chegou através do Whatsapp. Talvez o OTT tenha publicado isso com o selo deles, mas pra gente não chegou através do OTT, chegou através de outra fonte.
Pergunta
Há alguma razão específica para preferir as imagens limpas?
Há, pela qualidade, pela visão do todo mesmo. As vezes, o símbolo do OTT naquela tela vertical, ele ocupa mais ou menos 2/4 da imagem, metade da imagem ou um pouco mais, um pouco menos, 1/3 da imagem. A imagem fica realmente mais borrada. Quando se consegue o vídeo limpo é uma conquista. O produtor, normalmente, quando recebe o vídeo do OTT tem a missão de conseguir o vídeo limpo, (risos) sempre. Mesmo que seja pra creditar a fonte, daonde ele conseguiu. Normalmente, o produtor na TV tem a missão de conseguir o vídeo limpo.
Pergunta 12 (Roteiro)
Todos os dias. Todos os dias, na verdade, 5 a 6 vezes ao dia porque é a quantidade de matérias que a gente baseia o dia a dia com informações feitas por não profissionais. Hoje, se ver um telejornal de uma hora, vc vai ver nessa uma hora muito mais flagrantes de pessoas que não são profissionais do que flagrantes de pessoas que são profissionais. Isso está interligado à tecnologia de todos mundo ter um telefone na mão pra fazer o que quer que seja. É um dilema sim pq se vc não confia naquela informação e decide não dar e alguém decide dar, vc tomou um furo pq vc tinha aquele vídeo na mão. Vc não conseguiu ser rápido o suficiente pra conseguir confirmar aquilo ali. Existe uma cobrança disso. Porque a gente tinha esse vídeo e não publicou antes? Porque a gente tinha esse vídeo e não conseguiu chegar a essa informação que o fulano de tal conseguiu? Existe a necessidade de fazer a postagem daquele material, mas existe ainda graças a Deus, uma necessidade de confirmar aquela informação. Mas, quando o outro dá e vc não conseguiu chegar a essa mesma informação, na mesma velocidade, vc tem a cobrança daquilo ali. O dilema está em conseguir confirmar e eu dou mais uma vez como exemplo o carro da polícia e os engradados de cerveja, que se a gente tivesse mais uma hora e meia, uma hora e meia era o que a gente precisava, a gente não tinha colocado aquela matéria no ar. A gente colocou pq a imagem era extremamente maravilhosa, ia ter uma repercussão muito boa e o tiro saiu pela colatra. Hoje é case. Hoje o erro virou case. Virou uma forma de a gente sempre perguntar novamente até ter certeza. E a gente já se livrou de boas por conta do erro que a gente fez, mas a gente errou primeiro. Pra conseguir fazer algo que é a base do jornalismo, que é apurar. Então, é um mega dilema, mas é um dilema pra realidade atual. Não tem volta. Infelizmente, não tem volta. Nós jornalistas precisamos entender que não somos tão ágeis quanto quem tem um celular na mão. É impossível estar em todos os lugares e é impossível negar a velocidade e a agilidade que a população ter um celular na mão traz ao jornalismo. Hoje, falando até de violência, é possível mostrar muito mais, é possível provar muito mais do que acontece em áreas conflagradas pq todo mundo tem um celular na mão do que era quando nós não tínhamos isso. É complicado pq vc precisa confirmar e talvez seja algo muito complicado? É. Mas, traz um benefício muito grande pq mostra realidades que antes a gente não conseguia mostrar pq a gente não conseguia estar lá, no momento exato, na hora exata do que aquilo acontecia. Hoje, a gente tem câmeras pra todos os lados. Tem câmera dentro de carros, no capacete do motociclista, vc tem câmera no celular, vc tem câmera de monitoramento. Hoje em dia, vc tem olhos por todos os lados. Então, vc tem muito mais flagrantes e muito mais informação que precisa ser apurada, checada e exibida. E talvez vc mostre muito mais realidades do que vc mostrava antes. Por ser um dilema, vc tem o dilema da agilidade, da velocidade, de muito mais informação e o dilema de tentar entender se essas realidades aqui, que informações são essas, pra que vc realmente consiga publicá-las. Mas é um caminho sem volta e um caminho que a gente vai ter que aprender a lidar e tentar sempre chegar

lá no meado de quem fez. As vezes, a gente não vai conseguir fazer isso. Muitas das vezes (risos), mas é um caminho sem volta. A gente vai continuar sempre tendo isso.
Pergunta 13 (Roteiro)
Tem pq tira a credibilidade. (Silencio) É muito mais fácil pra qualquer pessoa vc se ouvir, se ver e se ouvir, dentro de um canal em que vc se identifica do que dentro de um canal em que vc não se identifica, onde aquelas pessoas não falam a sua realidade. É muito mais fácil eu falar com alguém que conhece a minha realidade do que com alguém que não vive a minha realidade. Não sei até que ponto eu vou ter isso, ser ouvido da maneira que eu quero ser ouvido. Esses canais trazem essa possibilidade, de vc ser ouvido dentro da sua própria comunidade, dentro da sua própria realidade. E vc tem a certeza de que aquele discurso vai ser o mesmo. Tem aquela característica daquele discurso muito bem representado naquelas plataformas. Mas, vc não tem essa confiança, essa certeza absoluta no jornalismo, pelo menos não aqui no Brasil. A reclamação sempre vai ser de que aquela história não foi contada por aquele olhar único daquela população que vive ali e (dispersa) e que a realidade não foi intensa. Um exemplo disso é uma pessoa que teve a sua casa invadida por policiais e ouve na televisão que policiais, não é uma fake news, policia revitaram casa. A pessoa que contou a história dela diz que ela teve a casa invadida, revirada, é um outro tipo de visão do que aconteceu. A polícia afirma que revistou casas. Revistar é algo muito menor do que invadir. Então, no olhar daquela pessoa, aquela história não foi contada da maneira correta. O jornalista leva em consideração a fonte oficial muito mais do que a pessoa ali que contou uma determinada história e não tem a confirmação de que aquilo ali foi feito daquela exata maneira, entendeu? Aí vc vai dar talvez mais força pra voz oficial da polícia do que vc vai dar pro morador. A gente já teve registro de pessoas dizendo a história não é assim. É uma mentira o que foi contado. Não é uma mentira, é uma parte da verdade, isso é o grande problema. Traz malefícios pq as pessoas querem escutar o mesmo discurso, elas não querem ouvir diferentes pontos de vista da mesma história. Elas querem escutar aquele discurso, querem o direcionamento da informação, que é algo que o jornalismo brasileiro já faz com muita frequencia. Vc liga cada canal e vc sabe de cada canal a opinião de cada emissora. O olhar atento vai perceber i direcionamento de cada emissora. E quando vc fala em locais conflagrados, isso tá muito mais claro pra aquela população que vive ali porque ela vive algo que a gente não consegue retratar na televisão, a gente não consegue. Eu acredito que traz malefícios no sentido que a gente perde o canal de comuncação. Porque nós não somos mais os interlocutores daquelas histórias? Porque aquelas histórias não chegam pra gente imediatamete? Porque não ligam mais pros canais de televisão pra falar sobre determinada coisa? Porque as vezes essas histórias estão muito mais nas redes sociais do que elas estão dentro das emissoras? A gente recebe pelo Whatsapp? Recebe. Mas, eu acredito ainda que a gente consegue ser a voz de uma parcela da população e não de toda ela. Nem toda ela confia no jornalismo, entendeu? Existe uma perda no sentido de que a gente não é o canal e a gente perde isso como jornalista. Eu acho que a gente tem que ser o canal e não o contrário. Uma jornalista de áreas de conflito, em guerra, participou de uma palestra no Rio e houve um puta debate. Porque no Brasil as histórias se perdem tão fácil? Porque acontece um tiroteio num dia e aquela história morre naquele mesmo dia? Ela perguntava muito isso. Isso não é comum no jornalismo internacional. Quando aquela história acontece, ela vai sendo esmigalhada até se chegar a um ponto final dela. Aqui, não. A rotina é de embrulhar peixe. Deu uma notícia, embrulhou o peixe, vai pra outra notícia. Vc esquece daquela de lá. O dia a dia dos conflitos aqui são muito corriqueiros, vc não fica falando o tempo inteiro daquilo ali. Ela fala que numa zona de guerra não é isso que acontece. Numa zona de guerra, vc vai pra dentro daquela história e vai ficar ali ruminando aquela história até a chegar ao ponto final dela. E ela perguntava pq a gente não corria atrás e a gente respondeu porque é normal, pq vai acontecer amanhã de novo. Ela se chocava com a nossa resposta. Não pode ser normal. Vcs não podem achar isso normal. Tem que continuar indo lá. O debate ficou naquilo dela dizer vcs estão perdendo o que é mais importante no jornalista que é não achar nada normal. Aquilo não pode ser normal, não pode ser

natural, não pode acontecer naquela frequencia. Aquilo precisa ser ruminado, Aquilo precisa ser investigado, vcs precisam voltar sempre ao mesmo lugar, vcs precisam estar sempre voltando. A gente não volta. A gente não termina as histórias. A gente fala e a gente esquece. E depois a gente vai pra próxima. Talvez a gente relembre essa aqui quando uma nova acontecer da mesma forma. Mas a gente não vai terminar a história, não vai conseguir finalizar. Só grandes casos de repercussão são finalizados. Os pequenos não são. Talvez seja isso. Haja uma perda de credibilidade pq todo mundo quer ouvir o mesmo discurso e a população brasileira já começou a perceber que existem um discurso pré-moldado em cada um dos canais. Então, vc escuta o seu discurso. Vc liga tal televisão para escutar o seu discurso. Vc procura aquele canal de informação, de plataforma, de rede social para a sua voz der reproduzida da menira que vc entende que ela tem que ser. Nesse momento, a nossa perda está na credibilidade. Mas, eu não acredito que essa perda seja mais significativa do que o ganho na velocidade de informação. Hoje, a gente tem muito mais olhares e isso é um benefício pro jornalismo. A gente só precisa aprender a lidar com essa agilidade de informação. No Brasil, a gente ainda tá engatinhando no aprendizado do usar isso como fonte de informação.

Transcrição **entrevista jornalista 9** 11/03/2021 – 15h BR

- Há seis meses estou trabalhando como produtora de pauta para os jornais locais da RecordTV que são o Balanço Geral Manhã, Balanço Geral Tarde e Cidade Alerta. Especificamente fico na área de polícia.
- No jornalismo desde 2016. Eu trabalhei numa webTV antes de entrar na Record e vim pra Record em 2018. Fiquei um ano e meio na webTV e depois entrei pra RecordTV. 4 anos e meio mais ou menos. Na Record entrei pra fazer produção, mas me transferiram para o setor de apuração, fiquei durante um ano e meio, quase dois anos quando pedi pra entrar pra produção. Cansei um pouco de ficar no factual. Queria produzir, fazer matérias bem produzidas.
- 25 anos de idade
- Bacharem em Comunicação Social/Jornalismo IBMR.

Descrição profissional – Todos os dias eu acordo pensando em que matéria eu posso fazer diferente no jornal de amanhã. Então, eu utilizo o Whatsapp, eu utilizo o Facebook, contato de moradores de comunidades pra conseguir reunir uma ideia e montar uma pauta. A gente já vem pensando na pauta que a gente vai produzir, vai pra reunião, vende a nossa proposta e aí começa o trabalho de produção. Vamos supor, vou fazer uma matéria falando do número de feminicídio. Então, eu busco conversar com uma delegada da Delegacia da Mulher pra me ajudar a pautar com dados, me ajudar com vítimas. Aí eo começo essa conversa, o trabalho de pesquisa de dados, de informações. Quando eu consigo a vítima, eu converso pra poder entender o lado dela de uma forma bem, no caso uma familia porque a vítima morreu. Mas num caso de violência doméstica, converso diretamente com a vítima. Sempre tem o cuidado de fazer a pré-entrevista antes, entender cada detalhe da história dela, o que aconteceu e eu começo a colocar isso no papel, no computador (risos), escrever cada um desses detalhes e a organizar, a pensar como isso vai ser colocado na televisão. Que ainda tem esse lado também. Além de escrever e idealizar a matéria, eu também descrevo para o repórter como eu tô enxergando que essa matéria precisa ser desenhada.
Pergunta
Na sua função, vc tem autonomia para pensar um assunto e executar a feitura? Precisa ter a aprovação de alguém?
Total (primeira pergunta). (Segunda pergunta) Dependendo do assunto, sim. Na verdade, todos os assuntos são aprovados. A gente tem uma coordenadora de produção, dependendo do assunto, quando envolve política, a gente sempre tem um certo cuidado. Isso passa pela direção de jornalismo pra ver se o assunto pode ser feito, se a gente pode desenvolver a matéria.
Pergunta 1 (Roteiro)
Vou falar por dois pontos (sorriso). Olhando como jornalista, tirando meu lado ser humano, o meu lado coração, isso é importante pra gente gerar o jornal, no caso o Cidade Alerta que eu sou mais focada, é um jornal totalmente de polícia. Então, ter esses flagrantes pra gente é muito bom. Agora, olhando por um lado ser humano, um lado coração...exemplo, esses dias a gente fez dois rapazes que tavam se passando por vendedores ambulantes na Av. Brasil e uma pessoa começou a filmar quando um deles apresentou a arma e anunciou o assalto. Essa pessoa poderia ao invés de filmar poderia ter procurado a polícia, uma viatura ali da região pra intervir. Mas, não, ela preferiu filmar. Como profissional, existem pontos que a gente tem que diferenciar muito. A gente comemora esses flagrantes, mas ao mesmo tempo fala assim o cidadão poderia ter ajudado aquela pessoa a de repente não ter sido assaltada procurando uma viatura, oh galera aquela dupla ali tá anunciando assalto, vamos em cima deles, sabe? Mas, não. A pessoa preferiu ficar naquela e levantar o celular.
Pergunta

Pq esses flagrantes são muito bons para o jornalismo ou para o jornal?
Deixa eu pensar aqui numa forma de explicar (risos). O nosso jornal é feito de flagrantes. É televisão, eu preciso de imagens pra poder mostrar o que está acontecendo. Eu preciso de imagens pra poder falar que a Av. Brasil é considerada uma das vias extremamente perigosas. Então, como eu vou provar isso? Só com dados? Só com alguém de repente falando? Agora, quando eu tenho imagens, quando eu tenho vários flagrantes de violencia acontecendo naquela mesma região, a gente já consegue levantar essa bola de que existe uma certa violencia, que existe falta de policiamento. Isso pra televisão é importantíssimo porque se vc não tem imagem, vc não faz o jornal. Vc não tem a matéria. As vezes, vc tem um ótimo depoimento, mas, dependendo da questão, a gente não consegue levar isso pra televisão porque falta imagens.
Pergunta 2 (Roteiro)
Diariamente. Diariamente. Todos os dias, a gente recebe flagrantes. Todos os dias, a gente recebe essas imagens e, praticamente todos os dias, a gente produz uma reportagem em cima desses flagrantes, em cima de registros de câmeras de segurança que muitas vezes os próprios moradores quando não querem ser identificados, eles compartilham com a gente pra gente fazer uma matéria, pra gente ir atrás da polícia, cobrar das autoridades segurança.
Pergunta
O fato de ter o flagrante determina que alguma coisa vai ser notícia? Se não tivesse alquela imagem, talvez, nem notícia fosse?
Sim, sim. Exatamente, porque quando vc tem, exemplo, olha Joyce eu fui assaltada, minha casa foi invadida, mas como eu vou levar isso pra televisão só com o seu depoimento? Como o telespectador vai ver que aconteceu essa invasão? A sua casa foi invadida, vc fez uns vídeos, aí sim a gente consegue fazer, Agora, se não tem uma imagem dos que aconteceu, como eu vou falar que isso aconteceu? No jornal impresso, acredito que seja muito mais fácil. Vc pega uma foto, coloca, faz o depoimento da pessoa, pega uns dados e vc consegue desenvolver a matéria. Já na televisão, vc depende muito dessas imagens.
Pergunta 3 (Roteiro)
Eu acredito também que o jornalismo, não posso dizer por todas as emissoras, muitos jornais acabam usando essas imagens até pra fazer um sensacionalismo do que tá acontecendo.
Pergunta 4 (Roteiro)
Eu tenho dois pensamentos, duas opiniões. Eu não acho que seja fundamental porque, quando vc coloca muito isso no jornal, é uma coisa muito massante pra quem está assistindo. Muitas pessoas acabam não gostando, não ficar se sentindo bem só assistindo esse tipo de flagrante de violencia. Eu não sou muito a favor disso. A gente tem que ter um certo cuidado quando vai levar tudo pra televisão, quando vai passar nos nossos jornais. Ponderar, né? Ter esse cuidado. Vamos diminuir um pouco a violencia nos nossos jornais e vamos ampliar os assuntos. Mas (risos), no caso do jornal que eu trabalho, com duração de quase 2 horas, 90% é falando de violencia. Para o nosso público, eles gostam disso. São opiniões complicadas que eu tenho dentro de mim, mas eu sou muito a favor de não ter um jornal completo de violência pq eu acho que isso não faz bem para o telespectador. Muito pelo contrário. Faz com que a pessoa tenha mais medo ainda de pegar uma via ou andar por tal região.
Pergunta
Esse material é muito importante para o telejornal ou não?
Sim, é muito importante. Mas a gente também tem muito cuidado. Dependendo da imagem, a imagem não é nem exibida.
Pergunta
Por que?
Porque a gente já sabe que isso mexe muito com o telespectador. Exemplo (risos), o que a gente recebe diariamente. Criminosos mortos. A gente receb imagens de criminosos mortos, cabeça cortada, sangue. A gente não exibe sangue no jornal. A gente exibe a prisão, o flagrante, mas sangue, a gente tem esse cuidado né? Porque a gente tem esse

cuidado com o telespectador, de mexer muito com as emoções dele, de perder também a audiência apelando pra essas imagens. Tem muito esse cuidado.
Pergunta
Na sua função como produtora, vc tem acesso antecipado a essas imagens e já consegue fazer um filtro do que pode passar adiante?
Sim, total. O filtro passa por mim, quando eu tenho uma dúvida, ele passa pelos editores. Muitas vezes, o filtro é bem pequenininho, então, os editores precisam dar uma avaliada melhor antes de ser colocado na matéria.
Pergunta 5 (Roteiro)
O que eles acrescentam? Conteúdo. Conteúdo, não. Informação, não sei se é a palavra certa. Um alerta, na verdade, pro telespectador. Acho que é um alerta.
Pergunta
Eu pergunto para a matéria.
Dão força, credibilidade. Acho que credibilidade é a palavra certa.
Pergunta
Pq vc acha que torna mais credível?
Pela questão de, se eu não tive essas imagens, como eu vou dar credibilidade para as informações que eu estou dando? Como eu vou poder afirmar que esse flagrante, de repente, aconteceu? Não tem como só deixar num off de um repórter. Eu preciso ter imagens pra provar para o telespectador que, de repente, aquela rua não é segura pra ele passar. Ou então cobrar das autoridades que realmente, a gente tem flagrantes da semana inteira que a polícia não passa ali em tais horários. A precisa dessas imagens exatamente pra trazer credibilidade pro telespectador.
Pergunta 6 (Roteiro)
Na RecordTV, a gente trabalha totalmente com o uso do Whatsapp. O número é divulgado em todo os jornais. Então, é 24h vc recebendo sugestões, vc tendo moradores, policiais, autoridades, todo mundo se comunicando com a gente através do Whatsapp. A gente acaba recebendo muitos materiais, muitas sugestões pelo Whatsapp. Mas, a gente não para só aí. Tem o Facebook, tem o Tweeter. Através desses outras canais, outras redes sociais, a gente faz busca. Hoje em dias as pessoas, quando acontece alguma coisa, quando uma pessoa desaparece ou quando a rua está com um buraco enorme e eles querem que a prefeitura vá lá resolver, eles marcam o nosso jornal. Ou quando já conhecem, eu sou jornalista da Record, aí me marca. Então, as vezes, a gente só coloca o nome do jornal na redes sociais e a gente começa a ver algumas denúncias. Record, vem aqui no meu bairro, me ajuda. A gente consegue tem essa relação. Hoje em dia, devido ao tempo que eu já to trabalhando com isso, meu número, infelizmente, já circula pelo Rio de Janeiro (risos), então, muitos casos já chegam pra mim diretamente. Mas, é claro, que eu uso totalmente hoje o Whatsapp. Ele é a nossa principal ferramenta de sugestões de pauta.
Pergunta
Chegam só sugestões ou essas imagens que nós falávamos agora há pouco?
Sim, pelo Whatsapp chegam todas essas imagens. Se acontecer uma explosão aqui na minha rua agora, em 5 minutos isso vai estar no Whatsapp da Record. Todo mundo que passar vai começar a filmar e vai encaminhar pra gente. Além de servir para a nossa produção de pauta, isso serve pra abastecer o nosso factual né? Movimentar o jornal, o agora. Como foi o caso do BRT que tombou e 90% das nossas imagens foi via Whatsapp. As pessoas, os passageiros começaram a filmar e encaminhar. Isso tudo, a gente foi reunindo pra colocar no jornal, na hora, e produzir uma matéria para o dia seguinte.
Pergunta
Existe um programa que compila isso? Como é o funcionamento disso no dia a dia?
Isso hoje em dia, os produtores e apuradores têm acesso ao Whatsapp que já fica conectado no meu computador. Não é no aparelho e aí todo mundo tem acesso. Quando começa a chegar essas mensagens, passa por 7, 8 pessoas ao mesmo tempo que vão vendo. Se for um factual, a apuradora responsável começa a juntar, a baixar essas imagens. É obvio que existe uma certa apuração antes pra saber se aquilo aconteceu de

fato, né? No Whatsapp a gente tem essa questão de muitas imagens antigas, vc tem que saber fazer essa pesquisa, ne´? Saber se essa imagem é de agora ou não. Mas existe essa diferença. Os apuradores vão reunindo essas imagens e colocam pro jornal. Agora, por exemplo, vc mandou uma mensagem pelo Whatsapp sobre a sua região e eu tô conversando, esse filtro passa por mim. Quando é algo factual, acaba passando por mais pessoas, que vão reunindo pra conseguir dar conta de mensagens que vão chegando.
Pergunta
Pelo Whatsapp Web?
A gente na verdade usa um outro aplicativo lá. Todos os produtores e apuradores, eles ficam conectados 24h por dia, isso quando vc tá na redação, no seu horário de trabalho. Fora de lá, a gente não consegue ter acesso. Como existe o setor de apuração e o setor de produção, a gente consegue fazer essa diferença de o que é agora e o que pode ser pra amanhã. Os produtores focam mais nos conteúdos para o dia seguinte e o apurador fica ali responsável por abraçar aquela demanda do que está acontecendo agora, uma chuva de mensagens.
Pergunta
Quem faz a compilação para passar pra etapa seguinte?
O apurador. Quando ele reúne esse material, ele encaminha, faz um copião dessas imagens, e isso vai ser usado pelos produtores mais pra frente, nas outras matérias.
Pergunta
Que aplicativo é, Joyce?
Digisac. É um programa que eles pagam. Acho que é de empresa mesmo. Antes, a gente usava Whatsapp Web só que, quando vinha essa chuva de mensagens, ele caía, ele não suportava. A gente muito problema porque acabava perdendo muitos materiais porque o aparelho não dava conta. Já tem mais de um ano que eles estão usando esse aplicativo.
Pergunta 7 (Roteiro)
Quando é um caso simples, de um acidente, vc logo consegue identificar se aquela imagem é daquele mesmo local, como no caso do BRT. Todo material que chegava do BRT, a gente conseguia fazer essa identificação e realmente era vídeo de lá. Agora, quando vc tem um vídeo, por exemplo, de tiroteio em comunidade, como a gente uriliza diariamente, vc tem que ter um certo cuidado. Começou um tiroteio na comunidade da Cidade de Deus. Com certeza, já existem vídeos antigos. A pessoa fala tá tendo tiroteio. Tudo bem, grava um vídeo. Aí vc tem a desconfiança que aquele vídeo não seja verdadeiro, vc pede pra pessoa gravar de novo. Se a pessoa não fez o vídeo, logo ela vai falar, ah recebi esse vídeo que algum grupo. Ai vc começa logo a desconfiar. Ou, por exemplo, se o vídeo chega sem a gente nem ficar sabendo do tiroteio, a gente se comunica com a polícia. Quando existe muito dúvida, a gente leva ...(telefone da informante descarrega e cai a ligação). Reconexão 10 minutos e 37 segundos depois (Pergunta é retomada). O caso do BRT, o caso de um acidente. Vc consegue identificar pelo local se todas as imagens que tão chegando, vc vê pelas imagens, se realmente é daquele local, ali vc já consegue identificar. Quando é um tiroteio, vc já tem uma certa dificuldade porque vídeo de tiroteio circula todos os dias, então, a gente sempre pede pro morador, grava um áudio, grava um outro vídeo de outro ângulo? Pra gente saber se realmente é a pessoa que fez. Quando a pessoa já fala eu recebi esse vídeo, a gente dá uma segurada na imagem porque vai que a imagem é de um ano atrás? Teve uma vez que usaram um vídeo de um ônibus que tinha caído dentro de um rio, acho que na Zona Sul, não lembro, aconteceu há muito tempo atrás. O estagiário recebeu a imagem, falou gente teve esse acidente, não se preocurou em checar com o bombeiro, achou a imagem sensacional e subiu pro jornal, sem nem ligar pro corpo de bombeiros. Daqui a pouco, a gente começa a receber mensagens. Olha, esse acidente aconteceu tem alguns anos, não foi hoje. Eu falei, meu Deus do céu. No Google tem uma ferramenta de busca de imagem que ajuda muito pra quem quer saber se uma imagem ou foto já tá na internet. Eu joguei parte daquela imagem no Google e eles me deram as notícias, as matérias antigas falando daquele ônibus. A gente precisou retificar no ar, pedir

desculpas, falar realmente que aquele acidente não era atual. Tem várias formas, pelo Google, vc confirmando com as autoridades, polícia, bombeiro se realmente acontecer aquele acidente, se acontecer aquele homicídio e própria questão do instinto. Vc verificar a imagem com tudo o que vc tá recebendo pra saber se aquilo dali é realmente daquele local.Tem várias formas que a gente utiliza pra apurar se aquela imagem é de agora ou não. Se eu tenho uma dúvida, eu não uso.
Pergunta
No caso do tiroteio, me detalha um pouco mais como essa verificação é feita.
Então, a gente tem a plataforma o OTT né? Onde tem tiro, muitas vezes, eles já avisam quando tá tendo um tiroteio na região tal. O tiroteio começou, os vídeos começaram a chegar. Quando a gente recebe as imagens, a gente até olha o local, a maioria dos vídeos tem uma imagem da comunidade parecida (muito ruido ambiente). Por exemplo, a Cidade de Deus é uma comunidade reta, não é uma comunidade de morro. Se eu recebo um vídeo de tiroteio que é na Cidade de Deus e tem um morro, eu vou dizer não, isso não é na Cidade de Deus. A gente vê o Onde Tem Tiroteio, a gente pede pra pessoa filmar de novo e, as vezes, a gente até escuta pela voz da pessoa e já começa a confiar. A confirma com a polícia. Olha, o tiroteio tá realemte pesado aí? Começa a procurar outros moradores e mandar mensagem. Como está o clima aí na sua comunidade? Consegue fazer um vídeo? Aí começa a fazer essa apuração dos vídeos, entendeu? Muitas vezes acaba que a gente não consegue. Quando é tiroteio a noite (risos) é muito difícil. É muito difícil, mas muitas vezes a gente consegue. O apurador olha aquelas imagens, conversa bastante com o morador, pergunta foi vc que fez? Tá bom, vc autoriza a gente a usar essa imagem? Autorizo, então, tá bom. Muitas vezes, a gente pede até o nome, o CPF do morador, pra poder ter certeza que a imagem foi feita por ele pra que depois não venha a dar problema.
Pergunta
As fontes oficiais sempre conseguem confirmar? E quando não conseguem tem outros meios de confirmação ou não?
A Polícia Militar, a gente tem muitos contatos com policiais. Tá uma coisa muito difícil de confirmar, vamos supor um tiroteio, a gente manda um motolink no local. O próprio motolink ou quando já tem uma onde de mansagens de diversos moradores. Então, se é um tiroteio muito pesado, não vai uma morador mandar mensagem. Milhares de moradores vão mandar mensagem. Então, a gente já sabe que aquele tiroteio tá acontecendo, mas como a autoridade oficial não resposndeu, a gente não consegue saber exatamente se aconteceu. A gente começa a usar as famosas palavras “informações preliminares” e a gente usa, joga isso pra boca do morador. Diversos moradores da Cidade de Deus estão relatando intenso tiroteio na região. A gente começa a detalhar através disso. A gente fala “até o momento, a agente não sabe as circunstâncias”, “o que motivou o tiroteio” pq a polícia ainda não respondeu. A gente vai usando dessa forma nos jornais.
Pergunta
A quantidade de confirmações que vão surgindo ajuda o jornalista a entender se aquele acontecimento é verdade?
Isso, exatamente. Por exemplo o BRT ontem. Todo mundo que passava, filmava e mandava pra gente. Ligava, tem um acidente gravíssimo na Estação do Mato Alto. Uma equipe foi pro local e falaram tem um morto. E o bombeiro que não confirmava? O bombeiro só foi confirmar quase 2h depois. Mas, como a equipe tava no local, podia confirmar o morto. Detalhar a gente não poderia porque o bombeiro foi responder duas 2h depois.
Pergunta
Nesse caso, chegou a entrar em algum jornal, antes da confirmação pelos bombeiros?
...(telefone da informante descarrega e cai a ligação). Reconexão 09 minutos e 86 segundos depois. Sim e a gente ainda deu errado, ainda por cima. No caso do BRT, as mensagens foram chegando e existe um grupo do jornalismo. Tem todo mundo. Diretor, chefes, todo mundo, produtores. Ai, uma pessoa colocou assim, olha, uma pessoa importante. Tem dois mortos. O BRT estava no extao momento mostrando no

Jornal da Record que é o jornal nacional. Aí, ligaram pra SP e falaram tem dois mortos. Eu gritei. Oh, tô aqui na chefia e oficialmente ninguém confirmou os dois mortos. Ah, mas, fulano colocou no grupo, essa pessoa tem uma grande influencia. Fulano colocou no grupo. Tá, mas confirmado não tem dois mortos. Ai, o JR deu dois mortos. Quando foi confirmar, por volta de uma hora depois, confirmou-se apenas 1 óbito. As vezes tem também esses erros. As vezes, pela pessoa ser um chefe, ter uma influencia muito grande, fala uma coisa, a pessoa nem pergunta de onde veio essa informação, apenas...ele só deve ter compartilhado e a pessoa acabou usando isso e enviando pra SP. A gente deixa claro, da chefia e da apuração isso não partiu porque a apuração tá tentando desde as 7h50 confirmar se tinha algum óbito e até o momento não confirmou. Quem passou essa informação, não é da nossa responsabilidade. Mas teve esse erro, ontem (risos).
Pergunta
E no caso das imagens, vcs chegaram a dar alguma imagem antes dos bombeiros confirmarem?
Não porque o jornal local acabou, ai não deu tempo de entrar. No JR a gente já entrou com o helicoptero fazendo as imagens ao vivo. O bombeiro já tinha confirmado, o BRT já tinha se pronunciado, já tinha uma equipe até de reportagem no local, já tava uma coisa certinha. Só erraram mesmo nessa questão do número de óbitos.
Pergunta 8 (Roteiro)
Não, não são suficientes porque a gente não consegue fazer uma checagem 100% correta. Então, muitas vezes acaba sim acontecendo erros. Por exemplo, no caso de um flagrantes, as vezes de um assalto, vc dá a imagem, muitas vezes não tem nem a confirmação se aquele bandido que vc está expondo na TV é menor de idade porque se é menor de idade, vc não pode expor o rosto dele, então, vc não verificou direito. A verificação, além de confirmar se aquela imagem conteceu recentemente, vc também tem que saber quem é aquele bandido. Quantos anos ele tem? Muitas vezes, a gente sai divulgando a imagem sem nem confirmar se o criminoso tem mais de 18 anos. Aí, vc já errou porque vc divulgou a imagem dele, vc pode ser processado.
Pergunta
Porque isso é feito? O que faz com que uma apuração não esteja completa e mesmo assim a imagem vai pro ar?
A ansiedade de querer ser a primeira emissora a dar a notícia. Vc acaba naquela rapidez não prestando a atenção se de repente aquela pessoas que tá na imagem é menor de idade ou se naquela imagem tem alguma coisa que não pode ser exibida como um palavrão, ou como um gesto. Na rapidez de vc querer ser a primeira emissora, o jornal que vai dar a informação primeiro, vc atropela e não faz uma devida apuração. É exatamente isso. No jornalismo, vc quer ficar ali, ainda mais um jornal de 2h concorrendo com outro jornal que tem 30 minutos e uma audiencia muito maior do que a sua, vc fala não, aconteceu alguma coisa agora, vamos dar. Depois, se der errado a gente conserta, mas tem que ter um cuidado pq se vc expõe uma imagem errada, isso pode trazer um problema pra vc.
Pergunta 9 (Roteiro)
A gente já teve uma parceria muito maior com o OTT. Hoje em dia não tá tanto porque a gente, as vezes, consegue a mesma imagem do que eles. A gente utiliza mesmo pra saber onde tá tendo tiroteio na cidade do Rio, onde tá acontecendo alguma coisa pq eles também avisam, assalto, perseguição, então, eles ajudam a gente nisso. Mas até em relação à imagems, a gente consegue já a ter um certo domínio por causa das redes sociais, a gente não depende tanto deles. Mas, para a produção de uma pauta, por exemplo, quando a gente vai falar, pra saber se um local tem um índice alto de tiroteio, a gente solicita os dados a eles porque eles fazem esse levantamento. Além de avisar aos moradores e jornalistas onde está tendo tiroteio ou alguma ação criminosa, eles fazem um levantamento de quantos tiroteios tiveram naquele bairro. Isso é essencial pra uma matéria. Então, as vezes, a gente solicita a ajuda deles nessa busca de dados de tiroteios.
Pergunta

Vc usam o OTT para a confirmação da existencia daquele fato, é iso?
Sim, mas não que ele seja um meio 100% confiável. Eles divulgam e através do que eles divulgam, a gente corre atrás pra confirmar se realmente teve aquele tiroteio, se não foi só um disparo e o que aconteceu nesse local, entendeu?
Pergunta 10 (Roteiro)
Olha, ganha só a repidez de dar a informação do tiroteio (silêncio) e a questão de poder dizer, olha, tá tendo um tiroteio, aí o vídeo, entendeu? Que é aquilo que eu falei bem no início a questão de ter uma imagem pra dar credibilidade ao que vc tá falando. Porque eu posso dizer que tá tendo um tiroteio aqui onde eu moro, mas eu não tenho como provar. Só teno como te provar se eu tiver uma imagem. Então, muitas vezes como a gente não tem e o OTT tem, ele vem com esse auxílio pra gente dar credibilidade ao telespectador do que a gente tá afirmando no ar.
Pergunta
O jornalista confia na informação e nos vídeos que procedem do OTT?
Acho que 90%. Também a gente não confia 100%. A gente confia uns 90% porque eles também fazem uma checagem, eles também tem um copião de imagens que eles conseguem ver, oh isso é imagem antiga, não é uma imagem atual. Eles também tem esses acessos, então, a gente confia bastante. Não 100% pq eles também erram.
Pergunta 11 (Roteiro)
Tem porque o OTT pra gente tem mais credibilidade do que uma página de bairro que compartilha muita fake news. Compartilha muita informação errada, informação antiga porque realmente não faz um filtro. O OTT, ele já consegue fazer esse filtro. Então, existe sim essa diferença. A gente usa muitas vezes as páginas de bairro pra ver algum relato. Porque se ele compartilha lá que teve algum assalto, algum homicídio em tal região, a gente começa a olhar os comentários pra ver se outras pessoas confirmam isso, outras testemunhas vamos assim dizer. Mas, de credibilidade mesmo, é mais o OTT.
Pergunta 12 (Roteiro)
A gente sempre usou muito os vídeos do OTT só que acabou acontecendo alguns problemas que a gente nem entende porque passa até do nosso poder como produtor, como apurador que, as vezes, o OTT cede a imagem com selo e vem o editor e borra o selo do OTT. Muitas vezes, a gente acaba perdendo a oportunidade de ter essas imagens porque a gente fica borrando o selo. Mas, quando acontece de no jornal de meio dia entrar um vídeo com o selo do OTT e no jornal de seis horas entrar o vídeo sem o selo é porque a gente conseguiu a imagem sem o selo do OTT. Então, a gente pega o vídeo do OTT e joga na lixeira e usa o vídeo que a gente conseguiu sem aquele selo.
Pergunta 13 (Roteiro)
Vive, vive. E, assim, hoje em dia, a gente acaba usando também mais de 50% das imagens que não são de profissionais, que são de telespectadores. A gente não tem equipe suficiente, não tem braço suficiente pra alcançar tudo o que tá acontecendo, tudo que a gente quer mostrar no jornal. A gente acaba usando muito essas imagens que não são profissionais.
Pergunta 14 (Roteiro)
Um pouco porque a gente vê que a gente consegue dar a informação sem nem ter o jornalista no local, entendeu? Se eu como telespectador consigo fazer toda aquela ação pelo celular, pra que eu vou precisar de uma reportagem? Obvio que a equipe de reportagem vai chegar, vai dar uma qualidade muito melhor, vai fazer uma apuração muito melhor, mas existe sim essa questão.
Pergunta
Vc sente uma espécie de ameaça a profissão é isso?
Sim, sim. É porque, exemplo, tem horas que o jornalista, o nosso repórter faz a matéria com o celular (soriso sem graça). Então, é um risco sim, acredito que seja um risco sim a profissão.
Pergunta

Vc acha que telespectador entender esse uso de imagens não profissionais ou há um questionamento por parte do telespectador da necessidade do jornalista nessas matérias?
Acho que o telespectador entende como fazendo parte do jornal. Ele se sente parte daquela equipe porque ele vê a imagem dele sendo mostrada nos jornais. Então, acredito que se sente dessa forma, parte do jornalismo, parte da Record, se sente abraçado pela emissora, por ver que o que ele passou tá indo pro ar.
Pergunta
O seu incômodo como profissional qual é no fundo?
Aquilo que eu disse na primeira ou na segunda pergunta. A gente não ter filtro e acabar sendo muito massante com informações negativas, informações só de violência. Acredito que isso traga um ambiente pesado pra dentro da casa do telespectador. Uma pessoa que fica assistindo um jornal de 1h e 55 só vendo violência, isso também não faz bem pra saúde mental. Então, eu sou um pouco contra isso. Acho que a gente tem que saber dosar. Trazer tanto matérias de violencia pra alertar a população e pedir uma ajuda das autoridade, como também fazer matérias de saúde, de entretenimento. Acho que tem que ter esse balanço.
Pergunta
Vou insistir com a pergunta. E do ponto de vista do exercício profissional, o que te incomoda?
É saber que hoje as redes sociais tê muito poder de, de repente, eles diminuirem o quadro de jornalistas pq, já que o telespectador manda tudo e consegue fazer tudo do local, a gente não precisa ter uma equipe muito grande. Então, acho que isso pode começar a limitar o trabalho dos jornalistas na redação.
Pergunta
E sendo uma profissional jornalista jovem e que é muito antenada com as redes sociais, vc usa as redes, mas sabe que as redes podem por em causa a profissão que vc escolheu pra vc. É mais ou menos isso que vc vive?
Nem tanto porque eu acredito que a população precisa do jornalista né? Mas, exemplo, pra quem é um repórter, eu acho que a internet influencia muito a diminuir toda uma equipe que faz um preparo pra fazer uma reportagem, a reduzir em apenas uma pessoa com um celular na mão. Ou então, até diminuir o quadro de repórteres já que a pessoa já está mandando a imagem, o repórter não precisa ir no local, fecha a matéria da redação, diminui os gastos de equipe, diminui os gastos de combustível, de alimentação. É isso.
Pergunta
Pq a população ainda precisa do jornalista?
(Risos) Eu acredito que sirva pra passar uma credibilidade nas informações que estão circulando, porque a gente ainda é visto como uma fonte confiável. Se vai um vizinho falar que o Brasil teve 2 mil mortes por coronavírus e vai um jornalista na TV e fala isso, vc é uma fonte confiável. Então, eles precisam ainda da gente pra ter essas confirmações, pra ter ainda uma credibilidade, pra ter ajuda na resolução de algum crime ou de algum problema na área da saúde, do bairro onde eles moram. A gente ainda é visto como uma fonte confiável, acho eu (risos).

Transcrição **entrevista jornalista 10** 15/03/2021 – 10h BR

- Produtor digital do telejornal SBT do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)
- No jornalismo tem 6 anos e na função tem 4 anos
- 25 anos de idade
- Formação em Bacharel em Comunicação Social/jor – Faculdade UFRRJ

Descrição profissional – Primeiro vou te falar o que eu faço como produtor digital, depois vou te falar o que eu estou fazendo durante a pandemia. Como produtor digital, busco alimentar as redes do SBT Rio o dia inteiro. Meu horário é de 9h até as 18h. Começa alimentando o Tweeter que é a fonte de informação mais rápida hoje. A gente vai apurando as coisas junto com o jornalismo local, primeiro a estar ligado nos fatos. A gente vai alimentando o Tweeter, durante o jornal tem transmissão ao vivo no YouTube. A gente compartilha essa transmissão pelas nossas redes pro pessoas começar a assistir, a gente alguns frames das principais matérias, vamos jogando na rede social pra chamar o pessoal também pra participar e no decorrer da tarde, a gente corta dos vídeos do jornal, posta os vídeos, pega algumas produções nossas pra fazer, produções exclusivas do digital, a gente agora tá com uma parceria pra falar sobre games com o SBT Game de SP. Basicamente, esse é o dia do digital, além de atualizar o site, atualizar os links do ao vivo, criar todas as thumbs do conteúdo digital do sbt. Como eu te falei, na pandemia é diferente. Na pandemia, eu faço a produção do SBT Brasil também, então, meu horário foi passado pra meio dia. Dentro desse horário, eu atualizo o meu tweeter, todo do SBT Rio, vou jogando as coisas. Quando faço a produção da rede, entra essa questão do profissional híbrido, ao longo da tarde, até a Natália do SBT Esporte, ela sobre metade dos vídeos pra mim, depois eu coloco todas as thumbs, atualizo tudo e vou atualizando as redes sociais do SBT enquanto faço o trabalho de produção ao longo da tarde.
Pergunta
Qd vc entrou no SBT já foi para essa função ou foi uma migração?
Qd eu entrei como estagiário, eu ajudava na produção do local. Depois fiz apuração do local como estagiário e nesse decorrer, o que a gente fazia era poucas atualizações na rede social até porque em 2015, o SBT não tava tão ligado nisso ainda. A Nati corria sozinha nisso, o pessoal não se ligava muito. Depois, qd o Luan entrou, 2017, 2018 se não me engano, a gente começou mais forte ainda nisso, com Tweeter, com tudo, pq ele era muito ligado. Então, qd eu cheguei, eu já fazia algumas atribuições do digital, que era postar vídeo. Mas, de fato, fazer uma produção digital, a gente pode contar a partir de uns 4 anos atrás.
Pergunta
Quais desafios que essa função te traz? A mim parece que é um cargo novo. Produtor de TV sempre existiu, mas produtor digital de TV parece que é algo novo.
É novo sim. É uma das partes que mais me interesso no jornalismo. Sou pesquisador também, defendi muito jornalismo científico né? Eu puxei pro digital agora e eu tenho vontade de jogar isso a frente, no futuro. É uma das partes mais interessantes pra mim no jornalismo pq pra mim é a que está mais em expansão no momento. Me interessa demais, com certeza.
Pergunta (Roteiro 1)
Acho que hoje em dia é essencial todo flagrante que a gente recebe da internet, mas, ao mesmo tempo, demanda muito cuidado pq, como o fluxo de informação aumentou, o nosso filtro como jornalista tem que aumentar também. Até pq se não a gente cai muitas vezes em situação de apuração errada como já aconteceu inclusive no SBT e em várias outras emissoras também. Hoje em dia, é de mão dada com o jornalismo, de suma importancia, a gente tá ligado em tudo o que acontece nas redes sociais, em

qualquer flagrante que um pedestre possa estar fazendo, mas também com muito cuidado reforçado na apuração. Mas, tá de mão dada com o nosso trabalho hoje em dia.
Pergunta (Roteiro 2)
Diariamente. Diariamente e praticamente em todas. Toda matéria que não seja de uma denúncia, uma produzida, a gente tem alguma coisa incluída que não seja da equipe ou de nenhum cinegrafista que foi contratado pelo SBT e sim de alguém que filmou. Um tiroteio na rua, ainda mais numa cidade como o Rio de Janeiro que vive uma guerra urbana todo dia.
Pergunta (Roteiro 3)
Com certeza. Até porque em TV, a audiência movimenta tudo né? E isso se reflete na audiência. A gente pega os jornais principais do horário, Balanço Geral, o SBT Rio, o RJTV, a gente vê que tem o mesmo formato. É um formato de hard news focado em violência. A gente pega porque é o que dá audiência, infelizmente, no Rio de Janeiro pq é o que as pessoas vivem.
Pergunta
Quer dizer, qd se pensa na produção, já se pensa na audiencia que naquele horario de grande concorrencia entre os telejornais?
Todas. Tanto que Record e SBT, Band, sempre vão tá abrindo o jornal com o factual mais forte de violencia, seja ele com flagrante de internet ou com uma imagem maravilhosa da equipe, mas sempre com flagrante de violencia.
Pergunta (Roteiro 4)
Com certeza. Sem esse conteúdo, vc não faz o jornal hoje em dia. Até porque, a gente tem vários momentos, várias situações e internet não para. A gente tem uma atualização full time, a cada segundo, e se o jornalismo não acompanha isso, ele não acontece.
Pergunta
Se não existissem essas imagens não teria como fazer as matérias?
Teria como fazer, mas hoje em dia, no cenário local onde todos utilizam, se um não utiliza, ele vai ficar pra traz.
Pergunta
É só uma questão de concorrência?
É só uma questão de concorrência, com certeza. Se ninguém utilizasse, acredito que a gente teria um jornal normal também. Mas, hoje em dia, num cenário atual com todo mundo utilizando conteúdo da internet, e com todas as pessoas possíveis produtoras de conteúdo, que deve ser filtrado pelo jornalista, eu acho inevitável.
Pergunta
Vc usa a expressão conteúdo da internet. O que vc quer dizer exatamente com isso?
Conteúdo da internet é qualquer conteúdo que não tenha sido feito por um profissional de comunicação e foi jogado, compartilhado na rede social, o qual a gente pode receber e filtrar pra saber ele é verossímil ou não.
Pergunta (Roteiro 5)
Primeiramente, o fator do ineditismo. Da gente conseguir tá jogando uma coisa 10 minutos depois de acontecer. Tanto que a gente continua atualizando o Tweeter durante o jornal pra saber se tem algum flagrante, o qual a gente apura rapidamente pra pode jogar no ar, quanto com a sensação, hoje em dia, do próprio telespectador de sentir que ele está fazendo o jornal também. Isso é muito forte no jornalismo de hoje. Nossa, eu posso mandar a minha denúncia, eu posso tá atuando no jornal e talvez melhorando um pouco meu cenário social.
Pergunta
Mas, essa participação, de certo modo, sempre não existiu?
Eu acho que ele está ainda mais atuante. Como ele pode tá filmando, ouvindo a voz dele, as vezes a gente coloca, quando tem tiroteio, alguém fazendo uma crítica, isso já quadro no próprio SBT Cidade que a gente tem hoje. A gente tem atualmente um quadro que é só com denúncia, de flagrantes da rede social, que as pessoas mandam diretamente pra gente. Como a gente já teve no SBT Rio, como a gente já teve no SBT

Rio Manhã. Então, acho que a pessoa está cada vez mais inserida no contexto do telejornal que ela está consumindo.
Pergunta (Roteiro 6)
Tem algumas formas, né? Tem a forma direta pelo Whatsapp. Whatsapp que o SBT Rio hoje em dia nem tá utilizando. Utilizou por muito tempo. Foi uma coisa que o jornal Extra quando começou a fazer, todos abraçaram a causa também e é uma coisa muito interessante pq a gente recebe diretamente da fonte, é uma coisa melhor, ou na grande maioria pelas redes sociais, que esse que a gente tem que ter o maior cuidado pra filtrar. A gente tá muito distante da fonte. Então, a gente pode acabar recebendo alguma coisa que não é de fato o que está acontecendo. Como aconteceram várias vezes no próprio SBT. Alguém chegar, falar tem um tiroteio aqui na Serrinha com 10 mortos. Quando vc vai ver, o tiroteio foi no Rio Grande do Sul. E as vezes, na correria do hard News, alguém, não apenas no SBT, acaba jogando no ar, que é o principal erro do jornalismo pra mim nessa relação com conteúdo de rede social.
Pergunta
Pq o SBT optou por não ter número de whatsapp?
Sim, sim. Foi por conta do alto fluxo de notícias que tinha. Muita coisa, muita gente mandando muita coisa e por conta da equipe reduzida não deram conta de continuar tocando esse Whatsapp, até porque muita gente postava besteira também. As vezes, o pessoal leva na brincadeira e atrapalha o nosso trabalho. O SBT acabou parando com isso e só monitorando rede social. Inclusive, a gente recebe muita denúncia pelo Facebook, pelo inbox.
Pergunta
Era uma pessoa que fazia o acompanhamento? Pq isso se tornou um problema?
Era um rodízio de estagiário. O que acontece? A gente cai no problema estrutural também. Era um celular muito simples, ele não dava conta de mensagem e o whatsapp, um número qualquer, ele não é feito pra isso, então, ele acaba sobrecarregando e o próprio Whatsapp dá um bam no número que ele para de receber mensagem. Então, vc tem que entrar em contato com o Whatsapp pra poder regularizar de novo. Então, era toda hora problema. Várias mensagens. De 100 mensagens, uma era importante e isso atrapalhava muito, o resto era bobeira, pessoal adicionando em grupo, só os estagiários cuidavam e outro agravante é que, hoje em dia, o SBT não tem mais estagiário. Eles não colocam alguém pra cuidar disso pq, pra uma situação da gente receber o número de Whatsapp, era ideal a gente ter um profissional ligado pra poder tá recebendo tudo isso e o SBT não dispõe.
Pergunta
A checagem do Whatsapp era uma coisa pessoal? Não existia um programa que fizesse a filtragem?
Nada, nada. Material humano só. Só material humano. Era dos estagiários e na época nem Whatsapp Web tinha. Era muito complicado. Eu sei pq eu fui estagiário na época e passou um tempo que a gente não conseguia usar. Por isso a gente passou a sugerir as sugestões pelo inbox do Facebook, porque não tinha condição no Whatsapp. Pelo fluxo de coisa que vinha, era muito perigoso vc falar não isso aqui pode estar certo. Tinham várias coisas além, muita, muita. . De 100 mensagens, uma dava pra aproveitar.
Pergunta
O que implicou o centramento nas redes sociais? Que rotinas tiveram que ser adotadas? Como vc resolveram isso na prática?
Pra mim, foi até uma melhora no cenário porque a gente passando a receber denúncia pelo inbox do Facebook, os brincalhões passaram a não aparecer tanto, tinha um filtro melhor pra isso. Até pq, a gente recebia uma caixa mais bem organizada. A gente podia organizar no desktop, todo mundo recebia no mesmo tempo, que tem a conta vinculada. Isso ajudou bastante e, além da verificação da rede social que nunca parou. A gente sempre fez e hoje em dia ainda mais reforçada. A gente vai sempre verificando o que está acontecendo na cidade pelas redes, principalmente pelo Tweeter que hoje pra gente é a fonte mais rápida, e a gente vai apurando isso.
Pergunta

Por esses meios há tb a circulação de flagrantes da violencia ou só áudio ou só texto?
Tudo. A gente tem relato, as vezes, as pessoas até ligam pra redação fazendo isso que vc citou. Áudio, texto, vídeo. As vezes, as pessoas mandam um vídeo que tá de uma forma errada também, tá só com áudio. Multimídia total.
Pergunta
Então, pode acontecer de vcs encontrarem as mesmas imagens num perfil no Tweeter, numa página de bairro do FB, de chegar por inbox. Por onde essas imagens estão transitando?
Sempre por todas as redes sociais. O cenários mais comum é que geralmente aparece no Tweeter. Por exemplo, a gente recebeu uma informação no Whatsapp pelo OTT, que é onde mais avisam tiroteio, de um tiroteio em Jacarepaguá. Então, eu já jogo a tag tiroteiojacarepagua no Tweeter. Assim que eu jogar, vou receber algum vídeo. Aí, vai ter um vídeo lá de tiroteio em Jacarepaguá. Daqui a 10 minutos, esse mesmo vídeo vai estar no Tweeter ou no Facebook da página Jacarepaguá Notícias, eles botam a marca dágua deles também, isso é um problema. A gente as vezes vê uma apropriação de imagem muito errada. As vezes, a pessoa não pede liberação, isso é uma coisa que na TV a gente tem muito cuidado. Se a gente vai pegar uma imagem dessa que a gente não sabe de quem é, a gente tem que saber: a gente pode usar? Tá liberado? Principalmente quando a gente vai fazer qualquer coisa pra rede. Mas, no local também.
Pergunta (Roteiro 7)
Se é de um tiroteio, a gente aciona a polícia militar pra poder saber, a gente manda o vídeo pra alguma fonte que a gente tem pra saber se é do local mesmo, pra saber se não é antigo. A gente faz uma pesquisa no nosso banco pra poder ver se esse vídeo já rolou por algum lugar. Mas, de fato. Muitas vezes, a gente não consegue fazer verificação com a fonte direta que gravou o vídeo. Isso é uma coisa que não acontece sempre.
Pergunta
As fontes oficiais sempre correspondem? Qd o jornalista não consegue fazer a verificação com a fonte inicial, como se resolve esse problema?
Quando a gente não consegue verificação com a fonte primária que gravou o vídeo e nem com a fonte oficial, a gente segura, geralmente. Ou, tipo assim, ninguém confirmou o tiroteio no local, a gente tem um vídeo. Pelo menos, na grande maioria das vezes, a gente não vai botar no ar. Mas, já aconteceu de a pessoa vim na correria do hard news, a gente recebeu um vídeo de Whatsapp, jogou no ar, editoria-chefe comprou a ideia, jogou no ar e não era do local. Essa é uma coisa que a gente prega muito, o maior cuidado possível. Primeiro, uma verificação com a fonte oficial. A polícia militar quando é um tiroteio, a polícia civil num caso de investigação que aparece alguma coisa. Mas, quando a gente não tem, a gente busca quem jogou esse vídeo, nem que sejam essas próprias páginas do Facebook. Páginas que a gente reconhece, sabe que são sérias, a gente busca eles também. E melhor ainda é quando a gente consegue buscar quem gravou. A fonte primária disso, que seria a fonte do vídeo mesmo.
Pergunta
Nas páginas de bairro é possível chegar a fonte primária?
As vezes sim, as vezes não. As vezes, eles falam, a gente viu numa página do Tweeter. A gente vai na página do Tweeter e procura eles até a gente achar a fonte primária. É um caminho de formiguinha mesmo até a gente conseguir verificar esses vídeos.
Pergunta
É trabalhoso? Leva tempo do jornalista?
Com certeza. O trabalho de filtragem do jornalista hoje é muito grande pq o fluxo de notícias aumenta a cada dia. Em cada rede social, em cada campo do meio digital, a gente tem que fazer uma filtragem. Então, é muito trabalhoso sim.
Pergunta
Vcs conseguem fazer essa filtragem todos os dias ou tem dia que não dá?
Tem dia que não dá. Tem dia que a gente chega realmente, apura o que dá e passa pra direção. A polícia militar confirmou esse vídeo, mas a gente não conseguiu confirmar o local, nem nada. Aí, eles avaliam se usam ou não.
Pergunta (Roteiro 8)

Na minha opinião, verificação nunca é demais. Então, pra mim, não são suficientes. Se a gente já errou, se a Globo já errou, se a Record, a Band, a RedeTV já errou, é pq não é suficiente. Então, pra mim, todo cuidado é pouco. Oodo cuidado é pouco pq, hoje em dia, o fluxo é absurdo pra gente. É o que eu te falei, quanto mais verificação melhor. É um trabalho exaustivo, mas necessário.
Pergunta
Vc que faz com que uma imagem não tenha sido 100% verificada e mesmo assim ela seja utilizada?
A correria do hard news, com certeza. Que ainda assim, na minha opinião, não deve sobrepor a nossa busca por uma filtragem do que é correto da gente jogar, do que é real mesmo.
Pergunta
Vc vivencia isso na prática. Ter uma imagem, não saber se aquilo que vc conseguiu apurar é o total da apuração e mesmo assim ter de usar?
Eu sempre verifico. Quando não dá pra verificar, eu peço avaliação sempre da direção. Mas, já aconteceu de imagens que não foram 100% verificadas irem ao ar, não apenas no SBT, em todas, e acabarem indo pra TV.
Pergunta
E serem erras?
Sim, sim, já aconteceu. Inclusive, foto de pessoas por perfil de Facebook. Isso é um dos maiores casos de processo em todas as emissoras do país.
Pergunta
Vc consegue me dar exemplo?
Eu lembro uma matéria, não lembro qual foi o assunto. Lembro que rolou um problema, uma situação muito complicada e não tinha nem como culpar o produtor. Teve um caso, o rapaz foi preso por conta de um material ilegal que ele tinha conseguido pra realização de um show, mais ou menos, não me recordo bem e o documento da polícia militar tinha o nome completo do rapaz. O nome completo do rapaz, o produtor chegou e filtrou no Facebook o nome completo do rapaz. Quando ele jogou no Facebook já apareceu o rapaz, o nome completo com a razão social da empresa do produto captado. Pro produtor, naquele momento, era suficiente. O idela seria ele ter jogado essa foto pra polícia militar pra saber, esse é o rapaz? Tendo o OK da polícia militar, pode jogar. Ele não fez isso. Esse erro que parece pequeno foi enorme pq, nessa situação, o cara tinha um filho, o filho tinha Júnior no nome só que não botou no Facebook e resultado? Era o filho do rapaz na foto. Esse é o exmplo congreto mais recente que eu me lembro de erro por falta de verificação. E uma situação que qualquer um poderia ter caído.
Pergunta
E em relação aos flagrantes?
Flagrante tem tido um cuidado muito maior porque já aconteceram problemas, né? Não vou lembrar pra vc de um caso específico do local pq faz tempo que não entra uma imagem errada dessa, mas várias vezes, caso de tiroteio em Jacarepaguá e entra um vídeo que já entrou dois meses atrás.
Pergunta
E o que a emissora faz, o jornalista qd percebe que esse erro aconteceu?
A postura da emissora é sempre no pedido de mais verificação. Tanto que, quando começou a ter esse fast news mais de Tweeter, no Facebook, a gente tinha mais erros. Veio um fluxo muito maior e a verificação não tava certinha, o pessoal ainda tava arrumando a casinha. Hoje em dia, como a gente tá sempre pedindo mais verificação quando acontece qualquer coisa do tipo, as situações diminuíram, não acabaram. Tanto que vc está me pedindo um exemplo sólido recente disso e o único que eu lembro é uma questão de uma foto no Facebook.
Pergunta
A emissora costuma se posicionar para o telespectador qd acontece um erro desses ou não?

Nesse último que eu te citei, a gente se retratou. Quando é um erro de um vídeo, por exemplo, de dois meses atrás, uma coisa assim que não teve filtragem correta, na grande maioria das vezes não tem retratação. Na grande maioria das vezes.
Pergunta (Roteiro 9)
A gente confia muito no trabalho deles. Eles são uma primeira fonte pra gente muito boa. Todos os plantões de local são exemplo disso. A gente sabe quando tem um registro de tiroteio que o OTT colocou é pq a gente já tem que verificar com a PM porque o trabalho deles é muito bem feito. Então, ajuda a gente a identificar cada vez mais rápido o que está acontecendo. Ainda assim, a qualidade do produto não deixa a gente perder a necessidade de verificar com a PM, sempre.
Pergunta
Ainda que tenham muita confiança na condução do aplicativo, vcs procuram outros meios de verificar?
Todas as vezes, a gente verifica com a Polícia Militar. Todas as vezes, a gente procura a fonte oficial mesmo confiando muito no trabalho deles. Não é uma questão de desconfiança, é mais uma questão da função mesmo, função jornalística que exige que a gente busque a fonte oficial pra poder confirmar a situação.
Pergunta
E sempre consegue confirmar, Rodrigo?
Boa parte das vezes não até por uma questão da polícia militar não ser acionada. É uma coisa tão imediatista o OTT, o trabalho deles é tão bem feito que, as vezes, um confronto entre facções, no qual a polícia nem se meteu, é registrado. E aí a gente procura a polícia militar e a polícia militar fala que não tem registro na região. A gente acaba, as vezes, não dando também por conta disso. As vezes, a falta de imediatismo da própria polícia.
Pergunta (Roteiro 10)
A gente ganha rapidez, a gente ganha uma fonte muito confiável dentro das fontes das redes sociais e é mais uma forma de a gente estar se relacionando com um grupo fidedigno porque eles são muito corretos.
Pergunta
Quando é uma imagem do OTT acredita-se mais e mesmo que não consiga fazer a verificação completa existe uma confiabilidade maior ou mesmo que seja do OTT costuma-se não usar se não consegue confirmar com a polícia militar ou a civil?
Com certeza existem uma confiança muito maior pq é uma página que a gente já conhece, sabe do trabalho, sabe que faz um trabalho correto e a margem de erro deles é muito pequena, mas ainda assim, na maioria das vezes, entra com verificação. Ah, já entrou algum vídeo do OTT no SBT Rio sem verificação? Com certeza já. Na correria do hard news, com certeza já.
Pergunta
O que vc quer dizer é que se é uma imagem muito boa, se é um flagrante bom, se o tempo de decisão para uso daquele flagrante é pequeno e vem do OTT, então é possível que essa imagem seja dada?
Sim, sim. No caso onde não se consegue uma confirmação da polícia militar, a gente tá durante o jornal por exemplo, a indicação é se utilize citando a fonte. A gente fala vídeo que já está no OTT mostra tiroteio na região, já joga no ar e mostra. Isso já aconteceu sim.
Pergunta (Roteiro 11)
Há diferença na questão na confiabilidade. A gente vê que tem páginas que a gente tem uma margem de erro muito maior. Como a gente vê que tem o OTT que faz um trabalho interessante, a gente vê que a Mídia Ninja tem um trabalho interessante. Quando a gente recebe alguma coisa deles, a gente sabe que a margem de erro é muito pequena. A gente tem um índice de confiabilidade pra casa página.
Pergunta
Qd vem do OTT, o trabalho de verificação do jornalista fica mais fácil? Dá menos trabalho, é isso?

Muito mais fácil. A margem de erro deles é muito menor. É muito difiícil a gente receber um informe de tiroteio no OTT e tentar verificar com a polícia militar e não ter o retorno como de outras páginas por exemplo. É muito mais fácil, facilita muito o trabalho do comunicador.
Pergunta (Roteiro 12)
Isso é por conta da correria do hard news, é mais uma crítica que eu tenho desse nosso atual cenário. Muitas vezes entram sim imagens sem crédito, com a marca dágua errada. Muitas vezes, a gente tem uma imagem que foi cedida, a gente nem cita a fonte. Isso acontece. Acontece no SBT, na Globo, na Record, em todas, infelizmente. É pela correria do hard news.
Pergunta
Mas o OTT já cede selado. Como acontece de entrar sem o selo?
Porque as vezes, a gente pega em outra página. É sempre assim. Recebeu os dois, um tá selado, o outro não tá, a empresa vai sempre prezar pelo que não tá selado.
Pergunta
Pq?
Por conta da imagem mesmo no jornal. A preferencia que se tem pela imagem mais limpa possível, uma coisa que eles não dão, inclusive, o merecido crédito pra uma página que conseguiu.
Pergunta (Roteiro 13)
Acho que esse dilema hoje é muito menor. Como é tão utilizado, quando se tem uma verificação, esse material entra seja no jornal local como no jornal de rede também. É Cada vez mais utilizado no jornalismo atual.
Pergunta
Por parte do jornalista não existe mais uma preocupação de dar diariamente, como vc disse, um conteúdo que não é produzido por profissional?
Acho que existem sempre a preferencia pelo produto da casa, mas a preocupação em não usar material de rede social não existe. Não existe até porque é muito difícil a gente encontrar uma produção na qual não tenha qualquer citação que tenha sido tirada da internet.
Pergunta
O fato de vc trabalhar num jornal de equipe pequena faz com esse uso de imagens de cidadãos comuns seja muito mais utilizada? Tem alguma relação entre essas duas coisas ou não?
Eu acho que tem e não tem. Eu acho que tem no sentido de que, como a gente tem uma equipe menor, a gente tem menos braços pela cidade; como acho que não tem porque todas as emissoras, inclusive a Globo que tem maior equipe, utiliza. Mas, ao mesmo tempo, acho que a gente realmente tem mais no ponto de que diversos pontos da cidade que a gente não tá presente, a gente acaba precisando usar imagem da internet. Num braço que outra emissora teria.
Pergunta (Roteiro 14)
Sim, sim. As vezes, a gente acaba até desmerecendo o trabalho do jornalista. É muito complicado hoje, né? Os cinegrafistas conversam muito isso hoje comigo. A gente cada vez mais te medo pq, as vezes, a gente vê uma matéria só com produção de internet, só com podrução de um pedestre que passou pelo local, qual o valor, o futuro do cinegrafista? Os auxiliares que eram, por exemplo, uma coisa comum na nossa profissão, praticamente não existem mais. Então, eu acho que é uma coisa que a gente tem que ter muito cuidado e tá sempre frizando a diferença entre um produto produzido pelo profissional para o produto produzido pelo carioca que tá passando pela rua e quer mostrar um problema. Não acho que ele não deva existir, mas acho que ele deve ser usado com muito cuidado e verificação, junto com o trabalho do profissional.
Pergunta
Esse impacto pra vc é só pro cinegrafista?
Não. Pra todos os profissionais da comunicação. Tanto que, hoje em dia, a gente tem que ter uma profissão cada vez mais híbrida. O profissional hoje, jornalista, faz cada vez mais de tudo, né? Ele sabe filmar, ele sabe como ter uma qualidade de som ideal, eles

sabe editar. Então, a gente tem cada vez mais um profissional que tenta se adaptar a esse novo cenário da profissão.
Pergunta
Vc acha que o telespectador compreende esse uso cada vez maior nos noticiários?
Eu, particularmente, eu sinto sim que, cada vez mais, eles veêm que, ah não, quero jorgar isso no ar, vou jogar isso no ar e quem comanda sou eu, eu sou o telespectador. Porque, as vezes, a gente chega e recebe umas críticas pesadas. Nossa, eu sugeri isso aqui pra vcs, como vcs não mandaram? Como vcs não tão jogando equipe nisso? As vezes, uma situação que não é jornalística e as pessoas querem, veêm as pessoas produzindo cada vez mais conteúdo e cada vez mais pensam pra si. Nisso, eu sinto que o público vê realmente uma perda de importância do jornalista, nesse sentido, como o detentor do conteúdo, como o detentor da agenda-setting, pensando numa coisa mais no estudo da comunicação também.
Pergunta
E o que vc acha a respeito dessa possibilidade de perda de importancia?
Creio eu que existe sim. O jornalista acaba perdendo um pouco de importancia nesse sentido. Mas, por outro lado, eu vejo que ele é cada vez mais necessário pra poder filtrar esse conteúdo. Mas, ao mesmo tempo, na sociedade, essa perda é vista como negativa.

Transcrição **entrevista jornalista 11** 15/03/2021 – 16h BR

- Editor de texto na RecordTV Rio de Janeiro
- 3 anos e um mês na função. No jornalismo como contratado da emissora vão fazer 7 anos. Formado desde 2016. Contando o estágio, 10 anos trabalhando em empresas de comunicação.
- 29 anos de idade
- Formação em Comunicação Social/HAB. Jornalismo – UFF

Descrição profissional – Eu gerencio algumas tarefas. No normal, trabalho no programa Balanço Geral no Rio de Janeiro, que vai ao ar de 11:50 até as 15h20 da tarde, não é tanto um telejornal, é um programa bem variado em termos de assunto. Esportivo mais recentemento com a compra do campeonato carioca pela RecordTV, mas também conteúdo de entretenimento, fofocas. A maior parte do programa é sim conteúdo jornalístico, principalmente na linha de notícias locais do estado do Rio de Janeiro, notícias policiais, notícias a cerca da violencia, crimes e uma boa parte agora nos últimos anos, por conta da pandemia, a cobertura da vacinação, interesse da pandemia. Quando a gente chega na emissora, dependendo da nossa dinâmica de trabalho, a gente já sabe qual vai se a reportagem a editar, qual repórter está na rua produzindo o material que a gente chama de bruto. Como a carga horária são de seis horas, os jornais são enormes, o editor-chefe chega um pouco depois, a gente mesmo se divide no que a gente vai fazer, o editor-chefe chega pra definir a matéria do dia. Como os telejornais são muito grandes, a gente acaba tendo que pegar muito conteúdo que já foi exibido em outros jornais da emissora, no jornal da manhã, seja na véspera, o que a gente chama de cópias. A gente divide entre a aquipe de editores. Costumam ser de 5 a 6 editores a variar pelo mês. A partir daí, vão surgido demandar novas, os factuais do dia que vão surgindo em forma de links, LOCVs, notas cobertas, isso no padrão. Nos últimos anos, eu venho acumulando algumas outras tarefas. Em 2020, a gente começou um projeto de podcast, então, semanalmente, eu costumo ir até o sonoplasta, editar junto com ele de 2 a 3 podcast por semana, com temas variados, um na área de saúde, com entrevistas com o infectologista Edmilson Migóvisck, quando ele entrevista algém ou ele mesmo no podcast; um outro que a gente chegou a fazer de ciencia, esporte, que a Milena Ceribeli que é uma repórter da RecordTV tb entrevista personalidades do esporte e um outro mais amplo que é o especiais do Rio que a gente cria pauta, sugere, edita. Eu mesmo tive a oportunidade de gravar dois podcasts mais de roteiro turístico pelo Rio. Enfim, os podcasts são outro braço que eu cuido, tem o BG edição de sábado, programa vespertino, mesma edição que vai ao longo da semana, vai sábado no horário reduzido de 13h as 15h e que eu cuido dessa edição escolhendo as matérias que vão ser exibidas, os assuntos, a abordagem toda junto com a apresentadora Lívia Mendonça, a Ana Paula Portuguesa que cuida das fofocas e alguns produtores que nos ajudam, quase que extraoficialmente, a fazer esse programa não tem uma produção própria digamos assim. Além de matérias especiais a pedido da direção, séries de reportagem. Agora, eu tô produzindo quase uma temporada de 5 a 10 episódios da série que a gente criou chama Xô corona onde a gente traduz as últimas informações da pandemia e a gente convida uma intérprete de libras, cria uma reportagem de 1’ , 1’30, mas com grande destaque pra tradução de libras para que o publico surdo, que acabou na nossa descoberta sendo prejudicado pelo uso de máscaras por repórteres e entrevistados, não perca esse conteúdo. Nem todos os surdos têm acesso as letrinhas que aparecem, que os sistemas automatizados geram a partir da fala. Isso numa escala de trabalho de seis horas, eventualmente uma ou duas a mais, dependendo do dia, costuma ser a minha rotina.
Pergunta

Nessa sua tarefa, vc costuma ter contato antecipado com as imagens que vão ser exibidas nas reportagens?
Em geral, sim. Na verdade, o primeiro contato que a gente tem é na ferramenta do Whatsapp. A gente tem um grupo com praticamente todo os jornalistas da redação chamado alerta Rio onde cada um coloca os assuntos que acha relevante pra que a redação esteja ciente, nós mesmos, eventualmente, podemos fazer vídeos de flagrantes que a gente veja na rua e envia, ou assuntos que a gente veja em outra emissora e esse conteúdo, a gente já acaba recebendo as indicações de pra onde eles vão. Isso é nosso grupo interno, mas na verdade, boa parte disso vem do telefone de Whatsapp que a emissora disponibiliza na programação da televisão pra que as pessoas enviem denúncias. Número que já variou ao longo dos anos e que a gente tem uma certa dificuldade pq, ao mesmo tempo que a gente tem uma linguagem popular e convida as pessoas a enviarem conteúdo, então bastante gente envia vídeos. Assim, na época em que eu era coordenador, nos fins de semana, eu trabalhava no setor de apuração e boa parte da nossa apuração além de Facebook, Tweeter e outras redes sociais em busca de termos comuns como tiroteio, alguma coisa que chamasse a atenção, que é conteúdo que a gente acaba exibindo e acaba indo muito atrás, a gente ficava muito de olho no Whatsapp. Naquela época, a gente espelhava o Whatsapp no computador, iam chegando mensagens, inevitavelmente muitas pessoas idôneas colocavam o número da Record em grupos aleatórios, mas costumam chegar com um volume avassalador. Quando tinham alguns tiroteios na Baixada Fluminense, de contatos diferentes costumavam chegas as mesmas imagens. Era difícil de vc saber, eu particularmente nunca consegui identificar quem foi a primeira pessoa que mandou aquela mensagem. Mas vc começa a ver aquele grande conteúdo, pega, salva aquele material, vai checar com a polícia, vai checar com as autoridades qual é a procedencia, a veracidade daquele conteúdo, eventualmente trocar pra ver se as fotos reproduzem aquele momento, dependendo da situação desloca uma equipe ou arquiva aquele material pro editor analisar, escrever, transformar aquilo num formato jornalístico, uma reportagem, uma nota, um LOCV, enfim. Hoje em dia, eu não faço mais essa função no fim de semana, mas o que eu percebo é que, com o desenvolvimento das novas tecnologias, a gente tem ferramentas que auxiliam a redação, o jornalista, a apuração no recebimento desse material. Hoje já existem programas que gerenciam o Whatsapp pra que mais de uma pessoa possa ter acesso ao mesmo tempo àquele mesmo número de telefone que está recebdo mensagens e possa salvar e localizar aquele material sem que aquilo se perca no meio de milhões de mensagens. Nunca operei esse programa, mas parece que ele consegue filtrar um pouco essas mensagens que chegam e permitem organizar, que mais de um funcionário tenha acesso e gerenciar aquilo de uma melhor forma. A cada escala de seis horas, tem 1 ou 2 pessoas na apuração que ficam filtrando. Recebem esse conteúdo, analisam e aí disponibilizam. Avisam na redação qd chegou algum material relevante, mas mandam esse material por email para os setores de pós-produção, no caso de fotos pra finalização, pra que aquilo entre no sistema. A gente usa um sistema de gerenciamento de mídias chamado Dallet pra que esse material já vá entrando nos formatos estéticos que um editor depois vai utilizar. Mas, costuma vir bastante coisa. Varia dependendo do momento, da situação, mas costuma ser bastante conteúdo que as pessoas compartilham. E, a gente acaba as vezes salvando o contato de algumas pessoas que costumam mandar com frequencia. Acaba que no meu perfil privado de Whatsapp também recebo vídeos de tiroteios, assaltos ou muito ainda câmeras de segurança registrando algum flagrante de algum assalto e que chegam com o intuito do cidadão comum de enviar pra uma emissora de televisão pra dar visibilidade àquilo para que autoridades sejam pressionadas a fim de que aquela violencia seja coibida. É basicamente esse tipo de conteúdo quando não, acidente de trânsito ou desastres naturais com chuva, alagamentos, a maioria tem a ver com violencia, flagrantes de assaltos e tudo mais. Um detalhe que isso implica muito na nossa rotina é a enorme quantidade de conteúdo que passa a vir da rua, acho que a gente pode deixar isso melhor, mas já pra pontuar que esse conteúdo, ele chega direto na ponta sem passar por muitos filtros. Essa ponta é o próprio apresentador durante o telejornal ao vivo.

Assim como eu, o apresentador está dentro de vários grupos pelo bairro onde ele mora, por amigos, ou por policiais, com autoridades em que são compartilhadas essas mesmas notícias factuais. Hoje, por exemplo, no nosso jornal ao vivo, teve um assalto a uma joalheria, num grande shopping na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, imediatamente, quando ficamos sabendo, a gente acionou o helicóptero da fazer uma varredura, acompanhar o trabalho da polícia, aina tinham viaturas circulando ali, buscando criminosos que fugiram pra um condominio de alto padrão ali nos arrodores desse shopping, no condomino península, enfim. Ficamos um bom tempo do jornal ao vivo e, ao mesmo tempo, o apresentador recebia conteúdo no seu celular. Como o celular dele é da Apple e a emissora possui um um serviço da Apple, ele conseguia transmitir as imagens que chegavam no celular dele imediatamente para o switcher, pra mesa de controle, onde aquilo podia, com a concordancia do editor-chefe, do diretor de TV, aquela foto, aquele vídeo que chegasse era colocado no ar. Eu presenciei assistindo a TV ou trabalhando na coordenação, no switcher, mais de uma vez sempre a tensão de recebemos essa foto e lembro de umas situações que, não sei se eu estava presente fisicamente, mas chegou ao meu conhecimento, de chegaram uma série de fotos de um determinado crime e no meio veio uma foto de uma pessoa que não tinha nada a ver com aquela história e aquilo acabou gerando um problema enorme pq acabou se associando que aquela pessoa estava envolvida. Não lembro qual era o crime especificamente, mas pq estava no meio de um pacote de fotos que alguém recebeu e no afã de compartilhar em primeira mão aquilo acabou veiculado e depois teve que se corrigir, essa pessoa não tem nada a ver com a situação que aconteceu, a foto da pessoa que foi presa era desta outra mulher, mas pq a velocidade, como dizia a minha professora de jornalismo Silvia Moretzon, o fetiche da velocidade, leva a gente a querer dar as informações em primeira mão e vc acaba queimando etapas de verificação, de checagem. Eu venho notando que uma das coisas que mais mudou na nossa rotina, dentro do BG por exemplo, na tentativa de adotar uma linguagem mais próxima das pessoas, a gente recebe a orientação de mudar certos termos. No BG, a gente evita o termo viatura quando a gente se refere a carro de polícia. Viatura é um termo que o jornalismo acabou abraçando na linguagem policial, algumas emissoras evitam o uso da viatura, é mais o carro de polícia e por conseguencia, nas cameras de segurança, tenho notado algumas coisas. Por exemplo, o apresentador não gosta de usar o adjetivo flagrante, a câmera flagrou. Não, quem flagra somo eu e vc filmando, a câmera filma, ela registra. Juridicamente, quando uma pessoa é investigada por um crime, a gente trata ela como suspeito pq está sendo investigado. Quando o MP acusa, ela passa a ser uma acusado e se ela é condenada, é um condenado. Mas, no jargão jornalístico que nós temos utilizado, se há uma imagem flagrante de um homem atirando, de uma pessoa cometendo visualmente um crime, no texto que nós jornalistas escrevemos para o apresentador não devemos usar mais a expressão suspeito ou acusado e sim bandido ou criminoso já que a imagem, nitidamente, flagra ele comentendo aquele crime, uma tentativa de sair daquele termo politicamente correto e tentar expressar aquilo que a imagem tá vendo e a emoção que ela reproduz dado o choque de ver uma pessoa cometendo um crime, algo errado. Em geral, esses são os maiores impactos que a gente vê no nosso dia a dia. E muito, profissionais mais antigos talvez possam comparar um pouco melhor, esse impacto em como era antes e como era depois. Em 2016, minha monografia era sobre o uso de vídeos amadores nesse jornal onde eu trabalhava, BG, e era possível perceber um aumento de 30% no comparativo de 5 anos, antes de muitas ferramentas existirem pra aumentar a velocidade desse compartilhamento, mas um aumento significativo da presença desse conteúdo nos telejornais pq a medida que é um conteúdo que chega com muito mais facilidade, por outra lado, ele permite com que eu cubra um hall de assuntos com mais imagens se eu talvez dependesse exclusivamente das equipes da emissora na rua indo até o local, fazerem aquelas imagens. Como a Record tem telejornais bem extensos, em geral de um tom que cobre bastante a polícia, acaba que uma imagem de um flagrante de um roubo, um crime rende, ocupa um bom espaço até pq são jornais de 3h e só com o material produzido pelas equipes de rua não compreende a totalidade do tempo de grade que vc precisa

preencher. Então, acaba que muitas vezes, esses vídeos têm um papel vital, uma oportunidade de vc promover um certo dinamismo, dependendo da forma como vc edite e coloque aqueles materiais no ar. Mas, vc preencher uma boa parte não só com imagens no ar, mas com o comentário do apresentador, pedidos de interação. Nos últimos anos, a gente adquiriu uma plataforma comentários via tweeter pra exibir os comentários qd as pessoas marcam a hastag BalançoGeralRJ. Os vídeos chegam de cinegrafistas amadores, em geral, muito câmeras de segurança. Talvez pela realidade da segurança publica no Rio de Janeiro muito complicada, as pessoas adquiriram cameras de segurança pra tentar inibir criminosos, mas estão produzindo mais imagens e mais flagrantes e, na tentativa de dissuadí-los, a populaçao acaba enviando pra emissora de televisão, nesse papel, num gatekeeper moderno, de tentar dar visibilidade e cobrar respostas de um reforço no policiamento, numa ação mais ostensiva da polícia militar, investigação da polícia civil para tentar coibir esses crimes.

Pergunta

Pelo que eu entendi, essas imagens podem chegar pelo Whatsapp da emissora, pelo teu Whatsapp e, inclusive, para o Whatsapp do apresentador durante o telejornal.

Exatamente.

Pergunta

É possível que se o jornal estiver no ar chegue uma imagem para o apresentador e ele achar que essa imagem é boa, é interessante, ele tem autonomia pra chamar essa imagem ainda que ela não tenha passado por um circuito de apuração mais detalhado?

Sim, ele tem essa autonomia. Em geral, essa autonomia é compartilhada pelo menos com o editor-chefe. Recebi essas imagens, gostaria de colocar no ar. Mas o apresentador assume temporariamente esse papel de editor-chefe de dar a palavra final, a não ser que o editor-chefe contrarie. Nunca houve casos assim. Caso o editor-chefe o contrarie, ele acata e não exibe por precaução. Mas, se ele for muito veemente na insistência de colocar aquela imagem, muito provavelmente ele pode persuadir o editor-chefe a confiar na segurança da fonte que o enviou e colocar aquele conteúdo no ar. Já houve, inclusive, situações do caminho reverso também. Na velocidade da informação uma imagem chega, muito provavelmente até comigo e com outras pessoas também, da imagem chegar e devido o processo dessa imagem não só ser checada, mas principalmente, talvez o que acaba pesando nessa decisão pela velocidade, seja o número de etapas pelas quais essa imagem deve passar antes dela ir ao ar. Ela deve ser enviada por email para outro setor que vai colocar ela dentro de um formato estético, seja foto ou vídeo, com um fundo específico, vai ser renderizado, exportado e carregado no exibidor de VT. Todo esse processo que já corre em paralelo com outros conteúdos que já são produzidos costuma levar 5 minutos pra ser rápido, digamos assim. Então, as vezes, no afá da velocidade da informação já aconteceu de outras pessoas passarem vídeos ou fotos diretamente para o celular do apresentador para que entrasse no ar naquele mesmo momento. Então, não só chega pra ele como dependendo da circunstância, não é raro, mas também não é corriqueiro, não acontece todos os dias, geralmente está envolvendo grandes coberturas ao vivo, outros jornalistas passam também as informações direto pro editor-chefe, pro coordenador, alguém mais próximo no contato via ponto de comunicação com o apresentador e ele sim, pela velocidade de um aplicativo espelhado diretamente na mesa de corte, poder colocar aquela imagem no ar. Quando vem do jornalista para o apresentador, isso geralmente passa por um processo de checagem, de confirmação, ainda que seja o editor-chefe ligando para apuração. Olha, recebi essa imagem, por favor, checa aí, corre, liga pra alguém, pra gente ter certeza do que a gente vai dar. Quando vai direto pro apresentador, pode ser mais comum ele insistir pra bancar alguma informação que ele confie na fonte e botar direto aquela foto, aquele vídeo, mas como eu disse em torno de grandes coberturas, não costuma ser corriqueiro com vídeos comuns até porque muitas das vezes esses vídeos requerem algum tipo de tratamento, a imagem pode ser muito forte ou vc tem que preservar a identidade das vítimas e vc precisa colocar muitos casos de câmeras de segurança, é uma dinâmica que tb afeta muito o nosso dia a dia, cobrir o

rosto de pessoas inocentes na farmácia, num comércio, tem que borra o rosto deles para preservar a identidade das vítimas e ainda assim exibir aquele conteúdo.
Pergunta (Roteiro 1)
Eu particularmente acho, é difícil analisar um fato uma vez que ele já ocorre, já é um fato tão corriqueiro na nossa sociedade que é difícil imaginar a nossa sociedade, como que ela interage com isso, se esse fato não existisse. Existem uma série de fatores históricos e sociais, sociológicos que vão definir como a gente chega nesse momento e pq a gente faz essas escolhas. Não digo a palavra natural, mas é inerente hoje ao fazer jornalístico vc exibir esse tipo de conteúdo dada a relevância que ele representa em termos de imagem e em termos de informação uma vez que ele registra, que o jornalismo pode ser entendido como o registro de notícias, de fatos de verdades, vc ter uma verdade sendo registrada tão nitidamente e em tão fácil forma de veiculação. É inerente ao fazer jornalístico hoje vc exibir esse tipo de conteúdo. O problema que eu vejo é no excesso desse uso. Aí que é está o grande dilema. Nós exibimos muito imagens de assalto pq de fato elas acontecem e nós estamos apenas atendendo a uma demanda do que a sociedade está produzindo e exigindo e cobrando respostas e nós devemos dar essa visibilidade pra que isso seja coibido, eu diria ou, mas diria e também ao exibirmos muito não digo que a gente estimule o crime, mas ao contrário que a gente estimula uma percepção muito exagerada ou distorcida de uma realidade muito violenta quando vc pondera que inúmeras outras coisas estão acontecendo na cidade, no estado ou no país e que não ganham o mesmo tempo de exibição que aquele crime. Claro, influenciado por outras pesquisas de audiência, o IBOPE como a gente costuma chamar no Brasil, o instituto de pesquisa virou até adjetivo, em que esse tipo de conteúdo prende a atenção do telespectador e se prende a atenção do telespectador, o número de telespectadores aumentam e isso é o interesse econômico da empresa jornalística, em gerar renda a partir de mais espectadores assistindo, o preço do comercial que vai ser cobrado, enfim. Há uma preocupação inerente ao fazer jornalístico para que os assuntos sejam tratados de forma a prenderem a atenção do telespectador e, nesse sentido, os vídeos amadores, essas imagens feitas por câmeras de segurança, elas funcionam perfeitamente no sentido de mexer tanto com o emocional de quem está assistindo, prender a atenção de quem está assistindo, mas a meu ver também pode ter efeitos ruins no sentido de focar na retratação de uma realidade muito particular de uma situação e pelo fato de vc não exibir outros pontos de vista do cotidiano, do dia a dia dessa mesma cidade, parece vc só vive aquela realidade de violência o tempo inteiro. Existem estudo de saúde mental que podem confirmar ou corroborar essa percepção jornalística que eu tenho trabalhando na redação e vendo esse conteúdo.
Pergunta (Roteiro 2)
Não posso falar todas pq seria um certo exagero, mas eu chutaria que, se são matérias de cunho policial ou na categoria de cidades, de denúncias, 80%, 90% das matérias vão ter esse tipo de vídeo. Até em outras matérias de comportamento dada a profusão, compartilhamento disso em redes sociais, eu diria que no geral, 80%, 90% das matérias, na minha percepção, possuem algum tipo de conteúdo produzido por foto ou vídeo amador. Acaba que no dia a dia a gente dá muito mais disso com relação a flagrante de violência. Mas no geral, matérias de comportamento, vc ter foto de artistas das redes sociais e vídeos de pessoas comuns fazem. Hoje, por exemplo, eu editei uma reportagem de uma mãe de uma cadeirante que faz um grande deslocamento. Ela mora na Baixada Fluminense, Duque de Caxias, cidade vizinha ao Rio de Janeiro, e tem que pegar uma série de transportes públicos com a filha cadeirante até um hospital de referência em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio, hospital da rede Sara. Ela leva mais de 3h no transporte. A gente foi acompanha-la, foi até a casa dela, mostrar a saída de casa, as ruas, não tem calçadas niveladas, tem que ir pelo meio da rua, os ônibus quando passam não tem a rampa elevatória que funcione, então, ela demora a pegar o ônibus, ainda tem que pegar um trem e mais dois ônibus do BRT e mesmo a gente acompanhando boa parte desse trajeto, uma parte importante do vídeo foi quando essa mãe mesmo mandou vídeos que ela gravou com o celular, muitas vezes filmando o chão, sem mostrar o rosto de ninguém, mas com áudio das denúncias de que ela não

conseguia embarcar pq o ônibus tava lotado ou pq o segurança não fez nada para ajudá-la a embarcar com a filha. Nessa imagens não há um primor estético, geralmente não há um primor de qualidade na imagem, mas a informação jornalística que está ali presente, a denúncia, ela tem um peso tão relevante que acaba superando essa qualidade estética que a imagem originalmente deveria ter. Na pandemia, com o novo dilema de produzir entrevistas a gente passou a receber, inclusive, muitas entrevistas com especialistas, com delegados de polícia em que dada a impossibilidade de nós irmos até eles, impossibilidade logística, de poucas equipes, ou pela prevenção, contato direto com determinada pessoa, a gente passou não só a fazer muitas entrevistas como a gente tá fazendo essa aqui por Zoom, mas tb a pedir que as pessoas gravem vídeos no formato jornalístico de sonora, dando seu depoimento e envie pelo celular. A gente já teve matérias em que delegados de polícia entraram ao vivo, em que ele estava apenas com o celular e o fone de ouvido dando entrevista ao vivo ou ele mesmo, alguém, com tripé, gravou um vídeo e enviou pra gente e aquela foi a entrevista, a fala daquele delegado ou daquele médico naquela reportagem daquele especialista e isso uma vez ao dia é comum ocorrer, fora qd as entrevistas são feitas na própria emissora via Skype ou Zoom com o jornalista mediando essa conversa. Muitas vezes o próprio produtor sabendo da impossibilidade de logística ou de segurança dessa pessoa de dar essa entrevista, no contexto da pandemia, foi flexibilizado no sentido de se permitir que esse tipo de conteúdo entrasse no ar.

Pergunta (Roteiro 3)

Sim, tem muito a ver. Só uma coisa que eu deveria ter falado antes, mas acho que encaixa bem aqui. Conversando com produtores de telejornais de rede que são exibidos pra todo o Brasil, no nosso caso o Jornal da Record, é comum deles expressarem que nas reuniões de pauta com a chefia do telejornal que fica em SP, é sempre sugerido ou exigido que do Rio de Janeiro se tenha uma pauta policial, talvez na percepção jornalística de SP em perceber que o estado do Rio de Janeiro sempre produz diariamente notícias interessantes policiais, outros estados talvez não tenham essa vocação (risos) e por uma estratégia de audiência, mesmo em dias difíceis em que o Rio está calmo é necessário encontrar algum recorte pra produzir algum factual de polícia. Não tenho números em mãos, mas, no geral, o que a gente percebe, a Record vem mudando bastante do perfil que ela já teve no passado em termos de telejornal policial. Hoje a gente adota ou tenta adotar uma linguagem muito mais suave, sutil tb com base em pesquisas de opinião de telespectadores dado que a maior parte do público que assiste a emissora, e televisão, ainda mais nesse horário do meio-dia, de classe C, D e E, de maioria mulher, na faixa dos 50 anos ou mais e que em pesquisas disseram que gostam de assistir um conteúdo mais leve, não tão pesado. Então, imagens mais gráficas, fortes, pesadas que costumávamos a colocar, passamos a não colocar em respeito a esse público, numa perspectiva de crescer em audiência com esse público. Mas, ao mesmo tempo, a gente percebe que outras emissoras percebendo isso, começaram a avançar nesse tipo de conteúdo. São imagens que esteticamente chocam, acabam prendendo a audiência de quem assiste e inevitavelmente subindo a audiência. (perda de conexão) O nosso concorrente direto, o telejornal deles começa 10 minutos antes que o nosso e a gente percebe que, ao longo dos últimos anos, eles cresceram muito em audiência em boa parte recebendo esse público que gosta de assistir esse conteúdo mais impactante. Então, todo conteúdo que a gente exibe, eles tentam exibir antes, é uma guerra pela audiência, pra quem consegue fidelizar mais esse público com conteúdo do Rio de Janeiro, em geral, o fator violência acaba tendo um peso preponderante. Hoje, aqui na emissora, a gente vive uma busca pelo equilíbrio, dar aquela imagem chocante, forte, mas se ela for forte demais, muitas das vezes, a gente já optou por não dar aquela imagem, aquele flagrante pq nos chocou e a gente entendeu que o nosso público não iria gostar de assistir aquilo. Mas é um dilema constante quando vc tem os seus concorrentes recorrendo a esse tipo de conteúdo como estratégia de crescer a sua audiência.

Pergunta (Roteiro 4)

Eu diria que se tornou (pensativo) fundamental sim. Acho que a palavra fundamental pode ser aplicada nesse caso sim porque dadas as dinâmicas de produção, à medida que a tecnologia avança vc tende a reduzir os seus custos com operações, maquinário e até mesmo profissionais. Mas acho que fundamental sim pq é um conteúdo que chega com muita facilidade, numa velocidade muito rápida, numa grande quantidade e que atente a uma necessidade de preenchimento de espaço na grade do jornal e de informação relevante em termos de audiência, de estratégia de audiência. Eu diria que é fundamental dado que é um fato que a gente não pode, não vão se deixar de produzir vídeos de flagrantes por câmeras de segurança, por celulares. Então, não é algo que pode ser ignorado até porque é um círculo vicioso. À medida que se produz, isso é veiculado, o público espera assistir aquilo, ele mesmo envia, vc uma vez que recebeu, tendo a possibilidade de exibir não vai querer se desfazer desse conteúdo. Então, é um ciclo que se retroalimenta. Entendo que, cada vez mais, isso vai ser uma estratégia presente nos telejornais a não ser que algum outro fator mude, o envelhecimento da população, novas camadas de sociedade não tenham o hábito de consumir esse conteúdo e forcem telejornais e emissoras de TV a rever essas práticas de uso e exploração ostensiva desse tipo de imagem nos seus programas.

Pergunta (Roteiro 5)

Acrescentam a perspectiva, a ideia ou a experiência de uma perspectiva do próprio telespectador produzindo aquele conteúdo, de um flagrante que ele fez ou acompanhou e está sendo legitimado e transmitido em tempo real, durante a exibição daquela reportagem, para um grande número de pessoas. A televisão como um grande portal, não sei se é o único ou o mais importante dado o avanço das mídias sociais e desse compartilhamento direto, mas ainda tem um papel importante na sociedade brasileira ter uma imagem que vc produziu, teve acesso, é veiculada. Satisfação própria pra quem envia, tem sim o retorno de ter ali a sua imagem sendo exibida e na expectativa também que os interesses que vc possui, de uma reclamação, de uma denúncia, sejam atendidos.

Pergunta (Roteiro 6)

Whatsapp da emissora, Whatsapp pessoal de cada jornalista, ou dependendo do interesse de vc produzir uma pauta, algo específico, nas próprias redes sociais, seja porque chegou até o jornalista, foi enviada a ele, ou porque ele está buscando isso. Tem outros caminhos, grupos no Facebook principalmente que acompanham flagrantes de polícia. Existem grupos de policiais ou de simpatizantes de policiais que costumam nesses grupos também postar bastante conteúdo. Mas, em geral, a maior parte do conteúdo ou é via Whatsapp da emissora, ou via Whatsapp pessoal de cada jornalista segundo suas fontes.

Pergunta (Roteiro 7)

Existem algumas formas, né? Primeiro, o jornalista analisar aquele material e com o olhar treinado, experiente dele tentar identificar se aquilo pode ser algo forjado ou não dependendo do assunto que se trate. Outra opção é vc encaminhar aquilo pra uma fonte policial, uma fonte médica, investigativa, alguma autoridade local, um policial de um batalhão, o delegado de uma delegacia daquela área pra tentar identificar se aquele flagrante condiz com o mesmo flagrante que eventualmente a própria polícia tenha mas por motivos de lei não possa encaminhar, esse é até um dilema que a gente já enfrentou algumas vezes, porque existem leis aqui no estado do Rio de Janeiro que vetam, leis ou normas internas da polícia, não sei ao certo, que vetam o delegado, o policial militar de registrar imagens ou permitir que sejam registradas imagens de pessoas presas em fragrante, suspeitos detidos pela polícia. Então, muitas vezes, na boa relação com a fonte vc tenta encontrar caminhos pra fazer esses registros seja com uma equipe com cinegrafista presente ou com um pedido que seja feita quase que uma cena né? Um policial auxiliar fica com um celular filmando na entrada da delegacia quando outros policiais retiram do carro da polícia os suspeitos presos e entram com eles pra dentro do prédio da delegacia. Aí, esse vídeo é enviado pra uma produtora, um profissional da apuração pra que isso seja veiculado. Se isso chega por outras pessoas, em geral, a gente tenta checar com a polícia, com algum delegado com quem a gente já tenha

relação se aquele vídeo é verídico ou não. A gente tenta pesquisar em outros veículos de comunicação pra ver se aquele mesmo vídeo tá sendo veiculado ou se tem um compartilhamento muito grande. Em redes sociais não que isso seja uma garantia, mas é um indicativo que muitas pessoas estão falando daquele assunto, então, há uma probabilidade. Em geral, a gente compara com outros veículos de comunicação exibindo e confiando na veracidade que eles eventualmente tenham dado, tenham checado ou checando diretamente com policiais se aquele vídeo é real ou não.
Pergunta
As fontes oficiais sempre respondem? Qd não tem, o que acontece?
Nem sempre respondem pq o caminho correto é que isso seja feito via assessoria da polícia militar, onde tem um setor de comunicação com jornalistas que vão averiguar com os delegados, comandantes de batalhão, no caso de polícia militar ou civil a veracidade daquelas informações. Acaba sendo um processo mais longo e que, por medidas legais, nem sempre pode ser respondido da maneira que nós jornalistas esperamos. Nem sempre a polícia pode ou não confirmar determinadas informações, nem atestar a veracidade de determinados vídeos. Então, na maioria das vezes, é um contato direto com as fontes, um policial, seja um soldado, um sargento, com um delegado ou escrivão da polícia civil que possa extraoficialmente, em uma conversa privada, confirmar ou não a veracidade daquilo. Em geral, se consegue sim uma resposta confirmando ou não dada uma (ininteligível) de uma boa relação com essas fontes. É raro que nem a assessoria, nem nenhuma fonte da polícia responda confirmando. Qd não, a gente pode enviar para algumas outras fontes que não são autoridades, mas são especialistas, especialistas em segurança na área que ou já terão acesso por meios próprios a essa informação ou podem eles por outros caminhos tentar confirmar pra nós essa informação. Em geral, tenta-se sim verificar, salvo em raros casos que eu saberei nominar aqui, que por uma decisão da direção ou do coletivo de jornalistas, com base muito provavelmente em fontes, ainda que extraoficialmente, alguém ateste, pode confirmar que essa fonte é segura, quem mandou é seguro, vou bancar a informação. São raros os casos. Na maioria das vezes o contato é bem próximo e eles costumam confirmar a veracidade ou não. No máximo pedem alguns minutos pra que confirmem, aí nos respondem confirmando ou não ou pedindo pra que não seja exibido pq pode prejudicar o andamento de alguma investigação. Em geral, essa relação costuma ser boa e respondida de forma até rápida.
Pergunta (Roteiro 8)
Pra sem bem completa a resposta, não. Porque eu não sei em que condições aquela outra pessoa está verificando, ela pode tá verificando de uma forma extraoficial, então eu não posso repassar a ela esta responsabilidade. E ela tb pode ter sido induzida a erro nessa informação, pode ter recebido essa imagem de terceiros e que ela em tese não teria a obrigação de checar essa informação, mas confiou, e... Na maioria dos casos quando isso acontece, o jornalista se resguarda no fato de que a informação foi passada pela polícia. Por isso que até reforça as atitudes das assessorias de imprensa das polícias de evitarem esse compartilhamento. Pedirem, até exigirem que os policiais não repassem esse tipo de conteúdo, pra não expor a corporação e o constrangimento de eles terem passado informações equivocadas à imprensa. Não é suficiente, mas dada a dinâmica, a produção jornalística que nós temos hoje no Brasil e em vários países no mundo, a gente não consegue dar o mesmo nível de importância pra todos os tipos de checagem de informações. Se nós entendermos que uma informação é extremamente sensível, pode ser que ela não seja exibida um dia ou mais, até mais tempo, dada a sensibilidade daquela informação. Se o jornalista julga que o impacto dessa informação não é pertinente, muitas vezes o processo de checagem pode ser acelerado e aí sem ser incutidos erros e depois as pessoas vão buscar reparações na justiça por erros cometidos pela emissora.
Pergunta
Vc teria exemplo que tivesse passado por vc ou que vc tomou conhecimento?
Eu teria que ver. O mais comum eu citei no início. De recebermos de alguma fonte ou no Whatsapp da emissora, uma série de fotos e vídeos determinados flagrantes de

pessoas que teriam sido eventualmente vítimas ou cumplices de determinados crimes e essa imagem, essa foto ter sido veiculado e depois vieram email reclamações de que aquela pessoa não era quem estava sendo retratada no vídeo. Era alguém muito parecido, as vezes não necessariamente. Nem sempre a gente sabe pq a foto daquela pessoa foi parar no meio daquele conteúdo. Não consigo ser mais específico do que isso. Mas, isso já vi acontecer mais de uma vez. Infelizmente. Há uma reunião com a chefia, com toda a redação pra que isso se tenha atenção pq principalmente o editor tem a primazia de não veicular aquela informação se ele não estiver seguro. O editor é o último filtro qd esse conteúdo vai ao ar.
Pergunta (Roteiro 9)
Não só esse. Aqui no Rio de Janeiro, a gente tem um fator muito comum que vc tem moradores de determinados bairros, regiões que criam páginas, supostamente páginas de notícias daquele bairro, daquela região que eles mesmos veicula, colocam logomarca, criam a logomarca pra essa página. Padre Migue News, por exemplo, e que muitas vezes nós jornalistas tentamos construir uma relação de pedir que a pessoa nos envie o vídeo sem logomarca que esteticamente não costuma ser comum os telejornais colocarem conteúdo com essas logomarcas presentes, que eles enviem o vídeo limpo e aí nós creditamos, imagens cedidas pela página tal, tal, tal. Nesse sentido, acho que é uma expressão muito particular, faz a gente entender como funciona a sociedade brasileira, a sociedade no Rio de Janeiro, nesse sentido de acreditar que dar visibilidade de assunto ou tema pode levar à solução mesmo que empiricamente isso não seja tão comprovado. Mas, há uma sensação de que isso estar sendo exibido, isso será discutido, isso será tratado e pode levar a uma solução. Acho que é um papel social relevante nesse sentido, de quem ainda que de forma autônoma ou não capacitada, tente contribuir para o debate público com a produção e promulgação desse tipo de conteúdo. Mas, acho que, para que haja uma abordagem correta, evitando-se erros, a melhor forma ainda é que esse conteúdo passe pelo filtro de profissionais que chequem a veracidade para que famílias inocentes sejam afetadas por eventuais erros desse tipo de conteúdo sendo compartilhado. Mesmo que isso ocorra em canais de televisão, isso acontece bem menos volume pq há uma processo de checagem existente coisa que muitas vezes em outros aplicativos não existe. No caso do OTT, faz bastante tempo que não tenho contato com eles. Aqui na redação, a gente já teve experiências de um período em que não se usava conteúdo deles pq tava se tentando entender qual era a estratégia econômica ou política desse grupo. Como eu saí da apuração, eu passei a não ter tanto contato direto com essas fontes, produtores de conteúdo que enviam informações. Houve um momento em que era bastante presente dados enviados, de estatísticas de tiroteios, aumento no número de tiroteios ou mesmo especialistas do OTT dando entrevistas. Isso diminuiu bastante nos últimos anos. Me deixa até curiosos, eu não sei o pq. A violência continua, ela flutua de ano a ano, a percepção, os dados sobre ela, mas não vejo uma presença tão grande desse grupo específico, o OTT, hoje, como já foi em outros momentos. Não sei se pq os flagrantes vêm de outros caminhos, se existem outros mediadores nessa conversa, não sei se o Whatsapp facilita isso ou se foi uma questão de logística interna do grupo que fez ele perder uma presença tão importante pelo menos nos telejornais em que eu trabalho.
Pergunta (Roteiro 10)
Primeiro, ele alcança um conteúdo que ele como jornalista profissional dentro de uma redação, ele não conseguiria produzir dado que a oficialidade do veículo em que ele trabalha, não só responsabilidades como também compromissos, muitas das vezes o blindam de ter acesso à realidade de quem mora numa comunidade dominada pelo tráfico, pela milícia. Então, receber esse conteúdo direto permite com que ele acesse de certa forma um recorte da realidade de quem vive naquela localidade. E permite também com que, tendo esse recorte, nós possamos nos comunicar, retratar esse recorte de realidade dessas pessoas que estão querendo compartilhar e não só, acho que ganhar audiência, mas também o respeito de quem está nos assistindo em perceber que há um esforço em compreender o que de mais grave está acontecendo na cidade.
Pergunta

O jornalista confia no material enviado pelo OTT?
Houve momentos que não. Eu, particularmente, faz tempo que não lido e não recebo. (Verifica seu whatsapp pessoal pra ver se tem alguma mensagem). Eu não estou no grupo do OTT, quando saí da apuração, perdi bastante contato. Mas, em geral, o conteúdo que vem deles, sim. Pela maneira como nos últimos anos eles vêm...se apresentaram de forma oficial, apresentando pelo menos internamente com a imprensa, os jornalistas que ali trabalham, o processo que eles fazem de checagem. A mim, hoje, eu diria que sim. Eu confio no conteúdo que eles enviam.
Pergunta (Roteiro 11)
Sim porque, em geral, eles são anônimos até mesmo para os bastidores da imprensa. Vc não sabe quem é a pessoa que está produzindo aquele conteúdo, qual o seu interesse. O OTT, a gente acaba sabendo o nome do profissional que trabalha aí, podem ser colegas ou ex-colegas que estejam trabalhando ali. Nessas páginas, vc não sabe. Então, não há uma confiança se houve uma preocupação em checar esse conteúdo. Por eles estarem muito próximos da realidade em que eles vivem, é muito provável que eles tragam sim relatos verdadeiros, mas geralmente é uma relação de confiança que vem ao longo dos anos. Vc não identificar erros em determinadas páginas. Vc tenta ter uma relação direta, manda uma mensagem, nem sempre vc encontra oficialmente essa pessoa. Mas, se foi construída uma relação de confiança ao longo dos últimos anos, é provável que vc receba, confie, acredite. E levantada alguma suspeita, checa-se com a polícia. Mas, acho que confia-se mais, na minha visão, no OTT do que nessas páginas de comunidades. Não desmerecendo as outras.
Pergunta
Qd o material vem do OTT, o jornalista entende que aquilo já sofreu um processo de verificação e pode passar para uma etapa seguinte ou esse material sofre uma segunda verificação?
Vai na regra do nível que a gente avalia aquela informação. Geralmente, informações pontuais de tiroteios, de flagrantes costuma-se confiar na checagem. Quando vc já começa a ter relato de óbitos, de vítimas, geralmente, tenta-se confrontar com a polícia militar e outras autoridades pra checar se aqueles números estão batendo. Uma coisa que aconteceu muito nos últimos anos foi que policiais enviam pelo próprio Whatsapp para o batalhão um relatório de rua do que acontece numa ocorrência, um resumo de ocorrência até com o uso de símbolos, de emojis para pontuar, organizar determinados assuntos. Um reloginho pra marcar a hora da ocorrência, um carrinho da polícia e tudo mais, uma fotinho de um policial pra numerar os policiais envolvidos na ação e muitas das vezes, esse conteúdo com um linguajar bastante cru que a polícia utiliza é compartilhado direto no Whatsapp pelo policial da ocorrência direto pro jornalista. Aí, cabe a ele o trabalho de editar esse texto para transformá-lo numa linguagem comum televisiva, uma linguagem de informação padrão. Mas tb tem essa informação que vem direto do policial.
Pergunta (Roteiro 12)
Geralmente, é a velocidade em que elas chegam e o desejo de exibi-las cedo. Então, assim, dependendo da relação que o jornal, o jornalista tenha com a pessoa do OTT, pode-se pedir para que sejam cedidas essas imagens com o devido crédito no formato televisivo em letrinhas brancas, dizendo a fonte de quem cedeu e eles enviam esse material. Mas, se muitas das vezes, por um critério jornalístico o diretor daquele programa não goste de dar crédito a essas páginas e se exibe o conteúdo sem nenhum crédito, as páginas passam a vetar o envio desse material sem a logo, enviam com a logo e aí é uma decisão do editor-chefe, do diretor exibir ou não com o selo.
Pergunta
Acontece de chegar uma imagem dessas com selo e depois no Whatsapp da emissora ou o jornalista buscar num perfil no Tweeter a mesma imagem sem selo? Há esse interesse?
Essa semana eu recebi uma mensagem encaminhada do OTT por uma outra pessoa, um morador do Meier que costuma passar bastante desses flagrantes. As outras mensagens anteriores, eu tenho do dia 9 de fevereiro, um jornalista da emissora encaminhou no

grupo que nós jornalistas da Record temos e antes disso 21 de fevereiro e antes disso 26 de agosto, uma outra em junho do ano passado. Então, assim, a minha percepção, talvez pelo uso ostensivo do Whatsapp da emissora, existem tantos outros não vou dizer produtores, mas compartilhadores de conteúdo via Whatsapp que talvez tenha sido a maior concorrência para o OTT. Hoje, o OTT na minha visão, já não é mais tão presente na rotina, pelo menos nesse último ano afetado um pouco pela pandemia. Em anos anteriores era quase uma mensagem por mês recuperada no meu Whatsapp coisa que anos atrás eram mensagens diárias num volume muito grande. Acho que existe o mesmo conteúdo sendo compartilhado em tantas plataformas que o OTT talvez perdeu um pouco desse protagonismo. É fácil encontrar esse conteúdo sem selo, sem marca d´agua em outras páginas ou outros perfis em redes sociais.
Pergunta (Roteiro 13)
Depende do jornalista, mas, em geral, na maioria dos casos que eu conheço e acompanho, sim. Até porque a profissão e a vivencia exige um certo cuidado com o tratamento da informação. Se não for checada pode ser perigosa pra pessoa que está enviando ou envolvida naquilo, ou eventualmente até voltar pro jornalista por dar uma informação errada já que informação é nosso principal meio de trabalho. Acho que vive esse dilema sim, mas talvez a gente tenha normalizado dada a extensiva repetição de determinadas imagens de um acidente, de um flagrante, de um assalto, de um roubo, de um crime. Dependendo desse nível, padrão de imagens, se não for algo muito diferente do usual, do que estamos acostumados a ver no dia a dia, não se torna um dilema tão grande pp admite-se que aquilo é possível. Não há uma checagem pontual em cada imagem que chega. Devido a grande repetição, presume-se que ela seja real. Pode-se confirmar, a maior dúvida é isso aconteceu nesse local onde dizem que isso está acontecendo e isso aconteceu na data em que dizem que isso está acontecendo ou isso é uma imagem antiga que está sendo recuperada como se fosse algo novo? Em geral, a dúvida pauta em torno disso.
Pergunta (Roteiro 14)
Acho que sim, tem efeitos negativos que as vezes é difícil a gente pontuar a princípio. Possui o mesmo efeito negativo que possui o mesmo efeito negativo de se viver em uma sociedade cuja violência é tão deflagrada como no Rio de Janeiro. A publicação desse conteúdo na televisão, nos meio de comunicação, ele reitera e reforça essa sensação de violência que as pessoas vivem e que é maior do que a sensação que elas teriam se não estivessem assistindo programas televisivos de conteúdo policial. Esse é o maior efeito negativo, do aumento, do reforço dessa sensação de insegurança. Talvez, a desinformação nesse sentido fosse algo pior. Se não fossem exibidos esses conteúdos (conexão trava) que atitudes não fossem tomadas pq o assunto em si não estaria sendo abordado. Pq por algum motivo estético, político ou econômico quisesse se esconder essa realidade que boa parte da população residente aqui no Rio de Janeiro vive.
Pergunta
Profissionalmente para a categoria, é possível que isso traga algum efeito negativo?
Pro exercício profissional também porque é como se fosse uma muleta. É um conteúdo abundante em que basicamente vc se limita, uma vez confirmada a veracidade daquela imagem, vc se limita a descrever a cena que vc está vendo. É ruim porque facilita em certo ponto a nossa vida, entre muitas aspas porque, ao mesmo tempo que vem numa quantidade muito grande, é uma demanda que vc tem que atender, é um vídeo que vc chega, que vc tem que assistir pra descrever aquelas informações num texto que vai pro telepronpter então o apresentador vai ler, aumenta de certa forma a nossa carga de trabalho e, por outro lado, não traz uma mesma satisfação de vc estar fazendo um conteúdo mais profissional, um conteúdo que vá levar a um gosto pessoal por uma reflexão ou por abordar o mesmo assunto de uma outra forma, pq vc não tá fazendo uma análise crítica do que está acontecendo, não vai estar ouvindo um especialista pra falar caminhos pra se vencer essa crise de violência. Vc só está repetindo uma imagem que está chegando. Profissionalmente, como jornalista, não me sinto satisfeito em tá sempre exibindo esse tipo de imagem porque ela tem um peso negativo e profissionalmente ela não agrega pro conteúdo que eu gostaria de estar produzindo. Ela

acaba virando, nesse sentido, uma muleta pra uma necessidade de audiência e de preenchimento de tempo em telejornal, pelo menos na minha visão é por aí.

Transcrição **entrevista jornalista 12** 15/03/2021 – 20h30 BR

- Coordenadora de produção TV Bandeirantes (Band)
- 1 ano na coordenação de produção. Trabalhei desde o início da faculdade, desde o início de 2015, quase seis anos. Trabalhei com assessoria de imprensa, trabalhou em rádio, TV. Atualmente trabalha com TV, mas atua na rádio de vez em quando.
- 23 anos de idade
- Jornalista e radialista – PUC Rio Grande do Sul e a DRT pela Padre Lander de Moura POA.

Descrição profissional – Como coordenadora de produção, eu coordeno toda uma equipe de produtores que são estagiários. Eles produzem matérias para os jornais, tanto o jornal nacional, que é o Jornal da Band, quanto o Jornal do Rio, que é o nosso jornal local e o Band Notícias que é um jornal de rede nacional. Então, eu coordeno essa equipe, eu pauto todas as equipes de reportagem, eu defino quais são as pautas que cada equipe vai fazer no dia seguinte e designo pra algum produtor e vou acompanhando ele durante toda essa produção. Então, o que eles vão produzir, com quem ele vão marcar, o que tem que ter na pauta, o que tem que ter de dado, depois eu reviso tudo isso junto com eles e acabo mandando tb pra chefia de reportagem, tudo isso. Paralelo a isso, de vez em quando, faço reportagem.
Pergunta
Nessa função vc tem autonomia ou precisa trabalhar junto com outros jornalistas a exemplo do chefe de reportagem ou do editor-chefe?
A gente nunca faz TV sozinho e como tu trabahou em TV, imagino que tu tem uma noção completa disso. Todas as pautas, a gente acaba discutindo, mas eu tenho uma certa autonomia pra dizer amanhã uma equipe vai fazer isso, outra equipe faz aquilo. Essa definição, eu não dependo muito de alguém pra me dizer pode, não pode. Eu vou definindo de acordo com os critérios que são coerentes, são de agenda, que a gente precisa fazer. De vez em quando, quando tem oportunidade de discutir as pautas com a chefia de reportagem, até mesmo com a direção que agora tem participado bastante disso, a gente discute, mas é muito mais de passa olha, tô pensando em fazer uma pauta X, ele diz ah, boa, acho que dá pra gente incluir isso ou aquilo. Então, é mais de agregar. E as pautas nacionais, a gente depende da aprovação de SP, passa por essa aprovação com a chefia de lá. Eu mando a sugestão, mando a proposta como a gente pensou a matéria e eles aprovam ou não como a gente fez ou se eles querem acrecentar alguma coisa, eles acrescentam por lá e me mandam também.
Pergunta (Roteiro 1)
A gente tem dois pontos pq quando tu fala em flagrantes policiais pode ser um material de conteúdo sensível e pode ser um material de conteúdo que não teria problema nenhum de ser divulgado. Por exemplo, se tu pegar o flagrante de um assalto, não vejo porque não ser divulgado aquela imagem, aquele conteúdo pq está mostrando a realidade, está mostrando o que aconteceu, ajuda a contar uma história e, querendo ou não, hoje os flagrantes acabam rendendo muito mais. As vezes, até gera uma certa investigação, coisas que muitas vezes chegam direto pra imprensa e passa depois pra polícia, a polícia tomou conhecimento a partir daquele vídeo que a gente mandou pra eles, isso as vezes acontece. Nesse sentido, acho que tem um papel de serviço importante. Por outro lado, eu entendo que a gente tem flagrantes de conteúdo sensível. Flagrantes de linchamento por exemplo. Existem imagens que a gente tem noção que não podem ser exploradas cem por cento e a gente utiliza, claro, recursos de edição ou até mesmo avalia se vale a pena divulgar aquela imagem ou se é melhor não. Tem todo um critério, um cuidado em relação a isso.

Pergunta
Na sua função, vc tem acesso antecipado a essas imagens antes do repórter ir pra rua?
Sim, as vezes a gente acaba tendo. O que acontece? A gente pauta muito para o dia seguinte, mas eu tb trabalho com factual. Então, o que chega pra mim no dia, muitas vezes chega muita coisa que delegado manda, que alguma fonte manda, e a gente acaba tendo que apurar em cima daquilo ali e já dá aquela notícia, já dá aquela informação. Então, sim. A gente acaba recebendo de todos os lados e imediatamente eu preciso ter uma resposta pra aquilo. Muitas vezes, eu vou segurar aquela imagem pra dar só quando tiver uma apuração certinha. Não vou sair divulgando qualquer flagrante sem saber onde foi, do que é que se trata, quem são aquelas pessoas, se eu preciso borrar o rosto ou não, se se trata de menor de idade ou não. Tem que ter esse tratamento antes de sair divulgando qualquer imagem pq tu tá expondo as pessoas.
Pergunta (Roteiro 2)
O tempo todo (risos). O tempo todo em todos os jornais da Band eles contam comflagrantes (risos). Quanto mais, melhor (risos). Eu diria assim pq a gente tem muitas pautas que são voltadas pra denuncia, de serviço, de sociedade mesmo. Hoje, por exemplo, a gente tava procurando imagem da questão dos leitos impedidos. Então, a gente tava fazendo uma matéria em relação a isso, de denuncia de leitos impedido por motivos que poderiam facilmente ser sanados pelas autoridades. Então, a gente precisava dessas imagens. Mas, é o tempo inteiro. Flagrante policial, se tem uma imagem boa, a imagem vai valer. Vai valer por si só. São Paulo vai comprar, a gente vai apurar aquilo ali. As vezes vira do dia pro dia mesmo. Geralmente, é isso que acontece, inclusive.
Pergunta
A imagem determina o que vai ser notícia no dia? Talvez, se não tivesse aquela imagem, nem notícia teria?
Sim, sim. Muitas vezes é isso que aconetece. Muitas vezes, a gente tem uma determinada informação que não vai pro ar na TV porque não tem uma imagem pra isso. E as vezes, o contrário também. As vezes, a gente tem uma imagem muito boa e não tem informação o suficiente. Mas, o mínimo que a gente tiver de informação... tem um flagrante muito bom, por exemplo, e eu consegui confirmar que aconteceu algum assalto ali.Eu não sei quem são aquelaa pessoas, mas aquela imagem vai pro ar pq a imagem é muito forte, o flagrante é muito forte. Ele vai pro ar com o mínimo de informação que a gente tiver.
Pergunta
O que é um flagrante bom? O que é um flagrante forte?
A gente costuma dizer que é quando a imagem impacta. Tu olhar aquela imagem e nossa! O que aconteceu ali? Tu prender o telespectador com aquilo ali. Não sei. As vezes, até alguma coisa que choca. Um assalto que tenha uma agressão, um assalto que tenha uma sequencia bizarra que nem a gente tinha outra imagem, por exemplo, era um assalto de uma senhora que saiu do condomínio. O cara vei assaltar ela, ela foge, ele dá a volta, ela foge de novo, ele dá mais uma volta. Quer dizer, é uma imagem surreal. É inacreditável que um assaltante vá ficar perseguindo a pessoa enquanto ela tá fugindo pra ser assaltada. Então, o flagrante bom, a imagem boa é aquela imagem que impacta, que no momento tu olha e nossa! O que aconteceu ali? Caramba, ele fez isso mesmo? Esse choque, essa coisa que nos prende, tb vai pender o telespectador porque a gente tb é telespectador. Uma imagem boa, um flagrante bom é isso, olhar e ficar presa naquela imagem. Nossa! O que aconteceu ali? Eu não tô sabendo, não entendi. Ou esse tipo de coisa acontece mesmo? Que absurdo! Acho que seria a melhor definição possível (risos).
Pergunta (Roteiro 3)
Eu não colocaria como briga das emissoras pela audiencia. Eu falaria mais a questão do impacto ao telespectador, mas acaba impactando logicamente a audiencia. Se eu tenho uma imagem exclusiva que nenhuma outra emissora tem, eu vou querer dar ela o quanto antes porque eu vou garantir pra aquele meu público que aquela imagem é exclusiva, que eu tô dando em primeira mão e que ela é muito boa. De certa forma,

indiretamente, está ligado a essa briga pela audiencia. Mas, eu diria que não necessariamente é uma briga pelo audiencia, é questão de tu impactar o teu telespectador mesmo. Mas isso acho que varia muito de empresa pra empresa. Eu trabalhei no SBT e no SBT o pensamento é muito focado na questão da audiencia. Precisa ser o vice-líder, isso está nos valores da emissora. Então, no momento que tu tem isso, isso vai brigar minuto a minuto. Se tiver um vídeo que vai manter tua audiencia presa ali e tá dando 1, 2 pontos a mais que a outra emissora, tu vai manter aquele vídeo no ar. Então, sim, dependendo da emissora vai ter relação com essa briga pela audiencia. A Band é muito mais pela questão de dar com exclusividade, de dar um material que o público dela gosta de assistir, não necessariamente por uma briga de audiencia com outras emissoras. É mais para atender o telespectador mesmo.
Pergunta (Roteiro 4)
Hoje em dia, eu acho que sim. Não é a toa que programas como o Datena, programas sempre foram sensacionalistas, considerados sensacionalistas, foram programas de grande audiencia porque, querendo ou não, as pessoas gostam de ver a realidade e gostam de ver o que aconteceu ali. Quando a gente não tem a imagem, tu manda o repórter ir lá contar o que aconteceu naquele local. Muitas vezes numa passagem. A passagem dele vai ficar gigante, mas vai tá levando o telespectador pra aquele lugar, caminhando naquele lugar, mostrando que foi ali que aconteceu, que aquilo aconteceu. Tem muito disso, de tu conseguir contar a história dessa forma.
Pergunta (Roteiro 5)
(Risos) É uma boa pergunta. Acho que eles acrescentam mais no sentido de ajudar a contar a história. Não tá só na boca do repórter, a pessoa tá vendo. Ela precisa ver pra crer. Se ela vê aquilo, ela acredita muito mais do que só a palavra, só ouvir que tal história aconteceu, que tal versão diz isso, que tal versão diz aquilo. Se eu tenho uma imagem ali mostrando que o cara assaltou fulano com uma arma apontada pra cabeça da pessoa, etc., eu posso pegar a versão da vítima, eu posso pegar a versão do bandido, posso pegar a versão da polícia, posso pegar 300 milhões de versões, a imagem vai falar por sí só. A pessoa vai ver aquilo ali, ela vai saber que aquilo ali de fato aconteceu, que não tem ninguém botando um ponto a mais nessa história. A gente traz, lógico, outros detalhes, a gente acrescenta, mas o flagrante acho que chama muita atenção por isso, porque são situações pra algumas pessoas surpresas, corriqueiras, depende até mesmo do local. Lá no Sul, a gente não tá acostumado a ter tanto flarante como no Rio de Janeiro. Aqui no Rio de Janeiro tem muito flagrante que chega a ser corriqueiro, mas que justamente por ser corriqueiro, as pessoas vêem assim, caramba, ah lá, tá acontecendo isso de novo. Nossa, isso aconteceu na esquina da minha casa. Essa identificação também, de certa forma, ajuda a atrair né?
Pergunta
Os flagrantes ajudam pra que as matérias fiquem mais credíveis, é isso?
Ficam, isso. Elas acabam tendo mais credibilidade, elas dão mais peso. O flagrante dá mais peso pra minha matéria. Eu tenho uma história contada por completo. Tem todas as partes da história ali. Tem mostrando o início do assalto, o fim do assalto, o meio, o que aconteceu exatamente. Que eu vou falar, que eu vou chamar a atenção pra determinadas partes, mas o flagrante vai me ajudar a contar a história e tornar ela mais crível mesmo. A pessoa acredita mais nela porque ela tá vendo que aquilo de fato aconteceu né? E outra coisa, acho que ajuda muito a identificar e comover, emocionar muitas vezes, depende do flagrante né, claro.
Pergunta
Identificar o quê? Comover em que sentido?
Um vídeo de assalto. Eu vendo um vídeo de assalto, se eu já fui assaltada, eu sei o que é aquela sensação. Se eu ouvir um áudio de um desabafo, um áudio de uma conversa gravada de um abuso, qualquer coisa do tipo, que também não deixa de ser um flagrante, uma vítima talvez se identifique com aquilo ali e por se identificar, muitas vezes a pessoa vai querer ouvir pra saber o desfecho daquilo ali, o que levou àquela história, enfim.
Pergunta (Roteiro 6)

Chega de uma forma tão natural e automática que a gente não tá acostumado a pensar nisso (Risos). Mas, chega por todos os lados, principalmente por rede social. Muita coisa também chega por Whatsapp. Então, chega desde o taxista que tem o meu celular e sabe que eu sou jornalista e me manda o vídeo que tá circulando no grupo da família dele, no grupo do condomínio dele, no grupo dos taxistas. Chega no grupo de Whatsapp mesmo. Chega no Facebook, no Tweeter, muita coisa vem do Tweeter também. Chega em postagens de pessoas em grupos no Facebook, eu acho que principalmente pela rede social. A Band News tem o canal com os ouvintes que é o Whatsapp. Tem muito ouvinte que tá passando pelo local, que tá ouvindo a rádio e manda imediatamente. Hoje, o principal meio é a rede social.
Pergunta
O jornalista tem atitude passiva, espera chegar ou vai pras redes em busca dessas imagens?
Não, a gente também vai, a gente também vai. A gente procura principalmente se são matérias mais produzidas, a gente sabe que tem uma ou outra imagem daquilo ali. A gente vai atrás daquilo se a gente sabe que tem camera de segurança. A gente vai atrás de polícia, a gente vai atrás de Tweeter. A gente coloca um frame de uma imagem que a gente tem no Google imagens e a partir daquilo ali, eu consigo ver outros vídeos publicados com aquilo ali. A gama de opções que tu pode e deve utilizar. Se eu jorgar no Tweeter hoje, pessoal tô procurando vídeos de problemas no BRT, muita gente também me manda por ali. Se eu digitar no Tweeter BRTLOTADO vai aparecer uma pilha de vídeos de pessoas reclamando, postando, pedindo resposta pra trem, pra Supervia, pedindo pra um milhão de concessionárias que hoje funcionam com isso, exemplo a própria Supervia, a concessionária de trens aqui no Rio. Muitos passageiros, usuários colocam lá um vídeo, algum relato, uma foto de um problema, olha, o intervalo tal tá errado, tá cheio, tá com falta de operação. Vai a Supervia e diz que eles já tão realizando, achando alguma solução pra aquele problema. Então, tb acaba sendo uma forma da gente encontrar. A gente não fica só esperando chegar pra gente não; a gente vai atrás. E muitas vezes qd chega uma imagem, a gente vai atrás de mais imagens daquilo ali também.
Pergunta
Como é feito o manejo dessas imagens no dia a dia?
(Risos) Pra garantir, já baixa, já salva porque hoje em dia as pessoas apagam tudo em segundos. Então, pra garantir, já baixa, já salva e depois entra em contato né? (risos). É aquilo, garante primeiro a imagem. Garantiu que o vídeo tá baixado, tá salvo, aí entra em contato. Manda um direct pelo Instagram, pelo Tweeter. Hoje em dia, tem muita gente que deixa telefone no Instagram. Joga lá no Instagram, arranja o telefone da pessoa, responde por rede social. A galera responde muito rápido também hoje em dia. Contato não é tão difícil assim. Em último caso, arranja o número de onde a pessoa trabalha, o que faz, pra pegar algum tipo de contato.
Pergunta (Roteiro 7)
Isso é um grande problema. Isso é o maior problema, o maior desafio que a gente enfrenta. Nem tudo cem por cento a gente consegue checar imediatamente, verificar imediatamente que chega. Muitas vezes, eu tenho uma imagem muito boa e eu não posto aquilo no ar se eu não tenho algo que me garanta que aquilo foi aqui. Vou te dar um exemplo bem básico. A gente tava fazendo uma matéria sobre aquela nota de 200 reais que supostamente teria circulado em Madureira. Vários jornais deram como isso. Suporta nota de 200 reais circula em Madureira. Grandes jornais deram isso, vi várias sobre isso. Eu falei pra minha chefe: a gente não tem como dizer que, de fato, isso tá circulando em Madureira. É uma foto de uma mão segurando uma nota de 200 reais, uma foto completamente borrada com asfalto no chão, pode ser em qualquer lugar. Aí, a gente foi atrás pra descobrir de onde que era aquilo, de onde era aquela foto, se de fato era de Madureira. Resultado, a gente procurou, procurou, procurou em tudo que era lugar e vários jornais creditando que era Madureira e eu começei a dar zoom na foto. Eu dei zoom em vário, vários, vários pontos da foto. Lá pelas tantas, eu encontrei na nota, na suposta nota de 200, um arroba. Quer dizer, estava linkada a um perfil no

Instagram. Estava meio borrado pq a foto tinha justamente colocado uma baixa qualidade pra não identificar que era uma nota falsa. Olhei aquele arroba, meio que decifrei qual era e entrei no perfil. Quando eu entrei no perfil, vi era de um designer gráfico do Piauí e esse designer gráfico tinha feito a nota de 200 e colocado um desenho no negócio dele. Aí, eu fui falar com ele. Mandei aquela foto, olha só, essa imagem tá circulando e tão dizendo que é de Madureira. Aí, ele diz assim: olha moça, pra ser bem sincero, eu já recebi essa mesma foto que vc tá me falando com o pessoal creditando essa imagem à Bahia. Creditando essa imagem a não sei qual lugar e me mandou vários áudios e fotos. Eu falei, gente, não tenho como dizer que essa nota tá circulando em Madureira. Tanto é que essa nota saiu lá do Piauí. Ponto. É isso que a gente tem de informação, é isso que a gente pode dar e a gente pode dizer que nas redes sociais essa foto foi atribuida a diversos lugares. Tu passa por um processo de verificação que leva um tempo. A gente levou um dia pra tentar desenhar essa história e ninguém tinha contado essa história, ninguém tinha ido atrás do cara, ninguém tinha dado um zoom na foto. Todo mundo já saiu colocando a imagem, dizendo que supostamente era em Madureira. Porque aí, tu cai naquela coisa do jornalismo de não ser assertivo. Tu vai no talvez, no pode ser que, no dizem que está circulando e eu acho que jornalismo não é bem por aí. A gente tem que trazer o que de fato é. O que eu tenho daquilo ali? Não posso dizer que supostamente é de lá. Não. Vou dizer que está circulando em vários lugares. Essa etapa da verificação é muito delicada, é um trabalho difícil de fazer, é um processo que a gente passa por muitas coisas. Então, vai depender da tua fonte ser confiável ou não. Se chegar uma imagem pra mim de um leito impedido como a gente tava fazendo hoje, essa foto veio de um funcionário do hospital. Ele mesmo filmou? Ok, tem certa credibilidade. Se eu vejo um BRT lotado, é alguém que pega todo dia? As pessoas estão de máscara? Então, é durante a pandemia. Detalhes que tu vai percebendo. Tem camera de segurança? Que dia tá na camera de segurança? Que horas? Faz sentido com o que a gente tem de informação? Bate com o que a polícia tá falando? A localização, a camera de segurança mostra determinado espaço, olha aquela rua no Google Street, vê se aquela rua é assim mesmo, se tem tal edificação, se tem tal loja na frente. São pequenos detalhes que, as vezes, a gente deixa passar na correria do dia a dia e que são fundamentais para verificar se aquele fato é verdade ou não. Outras ferramentas como o próprio Google Imagens. Se a gente tá na dúvida se determinado vídeo foi gravado no Rio ou não foi. Joga no Google Imagens. As vezes, é um vídeo que circulou em 2010 e tá voltando a tona, e tão creditando dizendo que é do Rio de Janeiro. As vezes, só jogando ali no Google Imagens já vai aparecer que ele foi postado em 2010. Tem outros sites, outras ferramentas que não lembro agora extamente, eu cheguei até a fazer um curso sobre isso, que tu consegue ver inclusive qd aquela foto foi postada pela primeira vez, qd aquele vídeo foi postado pela primeira vez e quem fez essa postagem. São algumas ferramentas que até mesmo a polícia usa. O curso que eu fiz é misnitrado por delegados pra policiais, mas eu fiz pq tinha interesse em saber.

Pergunta

Em todas as imagens tem algum detalhe que dê pro jornalista chegar onde ele quer? Toda imagem é verificável? Um flagrante de tiroteio, por exemplo, como faz pra saber se foi naquela comunidade, naquele momento?

Nem sempre e aí que tá um grande problema também. Muitas imagens a gente abre mão porque não conseguiu checar, não tem absolutamente nenhuma informação daquilo ali. Como é que eu vou botar aquilo no ar? Não vou, não vou arriscar. Eu sempre digo isso. Eu não vou botar o meu trabalho ali, não vou, porque amanhã ou depois alguém acha na internet e vai dizer que a gente mentiu ao usar tal imagem porque tinha tal coisa antes. Eu, particularmente, acho melhor abrir mão e muitas vezes a chefia faz isso, abre mão de determinada imagem pq não tem apuração. Não consegue apurar aquilo ali, não tem um detalhe, a polícia não confirma, não sabe o que aconteceu, nem sabe que rua é aquela. Não tem como saber. Se não tem nada, absolutamente nada de apuração, ninguém mandou. As vezes, o que acontece? A gente recebe um vídeo e outro ouvinte manda tb pro Whatsapp da Band News que aconteceu tal coisa. É mais de uma pessoa falando a mesma história. Então, isso já te leva a crer,

por mais que a polícia não tenha um registro, que aquilo pode ser verdade. Mas, as vezes, a gente tem que abrir mão de certa imagem porque não tem apuração. Agora a questão dos tiroteios. Acho que aqui no Rio, até estranhava isso no início, nenhum vídeo de tiroteio é checado cem por cento né? A gente credita direto ao OTT, ao que chega de rede social. Tá tão banalizado, tá tão comum que a gente acaba não checando. Não tem certeza se aquilo foi daquele dia mesmo. No máximo, tu vê pela previsão do tempo. Tipo, aquele vídeo tá chovendo? Nossa, hoje fez o maior sol, não faz sentido ser hoje. Aquele vídeo foi de noite? Mas tão falando que o tiroteio foi de manhã. Coisas assim que acabam pesando, mas, geralmente, vídeo de tiroteio não tem muito o que fazer. A galera acaba usando e credita a rede social, credita OTT porque tu tem um vídeo de tiroteio que é só barulho de tiro, aparece só comunidade e o pessoal postando, dizendo que tá acontecendo agora. E de fato tu tem a informação que está acontecendo um tiroteio naquela região, naquela localidade tal horário. Se esse tipo de informação bate, o pessoal acaba usando mesmo.
Pergunta
Quando não consegue informação com as fontes oficiais, pode acontecer de cruzar informação dos próprios moradores e usa o vídeo pq tem várias pessoas falando daquilo naquele mesmo momento?
Sim.
Pergunta
A quantidade vira forma de apuração, digamos?
Vira também. Vira de certa forma também pq tu tá ali pela pressão do imediatismo, de ter esse vídeo. Muitas vezes eu me questionei se aquele vídeo era realmente, se não podiam tá jogando mais um vídeo de tiroteio no meio do bolo. Já me questionei várias vezes sobre isso, mas, pela questão do imediatismo, a gente acaba pecando nesse sentido. Infelizmente, eu acho que sim.
Pergunta (Roteiro 7)
Não, acho que não. Acho que a gente tá sujeito a errar sempre. Acho que isso pode diminuir, pode ajudar, contribuir a diminuir os erros. Não quer dizer que vai sanar ele cem por cento, não necessariamente. Mas, eles ajudam com certeza a diminuir pq muitas vezes na primeira etapa ali, eu já descarto qualquer coisa. As vezes, no primeiro horário, no primeiro dia que tem ali na camera de segurança, na primeira rua que não bater, que não fizer sentido, já me impede de errar o dobro pondo aquilo no ar.
Pergunta
Vc conseguiria me dar algum exemplo?
Tenho, tenho uma sim que eu lembro até hoje que eu trabalhei no SBT, eu tava na época. Foi aqui no Rio. Não sei se tu vai lembrar ou chegou a acompanhar, tem uns 2 anos já, eu acho. Foi o caso daquela paquita da Xuxa que apareceu agredida. Teria sido agredida pelo suposto ex-marido, ex-namorado, alguma coisa assim. Tu parte do princípio que é uma acusação muito séria, muito grave, lógico, mas ao mesmo tempo aquela revolta de ser uma mulher agredida. Ela foi pra rede social, postou um milhão de vídeos, postou desabafo, ela tava dando a cara a tapa, dizendo que ele tinha agredido ela e tudo mais. Eu lembro direitinho esse dia porque me chocou a opinião da apresentadora. Pra mim, caso de agressão lógico que é muito sério, mas eu já vi inúmeros casos de mulheres que deram até retrato falado e não tinha acontecido. Então, se isso acontece, a gente tem que ter muito cuidado. Eu lembro que naquela ocasião, tinha foto dela toda machucada e a gente deu aquelas imagens. O comentário foi em cima daquilo falando que o cara era um covarde, que era um absurdo o que ele tinha feito, que ele tinha agredido uma mulher, que aquilo não se faz, que isso é coisa de homem covarde, de homem que não tem caráter, foi tipo acabando com a pessoa. Eu concordo que possa se falar disso, mas se de fato aquilo aconteceu. Quando não se tem cem por cento de certeza, não tem como tu falar sobre aquilo. Mesmo assim, acho que espaço de opinião, não é espaço de jornalista. De qualquer forma, aquilo foi falado e eu pensei que pudesse dar algum problema. Eu imagino que uma pessoa que tenha ali sua cara exposta no jornal estadual vai entrar com um processo pedindo danos morais por isso, exposição, humilhação. Umas duas semanas depois, tres semanas depois, não me

lembro, a defesa dele apareceu com um vídeo em que mostrava a moça se machucando no estacionamento sozinha. O vídeo era claro. Eram todo os machucados que ele supostamente tinha feito nela, que ela tinha postado os vídeos, era ela se machucando. Era só ela sentada se machucando. A gente deu esse vídeo se retratando e pedindo desculpas ao agressor por ter falado tudo aquilo. Eu me questiono. É o suficiente a gente pedir desculpa? E quem não viu o jornal com pedido de desculpas? A gente precisava ter chegado até lá, ter escancarado, mostrado foto do cara, humilhado ele a um ponto tão absurdo que pode acabar com a vida de uma pessoa. Ela mesma tinha se agredido. A gente deu razão pra ela, tudo bem, mas a gente não parou pra pensar no outro lado. E se não fosse verdade? Se aquela imagem não tivesse falando 100% da história? Porque foi isso. A gente tinha uma imagem muito boa, de uma mulher agredida, mas a gente não tinha toda a história. Aí, surgiu uma camera de segurança com ela se agredindo, se machucando. A história levou outro rumo que não tinha nada a ver com aquilo que tava sendo contado. Algumas vezes, a gente acaba embarcando em algumas histórias assim e de forma que não precisa. A forma como tu conta diz muito. Ter esse pequeno cuidado faz tida a diferença. Teve outro exemplo que me contaram. Mandaram pra Band um vídeo de policiais colocando fardos de cerveja na viatura. Deram aquele vídeo no jornal, falando que era absurdo, que tinha policial usando a viatura pra carregar cerveja. No fim das contas era uma apreensão de cervejas. Não tinha nada a ver, a gente teve que fazer uma baita retratação pra falar daquilo. Nem sempre a imagem fala por si só, tem que tomar muito cuidado com isso, com a história que tá sendo contada ali.

Pergunta

O que esses dois casos querem dizer? Dependendo do tempo que o jornalista tem para apurar e da força que uma imagem possa ter, é possível que ela seja exibida e a história contada sem a certeza da veracidade?

A gente trabalha pra que isso não aconteça. A gente tenta ao máximo. Mas, as vezes, naquele desespero de o fulano vai dar antes, não sei quem vai dar antes, a gente tem isso com exclusividade, esse desespero, eu acho que a gente peca aí. O desespero pelo imediatismo, por dar primeiro, por dar com exclusividade. Falta um pouco de cuidado nessas horas. Eu prefiro dar uma matéria com exclusividade, mas não cem por cento apurada? Ou eu prefiro dar uma matéria depois que todo mundo deu, mas cem por cento apurada? É encontrar um meio termo nisso aí. Contar a história com exclusividade, mas com detalhes, com cuidado, entendeu? Requer muito cuidado nesse sentido, assim. E as vezes, acho que acaba faltando.

Pergunta

Pode acontecer de não ter a apuração que vc queria e vc vê aquela imagem numa outra emissora. Existem uma pressão pra usar pq a outra deu?

Sim (risos). Cem por cento, eu diria. Cem por cento. Porque se tal emissora usou, a gente tb tem que confirmar. Se eles usaram é pq provavelmente confirmaram com alguém. Com quem eles confirmaram? A gente vai lá e pede ajuda pro coleguinha, com quem vcs confirmaram (risos) pelo amor de Deus?

Pergunta (Roteiro 8)

Tem um papel eu não diria essencial, nem fundamental, mas eu diria o papel de pontapé. Muitas vezes, parte deles que tá tendo determinado tiroteio em determinado local e a partir dali a gente vai descobrir porque tá tendo tiroteio ali se não tá tendo operação? Ou vai bater com a informação de alguém ferido em determinado local. Eu diria que eles são um papel de pontapé mesmo. De pontapé e de suporte, que muitas vezes eles dão o suporte pra outras informações que a gente já tem. Eu posso construir uma nota se eu tiver a informação que a polícia militar tá fazendo determinada operação em tal localidade. Eu tenho essa informação pq a polícia militar divulgou lá no Tweeter. Eu pego aquela informação e bato com a informação deque o OTT tá dizendo que tá tendo tiroteio na mesma localidade, no mesmo horário. Então, tenho a informação que tá tendo operação e que tá tendo tiroteio e relatos de moradoes, depende do que vier do OTT, as vezes vem relatos de moradores, vídeos de moradores.

Eu consigo juntar as duas coisas. É muito mais a função de pontapé e de suporte mesmo.
Pergunta
Pode acontecer de o OTT dar um alerta e a polícia não estar sabendo ou não?
Particularmente, acho difícil a polícia não saber pq acho eles também tem esse acesso ao OTT e pode acontecer de a polícia não saber se forem tiros entre facções rivais e aí tu vai atrás de outras informações, relato de morador pra saber se tem operação lá. Se não tá tendo operação, vai falar com presidente da associação de moradores, vai falar com o mercadinho pra saber se o comércio tá fechando, vai tentar apurar de outros lados se a polícia não tiver aquela informação. Até acontece de ter tiros disparados em tal lugar. As vezes a gente nem vai apurar pq no Rio é tão, chega a ser triste falar isso, mas é tão comum ouvir tiros que, as vezes o que vem no OTT, não faz parte de uma operação, não faz parte de nada assim, foram tiros disparados que foram ouvidos em tal região e cessou por ali. Tem também uma certa peneira. O que pode crescer daquilo ali, o que não pode crescer, o que vai além, o que foi um caso isolado.
Pergunta
O jornalista confia nas imagens e informações passadas pelo OTT?
Sim, sim. Todo lugar que eu trabalhei assim é uma fonte que a gente confia muito, que a gente usa muito, inclusive. Porque são locais que a gente não consegue checar né? Muitas vezes, eu não tenho como ter acesso àquilo ali que eles têm. Virou como se fosse o órgão oficial de tiroteios, digamos assim, pra gente. Não é a toa que as vezes a gente usa dados do OTT, dados do Fogo Cruzado, que é outro aplicativo. Já virou conveniente usar esse tipo de dado. Ele tem levantamento. Não é só o alerta tá tendo tiro em tal lugar. Eles fazem um levantamento, um acompanhamento. Então, muitas vezes, dados isolados deles viram matérias nossas. Compilados deles viram matérias nossas. Eu diria que virou realmente um órgão (risos) de apoio pta gente nesses lugares onde a gente não consegue chegar.
Pergunta
Isso significa que, quando um fato é comunicado pelo OTT ou uma imagem é cedida, o jornalista pode ficar mais tranquilo e passar a uma etapa seguinte no trabalho dele ou ainda assim se tenta fazer alguma vereficação?
De forma geral, o que eu sempre percebi é que, tipo, veio do OTT é do OTT. Não entra nem no mérito da questão será que é mesmo? É tipo, veio do OTT, a gente dá e credita eles. Então, todo lugar que eu trabalhei e que usou vídeos do OTT, qualquer coisa do tio...acho que eles atingiram um nível de credibilidade (risos) entre os jornalistas que chegou nesse patamar de órgão mesmo. Vamos usar porque o OTT está mandando aqui no grupo.
Pergunta
O que, na sua opinião, fez com que o OTT atingisse esse nível de credibilidade?
Eu não sei te dizer exatamente o que eles têm ou como eles chegaram a esse nível de credibilidade, mas eu acho que eles sanaram um problema de comunicação, digamos assim, que existia. Uma falta de comunicação, uma falta de acesso e eu acho que, por unificarem isso, por transformarem todas essas informações referentes a tiroteios, referentes a comunidades, a coisas específicas que a gente não tinha acesso antes, ao unificar isso num lugar só e prestar o serviço pra população também, porque a população também acredita neles, também recebe alertas deles, então, o fato deles prestarem um serviço pra sociedade e também à imprensa, porque eles têm um papel importante nesse sentido, acho que foi isso que fez eles ganharem força. Eles unificarem tudo isso. É que nem o Fogo Cruzado. Eles unificarem as informações de tiroteio, eles acompanharem a quantidade de tiroteio, a quantidade de balas, a quantidade de pessoas feridas, a quantidade de idosos, de crianças, muitas vezes levantamentos que nem a polícia militar consegue mandar pra gente. Então, o fato deles terem esse tipo de informação, de dado mesmo, fez eles crescerem, sabe? Ganhar uma força porque eles têm essas coisas imediatamente e recortes interessantes.
Pergunta (Roteiro 9)

Acho que, de novo, ajuda a contar a história. Ajuda a aumentar a história no sentido de crescer. Eu não digo só que tem um tiroteio, eu coloco um sobe som de tiroteio. Eu posso dar um sobe som daquilo e dizer que a noite foi daquele jeito pros moradores daquela região. Eu não preciso eu dizer que a noite foi de tiros, o barulho, a imagem, ela impacta. O barulho, o morador falando, olha aí o tiroteio, não sei o quê, tá assim a noite inteira, isso já impacta muito mais o telespectador, a gente ganha nisso. A gente ganha no conseguir construir a matéria, conseguir colocar visualmente aquilo ali. Em termos de áudio também. Consegue impactar mais, consegue construir uma matéria muito mais concisa, muito mais interessante, com muito mais detalhe, com muito mais som, mais imagem, não fica aquela coisa linear, seca. O jornalista ganha com isso. Ganha no construir a matéria, no contar a história de forma mais verídica possível e mais envolvente possível. Sensível, de uma forma a sensibilizar mais o telespectador. Acho que a gente ganha com isso, com os vídeos deles, as informações deles.

Pergunta (Roteiro 10)

Acho que sim porque o OTT ganhou tanto um status que especialistas as vezes citam eles, né? Eles têm esse peso. É como se passasse por uma mediação, por um controle anterior. E eles sabem, eles têm a noção do peso que eles têm. Isso acaba implicando em tudo o que eles publicam, tudo o que eles divulgam pra imprensa. Passa por uma peneira deles, uma mediação deles, por um controle unificado deles. Eles têm aquela informação, eles vão dissipar e eles têm plena consciência de que serão creditados, e que se aquilo não for correto, provavelmente, eles vão perder também a credibilidade. Não vai ser só a imprensa que veiculou aquilo, vai ser eles também porque eles serão creditados. Acho que essa dimensão toda, essa peneira, essa mediação, faz essa diferença de páginas de bairro, de páginas de Facebook em que qualquer um publica o que quer, do jeito que quer. Não que a gente não use também essas páginas de Facebook e grupos de bairros. A gente também usa isso como ferramenta pra contar uma história. Mas, quando vem por essas páginas, a gente tem todo um processo de checagem, de falar com a pessoa que postou, de ver se é aquilo mesmo, se ela tem mais imagem daquilo, se mais vizinhos fizeram aquilo ali, de checar com outras fontes. E quando vem do OTT, é como se viesse tranquilo. Veio do OTT, então, vamos dar. Esse status de órgão que parece que ajuda, eu acho.

Pergunta (Roteiro 11)

Porque, as vezes, esse mesmo vídeo que o OTT selou, a gente recebeu em outro grupo e recebeu não selado. Então, se eu tenho uma imagem que não é selada, melhor pra gente. Porque eu tenho aquela imagem limpa, não tenho um logo no meio dela atrapalhando visualmente aquilo ali e tirando a atenção, né? Porque o logo deles é enorme, vai bem no meio da imagem, acaba prejudicando de certa forma. Esteticamente, não fica a melhor coisa do mundo. Então, se eu tenho uma imagem limpa, melhor pra gente. Nem sempre essa imagem limpa chega por meio do OTT, né? As vezes, eu recebo aquela imagem antes, limpa e aí vem o OTT e dá aquela mesma imagem selada. A gente só entra naquele patamar do tipo, então, realmente é de lá (risos). Mas o preferível é dar sem ela e se tiver só aquela selada pelo OTT, a gente vai dar mesmo assim.

Pergunta

A preocupação de retirar o selo é só estética?

(Pensativa) No que eu tenho de experiência, eu imagino que sim. Vídeo de tiroteio, alguma coisa assim, não é que seja uma imagem muito exclusiva, geralmente essas imagens do OTT. Então, é muito mais uma questão de (pensativa) de botar ela limoa ali mesmo até porque hoje em dia todo mundo sabe os vídeos que o OTT manda. Não acho que seja difícil de encontrar. Lógico, se tu pega por exemplo uma imagem com uma logo de uma página de Facebook e tu tem ela limpa, aí não é só a questão visual, é também tu levar as pessoas àquela página. Mas, é diferente da situação do OTT. O OTT tu tem eles...se eu tiver a imagem limpa, melhor porque esteticamente vai ficar melhor, não vai ter um negócio visual atrapalhando. Agora, se tiver de uma página no Facebook, vai ficar meio estranho. Tirei dali, qualquer coisa do tipo, mas as vezes, a gente dá também. As vezes, é a única imagem que tem e só tá selada mesmo, vamos fazer o quê?

Pergunta (Roteiro 12)
Acho que sim. Acho que a gente vive esse dilema todos os dias e acho que é o que a gente mais quebra a cabeça (risos). É muito difícil tu querer, as vezes, abrir mão de determinada história por não ter apuração daquilo ali. Mas, ao mesmo tempo, tu não pode embarcar em qualquer história. Tu é jornalista. Tu tem que verificar aquilo ali. Tem que checar. Tem que ir atrás. Tem que saber se aquela história realmente aconteceu. Se foi daquele jeito mesmo, se foi naquele local que tão falando. É o nosso papel, dever de jornalista e acho que tá aí o nosso desafio enquanto jornalista de uma Era em que as informações vão chegando assim o tempo inteiro. Eu, por exemplo, eu não vivi antes da rede social enquanto jornalista. Eu me lembro de não ter rede social porque eu nasci no interior, fui criada no interior e fui depois pra capital. Eu me lembro de não ter computador, esse tipo de informação. Mas, enquanto jornalista, eu não sei exatamente como o jornalista pensava naquela época. Eu sei que hoje eu vivo já numa Era em que a gente entra no modo automático e tem que cuidar o tempo inteiro, justamente por isso, por ter uma geração muito viciada no imediato e no mais rápido possível, pra não cair em certos golpes, não cair em certas armadilhas porque é muito fácil tu cair nesse tipo de armadilha. Aí tá o desafio. A gente não esquecer que, acima de tudo e de qualquer coisa, a gente é jornalista. A gente tem que checar, não interessa se aquela imagem é muito boa, se aquele flagrante é indispensável pra matéria. Se eu não tiver a informação apurada, vale o preço? Eu acho que não. Então, eu que é muito a gente ter esse cuidado e eu acho que falta muito porque a gente vive um período de transição, que a gente ainda tá tentando entender como as coisas vão funcionar, que tipo de ferramenta a gente vai ter pra verificar as informações. E, ao mesmo tempo, toda a outra crise que o jornalismo vive de credibilidade mesmo. É uma das forma de, de novo, a gente se mostrar indispensável. Mostrar que a nossa credilidade é fundamental. Porque eu vou perder ela por tão pouco? Não tem por quê se eu posso levar uma informação completamente detalhada pro telespectador, completamente apurada. É um dilema que a gente vive todos os dias e ainda vai demorar (risos) pra gente sanar ele.
Pergunta (Roteiro 13)
Não sei se eu diria que afeta negativamente. Aí, eu fico num meio termo, assim. Porque, quando a gente erra, a gente perde um pouco de credibilidade. Mas, quando eles são bem utilizados, que é a maioria das vezes, quando eles são apurados, quando servem pra completar a história, acho que eles ganham força. Aí, o jornalismo ganha força, a gente demonstra o poder que tem de conseguir contar a história por completo, conseguir mostrar o que realmente aconteceu. É o que muitas vezes a Globo faz. Eles pegam uma imagem, dão a versão da pessoa dizendo não, não agredi. Aí, eles dizem, mas não é o que mostram as imagens e aí entra a imagem mostrando claramente uma agressão. (Pensativa) Tem muito disso, acho que é isso (sorriso).
Pergunta
Vc disse que essas imagens ganham força qd complementam o trabalho do jornalista. Na maioria dos casos, essas imagens cumprem essa função ou o jornalista acaba usando pra completar espaço no jornal, tempo de jornal?
Não. Eu acho que na prática é pra completar mesmo, pra complementar, pra ajudar a contar a história. Não vejo como só um preenchimento de tempo no jornal, qualquer coisa do tipo. Acho que entra como um a mais mesmo. Os flagrantes hoje ganharam um peso muito forte justamente pelo impacto que ele tem no espectador. Pela sensação que o telespectador tem ao ver aquilo e por querer aquele flagrante, por querer ver determinada coisa acontecendo. Então, não vejo como um impacto negativo, mas também não cem por cento positivo porque eu entendo que muitas vezes acaba expondo muito as pessoas, dependendo do flagrante, claro. Mas, acho que ele serve muito mais para complementar a história mesmo, pra impactar o telespectador, pra sensibilizar o telespectador. As vezes pra prestar um serviço porque o cara que foi visto ali roubando fulano é o mesmo que roubou a pessoa que está assistindo, que vai entrar em contato com a polícia. Toda essa cadeia, acho que acaba impactando mais positivamente do que negativamente. A própria polícia sempre usou flagrantes,

imagens de procurados, qualquer coisa do tipo, pra conseguir informação. Quando tu tem isso na imprensa, na mídia, tu tem uma dimensão maior, tu alcança um público maior. Hoje em dia, a maior parte das pessoas têm uma televisão em casa, mesmo as pessoas mais pobres. É o meio de informação delas, elas aprendem com o jornal. Muitas vezes não sabem nem ler, nem escrever, mas elas ouvem no jornal, veem aquela imagem no jornal, elas sabem do que está sendo tratado ali. O flagrante acaba impactando mais positivamente mesmo do que negativamente, desde que bem apurado, desde que a informação esteja ali correta, não seja só a imagem pela imagem pra ganhar um sensacionalismo. Desde que seja utilizado com responsabilidade, eu acho que a gente só tem a ganhar.

Pergunta

Qual é o tempo de duração do Jornal do Rio?

Jornal do Rio tem 30 minutos. Deve ter uns 20 de produção. De 18h50 às 19h20. De segunda a sexta. No final de semana parou de existir e virou Jornal do Rio Entrevista que entram duas entrevistas gravadas.

Transcrição **entrevista jornalista 13** 18/03/2021 – 15h BR

- Produção e apuração do SBT Rio do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)
- Nessa função tem 8 anos, vai fazer 9. No jornalismmo como um todo uns 15, 16 anos.
- 41 anos de idade
- Formação em Bacharel em Comunicação Social/hab. jornalismo – Pinheiro Guimarães e Facha

Descrição profissional – Eu produzo o SBT Rio que é o jornal do estado do Rio de Janeiro. Eu faço a parte de produção do programa do dia seguinte pq nem todas as equipes tem que ficar no factual, aí a gente produz pro dia seguinte matérias geralmente na editoria de polícia ou política, ou de ajuda a alguém. A marca essas pautas pro repórter no dia seguinte fazer.
Pergunta
Na sua função vc costuma emtrar em contato com flagrantes da violencia?
Sim, sempre. Chega pra gente muito coisa. Hoje o principal meio de apuração e ficar se tomando conhecimentos dos tiroteios, de fraudes, etc., vem tudo pelo Whatsapp. A gente sabe pelos grupos que têm de jornalistas, até os órgãos oficiais aqui criaram grupos, tipo a Prefeitura tem um grupo pra informar release, tudo. Quase não se usa mais o email, o email é mais formal. A maioria vem pelo Whatsapp que é muito mais dinâmico, prático, a interação é muito mais rápida. E hoje em dia, no jornalismo, quanto mais rápido melhor. No dia a dia tb, ainda mais com a Covid. São poucas pessoas pra desempenhar muitas funções e acaba que essa ferramenta é bem utilizada, sempre tendo que confirnar se aquilo procede ou não.
Pergunta
Vc usa o teu Whatsapp ou a emissora tem um Whatsapp por onde esse material costuma chegar?
Uso o meu particular. Isso acaba trazendo uma série de problemas (risos). Lota o celular. As vezes, quando a pessoa não gosta da matéria ameaça pelo celular mesmo, que tem o nosso. Agora que eu peguei um outro chip e coloquei no celular pra poder utilizar esse outro chip.
Pergunta
Eu queria que vc me explicasse melhor esses flagrantes que vem para a produção das reportagens.
Depende da fonte. Vem diversos flagrantes, imagens ou fotos pelo Whatsapp. Vem, as vezes, de personagens que a gente marcou pra um dia e a pessoa passou, viu, recebeu num outro grupo e envia. Acaba que fica assim uma demanda gigante no Whatsapp. Dependendo da fonte, a gente sempre desconfia. Marquei uma personagem que era professora da escola. Tempos depois ela manda, tava passando vi um tiroteio, olhas as imagens aí. Eu não vou poder confiar cem por cento, vou ter que confirmar. A imagem é muito boa? É. Mostra um carro passando, as pessoas atirando, tem muito barulho de tiro, isso é considerado muito bom. Mas, será que foi daquele dia mesmo, será que foi daquela hora, daquele local? A gente tem que apurar pra poder ver a veracidade. Aí, dependendo se confirma pela polícia, civil, militar ou ligando pra lojas perto que a gente acha pelo Google Maps, confirmar. E também depende muito daquela...se vier de muitos lugares, já dá uma veracidade maior também. Várias pessoas estão enviando esse vídeo. Pode ser Fake? Pode. A gente vai continuar apurando, mas também já vai saber que a coisa tá tomando uma dimensão maior um pouco. A gente tenta confirmar. Confirmando, a gente vira a matéria se o vídeo for bom. As vezes, o vídeo não é tão bom, mas a história é muito boa. E se tiver a pessoa contando a história, mesmo o vídeo não sendo tão bom, ele vale.
Pergunta

E o contrário tb pode aconteceu? A histótia não ser tão boa assim, mas pq a imagem é boa, vira notícia?
Vira, vira. As vezes, a imagem é muito, muito boa, mas a história não vale tanto assim. Teve essa semana. Um vídeo de um tiroteio com os moradores jogados no chão. A imagem era muito boa. Tinha um cara deitado com a criancinha no chão e o barulho de tiro muito lá no fundo. Foi uma operação da polícia contra o tráfico e a milícia, mas não teve ninguém preso, ninguém morto, nem nada. Mas, o fato de ter essa imagem dos moradores deitados no chão, da criancinha com roupa de escola deitada também com o chinelo arrebentado, isso valeu matéria. Fomos lá no dia seguinte pra recontar a história, o drama dos moradores que vivem naquela região conflagrada pelo tiroteio já há muito tempo, é uma guerra que não acaba e essa imagem serviu pra poder compor a matéria.
Pergunta (Roteiro 1)
(Ruído externo) Eu acho super válido, é uma contribuição da sociedade, cada vez isso vai ficar mais comum, principalmente aqui no Rio de Janeiro. Em vezes que o SBT Rio é feito só com imagens de Whatsapp. Isso não é uma base da gente também. A Globo tem um número próprio, pessoas pra monitorar o Whatsapp. No começo da pandemia era só assim, em cima de imagens de Whatsapp que os telespectadores mandavam. A gente ainda tem vezes que o jornal é praticamente feito em cima dessas imagens mandadas pelos telespectadores, mas nem sempre. É bom por lado, tem o habitante contrinuindo seja mandando uma foto, um vídeo de um biraco como aconteceu essa semana. Um rapaz, o pai dele caiu no buraco, ele mandou um vídeo do pai dele, a foto, o pai dele entrou no buraco todo, a sorte que só quebrou o dedinho do pé. É uma contribuição pra que a gente acione, faça uma matéria, acione a prefeitura pra tapar aquele burcado. É super válido. Tem lugares que a gente não vai estar presente todo momento. Os melhores flagrantes hoje não é de um cinegrafista ou de um fotógrafo profissional. São de pessoas comuns que estão na sua casa, tem um celular e que fazem. Deu aqui no Rio uma ventania, com chuva forte, a gente só usou imagens de Whatsapp. Geralmente matérias de chuva são feitas todas com base em imagens de telespectadores que mandam pra gente. Essas imagens são compatilhadas em grupos, outras pessoas também recebem, mas basicamente, a gente faz a materia toda com base em Whatsapp, entendeu? Pra gente é muito bom. Pra emissora também que economiza com repórter, com tudo. No dia seguinte, a gente só manda o repórter fechar no local que tá alagrado, se tiver pessoas desabrigadas e tal, mas, as imagens todas já vieram pelo Whatsapp. E tem vezes que o jornal é todo feito assim. As grandes imagens que tão pra abrir o jornal, as matérias são de Whatsapp. Flagrante de tiroteio, circuito de um assalto que chega tb pelo Whatsapp. Essa colaboração dos telespectadores e o aplicativo é uma ferramenta muito importante no jornalismo. Quem não tem, fica alienado, não consegue trabalhar direito. Hoje, quando fica um dia sem Whatsapp por algum motivo, pra trabalhar é muito difícil. Porque por email não chega mais quase nada. Por outro lado também, o papel do cinegrafista tá se perdendo cada vez mais porque todo mundo que tem uma câmera vira cinegrafista e consegue flagrantes muito melhor que o profissional. Lógico, a qualidade pra fazer uma entrevista bem trabalhada um profissional vai ter que um amador com celular não vai conseguir, mas hoje em dia os melhores flagrantes tão vindo assim, chegando por celular. Seja de um assalto, de pessoa que filmou, roubando fio. Lógico, a gente procura confirmar se aquela imagem é verdadeiro, não é antiga nem nada. Circula muita imagem antiga, o pessoal reativa do nada, começa a circular, tem que ter cuidado.
Pergunta (Roteiro 2)
Frequencia diárias (risos). Todos os dias tem ao menos uma matéria com imagens do Whatsapp. A gente tá usando muito agora por causa da pandemia que o entrevistado mesmo se grave e envie pelo Whatsapp. Tem matérias que o repórter não vai pra rua e não tem cinegrafista, faz só uma passagem ali na porta mesmo da TV, de fundo neutro e fecha dali porque o entrevistado mandou a sonora pelo celular, pelo aplicativo; o vídeo que a gente tem é de flagrante de rua ou o próprio policial, se for matéria policial, fez o

vídeo e enviou pra gente. Aí, essa matéria se fecha toda de redação. O repórter narrando e uma passagem de fundo neutro, ele nem vai pra rua, entendeu?
Pergunta (Roteiro 3)
Com certeza. (Ruido) Todo mundo briga por uma flagrante bom pra ter uma audiência boa, né? E lá no SBT, o carro-chefe é violencia, tiroteio e coisas de fraude em política tá tendo muita audiencia agora também. Exemplo, compra de materiais hospitalares superfaturados pelo governo, pela prefeitura. E dependendo da imagem (falha na conexão) de um acidente, agora (falha na conexão), isso dá mais audiencia do que (perda de sinal). Essas informações também chegam por Whatsapp. Muitos flarantes desse, tipo um político (ruído externo). Teve uma imagem agora que foi do Cláudio Castro, ele no elevador e tal, chegou pelo Whatsapp. Alguém compartilhou a imagem dele, foi, foi, chegou, ele tava no elevador com o cara que deu 100 milhões pra ele, pra fazer uma fraude na compra de óculos pra Fundação Leão XIII. A matéria foi feita em cima dessa imagem que chegou pra gente, acho que foi um policial que passou. Os vídeos de Whatsapp, de violencia são os que dão mais audiencia, entendeu?
Pergunta (Roteiro 4)
Sim. Hoje, os vídeos que chegam de flagrantes pelo Whatsapp, também de outros meios, de policiais que são fontes ou de denunciantes, são basicamente o carro-chefe. Geralmente, abrem o jornal essas imagens (muito ruído externo), flagrantes de violencia que chegam pelo Whatsapp abrem o jornal e dão bastante audiencia. Hoje, seria difícil fazer um jornal conforme está sendo feito sem essa ferramenta, entendeu?
Pergunta (Roteiro 5)
(muito ruído externo). É uma coisa que a gente não vai estar, como o SBT Rio por exemplo. Hoje tem 3 equipes durante a manhã e uma na madrugada. Não vai conseguir tá em todo local ao mesmo tempo e aí, vc de certa forma, vai ta sendo onipresente, vai tá em vários locais sem ter que ter equipes espalhadas por todo os cantos. Vc vai ter acesso a essas imagens e isso é bom vc consegue cobrir, estar em vários locais. Tem local que vc não conseguiria chegar dentro da comunidade, da favela. Lá no miolo da favela vc não conseguiria chegar com uma equipe, mas o cara que mora na favela foi lá, fez o vídeo e mandou pra gente, pelo Whatsapp e aí esse vídeo foi fundamental pra abrir o jornal. Teve uma caso há um tempo atrás de uma mulher que viralizou muito, não foi nada de violencia, foi até comédia. Ela tava chegando em casa bêbada, do baile, lá no miolo da comunidade. Ela foi, caiu numa escada e invadiu a casa da mulher rolando. Esse vídeo viralizou e foi feito dentro da favela. A gente pra falar com ela, teve que pedir pra ela sair da favela, pra poder gravar uma sonora com ela. Mas, o que abriu a matéria foi o vídeo dela caindo dentro da casa da outra senhora. Pra falar com ela, teve que marcar fora da comunidade pq lá a gente não podia entrar e quem fez o vídeo foi uma pessoa que tava vendo ela bêbada e esse vídeo viralizou. Foi o que abriu a matéria, sem o vídeo, não teria a matéria, entendeu? O vídeo era muito bom. A gente não conseguiria acessar aquela comunidade naquele momente, estar ali pra conseguir fazer esse flagrante, entendeu? E não teria nem equipe pra chegar lá. É por isso que, nesse caso, é bom e é importante, entendeu? Hoje, ajuda bastante a cobrir, cada vez mais, cada canto da cidade.
Pergunta
Sobretudo esses lugares que se tornaram muito difíceis do jornalista entrar?
Que a gente não tem acesso.
Pergunta (Roteiro 6)
Tudo Whatsapp e algumas pelo Facebook. Nada por email. De que forma chegam pelo Whatsapp ou pelo Facebook? Facebook tem as páginas dos bairro. Tem um bairro chamado Madureira, aí tem Madureira da Depressão. Aconteceu em Madureira? Eles postam lá. A gente vai, lógico, tenta confirmar, pega muitos vídeos dessas páginas. Tem uma que chama Rio de Nojeira, ele sempre tá publicando coisas de flagrantes que chegam pra ele, não sei por que meio, pela página dele tb, do Tweeter, Facebook. Ah, Tweeter tb é uma ferramenta que a gente pega muito vídeo. Eles publicam, a gente vai lá, tenta confirmar, confirmando, a gente publica também. E pelo Whatsapp. Chegam por meio de um agente da polícia que foi lá, prendeu um cara, fez a imagem, mandou

pra gente. Teve uma matéria hoje, foi completamente feita em cima de imagem do Whatsapp, feita pela polícia. É um flagrante de uma mulher matando um cara que é ex-policial (falha na conexão) e o resto é tudo foto tirada da rede social das meninas e a imagem delas chegando na delegacia que foi um policial que fez e enviou. Todas essas imagens partiu da investogação da polícia e ele envou pra gente, é uma fonte nossa, enviou pra gente pelo Whatsapp. Aí é que está. A TV, o SBT Rio, chegou a ter um Whatsapp, mas esse número devido a inúmeras mensagens que recebia, esse número não comportou e aí a operadora bloqueou o número. No compartilhamento de dados é muito forte e é um problema, eles vão e mudam o número. Vc tem que ter uma estrutura muito grande tipo a Globo, o Extra têm. O Extra ia perder o número, eles lutaram na justiça, foram a fundo, fizeram parceria com o Whatsapp e conseguiram manter o número. A Globo idem. A gente não. Perdeu o número e desde então a direção não sei porque não quis reativar nenhum outro. A gente recebe por meios próprios. Vem por onde? Como eu te falei, por um policial, outro coleguinha vai e manda, ou um personagem manda, ou entra nos grupos de polícia, grupos de jornalistas que a gente faz parte, chegam por ali também essas imagens, entendeu? São diversos caminhos, mas basicamente é Facebook e Whatsapp. Quem envia são ex-personagens que participaram de alguma matéria e têm nosso contato, grupos de coleguinhas, de jornalistas ou fontes próprias da polícia ou de outros locais.
Pergunta (Roteiro 7)
(muito ruído externo). Tudo depende da fonte. Se foi um policial que me enviou, enviou todo o cronograma da investigação que ele tava fazendo, aquilo ali eu confio. Tipo o caso dessas meninas. Foi um policial, o delegado da delegacia que tava investigando essas garotas, que conseguiu prender e mandou todo o material detalhado, todo o processo. Que legou a prisão delas, a ordem de justiça e tudo. Ele até me passou um vídeo dele pelo Whatsapp falando isso, falando como foi a dinâmica e tal. Esse eu não precisaria confirmar pq já vem da fonte que é confiável. Mas, agora tipo ontem veio o vídeo de um cara que subiu pelado numa estátua, na Parça XV, no Centro do Rio, e falou que só ia descer quando tomasse a vacina. Tava viralizando nas redes sociais, eu recebi no meio de um grupo e eu fui confirmar. Primeiro falei com a polícia, a polícia falou que não tava sabendo. Liguei pra Guarda Municipal, a Guarda Municipal por sua vez me confirmou que foi acionada pra ir lá e, por sua vez, chamou o bombeiro. Eu liguei pro bombeiro, o bombeiro também confirmou que foi acionado pra retirar um homem que tava pelado, nu numa estátua, em cima de um cavalo, lá no Centro do Rio, na Praça XV. Esse foi mais fácil de confirmar. Tem vídeos que são mais difícieis e a gente não consegue a confirmação nem naquele dia. Aí, fica guardando o vídeo, segurando pra quando conseguir confirmar. Teve um caso desses esses dias, semana retrasada eu acho. O vídeo era bom até. A gente ficou segurando, segurando, segurando até conseguir confirmar pra poder dar. Acabou que no dia seguinte descobriu que o vídeo não existia, que era fake, que foi montada uma parte e a outra parte era um vídeo antigo, mas tem que fazer essas verificações. Chegou por uma fonte não muito confiável. É o quê? Um vídeo de um assalto numa rua, um flagrante de um cara assaltando uma pessoa numa rua. A gente liga pra policia. A polícia ah não fui acionado pra isso. Liga pra polícia civil pq aquela pessoa deve ter feito um registro de ocorrencia. Liga pra delegacia daquela área. A delegacia fala ah pode falar que não teve registro de ocorrencia ou que teve. Se ela falou que teve, beleza, tá confirmado aquele vídeo, a gente pode dar. Agora, a delegacia fala não teve. A gente vai pelo Google Maps naquela rua, se souber o nome da rua, vai pelo Google Maps, tenta olhar plaquinha por plaquina, qualquer telefone que tenha na rua pra poder ligar e perguntar pra pessoa teve um assalto aí? Teve uma vez que a gente seu sorte, o cara falar fui eu que fui assaltado. Não vou falar com vcs, mas eu tenho aqui mais imagem do assalto, vou passar pra vcs. A gente vai na rua, faz um povo-fala e com as imagens do assalto, o flagrante, vai, pega os dados do ISP, o instituto que analisa as ocorrencias policiais, vê o indice de criminalidade naquela região, de assalto ou morte e fechou a matéria, entendeu? Tem vários meios de confirmar, seja por canais oficiais como polícia civil, polícia militar, guarda municipal, bombeiro, prefeitura, governo e também por pessoas

das rua e tal. Eu fiz um curso agora da Agencia Lupa que é uma agencia de confirmação de veracidade de informações, vídeos, fotos, etc. Tem outros caminhos também pra gente poder confirmar um tipo de imagem dessa. Tem outros aplicativos, outras páginas que dão também ferramentas. Não consigo confirmar por essas ferramentas todas, a gente vai pras mais específicas que são buscadores que a gente consegue confirmar.
Pergunta
Se a fonte oficial não confirma e seja uma imagem muito boa e vcs assistam em outro canal de televisão. É possível que sem a verificação totalmente concluída ela seja usada?
É possível. Tudo depende. Cada caso é um caso. Se a imagem é muito boa e outro canal tiver dado, aí vai pra avaliação do editor-chefe. A gente põe, a imagem está aqui, a gente não confirmou por maios oficiais, nem fontes que aquela imagem é o que está se falando. Um site deu. A gente fala, fulano de tal deu, mas a gente não tem essa confirmação, fica ao critério de vocês querer dar também ou não, o melhor seria aguardar. Tem vezes que dão, tem vezes que não dão.
Pergunta
O que é que pesa?
Depende. A imagem é muito boa, o caso é muito bom, é foda, a gente tem que dar. Então, vamos dar. Aí, eles dão. Agora, a imagem dá pra segurar, o caso não é tão bom, não vai repercutir tanto, segura, não vamos dar, vamos ficar atrás ressabiado e tal. Teve agora um caso do goleiro Bruno que tava jogando. Não é nada de mais porque ele pode circular. Ele foi solto, acusado de assassinar a ex-namorada e aí ele tava jogando numa favela em São Gonçalo. Chegou essas imagens, a gente tava tentando confirmar por meio da assessoria dele, por meio do time, da polícia não pq a polícia não tinha muito a ver com isso pq ele tá em liberdade, podia jogar lá. A gente não tinha conseguido confirmar e o vídeo não era tão bom. Ele tá em liberdade, ele podia tá jogando em qualquer lugar que ele quisesse. Ele não tava lá fumando com traficantes na favela, segurando fuzil, nem nada. Deixa pra lá, não vamos dar não. Os jornais de bairro de São Gonçalo deram. A gente não deu. Depois, no outro dia conseguiu a confirmação que ele tava indo lá, aí o jornal de esportes deu. Todo mundo deu nesse dia também, o Extra, o Globo, o G1. A gente não deu, mas o sites de São Gonçalo já tinham dado. Mas era um vídeo que não tinha muita significatividade.
Pergunta (Roteiro 8)
Não. Eles diminuem a chamce de erro muito grande, diminui a chance de erro. Mas, sempre passa alguma coisinha ou outra e na afobação também, na coisa de dar primeiro, dar primeiro, muitas vezes dá e a coisa não era bem aquilo. Geralmente, isso acontece em vídeos que chegam...vídeo muito bom de um teto de posto desabando, falaram que é em Madureira. Vamos dar, vamos dar, mas aquilo não foi em Madureira, aquilo foi em Caxias. A gente deu o vídeo, o vídeo foi naquele dia, mas a informação do bairro tava errada. Isso acontece, acontece com alguma frequencia, entendeu? Essa semana pintou um vídeo circulando de um carteiro que tentou assaltar uma mulher. O vídeo nem era tão bom pq o cara não tava armado, nem nada. Ele tentou roubar a mulher dentro de casa, a mulher conseguiu se esquivar, não abriu o portão e ele foi embora com o comparsa dele. Falaram que o vídeo era em Bento Ribeiro, mas o vídeo não era em Bento Ribeiro, o vídeo era em Guarulhos, São Paulo, do ano passado. Eu não sei. Botei lá no meu relatório que tinha aquele vídeo, que tava circulando, que eu não tinha conseguido confirmar que aquele vídeo era no Rio de Janeiro, nem na data, nem no local citado. Não deram. Depois, vasculhando, vasculhando, vasculhando, descobrimos que o vídeo era em Guarulhos, São Paulo, do ano passado. É muita pegadinha que acontece direto. A TV tem um grupo, tem pessoas que a ânsia de tá lá publicando coisas, publicam tudo aleatoriamente. Até o que entra naquele grupo ali a gente tem que confirmar porque as pessoas saem colocando, jogando, não tem filtro. Isso aqui não é importante, isso aqui vale, não sei de onde veio. Sai jorgando lá. Até as informações que chegam lá a gente tem que confirmar.
Pergunta

Vc consegue lembrar de algum caso recente?
Não. Exatamente assim, não. Lembra, lembrar os detalhes..eu sei que teve um roubo numa rua que falaram que foi naquele dia, mas o roubo não tinha sido nessa rua. Tinha sido em outra rua, em outro bairro, outro município e era um vídeo antigo, mas tava circulando como sendo um vídeo novo. Mas, eu não lembro muito detalhe dele, entedeu?
Pergunta
Pelo que vc está me dizendo é assim, por mais que se saiba que existam as fontes oficiais, nem sempre elas conseguem confirmar a veracidade de uma imagem e dependendo do potencial que essa imagem tenha pra dar força ao jornal, ela pode sim entrar sem uma verificação?
É, não é verificado cem por cento. O G1, a Globo deu a imagem, então, vamos dar também. Não confirmou cem por cento, mas se a Globo deu, dá também pra não perder aquele time lá da notícia. A gente tem um caso agora de uma foto, que chegou um vídeo né? De um cara que seria um francês morto no chão. Durante um tiroteio com a polícia, ele teria sido morto. A polícia pegou ele, levou pro hospital, ele teria dado entrada já morto no hospital. Seria um traficante internacional francês que tava com 300 quilos de cocaína pura, a polícia apresentou na delegacia sem. Como a gente confirma? Não tem o nome do cara, não sabe se aquela imagem foi mesmo naquele dia, não sabe se aconteceu aquilo mesmo. Isso tá parado ainda. Hoje que eu consegui confirmar com uma delegacia de atendimento ao turista. A delegada me confirmou que esse caso está com a delegacia de homicídios que é quem vê as mortes, mas o delegado de lá não me atende. Eu tenho uma acusação sobre o Bope, um cara que seria frances que eu não tenho o nome, nem nada dele. No IML o corpo não está, o que está lá é como indigente. Eu não tenho como dar essa notícia. Também nem tem a notícia em si. Vou falar o quê? Um cara que seria um traficante que seria frances, internacional, que teria sido morto pelo Bope, que teria 300 quilos, que o Bope teria roubado 100 e apresentado só 200 (forte problema de conexão)...pode ser que vaze. Outro veículo de comunicação com mais fontes consiga confirmar, mas por enquanto os elementos que a gente tem não gera uma notícia. Aí, resolveram segurar a notícia desse caso porque não teve uma confirmação. Eu liguei pra polícia militar, eles passaram um relatório dizendo que fizeram uma ação naquele dia e apreenderam uma básico de cocaína, nem foi o Bope, foi um outro batalhão. A história já tá estranha. Aquele vídeo não sei se é antigo, se veio de uma fonte que eu nem conhece, entendeu? Não tem corpo no IML sendo frances. Tem um corpo lá sem identificação que pode ser de um gringo, mas ninguém confirma se é frances, se tem marca de tiro. Como a gente vai construir essa história acusando um monte de gente? Não tem como. A gente não conseguiu nem confirmar com uma fonte fidedigna que não seja fonte oficial e nem com as fontes oficiais. O vídeo apesar de aparentemente ser bom, pode ser uma bomba. A gente vai dar e vat tomar um processo, uma chamada e vai ficar feio. Aí, decidiram segurar. Nesse caso, ah a Globo deu. A gente tinha a histótia, a Globo deu confirmando a história que a gente tinha, eu acredito que o pessoal vai dar também.
Pergunta
Mas Globo não deu, é uma suposição?
É uma suposição. Ninguém deu. Ninguém deu esse vídeo.
Pergunta (Roteiro 9)
Os vídeos que chegam por eles, a gente não confia tanto porque ele não tem esse papel de verificador. Tem vários aplicativos. Tem o lei seca, tem o OTT e tem o Fogo Cruzado que é mais dizendo morte, tiroteio, tal. O OTT serve de aviso. Eles botam muito no grupo deles de Whatsapp, ah tá tendo tiroteio no Gogó da Ema, como veio agora pra mim. Ah tá tendo tiroteio no Gogó da Ema, em Belford Roxo, vou ficar ligado. Belford Roxo o bicho pega lá, o cara fecha com ônibus. Hoje de manhã já teve um tiroteio em outro bairro lá de Belford Roxo, botaram um ônibus atravessado e é uma imagem que sempre rende. Aí, eu vou ficar ligado, vou tentar confirmar. Vcs estão fazendo operação lá, na polícia? Ah, estamos, já vou ficar ligado. De repente, eu mando um cinegrafista lá pra poder tentar flagrar alguma coisa e o OTT, as vezes, publica vídeos de lá. Mas, eles

sempre falam, não sei, tem que confirmar. Eles não confirmam. Eles apenas pegam aquele vídeo. As vezes, no próprio vídeo a pessoa fala aqui no Gogó da Ema o bicho tá pegando, tá, tá, tiroteio. Já é um elemento de confirmação, entendeu? Geralmente, os vídeos que vêm dali, a gente confirma (falha conexão). Porque eles não têm esse papel de confirmação, de ligar pra polícia, etc. Eles têm vários grupos agora. OTT Caminhoneiros que é da greve, Onde Tem Tiroteio, Onde tem assalto. Pra mim, especificamente Rodrigo, eles servem mais de aviso. Tá tendo tiroteio no Gogó da Ema, a gente vai ficar ligado, pode dar merda. Recebi mais cedo um pouquinho da Praça Seca. Eles botam lá, OTT moradores relatam tiroteio na região da Praça Seca. Por coincidencia, uma pessoa que é fonte minha de confiança me mandou um vídeo que ela mesma fez da Praça Seca com o tiroteio. Opa, esse vídeo já vai render. Acionei um cinegrafista pra ir pra lá pra Praça Seca porque ela falou tá tendo tiroteio desde de manhã, vai render pq os milicianos vão invadir, tomar dos traficantes hoje. Já mandei um cinegrafista pra ir pra lá pra poder fazer as imagens. O OTT disse, me avisou, fui lá, confirmei com uma moradora que me mandou um vídeo feito por ela, foi uma confirmação. Pra mim, eles servem mais de aviso. Tá tendo um tiroteio ali, beleza, vou confirmar. É mais nesse sentido.
Pergunta
Vc já teve numa de situação de receber um vídeo desses do OTT, não conseguir confirmar com uma fonte oficial e usar?
Eu procuro outros meios pra confirmar e não uso não porque eles não falam. Eles pegam os vídeos de pessoas que mandam pra gente e publica ali. A lei seca ainda tem uma ferramenta de, recebi muitos informas de lei seca no bairro x, beleza, eles vão pela quantidade de informes. Mais de 100 pessoas mandaram, então, beleza, vou publicar que tem lei seca ali. Mandaram até uma foto (falha conexão). OTT, basicamente, a pessoa mandou um vídeo e falou que tá tendo tiroteio em tal lugar, ele vai e publica, entendeu? Não tem um trabalho de verificação e etc. O Fogo Cruzado não é bem um aplicativo, é uma página né? A gente usa muito mais porque é feito por sociólogos, estudiosos que usaram essa ferramenta na pesquisa de mestrado, doutorado deles, na pesquisa acadêmica e até como fonte eles servem. Emitem relatórios, as vezes, trimestrais, mensais. A gente fez uma matéria agora com o gancho de uma criança que foi baleada e morta. Eles emitiram um relatório onde tiveram tiroteios com confrontos em que crianças foram mortas. Aumentou muito no mes de fevereiro com relação ao mes passado. A gente usa esse dado deles que é confiável, que é todo um trabalho científico, acadêmico, foi feito uma pesquisa em cima daquilo e usa até eles fonte. Eles explicam, a gente chegou através desse número, assim, assim, assado e percebeu isso, isso, e aquilo outro. O OTT, a gente não pode usar como fonte também. O rapaz do OTT pra dar uma entrevista pra gente sobre número de tiroteio. Eles até divulgam relatórios, não sei se é mensal, trimestral de tiroteios, qual região do Rio teve mais tiroteio. A gente publica esses relatório, faz matéria sobre isso, mas eles não servem como fonte. A maioria das vezes que a gente faz matéria com base nesses relatórios deles de tiroteio, teve um último que foi o lugar x teve mais tiroteio do que não sei o que, por coincidencia foi a Praça Seca. A Praça Seca liderou no mes x o aviso de tiroteio lá. Já que tá tendo tiroteio toda semana na Praça Seca, a gente pega esse gancho e faz a matéria em cima do relatório deles. Na Praça Seca, segundo o relatório x do OTT, tantos avisos de tiroteio eles receberam no dia x, no mes tal, na Praça Seca, bateu o recorde em relação aos avisos do mes passado. Está tendo uma guerra la, não sei o que, na-na-na. Aí, chama a polícia, chama um especialista em segurança pública pra falar. Muitas vezes, a gente fala com morador pra falar do drama que tá vivendo (falha conexão). Onde tá tendo tiroteio é como se a Aline falasse Rodrigo tá tendo um tiroteio ali no Gogó da Ema, aí eu vou lá e publico. Não tem uma base científica, uma confirmação, é mais ou menos assim. Já o Fogo Cruzado, não. Tem trabalho científico em cima daquilo, tem toda uma estatística elaborada e as pessoas são estudiosos sobre aquele assunto. A gente entrevista eles, eles servem como fontes. Não só pro jornal local como pra rede. Já o OTT tem essa dificuldade por isso não dá pra confiar cem por cento

no que eles publicam, entrndeu? Servem mais como aviso. Tá tendo tiroteio ali, vamos ficar ligado.
Pergunta
O OTT serve quando voce consegue cruzar o que eles publicam com outras informações?
No caso do relatório. Eles publicam relatório do tiroteios, dados que eles têm. Esses avisos chegam pra eles como? A Aline falou OTT tá tendo tiroteio ali, ele vai e publica. Ele tem mais ou menos assim, recebi de duas pessoas que tá tendo tiroteio ali no lugar x, vou publicar que tá tendo tiroteio ali. Aí, eles fazem dados estatísticos com base nesse número. A gente usa, mas com um gancho. Não é só o OTT publicou um relatório que a Praça Seca teve mais tiroteio no mes de março. Mas, beleza, tá acontecendo tiroteio lá nesse momento? Aconteceu essa semana? Morreu alguém lá? Não, não morreu. Não teve tiroteio essa semana, então não vale pra gente. Muitas vezes, eu nem publiquei, mas esse mes passado eu publiquei uma deles. Eles mandaram vários indices de relatórios de mes de tiroteios em várias áreas do Rio divididas em bairro, município e estado. A gente publicou esse relatório com base no gancho da Praça Seca que tava tendo muito tiroteio naquela área ali. Mas, a gente tinha todo um gancho, uma base pra poder publicar, entendeu? O OTT tá se expandindo muito. Eles estão no Rio, Ceará, praticamente no Brasil todo. Agora também a prefeitura do Rio se não me engano fez acordo com eles sobre esses avisos de tiroteios para serem publicados no Centro de Operações. As vezes, não tem nem tiroteio, foram disparos, 3 tiros. Pra eles, seria um tiroteio, publica lá. Por isso que a gente deve sempre confirmar, servir como um alerta só. O Centro de Operações deve usar nesse sentido. OTT tá tendo tiroteio em tal lugar. A pessoa já fica ligada. Teve disparo de arma de fogo lá, vou evitar aquele lugar, vou desviar.
Pergunta
Se a ferramenta não é confiável, o que faz com que o telejornal use aquela imagem?
A confirmação. As vezes, a gente tá no mesmo tiroteio que o OTT publicou o vídeo, mas o vídeo dele é bem melhor do que o que o nosso cinegrafista fez lá no local. A gente usa o material do cinegrafista, mas também publica o vídeo deles, entendeu? Porque a gente tava naquele tiroteio, sabe mais ou menos daquela paisagem como é que é e aquele vídeo é verídico. A gente publica, é uma material bom. Aconteceu mes passado. O Jadson que é cinegrafista amador tava num tiroteio e a imagem que o OTT publicou era melhor do que a imagem que ele tinha. Muito mais barulho de tiro, traçante passando. A gente usou a imagem dele junto com a do OTT. Geralmente, o OTT tem selada, mas eles também pegam essas imagens de outros locais e selam. As vezes, a gente fuça bastante e consegue a imagem limpa, sem o selo deles, a preferencia é usar a imagem limpa. Mas, acontece muito de agente usar imagens deles. No mínimo, do mínimo, do mínimo, uma vez por semana tem imagem do OTT. Até a Globo tá usando também.
Pergunta
Mas, então, isso significa que sempre que o telejornal usa imagem do OTT é pq calhou de ter uma equipe no mesmo dia, naquele local?
Não, mas aí tem uma confirmação, por exemplo, entendeu? A polícia fez uma operação no morro x. OTT mandou um vídeo do morro x. A polícia confirmou aquela operação, teve apreensão, teve droga, a gente tem foto da droga, da apreensão e tudo. A gente vai usar esse vídeo do OTT, entendeu? Bandido usa muito Tweeter, nunca vi, é terra sem lei. Muitas vezes, o vídeo que tá lá publicado pelo próprio cara do tráfico, eu pego do Tweeter limpo e o OTT publica e publica selado. Eu vou e pego do Tweeter limpo. Não dou o do OTT. Teve vários vídeos já que aconteceram...Complexo do Alemão. Eu tava de plantão num sábado, teve tiroteio lá, eu peguei os vídeos que o cara fez da janela que mostram o teleférico no fundo. O mesmo vídeo tava no OTT. Eu peqguei da página do Voz da Comunidade que tava limpo e o do OTT tava sujo. Da mesma forma que chegou pro Voz, chegou pra eles. Eu peguei limpo. A gente tinha a confirmação da polícia que tava tendo operação e tinha imagem do teleférico, o fundo confirmava que era Complexo do Alemão. Sempre dá, mas dá com confirmação. Não é porque o OTT

publicou tá tendo tiroteio em tal lugar, esse vídeo é de lá. Eu vou acreditar? Não, não vou. Vou confirmar, entendeu? Eles fazem um trabalho muito bom, mas na minha opinião é mais como disparador de aviso. Mas, a gente tem que confirmar tudo. E todo os grupos que eu entro, mesmo de jornalistas. Tem muito jornalista sem noção, que sai publicando várias coisas que não confirmam. Minha tia publicou no grupo da família, eu publiquei aqui. A gente vai e confirma. Só não confirmo qd é uma fonte da polícia, da prefeitura, do governo. Chega por aquele meio, beleza. Fora isso, seja OTT ou outro grupo tem que confirmar.
Pergunta
Essa é uma postura sua como jornalista, ou é uma postura do jornalista como um todo ou até de outros colegas seus da mesma emissora?
Uma postura minha e de alguns colegas da emissora. Outros, não. Outros só replicam o conteúdo, entendeu? Tem muita gente lá que pega do OTT nem confirma, nem nada, joga no grupo. Tá no OTT é como se diz chupa cabra. Tem gente que tá em vários grupos, que eu também tô, que outras pessoas também tão. Pegam tudo dali, sem confirmar, sem nada, joga no outro grupo. Essas informações, as próprias pessoas da emissora jogam no grupo da emissora muita coisa furada sem confirmar. A gente não pode acreditar. Tem que confirmar. Esse caso do frances, por exemplo, traficante internacional foi um repórter do SBT que publicou no grupo do SBT, mas a gente não acreditou. Eu, pelo menos, não. Fui atrás confirmar e chegou lá não é bem assim a história. Não tem matéria aí por enatando. A história era até boa se fosse verdade, se tivesse como confirmar.
Pergunta (Roteiro 10)
Quem ganha vai ser o jornal né? A audiencia. O produtor em si vai ganhar uma matéria mais bem produzida, se for o caso. (Conversa interrompida por carro de som que passa na rua). Tem um fato naquele dia, a gente tá sabendo daquele fato, o vídeo do OTT é muito bom, vai enriquecer muito a matéria, beleza, a gente usa. Vai enriquecer a matéria, vai ser bom pro produtor que vai ter a matéria mais enriquecida, vai ser bom pro telejornal que vai ter o vídeo mais sensacional. Os vídeos deles são bons. São vídeos de tiroteio, com sobe som de tiro. Teve uma noite que foi fogo. Teve um tiroteio com muito traçante, aquelas balas que marcam o céu parecendo estrela cadente, parecia até que vc tava numa gerra do Iraque, mas era um morro no Compexo do 18, na Caixa Dágua, lá no Encatado. A gente usou esse vídeo pq tá tendo realmente uma guerra entre milícia e tráfico lá há muito tempo como na Praça Seca. A polícia tava nesse dia fazendo uma operação lá pra poder não deixar ter guerra e teve esse tiroteio. A imagem era daquele dia, muito traçante. A gente abriu o jornal com essas imagens. Parecia mesmo o Iraque, uma guerra que vc vê só em filme. Era um vídeo muito bom e tava selado pelo OTT. A gente deu esse vídeo. Abriu a matéria com esse vídeo, mas tinha todo um negócio por trás. (Falha de conexão) Esse vídeo foi feito por alguém que tava no miolo da favela, de dentro de uma casa. Nesse caso específico, dava até pra ver o cruzeiro, que eles têm um cruzeiro no alto de um morro lá, dava até pra ver o cruzeiro iluminado. Então, tinha a confirmação da operação, tinha o cruzeiro e a pessoa falava no vídeo cuidado pessoal, morro do 18, confronto novamente, todo dia essa coisa e tinha barulho de tiro, muito tiro, muito tiro. Foi bom. A gente abriu a matéria com esse vídeo e com as imagens da madrugada que eram fracas, dois carros de polícia entrando e saindo da comunidade e um caveirão. O principal da matéria foi esse vídeo do OTT, entendeu?
Pergunta (Roteiro 11)
O OTT, a gente tem assim um pouco mais de confiança. Ele agora tá tendo até mais cuidado (falha conexão) Muitas vezes, a galera vai e corre atrás né? A galera que eu digo é a imprensa do Rio de Janeiro. Vai correr atrás daquela confirmação e alguém publica alí, oh esse vídeo é velho, é do mes passado. Não aconteceu aqui no Rio não. Foi sim, foi tiroteio em tal lugar. Ele tá fazendo muito isso agora.
Pergunta
Eu não consegui entender porque eles têm um pouco mais de credibilidade.
Pela dimensão que a plataforma tá tomando no Brasil, eles têm um pouco mais de credibilidade. Pela dimensão, pelo compromisso que ele tá tendo. Ele antes só

disparava lá, tiroteio em tal lugar, tiroteio em tal lugar e disparava os vídeos. Agora, ele tá tendo um pouco mais de cuidado. Gente, não consegui confirmar esse vídeo, veio de uma fonte que eu não sei quem é. Ele joga lá e a gente ajuda ele a confirmar, Muitas vezes é, muitas vezes não é. Ele tá tendo um pouco mais de cuidado e a gente sente nisso um pouco mais de confiança do que numa página de Guadalupe News, Rio de Nojeira. Ele tem mais credibilidade do que essas páginas. Nunca mais falei com ele. Eu fiz uma entrevista com ele tem muitos anos, assim que começou. Ele acho que vive disso agora, tem uma equipe também. Ele vende o aplicativo, a pessoa assina o aplicativo igual lei seca e ele usa o mesmo princípio de lei seca, entendeu? A ganhando uma dimensão nível Brasil, ele tá tomando mais cuidado, por isso ele gera um pouco mais de confiança do que essas páginas. Até a postura dele. Gente, não consegui confirmar isso, vcs sabem? Veio de uma fonte que não sei quem é. Isso gera um pouco mais de credibilidade na gente.

Pergunta

Vc fala ele o tempo interiro. É uma pessoa só?

É, que eu conheça é só uma pessoa. Ele tem uma equipe que ele falou uma vez, mas a pessoa que criou o OTT, quando eu falo ele é a pessoa que criou o OTT e que tá vivendo dele a partir de hoje.

Pergunta (Roteiro 12)

(Muito ruído externo – interrompemos a entrevista por alguns minutos). Por exemplo, SBT Rio que é o jornal de meio-dia, o jornal local. A gente consegue de manhã aquela imagem do OTT. Confirmou, a imagem é boa, vamos usar. O jornal é feito num período muito curto, usa aquela imagem mesmo, não dá tempo de achar a imagem limpa. A tarde, o jornal do SBT Brasil, que é o jornal de Rede, a prioridade é não usar imagem selada, seja OTT e qualquer outra fonte, usar a imagem limpa. Eu não sei, nunca foi falado isso, mas vc perde assim...é tipo a Globo usar uma imagem selada do SBT. Fica, ah aquela emissora tá usando imagem da outra, não conseguiu fazer, acho que é um pouco disso, não tenho certeza. Enfim, a gente vai procurar aquela imagem limpa. E na maioria das vezes, a imagem que tá no OTT é a mesma que tá no Tweeter, é a que tá no Facebook em alguma página de bairro, é a que chega pra gente em algum grupo no Whatsapp limpa. Nos grupos mesmos de coleguinha, a gente pergunta alguém tem essa imagem limpa? A pessoa já conseguiu, manda pra gente. É por isso que as vezes vc vê no SBT Rio a imagem suja que a gente chama, como símbolo do OTT e no outro jornal vc vê limpa. As vezes, a gente usa até a mesma matéria, mas troca a imagem porque a ordem do editor-chefe é a imagem tem que ser limpa. A ordem de SP que é a cabeça de rede é a imagem ser limpa. A gente vai e troca. A vai e acha em outro perfil, as vezes não acha. As vezes aquela imagem foi enviada só pro OTT e a imagem que tá circulando nos grupos é a imagem do próprio OTT. Chegou pra ele e pronto. A gente não consegue, deixa aquela imagem mesmo. Até a Globo mesmo. O RJTV. O Jornal Nacional nunca vi, mas o RJTV já deu várias vezes a imagem selada OTT. As vezes, a imagem chegou pra eles, eles selaram e tá circulando aquela imagem, não tem outra limpa. Por isso vc vê as diferentes imagens no jornal, selada e não selada.

Pergunta (Roteiro 13)

Nenhum. Só com aqueles critérios de confirmação. Confirmando, nenhum dilema. A gente usa sempre, sem nem pestanejar. Igual esse material do morro do 18 que eu te falei. As vezes, o material que a equipe profissional foi fazer, era horrível. Era escuro, só a viatura passando e a virtura parada com a sirene desligada, só a luz. O vídeo do OTT era muito bom. A gente abriu com o vídeo do OTT e as imagens da equipe foi pra baixo da matéria, foi pro pé, só pra ajudar a compor. Mas, o principal era do OTT e ninguém viu problema nisso.

Pergunta (Roteiro 14)

Tem positivo e negativo né? Negativo é porque, cada vez mais, vai diminuir o número de equipes. Hoje, vc consegue fazer um jornal todo do Whatsapp. O jornal SBT Cidades que é o jornal do interior do estado do Rio de Janeiro, que circula no interior, não tem mais equipe. Acabaram as equipes deles, ficou só o apresentador que recebe as imagens do Whatsapp. É todo feito em cima...tem uma produtora que confirma o material e o

jornal é todo feito em cima de imagens do Whatsapp que chegam por meio de grupos, fontes, etc. É todo assim. Não tem um repórter, um cinegrafista. É só material de Whatsapp. É o perigo. Acabaram com a equipe porque viram que dá conta de fazer um jornal todinho em cima de imagens de Whatsapp. O futuro do jornalismo tá assim. Não vai ser mais equipes de rua, cinegrafistas. Vai ser um ou outro motoboy, motolink que fala, vai sair pra camera pra fazer um flagrante ou outro, mas a maioria vai ser vídeo de Whatsapp. Os entrevistados mandam sonora pelo Whatsapp e pronto. O futuro vai ser assim. É bom? É. Provoca um dinamismo no jornal, na notícia muito grande, mas, cada vez mais, vai diminuir o número não digo nem de produtores e apuradores, mas de repórteres, de cinagrafistas, de motoristas, tudo isso vai gerar um desemprego. O exemplo mais forte é o SBT Cidade que acabou com a equipe toda do interior. Tinham equipes em Petrópolis, Teresópolis, Rio das Ostras, Campos. Não tem ninguém mais. Tem uma produtora e um apresentador. Acabou. E tem um editor de imagem. Mas, não tem mais motorista, cinegrafista, não tem repórter, foram todo mundo demitido. Agora o jornal é feito em cima de Whatsapp e aproveitando matérias dos outros jornais, do SBT Rio, do SBT Brasil e o resto é tudo em cima de Whatsapp. Esse é o negativo. O positivo é pro telespectador. O telespectador tb perde em qualidade de imagem. Muitas vezes, o vídeo de Whatsapp não vai contar aquela história da forma como um cinegrafista profissional iria compor, mas vc ganha no imediatismo da informação e ter imagem de um local conflagrado, no miolo de um local conflagrado que nem o cinegrafista iria conseguir chegar. Mas no resto, pra mim, é muito negativo para o futuro da profissão.

Pergunta

Vc acha que o telespectador entende esse uso constante de imagens não profissionais ou isso está demonstrando que o jornalista está perdendo seu terreno de atuação?

Acho que não. Isso incentiva muito mais o telespectador a participar do jornal. Aquele cara que mandou aquele vídeo de um flagrante, de um buraco na rua e aquele buraco foi consertado, eu falei com o cara esses dias, ele se sente eu fiz parte daquilo, eu ajudei a consertar aquele buraco junto com o SBT. Aí, ele começa a mandar mais vídeos, ficar bem atuante. Vcs viram isso aqui? Foi na minha rua. A gente tem um caso desse no Camarista Meyer. O cara vive fazendo vídeo de Whatsapp (falha prolongada na conexão) a rua interira tá recebendo água ruim, vem aqui. A gente vai lá e faz. E le manda vídeo também, participa mandando flagrantes pra gente. Ele se sente como um produtor também. Ele não sabe diferenciar a imagem não-profissional do profissional e pra ele é bom porque ele se vê como parte daquilo, ele integra aquilo ali, entendeu? Pra gente que é mais analístico, perde em qualidade de imagem, a composição de uma matéria não vai ficar tão legal. Mas pro telespectador do SBT, em específico, acho que não vê tanta diferença não. Pra ele é mais nesse sentido. Ficou legal, participei, vou atuar mais. Tenho várias pessoas que me mandam flagrantes, mandam material nesse sentido. A gente pegou uma imagem deles, pediu pra eles fazerem ou eles fizeram e enviaram pra gente e aquilo deu resultado pra rua dele, pro bairro dele ou prenderam os bandidos, ele fica feliz e começa a mandar. Ele sente participante daquilo. Já num jornal mais produzido, no caso do SBT um Cabrine da vida que até saiu de lá, mas um jornal mais trabalhado, mais produzido, aí sim, ser feito só com imagem de Whatsapp fica mais pesado, não fica tão bem. (Forte falha de conexão). O meu cinegrafista nunca vai pegar uma imagem que uma pessoa que tá lá dentro da comunidade vai conseguir pergar porque eu não tenho mais motorista. Hoje em dia o próprio motorista é o cinegrafista. Ele vai chegar lá no local da operação, vai ter que parar o carro num local seguro, vai ter que ir na mala pegar o equipamento e ir pra lá. Ele não tem ajudante. Vai pegar o tripé e câmera. Ele vai demorar muito mais pra chegar no local. As imagens do Whatsapp chegam primeiro do que ele. Aí, a prioridade vai ser usar a imagem do Whatsapp e não (Forte falha de conexão). A gente usa a imagem do Whatsapp e não a dele. A imagem vai chegar, tem que mandar o motoqueiro pegar o material dele, trazer pra emissora pra colocar ali. A do Whatsapp já chegou. A gente dá preferencia pra usar do OTT, do Guadalupe News do que do cinegrafista.

Pergunta

E o papel do jornalista, fica aonde nisso?
Na produção não mudou muito. O papel do produtor está tendo um pouco mais de trabalho porque a notícia está circulando com muito mais rapidez e vc tem que ter um trabalho muito mais rápido de confirmação, de fontes e tal. Da mesma forma que eu fico sabendo, o outro fica sabendo. Aí, fica aquela velha coisa. Quem dá primeiro? O trabalho aumentou com esse mundo moderno de Whatsapp, de aplicativos tipo o OTT, Rio de Nojeira, etc. O trabalho aumento porque a gente fica sabendo mais da coisa, todo mundo fica sabendo mais imediato e aí a gente tem muito mais trabalho de confirmação, confirmar um vídeo. Tem dias que eu perco muito tempo confirmando vídeos, e no final das contas trabalhei, trabalhei pra caramba e não tenho uma pauta. Porque os vídeos não eram verdadeiros, porque os vídeos eram fracos, porque a história não era bem aquela. A gente perde muito tempo nessa confirmação e não chegou a ter nada concreto. Como jornalista, aumentou o trabalho da gente e o futuro é vídeo de Whatsapp, aplicativo e vai chamar muito pro desemprego também. Do repórter do cinegrafista como eu falei, do produtor nem tanto porque vai precisar de gente pra verificar essas coisas, a veracidade, etc.